

O ARCHEOLOGO  
PORTUGUÊS

**Obra composta e impressa na Imprensa Nacional**  
**Edição e propriedade do Museu Etnológico Português**

O ARCHEOLOGO  
PORTUGUÊS

COLEÇÃO ILUSTRADA DE MATERIAIS E NOTÍCIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETNOLÓGICO PORTUGUÊS

REDACTOR — J. LEITE DE VASCONCELOS

VOL. XXIII

PREISTÓRIA — EPIGRAFIA



NUMISMATICA — ARTE ANTIGA

*Veterum volvens monumenta rirorum*

LISBOA  
IMPRENSA NACIONAL  
BIBLIOTECA  
1918 LISBOA \*

## SUMÁRIO

- ANTIGUALHAS DA BEIRA-BAIXA: 1.  
OS PERGAMINHOS DA CÂMARA DE PONTE DE LIMA: 8.  
MOEDAS HÍBRIDAS: 26.  
ANTIQUITVS: 48.  
CASTRO DE ENTRE-OS-RIOS: 74.  
DOCUMENTOS DA ERICEIRA: 76.  
ANTIGUALHAS DE EVORAMONTE: 78.  
OS REGISTOS DE SANTOS: 81.  
PELO SUL DE PORTUGAL: 104.  
UMA FUNDAÇÃO DE D. TAREJA: 138.  
AS PEDRAS PRECIOSAS DE LISBOA (BELAS) NA HISTÓRIA: 158.  
SIGNUM SALOMONIS: 203.  
ARQUEOLOGIA TRASMONTANA: 317.  
UMA FÓRMULA MÁGICA: 321.  
O ENGENHEIRO MANUEL DA MAIA E A TORRE DO TOMBO: 323.  
COISAS VELHAS: 356.  
MISCELÂNIA: 370.  
APÊNDICE AO ARTIGO INTITULADO «PELO SUL», PUBLICADO SUPRA,  
PP. 104-138: 375.  
ADITAMENTO AO «SIGNUM SALOMONIS»: 382.
- 

Este fascículo vai ilustrado com 175 estampas.

das,—nem o assunto é da minha especialidade; todavia copiei o seguinte letreiro, que terá alguma importancia na historia da nossa ceramica: *Esta obra de azoleio e pavimento se fes (em) 1739.* Acompanhou-me na visita o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Barros Nobre, Professor do Liceu.

#### 6. Escultura do castelo de Castelo Branco

Na esquina de uma torre da muralha do castelo de Castelo Branco ha uma pedra que tem esculpido um *phallus*, a qual faz parte do cunhal. Não é raro encontrar pedras d'este genero em construções antigas. Tinham por fim, ao que parece, evitar o mau olhado<sup>4</sup>.

#### 7. Lança de bronze

Disse-me o S.<sup>or</sup> Silva Castelo-Branco, de Medelim, que no quintal da sua casa de habitação apareceram ha anos duas lanças de bronze, que foram parar ás mãos do S.<sup>or</sup> Aurelio Pinto Osorio, então residente em Lisboa.—Eram provavelmente objectos da idade do bronze, o que nada tem de estranho, tanto mais que perto de Medelim ha uma anta, que foi explorada pelo D.<sup>or</sup> Felix Alves Pereira, e cujo espolio se guarda no Museu Etnologico.

#### 8. Cabeço dos Mouros

O *Cabeço dos Môros* (Medelim) é muralhado, e conforme me disseram, «ha lá muito haver», e vê-se figurado numa fraga um *pico*, uma *ferradura*, e duas *telhas*.—Pôde ser que lá existam realmente insculturas, analogas ás de que falei nas *Religiões*, I, 350 sgs; porém não é raro que o povo, nestas cousas, fale de fantasia, ainda que por vezes referindo-se a figuras verdadeiras.

J. L. DE V.

---

### Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima

(Conclusão. Vid. *O Arch. Port.*, xxI, 1)

#### XLVIII

(29 de Novembro de 1501)

Pública forma de uma carta de sentença de El-Rei D. João II num pleito em que são autores os moradores do termo de Ponte de Lima, de fora da vila, e réus a câmara, homens bons e moradores de dentro da vila.

---

<sup>4</sup> Cf.: John, *Der böse Blick*, p. 74, e Elworthy, *The evil eye*, p. 154 sgs.

A carta de sentença foi expedida de Lisboa a 9 de Janeiro de 1490, e o presente traslado em pública forma foi passado em Ponte de Lima, em 29 de Novembro de 1501, pelo tabelião Diogo Lopes, por ordem do juiz ordinário, e a requerimento de Diogo de Ponte, Gonçalo Pinto, Pero Afonso, Álvaro Ledo, e Gonçalo Mendes, moradores na dita vila, que a queriam ter na área do concelho.

Os AA., no pleito de que se trata, queriam eximir-se de contribuir com os RR. em certas fintas e talhas últimamente lançadas pela câmara e com as quais, no entender dêles, só os RR. utilizavam. Assim, entendiam que não deviam pagar para uma demanda que os RR. traziam com a Alfândega de Viana, que, contra seu privilégio, os queria obrigar a pagar a dízima de todas as mercadorias que metiam por aquele pôrto de mar; e isto pela razão de que eles AA., que eram lavradores, nada aproveitavam de tal privilégio, bem como doutros privilégios que os RR. tinham. Achavam também que não deviam pagar para uma casa que os RR. compraram com o fim de alargar a praça ou adro da igreja da vila, nem tam pouco para reparar o relógio e os açouques, pois que tudo isto era só para utilidade dos da vila, que para si queriam todo o bem e proveito, e os AA. que pagassem para essas despesas, além de já pagarem para muitas outras. Além disso os réus, já favorecidos por vários privilégios, ainda oprimiam os autores fazendo o *relégo* dos vinhos, durante o qual os ditos AA. não podiam vender vinho nenhum, pôsto que fôsse de sua colheita, e proibindo-lhes fazerem «bouças e Roças e lauoiras pera pam e vinho e suas herdades proprias e matos e pertenças de seus auoengos e lugares e quintãas em q viuam e esto sem cõ eles Reeos premeiro aforarem e esto nō ssendo direito nem ho tēdo per fforall antigo». Emfim, os RR. despendiam aqueles dinheiros das fintas naquilo que lhes aprazia e nō no para que os lançavam, sem nunca darem contas disso aos AA., pôsto que requerido lhes fôsse, etc., etc.

Os RR. contestaram dizendo que era verdade estarem de posse de lançar fintas quando necessárias eram, para o termo da vila geralmente e para tudo que a câmara entendia ser proveito e honra da mesma vila; que os AA. deviam contribuir para a defesa do privilégio de não pagar dízima das mercadorias que entrassem pelo pôrto de Viana, pois que, vindo estas à vila, daí se espalhavam pelo termo; e que a casa que se comprou foi para alargar a praça da vila, onde os AA. vinham vender suas mercadorias, aproveitando assim com ela.

O corregedor Cristóvão Mendes julgou, por sentença confirmada

por El-rei, que os AA. pagassem em todas as fintas e talhas lançadas com licença do corregedor, nomeadamente aquelas de que pretendiam escusar-se, excepto para o relêgo dos vinhos e para o privilégio que a vila tem de não pagar portagem pelo reino; que os RR. não deviam tolher aos autores «suas bouças e Roças no seu e asy nos maninhos» visto como por El-rei era outorgado no Regimento das sesmarias; e que aquelas fintas fossem sempre lançadas de acordo com êles lavradores do termo.

Foram testemunhas presentes entre outros Gonçalo Anes Saravia (?), escudeiro, morador no *couto de Cornelhão*, e João Domingues, abade de Gontinhães.

#### XLIX

(30 de Julho de 1502)

Carta de sentença que a câmara de Ponte de Lima houve de El-rei D. Manuel contra o Duque de Bragança e de Guimarães, D. Jaime, sobrinho de El-rei, que queria levar aos de Ponte de Lima portagens e passagens na vila de Chaves e Carrazedo e seu termo.

Os de Ponte de Lima apresentaram em sua defesa uma carta de privilégio que lhes fôra dada por El-rei D. Fernando, confirmada por D. João I, D. Afonso V e D. Manuel, na qual aquele rei os isentava de pagarem portagem, passagem ou costumagem por todas as vilas e lugares do reino «e esto por mujo seruyço q̄ delles Reçebra na guerra q̄ fora amtre elle e el Rey dom amrrique de castella em ēparar e defender a dita villa de seos jmmjgos».

Foi dada em Lisboa a 30 de Julho de 1502.

De um termo lavrado nas costas do pergaminho consta que no dia 30 de Outubro do mesmo ano, na vila de Chaves, no arrabalde da ponte, diante das portas da casa de morada de Afonso Anes, estalajadeiro, estando presente João de Chaves, escudeiro da casa do duque, almoxarife e juiz dos direitos riais e reguengos na dita vila e termo e em Barroso, perante êle apareceu Fernão Anes, mercador, morador na vila de Ponte de Lima, o qual apresentou ao dito almoxarife a sentença referida e lha fez ler e publicar pelo tabelião Fernão Ribeiro, sendo testemunhas presentes Simão Pereira e João da Serra, moradores na dita vila de Chaves.

#### L

(17 de Janeiro de 1503)

Carta de sentença de El-rei D. Manuel a favor dos moradores da vila de Ponte de Lima e dos concelhos vizinhos de Geraz e Santo

Estêvão (hoje extintos) e contra o Visconde de Vila Nova da Cerveira, D. João de Lima, que lhes queria levar *passagem* das mercadorias que ali passassem.

Dada em Lisboa, em 17 de Janeiro de 1503.

## LI

(1 de Março de 1503)

D. Manuel confirma a carta de D. Afonso V, de 22 de Abril de 1478 (pergaminho n.º XXXIX), para que os moradores de Ponte de Lima não sejam de mais ninguêm senão da coroa.

Lisboa, 1 de Março de 1503.

## LII

(6 de Março de 1503)

Carta de sentença de El-rei D. Manuel, dada em Lisboa em 6 de Março de 1503, a favor dos moradores de Ponte de Lima contra os rendeiros da Alfândega de Viana, que se recusavam a entregar-lhes certas mercadorias vindas das ilhas sem que primeiro pagassem a dízima dessas mercadorias.

El-rei tinha ordenado aos oficiais da Alfândega de Viana e doutras alfândegas de Entre-Douro-e-Minho que não deixassem tirar delas nenhuma mercadoria, apesar de quaisquer privilégios, sem primeiro terem pago dízima, até ordem em contrário. Em virtude d'este mandado foram na Alfândega de Viana, de que era juiz Pero Gomes do Lago, embargadas muitas mercadorias aos moradores de Ponte de Lima, os quais se opuseram alegando o seu privilégio antigo de não pagarem dízima das mercadorias que por mar trouxessem de todas as ilhas dos Açores e da ilha da Madeira, e obtiveram sentença de El-rei que os fez restituir à posse do dito privilégio.

Apesar desta sentença, os rendeiros da Alfândega negavam-se a entregar-lhes muitos açuqueres e mercadorias que nela tinham, bem como muito trigo que lhes viera das ilhas dos Açores, alegando que o açúcar entrado desde a data do mandado de El-rei até a data da referida sentença devia pagar dízima, nem na sentença se falava nele ou se mandava expressamente que fôsse restituído, e que, quanto ao trigo, a mesma sentença não falava na ilha dos Açores mas sómente na ilha da Madeira.

A nova sentença, porém, manda restituir todas essas mercadorias, seja qual fôr a sua qualidade ou proveniência.

## LIII

(11 de Março (?) de 1504)

Na freguesia de S. Tomé de Wade, do julgado de Aboim da Nóbrega, havia como vimos no pergaminho n.º xv, uma propriedade chamada «Casal do Outeiro», a qual, em virtude do antigo contrato com a câmara de Ponte, pagava de censo ao tenceiro da ponte da vila de Ponte de Lima cada ano 200 réis, moeda corrente, de seis ceitis o rial.

Como esta propriedade estava agora retalhada por muitos herdeiros, e estes não vinham pagar o dito censo desculpando-se que eram muitos a pagar, foram citados três dos mesmos herdeiros, cujos nomes parecem serem Gonçalo Luís, Gonçalo de Noval e Afonso dos Jusões, a comparecerem perante Pero Nunes, juiz ordinário, João de Lamela, procurador do concelho, e Gonçalo Mendes de Brito, tenceiro da ponte. Reúnidos em casa do tabelião Clemente Afonso, foi resolvido ficarem aqueles três lavradores de Wade pessoeiros do dito casal pela forma seguinte: o primeiro no ano corrente de 1504, o segundo no de 1505 e o terceiro no de 1506, voltando depois ao primeiro «ataa acabar a rrollda», e assim sempre enquanto vivos, devendo os seus filhos e herdeiros nunca partirem os bens do dito casal sem virem a Ponte nomear pessoeiros, e obrigando-se a todas as demais cláusulas do contrato antigo, sob pena de 10 réis.

Tudo isto foi julgado por sentença do juiz ordinário, a qual consta do presente documento, feito em 11 de Março (?) de 1504.

## LIV

(15 de Abril de 1505)

Carta de sentença de El-rei D. Manuel em que é autor João de Oliveira, escudeiro, da cidade do Pôrto, procurador escolhido pelos povos das comarcas de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes, para na corte de El-rei requerer e procurar os feitos dos forais em nome dos ditos povos, e réu o Marquês de Vila Rial, primo de El-rei, o qual é acusado de levar e mandar levar por seus oficiais a cada pessoa, casada ou viúva, ou órfão, ou mancebo que vivia por soldada, nas ditas comarcas, os dez réis chamados *dinheiros de Ceuta*, os quais arrecadava ou mandava arrecadar sem ter título ou foral para o fazer da maneira que o fazia.

Na sentença que termina este processo bastante extenso são indicadas as pessoas que estão obrigadas e as que estão escusadas de pagar os ditos dinheiros de Ceuta.

Dada em Lisboa, em 15 de Abril de 1505.

## LV

(20 de Agosto de 1505)

Carta de sentença dada por Martim Danriade, arcediago de Riba Coa, na Sé de Lamego, pela qual é confirmado pela Santa Sé a D. Diogo de Castro, da diocese de Évora, fidalgo da casa de El-rei, o padroado de várias igrejas sitas em terras que o mesmo D. Diogo de Castro houve de El-rei D. João II e doutros padroeiros, como as terras e castelo de Lanhoso no Entre-Douro-e-Minho, os lugares de Sinde e Ázere na comarca da Beira, Resende, etc.

O documento está incompleto, faltando-lhe talvez duas folhas, nas quais deviam estar copiadas três cartas de doação, das quais as duas primeiras de El-rei D. Manuel.

Feito em Lamego, em 20 de Agosto de 1505.

## LVI

(31 de Outubro de 1505)

Documento idêntico ao antecedente, pelo qual o mesmo D. Diogo de Castro é confirmado no padroado das igrejas de S. Estêvão de Geraz e sua anexa *Santa Tréguia ou Trega* (Tecla), nas terras de Lanhoso, do qual padroado El-rei D. Manuel lhê fizera doação.

Feito em Lamego, em 31 de Outubro de 1505<sup>1</sup>.

## LVII

(12 de Março de 1512)

Carta de sentença nuns embargos que a câmara de Ponte de Lima pôs a um alvará dado por El-rei D. Manuel ao concelho de Viana.

Neste alvará, datado de 10 de Dezembro de 1509, manda El-rei, a requerimento da vila de Viana, que a câmara de Ponte de Lima contribua com a quantia de 27\$000 réis para se fazer a cadeia de Viana para os presos da correição, por quanto, quando se fez igual cadeia em Ponte de Lima, a vila de Viana contribuirá para ela com

<sup>1</sup> Este documento, bem como o antecedente e ainda o n.º XLII evidentemente não pertenciam à câmara de Ponte. Assim o mostra o assunto e a numeração que tinham, que era independente da dos outros pergaminhos.

aquela quantia. El-rei manda ao seu corregedor na comarca de Entre-Douro-e-Minho, o bacharel Pero de Aguiar, que assim o faça notificar à câmara de Ponte de Lima, para que se cumpra.

A câmara de Ponte porém disse que ia fazer sessão para deliberar sobre o caso e examinar se do livro das despesas feitas com a construção da dita cadeia constava ter a vila de Viana contribuído com aquela verba. Realizada a sessão, a câmara mandou pelo seu tabelião ao corregedor o dito livro, no qual se fazia menção que o recebedor e vedor da obra da cadeia recebera da vila de Viana a quantia de 10\$500 réis, e não mais.

Em vista disto o procurador da câmara de Viana requereu ao corregedor Pero de Aguiar que mandasse pagar esta quantia, e que o que faltava ele mostraria depois como fôra pago e como o recebera o dito vedor e oficiais da vila de Ponte. Como o procurador da vila de Ponte disse que ia pôr embargos a tal alvará, o corregedor mandou que os apresentasse, o que fez, dizendo entre outras cousas:

Que o alvará era subreptício, pois os de Viana diziam que pagaram 27\$000 réis, quando a verdade era que só pagaram 10\$500 réis;

Que a casa forte da cadeia que El-rei mandara fazer em Ponte de Lima, não foi porque a vila dela precisasse, mas sómente por necessidade das vilas e lugares da correição, por quanto «des q a dita villa fora feita e povoadas e querquadas ate oje ssempre teuera cassa de cadeia sua propria e feita aa sua custa é q os pressos da correição jaziã e estauã quando quer q aa dita uylla vinha na qual jouuerã per vezes sassenta ssatenta pressos de grandes crimes ssê nüca della fogyrê»; pelo que a dita cadeia não era necessária à vila de Ponte, antes lhe trazia muitos encargos, e para a reparar fazia cada ano 1\$500 réis de despesas e mais, sem que Viana nem os outros concelhos do almoxarifado que para ela contribuíram ajudassem a essas reparações, para as quais aliás El-rei os mandara contribuir;

Que a vila de Viana nunca em tempo algum até agora tivera casa de cadeia própria, e o meirinho da dita vila levava os presos para a sua casa «fraqua», em que vivia, pelo que e por não terem casa segura os presos lhe fugiam muitas vezes, e por isso deviam fazer cadeia à sua própria custa, como Ponte de Lima e outras vilas do reino fizeram;

Que, por a vila de Ponte ser cabeça de almoxarifado e estar no centro da comarca, todos os corregedores vão continuadamente estar nela, donde provêm a vila de Viana por via de correição e agravos, por ser perto, e nessa estada dos corregedores recebe Ponte de Lima muita opressão;

Que a vila de Ponte não tem renda própria nenhuma, e para as suas necessidades se lançam fintas e talhas em que pagam muitos pobres e viúvas que não tem que comer;

Que a vila de Viana tem por ano uma renda própria de 50\$000 réis, além da sua *imposição*, em que arrecada anualmente 50\$000 a 60\$000 réis, e que, portanto, podia e devia já há muito ter feito cadeia sua sem oprimir Ponte de Lima ou outro concelho;

Que, se El-rei mandasse restituir à vila de Viana os 10\$500 réis, seria necessário que todos os outros concelhos que contribuíram no fazimento da dita cadeia requeressem que Ponte de Lima lhes restituísse o dinheiro que para ela deram, o que seria «estroirisse a dita villa sse asy ouuesse de fazersse»;

Que El-rei mandara «correger e nobrecer» a ponte da dita vila de Ponte de Lima, no que se despenderam para cima de 400\$000 réis, para o que El-rei mandara contribuir várias vilas e concelhos do almoxarifado, entre os quais o de Viana, que por seu procurador se escusou alegando que tinham de fazer grandes despesas no rio Lima «em averem de mudar o dito rrio e fazer obra ē elle por rrespejto da entrada da barra ... no qual rrio nūca fezeram obra nenhūua nem gaasto» apesar de a vila de Viana ter bastante renda própria; e que a tal pretexto não pagaram os de Viana para a dita ponte, o que acarretou maior paga e despesa para Ponte de Lima;

Que, emfim, El-rei, quando mandara fazer a dita cadeia de Ponte, nomeara para essa obra vedor, recebedor e escrivão, sem que a vila nada nisso tivesse que entender.

Apesar, porém, de todas estas alegações, a sentença foi que os de Ponte pagassem à vila de Viana aquilo com que se achasse que esta contribuí para a construção da dita cadeia, e ainda por cima as custas.

Dada em Lisboa, em 12 de Março de 1512.

Nas costas do pergaminho está passado um «estormento de paga e conhecimento», com data de 6 de Julho de 1512, feito na vila de Ponte por João de Samiguel, notário geral e escrivão de El-rei na comarca e correição de Entre-Douro-e-Minho, do qual instrumento se vê que João do Rêgo, escudeiro, de Viana, munido de procuração bastante do concelho de Viana, viera a Ponte receber a quantia de 12\$047 réis, a qual recebeu «per vjntes e meos vjntes tostões e sete rreis ē çepcis per as quaees moedas e cada hūua disse o dito Joham do rrego q sse dava por bem pago etregue e satisfeito sem m̄goa allgūa dos juizes vereadores procurador e homēes boos da dita villa de ponte de Iljma».

Donde se vê que a causa sempre foi feita por bem menos que os 27\$000 réis que os de Viana queriam com tam poueo trabalho.

## LVIII

(30 de Dezembro de 1514)

Carta de sentença de um pleito em que é autor D. Francisco de Lima, Visconde de Vila Nova de Cerveira e alcaide-mor da vila de Ponte de Lima, e réus os juízes vereadores e procurador do concelho de Ponte de Lima.

No seu requerimento alega o A. que El-rei D. Afonso V fizera mercê a D. Leonel de Lima, seu avô, do castelo de Ponte de Lima e anexara ao dito castelo o seu reguengo e portagens e censo de casas da dita vila, e que ele Leonel de Lima houvesse tudo isso de juro e herdade, como constava da referida doação, por virtude da qual o dito Leonel de Lima em toda a sua vida estivera em posse de cobrar aquelas portagens; e que por morte de Leonel de Lima lhe sucedera seu filho D. João de Lima, que sempre recebeu aquelas rendas e portagens. Que, querendo ele A., filho mais velho e herdeiro de D. João de Lima, arrecadá-las como fizeram os seus antecessores, os RR. indevidamente lho impediam, não deixando os seus rondeiros pedi-las nem arrecadá-las.

Os RR. alegam em sua defesa que por foral antigo e privilégio especial da vila de Ponte de Lima e seu termo os moradores da dita vila eram isentos de pagar passagem ou portagem de qualquer causa que comprassem, ou vendessem, ou levassem dum a parte para outra, e que assim fôra sempre entendido e interpretado o dito foral e privilégio desde tempos imemoriais.

Como o A. não apresentasse foral, prova, ou título por que os moradores da vila lhe devessem pagar tais portagens, os RR. são absolvidos.

Dada em Lisboa, em 30 de Dezembro de 1514.

## LIX

(15 de Fevereiro de 1515)

D. Fernando de Meneses, Marquês de Vila Rial, Conde de Valença e Valadares, senhor das vilas de Alm.<sup>da</sup> e de Caminha e de Lamas de Orelhão, etc.; capitão e governador da mui famosa cidade de Ceuta, fronteiro-mor perpétuo do Reino do Algarve e das comarcas da Beira e Riba de Coa, etc.,—querendo fazer graça e mercê à vila

de Ponte de Lima e pelo muito amor e afeição que lhe tem, escusa do pagamento dos seus dez réis de Ceuta a 20 homens honrados que andarem na governança da dita vila; mais os dois juízes, três vereadores, o procurador e o escrivão da câmara, no ano que o forem, os quais, com os 20 referidos perfazem 27 pessoas, devendo os juízes apresentar todos os anos uma relação daqueles 20 que devem ser isentos à Gonçalo Barbosa, recebedor dos ditos dez réis na vila de Ponte.

Além destas 27 pessoas ainda o Marquês isenta as 13 seguintes, especialmente nomeadas por seus próprios nomes:

*Afonso Gil*, escudeiro da casa do Marquês;

*Pedro de Bairros*, criado do falecido D. João, Bispo de Ceuta e Prior de Santarém;

*Gonçalo de Bairros*, irmão do antecedente;

*Diogo Dias*, cunhado do Gonçalo Barbosa, acima nomeado;

*Gonçalo Pires*, mercador;

*João Pires*, irmão do antecedente e casado com uma irmã da mulher do dito Gonçalo Barbosa;

*Garcia Lopes de Calheiros* e *Estêvão Rodrigues*, «os doux juizes que este ano seruē que da parte da dita villa me apresentarā o preste que ora me fez a dita villa quando agora la fuy»;

*João Malheiro*, *Pero Borges* e *Pero de Amorim*, servidores do Marquês;

*Francisco Gonçalves*, mercador, servidor do Marquês;

*Lopo da Costa*, bacharel «meu servidor por ser de mjinha criaçam».

Dada em Viana, aos 15 de Fevereiro de 1515, e assinada — «O marquês».

## LX

(20 de Março de 1520)

Sentença com que El-rei D. Manuel anula ao Visconde de Vila Nova da Cerveira, D. Francisco de Lima, a carta de mercê que lhe havia dado de capitão-mor da vila de Ponte do Lima.

Esta carta de mercê fôra feita em Lisboa a 4 de Julho de 1518; a câmara de Ponte de Lima, porém, pôs embargo ao cumprimento dela dizendo que Leonel de Lima, avô do visconde, bem como seu pai D. João, e ele mesmo visconde foram sempre capitais inimigos dos moradores e naturais da vila e termo de Ponte de Lima, e isto por grandes demandas que com êles sempre trouxeram por causa da cadeia, do castelo e da alcaidaria-mor da vila, das casas que lhe derribaram na vila e nas Fontainhas, das devesas e reguengos junto

à vila, e *luitosas* que indevidamente lhes queria levar; — que por motivo desta inimizade, demandas e contendas a dita vila e o dito Leonel de Lima, e D. Álvaro e Fernão de Lima e D. Rodrigo e Duarte da Cunha, filhos do mesmo Leonel e tios dêle visconde, andaram continuamente em brigas, sendo mortos e feridos por estes alguns moradores da vila e termo, a quem perseguiam em bandos armados e acutilavam, «como de feito deceparã a hūu à gill escudeiro e Joham Roiz quitº a q̄ deram mujtas cuitiladas e aquello por Reqrerem hos priuilegios e liberdades da villa e outros q̄ matarã e ferirã e a outros mujtos da dita villa e termo a q̄ tomara as fylhas e fazenda como jmigos capitaes q̄ eram pellos jmjuriar e mall tratar»; — que por causa disto os moradores da vila e termo puseram com êles demanda e houveram de El-rei sentença para que não vivessem na vila e no termo de Ponte, e querendo-lhes o visconde levar luitosas e portagens, e intentando para isso demandas contra êles, El-rei dera sentença a favor dêles, pelo que êle ficou muito mais inimigo dêles do que dantes era.

Mais dizem ainda os juízes, oficiais e povo da vila de Ponte do Lima que o visconde o que queria era maltratá-los e vexá-los, tanto que, havendo êle de ir para Arzila, se meteu a apurar no termo da vila e a querer levar gente do mesmo termo consigo, ao que aqueles acudiram e lho não consentiram, «pello q̄ elle ficara mujto mençorio e irado contra os moradores da dita villa e termo»; — que em dia de entrudo do ano de 1516, «amdamdo a cauallo Amtº pereira e fernã barbosa fidalgos moradores na dita villa follgando o dito bizconde pello hodio q̄ a eles e a seus parëtes tynha, os quisera matar leuara de húa espada pera elles e mädara a seus criados q̄ hos matasç os quaes coRerã hapos elles pera hos matarã e ferirã hūu criado de fernã barbosa e mais o cauallo do dito fernã barbosa e os mataram se se nom acolherã A ygreja da dita villa ameçamdoos elle bizconde q̄ os avia de castigar hūu e hūu a seus paremtes cõ elles e qrendo elle poer sua ameaça em obra e vymdo hūu fr<sup>co</sup> soarez fidalguo primo comjrmão dos ditos Amtº p<sup>ra</sup> e fernã barbosa de valldvez térra do biscomde pera a dita villa na freg<sup>a</sup> de Refoios termo da dita villa na estrada pp<sup>ca</sup> saltara com elle Dom xpouã dalm<sup>da</sup> jrmão da bizeðdesa molher delle bizcõde Com dez ou doze piãees e lhe deram mujtas pancadas e lhe levarã dous myl rs. em drº q̄ trazia por lhe mais nom acharã e o decerã de húa faqua em q̄ hia e o leuarã a pee ate ho moest<sup>ro</sup> de samto antonyo da dita villa pera lhe fazerem fazer húa escriptura em q̄ disese q̄ deuia dez myl rs. ha hūu piã do dito dom xpouã sem lhos dever temdo se mandado chamar a

dioguo bernaldez tam da dita vila pera lhe fazer a dita escriptura hao quall moesteiro homde ho asy tynhā retiudo e maltratado haCudirā hos moradores da dita villa com mujtos parentes do dito fr<sup>co</sup> soarez e lho tirarā das mãos a Colhemdose ho dito dom x<sup>o</sup>uā e os q̄ Com elle hijam hao Castello da dita villa homde o dito bizecōde estaua ē despeito dos moradores da dita villa», pelo que o visconde e viscondessa ainda mais inimigos ficaram dos queixosos; — que «hymdo p<sup>o</sup> de bairros escud<sup>rō</sup> fidallguo morador em a dita villa do moesteiro de santo amt<sup>o</sup> pera a dita villa elle bizcōde pellojmjuriar e maltratar ho jmjuriara de mujtas e feas palauras chamādolhe ladram Rapaz podre de dentro e podre de fora q̄ se o tomava q̄ o ēforcaria ē hāu Carvalho com outras mujo piores palauras fazendo todo por q̄rer sogigar e maltratar os moradores da dita villa e termo»; — que, desejando ainda *sogigar e hatrebullar* mais os ditos moradores, calando estas inimizades, subrepticiamente impetrara de El-rei e obtivera a carta de capitania da dita vila, a qual se não devia cumprir, do contrário a vila se despovoaria com tal e tam grande sujeição.

Apresentaram ainda em sua defesa as suas cartas de privilégios dadas pelos reis passados para que não servissem por terra ou por mar senão com seu rei e senhor, e para que fôssem sempre realengos, e uma sentença de D. João II contra os filhos do Visconde D. Leonel de Lima, que foram proibidos de viver ou residir na vila de Ponte e nas terras de seu pai.

Em vista de todas estas razões e de El-rei não ter sido inteiramente informado quando passou a referida carta de mercê, é esta havida por nula e é mandado que ao visconde se não dê posse da dita capitania-mor.

Dada em Évora, a 20 de Março de 1520.

## LXI

(22 de Dezembro de 1521)

Emprazamento por três vidas de metade das propriedades pertencentes à ponte da vila de Ponte de Lima, sitas na freguesia de Santa Comba, do termo da mesma vila. Os emprazadores são Jerónimo Anes del Valle, sapateiro, e sua mulher Maria Anes, moradores no arrabalde da vila, os quais as arremataram em praça pública findos que foram os 20 dias dos pregões. E como não aparecesse mais quem lançasse, foi pelo pregoeiro Domingos Rodrigues entregue o ramo ao dito Jerónimo Anes, que fica pagando cada ano a pensão de 25400 réis, com obrigação de limpar todos os anos à sua custa, oito

dias antes do Corpo de Deus, as ervas e silvas que na ponte tiverem nascido.

A escritura é feita pelo escrivão da câmara, João Malheiro, estando presentes Pero de Amorim, cavaleiro e vereador, «juiz pella hordenaçam auçênciâ de Rº guaspar vaz juiz de fora na dita ujlla», Fernão Barbosa e Tomás de Abreu, escudeiros, fidalgos, e vereadores, e Jácome Gonçalves, procurador do concelho.

«E elles ditos emprazadores aueram todallas próeas e precalços e leenhas que a dita ponte vierem barar as quaes herdades elles emprazadores aueram e pesoyrã asy as Rotas como as por Romper achadas e por achar com suas emtradas e saydas nouas e antyguas e auguas e pertenças que de direito deuem auer».

A outra metade destas propriedades já estava emprazada a Afonso Pires e mulher

Testemunhas: «Pº Malheiro e Marcos diz e bertollameu diz e aluº frz e gaspar damorjm e Jeromino anes pedreiro pº alûrz castelhano e frºº nunez doutor ē fysyca e marçall Vaz (?) tª e bernaldo diz tª e jmº frz calleiro e jmº glz saralheiro e pº frz fereiro e aº myz calleiro que asynou por sy e por a dita mª anes e outras».

## LXII

(18 de Maio de 1524)

Carta de sentença de El-rei D. João III a favor da câmara de Ponte de Lima, autora, contra o escrivão dos órfãos Pero Correia, escudeiro, morador na mesma vila.

A câmara queixa-se de que, conforme lhe pertencia e estava em posse antiga, elegera o réu para o ofício de escrivão dos órfãos pelo triénio de 1520-1522, e que, findo o triénio, ele não quisera deixar o lugar para ser por ela dado a outro, como sempre fizera.

O R. contesta, dizendo: que o ofício de escrivão dos órfãos de Ponte de Lima costumava antigamente andar com os tabeliões judiciais, como andava em todo o reino, até que, havia uns 35 anos, os reis passados o fizeram de novo independente; — que desde então para cá houvera sempre na dita vila escrivães dos órfãos perpétuos feitos por El-rei, como fôra um tal Lopo «ffylgueira», que teve um ofício em sua vida, e dêle passou para um João da Barca, que o serviu durante 14 ou 15 anos, até falecer, o que sucedeu haveria 22 ou 23 anos; — que o corregedor Maracote, que então era na comarca, «teuera man<sup>ra</sup> com os officiâes da dita vylla que emlegeram por scripuam do dito ofício por tres anos huu fernam damorjm mº em a

dita vyla seu ospede e paremte des o quall tempo pera qua a dita vylla tinha usurpada a dada do dito offício» a El-rei, a quem pertencia provê-lo, como cousa realenga que era e de que estava em posse imemorial; — que, sendo rei D. Manuel, êste Senhor, informado como a dita vila se intrometia na eleição do dito oficio sem ter para isso título algum, e do pouco proveito que de tal eleição trienal advinha para o povo e para os órfãos, passara uma provisão geral a António Correia, corregedor da comarca, em que lhe mandava que, tanto na vila como nos outros lugares da correição em que houvesse escrivães dos órfãos eleitos pelas vilas por três anos, se estes fôssem pessoas idóneas, lhes desse o seu oficio vitalício e passasse disso certidão, para El-rei lhes dar sua carta; da qual provisão o réu apresentava pública forma; — e que, emfim, estando êle réu a êsse tempo já eleito pela câmara, e achando o corregedor que êle era pessoa honrada e capaz de bem servir o seu cargo, lhe passara certidão em que o havia por vitalício, em vista da qual certidão El-rei lhe mandara passar sua carta, que também apresentava, a qual fôra por El-rei confirmada, apesar dos embargos que a vila pôs a essa confirmação.

El-rei, apesar disto, reconhece na sua sentença à câmara o direito e a posse antiga de eleger por três anos o escrivão dos órfãos, e como o réu houve o oficio da mão da câmara por três anos, que já eram passados, condena o réu a que «abra māao do dito offício e o deixe solto ao Concelho Autor cujo he e a que pertemce pera delle fazer eleição segº seu estylo e custume» e pagar as custas do processo sómente, as quais montam em 35408 réis, mais 340 réis e meio de dizima.

Dada em Évora, a 8 de maio de 1524.

### LXIII

(23 de Outubro de 1540)

Carta de quitação a Frei Dom Francisco de Lima da quantia de 17500 réis, correspondente a um quarto dos 705000 réis, que vale a renda de um ano da sua comenda de Santiago de «Cousorado», no arcebispado de Braga.

É passada em Lisboa, em 23 de Outubro de 1540, por ordem de D. João III, como governador e perpétuo administrador da Ordem de Cristo, de que D. Francisco de Lima era cavaleiro.

Por bula do Papa Alexandre VI tinha sido concedido que os freires, commendadores e cavaleiros desta Ordem que pagassem os três quartos

do valor das rendas de um ano dos benefícios, comendas e tenças que dela tivessem nos primeiros dois anos do seu provimento nesses benefícios para se despenderem nas obras e fabrico do convento de Tomar, da mesma Ordem, e casas a ele anexas, pudessem dispor lícita e livremente, tanto em sua vida como por testamento, de todos os seus bens, fazendas e frutos das ditas comendas e tenças, que tivessem adquirido e lhes pertencessem; e, se morressem *ab intestato*, passassem para seus herdeiros, e só à falta destes sucedesse a Ordem.

El-rei, porém, vendo «como os caualeiros que forem prouidos das comendas nouas das jgrejas que o Samto padre leo deçimo conçedeo na conta dos vinte mil cruzados de Renda em cada huu Anno, sam obrigados pagar A meya anata a see apostolica dentro em oito meses e auer noua prouisão do santo padre e que lhe seria opresão auerem de pagar aa ordem os ditos tres quartos como erão obrigados pela sobredita bula», suplicou e obteve do Papa Paulo III que não pagassem mais que um só quarto da referida renda de um ano das ditas comendas.

Pela presente quitação D. Francisco de Lima fica livre de dispor como lhe aprouver dos seus bens e fazendas, as quais passarão para seus herdeiros se ele falecer *ab intestato*.

#### LXIV

(14 de Junho de 1634)

D. Filipe III de Portugal confirma um alvará de El-rei D. Henrique, de 16 de Junho de 1579, que contém a resposta a um capítulo apresentado por parte da vila de Ponte de Lima nas cōrtes de Lisboa do mesmo ano de 1579.

Pediam os de Ponte de Lima a El-rei D. Henrique no seu requerimento que, porquanto havia no castelo da vila uma cadeia onde era costume serem levados os presos da vila e termo, e muitas vezes os corregedores e outras justiças, para os vexarem, os mandavam à cadeia da correição, houvesse por bem determinar que êsses presos fossem para a cadeia do castelo.

El-rei manda que se faça como pedem, salvo se ao corregedor da comarca parecer não estarem os presos ali em segurança, ou se em virtude da qualidade dos delitos ou por outra justa causa deverem ser levados para a cadeia da correição.

A presente carta de confirmação deste alvará foi dada em Lisboa, em 14 de Junho de 1634.

## LXV

(16 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Manuel, de 14 de Julho de 1511, já confirmado por D. João III em 16 de Julho de 1527, no qual se mandava ao corregedor de Entre-Douro-e-Minho que não estivesse na vila de Ponte de Lima mais de três meses no ano.

Este alvará foi concedido a requerimento dos moradores da vila de Ponte, que se queixavam de que o corregedor se demorava mais que o tempo prescrito por lei, «não oulhando que a ditta villa está em estrada de sanctiaguo por onde continuadamente corre muita gente pera que he necessario aver mantimentos e camas o que por a terra ser fraca e por estar hy a correiçam á dias se não pode sofrer».

## LXVI

(20 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Sebastião, de 4 de Fevereiro de 1563, no qual, em resposta a um capítulo particular apresentado pelos procuradores da vila de Ponte de Lima nas côrtes de Lisboa de 1562, se determina que os moradores de Ponte não sejam obrigados a dar camas e pousadas de graça aos oficiais da correição, salvo se êles ali não tiverem casas suas próprias.

Este alvará tinha-se perdido; por isso foi passada dêle certidão em Évora, a 10 de Fevereiro de 1573.

## LXVII

(21 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de D. Manuel, de 10 de Julho de 1511, já confirmado por D. João III em 15 de Julho de 1527, no qual se determina que ninguém de fora da vila de Ponte possa nela vender vinho enquanto os moradores de dentro dela não tiverem vendido o de sua «colhença».

## LXVIII

(22 de Junho 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Sebastião, de 24 de Fevereiro de 1563 (?), no qual, em resposta a um capítulo apresentado nas côrtes de Lisboa de 1562, se determina que não haja na vila de Ponte (?) mais de um meirinho.

O pergaminho está mutilado, tendo sido rasgado a meio de alto a baixo; falta-lhe a metade da esquerda. Parece-me, ainda assim, haver reconstituído com exactidão o essencial da parte que falta.

## LXIX

(22 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de D. Manuel, de 14 de Julho de 1511, já confirmado por D. João III em 21 de Julho de 1527.

Perfeitamente idêntico ao do n.º LXVII, apenas com a diferença de alguns dias nas datas, e com as palavras «sua colhença» substituídas por «suas colheitas».

## LXX

(23 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Sebastião, de 24 de Fevereiro de 1563, no qual, em resposta a um capítulo apresentado em nome da vila de Ponte de Lima nas côrtes de Lisboa de 1562 (o original traz erradamente 1572), se ordena que as residências que se tomarem aos corregedores não sejam mais de quinze dias em Ponte e quinze em Viana.

## LXXI

(24 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Sebastião, de 22 de Novembro de 1567, assinado pelo Cardeal Infante D. Henrique, em que se manda que não haja mais que um *memposteiro* privilegiado em cada igreja que for cabeça de freguesia, o qual poderá ir pedir pelas ermidas da sua freguesia.

A câmara de Ponte de Lima tinha representado a El-rei dizendo que na vila e seu termo havia tantas pessoas privilegiadas, «assy memposteiros de catuos como da santissima trindade e sam gonsallo damarante que com muito trabalho se achaua ja na dita villa quem seruisse nos offícios e carregos do concelho».

## LXXII

(27 de Junho de 1634)

Confirmação da carta de D. Affonso V, de 22 de Abril de 1478, para que a vila de Ponte de Lima seja sempre realenga.

Já tinha sido confirmada por D. Manuel, em 1 de Março de 1503, e por D. João III, em 3 de Junho de 1528.

## LXXIII

(28 de Junho de 1634)

Confirmação de um alvará de El-rei D. Sebastião, de 24 de Fevereiro de 1563, no qual, em virtude de requerimento apresentado nas cōrtes de Lisboa do ano de 1562, se dá licença aos moradores da vila e termo de Ponte de Lima para que «possão pescar no Rio Lima saues e outros peixes tamanhos e maiores e lampreias nos tres mezes de março, abril, e mayo con nassas e con redes de malha da vitola que na camara da dita villa for ordenada sem emmargo da ley perque defendo a pescaria nos Ryos dagoa doce nos ditos tres meses e com as nassas se podera pescar sómente nos lugares que por os officiaes da camara da dita villa for limitado e ordenado, e porem não se podera pescar aos domingos e dias sanctos que a jgreja manda guardar assy por ser Razão guardarensse como tambem por o peixe poder correr nos ditos dias, etc.».

## LXXIV

(1 de Julho de 1634)

Confirmação de um alvará de D. Sebastião, de 24 de Fevereiro de 1563, sobre o preço e regime da carne.

A vila de Ponte de Lima enviou por seus procuradores às cōrtes de Lisboa de 1562 vários capítulos, entre os quais um em que dizia que passava muita necessidade por falta de carne, nem havia quem nela quisesse cortar pelo preço da taxa; por isso pedia a El-rei que acrescentasse um rial no dito preço, como fôra feito noutrios lugares do reino.

El-rei, mandando proceder a informações, achou que êste aumento de preço podia trazer prejuízo aos outros lugares comarcões, e por isso mandou que se conservasse a taxa legal. Porém, para que a vila possa ser melhor provida de carne, ordena ao corregedor que em cada ano vá à vila de Ponte e, em câmara com os juízes, oficiais e pessoas da governança, saiba quantos criadores há nela e no termo e o gado que cada um tem para poder vender nesse ano; depois disso faça repartição lançando a cada criador o térço do gado vacum (de dois anos para cima) e miúdo (que passar de ano) que tiver para vender nesse ano, e com êsse térço acudirá à vila, quando lhe fôr mandado pelos almotacéis, para se aí cortar pelo preço da taxa. Os outros dois terços venderá o criador a quem quiser, contanto que não seja para fora do reino. Na distribuição do térço do gado não entrarão os bois ou vacas que o criador precisar para as suas lavouras.

Seguem-se ainda algumas disposições para o caso de não haver carniceiros.

## LXXXV

(13 de Julho de 1634)

Confirmação de todas as cartas, menos a última, contidas no pergaminho n.º XLV, depois confirmadas também por D. João III, em 28 de Maio de 1528.

## APENDICE

Com o número LXXXV finda o catálogo dos pergaminhos actualmente existentes no arquivo da Câmara de Ponte de Lima de que me propus dar notícia desenvolvida.

Não ficaria, porém, completa a enumeração, se não mencionasse a existência no mesmo arquivo de ainda dois pequenos volumes em pergaminho com a cópia dos forais da *vila de Ponte de Lima*, de 1 de Junho de 1511, e da *Terra de S. Martinho e de Burral de Lima*, de 1 de Maio de 1515. O primeiro destes, em encadernação antiga, com metais, está escrito em letra alemã.

Ainda existem mais dois forais: o de Souto de Rebordões, de 8 de Abril de 1514, e o de S. Estêvão de Geraz (hoje da Faixa), de 12 de Março de 1515. Estes, porém, são em papel e a cópia que existe do último foi feita em 1777.

Todos os mencionados forais, à excepção do da vila de Ponte de Lima, pertenciam a concelhos ou terras em tempo encorporadas no concelho de Ponte e que actualmente dêle fazem parte. Daí a sua existência no arquivo da câmara pontelimense.

P.<sup>o</sup> M. J. DA CUNHA BRITO.

---

## Moedas híbridas

Constituindo as moedas híbridas um grupo interessante, e que os numismatas, em geral, classificam à parte, resolvemos publicar uma breve resenha dos exemplares desta espécie que conhecemos, ou por devermos a indicação da sua existência à prestante e observiosa amabilidade de alguns cultores deste ramo da arqueologia, ou por os possuirmos, ou por constarem de catálogos.

Para justificar a existência destas moedas, temos visto expostas as hipóteses, que em seguida apresentamos, bem como objecções que nos levam à convicção de que a sua existência se deve atribuir à hipótese mais simples, a de engano de cunhos.

O sábio numismógrafo Teixeira de Aragão diz a p. 237 do vol. I do seu livro clássico da *Numismática Portuguesa*, a propósito do cruzado de ouro de D. Afonso V e D. João II, que a sua existência não pode provir de engano de cunhos, pois que a legenda desta moeda não é conforme à dos cruzados d'este Rei que têm de um lado AIVTORIVM NOSTRVM... e do outro CRVSATVS ALFONSVS QVINTI. Ora na nossa coleção existe um cruzado de D. Afonso V em que a legenda em ambas as faces é ALFONSVS QVINTI REGIS PORTVGA, não existindo a palavra CRVSATVS.

M. Th. M. Roest na *Revue Belge de Numismatique de 1885*, no seu artigo «Monnaies portugaises qui font partie du Cabinet Numismatique de l'Université de Leyde», a propósito de um meio-rial de D. João II e D. Manuel, atribui a cunhagem desta moeda a um pretendido direito do sucessor, cunhar moeda antes da sua subida ao trono.

Schulman, o importante e conhecido comerciante de Amsterdão, a propósito de uma moeda de D. João II e D. Manuel, afirma que ela foi cunhada no intervalo de tempo decorrido de 29 de Setembro de 1495, data em que D. Manuel foi instituído herdeiro, a 25 de Outubro do mesmo ano em que morreu D. João II. Idêntica explicação apresenta a propósito de uma moeda de D. Manuel e D. João III. Não aplica porém, já, tais hipóteses à moeda de D. Sebastião e D. Filipe I, do leilão de Júdice dos Santos, pois seria realmente difícil procurar a sua explicação pela forma apresentada para as anteriores.

Diz-se também que a demora na completa execução de cunhos novos no começo dos reinados obrigaria a cunhar moedas em que se empregaria numa das faces cunho do reinado anterior. Esta razão é, porém, difícil de conciliar com a raridade destas moedas.

Finalmente outros atribuem a existência de tais moedas à hipótese mais simples: a de engano de cunhos.

Effectivamente a observação que fizemos quanto ao cruzado de D. Afonso V e D. João II, a raridade destas numismas, o caso da moeda de D. Sebastião e D. Filipe e a ausência das disposições legais num assunto tão importante, como alteração de cunhos, não darão a preferência à ultima hipótese? É a nossa opinião.

Como ensaio de classificação, para darmos certa ordem à reseña, dividiremos as moedas de que nos estamos ocupando pelos seguintes grupos:

I — Moedas que apresentam numa das faces indicação de um reinado e na outra a de outro.

II — Moedas que, tendo indicação de um só reinado, ou que, como algumas da Índia, sem legenda, mas que pela gravura se conven-

ciona classificar num determinado reinado, apresentam numa face data correspondente a outro.

III—Moedas que apresentam numa das faces cunho ou legenda que não estão em relação com a data indicada na moeda, mas que cabem dentro do mesmo reinado.

IV—Moedas que apresentam numa das faces cunho de moeda diferente, erros de legenda, etc.

A classificação que apresentamos leva-nos a compreender, no número das moedas híbridas, muitas que certamente é discutível se pertencem a este grupo ou não, incluindo-as nós nele só pela *facies*, se bem que saibamos que razões históricas justificam as anomalias que apresentam.

Estão neste caso as moedas da Índia, de D. João V e D. José I, pois que a notícia da morte de D. João V só chegou à Índia em 24 de Outubro de 1751, a do Brasil, de D. Maria I e D. João VI, pois que tendo D. Maria I falecido em 20 de Março de 1816, D. João VI só foi coroado a 6 de Fevereiro de 1818, podendo deixar de se considerar híbridas as moedas do Príncipe Regente depois de 1816, etc.

Como não temos nem a pretensão de apresentar trabalho completo, nem isento de erros, dar-nos hemos por satisfeitos se conseguirmos com este suscitar a apresentação de novos tipos e a fixação de quais as moedas que devem ser consideradas híbridas.

Términando, prestamos a homenagem do nosso reconhecimento aos Srs. Manuel Francisco Vargas, Dr. José António de Azevedo Borralho e Robert Shore, pela amabilidade com que se dignaram atender os nossos pedidos de informações, permitindo-nos levar a cabo, o nosso empreendimento.

Lisboa, 10 de Junho de 1917.

RAÚL COUVREUR.

### Moedas híbridas

#### I

D. Afonso V e D. João II

Cruzado, de ouro

1 ALFOPS:QVIPTI:REGIS:PORT:

Cruz de S. Jorge dentro de arcos lobados

IOANIS:SECVDI:REGI:PORT:

Escudo de armas do reino

(A letra N de Alfonsus tem a forma de P)

Sr. R. Shore.

**2 ALFONSVS:DEI:GRACIE:RE:**

**IOANIS:SECVDI:REGIS:PORTV:**

Análoga à anterior

Sr. Silveira Pinto (Aragão, p. 237, vol. I).

**3 ALFONS:QVINT:REGIS:PORT:**

**IOANIS:SECVDI:REGI:PORTV:**

Análogo aos anteriores

Raúl Couvreur.

Ceitil, de cobre

**4 ALFON:QVINT** (legenda exterior)

**ALFONSVS:DEI:GRACIA** (legenda interior)

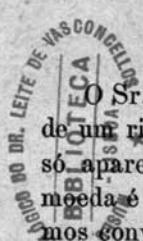
Castelo sobre o mar

+IHNS:PORTVGALIC:ET AT: (legenda exterior)

... REGIS: (legenda interior)

Escudo sobre a cruz de Avis

Júdice dos Santos.



O Sr. R. Shore pensa que esta moeda deverá ser um recunhamento de um rial de D. João I. É também a nossa opinião, pois que IHNS só aparece nas legendas das moedas de D. João I. O tipo desta moeda é único, e por curiosidade o incluímos aqui, se bem que estejamos convencidos de que não é híbrido, e muito menos de D. Afonso V e D. João II.

**D. João II e D. Manuel I**

Meio rial, de prata

**5 IOHAES:II:R:P:ET:A:D:**

Cruz de Avis

**EMANVEL:P:R:P:ET:D:G:**

Quinas

Sr. Vargas.

**6 IOHAES:II:R:P:ET:A:**

Quinas

**EMANVEL:P:R:P:ET:AD:**

Cruz de Avis

Sr. R. Shore.

**7 IOHAES:I:I:R:P:ET:A:**

Quinas

**EMANVEL:P:R:P:ET:A:**

Cruz de Avis

Cabinet de Leyde.

8 IOHANES:II:R:P:ET:A:

EMANVEL:P:R:P:ET:A:

Análogo a (6)

Sr. Luís Keil.

9 IOHANES:II:R:P:ET:A:

EMANVEL:P:R:P:E:D:G:

Análogo a (6)

J. Meili.

10 IOANES:II:R:P ...

EMANVEL:P:R:P:ET:V:D:

Análogo a (5)

Sr. Araújo Ramos.

Cinquinho

11 IOHANES:II:R:P:ET:

Quinas

....NVEL:P:R:P:ET:

M coroado

Sr. Dr. Mira, Aragão.

D. Manuel I e D. João III

Meio tostão, de prata

12 :EMANVEL:R:P:ET:A:D:GNE:

Quinas

:IOHANES:3:R:P:ET:A:D:G:

Cruz de S. Jorge

Sr. Dr. Mira, Aragão.

13 I:EMANVEL:R:P:ET:A:D:GNE:

Quinas

IOHANES:3:R:P:ET:A:D:G

Cruz de S. Jorge com uma arruela em cada ângulo.

Sr. Luís Ferreira do Carmo.

Rial, de prata

14 I:EMANVEL:R:P:ET:A

No campo ° M°

IOHANES:3:REX:P:E:A:

Escudo do reino cantonado de o-o

Sr. Dr. Borralho.

15 I:EMANVEL:R:P:ET:A:DG:

IOHANES:3:R:P:EA:DG:

Análogo ao anterior

Sr. R. Shore.

16 EMANVEL:R:P:ET:A:

No campo o M

IOHANES:3:R:P:ET:

Escudo do reino cantonado de o-o

Araújo Ramos.

17 EMANVEL:P:R:P:ET:A:D:G:

Escudo do reino

IOHANES:3:R:P:ET:A:D:G.

No campo o Y L

Raúl Couvreur.

18 EMANVEL:R:P:ET:A:D:G:

Eseudo do reino entre o-o

IOHANES:3:R:P:ET:A:D:GE:

No campo o Y Z

J. Meili.

19 Outro exemplar

F. do Carmo.

Ceitil, de cobre

20 EMANEL R.P.

Tôrres encimadas por 3 anéis

(IOHA)NES.3..

Escudo de quinas o 

Sr. R. Shore.

21 MANVEL.R.

Tôrres sem anéis

...IOHAN...

Análogo ao anterior

Sr. R. Shore.

22 ...ANVEL.A.D.G.

...NES:3.R.P....D

Raúl Couvreur.

**D. Sebastião e D. Filipe I**

Vintém, de prata

**23 SEBASTIANVS I REX**

Escudo do reino

**ALGARABIORVM. REX**

No campo      ::F::  
                  ·X·X·

Sr. R. Shore.

**24 Análogo, tendo no campo**      ::F::  
                  ·X·X·

Júdice dos Santos.

**25 SEBASTIANVS:I:REX:**

Escudo do reino

**ALGARABIORVM. REX.**

No campo      ::F::  
                  ·X·X·

J. Meili.

**26 Análogo, tendo no campo**      ::F::  
                  ·X·X·

F. do Carmo, Raúl Couvreur.

Temos notícia de mais dois exemplares com as legendas do n.º 25, mas desconhecemos a gravura do campo em que estes exemplares especialmente diferem, que constam dos catálogos da Emprêsa Liquidadora, de Janeiro de 1902, e do leilão da colecção de Ernest Shmitz.

**D. João IV e D. Afonso VI**

Vintém, de prata

**28 IOANES.III.D.G.R.**

No campo      ·I·  
                  ·X·X·

**ALPHONSVS.VI.D.**

Escudo do reino

Sr. Vargas.

**29 IOANNES.III.DG.**

No campo      ·I·  
                  ·X·X·

**ALPHONSVS.VI.DG.**

Escudo do reino

Sr. Dr. Borralho.

30 Análogo, mas com a coroa das armas muito estreita.

Sr. Dr. Borralho.

31 IOANNES. III. D. G. R.

No campo            I.  
                      XX

ALPHONSVS. VI. D. G.

Escudo do reino

Srs. Vargas, Shore.

32 IOANNES. III. D. G. R.

No campo            I.  
                      XX

ALPHONSVS. VI. D. G.

Escudo do reino

Araújo Ramos.

33 IOANNES. III. D. G. R.

No campo            I.  
                      XX

ALPHONSVS. D. G. R.

Aragão, J. Meili.

D. Maria I e D. João VI

Cinco réis, de cobre

34 MARIA:DEI.GRATIA

Armas do reino

PORVGALLÆ. ET. ALGARBIORVM. P. REGENS. 1812

Indicação do valor dentro de coroa de folhagem

Srs. Vargas, Borralho, Couvreur, Araújo Ramos, Meili, Freitas da Silva, Cire de Carvalho, leilão de Schulman, de Abril de 1912, leilão da E. Liquidadora de Janeiro de 1902 e Janeiro de 1903.

35 JOANNES. DEI. GRATIA

Armas do reino

PORVGALLÆ ET. ALGARBIORVM. REGINA. 1799

Indicação do valor dentro de coroa de folhagem

Srs. Vargas, Borralho, Couvreur, A. Ranes, Meili, F. da Silva, C. de Carvalho.

## II

## Continente

D. João V e D. José I

Mil réis, de ouro

36 IOSEPHVS.D.G.P.ET.ALG.REX

Escudo do reino

IN.HOC.SIGNO.VINCES-1749-

Cruz de Cristo.

Óscar Salbach.

Dez réis, de cobre

37 IOSEPHVS.DEI.GRATIA

Escudo do reino

PORTVGALLÆ ET ALGARBIORVM.REX

No campo X  
1749Srs. Shore, Couvreur, H<sup>r</sup>e du Travail, leilão da E. Liquidadora de Janeiro de 1903.

38 IOANNES.DEI.GRATIA

Escudo do reino

PORTVGALLÆ ET ALGARBIORVM.REX

No campo X  
1751Srs. Shore, Couvreur, H<sup>r</sup>e du Travail.

39 D.G.PORT.ET.ALG.REX

No campo ♂ J ♂ V ♂ coroado (tipo Aragão 54)

UTILITATI.PUBLICÆ-1771

No campo X

Raúl Couvreur.

É curiosa esta moeda por ser de um tipo que se não reproduziu em D. José.

**Brasil****D. João V e D. José I****Mil réis, de ouro****40 IOSEPHVS. I. D. G. REX****Armas do reino****ET. BRAS. D. ANNO. 1749****Cruz de S. Jorge.****J. Meili.****D. José I e D. Maria I e D. Pedro III****Quatro mil réis, de ouro****41 JOSEPHVS. D. G. PORTVG. REX****Armas do reino****ET. BRASILLÆ. DOMINVS. ANNO. 1786****Cruz de S. Jorge.****Sr. Dr. Borralho.****Índia****D. João V e D. José I****Rupia, de prata****42 IOANN-ES VRP****Sob o busto 1751****Escudo do reino****J. Meili, Campos.****43 Análogo de 1752**

Grogan. Na «Numismática Indo-Portuguesa», de M. J. de Campos, indica-se outro exemplar de um catálogo de Schulman.

**Pardau, de prata****44 IOANNES. VRP****Sob o busto 1751****Escudo do reino****Grogan.****Tanga, de prata****45 Sem legenda, mas com a data 1751.****Grogan, Campos, F. da Silva.**

**Meia tanga, de prata**

46 Sem legenda, com a data 1751

Grogan, Campos, Meili, F. da Silva, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

**D. José I e D. Maria I e D. Pedro III****S. Tomé de 12 xerafins, de ouro**

47 Armas do tempo de D. José

Cruz cantonada de  $\frac{2}{17} | \frac{x}{82}$ 

Campos.

**Rupia, de prata**

48 1778. Busto e armas de D. José I

Srs. Vargas, Ramos, Meili, Campos, Grogan.

49 1780 Análoga

Grogan.

50 1781 Análoga

Sr. Dr. Borralho, Grogan, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

51 1789 Análoga

Sr. Dr. Borralho.

**Pardau, de prata**

52 1778 Análogo às anteriores

A. Ramos, Meili, Campos, Grogan.

53 1779 Análogo

Grogan.

54 1780 Análogo

Grogan.

**Meio pardau, de prata**

55 1780 Análogo às anteriores

Grogan.

**D. Maria I e D. João, Príncipe Regente****Rupia, de prata**

56 1800 Busto e armas de D. Maria I

C. Carvalho, Grogan, Ramos, Campos, Sousa Braga, Cat. de Schulman de 1911

57 1801 Análoga

A. Ramos, Meili, Campos, Grogan, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

58 1802 Análoga

Grogan, Meili, F. da Silva, Campos, C. Carvalho.

59 1803 Análoga

Grogan, Meili, F. da Silva, Campos, Sousa Braga.

60 1804 Análoga

Grogan, A. Ramos, Meili, Campos, C. Carvalho, Sousa Braga.

61 1805 Análoga

Grogan, F. da Silva, A. Ramos, Meili, Campos, C. Carvalho, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

62 1806 Análoga

Grogan, A. Ramos, Meili, Campos, C. Carvalho, E. Liquidadora (Janeiro de 1902), Cat. de Schulman (Janeiro de 1911).

63 1807 Busto de D. Maria I e escudo oval.

Grogan, C. Carvalho.

64 1810 Busto e armas de D. Maria I

Dr. Borralho.

65 1811 Análoga

J. Santos, C. Carvalho.

**Pardau, de prata**

66 1800 Busto e armas de D. Maria I

Grogan, Meili, Campos.

67 1801 Análogo

Grogan, Campos.

68 1802 Análogo

Grogan, Meili, F. da Silva, Campos, C. de Carvalho, Sousa Braga.

69 1803 Análogo

Grogan, Meili, F. da Silva, Campos, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

70 1804 Análogo

Grogan, A. Ramos, Meili, Campos.

71 1805 Análogo

Grogan, Campos, C. de Carvalho.

## 72 1806 Análogo

Grogan, F. da Silva, Campos, E. Liquidadora (Janeiro de 1902).

## 73 1811 Análogo

J. Santos.

## 74 1813 Análogo

C. Carvalho.

## 75 1815 Análogo

C. Carvalho.

450 réis, de prata

## 76 1800 Busto e armas de D. Maria I

Campos.

## 77 1801 Análogo

Campos.

## 78 1802 Análogo

Campos, Grogan, A. Ramos, Meili.

## 79 1803 Análogo

Campos, Grogan, C. Carvalho.

## 80 1804 Análogo

Grogan, Meili.

## 81 1806 Análogo

Grogan, A. Ramos, Meili, Campos.

## 82 1807 Análogo

Meili.

60 réis, de prata

## 83 1802 Busto e armas de D. Maria I

Grogan, Meili, Campos.

## 84 1803 Análogo

Grogan, A. Ramos, Meili.

## África

D. José I e D. Maria I e D. Pedro III

Uma macuta, de cobre

## 85 MARIA. I. ET .PETRVS. III. D. G. REGENS. P. ET .D. GVINEÆ

Escudo coroado

AFRICA . PORTVGVEZA ☈ 1770 ☈

No campo ☈ MACV ☈ TA ☈ I ☈

A. Ramos, Grogan, C. Carvalho.

## III

## Continente

D. Pedro, Príncipe Regente

Tostão, de prata

86 ♂ PETRVS D.G.P.PORTVG ♂

Escudo com coroa rial

Cruz de Cristo cantonada de florões

J. Meili.

Meio tostão, de prata

87 PETRVS.D.G.P.PORTVG

Escudo com coroa rial

IN.HOC.SIGNO.VINCES

Cruz de Cristo cantonada de pontos, e dentro de um círculo de grénetis.

J. Meili.

88 PETRVS.D.G.P.PORTVGALI

Escudo com coroa rial

IN.HOC.SIGNO.VINCES

Cruz de Cristo cantonada de florões

J. Meili.

Dez réis, de cobre

89 PETRVS.D.G.P.PORTVGALLÆ

Escudo com coroa rial

1682 ANNO REGENS DESSIMO QVINTO

Indicação do valor x dentro de ornatos

90 PETRVS.D.G.P.PORTVGALLÆ

Escudo com coroa rial

1683 ANNO. SEXTO DECIMO. REGIM. SVI

Indicação do valor x dentro de ornatos

Vulgares.

Cinco réis, de cobre

91 Legenda e gravura como em 89, excepto a indicação do valor

92 Análogo a 90, excepto na indicação do valor

Vulgares.

**Três réis, de cobre**

93 Legenda como 89. Coroa rial sobre p  
dentro de um escudete

Indicação de valor III dentro de ornatos

94 Legenda e gravura como 90, excepto a indicação do valor

**Rial e meio, de cobre**

95 Legenda e gravura como 89. Indicação de valor  
dentro de ornatos

**D. Pedro II****Cruzado, de prata**

96 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGALLÆ

Escudo com coroa de príncipe: tem «400» à esquerda, e a data  
de 1683 à direita

IN. HOC. SIGNO. VINCES.

Cruz de Cristo

Araújo Ramos, etc.

**Meio cruzado, de prata**

97 PETRVS. II. D. G. PORTVG. ET. AL. REX

Escudo com coroa de príncipe; tem à esquerda 200 e à direita  
a data de 1686

IN. HOC. SIGNO. VINCES

Cruz de Cristo

J. Santos.

98 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGALLÆ

Escudo com coroa de príncipe à esquerda 200 e à direita 1684

IN. HOC. SIGNO. VINCES.

Cruz de Cristo

Araújo Ramos, etc.

**Tostão, de prata**

99 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGALLÆ

Escudo com coroa de príncipe aos lados de florões

IN. HOC. SIGNO. VINCES.

Cruz de Cristo

J. Santos, A. Ramos.

**Meio tostão, de prata**

100 Legenda e gravura como 99, mas com coroa de pérolas

J. Santos.

**101 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGAL**

Escudo com coroa de príncipe, como o n.º 99

S. Braga, F. da Silva, A. Ramos.

**Quatro vintêns, de prata****102 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGA**

No campo LXXX sob a coroa de príncipe

IN. HOC. SIGNO. VINCES.

Cruz de Cristo

A. Ramos.

**103 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVGAL**

No resto, análoga à anterior

A. Ramos.

**104 PETRVS. II. D. G. REX. POTVGALLÆ**

No resto, análoga às anteriores

F. da Silva.

**Dois vintêns, de prata****105 PETRVS. II. D. G. REX. PORTVG**

No campo XXXX sob a coroa de príncipe

IN. HOC. SIGNO. VINCES

Cruz de Cristo

J. Santos, A. Ramos.

**D. João, Príncipe Regente****Peça, de ouro****106 JOANNES. D. G. P. REGENS**

Busto sobre a data 1817

Armas do reino

Sousa Braga, Couvreur.

**D. João VI**

**Pataco, de bronze**

107 JOANNES.VI.D.G.PORT.BR.ET.ALG.REX.

Sob o busto 1823

**UTILITATI PUBLICÆ**

**Escudo oval**

Srs. Vargas, Keil, A. Ramos, Meili, F. da Silva, C. Carvalho, Couvreur.

**Brasil**

**D. João VI**

**Quatro mil réis, de ouro**

108 JOANNES.D.G.PORT.ET.ALG.P.REGENS

Armas do reino, tendo à esquerda 4000 e à direita 3 florões

ET.BRASILLÆ.DOMINVS—1817—R.

**Cruz de S. Jorge**

A. Ramos. Meili, Couvreur.

109 Análogo, mas sem letra monetária

Sousa Braga.

110 Análogo de 1818

Sousa Braga.

**Três patacas, de prata**

111 JOANNES.D.G.PORT.P.REGENS.E.BRAS.D.

Armas do reino com «960» à esquerda e 1817 à direita

SVBQ.SIGN.NATA.STAB.

**Cruz de Cristo sob a esfera**

J. Santos, F. da Silva, Sousa Braga, Meili.

112 Análogo de 1818

A. Ramos, F. da Silva, S. Braga, Meili.

**Duas patacas, de prata**

113 Legendas análogas às da anterior, com a indicação do valor  
de 320 e a data de 1817

J. Santos, A. Ramos, Meili, Couvreur.

**Oitenta réis, de cobre**

114 JOANNES.D.G.PORT.ET.BRAS.P.REGENS.

No campo LXXX sob a coroa, por baixo a data de 1818

PECVNIA.TOTVM.CIRCVMIT.ORBEM

Esfera armilar com a letra monetária R.

C. Carvalho, J. Santos, F. da Silva, Couvreur, Meili.

115 Análogo com a letra monetária B (?)

J. Meili.

**Quarenta réis, de cobre**

116 JOANNES D.G.PORT.ET.BRAS.P.REGENS

No campo XL coroado, por baixo 1817

PECVNIA.TOTVM.CIRCVMIT.ORBEM

Esfera armilar com a letra monetária R.

C. Carvalho, J. Santos, Meili.

117 Análogo de 1818

F. da Silva, S. Braga, J. Meili.

JOANNES.D.G.P.E.BRAS.P.REGENS

No campo XL coroado, por baixo 1818

PECVNIA.TOTVM.CIRCVMIT.ORBEM.

Esfera armilar com a letra monetária B.

J. Meili.

**Vinte réis, de cobre**

118 JOANNES.D.G.PORT.ET.BRAS.P.REGENS

No campo xx coroado, por baixo 1817

PECVNIA.TOTVM.CIRCVMIT.ORBEM

Esfera armilar com a letra monetária R.

J. Meili, E. Liquidadora (Janeiro de 1903).

119 Análogo de 1818

J. Meili, F. da Silva, S. Braga.

119-A Análogo de 1819

J. Meili.

**Dez réis, de cobre**

**120 JOANNES.D.G.T BRAS.D.**

No campo X coroado, por baixo 1818

PECVNIA. TOTVM. CIRCVMIT. ORBEM.

Esfera armilar com a letra monetária R.

A. Ramos.

**Índia**

**D. João V**

**20 bazarucos, de calaim**

**121 2 palmas cruzadas e no interior IV coroado, por baixo 1729**  
**3 flechas (como nas moedas de D. Sebastião) por baixo 20**

J. Meili.

**D. Maria I e D. Pedro III**

**Pardau, de prata**

**122 Bustos conjugados, data 1782**

**Escudo quadrado (devia ser L. XV.)**

Grogan.

**D. Maria I**

**Meio pardau, de prata**

**123 Busto de D. Maria, que tem à frente 150. Atrás do busto, GOA e sob élle 1782. (Tipo das legendas das moedas de D. Maria I e D. Pedro III).**

Grogan.

**D. João, Príncipe Regente**

**S. Tomé, de 12 xerafins, de ouro**

**124 Cruz cantonada de  $\frac{12}{18} | x$**

**Escudo L. xv. (de 1807 em diante devia ser escudo oval)**

E. Liquidadora (Agosto de 1904).

**Rupia, de prata**

**125 1807**

**Escudo L. xv.**

C. Carvalho, Meili, Grogan, E. Liquidadora (Agosto de 1904).

**Pardau, de prata**

**126 1808**

**Escudo L. xv.**

Grogan.

**D. João VI**

**Rupia, de prata**

127 1821

**Escudo oval**

Dr. Borralho.

128 1826

Armas do Reino Unido. (O reconhecimento da Independência do Brasil foi em 1825).

**D. Pedro IV**

Grogan.

**Rupia, de prata**

129 1827

**Armas do Reino Unido**

Grogan, Campos.

130 1828

**Armas do reino Unido**

Grogan, Campos, S. Braga.

**Pardau, de prata**

131 1827

**Armas do Reino Unido**

Campos.

**D. Miguel**

**Rupia, de prata**

132 1829

**Armas do Reino Unido**

Grogan, Meili.

133 1830

**Armas do Reino Unido**

Grogan, Meili, Campos, S. Braga.

134 1831

**Armas do Reino Unido**

Grogan, Campos, S. Braga.

135 1833

**Armas do Reino Unido**

Grogan, F. da Silva, Campos, A. Ramos.

**Pardau, de prata**

136 1831

**Armas do Reino Unido**

A. Ramos, Campos, Grogan, F. da Silva, Sousa Braga.

137 1833

Armas do Reino Unido

Campos, A. Ramos.

Meio xerafim, de prata

138 1831

Armas do Reino Unido

Campos, Grogan, Meili, A. Ramos, S. Braga.

## IV

## Continente

D. João IV

Cruzado, de prata

139 IOANNES IIII.D.G.REX.PORTVGALLIE

Escudo do reino cantonado de 400 e :

IN.HOC.SIGNO.VINCES.

Cruz de Cristo cantonada de pontos

Raúl Couvreur.

Meio tostão, de prata

140 IN.HOC.SIGNO.VINCES

Escudetes das quinas e 4 arruelas.

IN.HOC.SIGNO.VINCES

Cruz de Cristo cantonada de pp.

Aragão.

Cinco réis, de cobre

141 IOANNES.III.D.G

Escudo do reino cantonado de pontos e do valor 400

REX XVIII

No campo .v.

Sr. Lamas.

D. João V

Peça, de ouro

142 IOANNES.V.D.G.PORT.ET.ALG.REX.

Busto do rei sobre a data 1722

IN.HOC.SIGNO.VINCES

Escudo do reino

Aragão, Raúl Couvreur.

- Meia peça, de ouro
- 143 Análoga à anterior  
Aragão, Dr. Borrhalho.
- Quarto de peça, de ouro
- 144 Análoga à anterior  
Vulgares.
- Oitavo de peça, de ouro
- 145 Análoga à anterior  
Vulgares.
- Brasil**
- D. Maria I
- Quatro mil réis, de ouro
- 146 MARIA. I. D. G. PORTVG. REGINA  
Escudo do reino: tem à esquerda 4000 e à direita 3 florões  
ET. BRASILLE DOMINI. ANNO ♂ 1792 ♂  
Cruz de S. Jorge  
Sr. Vargas.
- 147 Análogo, mas tem no reverso, ET BRASILIE. DOMINI  
ANNO ♂ 1790 ♂  
F. da Silva.  
Dois mil réis, de ouro
- 148 Análogo na legenda a 146  
Raúl Couvreur.  
Duas patacas, de prata
- 149 MARIA. I. D. G. PORT. REGINA. ET. BRAS. D  
Armas do reino com a data 1696, à direita 3 florões, à esquerda 640  
SVBQ. SIGN. NATA. STAB.  
Esfera sobre a cruz de Cristo  
Sr. Dr. Borrhalho.
- D. João, Príncipe Regente
- Quatro mil réis, de ouro
- 150 JOANNES. D. G. PORT. ET. ALG. P. REGENS.  
Armas do reino, estando à esquerda 4000 e à direita 3 florões.  
ET. BRASILLE. DOMINA. ANNO ♂ 1800 ♂  
Cruz de S. Jorge  
A. Ramos, Meili.

**Antiqvitv**(Continuação d-*O Arch. Port.*, xxii, 97)**XV****Um pórtico mediévio próximo do Campo Grande**

Imaginava eu que estes apontamentos, cujo título só por si mantém ao largo algumas centenas de leitores, mais solícitos do presente do que curiosos do passado, interessavam ainda assim quase exclusivamente aos leitores do sexo masculino. Redondo engano! É que há muito devia ter-me acudido á mente que, sendo todas as sciências do género feminino, a arqueologia não podia constituir desaireosa excepção para esse cortejo de personificações mitológicas, a cujo trono presidiria Clio, aquela das nove irmãs que, do alto Olimpo, são as deidades protectoras e inspiradoras do canto e da poesia, o que me importa menos agora, mas em geral de todas as criações do espírito humano, entre as quais a História antiga avulta. Por isso não seria para estranhar que o «Antiqvitv» tivesse leitoras como tem e tanto intelectualmente interessadas, que até não hesitam em denunciar antiguidades a um dos que proclamam o seu culto neste benemerente «Diario de Noticias».

\*

Confesso que não conhecia, e muito menos esperava encontrar, a dois passos de Lisboa, uma autêntica ruína de arquitectura medieval. E contudo ela existe e daqui recomendo a sua conservação ao respetivo proprietário, que desconheço, mas em cujo limiar talvez esta minha nota se intrometa inesperadamente, na distribuição quotidiana do jornal.

A pouca distância do lugar de «Calvanas», para S., existe um casal chamado dos «Frenesins» (*sic*), donde ainda em Maio foi arrancado um painel setecentístico da Senhora do Rosário; lá está na argamassa nua da parede o vestígio da operação. Perdeu a estética do casal aquela deliciosa mancha azul sobre a alvura tisnada da sua cal, mas talvez a conservação dessa pequena obra de arte ficasse mais assegurada dos vândalos anónimos, que destruiram à pedrada outro painel policrómico, ornamento do pilar de uma nora ali abandonada.

Defronte desse casal, do lado oposto do caminho, vêem-se as ruínas de uma construção, em cujo interior um hortojo esconde a sua

magra vegetação. Expressivamente chamam ao conjunto dessas ruínas os «Casarões». São paredes velhas de uma ampla habitação rural, de que ruíram, não há muitas dezenas de anos talvez, os telhados e os pavimentos.

Mas procuremos a parede voltada ao S. Perfura-a ainda uma abertura ogival com todo o ar de porta castelática, anterior ao séc. XIV ou coeva d'este período. O terreno subiu com entulhos e transportes de terra, de maneira que o limiar primitivo está soterrado. As linhas superiores e laterais do pórtico são porém as originárias.

A sua estrutura era de pedras de cantaria aparelhada, provenientes de um calcáreo profusamente conchífero, que, em séculos posteriores, não seria aproveitado mais do que para alvenaria. Material



grosseiríssimo, extraído da rocha local, de que se encontram por ali vários afloramentos.

Em pedras desta natureza seria impossível descobrir as siglas de canteiro, tam usuais em construções da época referida. Imaginem o que resulta da rudeza da pedra e da acção dos séculos! Só vendo.

A ogiva do pórtico é constituída, de cada lado, por duas longas aduelas, cuja aresta anterior é cortada por largo chanfro, que se prolonga pelas ombreiras abaixo. O vivo da entrada, olhado de frente, é pois um arco ogival sem impostas; mede de altura 2<sup>m</sup>,49 e de largo 2 metros. Transpunhamo-lo e vejamos a sua estrutura interior. A meia espessura da parede, um arco abatido ou de sarapanel emoldura superiormente a ogiva, e é sustentado por ombreiras reentrantes. Esta disposição, que era aliás comum nas construções desta espécie, tinha por fim estabelecer batentes para as portadas de madeira, que jogavam nos quícios do arco abatido e da soleira ou limiar.

No estado actual, uma vedação de caniço impede a passagem para o interior das ruínas através daquela porta, junto da qual, há mais de seis séculos, se apeariam indómitos cavaleiros de barbuda reluzente.

\*

E eis aqui um tentador problema para as locubrações dos amantes da Antiguidade Olisiponense: ¿será possível encontrar a atribuição verídica desta ruína, menos rara em Portugal do que inesperada nos subúrbios de Lisboa?

Acompanho esta nota dos esboços, que na carteira tracei, à vista da velha portada de Calvanas, quer pela sua face exterior, quer pela interior.

À esclarecida e patriótica denunciadora destas ruínas, a qual exige o seu incógnito, vai o reconhecimento e respeito de F. A. P.

## XVI

### Ruínas romanas perto de Cascais

Ajustando-me aos moldes impostos pela crise do papel, vou dar conhecimento de umas ruínas, caracterizadamente da época lusitano-romana, encontradas pelo autor destas notas no *Alto de Alvide*, logarejo situado a 2 quilómetros ao N. de Cascais. Constam de três recipientes rectangulares de dimensões diversas; seria desculpável apresentar a planta respectiva, mas não o faço. O aspecto sumário das construções é o de três tanques de alvenaria forrados interiormente, dois deles, da argamassa chamada em tecnologia romana *opus signinum*, e constituída por cal, areia e fragmentos de tejolo. O 1.<sup>º</sup>, isto é, o maior tem internamente o comprimento de 6 metros; a largura de 3 metros e a profundidade máxima actual de 1<sup>m</sup>.10. O 2.<sup>º</sup> tem de lado 1<sup>m</sup>.50 por 1<sup>m</sup>.50 e de profundidade, que devê ser aproximadamente a primitiva, 0<sup>m</sup>.72; o 3.<sup>º</sup> mede apenas 0<sup>m</sup>.45 por 0<sup>m</sup>.45 e de altura interna actual 0<sup>m</sup>.40. A 2.<sup>a</sup> piscina achava-se também forrada de cantaria de grés, com a espessura de 0<sup>m</sup>.14 e 0<sup>m</sup>.17, justaposta ao reboco de *opus signinum*. O pavimento desta é a rocha natural, nivelada a picão. Toda a alvenaria é feita com o calcáreo local. Os dois primeiros recipientes parecem ter exercido funções conjugadas, não só porque a distância que os separa é diminuta (1<sup>m</sup>.70), mas porque as suas linhas são reciprocamente ortogonais. O último dista do anterior 8<sup>m</sup>.70 e parece ter tido serventia independente dos outros, embora pudesse ser acessória. Nos dois maiores,

os ângulos diedros internos têm argamassa cerâmica arredondada em moldura mais ou menos côncava; no menor a moldura é convexa. O 1.º tanque ou piscina emergia do terreno circunjacente, mesmo na época romana; pode estudar-se ainda hoje a estrutura admirável da sua alvenaria disposta canonicamente em fiadas horizontais de pequeno aparelho.

Foi o aspecto interessantíssimo desta particularidade que me saudou a atenção, quando, em 20 de Agosto último, eu vagueava próximo nas minhas rondas arqueológicas. Os outros dois recintos estão actualmente rasos com o solo. A presença do reboco de formigão nas paredes internas e no pavimento com as engravuras arredondadas indica, com a maior verosimilhança, que eram destinadas a conter líquidos estas piscinas. A coexistência de três e, sobretudo, a conjugação provável das duas primeiras, bem como as respectivas dimensões, permitem conjecturar que não eram simples depósitos de água para usos agrícolas, mas que tinham um destino industrial. Entre a preparação e tinturaria de tecidos (apareceu um peso de tear), o cortume de peles ou pelame e a salga de pescado, hesita a minha atribuição. Não faço confrontos arqueológicos *brevitatis causa*. Mas será útil continuar para O. as explorações.

A *Associação dos Arqueólogos* (Edifício do Carmo) acaba de desobstruir, à sua custa, estas ruínas, depois de reconhecida a sua importância pelo Sr. D. José Pessanha. A conservação delas vai, porém, ser confiada à Câmara de Cascais; e, já que falo nesta entidade, vou divulgar uma sua medida a respeito das *Furnas do Poço Velho* às quais me referi, 2 anos há, em o n.º 1 de *Antiquitus*. O conspurcado depósito de viaturas de limpeza, através do qual se penetrava então nas grutas, é hoje um recinto ajardinado, onde um guarda facilita a visita das furnas préhistóricas. Isto honra e distingue o Senado municipal de Cascais, dum modo muito notável.

## XVII

### Origens arcaicas de Cascais

Depois da descrição que, em resumidíssimas linhas, tracei das ruínas romanas encontradas a pouca distância de Cascais (*Diário de Notícias* de 24-xi-917), o espírito curioso dos meus leitores terá preguntado, através do tempo, qual a concatenação histórica e arqueológica, que possam acaso ter construções daquela época, em um logarejo ignorado e rústico, aparentemente moderno, como é Alvide, cujas pobres habitações se ocultam, quase todas, dentro de

«paitos», limitados por três ou quatro paredes de alvenaria seca e enegrecida. É rara ali a moradia que a cal faça sorrir com aquela branura alegre, que ilumina a alma de quem passa no caminho; e, contudo, é eminentemente calcifera a região de Cascais. No meio desta miséria construtiva é de causar certa surpresa encontrarem-se ruínas, não daqueles monumentos arquitectónicos que caracterizaram a magnificência romana, mas ainda assim de construções que permitem a suspeita de que mais alguma cousa, além daquilo que já foi descoberto, permanece por ali subterrâneo, atestando a presença dumha civilização antiga, bem desenvolvida.

Históricamente, a comprovação do problema encontra na sucessão dos factos alguma base para ser tentada; não é às cegas que eu caminharei nas considerações que o resultado da minha pesquisa me sugere. Autênticos vestígios arqueológicos vão dirigir-me.

\*

As ruínas exumadas encontram-se na orla estrema dumha área saturada de destroços da antiguidade romana. É o pendor, voltado ao oriente dum vale que corre pouco mais ou menos de N. a S. e cuja cabeceira se encontra a cerca de 500 metros a montante das ruínas. Toda a zona de terras que constituem essa ilharga do vale e que o fecham e dominam mais acima no vértice, infletindo para os campos fronteiros, contém abundantes restos de eras antigas. É uma faixa de terreno que se apoia em Alvide dum lado e na Abu-xarda do outro, descrevendo um arco de parábola, com a convexidade para N.

No alto, em redor do qual se dilata um amplíssimo e soberbo panorama, são visíveis ainda trechos de paredes de sólidas cantarias de grés, e, no solo, uma prodigiosa cópia de cerâmica romana, doméstica e de construção, pedaços de betonilha de tejolo, fragmentos de mármores serrados, indicativos dum denso núcleo de população sedentária, que intencionalmente se estabeleceu em um padrasto, dominador e desafrontado. ¿Sabem os leitores que sítio é este? São as Sancidreiras (ou Encidreiras, como este ano ouvi), a que fiz alusão em o n.<sup>o</sup> IV do *Antiquitus*.

A área arqueológica, aí assinada, amplificou-se com os achados de 1917. E adquiriu maior importância, porque foram verificados verdadeiros envasamentos de edifícios, e penso que não errarei, atribuindo-os francamente à influência directa da cultura romana.

Com toda a verosimilhança, foi ali uma povoação lusitano-romana

de ignorado nome; mas que encerrou, plausivelmente, as origens arcaicas da moderna Cascais, situada mais ao sul.

Não é de esperar que se empreendam escavações em relação com a importância dos vestígios que lá estão, à vista de toda a gente. E contudo provável é que, para a história e para a arqueologia, nem dinheiro nem tempo fôssem malbaratados.

À que século havemos de lançar a responsabilidade do eramento dêste povoado? Ao século V? Ao século VIII? Algumas centenas de metros para leste das Encidrefras, explorou Paula e Oliveira uma necrópole visigótica, que julgou romana; mas que, sendo como era mediélica, demonstra que a população se germanizou, não desaparecendo totalmente dêstes sítios. Mas já aquele malogrado antropologista anotou, em rápidas palavras, a importância das ruínas, que também aqui denunciei o ano passado. E nem êle as pôde explorar, nem eu tampouco o poderei fazer. A charrua lá vai todos os anos, impelida pelo génio inconsciente da destruição, romper obstinadamente a terra que cresceu a envolver aquelas ruínas, deslocando mais uma pedra, dispersando mais um resto de betonilha, pulverizando mais um fragmento de cerâmica, obliterando mais uma linha na página que se deveria escrever sobre aqueles despojos.

Resignemo-nos a esta maldição dos nossos dias.

O que é certo é que, além dêstes, subsistem ainda vestígios de épocas posteriores, que escalonam mais alguns traços históricos de Cascais antiga. E não são exclusivamente vestígios materiais os que me subministraram mais um argumento.

O próprio aspecto filológico do topônimo redunda em uma consideração aproveitável. Alvide (de *Alvitus*), é um nome germanico, que nos aparece ao N. do Mondego em documentos desde o século IX e que para aqui foi trazida, talvez só na reconquista dêstes distritos aos muçulmanos.

O capitel descrito em o n.<sup>o</sup> IV do *Antiquitus*, e que presuntivamente classifiquei de românico (séculos XI a XIII), foi encontrado nesta mesma área. Hoje a minha atribuição tem a roburá-la a autoridade do Sr. D. José Pessanha, a quem tive o ensejo de o mostrar.

Mas os séculos rolaram e, no de 1500, ainda a presença de uma população, disseminada se quiserem, mas tradicionalista, se comprova no aparecimento de peças arquitectónicas interessantes; uma também já relatei o ano passado (*Antiquitus*, n.<sup>o</sup> IV); mas outra foi encontrada no último verão, e é, como a antecedente, um fecho de abóbada de mármore, com a superfície toda lavrada no género manuelino.

Este, com todos os outros restos, em breve será exposto no Museu do Edifício do Carmo.

Os elos desta extensa cadeia de tradições foram-se, desta guisa, aproximando dos tempos actuais, chegando ainda ao século XVIII.

O derradeiro foi uma ermidazinha da invocação de Nossa Senhora do Bom Sucesso de que o *Dicionário Geográfico* dá conta, na relação manuscrita do pároco de Alcabideche, datada de 1758. Actualmente apenas se conservam inclassificáveis ruínas dela, numa terra a que chamam ainda do Bom Sucesso e onde existe viva a tradição da antiga capela.

Ora é precisamente em parte dessa terra que se acham soterradas as ruínas dos tanques ou depósitos romanos, que foram desobstruídos pela Associação dos Arqueólogos, durante o passado mês de Agosto e no sítio do Alto de Alvide. Este era, pois, o último edifício que perpetuava a altaneira povoação lusitano-romana das Encidreiras; em vez dele ... um montão de pedras, onde mal se reconhecem compartimentos de acanhadas construções, cujos materiais, dentro de pouco tempo, serão impiedosamente dispersados.

\*

Aqui têm os meus leitores como se pode determinar, através de tantos séculos, uma zona arqueológica, de cuja importância só metódicas explorações poderão revelar o segredo.

Em primeiro lugar encontrámos as provas da ocupação romana, nos socos do edifício e nas construções exumadas; depois vimos a época visigótica na necrópole explorada por Paula e Oliveira; a idade média, menos antiga, no templo românico, presumível à face de um capitel e na própria natureza germânica do topónimo; o renascimento, no edifício manuelino que as correspondentes peças arquitectónicas pressupõe; o século de «setecentos», na ermida do Bom Sucesso, cujos restos confirmam a informação escrita coeva e a verbal de agora.

Mais uma vez noto como muitos lugares de ocupação arcaica, em épocas pre- e protocristãs, são lembrados aos vindouros por meio de edifícios consagrados ao culto. Nos dias de hoje uma rajada de esquecimento caíu sobre todos estes edifícios do passado, até sobre o do século XVIII, de que só restam ruínas, a caminho da mais completa obliteração. Daqui a poucos anos, esta, apesar de tudo, escassa seriação de factos tornar-se-ia impossível, mas é de crer que, há dois ou três séculos, ela ainda contava maior número de elementos, que já desapareceram.

## XVIII

## A Cruz da Areia

A *Praia do Guincho* é, ouve-se dizer em Cascais, um dos sítios de mais admirável paisagem das imediações, pela forte sobriedade das tintas que a caracterizam.

Admira-se ali, murando o horizonte ao N., o *Cabo da Roca*, temeroso e íngreme penhasco, que precipita no oceano a tumidez ingente do seu dorso de granito e que produz, a quem o vê daquele ponto, uma curiosa ilusão de proximidade pelas dimensões gigantescas da sua mole denegrida e pela ausência de graduação na perspectiva dos planos uniformes em côn e relêvo, donde ele emerge ao longe.

A enormidade daquela elevadíssima *roca*, segundo o próprio significado do designativo, tópico e corográfico, foi a circunstância que também impressionou os navegadores da antiguidade, quando deram a este prolongamento notável da *Serra da Lua* o epíteto suficientemente expressivo de *Promunturium Magnum*.

Ávido desta sensação à antiga, combinei com o meu honrado amigo V. de B. e V. uma larga excursão pedestre à *Praia do Guincho*. Examinámos sobre a Carta dos Arredores de Lisboa o itinerário mais directo e, pelo caminho escabroso que conduz ao lugar da *Torre* e por aquele que, passando ao S. de *Birre*, se lhe segue, mais suave, mas igualmente monótono, e leva ao lugar da *Areia*, a nossa conversa entreteve-se com a previsão da paisagem bravia, que íamos contemplar, sobre o areal interminavelmente revolvido pelas nortadas da costa, onde até uma nascente de óptima água encontrariam à borda do mar. Não caturrávamos em ponderosas locubrações arqueológicas; não íamos senão despreocupadamente em busca de ar salgado e refrescante, de ondulações de areia tremeluzente, do aspecto grandioso daquele magno rochedo, em cuja base as ondas profundas espumejam.

\*

Mas estas frases enunciam apenas uma pressuposta sensação, porque, na verdade, não cumprimos o programa concertado *inter pocula...* de chá. O imprevisto arqueológico embargou-nos o passo, e no lugar da *Areia*, acima referido, nos quedámos, surpresos de um achado.

É que pouco àquém desta aldeia, um velho monumento desaprumado pareceu acenar-nos. Era um singelo cruzeiro de pedra; mas

este símbolo, erguido no campo, apieda o coração mais prosaico. Lembra-se a gente de que seja um crime ali perpetrado traiçoeiramente; acode a memória de algum viandante, que sucumbisse, naquele sítio, a uma morte súbita. Todavia, nem sempre é isso. Como ali, o modesto monumento era o *Ó Crux, ave!* duma povoação próxima, que possuía a sua ermidinha e, a distância, a anunciava por um pobre cruzeiro, a que as procissões vinham dar a volta em dias da festa do orago.

O desenho, que a gravura reproduz, mostra o estado em que avistámos a *Cruz de Areia*. Inclinada tristemente a uma banda e parcialmente mutilada! Vetustez? Abandono? Atentado? Tudo lembrou.

Aproximámo-nos. Curiosamente monolítica, isto é, talhada com haste e braços num só tosco cascão duma bancada de calcáreo local, a cruz emergia de uma pedra de cantaria, perfurada ao meio; contudo firmava ainda o espigão subjacente num maciço de alvenaria, também em derrocada.

Mas... ó deuses do paganismo! A cantaria fôrta uma ara romana de provável natureza funerária, ornada de clássicos lares, quâsi delidos pelas intempéries seculares. Aos pés da cruz, a sustê-la ainda da sua queda fatal, ali jazia aquele destrôco do culto antigo, que, depois de ter presenciado os cortejos do ritual pagão fúnebre,

fôrta chamado, tantos séculos volvidos, a escutar também as mûrmuras preces das gerações cristianizadas. É de fazer inveja esta longevidade das pedras!

Emfim, examinou-se o surpreendente achado e a ara da estrada da Póvoa de Santo Adrião, descrita no *Antiquitus* n.º XIII, veio-me à lembrança pela flagrante analogia dos lares ornamentais em uma e outra. Eram decerto muito *coetâneos* os dois cipos, tão semelhantes são os desenhos de um e outro. Nenhum indício epigráfico porêm conduz à desejável precisão cronológica, quanto aos dois monumentos; ambos são dum período da época lusitano-romana, contemporâneo ou pouco posterior ao século I da nossa era e... nada mais.

O que todavia se pode notar é que, na enorme colecção lapidar



do Museu Etnológico, não existem cipos funerários com friso ornamentado como este.

E quanto a dimensões: altura do cruzeiro: 2<sup>m</sup>,17.

Cavidade do encaixe: 0<sup>m</sup>,36 × 0<sup>m</sup>,18.

Lados da base: 0<sup>m</sup>,74 × 0<sup>m</sup>,74.

Espessura desta: 0<sup>m</sup>,20.

\*

Dai a semanas, o cruzeiro refazia-se. O fuste, o mesmo antigo fuste de calcáreo aprumava-se sobre um plinto novo de alvenaria cimentada. Não se lhe corrigia o defeito da mutilação do braço, porque tal remendo equivaleria a pôr de lado esta singularidade, quase amorosa, de ser talhada a cruz inteiriça em um único pedaço de pedra.

Mas a sua estabilidade e conservação ficavam asseguradas para o futuro, sem perda da sua rudeza encantadora. A cantaria com lavores, essa foi transportada para Lisboa e o Museu do Carmo a guarda, visto como foi a Associação dos Arqueólogos Portugueses a entidade que ministrou os meios necessários para esta obra de salvamento duma antiguidade lusitano-romana.

E o passeio à Praia do Guincho lá ficou... para as calendas gregas!

*Em suplemento:*

Na minha última nota (xvii) do *Antiquitus* (*Diário de Notícias* de 7-I-918), para encadear a série cronológica de vestígios, à qual se prende o sítio chamado *Terra do Bom Sucesso*, em Alvide, aproveitei uma consideração, aliás *ex abundantia*, de natureza filológica. Consistiu ela em derivar o topônimo Alvide do nome germânico *Alvitus*, em genitivo. Estava averiguado que, em docs. dos séculos IX, X e XI, respigados pelo sr. A. A. Cortesão (*Archeologo Português*, VIII, 202, e XVII, 124), se encontravam os seguintes nomes latinizados: *Alvit*, *Alviti*, *Alvitici*, *Alvitiz*, *Alvitus*, e o Sr. Pedro de Azevedo, erudito conservador da Torre do Tombo, dava a Alvite e Alvito a supracitada origem etimológica.

A minha insuficiência em matéria filológica levou-me a ampliar esta etimologia a Alvide, sem fazer reparo na importância que a variante podia ter na evolução da língua portuguesa, relativamente à época em que podia dar-se o adoçamento do *t*, segundo a zona do Sul ou do Norte do país. Há, assim, quem entenda que a origem do vocábulo *Alvide* não podia procurar-se no mesmo *étimo* que Alvite,

mas que se devia aproximar da de outros tópicos em -ide, freqüentes nesta região estremenha, como Caparide, Colaride, Carnide, etc.

A minha argumentação fundamental não perdeu, por isso, o esforço arqueológico, porque para encontrar um vestígio da influência germânica na área, que era objecto do meu estudo, eu tinha os cemitérios de Abuxarda e Alcoutão, a que me referi e que a arqueologia me demonstrava serem *visigóticos*. Em concordância até com esta atribuição, subsistem os caracteres craniométricos dos próprios esqueletos, segundo o pensar do ilustre antropologista Dr. Costa Ferreira, na *Revista de História*, II, 112, e isto vale muito.

A lialdade, porém, que devo aos meus leitores, obrigava-me a preveni-los do embargo levantado a uma das minhas alegações por alguém, a cuja autoridade científica presto o maior culto.

## XIX

### Pictografias murais da Tôrre.—Polidoiros modernos em Birre. Sino do sec. XVI na Areia.

A excursão à Cruz da Areia, de que me ocupei na minha última nota, deixou no meu livro de apontamentos mais algumas linhas do que aquelas que subordinei ao curioso monumento. É dessas que venho hoje fazer o traslado para o n.º XIX do *Antiquitus*.

Um dos lugarejos que atravessámos foi o da Tôrre. A coloração parda da maior parte das casas, dos caminhos, das paredes, de uma



Figuras dealabdadas a cal em uma parede  
(aldeia da Tôrre — Cascais)

ermida lança-nos sombras no coração. O silêncio que envolve estas povoações áridas, donde não saem vozes que cantem as alegres mágoas da mocidade, arrefeçam a alma. Parece que

nem o fumo dos lares azulava os telhados. No tanque da fonte pública havia de facto quem lavasse roupa; mas nem esta parecia alva, nem a água com frescura. Uma árvore solitária, que ali cresceria, tinha-se decerto esquecido de morrer como as outras. Não me lembro se a ermida tinha sino; o que posso quase asseverar é que ele não batia as *Ave-Marias*. Nenhum edifício, uma casa que fosse, nos explicava a toponímia do lugar.

Mas à saída da povoação, no caminho para Birre, um facto de etnografia nos veio trazer dois minutos de interesse. Dentro dum

pequena fazenda murada, dum campo, como diríamos no norte, a parede em frente, parda, como tudo, mostrava umas pinturas extremamente curiosas. Era uma fileira de seis bonecos humanos, quase gigantescos, dealbados a água de cal, como guerrilheiros de sentinela, para afugentar a passarada atrevida. Quem conheça essas figuras esquematizadas que as gerações ante-históricas pintaram e gravaram nas rochas e até nos megálitos, não pode deixar de se deter perante estas pictografias modernas dum sentimento, duma arte tam similar à das prehistóricas. É certo que aquelas não são mais que

esquemas esporádicos da figura humana impostos pelo desejo material de representar, o menos complicadamente possível, o contorno do homem e os petroglifos rupestres da antigüidade representam, por assim dizer, símbolos evoluídos, que uma intenção mantida pelas tradições do passado inspirava dentro duma organização social mais ou menos simples. Em todo o caso, a analogia era frisante e, como manifestações dum senso artístico de carácter primitivo, era lícito o seu confronto. Para comprovar a minha impressão, reproduzo os espantalhos pintados da Tôrre e várias figuras rupestres, cuja antigüidade pode reputar-se por alguns milhares de anos.



1—*Los Grabados Rupestres de la Torre de Hercules (La Coruña)*, por Juan Cabré Aguiló (Madrid, 1915). Fig. 2.

2—*L'âge des Cavernes et Roches Ornées de France et d'Espagne*, par l'Abbé Brenil (Paris, 1912). Fig. 35.

3—*Peintures dans les dolmens de Portugal*, par J. Leite de Vasconcellos (Paris, 1907). Pl. I, II.

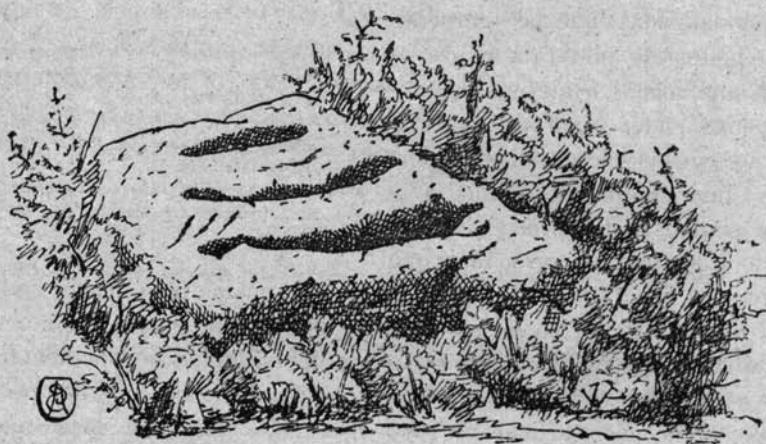
\*

Do lugar da Tôrre o nosso itinerário marcou *Birre*. Aqui uma nova sobrevivência prehistórica nos esperava. Nas proximidades da fonte, aflora no solo uma rocha gresífera, a que chamam na localidade «pedra do saibro», denominação muito variável de sentido, conforme as províncias. Nessas lajes notam-se uns sulcos que parecem não só artificiais, mas até pouco antigos, e que recordam insistente mente os *polidoiros* neolíticos. Se o fossem, o achado era de grande valia. Mas as superfícies friccionadas não eram tam regulares, nem os topos dos vincos tam iguais e perfeitos como os prehistóricos. Sem embargo, não se podia duvidar de que ali tivesse sido afiada ferramenta metálica. Um velho (a gente moça tressuava nas «fazendas») então me contou que, quando a estrada fôra aberta, os trabalhadores

iam ali afiar os seus *ferros de minar*. Actualmente as pedras de afiar são móveis e fazem parte do material transportável; a sobrevivência está em ter sido utilizada a rocha viva para o mesmo efeito, deixando-se nela sulcos mais ou menos regularmente dispostos.

Desenhei uma dessas lajes.

O velho, que inquiri sobre a origem dos *polidoiros*, debulhava pacientemente numa modesta eira, com um novilho e uma jumenta.



A mulher acocorava-se a um canto. Mais ninguém. O sol era um dilúvio de luz que alagava aquela scena estremenha, às vezes tam rica de movimento, tam exuberante de fogo e até tam caracteristicamente estrídula. Como subsídio etnográfico, não omitirei a menção dum utensílio, que o velho agrícola empunhava com a dextra. Da semente provém a farinha e da farinha procede o pão sagrado, que as nossas mães nos ensinaram a beijar quando nos cai ao chão. Que admira pois que essa bemdita semente não deva ser conspurcada na eira pelos irracionais que trilham a palha? Uma vara de marmeiro bifurcada numa extremidade de modo que as pontas dos dois ramos se arqueiam para dentro e se ligam formando um O alongado, eis o esqueleto do previdente artefacto, com que o velho de Birre também estimulava a original parelha, visto que na outra extremidade um aguilhão rematava a haste. O espaço, que fica entre os dois mencionados braços, é preenchido por uma pele de carneiro, com a lã do lado a que o uso dá alguma convexidade. Se perguntardes ao debulhador qual a aplicação desse utensílio, ele res-



ponder-vos há que é para o gado *desbostar* dentro dêle. E se quiserdes saber, como etnógrafo, o nome por que o referido traste é designado, com a maior desprevenção vos pronunciará uma palavra rude, derivada daquele verbo bem português que a civilidade baniu das nossas conversas e formada, como de lavar se formou lavadoiro; de matar, matadoiro; de vazar, vazadoiro.

\*

De Birre passamos à *Areia*. Já entretive os meus leitores com o cruzeiro. Mas depois voltei lá e digo porquê.

É que perto da cruz há uma capela de S. Brás; podiam conservar-se ainda por lá alguns restos de paganismo. Além disso o sino da pobre ermida deu-me umas badaladas de palpite cá dentro; era preciso examiná-lo de perto, e isso só em ocasião apropriada, com uma escada de mão podia fazer-se. Dentro, a capelinha só me trouxe decepção; o altar, de alvenaria; no lajedo do pavimento, do adro, nenhuma pedra de antiguidade.

Mas o sino? Esse sim! Do séc. XVI pelo menos. Tem uma legenda de caracteres góticos. Disseram-me que foi para lá transportado de Cascais; ignoro a origem.

A campana tem de altura 0<sup>m</sup>,29 e o diâmetro da boca é de 0<sup>m</sup>,34. O anel superior ficou debaixo da madeira do cabeçalho, mas abriram quatro buracos na parte superior para entrarem as extremidades das duas cintas de ferro que o consolidam. Há uma só faixa com letras góticas na metade superior; são salientes com 0<sup>m</sup>,03 de alto e ornadas dum traço circundante em cada uma. Os pontos separativos são constituídos por três estrélas verticais, três vezes repetidas



porque três apenas são as palavras. É uma saudação da *Ave-Maria*. A meia altura há dois pequenos medalhões em relevo; era penoso o geito de examiná-los confiadamente; figuraram-se-me iguais e terem a imagem da Virgem Santa em meio corpo com o Menino no regaço e uma inscrição ilegível em volta, de caracteres que supus onciais. A cabeça da Nossa Senhora parece que se levanta sobre um nimbo crucifero (!). Debaixo dum dos medalhões, há um grupo de três estrélas como as da legenda, mas horizontalmente dispostas.

O pavimento da ermidinha estava alfombrado confortavelmente de juncos seco da praia. O mesmo uso subsiste nas habitações. Já as Inquirições falam da obrigação de certos foreiros da coroa terem de juncar os paços do rei. Até é suave pisar estas alcatifas à antiga portuguesa, ou à antiga lusitana, porque Estrabão também já refere que os lusitanos *supra thoros herbaceos dormiunt.*

## XX

**Lagaretas do Casal do Geraldo (Alcabideche)**

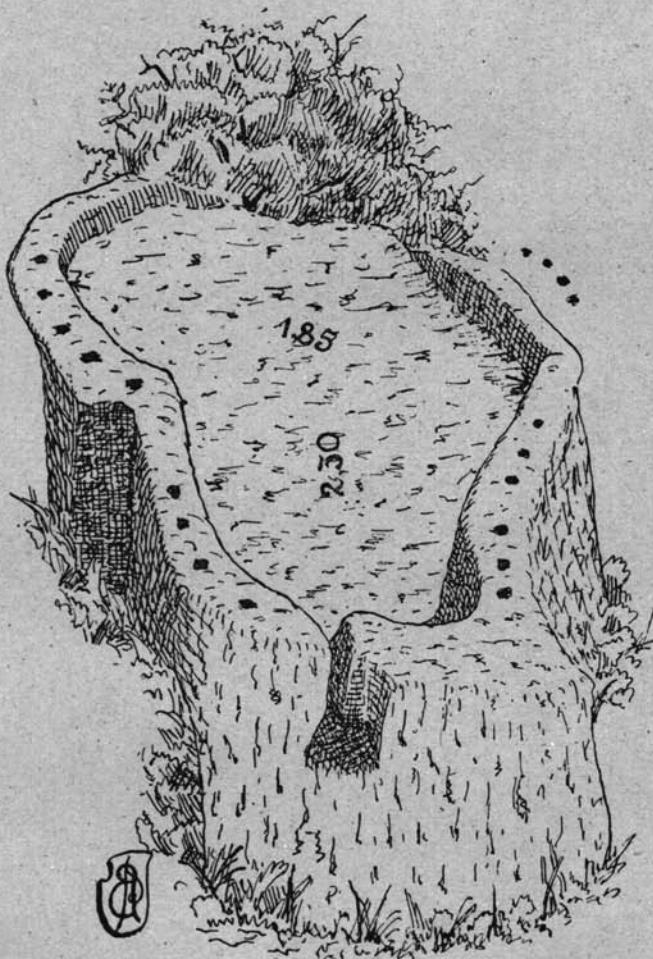
Um dos propósitos, que me norteavam nas excursões em torno de Cascais, era a verificação dos trabalhos de Carlos Ribeiro e Paula e Oliveira na mesma área. Até foi assim que principiou a secção ANTIQVITVS no *Diário de Notícias*, com aquele acolhimento gentil que o seu ilustre Director sempre e depois me dispensou; a 1.<sup>a</sup> nota versava sobre a gruta do Poço Velho em Cascais.

Um dia fiz escala pelo *Casal do Geraldo*, de que Paula e Oliveira fala nas *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascais*. Este malogrado autor refere ter ali encontrado em uma rocha um recipiente rectangular com orifício lateral, que lhe recordou outro de Alapraia (não a gruta, evidentemente), embora admita diversa aplicação, mas vai achando preferível classificá-lo de prehistórico a julgá-lo romano. Na verdade, as escavações rupestres do *Casal do Geraldo* são muito curiosas e dignas de observação. Estão situadas ao S. de Alcabideche, nuns afloramentos de grés.

As principais são duas, uma quadrangular, e outra sub-pentagonal. Aquela encontrei-a entulhada de terra. A maior extensão deste recipiente aberto na rocha está na linha L.-O. Um dos lados maiores é mais cavado que o outro; fica do lado de N.-S. e tem a meio o boeiro perfurado de descarga. O lado oposto só é escavado em metade do seu comprimento, porque na parte restante o fundo liga-se insensivelmente à superfície do rochedo. O comprimento é de 2<sup>m</sup>,80; a largura é num extremo 2 metros e noutro 0<sup>m</sup>,80. O sedimento terroso impedi-me de medir a fundura. Além deste recipiente, vê-se outro próximo, que mede 0<sup>m</sup>,70 × 0<sup>m</sup>,40 e de profundidade 0<sup>m</sup>,15.

Mais curiosa que esta é porém a outra fossa. Efectivamente esta tem a forma sub-pentagonal, como nota Paula e Oliveira, mas penso que foi a própria disposição da rocha que determinou o feitio da obra. É de notar que o rochedo é um pouco elevado (cerca de 1 metro) sobre o solo e as paredes laterais foram afeiçoadas, dando-se-lhes verticalidade, à custa do necessário desbaste.

Dou dêste recipiente um desenho, que dispensa maior descrição. O bordo é alto, mas o fundo não é horizontal, senão um tanto declivoso. O que mais caracteriza esta obra são uns buracos bastante superficiais que se vêem nos bordos, mais ou menos irregularmente dispostos. Do lado esquerdo, alguns já desapareceram, porque



o bordo começou a ser despedaçado; esse vandalismo era porém recente por ocasião da minha visita (Agosto de 1917). Do lado direito, quatro dessas depressões estavam feitas numa rocha contígua. A disposição do boeiro é também curiosa; uma zona externa era mais larga que outra interna, ficando separadas por um corte de alargamento em ângulo recto.

Quanto à dimensões, ajuntarei que o comprimento do interior desta pia é de 2<sup>m</sup>,30 e a maior largura 1<sup>m</sup>,85, tendo 0<sup>m</sup>,75 próximo da biqueira. Esta mede 0<sup>m</sup>,30 de profundidade, 0<sup>m</sup>,15 na boca e 0<sup>m</sup>,25 de comprimento. A altura do rochedo é 1 metro na parede do boeiro e 0<sup>m</sup>,80 a meio. Como este recipiente está orientado de N. a S., na face O. que é uma das colaterais, há, a meia altura, uma pequena cavidade artificial.

Paula e Oliveira diz que encontrou nas proximidades antigualhas romanas. Por mim direi que o que colhi do solo não é suficientemente demonstrativo; um martelo de pedra, um bordo de grande vaso rodado . . .

\*

Já tive ocasião de me referir a esta antiguidade no *Arch. Port.*, XIV, p. 310. Confrontei-a com um recipiente rupestre circundado também de covinhas estreitas e penso que a mais segura explicação está em lhes assinar um destino cultural e dar-lhes francamente o nome de lagaretas de vinificação. De que época?

Tudo que quiserem, menos ante-romano ou préhistórico. A lagareta de Ázere (cit. *Arch. Port.*) estava nas proximidades dum castro precisamente na directriz das populações proto-cristãs; a do Casal do Geraldo está numa região onde as antiguidades romanas andam aos pontapés com as germânicas.

Paula e Oliveira dá uma fototipia desta escavação; os meus desenhos são feitos conscientemente à vista. Esquecia-me notar que o falecido investigador contou 21 covinhas; eu já só contei 19, mas poucos dias (?) antes tinham mutilado o bordo! É possível que nestas fossazinhas se fincassem estadulhos ou fasquias para conterem a massa vinária destinada à espremedura e que o buraco lateral do rochedo interviesse para ponto de apoio dalguma alavanca. O sistema estava universalmente divulgado. No *Bulletin de la Société Préhistorique de France*, vol. VII, p. 68, referem-se vários monólitos similares à lagareta de Ázere, e dá-se lhes também atribuição agrícola.

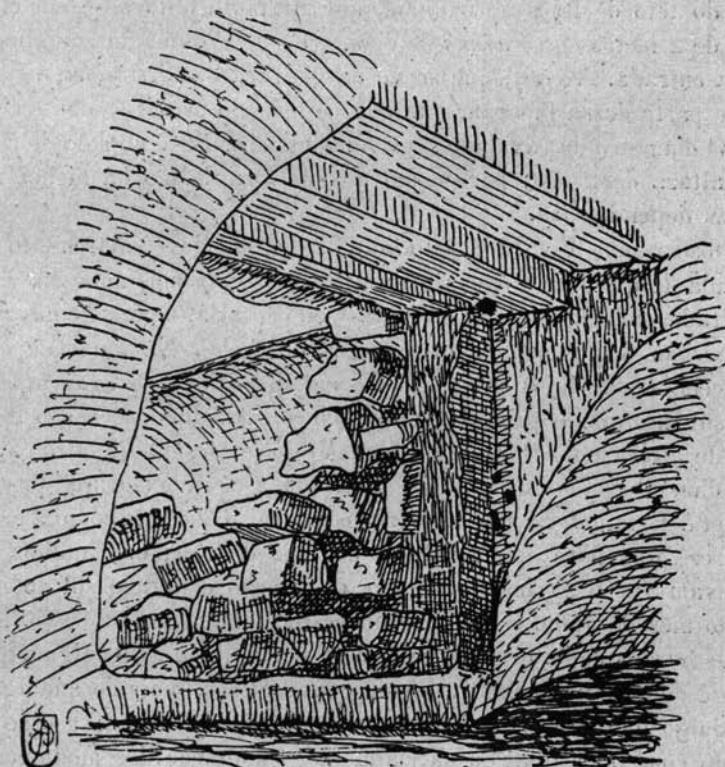
## XXI

### A «Cova dos Mouros» na Alapraia.—A «Fonte dos Mouros» Lagaretas insculpidas.—Sempre vestígios

Quem descer na estação de S. João do Estoril e seguir pela estrada de Caparide, tendo andado umas centenas de metros, encontra um agrupamento de casas que é o lugar de Alapraia. Meia dúzia de

figueiras, meia dúzia de casas rurais sobre um pequeno morro preenchem o quadro, que, por sinal, mirado da estrada, tem um cunho inteiramente regional, na sua sobriedade de cores e de linhas. A estrada passa em baixo; uma fonte moderna, com seu tanque para bebedouro das cavalgaduras, uma taberna ou casa de pasto de frente, para a costumada contribuição ao Tôrres ou ao Ramisco, é o cenário que se desdobra diante do transeunte.

Em *Alapraia* encontrou Paula e Oliveira uma curiosa construção subterrânea dos tempos prehistóricos, a qual descreve em brevíssimas



palavras. Cartailhac e o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos atribuíram-lhe depois o seu legítimo valor. Na divulgação de conhecimentos que me propus fazer por intermédio dum cotidiano de grande leitura, não posso deixar de dizer algumas cousas técnicas acerca de subterrâneos da natureza dos de *Alapraia*. Paula e Oliveira não se enganou interpretando a gruta de *Alapraia*, chamada lá *Cova dos Mouros*, como tendo carácter funerário, apesar de a ter encontrado completamente

esvaziada. Eu começarei por descrever minuciosamente o estado em que esta antiguidade se encontrava em Julho de 1917. Pode ver-se uma gravura exacta dela nas *Religiões da Lusitânia* pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, vol. I, p. 238.

O desenho que junto para não repetir aquele, é tirado do próprio interior da cripta, cuja entrada estava, como se vê, vedada por uma paredezinha de pedra sólta, através da qual penetrei. As suas paredes côncavas conservam provavelmente o mesmo aspecto e forma de sempre (dêsse incomensurável *sempre* que vem da ante-história) e tem a curvatura duma cúpula escavada na rocha com a parte central do teto de lajes horizontais, que portanto obturam uma clarabóia de 2 metros *plus minus* de diâmetro e se prolongam actualmente até a entrada. A casa, que se vê na gravura das *Religiões*, assenta sobre parte dessa lucarna, que parece ter sido primitivamente circular. O diâmetro da cavidade sensivelmente circular é no solo de 5<sup>m</sup>,70 e a altura de 2<sup>m</sup>,70; parece um grande forno! Não há nichos nem outras dependências.

Observemos a entrada pelo lado de dentro; deve estar muito modificada do que foi na época préstórica. Fizeram pois uma passagem quadrada, colocando duas ombreiras de cantaria, onde se conservam as mechas dos gonzos e os buracos do fecho. Na parte superior conhecem-se as lajes horizontais e em disposição de avançamento, que substituíram o primitivo teto rochoso. As dimensões são 2 metros de altura por 0<sup>m</sup>,30 de largura. Vê-se no desenho o bordo superior dum dos lados da galeria, escavada a céu aberto, que precede a cripta. Esta galeria tem as paredes laterais côncavas como a cripta e parece que para esta se desce por um degrau; os entulhos não deixavam ver o pavimento. A sua orientação é para o sol ao meio dia no mês de Julho, em que visitei este monumento.

Os bordos superiores da galeria parecem quebrados nalguns pontos e é de crer que primitivamente convergissem mais do que agora, mas julgo que não errarei dizendo que este corredor de acesso era tapado com lajes total ou parcialmente, à imitação dos monumentos dolménicos; não ficaram porém vestígios alguns.

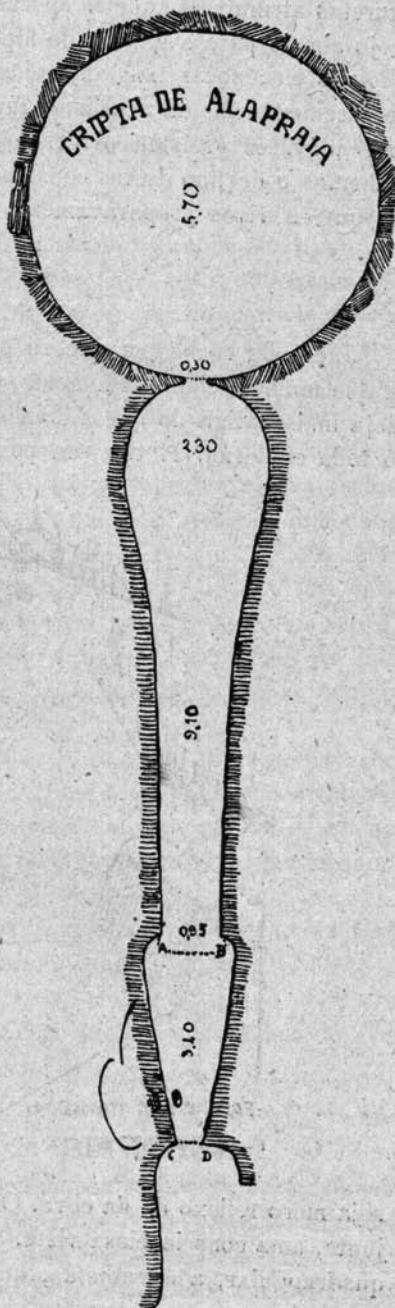
Merce também exame esta galeria ou *dromos*. Compõe-se de duas secções de disposição piriforme intencional: o comprimento total é de 12<sup>m</sup>,50 desde a entrada da cova até a boca exterior, que fica junto duma parede obliqua do rochedo. O pavimento está entulhado com pedregulho miúdo. A secção maior acusa 9<sup>m</sup>,10 de comprimento e 2<sup>m</sup>,30 no bôjo. Unindo mentalmente os pontos A e B do bordo da galeria, cuja distância é de 0<sup>m</sup>,95, a altura do pavimento é de 0<sup>m</sup>,80 e parece

haver aí novo degrau de descida para a secção contígua. Dada a curvatura das paredes laterais, a forma desta passagem é mais que semicircular.

A secção imediata tem apenas 3<sup>m</sup>,40. A bôca desta parte é nos pontos *C D*, cuja altura é de um lado 0<sup>m</sup>,70 e do outro 0<sup>m</sup>,40 e o pavimento apresenta outro degrau descendente da altura de 0<sup>m</sup>,35. Para àquém de *C D*, a rocha é irregular, tendo sido feita aí uma espécie de vestibulo irregular, cujos lados são determinados pela forma da laje. Esta secção tem as paredes menos ásperas que a outra, talvez pelo desgaste motivado pela maior passagem das pessoas.

\*

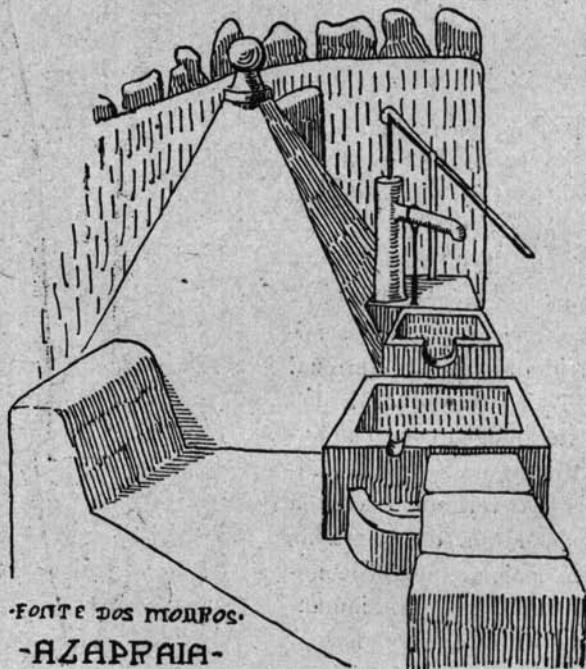
Aqui têm os meus leitores a quase fatigante descrição deste curiosíssimo monumento sepulcral préstórico, que poderá ter os seus 45 a 50 séculos de idade. Mas ela estava ainda por fazer e todos os estudiosos sabem o que vale a minúcia em trabalhos desta natureza. Paula e Oliveira relacionou a disposição deste hipogeu com o monumento do Monge, na Serra da Malveira; mas na verdade é com a sepultura da Fôlha de Barradas que ele tem maior analogia iconográfica. Os cadáveres eram inumados dentro destas criptas, mas o hipogeu de Alapraia foi violado provavelmente na época romana ou germânica. As razões que tenho para o presumir são, além das causas gerais para a maior parte dos



monumentos prehistóricos, a especial de estar a superfície da grande laje; em que foi escavada a cripta prehistórica, cheia de pias ou lagartas atribuíveis àquelas épocas, e ter uma delas o orifício de despejo aberto para a galeria do hipogeu. Dada a violação da *Cova dos Mouros* em épocas tão afastadas, não é de admirar que ignoremos as circunstâncias de ritualismo fúnebre em que ali foram depositados os cadáveres prehistóricos. É pelo estudo de etnografia antiga que sabemos o destino destas construções, bem mais confortáveis do que as que os vivos preparavam nesses tempos para sua própria moradia.

\*

Junto da rocha em que se encontra esta cripta, há uma fonte a que também chamam a *Fonte dos Mouros*. É provável que a água seja mais antiga do que a errada tradição, mas a construção actual é toda moderna. É também possível que a denominação da fonte



seja mero reflexo da da cova. Os leitores vêem dela, na zincogravura junta, uma conscienciosa vista. Sobre a nascente ergue-se a pirâmide quadrangular, a «agulheta», que uma «bola» remata; no fundo, um muro de «cascata» constitui a separação da propriedade vizinha.

O conjunto d'estes vários recipientes não é acessível a gado. Tudo muito caiado e sem imundície deixa na verdade uma impressão confortante ao excursionista.

\*

Arrumemos o assunto prehistórico e, sem desamparar o sítio, vamos ver o que gerações mais chegadas a nós ali executaram na rocha a descoberto.

Subamos a ela, que para isso nos deixaram os antigos umas escadas talhadas na viva pedra. Esta simples circunstância não implica o carácter cultural das insculturas; seria tirar uma conclusão violenta do facto similar que se observa no recinto sagrado de Panóias (Trás-os-Montes). Ao lado esquerdo da cripta, há um lagar subpentagonal com 3 metros no lado maior; o fundo é plano; as paredes de altura irregular; num ponto são de 0<sup>m</sup>,60; num ângulo interno tem um bueiro de 0<sup>m</sup>,11 × 0<sup>m</sup>,07, que desagua na galeria do monumento prehistórico. No meio desta escavação, há uma pequena cova rectangular, mais comprida no fundo do que na boca. As suas dimensões são: comprimento 0<sup>m</sup>,40; a largura 0<sup>m</sup>,16; a fundura 0<sup>m</sup>,30. Além desta, vê-se outra pia quadrada com os lados de 0<sup>m</sup>,50 × 0<sup>m</sup>,40, entulhada porém, e sulcos vários. Junto da casa, que foi construída sobre o hipogeu como disse, está outra fossa quadrada com 0<sup>m</sup>,60 de lado, e ainda outra, mas circular com 1<sup>m</sup>,50 de diâmetro; ambas também cheias de terra.

Em toda a superfície da grande laje, se vêem outras escavações mal acusadas e sulcos pouco definidos, bem como salinências artificiais, cuja utilidade não se adivinha. A fossa subpentagonal é, ao que parece, um *torcularium*; a covinha rectangular mais ampla no fundo de que na boca é significativa.

No lugar informaram-me que havia ali mais criptas como a *Cova dos Mouros*. Não logrei porém vê-las; contudo o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos diz nas *Religiões da Lusitânia*, I, 228, que viu outra. Mais covas dos mouros me anunciaram que havia na aldeia de *Tire*, numa terra chamada o *Covão*.

\*

A poente desta localidade há uma pequena elevação, onde dizem que foi um cemitério e houve um cruzeiro e à qual chamam *Alapraia de Cima* e o sítio indicado a *Crucis*; dois velhos recordavam-se ainda dos degraus, actualmente porém no local está a chamada *Quinta da*

*Bela-Vista.* Também ali me falaram de cavidades ou lagares; não vi vestígio algum. Seriam talvez as covas de que me falou o caseiro da quinta e a que não encontraram o fundo ao surribar a terra. Acaso *silos*? Pela mesma ocasião destruíram alicerces a fogo, encontrando argamassas rijas, telhas grossas. Plausivelmente restos de alguma *vila rustica* ou mais plausivelmente ainda, de algum edifício de carácter religioso, atenta a existência do cruzeiro, do cemitério, heranças de algum centro cultural antigo.

Nas terras dêste sítio encontrei uma moleta, mão ou percutor de pedra e alguns cacos.

No subsolo dessa quinta explorava-se um terreno de aluvião, saturado de seixos rolados. Rápida foi a minha visita a este subterrâneo, mas o meu desejo de descobrir vestígios paleolíticos só me trouxe mais um desengano. E se estivesse em condições de a repetir, só depois de reiteradas pesquisas é que desistiria.

## XXII

### Vestígios prehistóricos no Lumiar

Vamos a umas badaladas mais no bronze que o *Diário de Notícias* me deixa tanger no cimo da sua torre já semi-secular, em prol da Antiguidade. *Voco plebem:* viam-se estas palavras entre outras, no bôjo dum velho sino da catedral olisiponense, e *vocare plebem* podia ser, descontada a falta de sonoridade da minha frase, o lema dêstes apontamentos fugidios.

\*

Quando compulsei o *Diccionario Geographico* do oratoriano Luís Cardoso, a propósito da ara da Ponte da Póvoa, espertou-me o bichinho da curiosidade o topônímico *Outeiro das Arcas*, da freguesia do Lumiar, e logo me propus uma excursão para estes lados, a ver se encontrava alguma justificação arqueológica daquele designativo *Arcas*, que algumas vezes pode corresponder a antas ou *dólmenes*.

É com os incidentes desta pesquisa que hoje venho entreter os ouvidos aos leitores curiosos dêstes repiques.

\*

De comêço, duas ordens de indagações precederam a acometida arqueológica do problemático *Outeiro das Arcas*: a oral e a carto-

gráfica. A indagação oral, comprehende-se, vai às informações verbais dos habitantes; mas isto, por aqui, é terreno mais ingrato do que nas regiões do país, onde as populações e as famílias são mais sedentárias e estáveis. Aí, o elo tradicionalístico procura-se e encontra-se. Entre a terra e o habitante há como que um traço de parentesco amigável e continuado.

*Outeiro das Arcas... quem mo descobriria no Lumiar?*

Um velho, hortelão ou fazendeiro, que ostentava as barbas mitológicas dum Silvano, mas em lugar da pele de animal ao ombro nu, vestia a típica blusa saloia de riscado azul, e que encontrei na estrada do Paço do Lumiar, nunca em tal ouvira falar! Outro habitante, septuagenário, segundo me declarou, nado e criado nesta povoação, não conhecia por aqueles sítios outra elevação de terreno senão o *Alto da Areia*; mas *Outeiro das Arcas...* jámais ouvira dizer. Depois disto, encontrei quem me asseverasse que o verdadeiro toponímico daquela eminência era o *Alto dos Pinheiros*; e efectivamente lá se vê ainda um pequeno pinhal, que evidentemente só lhe dá o nome depois que existe como massa de arvoredo. E antes disso?

O segundo depoimento ia bater direito ao ponto que, na *Carta dos Arredores de Lisboa*, me aguçara as suspeitas... arqueológicas, em consequência da sua mesma altitude. Esse ponto é a cota de 132 metros, na freguesia do Lumiar. Não tem o terreno em redor nenhum outro mais alto relévo ou gibosidade. A leste dele, ainda há uma curva de nível pontuada com a indicação de 119 metros. Era porém muda a Carta, quanto a toponímicos naquele local.

O caso é que fixei assim, de antemão, a directriz da minha excursão. Dum caminho velho, que ladeia o cemitério do Lumiar, entrámos, o meu amigo e companheiro, Dr. Joaquim Fontes e eu, por umas terras, que nos separavam das cotas prefixadas. Não era muito constitucional o nosso itinerário, mas ninguém surgiu a pedir-nos contas da invasão. Pouco depois, junto duma vinha, o meu amigo enxerga no solo um silex talhado (*racloir*). Bom sinal! Mais adiante, no flanco da cota 132 metros, um pastor, encanecida já a cabeça, vigiava tranqüilamente o seu armento, enrolando um cigarro.

Entaboliu-se conversa. Interpretando uma nossa pregunta, responde o inesperado informador:

— Sim, já sei; *pedras de ferir?* tinha ali uma na algibeira apanhada perto. Mostrou-nos-la.

Outro utensílio de pedra lascada, se bem que já dentado pela percussão do fusil! Mas ele mesmo queria dizer-nos onde o encon-

trara e havia por lá bastantes! Se isso era o que procurávamos, fôssemos ao local, que não era longe.

\*

Estávamos, por assim dizer, senhores dumha situação arqueológica. Subindo-se mais uma rampa, o terreno é constituído por um planalto de estrutura arenosa, mas compacta, que se prolonga para sul. A leste há um pequeno pinhal, e no ponto em que nos encontrávamos o solo está esburacado do arranque de mais pinheiros. Era uma circunstância nada desfavorável à colheita dos sílices, que começavam já a picar o amarelo da areia. Na mesma elevação há um casal, que tira o seu nome do chamadoiro do seu dono, *Casal do Sabido*, mas o outeiro chamava-se, diz-me o caseiro, *Alto de Telheiras*... Como se vê, o incola de *Paço do Lumiar* e o terceiro informador, a quem me referi, atribuíam-lhe outras denominações, contudo esta última é a que me parece menos verosímil.

Caminhando para sul, encontrava-se um tremoçal, que era o ponto indicado com mais individualização pelo pastor como campo de *pedras de ferir*. A cultura da leguminosa pode ter desaparecido a esta hora, mas, prosseguindo, descobre-se uma ampla escavação, que parece ser produzida por contínuas explorações de areia, em que o cabeço é muito abundante. As margens desta vasta caldeira são cortadas a prumo e têm alturas variáveis desde 0 até cerca de 5 ou 6 metros.

\*

Dissera-nos a «pura da verdade» o pegureiro! Se bem que não sejam dumha profusão cerrada, o caso é que se encontram à superfície e nas camadas do areeiro sílices trabalhados e rebotalhos da sua preparação. Mais próximo do pinhal jaziam dois ou três cacos de feição prehistórica, infelizmente lisos e muito deminutos.

Numa vereda do outeiro, o Dr. Fontes colhe a peça mais decisiva. Era um dos tais utensílios de silex, com o prolongamento em forma de bico de pássaro, colhidos na estação do Estoril pelo abaixo assinado, em 1915. ¡E confesso que este achado me vinha proporcionar a remuneração espiritual do passeio arqueológico!

Entre as faquinhas, uma, aliás fragmentada, de secção triangular e microscópicamente dentada nos bordos, deve ter sido pertença feminina. Fizeram decerto uso dela mãos perturbadoras de suprema finura; tais são as dimensões exíguas desta lâmina, infelizmente que-

brada; comprimento, 0<sup>m</sup>,010; largura, 0<sup>m</sup>,006; espessura na base, 0<sup>m</sup>,001. ¿Poder-se há contestar delicadeza e corpórea gracilidade a essa subtil selvagemzinha, cujos dedos seguraram tam minúsculo e quebradiço utensílio de silex, que sem dúvida não era encabado?

Feito o inventário dos achados, soma tudo:

Peças de silex caracterizadas ou seus fragmentos: 10.

Peças duvidosas, sendo uma de quartzo: 8.

Peças indefinidas: 10.

Fragmentos cerâmicos: 3.

\*

A civilização prehistórica, a que pertencem estes destroçados restos de indústria humana, é, em presença da sua tipologia, aquela que deixei sumariamente caracterizada, quando no *Antiquitus* versei a cronologia do descobrimento feito no Estoril. A posição elevada do sítio, relativamente ao terreno circunjacente, e o frequente aparecimento de silices talhados naquele local, delimitado com certa segurança e precisão pelas informações e testemunho do pastor, permitem assinalar no *Alto dos Pinheiros*, ao Lumiar, vestígios definidos duma nova mancha prehistórica na Carta dos arredores de Lisboa.

\*

Bem; mas a curiosidade de algum leitor pode não estar ainda satisfeita. Eu realizei uma excursão ao *Alto dos Pinheiros*, tópico que me era então desconhecido e não vem mencionado na Carta topográfica, procurando um antigo *Outeiro das Arcas*, que não consegui reconhecer nem localizar. Contudo, presumindo que este outeiro era, para todos os efeitos, uma proeminência de terreno, e procurando qualquer ponto nestas circunstâncias dentro da freguesia do Lumiar, fui dar com os ossos a uma colina que, casualmente, se me revelou com restos prehistóricos, sem nenhum resquício de destroços de época alguma histórica. ¿Seria esse o *Outeiro das Arcas* do séc. XVIII? O topônimo está perdido na tradição oral, como me pareceu. Pode porém vir confirmado em algum documento antigo de transacções de prédios confinantes. ¿Ler-me há alguém que possua porventura ou conheça títulos contratuais, que a ele se reportem?

Para o meu raciocínio ainda não é tudo. ¿Terá havido naquele lugar *Arcas* no sentido de antas? Não posso responder porque, parecendo a civilização aí revelada coetânea da do Estoril, também não ouso fazer afirmação alguma dessa natureza a respeito dos achados

do Estoril. A palavra *arcas* tem significações várias, mas a de monumento dolménico não é a mais vulgar, e talvez só em determinadas condições, por exemplo, quando os dólmenes sirvam ou tenham servido de marcos ou balizas territoriais, o que aliás tem até, se bem me lembro, comprovação diplomática da nossa idade média.

De maneira que, se aquele era o *Outeiro das Arcas* e se estas *arcas* eram antas ou dólmenes, haviam de aparecer nele silices e cerâmica préhistórica; ora de facto estes objectos encontram-se aí, logo... Por muito que o raciocínio pareça lógico e rigoroso, não ousarei afirmar que o *Outeiro das Arcas* era a cota de 132 metros na freguesia do Lumiar. ¡Faltaram de todo vestígios de arquitectura dolménica!

Portanto iremos bater a outra porta.

F. ALVES PEREIRA.

---

### Castro de Entre-os-Rios

Constando-me, no mês passado, quando estive a veranear na freguesia de Canelas, concelho de Penafiel, que na limitrofe freguesia de S. Miguel de Entre-os-Rios, no monte da Senhora da Cividade, situado nas vertentes do rio Douro, a pequena distância da foz do Tâmega, apareciam muitos fragmentos de louça de barro e de telhas, resolvi ir lá, persuadido de que se trataria dum *castro*, algum modo indicado pelo nome do monte *Cividade*, pela existência *in loco* dum capela sob a invocação de *Senhora da Cividade*, que representa talvez a cristianização dum culto pagão, e pelo aparecimento de grande quantidade de fragmentos cerâmicos: e efectivamente fui no dia 8 do mesmo mês.

Percorrendo o monte, encontrei muitos fragmentos de cerâmica, dos que se costumam encontrar nos castros.

Com grande aprazimento e satisfação verifiquei que não me havia enganado nas minhas previsões: houve naquele lugar um castro, que contém vestígios de duas civilizações, uma *pre-romana* e outra *romana*.

Deparam-se-me logo à superfície da terra alguns fragmentos de instrumentos de pedra (vulgarmente chamada *seixo*): martelos, amoladeiras, e bem assim uma mó manual (*catillus*) de forma pouco vulgar, alta e pesada; uma coluna de granito, escumalho de ferro, e uma cunha pequena muito oxidada; *tégulas*, algumas com uma marca de oleiro feita com impressões digitais na parte ainda fresca, que parece conter a letra M; *imbrices*, *pondera*, tejolos; e bocais, gar-galos, bojos, asas e fundos de vasilhas, mostrando estes diversos

fragmentos terem pertencido a vasos de várias dimensões, espessuras, feitiços e cōres, pois se exibe nos bojos de muitos um relêvo, o que não tenho encontrado em outros castros.

E também lá achei vestígios de casas, pedra facetada e considerável quantidade de pedaços de lousa, tendo muitos um pequeno orifício, proveniente, creio eu, de pregos, por as coberturas, das casas, segundo a minha humilde opinião, serem formadas de lousas.

Em alguns penedos vêem-se buracos de dimensões várias e todos com esta forma—U, e num há uma grande pia quadrangular; e no cimo do monte um *dólmen*.

Informou-me uma pessoa fidedigna que, ainda há poucos anos, uma mulher achara ali um pedaço de ouro, que vendera em Penafiel.

Do castro sai um grande cano de cantaria, que vai ter ao rio Douro, na margem direita, passando por baixo da igreja paroquial de S. Miguel de Entre-os-Rios, que é de arquitectura românica, do séc. XII. O povo liga a este cano muitas lendas e tradições, dizendo que era *por onde os Mouros levavam os cavalos a beber ao Douro*; que dentro d'ele há salas espaçosas, cheias de grandes riquezas; e que algumas pessoas arrojadas, e ambiciosas de fortuna, que ai tem querido entrar se tomam de muitíssimo medo, porque lá vêm mouros horripilantes e muito bem armados que lhes proibem a passagem, etc., lendas que se contam de outros castros.

Quando se abriram os alicerces para a ponte de Entre-os-Rios, que fica perto do *terminus* d'este cano, acharam-se algumas antigualhas, como cacos de tégulas, de ímbrices, de lucernas e de vasilhas.

No meu entender, que submeto a outros mais autorizados, o monte da Senhora da Cidade é efectivamente um *castro lusitano*; e nos arredores, mormente nas freguesias da Eja, Canelas, S. Paio de Portela, S. Vicente do Pinheiro, Capela, Valpedre, Oldrões, Paredes, Gandra, Peroselo, Vila Cova e Luzim, existiram povoações romanas. Demonstram-no o *Balneário luso-romano de águas sulfúreas*, em S. Vicente do Pinheiro, exumado pela iniciativa e diligência do meu amigo Dr. Agostinho Lopes Coelho, e muito bem estudado pelo distintíssimo arqueólogo Sr. Dr. José Fortes no seu precioso opúsculo «*Balineum luso-romano de S. Vicente do Pinheiro*», publicado em 1902; o aparecimento, há anos, em Canelas, de duas vasilhas romanas cheias de carvões e de terra, e de um almofariz de pedra, que posso; os fragmentos de cerâmica, moedas e pias, que se descobriram, na Capela, quando se procedia aos trabalhos da estrada de Curveira a Recarei; vários vestígios no monte Mosinho, no lugar denominado Mosteiro das Freiras; o marco de Luzim, etc.:—tudo

isto comprova que estes sítios foram efectivamente habitados pelos Romanos.

O monte da Senhora da Cividade bem merecia, pois, ser visitado e estudado pelos arqueólogos; e, se nele se fizesse uma exploração convenientemente dirigida, talvez se descobrissem antigualhas de maior valor arqueológico.

Pôrto, Novembro de 1917.

VIEIRA DE ANDRADE,

Abade de Ramalde.

---

### Documentos da Ericeira

#### Audiências da almotaceria

Entre os livros e documentos pertencentes ao extinto Concelho da Ericeira, que existem no Arquivo da Junta de Paróquia da mesma vila, há um livro da almotaceria relativo aos anos de 1502 e 1503. Este livro com mais dois: Livro da Camara e Livro das rendas do verde, formam um só volume. Do referido livro da almotaceria, que é uma espécie do actual «Protocolo de audiências», que se usa nos tribunais, transcrevo o seguinte:

Aos IX d. do mes de Ian<sup>ro</sup> de mjl e qnhētos e tres na vila dericeira ē o paço do C.<sup>o</sup> da dita vila d.<sup>o</sup> Glz almotaceel o dto mes fez od.<sup>cia</sup> demādou a.<sup>o</sup> anes p.<sup>or</sup> dalv.<sup>o</sup> frz qtr.<sup>a</sup> m.<sup>a</sup> māsa 11lxxx rs. deserviço de c.<sup>a</sup> || fernā roiz p.<sup>or</sup> de m.<sup>a</sup> māsa dise q. lhe tinha pagoa por hūa cama de roupa e p<sup>o</sup> outras couisas . || .S. || alfayas de casa e q ele p<sup>t</sup>esta depois ele demāda o q ē sy tē q corre ē dobro e as custas ē tresdobro || e o dto almotace mādou o dto fernā roiz p.<sup>or</sup> da dta m.<sup>a</sup> māsa q. ate pm<sup>ra</sup> aud<sup>ra</sup> faça certo como tē pago a dta moça todo servjço.

d.<sup>o</sup> ↑ glz<sup>1</sup>.

Ano de mjl e qnhētos e tres anos a xxij d. do mes Ian.<sup>ro</sup> fez d.<sup>o</sup> alvjs almotaceel od<sup>cia</sup> e pante ele pareceeo o dto a.<sup>o</sup> anes p.<sup>or</sup> de alv.<sup>o</sup> frz e demādou q lhe julgasē ij rs q m.<sup>a</sup> māsa lhe devja || e fernā roiz p<sup>or</sup> dela dise q ela cōfesava q ela devja os ij rs e por lhe

---

<sup>1</sup> Neste mesmo livro, e em outros anteriores, vêm-se outros sinais das assinaturas dos juízes, vereadores e homens da camara, etc. Recordarei por exemplo: uma padiola, uma escada, uma tesoura, uma mó, uma chave. Estes são os que aparecem com mais freqüência.

ele demādara ijlx<sup>o</sup> rs q. dos oitēta o cōdenasē ē dobro q os tinha em sy e as custas ē tresdobro || e o dto a.<sup>o</sup> anes dise q os oitēta lhe deixava p dous alq<sup>s</sup> de farinha q lhe m.<sup>a</sup> māsa ēprestou a sobrinha molher do dto alv<sup>o</sup> frz || e dto almotacel dise q bisto como a dta m.<sup>a</sup> māsa cōfesava q ij devja julgou p s<sup>ra</sup> q a dta m.<sup>a</sup> māsa os page o tpo devjdo || e quanto a farinha q era ēprestada q letigasē pāte o Juiz || e o dto fernā roiz apelou || t.<sup>as</sup> g<sup>o</sup> anes e Jo fiz

(d.<sup>o</sup> ↑ glz.)

E despois desto aos bj ds do mes de fev.<sup>rō</sup> no paço do C<sup>o</sup> da vila deiriceira estādo hi alv<sup>o</sup> Glz Juiz ord.<sup>o</sup> pānte ele parceo a<sup>o</sup> anes p<sup>or</sup> dalv<sup>o</sup> frz e requjreuo o dto Juiz q lhe mādase dar a S<sup>ra</sup> qtr.<sup>a</sup> m.<sup>a</sup> māsa p q o dto fernā roiz ficou de lhe fazer certo como lhe devja o dto alv.<sup>o</sup> frz os ditos alq<sup>s</sup> de farinha e ficou q desē o Juram<sup>to</sup> a p.<sup>o</sup> māsy e bastiō dinjs || e q ele nō qujs fazer delo certo e o dto Juiz lhe mādou dar ij rs q o dto fernā roiz cōfesou q ela os devja || t.<sup>as</sup> Jō piz Jorge alvrz.

*A margem na segunda linha: feta*

S.<sup>ra</sup>

Alv.<sup>o</sup> Glz.

Ano do nacim<sup>to</sup> de noso S<sup>or</sup> Jhū x<sup>o</sup> de mujl e qnhētos e tres anos a xx d do mes de fev<sup>rō</sup> .....

fez o dto d<sup>o</sup> glz od<sup>ra</sup> e demādou alv<sup>o</sup> galego a fernādo q se asoldadou cō ele por xb d por C rō e q lhe faleceu q lhe julgasē o gasto q tinha feto e o qstrāgesē q servjse || nō parceo (?) o dto fernāodo nē alv<sup>o</sup> anes seu pay || mādou o dto almotacee q ate q.<sup>ta</sup> feira pm.<sup>ra</sup> benhā pānte | e lhe fará od<sup>ra</sup> || ficou Johāo alvriz f.<sup>o</sup> do dto alv<sup>o</sup> anes q ate o dto d. o dto seu pay e irmão birāo || a dta od<sup>ra</sup> || e logo nesta odiēcia beo pānte o dto almotacell alv<sup>o</sup> anes ..... deulhe o dto almotacel Juram<sup>to</sup> se ele o dto seu f<sup>o</sup> se asoldadava por seu mādado e se ganhava para ele e se estava so seu poder e ele Jurou q sy q ele o asoldada e q p<sup>a</sup> ele ganhava e q ele nō qjs q o dto seu f<sup>o</sup> estivese cō ele || o dto almotacel dise q pois q o dto alv<sup>o</sup> anes nō fez o pactado o asolveo de tall demāda. Alv<sup>o</sup> anes esto escp̄vj.

d<sup>o</sup> ↑ Glz

Ericeira, Maio de 1917.

J. D'OLIVEIRA LOBO E SILVA.

### Antigualhas de Evoramonte

#### I

O S.<sup>or</sup> Antonio Maria do Carmo envia-me de vez em quando para o Museu Etnologico moedas e objectos antigos que aparecem nos arredores de Evoramonte<sup>1</sup>. Ultimamente enviou-me os seguintes

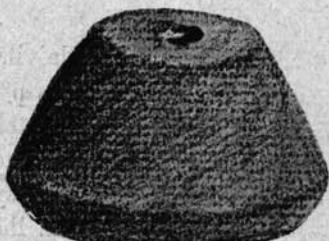


Fig. 1



Fig. 2

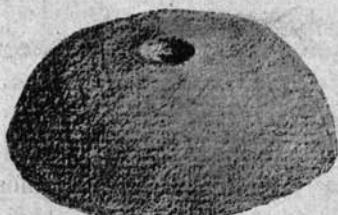


Fig. 3



Fig. 4

objectos de barro: tres *verticilli*, ou cossoiros (volantes de fuso), e uma bala de funda, ou *glans latericia*, isto é, de barro, encontrados por ele e pelo Rev. Assunção, Prior de Evoramonte. Os *verticilli* provém do ferragial denominado *Paxola*, a *glans* provém do mesmo local. Vid. figs. 1, 2, 3, 4 e 5 (tamanho natural).

Diante de objectos que se encontram avulsos, nem sempre é facil determinar datas: por isso não ousarei dizer se estes são romanos ou pre-romanos, e apenas estabelecerei algumas comparações. Os cossoiros são de dois tipos: o primeiro tipo, figs. 1 e 2, representa dois

<sup>1</sup> O S.<sup>or</sup> Antonio Maria do Carmo é autor de uns apreciaveis *Apontamentos para a monografia de Evoramonte* (1916), e publicou além d'isso o *Almanach Evoramontense* (1917 e 1918), onde tambem se arquivam muitas notícias uteis.



Fig. 5

troncos de cone unidos pela base, ou mais simplesmente, representa um tronco de cone chanfrado na base (um dos cones, o da fig. 1, tem maior diâmetro do que o outro); o segundo tipo, fig. 3, representa pouco mais ou menos um hemisfério achatado no polo. No Museu Etnológico havia já um cossoiro do concelho de Moura, um tanto parecido com o primeiro tipo, embora mais baixo, porque os dois troncos de cone que se ligam pela base são aqui iguais entre si; e havia outro do castro de Pragança, também algo semelhante. Do segundo tipo tem o Museu Etnológico alguns análogos, mas a base é concava, e um d'elles tem no bordo toscos ornatos lineares.

A *glans latericia* (fig. 4) é a primeira que aparece, quanto sei, em Portugal. No Museu existia uma quasi igual, de Numancia, adquirida por mim em Garay em 1907. A cidade de Numancia foi destruída por Sipcião Emiliano em 133 a. C., e nas escavações arqueológicas que se fizeram nas ruínas, apareceram muitos *glandes* de barro em grupos: num sitio dezassete, noutro quinze, noutro dez, noutro quarenta e dois. O S.<sup>or</sup> Ramón Mélida, que nos dá estas indicações, julga de fábrica numantina as *glandes*, posto que imitadas das de chumbo romanas<sup>1</sup>. Na fig. 5 reproduzo a *glans* de barro que eu trouxe de Garay. Das *glandes latericiae*, consideradas em geral, diz Fougères: «Des lots en on été retrouvés à Henna en Sicile et, plus récemment, »sur l'emplacement d'anciens fours à poteries à Djebel-Alimar, près le »Belvédère à Tunis, et dans les fouilles du P. Delattre à Carthage... »Par leur légèreté relative et leur fragilité, ces projectiles, qui semblent »être d'invention carthaginoise, ne pouvaient guère produire d'effets »meurtriers. Peut-être étaient-ils surtout employés à la chasse aux »oiseaux, ou pour les exercices de tir, ou bien, à la guerre, dans »certains cas particuliers. César (*Bell. Gall.*, v, 45) raconte que les »Nerviens lancèrent sur son champ des grenades d'argile cuite et »rougie au feu (*ferventes fusili ex argilla glandes*) pour incendier les »huttes de ses soldats couvertes en chaume»<sup>2</sup>. — Vê-se que a *glans latericia* de Evoramonte ministra mais um elemento para o conhecimento da geografia destes curiosos objetos, porque ficamos sabendo que o uso d'elles também chegou à Lusitânia.

Devo acrescentar que o S.<sup>or</sup> Carmo me remeteu com a *glans* um fragmento de uma vasilha de barro de pasta impura, análoga à de alguns cacos de Pragança; este fragmento era de vasilha grossa,

<sup>1</sup> *Excavaciones de Numancia*, Madrid 1912, p. 40.

<sup>2</sup> In *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*, II-II, 1669, s. v. «*glans*».

mostra vestígios de acção de lume, e tem um orifício, que talvez servisse para suspensão do objecto, quando inteiro.

\*

Aproveito a ocasião para publicar na fig. 6 um objecto de pedra que pertence á mesma categoria das *glandes*, como resulta da comparação da forma d'ele com as

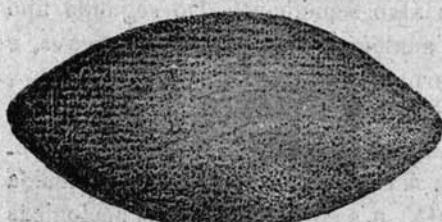


Fig. 6

das figuras publicadas acima,— só esta *glands* é um pouco mais volumosa que as outras. Existe no Museu Etnológico, e provavelmente provém do Algarve, pois foi recolhido por Judice dos Santos.

*Glandes* de chumbo, ou *plumbeae*, do mesmo tipo, já eram conhecidas na nossa Arqueologia: vid. *Religiões*, III, 183 (epoca romana).

\*

Todos os desenhos que serviram para as gravuras d'este artigo foram feitos pelo S.<sup>r</sup> Ruy Pacheco, Preparador interino do Museu Etnológico.

## II

As antigualhas romanas aparecidas no aro de Evoramonte, que mencionei no capítulo precedente, junto agora a menção de outras, como fundos de anforas de barro e moedas de cobre, que o Sr. Antonio Maria do Carmo teve a generosidade de ultimamente me enviar para o Museu Etnológico.

Entre as moedas merece especial menção uma, fig. 7, que tem numa das faces um hipocampo e a contramarca de «S», e na outra duas espigas e um crescente lunar (se houve outro crescente, não se distingue). Esta moeda, que foi encontrada no ferregial da Torre pela menina Generosa Maria Dias, pertence ao grupo das moedas indígenas

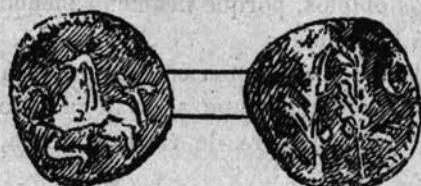


Fig. 7

de *Salacia*, que estudei n-O Arch. Port., II, 281, n.<sup>os</sup> 2 e 3, e ibidem, VI, est. I, n.<sup>os</sup> 3 e 4, só é de módulo maior (diametro maximo

0<sup>m</sup>,0245). No Museu havia outra igual, e do mesmo módulo, a qual me dera em Madrid o S.<sup>or</sup> D. Antonio Vives, e havia duas de módulo menor (0<sup>m</sup>,0185), que eu obtivera em Alcacer do Sal; todavia a que ofereceu agora o S.<sup>or</sup> Carmo é superior a elas em estado de conservação. A diferença de modulos mostra que o «S» não pode significar *semis*; designará portanto a inicial de *Salacia*, como supus no primeiro dos citados artigos d'*O Archeologo*.

J. L. DE V.

### Os registos de santos

(Continuação d'*O Arch. Port.*, xxii, 345)

**Passos.** — «Senhor Jezus dos Passos» (Aveiro)<sup>1</sup>, I, 2; «Senhor dos Passos», que se venera na Igreja da Graça em Coimbra, I, 121; «Verdadeiro Retrato do Senhor Jezus dos Passos da Graça», 2 exemplares diferentes, I, 125; «Senhor Jezus dos Passos», 4 exemplares diferentes, Lisboa, I, 164; «Senhor Jezus dos Passos da Graça», 2 exemplares diferentes, I, 168; «Senhor Jezus dos Passos de Extremoz»<sup>2</sup>, I, 168; «Senhor Jezus dos Passos de Belem», Lisboa, 2 exemplares diferentes, I, 207; «Senhor Jezus dos Passos», I, 211; «Senhor dos Passos dos Caetanos» (Lisboa), I, 2; Sem título, da Capela da Ordem Terceira do Carmo do Porto, III, 1; «Imagen do Senhor dos Passos», da Vila da Figueira<sup>3</sup>, III, 2; «Senhor dos Passos da Graça», III, 89; 1 exemplar colorido, sem designação, III, 89; «Senhor dos Passos da Graça», de Coimbra, III, 89; «Senhor dos Passos», da Conceição Velha (Lisboa), III, 89; «Nosso Senhor dos Passos», Convento de Santa Clara, Ilha da Madeira, III, 89; «Senhor Jesus dos Passos da Graça», Lisboa, exemplar colorido (crômo), III, 108; «Senhor dos Passos do Desterro», Lisboa, *Dias da Costa* lith.<sup>o</sup>, III, 108; «Senhor Jesus dos Passos da Graça», exemplar grande, III, 132; «Nosso Senhor dos Passos da Graça», Lisboa, exemplar grande, colorido, III, 134; «Nosso Senhor dos Passos», Igreja de Santo António, Funchal (Madeira), III, 139; «Milagrosa Imagem do Senhor dos Passos», Tondela<sup>4</sup>, III, 139; «Veneranda imagem do Senhor dos Pas-

<sup>1</sup> Aveiro, cidade distrital da província do Douro.

<sup>2</sup> Extremoz, vila, concelho do distrito de Évora (Alentejo).

<sup>3</sup> Figueira, Figueira da Foz, hoje cidade, do distrito de Coimbra.

<sup>4</sup> Tondela, vila, concelho do distrito de Viseu (Beira Alta).

sos da Graça», de Torres Vedras<sup>1</sup>, III, 140; «Senhor Jesus dos Passos», da Vila da Ericeira<sup>2</sup>, III, 141; «Vera efigie do Senhor Jesus dos Passos de Estremoz», III, 141; «Verdadeira Imagem do Senhor Jesus dos Passos do Desterro» (Lisboa), III, 143; «Senhor dos Passos», Avintes<sup>3</sup>, IV, 6; «Senhor dos Passos» de Lagares<sup>4</sup>, IV, 6; «Senhor Jesus dos Passos», IV, 6; «O Senhor dos Passos», IV, 6; «Senhor dos Passos da Graça», IV, 10; «Verdadeiro Retrato do Senhor Jesus dos Passos da Graça», 2 exemplares diferentes, IV, 21; «O Senhor Jesus dos Passos do Convento de Santa Monica», IV, 21.

**Pastorinha.** — «A Senhora Pastorinha», Lisboa, I, 230.

**Patriarcha.** — Vid. *Jacob* (S.), *Francisco* (S.) e *Francisco de Assis* (S.).

**Patrocínio.** — «Nossa Senhora do Patrocínio», que se venera no Recolhimento da mesma Senhora nas escadas do Codeçal, *R[aimundo] Joaquim da Costa e filha gr(a)v(aram)*. Porto, I, 30; «Nossa Senhora do Patrocínio», I, 232; «Nossa Senhora do Patrocínio», exemplar decorado com lantejoulas, I, 234; «Nossa Senhora do Patrocínio», III, 17; «O Patrocínio de S. Jozé», III, 197; «Senhor Jesus do Patrocínio», Igreja de Nossa Senhora das Mercês, Lisboa (3.<sup>º</sup> Bairro), IV, 4; «Nossa Senhora do Patrocínio», IV, 81.

**Paul.** — Vid. *Paula*.

**Páula.** — Vid. *Francisco de Paula* (S.).

**Paulo (S.).** — «São Paulo», III, 55.

**Paz.** — «Nossa Senhora da Paz», II, 32; «Nossa Senhora da Paz», II, 46; «Nossa Senhora da Paz», «que se venera na caza do lavor das Religiosas Flamengas», *Dias, des(en)o(u)*, (Alcantara, Lisboa, 4.<sup>º</sup> Bairro), IV, 219.

**Pecadores.** — «Senhor Jesus dos Peccadores», IV, 15.

**Pedra.** — «Senhor Jesus sentado sobre a Pedra fria», I, 4; «Senhor Jesus da Pedra», Obidos<sup>5</sup>, I, 6; «Milagrosa Imagem do Senhor da Pedra», que se venera na sua capela á beira-mar de Gulpilhares<sup>6</sup>, I, 132; «Senhor Jesus da Pedra», Obidos, II, 33; «Senhor Jesus da Pedra», Vila Franca do Campo, S. Miguel (Açores), III, 136.

<sup>1</sup> *Torres Vedras*, vila, concelho do distrito de Lisboa.

<sup>2</sup> *Ericeira*, vila no concelho de Mafra (distrito de Lisboa).

<sup>3</sup> *Avintes*, freguesia do concelho de Vila Nova de Gaia (distrito do Pôrto).

<sup>4</sup> *Lagares*, duas povoações com este nome no distrito do Pôrto, uma no de Coimbra.

<sup>5</sup> *Obidos*, vila e concelho do distrito de Leiria.

<sup>6</sup> *Gulpilhares*, concelho de Vila Nova de Gaia (Pôrto).

Na vila de Óbidos existe uma imagem do Senhor da Pedra. O nome não é toponímico, mas provém-lhe, por a etimologia, da qualidade do material. Diz a tradição local ter sido feita por um pastor; quando o costume é aparecer a imagem a uma inocente pastorinha, poetizada pelos Helenos, santificada pelos Católicos, aqui como teve de entrar a força humana é um pastor que se encobre na lenda. A imagem tem o característico da mais rude escultura de selvagens: uma pedra, de calcáreo esverdinhado, foi afeiçoadas levemente em cruz tóscas, e o Crucificado, que o Pastor da lenda talhou em pequeno relevo, é de um barbarismo que só a devocão e a série de milagres, e a fuga da imagem que desaparecia de qualquer capela que não fosse uma ermida junto do sítio do aparecimento primitivo, só isso tudo pode explicar como se conserva no trono do altar-mor de um templo formoso. Data este templo do reinado de D. João V. Aqui se efectua a romaria do Senhor da Pedra, de concorrência de toda a região. Na capela dos Milagres, do lado do Evangelho, fora da capela-mor, há grande quantidade de ex-votos: tranças, mortalhas, véus de noivado, retábulos, membros, seios, etc.

Nos dias 29 a 31 de Maio realizam-se em Miramar, próximo da Granja, festejos em honra de uma imagem do Senhor da Pedra. É a mais curiosa e pitoresca das romarias do Pôrto. As mulheres levam na cabeça o chapéu dos homens; estes cobrem a cabeça com cartolas do papel que tem o feitio de torres com os sinos, a lembrarem numa evocação muito longínqua, e tanto como inconsciente, o *giglio* da festa italiana de Nola (Campania), e os campanários da festa de Santa Rosa em Viterbo. Mulheres aos ranchos, passam cantando, e uma delas conduz a bandeira do grupo. Vid. gravuras de Abreu & C.<sup>a</sup> em *In Mea Villa de Gaya*, Guia Ilustrado do Concelho de Gaya, por António Arroyo, José Fortes ... Porto 1909, figs. 65 e 66.

**Pedro (S.).** — «S. Pedro», *Adrogado da Asma e doenças do Peito, Santos [fez]*, Porto, I, 12; «S. Pedro», I, 13; «Verdadeira effigie de S. Pedro de Alcantara», que se festeja na Egreja de Santa Monica em Lisboa, I, 15; «S. Pedro», que se venera na sua Igreja de Coimbra, 2 exemplares diferentes, I, 127; «S. Pedro», Sernache<sup>1</sup>, 2 exemplares diferentes, I, 188; «S. Pedro de Negles», II, 44; «S. Pedro», exemplar minúsculo, II, 62; «S. Pedro», de Zezere<sup>2</sup>, Nesperal<sup>3</sup>, Sernache dos Alhos, 3 exemplares diferentes, II, 82; «S. Pedro», da freguesia do Nesperal, II, 82; «S. Pedro», da Pousada, freguesia de Sernache dos Alhos, II, 82; «S. Pedro», capela do Castro, freguesia

<sup>1</sup> Sernache dos Alhos, vila, concelho do distrito de Coimbra (Douro).

<sup>2</sup> Zezere, Ferreira do Zezere, vila, concelho do distrito de Santarém (Estremadura).

<sup>3</sup> Nesperal, freguesia no concelho da Certã (distrito de Castelo Branco).

de Ferreira do Zezere, II, 82; «S. Pedro», Figueiró dos Vinhos<sup>1</sup>, II, 98; «S. Pedro de Gonzales, vulgarmente chamado S. Telmo», III, 49; «S. Pedro de Alcantara», III, 59; «S. Pedro», III, 115; «S. Pedro», III, 117; «S. Pedro», III, 122; «Milagrosa Imagem de S. Pedro Dias», Sernache, III, 127; «S. Pedro Clavér», III, 177; «S. Pedro», III, 195; «S. Pedro de Alcantara», III, 196; «S. Pedro Apostolo», III, 199; «S. Pedro», exemplar pequeno, IV, 166; «S. Pedro Apostolo», exemplar pequeno, colorido, IV, 166; «S. Pedro de Moliano», J. C. Silva *inv[enit]*. ou *inv[entou]*. G. F. Machado *sculp[sit]*. ou *sculp[iu]*. IV, 181.

S. Pedro, a 29 de Junho, é o último da série de santos festejados neste mês com capelinhas, descantes, fogos de artifício e balões. Não tem as tradições de S. João, nem o entusiasmo se aproxima nos festejos. Ainda porém conserva este santo o seu prestígio de casamenteiro de moças e viúvas. Queimam-se alcachofras, deitam-se sortes, saltam-se fogueiras, e os ranchos, como o banho sagrado no Ganges, vão fazer ablucções ao ar livre nos tanques e águas correntes, dada a meia noite. São as mesmas orvalhadas do S. João, com os mesmos cantares, no Norte do país:

Orvalhadas, orvalhadas, orvalhadas,  
Viva o rancho das mulheres casadas.

Orvalheiras, orvalheiras, orvalheiras,  
Viva o rancho das mulheres solteiras.

Orvalhudas, orvalhudas, orvalhudas,  
Viva o rancho das mulheres viúvas.

Este santo é advogado de cortadores, cabreiros e pastores.

S. Pedro de Alcântara foi com Fr. Pedrita quem constituiu a primeira comunidade no Convento dos arrábidos, na Serra da Arrábida, fundado em 1542, que D. João de Lancastre edificou com a invocação de Nossa Senhora da Arrábida. Vid. *Nossa Senhora da Arrabida*.

**Pègada.** — «Nossa Senhora da Pègada», Foz d'Arouce<sup>2</sup>, I, 177; «Nossa Senhora da Pègada», Foz d'Arouce, III, 153.

São vulgares os penedos em que se crê existir a pègada de um santo. No Penedo da Moira, em Felgueiras há um sinal desse género, impresso por S. Gonçalo. *Tradições Populares de Portugal*, Leite de Vasconcelos, pp. 93-94. Da Virgem há um pouco dessa crença por toda a parte.

<sup>1</sup> *Figueiró dos Vinhos*, vila, concelho do distrito de Leiria (Estremadura).

<sup>2</sup> *Foz de Arouce*, freguesia no concelho de Lousã (distrito de Coimbra).

**Pena.** — «Nossa Senhora da Pena», 2 exemplares diferentes, um deles tem: venera-se na sua Egreja. Lisboa, 1855. *J. C. S. f(ecit).* ou *f(ez).* I, 38.

A Peninha é no cimo da Serra de Sintra. Apareceu aí uma imagem da Virgem a uma pastorinha muda, a quem deu fala. *Santuário Marian.*, tomo 2, p. 53.

Nossa Senhora da Pêna,  
Senhora tam pequenina:  
Comadre da minha mãe,  
Senhora minha madrinha.

Vid. in *Revista Lusitana*, x, p. 198, quadra n.º 1020 das «Tradições populares e linguagem de Villa Real», de António Gomes Pereira. Vid. em Nossa Senhora da Graça a repetição dos dois versos primeiros, e da rima:

**Penada.** — «Nossa Senhora da Peneda», Arcos de Val de Vez (distrito de Viana do Castelo), I, 158; «Nossa Senhora da Peneda», I, 218; «Nossa Senhora da Peneda», I, 223; «Nossa Senhora da Peneda», I, 230.

Na Serra da Peneda está a imagem de maior devoção no Minho todo. Apareceu, como todos os santos de melhor fé do povo, a uma pastorinha da serra. A pureza de costumes, a porfia heróica do mesmo trabalho sem fim, a vastidão dos campos e das serras em um deserto silencioso, aproximam, na imaginação ingénua do povo, a ideia da Virgem milagrosa, bemfeitora da santidade da pastorinha. E a rapariga, figura de lenda, adquire na tradição foros de Dríada ou Napeia cristã.

A pastorinha da Peneda, a Virgem falou-lhe; e, atirando pelo ar uma varinha que trazia na mão, marcou, onde ela caíu, o sitio em que se edificou o santuário. No alto do Miradouro ergue-se uma cruz de granito, a marcar com sua mole o lugar onde a Virgem apareceu. Assim o crê o povo das romarias, que muito ali acorre. Vid. in *Serões* (2.ª Série), v. pp. 328-329, «A Senhora da Peneda», de João A. Torres.

**Penedo<sup>1</sup>.** — «Senhor Jesus do Penedo», IV, 16.

**Penha.** — «Nossa Senhora da Penha», III, 9; «Nossa Senhora da Penha», IV, 64.

No Monte da Penha ao N. de Guimarães foi edificado em fins do século passado o Santuário da Penha, em honra da Imaculada Conceição de Maria. Vid. *Guimarães e Santa Maria*, de Oliveira Guimarães, p. 25.

<sup>1</sup> É uma invocação similar das Senhoras da Lapa, Lapinha, Pedra, Penha, Rocha, etc.

**Penha de França.** — «Nossa Senhora da Penha de França» I., 35; «Nossa Senhora da Penha de França», 2 exemplares diferentes, I., 77; «Nossa Senhora da Penha de França», um exemplar muito pequeno, I., 152; «Nossa Senhora da Penha de França», 2 exemplares diferentes, II., 41; «Nossa Senhora da Penha de França» Das Sete Fontes<sup>1</sup>, III., 9; «Nossa Senhora da Penha de França», 3 exemplares diferentes, IV., 73; «Nossa Senhora da Penha de França», Matos f(ecit) ou f(ez), IV., 98; «Nossa Senhora da Penha de França», God[inho] f(ecit). ou f(ez)., IV., 98; «Nossa Senhora da Penha de França», IV., 102.

Nossa Senhora da Penha de França foi templo de frades agostinhos. Desde 1599 continuaram a Câmara Municipal e o Senado de Lisboa o voto de ir em procissão à capela desta Senhora, na madrugada de 5 de Agosto. O voto de procissão teve por fim aplacar o contágio da peste em Lisboa. Esta capela está cheia de ex-votos.

*Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., II., 150.

**Pércia.** — «Nossa Senhora da Pércia», Igreja da Graça, Lisboa (1.<sup>º</sup> Bairro), IV., 82.

**Perdidos.** — Vid. «Resgate».

**Perdões.** — «Senhor Jezus dos Perdões», que se venera em Santa Madaléna, Lisboa (1.<sup>º</sup> Bairro), 2 exemplares diferentes, I., 17; «Milagrosa Imagem do Senhor Jesus dos Perdoens», Freguesia da Madalena, Lisboa, III., 105.

Na freguesia de Santa Maria Madalena venerou-se um Senhor Jesus dos Perdões, crucificado; o cravo da mão direita caía-lhe milagrosamente, e expunham-no aos devotos, nas sextas feiras. *Mappa de Portugal*, de J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed. II., p. 141.

**Perseguidos.** — «Bom Jezus dos Perseguidos», III., 3.

**Philomène (Sainte).** — «Sainte Philomène, Vierge et Martyre», Igreja das Religiosas Carmelitas Descalças de Santo Alberto, de Lisboa, III., 32.

**Piedade.** — «Nossa Senhora da Piedade, que se venera na Ribeira de Taboas», I., 27; «Nossa Senhora da Piedade», I., 32; «Nossa Senhora da Piedade», I., 35; «Nossa Senhora da Piedade», I., 72; «Nossa Senhora da Piedade», que se venera na Igreja de S. Thiago (Coimbra), A. Costa estamp(ou), I., 83; «Nossa Senhora da Piedade»,

<sup>1</sup> Sete Fontes, povoações nos concelhos de Pêso da Régua (Vila Rial), S. Pedro do Sul (Viseu) e Vila Verde (Braga).

que se venera em Celas (Coimbra), I, 84; «Nossa Senhora da Piedade, que se venera na Capela d'Afoz do Dão»<sup>1</sup>, *Dôres f(ez) ou f(ecit)*, Coimbra 1845, I, 89; «Nossa Senhora da Piedade e Servo Sebastião Maria», que se venera em Sanfins do Douro<sup>2</sup> (colorido), I, 96; Nossa Senhora da Piedade», 2 exemplares diferentes, um de Tovim de Cima<sup>3</sup>, e outro da Foz do Dão, I, 139; «Nossa Senhora da Piedade», (Coimbra, Junho de 1894), I, 146; «Senhor Jezus da Piedade», e a lapis cidade de Elvas (Alentejo), I, 170; «Nossa Senhora da Piedade», 2 exemplares diferentes, um da Ribeira de Taboas, e outro da Ribeira de S. João, I, 176; «Bom Jesus da Piedade» (Elvas), I, 207; «Nossa Senhora da Piedade» da Merciana, Vid. *Merciana*, I, 217; «Nossa Senhora da Piedade», 2 exemplares diferentes, II, 4; «Nossa Senhora da Piedade», II, 23; «Nossa Senhora da Piedade», exemplar colorido, II, 36; «Nossa Senhora da Piedade», da Merciana, Vid. *Merciana*, exemplares grandes, II, 42, 43; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Piedade», lugar do Ramalho, freguesia de Santa Catarina (concelho de Caldas da Rainha), II, 87; «Nossa Senhora da Piedade», proximo do Castello da Louzan, Louzã, concelho do distrito de Coimbra, exemplar colorido, II, 89; «Nossa Senhora da Piedade», Ribeira de Taboas, II, 97; «Nossa Senhora da Piedade», 2 exemplares diferentes, III, 12; «Nossa Senhora da Piedade», III, 17; «Nossa Senhora da Piedade», Igreja de S. João de Almedina, Coimbra, exemplar colorido, III, 19; «Nossa Senhora da Piedade», Capela em Celas (Coimbra), III, 73; «Nossa Senhora da Piedade», Celas, III, 74; «Nossa Senhora da Piedade», Sé Velha de Coimbra, III, 82; «Nossa Senhora da Piedade», Celas (Coimbra), III, 83; «Bom Jesus da Piedade», Elvas, III, 88; «Veras efígies do Santíssimo Rei Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Piedade», exemplar duplo, Claustros da Basílica de Santa Maria Maior, III, 108; «Nossa Senhora da Piedade», Convento de Santa Joana (Aveiro), III, 147; «Nossa Senhora da Piedade», Loulé (Algarve), III, 165; «Nossa Senhora da Piedade», Ermida de S. João em frente do Castelo da Louzan, exemplar grande colorido a 2 cores, III, 172; «Senhor Bom Jesus da Piedade», Estremoz (Alentejo), IV, 15; «Nossa Senhora da Piedade», 3 exemplares diferentes, IV, 74; «Nossa Senhora da Piedade», 2 exemplares diferentes um deles sem

<sup>1</sup> *Foz Dão*, povoação na freguesia de Ovoa, concelho de Santa Comba Dão (Viseu).

<sup>2</sup> *Sanfins do Douro*, freguesia no concelho de Alijó (distrito de Vila Real).

<sup>3</sup> *Tovim de Cima*, freguesia de Santo António dos Olivais (Coimbra).

designação, IV, 81; «Nossa Senhora da Piedade», da Povo<sup>a</sup>, IV, 86; «Nossa Senhora da Piedade», IV, 95; «Nossa Senhora da Piedade, *Mater do Loroza*», IV, 97; «Nossa Senhora da Piedade», do Carmo, IV, 97; «Nossa Senhora da Piedade», de S. Paulo, *Carpinetti sc(ulpsit). Lisboa 1760*, IV, 102; «Nossa Senhora da Piedade», 4 exemplares diferentes, IV, 109; «Nossa Senhora da Piedade», q̄ se venera no Convento dos Agostinhos descalços de Santarem» (Estremadura), *Macphail lith(ographou)*, IV, 222.

**Pilar.**—«Nossa Senhora do Pilar, que se venera na Igreja da Cerra» (Serra do Pilar, Porto), I, 36; «Nossa Senhora do Pilar», que se venera no Monte da Serra, I, 43; «Senhora do Pilar» *Santos [fez]. Porto*, I, 56: «Nossa Senhora do Pilar», S. Vicente de Fóra, 2 exemplares diferentes sendo um colorido (Lisboa), II, 38; «Nossa Senhora do Pilar», II, 49; «Nossa Senhora do Pilar», 2 exemplares diferentes, 1 colorido, III, 15; «Vera efigie da Senhora do Pilar», S. Vicente, III, 17; «Nossa Senhora do Pilar», Horta (Açores), III, 151.

**Pobres (Pai dos).**—«Senhor Jesus Pai dos Pobres», I, 2.

**Ponta do Caes.**—«Nossa Senhora da Conceição da Ponta do Caes de Setubal», 2 exemplares diferentes, II, 48.

**Populo.**—«Nossa Senhora do Populo», da Conceição Velha (Lisboa), I, 149; «Nossa Senhora do Populo do Convento da Boa Viamgem», *God(inh.)º f(ecit) ou f(ez)*. Alcantara (Lisboa), IV, 109.

**Porta.**—«Senhora da Porta», de Santa Cruz de Coimbra, 2 exemplares diferentes, III, 16.

**Porta Aberta.**—«S. Bento da Porta Aberta», que se venera na Freguesia de Rio Caldo (suburbios do Gerês), 1 exemplar colorido, 4 exemplares differentes, I, 59.

**Porto.**—«Nossa Senhora do Porto», *Moraes f[ez]*, I, 30.

**Porto d'Ave<sup>2</sup>.**—«Nossa Senhora do Porto do Ave», 2 exemplares diferentes, I, 217; «Nossa Senhora do Porto d'Ave» (exemplar grande), I, 227.

**Porto Salvo.**—«Nossa Senhora do Porto Salvo», Advogada dos Navegantes, IV, 98.

**Povoa.**—«Nossa Senhora da Povoa», q̄ se venera no Fundo da Serra de (Ossa?), exemplar colorido, IV, 86; «Nossa Senhora da Piedade da Povoa», *Carv(ah.)º f(ecit) ou f(ez). Lx.<sup>a</sup>*, IV, 86.

<sup>1</sup> *Povoa*, há muitas povoações com este nome.

<sup>2</sup> Este santuário fica na freguesia de Tailde, do concelho da Póvoa de Lanhoso, no Minho, e a romaria em Julho é uma das mais concorridas da província.

**Práia.** — «Nossa Senhora da Praia», Protectora de Vila Nova da Praia das Maçãs (Sintra), exemplar azul, III, 167.

**Pranto.** — «Nossa Senhora do Pranto», que se venera na freguesia de Salto<sup>1</sup>, I, 93; «Imagen de Nossa Senhora do Pranto», Anção<sup>2</sup>, I, 155; «Nossa Senhora do Pranto», Vila de Dornes<sup>3</sup>, II, 47; «Nossa Senhora do Pranto», Dornes, II, 97; «Nossa Senhora do Pranto», Miranda do Corvo<sup>4</sup>, II, 97<sup>5</sup>; «Nossa Senhora do Pranto», *Carvalho*<sup>6</sup>. *f(ecit)* ou *f(ez)*, *Lx.*<sup>7</sup>, IV, 74.

**Prazeres.** — «Nossa Senhora dos Prazeres», Ermida do Cemiterio dos Prazeres (Lisboa, 4.<sup>o</sup> Bairro), 2 exemplares diferentes, II, 60.

**Preces.** — «Nossa Senhora das Preces», que se venera em Vale de Maceira, freguesia de Aldeia das Dez<sup>8</sup> (Coimbra, Abril de 1902), I, 145; «Nossa Senhora das Preces», de Vale de Maceira, freguesia de Aldeia das Dez, II, 71; «Nossa Senhora das Preces», Freguesia de Aldeia das Dez, exemplar grande, III, 153.

**Preso.** — «O Senhor Preso», IV, 18.

**Propheta ou Profeta.** — Vid. *Elias (S.)* e *Daniel (S.)*.

**Providencia.** — «Nossa Senhora da Divina Providencia», *Santos f(ecit) ou f(ez), Porto*, I, 31; «Nossa Senhora da Divina Providencia», que se venera em Lisboa, I, 81; «Nossa Senhora da Divina Providencia», 2 exemplares diferentes, Igreja dos Caetanos de Lisboa (2.<sup>o</sup> Bairro), III, 130; «Nossa Senhora da Divina Providencia», IV, 86.

**Pulinaria (Santa).** — «Santa Pulinaria», III, 32.

Vid. *Apendice*.

**Pulqueria (Santa).** — «Santa Pulqueria», III, 44.

**Purificação.** — «Nossa Senhora da Purificação», IV, 75; «Nossa Senhora da Purificação», IV, 94.

**Quietação.** — «Nossa Senhora da Quietação», Igreja das Flamas ao Calvario (Lisboa, 4.<sup>o</sup> Bairro), III, 112.

**Quintino (S.).** — «S. Quintino, Glorioso Martir, Advogado da Cabeça, e dos Ovidos, q se venera na Igreja Parochial de Nossa Senhora da Piedade junto ao Sobral de Monte-Agraço<sup>7</sup>», IV, 174.

<sup>1</sup> Salto, freguesia no concelho de Montalegre (distrito de Vila Rial), e povoação nos de Amarante (distrito do Pôrto) e Cartro Verde (distrito de Beja).

<sup>2</sup> Anção, vila, concelho do distrito de Leiria (Estremadura).

<sup>3</sup> Dornes, vila no concelho de Ferreira do Zêzere (distrito de Santarém).

<sup>4</sup> Miranda do Corvo, vila, concelho do distrito de Coimbra (Douro).

<sup>5</sup> «Sendo mordomo Manuel Fernandes Cosme no anno de 1882 a 1883».

<sup>6</sup> Aldeia das Dez, no concelho de Oliveira do Hospital (Coimbra).

<sup>7</sup> Sobral de Monte Agraço, concelho e vila do distrito de Lisboa.

**Quiteria (Santa).** — «Santa Quiteria V. et M.», 2 exemplares diferentes, um deles com: *Francisco de Lucena Soc. S. del(ineavit) et sculp(sit)*, *Lisboa*, I, 45; «Santa Quiteria V. M. com 8 irmans portuguezas». Advogada contra cães danados, 4 exemplares, iguais dois a dois, 2 da veneração na Real Capela de Meca<sup>1</sup>, I, 45; «Santa Quiteria V. M.», *Santos f(ecit) ou f(ez)*, *Porto*, I, 49; «Santa Quiteria» Salgueiral do Pombeiro<sup>2</sup>, I, 156; «Santa Quiteria», Monte Pombeiro, 2 exemplares diferentes, I, 220; «Santa Quiteria», Espozende<sup>3</sup>, II, 90; «Santa Quiteria com 8 irmans», exemplar minúsculo, III, 30; «Santa Quiteria, com 8 irmans», *Roiz gr(avou)*, III, 43; «Santa Quiteria com 8 irmans portuguêses», III, 43; «Santa Quiteria, com 8 irmans», Real Capela de Meca, 2 exemplares diferentes, III, 98.

Santa Quitéria ou Guitéria, advogada contra cães danados, foi martirizada junto de Toledo a 22 de Maio. Degolada levou a cabeça nas mãos, por duas léguas, até Marquelizza onde foi sepultada na ermida de S. Pedro. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed., II, p. 88.

*Vida e martyrio da insigne virgem, e martyr prodigiosa Santa Quiteria, Serenissima Infante de Portugal*: do Dr. Fr. Bento da Ascenção, Lisboa, 1722.

**Rafael (S.).** — Vid. *Raphael*.

**Raimundo (S.).** — «S. Raimundo Nommato», III, 26.

**Rainha.** — «Maria Santissima Rainha das Virgens, e Santa Filomena», exemplar colorido, III, 101.

**Raphael (S.).** — «O Anjo S. Raphael», *Santos f(ez) ou f(ecit)*, *Porto*, II, 45; «S. Rafael», exemplar minúsculo, II, 79; «S. Rafael», exemplar minúsculo, IV, 166; «S. Rafael», IV, 167; «S. Raphael Archanjo», IV, 172; «S. Rafael», IV, 178; «S. Raphael Archanjo», IV, 180; «Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, Iehudiel, Barachiel» (arcangos), IV, 180.

**Redempção.** — «Senhor Jesus da Redempção e Virgem Dolorosa», litografia de *Dias da Costa*, III, 131.

**Refugio.** — «Nossa Senhora do Refugio», Covilhã (Beira Baixa), II, 91; «Nossa Senhora de Refugio», III, 18.

**Refugium Peccatorum.** — *Refugium Peccatorum*, I, 45.

<sup>1</sup> *Meca*, freguesia no concelho de Alenquer (distrito de Lisboa).

<sup>2</sup> *Pombeiro*, vila, no concelho de Arganil (distrito de Coimbra).

<sup>3</sup> *Espozende*, vila, cabeça de concelho do distrito de Braga.

**Regina.** — «*Regina Martyrum*», *Silva delin(eavit)*. *Carvalho sculps(it.)*, III, 24; «*Regina Martyrum*», III, 41; «*Regina Martyrum*», IV, 70.

**Rei.** — «Veras efígies do SS. Rei Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Piedade», Claustros da Basílica de Santa Maria Maior, exemplar duplo, anno de 1817, III, 108. Vid. *Rej.*

**Reis.** — «Os Santos Reis», 2 exemplares diferentes, I, 61; «Os Santos Reis, adorando o Menino Jesus», 2 exemplares diferentes, um colorido, III, 21.

O dia de Reis, 6 de Janeiro, marca o termo das festas do Natal. O menino Jesus já aparece, nas igrejas, de pé. Lá fora o povo, na rua, *canta os Reis*. Este costume de pedir, cantando, vem de muito longe, e já Gil Vicente se refere às Janeiras, que são no dia 1. No norte é no dia 6 e na noite de 5, que o povo anda em grupos de porta em porta a cantar quadras laudatórias aos moradores.

Quem diremos nós que viva...

é o verso obrigatório da entrada na quadra, em que a veia poética foge da feição idílica para a *loa* ou *pedinte* trovadoresca, cheia de improvisos e de facécias. A sublinha irônica surge quando o morador não dá os Reis aos cantadores, que, uma a uma, vão elogiando em cada quadra todas as prendas das pessoas da casa.

Em Lisboa o dia de Reis tem a especialidade culinária do velho *Bolo Rei*, como em Trás-os-Montes o folar na Páscoa, e as amêndoas por toda a parte.

**Rej.** — «Santissimo Rej Salvador», a sua Verdadeira Imagem, no Convento do Salvador, em Lisboa, III, 26.

Vid. *Apendice*.

**Reliquias.** — «Nossa Senhora das Reliquias», Convento do Carmo, Vidigueira<sup>1</sup>, *P. Graça (fez)*, III, 114; «Nossa Senhora das Reliquias», Villa da Vidigueira, Convento do Carmo, IV, 75.

**Remedio.** — «Nossa Senhora do Remedio e Amparo», *Foutes F(ez), 1831*, IV, 86.

**Remedios.** — «Nossa Senhora dos Remedios», 2 imagens diferentes, I, 22; «Senhora dos Remedios», I, 35; «Nossa Senhora dos Remedios», que se venera na sua Capela do Arieiro (Lisboa), I, 89; «Nossa Senhora dos Remedios», *Miguel da Costa des(enh)ou 1881*, A. *Costa estamp(ou)*, Coimbra, I, 98; «Senhor Jezus dos Remedios e Nossa Senhora das Dóres», que se venera em Celas (Coimbra),

<sup>1</sup> Vidigueira, concelho do distrito de Beja (Baixo Alentejo).

*Miguel Costa (fez)*, 2 exemplares diferentes, 1 colorido, I, 110; «O Senhor dos Remedios e Nossa Senhora do Terço», que se venera na sua Capela do lugar de Celas, *Dôres f(ez)*, Coimbra 1846, I, 122; «Nossa Senhora dos Remedios», que se venera na Egreja parochial do Sámão<sup>1</sup>, I, 142; «Nossa Senhora dos Remedios», Lamego<sup>2</sup>, *Raimundo Joaquim da Costa grav(ou)*, Porto, II, 28; «Nossa Senhora dos Remedios», 2 exemplares diferentes, um deles assinado: *Ventura (da) S(ilv)a inv(enit) ou inv(entou)*, Santos *exc(ulpsit) ou exc(ulpi)*, II, 29; «Nossa Senhora dos Remedios», exemplar minúsculo, II, 62; «Nossa Senhora dos Remedios», II, 64; «Senhor Jesus dos Remedios», Celas, exemplar colorido, *Lith(ographou) Adelino Costa*, Coimbra 1880, III, 91; «O Senhor dos Remedios e Nossa Senhora do Terço», Coimbra 1843, Celas, III, 91; «Nossa Senhora dos Remedios», Lamego, exemplar grande, fotografado, III, 154; «Nossa Senhora dos Remedios», Certan<sup>3</sup>, exemplar fotografado, grande, III, 184; «Nossa Senhora dos Remedios», exemplares reduzidos, um deles colorido, IV, 53; «Nossa Senhora dos Remedios das Religiosas da Santissima Trindade de Campolide» (Lisboa), *I. B. Dourneau f(ecit)*, IV, 64; «Nossa Senhora dos Remédios», exemplar minúsculo, IV, 65; «Nossa Senhora dos Remedios», IV, 75; «Nossa Senhora dos Remedios dos Navegantes», IV, 75; «O divino Espírito Santo e Nossa Senhora dos Remedios», ermida no Terreiro do Trigo, Lisboa, IV, 108; «Nossa Senhora dos Remedios», q̄ se venera na Real Capela junto á cidade de Lamego, IV, 218.

Do alto do Marão descobrem-se de junto da capela de Nossa Senhora da Serra seis capelas, em largo trato. Diz o povo que são as sete irmãs. São: Nossa Senhora dos Remédios (Lamego), Nossa Senhora da Saúde (Vilar de Massada), Nossa Senhora do Viso (Santa Marta de Penaguião), Nossa Senhora da Graça (Mondim de Basto), Nossa Senhora da Aparecida (Lousada) e Nossa Senhora da Moreira (Travanca).

Aleandorada nas ribas agrestes de Peniche, há uma capela em que se invoca Nossa Senhora dos Remédios. Em Agosto, Setembro e Outubro fazem-se grandes romarias, vão lá numerosos círios que levam muito povo. Em Lamego festeja-se anualmente com uma ro-maria, muito esperada em toda a baixa província de Trás-os-Montes e alto distrito de Viseu, a Senhora dos Remédios de um magnífico santuário.

<sup>1</sup> *Sámão*, freguesia no concelho de Cabeceiras de Basto (distrito de Braga).

<sup>2</sup> *Lamego*, cidade do distrito de Viseu (Beira Alta).

<sup>3</sup> *Sertã*, vila do distrito de Castelo Branco (Beira Baixa).

Em Vila Rial cantam-se estas trovas:

Ó Senhora dos Remédios,  
Dos Remédios de Lamego...

A Senhora dos Remédios  
Tem o remédio na mão...

n.<sup>os</sup> 1031 e 1032 da *Revista Lusitana*, x, p. 196; e mais estas:

Senhora dos Remédios,  
Vinde abaixo, dai-me a mão;  
Sou romeiro novo  
Abafo do coração.

\*

Senhora dos Remédios  
Vai pelo Douro acima...

*Revista Lusitana*, ix, p. 247, trovas 100 e 119, das *Tradições populares e linguagem de Villa Real*, de António Gomes Pereira.

**Remedio dos Navegantes.** — «Nossa Senhora dos Remedios dos Navegantes», iv, 75.

**Resgate.** — «Nossa Senhora do Resgate das Almas e o Senhor Jesus dos Perdidos», que se venera na sua Ermida na freguesia dos Anjos (Lisboa), 2 exemplares diferentes, i, 55; «Nossa Senhora das Dores e Resgate», freguesia de Santa Catarina, de Lisboa, ii, 32; «Nossa Senhora do Resgate», iii, 16; «Nossa Senhora do Resgate das Almas e o Senhor Jesus dos Perdidos», iv, 63; «Nossa Senhora do Resgate das Almas e o Senhor Jesus dos Perdidos, Ermida no distrito da freguesia dos Anjos», Quinto f(ez) ou f(ecit), iv, 82; «Nossa Senhora do Resgate e o Senhor Jezus dos Perd(id)os», 2 exemplares iguais de desenho, mas um colorido, iv, 88.

No Convento da Santíssima Trindade, em Lisboa, era venerada uma imagem do Senhor Jesus do Resgate. *Mappa de Portugal*, J. Bautista de Castro, 3.<sup>a</sup> ed. ii, p. 140.

**Ressurreição.** — «Senhor Jezus da Ressurreição», Lisboa, i, 164.

**Restello.** — «Nossa Senhora do Restello», que se venera na egreja da Conceição Velha (Lisboa), i, 151; «Nossa Senhora do Restello», que se venera na Egreja da Conceição Velha, em Lisboa. Este exemplar tem a seguinte nota curiosa:

«Foi deante d'esta imagem que Vasco da Gama e os seus compa-nheiros ouviram missa, na sexta-feira, 7 de Julho de 1497, na vespera da partida para a primeira viagem da India. Esta Imagem es-tava então na sua ermida, em Belem, mandada edificar pelo Infante»

«D. Henrique e por elle doada à Ordem de Christo. Quando começou a edificação do Convento dos Jeronimos a Imagem foi levada em procissão, pelo rio, para o templo aonde hoje se encontra e que pertenceu aos Freiros da mesma Ordem de Christo», I, 152;

«Nossa Senhora do Restello», Mosteiro dos Jeronimos, Belem, «venerada pela primeira vez no dia 12 de Outubro de 1890», 2 exemplares diferentes um colorido (monocromico), III, 111.

**Ribeira.** — «Santa Cruz da Ribeira», exemplar colorido, I, 58.

**Rita (Santa).** — «Santa Rita de Cassia», *Vencedora de impossíveis e advogada de terramotos*, (exemplar colorido), I, 48; «Santa Rita de Cassia», 2 exemplares diferentes, II, 38; «Santa Rita», exemplar minúsculo, II, 62; «Santa Rita de Cassia», Convento de S. João Novo da Cidade do Pórtico, III, 32; «Santa Rita de Cassia», *P. f(ez)*, III, 32; «Santa Rita de Cassia», 2 exemplares diferentes, III, 36; «Santa Rita de Cassia», 2 exemplares diferentes, um deles de *Carpinetti*, III, 41; «Santa Rita de Cassia», S. Julião, Lisboa, 2 exemplares diferentes, III, 156; «Santa Rita de Cassia», IV, 132.

**Rocha.** — «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha», *Carr(ah).º f(ecit) ou f(ez)*, I, 39; «Verdadeiro Retrato da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha», *Carv(alh).º f(ecit) ou f(ez)*, I, 39; «Nossa Senhora da Rocha», 5 exemplares diferentes, II, 39; «Nossa Senhora da Rocha», II, 44; «Imagen de Nossa Senhora da Conceição da Rocha», exemplar minúsculo, II, 62; «Nossa Senhora da Conceição da Rocha», exemplar colorido, III, 11; «Nossa Senhora da Conceição da Rocha», 4 exemplares diferentes, um deles assinado: *Fontes a f(ez)*, III, 15; «Vera efígie da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha», (D. Miguel I visita a Senhora da Rocha), *Fontes Gr(arou)*, III, 132; «Vera efígie (ou verdadeiro retrato) da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Rocha», 4 exemplares diferentes coloridos, um assinado: *Carv(alh).º f(ecit) ou f(ez)*, IV, 61; «Nossa Senhora da Conceição da Rocha», 2 exemplares grandes, 1 exemplar minúsculo, IV, 65; «Nossa Senhora da Conceição da Rocha», exemplar dourado e recortado, IV, 79; «Verdadeiro Retrato da Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha», IV, 93; «Verdadeira Imagem da Milagrosa Senhora da Conceição da Rocha», *Carvalho f(ecit) ou f(ez)*, IV, 96; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Conceição (da Rocha)», IV, 96; «Nossa Senhora da Conceição da Rocha», IV, 101.

As festas da Senhora de Carnaxide, porque são às portas de Lisboa, e pelo culto de veneração singular que na capital sempre

teve, desde as derradeiras camadas do povo até gerarquias reaes, aparecem hoje nas colecções de *registro de santos* com a mais variada e numerosa representação, quer em qualidade, quer em quantidade.

Desta Imagem e seus milagres falou o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, in *O Archeologo Português*, I, 182, e II, 241; a elas me referi no meu estudo dos *milagres* ou retábulos, comemorativos e gratulatórios, da colecção do Museu Etnológico Português, in *O Arch. Port.*, XIX, pag. 152 e sgs.

O aparecimento de imagem da Virgem, que a lenda regista, efectua-se, por via de regra, no misterio húmido e recatado das grutas ou próximo delas sobre os penhascos. O descampado absorve a imaginação; e as grutas, lapas, lapinhas, furnas, etc., prendem o espírito simples à sugestão pagã do sobrenatural.

Assim, desde os primeiros tempos dos milagres, os Cristãos ligaram às fendas abertas no seio da natureza a poesia mitológica que levou os cadáveres prehistóricos ao silêncio secreto, cheio de suposições, das cavernas.

Não é crível, sobretudo pelo cuidado especial havido com as cavidades naturais ou artificiais, e em virtude do culto dos mortos, que as cavernas recolhessem os cadáveres, só porque eram fendas e fácil a inumação.

Ainda no século passado a fé cristã fez aparecer em Lourdes a própria Virgem aos olhos espantados da pastorinha Bernadette. Na presente colecção de *registos*, muitas são as Senhoras, cujas imagens apareceram milagrosamente em grutas. Percorra-se a série, e descobrir-se hão pelos nomes de invocação, o que constitui um dos casos de nomenclatura religiosa, já estudado: Lapa, Lapinha, Peneda, Penedo, Penha; — ou Senhora da Aparecida, da Arrábida, do Cabo, várias Senhoras da Serra, em que há mais ou menos nítida informação corográfica, e em que a lenda se liga a covas e cavernas.

A gruta onde a lenda colocou a aparição da imagem de Nossa Senhora da Rocha de Carnaxide, perto de Lisboa, é reconhecidamente um retiro funerário prehistórico. Vid. estudo, apontado já, do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos.

\*

Bibliografia: além dos artigos apontados, há estes folhetos, que constam do artigo do Sr. Dr. Leite de Vasconcelos:

— Descrição de um prodígio raro e descoberto em huma lapa, Lisboa 1822.

— Memoria de uma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822, Lisboa 1822.

— Narração da descoberta da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Rocha . . . com a descrição do que se tem passado até 29 de Agosto de 1824 em que na cidade do Porto se colocou huma cópia da mesma milagrosa imagem, etc., Porto 1824.

— História narrativa de uma lapa descoberta no dia 28 de Maio de 1822 na ribeira de Jamor, freguesia de Carnaxide, e os mais acontecimentos que depois se lhe seguiram até o dia de hoje, Lisboa 1885.

—Continuação da Memória sobre os acontecimentos da Ribeira de Jamor.

Alguns dos *registos* dão informação do prodígio do encontro da imagem, e completam-na com as datas que andam ligadas ao culto dela.

**Roche (S.).** —Vid. *S. Roque e Apendice*.

**Rochus (S.).** —Vid. *S. Roque e Apendice*.

*S. Rochus Confessor. Patronus contra pestem; Manuel Freire esc(ulpit) em Lisboa*, II, 66.

**Romão (S.).** —«*S. Romão*», 2 exemplares diferentes, I, 100; «*S. Romão*», I, 125, «*S. Romão*» II, 61; «*S. Romão*», *Dores f(ez)*, 1864, III, 120; «*S. Romão*», III, 200.

**Roque (S.).** —«*S. Roque*», *Santos f(ecit) ou f(ez)*, Porto, I, 8; «*S. Roque*», Advogado contra a peste, q(ue) se venera na sua Egreja e Caza de Misericordia desta Corte, 1841, I, 8; «*S. Roque*», I, 63; «*S. Roque*», Advogado das febres e malignas que se venera na sua capela do Souto<sup>1</sup>, I, 63; «*S. Roque*», II, 59; «*S. Roque*», que se venera na sua Igreja e Casa da Misericordia desta Corte, *Manuel Freire esc(ulpit) em Lisboa*, II, 66; «Vid. *Rochus*», II, 66; «*S. Roque*», 2 exemplares diferentes, *J(oa)q, C(arneiro) (da) S(ilva) em 1860 um, e 1870 o outro*, III, 58; «*S. Roque*», Igreja da Santa Casa da Misericordia, Lisboa, III, 180; «*S. Roque*», 2 exemplares diferentes, sem designação, III, 198; «*S. Roque*», exemplar pequeno, IV, 166; «*S. Roche*, adevogado da peste», 2 exemplares diferentes, IV, 178.

S. Roque tem pelo país muitas imagens rodeadas de grande devoção. Cura chagas, lepra, como S. Lázaro, livra da peste como S. Sebastião. Em Santo António do Tojal há uma destas imagens: diz Bautista de Castro no *Mappa de Portugal*, 3.<sup>a</sup> ed. II, pag. 157, que foi a segunda dêste santo; o povo das vizinhanças chama-lhe o «seu médico». Junto da ermida há ablucções em um poço de virtudes tópicas, onde se salvam da doença as crianças atacadas de ozagre.

**Rosa (Santa).** —«*Santa Rosa*», exemplar minúsculo, II, 62; «*Santa Rosa de Santa Maria*», III, 34.

**Rosa de Santa Maria (Santa).** —«*Santa Rosa de Santa Maria*», III, 34.

**Rosa de Lima (Santa).** —«*Santa Roza de Lima*», III, 32.

Igreja e convento de Santa Rosa de Lima, em Guimarães. Vid. *Archeologia Christã*, Albano Bellino, p. 200.

<sup>1</sup> *Souto*: há muitas povoações com este nome.

**Rosa de Viterbo (Santa).** — «Santa Roza de Viterbo», III, 44; «Santa Roza de Viterbo», *Santos f(ecit) ou f(ez)*, *Porto*, III, 46.

**Rosario.** — «Nossa Senhora do Rozario», I, 23; «Rainha do Céo do SS. Rosario», *Santos (fez)*, *Porto*, I, 30; «Nossa Senhora do Rozario», um exemplar minúsculo, I, 152; «Nossa Senhora do Rosario», *Fontes Gr(avou) em 1831*, I, 230; «Nossa Senhora do Rozario», 2 exemplares diferentes, I, 231; «Nossa Senhora do Rozario», II, 32; «Nossa Senhora do Rozario», do Barreiro<sup>1</sup>, exemplar minúsculo, II, 36; «Nossa Senhora do Rozario», II, 37; «Nossa Senhora do Rozario», II, 50; «Nossa Senhora do Rozario», da Vila do Barreiro, 2 exemplares diferentes, III, 13; «Nossa Senhora do Rosario», Tava-rede<sup>2</sup>, *Dores f(ez)*, 1863, III, 72; «Vera effigies de Nossa Senhora do Rozario», da vila do Barreiro, IV, 63; «Nossa Senhora do Rozario», IV, 64; «Nossa Senhora do Rozario», exemplar minúsculo, IV, 65; «Nossa Senhora do Rozario», 3 exemplares diferentes, IV, 76; «Nossa Senhora do Rosario», IV, 76; «Nossa Senhora do Rozario», IV, 77; «Vera effigies de Nossa Senhora do Rozario», IV, 77; «Vera effigies de Nossa Senhora do Rozario», da Vila do Barreiro, IV, 79; «Nossa Senhora do Rozario», IV, 79; «Nossa Senhora do Rozario», da Vila do Barreiro, IV, 81; «Nossa Senhora do Rosario», 2 exemplares diferentes, IV, 102; «Vera effigies de Nossa Senhora do Rozario», da Vila do Barreiro, *Mattos delin(eou) | Cardini Escul(più)*, IV, 107.

Diz o Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, nas *Tradições populares de Portugal*, a p. 118, que em Rêsende as noivas, no dia do casamento, vão levar ao altar da Virgem do Rosário um curioso voto propiciatório, que é constituído pelo oferecimento de um ramo de flores espelhado em uma laranja ou em uma maçã, coberto por um lenço branco dobrado. A ligação das flores e da laranjeira faz crer que seja uma variante do costume nupcial da flor de laranjeira, símbolo de virgindade pela sua pureza.

**Roxas.** — Vid. *Simão (S.)*.

**Rozario.** — Vid. *Rosario*.

**Sabina (Santa).** — «Santa Sabina», *C(arvalho) f(ecit) ou f(ez)*, IV, 135.

**Sabino (S.).** — «S. Sabino», Convento de Jesus<sup>3</sup>, III, 55.

<sup>1</sup> *Barreiro*, concelho do distrito de Lisboa, na Estremadura Transtagana.

<sup>2</sup> *Tavarede*, concelho e freguesia da Figueira da Foz (distrito de Coimbra).

<sup>3</sup> Hoje é sede da Academia de Ciências de Lisboa, e Faculdade de Letras da Universidade (3.<sup>º</sup> Bairro).

**Sacramentado.** — «Amantissimo Jesus Sacramentado», 2 exemplares, um negro, outro esverdeado, *Carpinetti f(ecit) ou f(ez)*, III, 6.

**Sacramento.** — Sem designação, I, 197; «Santissimo Sacramento», III, 7; «Santissimo Sacramento», 4 exemplares, um deles colorido, datado de Lisboa 1855, e outro assinado por *Fontes F(ez)*, III, 8; «Santissimo Sacramento», 3 exemplares diferentes, IV, 18; «Santissimo Sacramento», 4 exemplares diferentes, um assinado por *Correa* outro por *Carvalho*, IV, 19.

Em casas de Lisboa, aparecem nos registos dos azulejos das fachadas representações do Santíssimo Sacramento, adorado por dois anjos. Vid. *Ceramica Portuguesa*, de José Queirós, p. 231.

**Salas.** — «Nossa Senhora das Salas», exemplar pequeno, IV, 64.

**Salette.** — «Nossa Senhora de la Salette», [Sua apparição a dous pastorinhos na Montanha d'este titulo no dia 19 de Setembro de 1846], *R(aymundo). J(oaquim) da Costa e filha gr(a)v(aram), Porto*, I, 33; «Nossa Senhora de la Salette», venera-se em Paranhos (Porto), 2 exemplares diferentes, um deles tem *A. Costa estamp(ou)*, I, 76; «Nossa Senhora de la Salette», venera-se em Lisboa, 2 exemplares diferentes, um deles com *D(ia). da Costa lith(ographou)*, I, 78; «Nossa Senhora de la Salette», Convento de S. Silvestre, Lisboa, litografia de *Dias da Costa*, III, 80; «Nossa Senhora de la Salette», *R. J. da Costa e filha grv. Porto*, IV, 52.

**Salles.** — Vid. *Francisco de Salles (S.)*.

**Salvação.** — «Nossa Senhora da Salvação», 2 exemplares diferentes, I, 221; «Senhor Jesus da Salvação», III, 1; «Nossa Senhora da Salvação», vila da Arruda<sup>1</sup>, III, 11; «Nossa Senhora da Salvação», III, 77; «Nossa Senhora da Salvação», Arganil<sup>2</sup>, III, 130; «Senhor Jesus da Salvação e Aflicção», *G(odinho), f(ecit) ou f(ez)*. Lisboa, IV, 3; «Nossa Senhora da Salvação», Convento de Santa Catharina de Ribamar<sup>3</sup>, *Carp(inetti) f(ecit) ou (fez)*, IV, 61; «Nossa Senhora da Salvação» da Arruda, IV, 77.

**Salvador.** — «Nossa Senhora do Salvador», 2 exemplares diferentes, II, 2; «Nossa Senhora de S. Salvador», *M(iguel) Costa (fez)*, II, 21; «Nossa Senhora de S. Salvador», S. Salvador, Coimbra, II, 70; «Nossa Senhora do Salvador», 2 exemplares diferentes, III, 80;

<sup>1</sup> *Arruda [dos Vinhos]*, vila no concelho de Sobral de Monte Agraço (distrito de Lisboa, Estremadura Transtagana).

<sup>2</sup> *Arganil*, concelho do distrito de Coimbra.

<sup>3</sup> *Ribamar*, concelho da Lourinhã, ou de Matra.

«Veras effigies do SS. Rei Salvador do Mundo, e Nossa Senhora da Piedade», exemplar duplo, claustros da Basilica de Santa Maria Maior, «anno de 1817», III, 108.

**Sameiro.** — «Imagen da Immaculada Conceição do Monte Sameiro», *Nogueira (fez)*, I, 42; «Monumento da Immaculada Conceição do Monte Sameiro», *Potte gr(a)v(ou)*, Braga, I, 42; «Imaculada Conceição do Monte Sameiro», I, 67.

Esta imagem de Nossa Senhora da Conceição, do monumento do Sameiro, foi colocada em 1886, em substituição da primeira que um raio tinha derrubado em 1883. *Guimarães e Santa Maria*, de Oliveira Guimarães, pp. 47-48.

**Santa Cruz.** — «Milagroza Santa Cruz», freguesia de Lijó<sup>1</sup>, III, 106.

**Santiago.** — «Santiago da Conega»<sup>2</sup>, *Ventura da S(ilva) inv(enit)* ou *inv(entou)*. *Santos exc(ulpsit) ou exc(ulpiu)*, I, 216. Vid. *S. Tiago*.

**Saturnino (S.).** — «Imagen de S. Saturnino Bispo de Potoza», Ermdia da Serra de Sintra, *Carpinetti f(ecit) ou f(ez)*, 1766, III, 193.

**Saude.** — «Milagrosa imagem do Senhor Bom Jesus da Saude», venera-se no campo das carvalheiras em Braga, formato grande e cercadura dourada, *Sequeira dez(enhau)*, *J(oaquim) C(arneiro) (da) S(ilva) f(e)c(it)*, 1864, I, 20; «Nossa Senhora da Saude», 2 exemplares diferentes, que se veneram na sua egreja à Mouraria, Lisboa, I, 34; «Nossa Senhora da Saude», venera-se na freguesia de S. Faustino de Guinfaens no concelho da Maia<sup>3</sup>, *Costa gr(a)v(ou)*, Porto, I, 34; «Nossa Senhora da Saude», I, 34; «Nossa Senhora da Saude», que se venera na Igreja do Botho<sup>4</sup> (*Dores f(ecit) ou f(ez)*, 1894), I, 82; «Nossa Senhora da Saude», que se venera em Povoa de Varzim<sup>5</sup>, I, 94; «Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Saude», que se venera em S. Pedro de Agostem<sup>6</sup>, colorido, I, 97; «Nossa Senhora da Saude», que se venera em Reveles<sup>7</sup>, I, 142, «Nossa Senhora da Sau-

<sup>1</sup> *Lijó*, há localidades com este nome, nos concelhos de Barcelos, Monção e Vila Nova de Gaia.

<sup>2</sup> *Conega*: povoação nos concelhos de Braga, e Lamego (freguesia da Sé).

<sup>3</sup> *Maia*, denominação legal de um concelho do distrito do Porto.

<sup>4</sup> *Boto*, concelho de Pedrógão Grande (Leiria).

<sup>5</sup> *Povoa de Varzim*, concelho do distrito do Pôrto.

<sup>6</sup> *S. Pedro de Agostem*, freguesia do concelho de Chaves (distrito de Vila Real).

<sup>7</sup> *Reveles*, freguesias no concelho de Montemor-o-Velho (distrito de Coimbra) e no de Coimbra.

de», que se venera na Costa Nova do Prado<sup>1</sup>, I, 144; «Imagen de Nossa Senhora da Saude», que se venera em Belide<sup>2</sup>, I, 144; «Nossa Senhora da Saude», que se venera na freguesia de Fermentelos<sup>3</sup>, I, 148; «Nossa Senhora da Saude», Lorvão<sup>4</sup>, I, 161; «Nossa Senhora da Saude», Reveles, I, 180; «Nossa Senhora da Saude», Avelans de Caminho<sup>5</sup>, I, 181; «Nossa Senhora da Saude», 4 exemplares diferentes, um de S. Pedro de Agostem, outro do monte de Farelães (concelho de Vila Real), I, 224; «Nossa Senhora da Saude», 4 exemplares diferentes, I, 225; «Nossa Senhora da Saude», I, 231; «Nossa Senhora da Saude», Reveles, 3 exemplares diferentes, dois assinados por *Dores* (1866 e 1867), II, 21; «Nossa Senhora da Saude», 2 exemplares diferentes, II, 30; «Nossa Senhora da Saude», II, 32; «Nossa Senhora da Saude», II, 37; «Nossa Senhora da Saude», exemplar pequeno, II, 40; «Nossa Senhora da Saude», que se venera em Castelões de Cambra<sup>6</sup>, 2 exemplares diferentes, 1 colorido, II, 50; «Nossa Senhora da Saude», capela da Cheira de Podentes<sup>7</sup>, II, 70; «Nossa Senhora da Saude», Carregal<sup>8</sup>, II, 70; «Nossa Senhora da Saude», Avelãs do Caminho, II, 70; «Nossa Senhora da Saude», Espozende, *Pastor (fez)*, II, 78; «Nossa Senhora da Saude», das Marinhais<sup>9</sup>, II, 90; «Nossa Senhora da Saude», em Reveles, II, 96; «Nossa Senhora da Saude», Igreja na Mouraria<sup>10</sup> (Lisboa), 2 exemplares diferentes, III, 18; «Nossa Senhora da Saude», exemplar grande, fotografura, III, 170; «Nossa Senhora da Saude», fotografado, III, 173; «Nossa Senhora da Saude», Ermida dos Remedios, Lisboa, III, 174; «Nossa Senhora da Saude», 3 exemplares diferentes, IV, 78; «Verdadeiro retrato da milagroza imagem de Nossa Senhora da Saude», IV, 89; «Nossa Senhora da Saude», IV, 94.

<sup>1</sup> *Prado*, vila do concelho de Vila Verde (distrito de Braga), ou freguesia no concelho de Melgaço (distrito de Viana do Castelo).

<sup>2</sup> *Belide*, freguesia no concelho de Condeixa (distrito de Coimbra).

<sup>3</sup> *Fermentelos*, freguesia no concelho de Oliveira do Bairro (distrito de Aveiro).

<sup>4</sup> *Lorvão*, freguesia no concelho de Penacova (distrito de Coimbra).

<sup>5</sup> *Avelãs de Caminho*, freguesia no concelho da Anadia (distrito de Aveiro).

<sup>6</sup> *Castelões* (de Cambra), freguesia no concelho de Macieira de Cambra (distrito de Aveiro).

<sup>7</sup> *Podentes*, vila, no concelho de Penela (distrito de Coimbra).

<sup>8</sup> *Carregal*, há numerosas povoações com este nome.

<sup>9</sup> *Marinhais*: freguesia no concelho de Espoende (distrito de Braga).

<sup>10</sup> A capela actual desta Senhora foi primeiro de S. Sebastião. Levaram-na para ali por ocasião da peste de 1560; formavam a confraria militares de artilharia, e por isso à procissão se chamava dos artilheiros.

Uma Senhora da Saúde, na Costa, em Ílhavo, tem no último domingo de Setembro grande festa. Canta-lhe o povo:

Senhora da Saude  
Eu est'anno lá não vou:  
Á falta de dinheiro  
Muita gente cá ficou.

*Revista Lusitana*, IX, p. 246, trova n.º 102, das *Tradições populares e linguagem de Vila Real*, de António Gomes Pereira.

Vid. em Nossa Senhora dos Remédios as capelas das sete Senhoras, irmãs; uma delas é a de Nossa Senhora da Saúde, de Vilar de Massada (concelho de Alijó, distrito de Vila Real).

**Sealtiel.** — «Rafael, Uriel, Gabriel, Micael, Sealtiel, Iehudiel, Barachiel», (archanjos), IV, 180.

**Sebastianus.** — «*Sebastianus Christianus*», I, 19; «*Sebastianus Christianus*», 2 provas diferentes da mesma gravura, I, 60; «*Sebastianus Christianus*», I, 61; «*Sebastianus Christianus*», Vieira inv(enit). (et) fecit 1767. *Emm(anue)l Salvador sculp(si)t*, I, 65; «*S. Sebastianus*», (Alleluia), III, 55; «*S. Sebastianus Christianus*», III, 56; «*S. Sebastianus*», IV, 168; «*Sebastianus Christianus*», IV, 168; «*Sebastianus Christianus*», exemplar a côres, IV, 168; «*Sebastianus Christianus*», IV, 170.

Vid. *S. Sebastião*.

**Sebastião (S.).** — «*S. Sebastião*, M.» 2 exemplares diferentes, I, 16; «*S. Sebastião* M.», *Carv(alh)o f(ecit)* ou *f(ez)*, *Lisboa*, I, 19; Maria (Servo), Vid. «*Piedade*»; «*S. Sebastião* M.», *Dores f(ecit)* ou *f(ez)*, 1866, I, 99; «*S. Sebastião* M.», 2 exemplares diferentes, 1 venerado em Sernache<sup>1</sup> e outro em Pera<sup>2</sup> no dia 20 de Janeiro, *M(iguel) Costa* (*fez*), I, 100; «*S. Sebastião* M.», que se venera na Capella da Veneravel Ordem Terceira de Santa Clara, Coimbra, *Dores f(ecit)* ou *f(ez)*, 1863, (colorido), I, 113; «*S. Sebastião* M.», que se venera no lugar de Cellas (Coimbra), I, 113; «*S. Sebastião* M.», que se venera na Igreja de Ceira<sup>3</sup>, 2 exemplares diferentes, de côr, I, 124; «*S. Sebastião* M.», que se venera na igreja de S. Bartolomeu, *Dores f(ecit)* ou *f(ez)*, 1855, I, 124; «*S. Sebastião* M.», 1 exemplar pequeno sem

<sup>1</sup> *Sernache do Bom Jardim*: freguesia no concelho da Sertã (distrito de Castelo Branco).

<sup>2</sup> *Pera*: freguesia no concelho de Silves (Algarve).

<sup>3</sup> *Ceira*: freguesia no concelho de Coimbra.



designação, I, 125; «S. Sebastião M.» (Coimbra 1891), I, 129; «S. Sebastião M.», *G. Sarmento*, litografia, I, 130; «S. Sebastião», I, 183; «S. Sebastião M.», das Maias<sup>1</sup>, I, 183; Idem, de Pêra, I, 183; «S. Sebastião M.», I, 195; «S. Sebastião M.», I, 196; «S. Sebastião M.», Louzã, distrito de Coimbra, I, 196; «S. Sebastião», Ceira, I, 203; «S. Sebastião», Ponta Delgada (Açores), fotografia, I, 205; «S. Sebastião», II, 45; «S. Sebastião», exemplar minúsculo, II, 62; 1 exemplar sem designação, II, 79; «S. Sebastião», Capela em Verride<sup>2</sup>, II, 79; «S. Sebastião», III, 53; «S. Sebastião», Advogado do Mal da Peste, *Santos f(ez) ou f(ecit)*, Porto, III, 56; «S. Sebastião Martyr», 4 exemplares diferentes, um deles assinado por *Almeida*, III, 60; «S. Sebastião M.», III, 120; «S. Sebastião», exemplar grande, III, 121; «S. Sebastião», III, 195; «S. Sebastião», IV, 165; «S. Sebastião M.», IV, 170; «S. Sebastião M.», *Debrié, (fecit)*, IV, 171; «S. Sebastião M.», colorido, IV, 172; «S. Sebastião M.», IV, 174; «S. Sebastião M.» (Coimbra), exemplar grande.

Inscrição de um e outro lado do arco de S. Sebastião de Coimbra

ANNO SALVTIS HV-  
MANÆ 1570 INVICTIS-  
SIMVS LVSITANÆ  
REX SEBASTIANVS  
1.º NOBILEMH VNC  
AQVÆDVCTVMQVI  
MLVTIS ANTE SECV-  
LIS PARTIM VETVS-  
TATE CORRVERATE  
PARTIM EXCISO  
ET PERPVRA

HOMINVM OBLIVIO  
NE DELITERAT A  
PRIMIS FVNDAMEN  
TIS PERVM NOBILI-  
VS QVE ÆDIFICATUM  
POPVLO CONIMBRI-  
SENSI RESTITVA-  
TQV DILAPSAS AQV-  
AS IN COMMVNEM  
CIVIVM TOTIVSQVE

IV, 203;

«S. Sebastião M.», que se venera nos Arcos de Santa Anna em Coimbra, *Dores f(ecit)*, 1863, IV, 204.

S. Sebastião foi em todos os tempos muito invocado em Portugal, por ser advogado dos homens contra os tremendos males da peste, fome e guerra. Em Lisboa, onde é fúnebre a história das epidemias, teve na Mouraria um templo, que depois da peste de 1560 passou à invocação da Senhora da Saúde; mas, em uma aliança de protectores,

<sup>1</sup> Maias: concelho das Caldas da Rainha.

<sup>2</sup> Verride: freguesia no concelho de Montemór-o-Velho (distrito de Coimbra).

o Santo era levado, processionalmente, na festa da Senhora da Saude, feita pelos artilheiros. Celebra-se o seu dia em 20 de Janeiro, festejado por marceneiros de quem é advogado. É padroeiro da cidade de Lamego.

A *Grande Encyclopédie* diz que há quem afirme que as matronas da velha Roma tinham por este santo uma preferência especial.

**Senhor Jesus.** — «Milagroza imagem do Senhor Jesus, de Santa Justa», que se venera na mesma igreja em Coimbra, I, 18.

Vid. *Jesús*.

**Sentença.** — Vid. *Boa Sentença*.

**Serra.** — «Senhor Jesus da Serra», que se venera em Bellas, 2 exemplares, sendo um colorido, I, 7; «Senhor Jesus da Serra», 2 exemplares diferentes, sendo um colorido, I, 106; «Milagroza Imagem do Senhor da Serra», I, 110; «Milagroza Imagem do Divino Senhor da Serra», que se venera na sua Capella dos arrabaldes de Semide<sup>1</sup>, I, 121; «Milagroza Imagem do Senhor da Serra», I, 122; «Senhor da Serra», 4 exemplares diferentes, I, 165; «Senhor da Serra», freguesia de Semide, 2 exemplares diferentes, I, 167; «Milagroza Imagem do Senhor Jezus da Serra», II, 56; «Imagen do Senhor da Serra», Serra da Moita, freguesia da Carapinha<sup>2</sup>, II, 85; «Senhor da Serra», Sobral de Cima<sup>3</sup>, II, 85; «Milagrosa Imagem do Senhor da Serra», 2 exemplares diferentes, II, 99; «Milagroza Imagem do Senhor Jezus da Serra», 2 exemplares coloridos, III, 25; «Senhor Jezus da Serra», Belas, III, 106; «Milagroza Imagem do Senhor Jezus da Serra», IV, 17.

Belas: no concelho de Sintra (distrito de Lisboa). A romaria efectua-se a uma ermida em uma quinta grande, onde há vestígios arqueológicos conservados nos esteios de uma anta.

É a esta romagem que se referé a quadra çaloia muito em voga com ar de chiste:

Fostes ó Senhor da Serra,  
Nem um anel me trouxestes;  
Nem um Mouro da Mourama  
Fazia o que tu fezestes.

**Sete Dôres.** — «Nossa Senhora das Sete Dôres», IV, 63.

(Continua).

Luis CHAVES.

<sup>1</sup> *Semide*: freguesia no concelho de Miranda do Corvo (distrito de Coimbra).

<sup>2</sup> *Carapinha*: freguesia no concelho de Taboa (distrito de Coimbra).

<sup>3</sup> *Sobral de Cima*: freguesia e concelho de Soure (Coimbra) ou de Pampilhos (idem).

**Pelo Sul de Portugal****(Baixo-Alentejo e Algarve)**

Tendo ido a Faro presidir a exames no Liceu, aproveitei a ocasião, e fiz uma excursão não só por grande parte do Algarve, mas pelo distrito de Beja, com o fim de colher objectos para o Museu Etnológico e de tomar notas para os meus estudos. Aqui vou relatar mui sumariamente a excursão, apenas porém no que pertence ao Museu, porque o que pertence aos restantes campos dos meus estudos será encorporado noutros trabalhos.

Foi comigo, e acompanhou-me durante algum tempo, o S.<sup>or</sup> Saavedra Machado, Desenhador do Museu, o qual executou muitos desenhos de cousas arqueológicas e etnográficas. Ele os fez para todas as gravuras que adiante se publicam, excepto para a gravura n.<sup>º</sup> 62, que é tirada de uma fotografia.

Partimos de Lisboa no dia 29 de Julho de 1917 em direcção a Beja, cujo Museu visitámos. Em 30 á noite dirigimo-nos a Faro, aonde chegámos em 31 de Julho pela manhã. Estivemos em Faro até 13 de Agosto, e ora ambos, ora eu sózinho, visitámos o Museu da capital do Algarve, e várias povoações vizinhas (Olhão, Alportel, etc.). Naquele dia de manhã retirámo-nos para Albufeira; aí nos demorámos até 15 de Agosto, em que nos separámos: o S.<sup>or</sup> Saavedra voltou para Lisboa, e eu continuei a excursão, indo a Silves duas vezes, a Portimão outras duas, a Monchique, ao Algoz, e á Vidigueira. Regressei a Lisboa em 11 de Setembro.

Podia dividir o meu trabalho em tres capítulos: visitas de museus publicos e particulares; noticias arqueológicas colhidas em passeios; aquisições para o Museu Etnológico; mas prefiro conglobar tudo, seguindo a ordem cronológica, á maneira do que já fiz noutros artigos semelhantes a este.

**29 a 30 de Julho de 1917: BEJA E ARREDORES.**—A cidade de Beja era muito minha conhecida, e por isso não fiz mais do que rever por alto o que por vezes havia visto com algum vagar: Museu Municipal, Castelo, etc.

Do Museu lêem-se notícias n-*O Arch. Port.*, por exemplo, em I, 161; V, 354; VII, 243; VIII, 163-165. Para a colecção de desenhos etnográficos do Museu Etnológico desenhou ali o S.<sup>or</sup> Saavedra duas figuras ou manequins que representam tipos antigos: mulher de ca-

pote & lenço: e mulher de biôco, com rosário e livro de orações, como pessoa que ia para a igreja. Aqui *biôco* significa o mesmo que

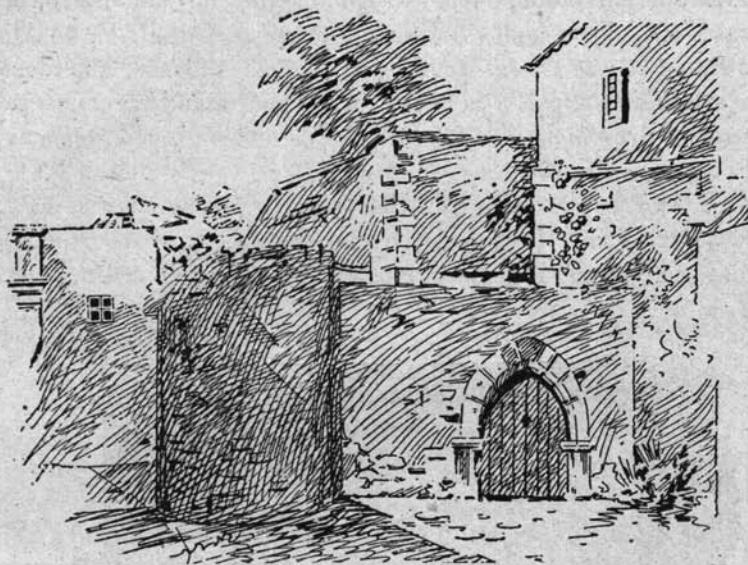


Fig. 1 — Trecho do castelo de Beja

a «mantilha» de outras terras alentejanas, e não o mesmo que o «biôco» algarvio. O biôco de Beja usava-se ainda em 1866, pelo menos. Desenhou mais o S.<sup>er</sup> Saavedra no Museu de Beja o seguinte: uma pedra sepulcral, de cabeceira, em que se vê gravado um sino-saimão; uma esperna ou «esfera» que figurava d'antes nas festas do S. João (cf. *Revue Hispanique*, t. iv, pp. 213-214); um cajado pastoril com lavores.—Pela minha parte tomei no Museu e na adjunta Biblioteca municipal algumas notas acerca de Felix Caetano, que saíram n-*O Arch.*, xxii, 184.

Na fig. 1 dá-se um trecho do castelo de Beja. Foi nesse castelo que Herculano fez passar a acção do seu conto *A morte do Lidor*. A torre de menagem é obra de D. Denis, «com suas coroas de ameias e matacães, que formam varanda apoiadas em grossos cachorros»<sup>1</sup>, — e por tanto

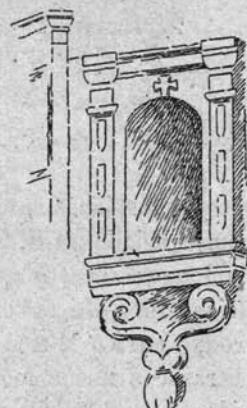


Fig. 2 — Nicho da Rua de Aljustrel, em Beja

<sup>1</sup> G. Pereira na *Arte e Natureza em Portugal*, t. viii (Beja).

posterior á época da acção do conto.—Disseram-me que ha muito estão projectadas, no castelo, e já começadas, certas obras; como as interroperam, o tempo tem estragado alguns dos materiais. Coisas nossas!—Na fig. 2 temos o desenho de um nicho da Rua do Aljus-trel. Em todas as nossas povoações ha d'estes nichos, que atestam crenças religiosas, pois a cada um corresponde uma imagem sagrada. Aos respektivos nichos pagãos, de que os atuais provém, chamavam os Romanos *aediculae*.

O S.<sup>or</sup> Francisco Pedro Galinoti, ourives, mostrou-me uma coleção numismática que possue e que consta de moedas portuguesas, arabicas, etc.; com as moedas guarda uma fôrma de pedra, de fazer

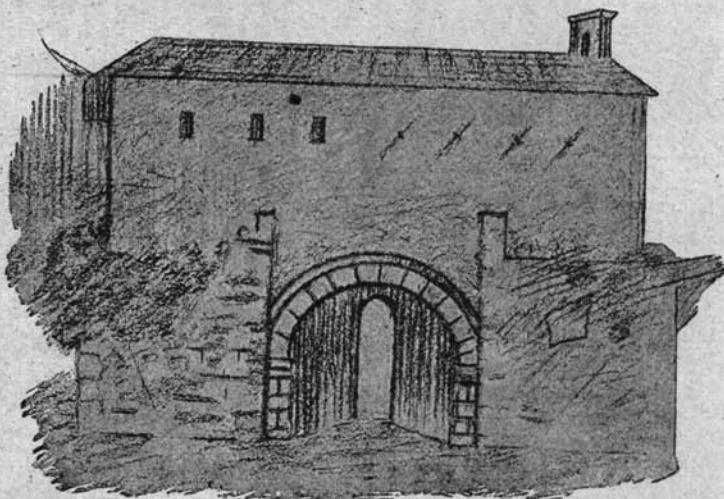


Fig. 3—Porta romana de *Pax Iulia*

moedas arabicas, a qual, embora achada em Beja, nada tem porém com a cidade. O S.<sup>or</sup> Galinoti é de origem hespanhola, mas vive cá ha longos anos, e quer muito a Beja, para cuja historia colige notícias; teve ele a bondade de me oferecer algumas moedas, que eu trouxe para o Museu Etnologico, aonde eu bem quereria tambem que entrasse a fôrma monetaria de que falei acima! Aos materiais coligidos pelo S.<sup>or</sup> Galinoti para a historia de Beja pertence o desenho copiado por Saavedra na fig. 3, o qual representa uma porta romana de *Pax Iulia*, conhecida em tempos modernos pelo nome de «Porta de Avis», e agora desaparecida.

Demos um passeio pelos arredores de Beja em companhia do estimável jornalista o S.<sup>or</sup> Marcos Bentes; fomos ao local chamado

O Caeiro, e á quinta do Carôcho, que pertence ao mesmo S.<sup>or</sup> No Caeiro haviam aparecido, por ocasião de trabalhos rurais, duas moedas romanas de cobre, uma colonial (de *Emerita*, tipo da porta de cidade) e outra imperial, mal conservada; quem possuia estas moedas tinha juntamente dois objectos de bronze, encontrados do mesmo modo: uma garra, como de trempe, certamente romana (fig. 4), e uma aguia, que julgo moderna<sup>1</sup>. Não admira que com objectos de uma época coexistam num campo outros de época muito afastada, pois que tais objectos provém de entulhos e estrumes removidos de variadas partes. Por intermedio do S.<sup>or</sup> Bentes adquiri estes quatro objectos para o Museu Etnologico. A favor da atribuição romana da garra são não só as moedas, mas o haver á entrada do Caeiro, junto da estrada, vestígios numerosos de um cemiterio arcaico, á superficie do qual vi pedaços de tegulas. De modo que as moedas e a garra serão do Caeiro, a aguia será de outro local, ou d'este, mas de outra época.

Os arredores de Beja abundam de velharias, visto que a cidade corresponde á *Pax Julia* dos antigos. Além do Caeiro, onde estive, ouvi falar de um lugarejo chamado *Beja a Pequena*, onde aparecem pias, frisos, etc. de épocas remotas, e onde, ao que me informaram, há um tanque forrado de formigão (*opus Signinum*), «com escadas para se descer para lá»; acrescenta o povo que foi ali a Beja primitiva.

Na quinta do Carôcho observei alguns costumes populares, e adquiri objectos de Etnografia artística para o Museu Etnologico; Saavedra executou desenhos.

Outros objectos que obtive, provenientes da cidade e dos arredores: um retrato (tela), um tanto deteriorado, de Cenaculo, 1.<sup>o</sup> Bispo de Beja; medidas portuguesas antigas; capiteis artísticos de pedra; azulejos; loiça de várias épocas; um baú antigo; um pedaço de inscrição romana; etc.

À tarde partimos, como já disse, para Faro.



Fig. 4  
Garra de bronze,  
dos arredores de Beja

<sup>1</sup> Digo que a garra será romana, porque se assemelha às de um *tripus* do Museu Etnologico, aparecido numa estação lusitano-romana. Digo que a aguia me parece moderna, porque tem um orifício destinado a receber um parafuso, e não conheço parafusos na arqueologia romana.

31 de Julho a 12 de Agosto: CIDADE DE FARO; EXCURSÕES.— Houve em Faro um coleccionador de moedas antigas, chamado Justino Cúmano, que foi muito amigo de Teixeira de Aragão, como consta de dezenas de cartas d'aquele para este, as quais se guardam no Museu Etnologico, para onde as adquiri do espolio do falecido Mestre da Numismatica portuguesa. Cúmano faleceu ha muito, mas o seu numofilacio existe ainda em poder dos herdeiros. Como eu desejasse vê-lo, por causa de uma moeda de *Baesuris*, que sabia estava nele, facilitou-me isso o D.<sup>or</sup> Justino Bivar Weinholtz, neto de Cúmano, e tambem dado a estudos arqueologicos. Infelizmente não pude ver a moeda de *Baesuris*, porque, de guardada, não apareceu; vi porém outras riquezas numismaticas e curiosidades, e entre as últimas uma colecção de treze tesseras de chumbo do tipo das que publiquei n-*O Arch.*, vi, est. III, pp. 19-21. Aqui reproduzo tres, segundo desenhos de Saavedra, de tamanho natural:

Fig. 5: no anverso um golfinho que nada para a esquerda do observador; no reverso OSO, abreviatura de *Osonoba* = *Ossonoba*.



Fig. 5—Tessera plumbea de *Ossonoba*

Fig. 6: no anverso um peixe que nada para a esquerda, e no campo, em cima, meia lua; no reverso um barco de remos.

Fig. 7: o anverso está completamente liso; no reverso um peixe que nada para a direita, e tem por baixo OSO (esta face da tessera tem restos de um circuito granulado).



Fig. 6

Tesseras plumbeas de *Ossonoba*



Fig. 7

Numa das tesseras do tipo da fig. 7 as letras estão dispostas assim:  $\begin{matrix} O \\ S \\ O \end{matrix}$ .

\*

O Museu de Faro foi inaugurado pela Camara Municipal em 4 de Março de 1894, com o titulo de *Museu Arqueologico Lapidar Infante D. Henrique*<sup>4</sup>, mas o seu fundador foi Monsenhor Pereira

<sup>1</sup> Isto é: *do Infante*, etc.

Bôto, Conego da Sé episcopal, como ele proprio declara no *Glossario critico do Museu*, Faro 1889, p. vii. De Monsenhor Bôto se lembra o *Archeologo Português*, no volume XII, p. 365 (artigo de Alves Pereira), onde se assinalam com verdade e justiça os meritos de tão prestante cidadão.

Este Museu esteve primeiramente no Largo da Sé, onde Monsenhor Bôto o dispusera e lhe dera ordem metodica: aí o vi várias vezes. Mas na ocasião da implantação da Republica houve necessidade de salas para instalação das repartições então criadas, e como geralmente a politica tem mais força que a sciencia, o Museu foi desarrumado e desalojado, e sofreu bastante,—até que mãos caridosas procuraram recompor o que se havia danificado: e ele pôde hoje ser visitado na igreja de S. Antonio dos Capuchos. É seu Conservador actual o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Justino Biyar Weinholtz, de quem já acima falei, moço inteligente e bemquisto, que muitos bons servirços será capaz de prestar á Arqueologia da sua província. Coadjuvam-no outros cavalheiros ilustrados, e de influencia na cidade, tais como o S.<sup>or</sup> Sebastião Costa, Professor do Liceu, D.<sup>or</sup> Joaquim Rodrigues Davim, Advogado, e Ramalho Ortigão, Oficial da Armada, com todos os quais tambem tratei.

O Museu de Faro consta de antiguidades prè- e protohistoricas, romanas, visigoticas, arabicas e portuguesas. A mór parte d'elas provém do Algarve; outras provém da Extremadura.

Aqui publico desenhos de algumas, o que faço com autorização do S.<sup>or</sup> Conservador do Museu. Acompanha-los-hei de breves noticias.

Disponho o meu assunto geografica e cronologicamente.

a) OBJECTOS ALGARVIOS:

Na fig. 8 temos um objecto de grés, de 0<sup>m</sup>.215 de comprimento no seu estado actual, pois está falho em uma das pontas (o comprimento total seria de 0<sup>m</sup>.23), e de 0<sup>m</sup>.02 de largura maxima: apresenta um orificio biconico em cada um dos extremos. A ponta que resta

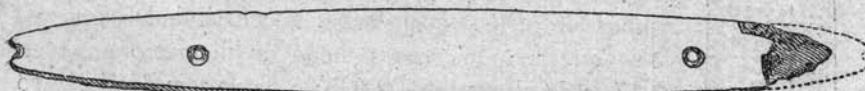


Fig. 8 — Braçal prehistórico do museu de Faro

intacta é bifida, e a outra deve-lo-hia tambem ser. Este objecto, de que não se sabe a precedencia, mas que talvez aparecesse no Algarve, pertence á classe de que falei no meu livro *De Campolide a Melrose*, pp. 63, 90, 143 e 149, e que aí considerei braçais prehistoricicos.

Os objectos representados nas figs. 9 a 11 pertencem á necrópole da Campina, da idade do cobre, a qual foi estudada por Santos Rocha na *Rev. de Sc. Nat. e Soc.*, vol. iv<sup>1</sup>. Cf.: *O Arch. Port.*, II, 60; e Boto, *Glossario critico*, p. 27. Aqui o específico:

Na fig. 9 temos outro *braçal*, porém menor que o da fig. 8, pois mede de comprimento apenas 0<sup>m</sup>,07. A este objecto chamava Santos Rocha, e com ele Boto, «placa de schisto».

Nas figs. 10 e 11 temos respectivamente uma folha de punhal de cobre e uma adaga da mesma substancia: são os mesmos instrumentos de que fala Santos Rocha nas *Mem. sobre a antiguidade*, fig. 125, só ele chama *lança* ao que chamo aqui *punhal*. Desenhos de objectos semelhantes a estes se vêem em Estacio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, t. IV, est. 13.<sup>a</sup>, n.<sup>o</sup> 5, e est. 10.<sup>a</sup>, n.<sup>o</sup> 14 (Rocha assinala as diferenças que existem entre a adaga da Campina e a que figura em Estacio).

Vindos da Campina ha tambem no Museu de Faro dois vasos de barro, de forma de tigela, muito grosseiros, de pasta granulosa, e feitos á mão, como os mais rudes das antas. Ambos eles estão em pedaços. Reconstituindo as peças, vê-se que um dos vasos mede de diametro na boca 0<sup>m</sup>,17, e de altura uns 0<sup>m</sup>,095; o outro tem de diametro na boca uns 0<sup>m</sup>,06. Estes vasos pertencem tipologicamente a uma fase muito antiga da Arqueologia algarvia. Represento na fig. 12 um singular objecto de pedra, de uns



Fig. 12  
Idolo (?)

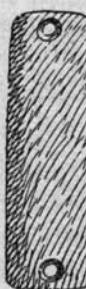


Fig. 9  
Braçal  
de lousa  
da Campina



Fig. 10  
Punhal  
de cobre  
da Campina

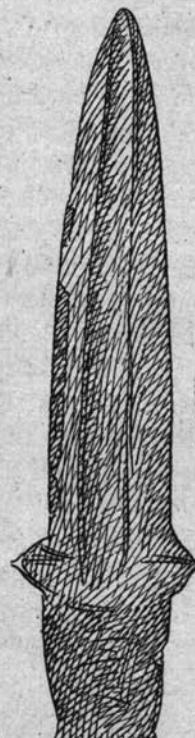


Fig. 11 — Adaga  
de cobre da Campina

<sup>1</sup> Artigo reproduzido nas *Mem. sobre a antiguid.* do mesmo autor, Figueira 1897, p. 111 sgs.

0<sup>m</sup>,222 de comprimento, achatao nas duas faces principais, com sulcos nas extremidades, e várias series de covinhas em parte de uma das faces, do lado da extremidade mais larga. Lembra certos idолос calcareos de secção semi-circular, da idade calcolita.

Da epoca do ferro possue o Museu, por exemplo, uma xorca de bronze, e contas de vidro e de massa, provenientes de um espolio de Lagoa, e dois espertos tambem de bronze. D'isto falarei noutro artigo.

A parte rica do Museu, no que toca á antiguidade, é a secção lapidar romana, onde ha pedras muito importantes, como as que se referem a *Ossonoba*<sup>1</sup>, ao *certamen barcarum de Balsa*<sup>2</sup>, e a um *v(ir)*



Fig. 13—Patera arretina  
do monte das Antas

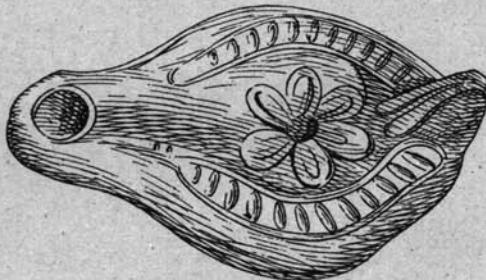


Fig. 14—Lucerna cristã de Cacela



Fig. 15—Lucerna arabica de Silves

*p(erfectissimus) provinciae Lusitaniae.* A par com as lapides, ha loiça, por exemplo, uma *patera arretina*<sup>3</sup>, que represento na fig. 13, ha moedas, etc.

Da epoca visigotica, ou cristã, dou na fig. 14 uma lucerna de Cacela ( $\frac{2}{3}$  do tamanho natural), e da epoca arabica outra lucerna, na fig. 15, de Silves. A epoca arabica está representada no Museu

<sup>1</sup> *O Arch. Port.*, v, 43.

<sup>2</sup> *Religiões*, iii, 308.

<sup>3</sup> Da Quinta das Antas, séde de *Balsa*. Cf. Bôto, *Glossario*, p. 32.

tambem por outros espécimes ceramicos, por algumas poucas moedas, e por lapides.

A tempos posteriores (epoca portuguesa) pertencem quadros, azu-



Fig. 16 — Alminhas

lejos, esculturas ornamentais, inscrições lapidares, brasões, moedas. São curiosos os dois painéis de *alminhas* que se vêem nas figs. 16

(azulejo) e 17 (pedra), em cada um dos quais uma pessoa entre as chamas do Purgatorio implora de mãos postas a misericordia divina.

#### b) OBJECTOS EXTREMENHOS:

Pertencem a duas localidades: ao «Castelo» de Pragança, e á Lapa da Canada (Alviela).

Os objectos de Pragança colheu-os o Conego Bôto numa ocasião que aí foi de visita, e em que mandou fazer por curiosidade algumas excavações. São eles: dois pesos de barro, quadrangulares (de tear); um escopro pequeno, duas argolas, a parte superior de uma campainha, um



Fig. 17 — Alminhas

objecto quo parece a parte superior de um chocalho, um fragmento

de lamina de punhal, e um objecto semi-lunar, que não sei o que é,— tudo isto de cobre ou bronze.

Os objectos da Lapa da Canada (fontes do Alviela), que o Conego Bôto diz serem de cobre<sup>1</sup>, são os seguintes:

A parte inferior de um machado chato, a qual mede 0<sup>m</sup>,055 junto do gume (fig. 18);

um escopro de 0<sup>m</sup>,102 de comprimento (fig. 19), e dois fragmentos de outros (figs. 20 e 21);



Fig. 18 — Resto de um machado de cobre



Fig. 20 — Fragmento de escopro



Fig. 21 — Fragmento de escopro



Fig. 23 — Bracelete



Fig. 19 — Escopro de bronze

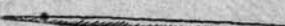


Fig. 22 — Haste de sovela

um objecto que Bôto chama «perfurador», mas que pode ser uma haste de sovela,— de 0<sup>m</sup>,07 de comprimento (fig. 22);

um bracelete aberto, de secção sub-quadrangular (fig. 23,  $\frac{2}{3}$  do tamanho natural);

o fundo da bainha de um punhal (fig. 24, tamanho natural).

Todos estes objectos da Lapa da Canada tem paralelos em outros que existem no Museu Etnologico, provenientes tambem de localidades da Estremadura.

De outros objectos do Museu de Faro falei já n-*O Archeologo*, VIII, 170-172.

\*

O monumento mais antigo\* que existe actualmente em Faro (não falando, já se vê, dos que estão no Museu), creio ser um arco de caracter arabico<sup>2</sup>, o qual arco está encaixado numa parede do «Arco da Vila», á direita de quem entra. Foi o S.<sup>or</sup> Bernardino Bar-

<sup>1</sup> *Glossario*, p. 26.

<sup>2</sup> Cf a porta lateral da mesquita de Córdova, em Lampérez y Romea, *Arquitectura Cristiana Espanola*, I, 175.

bosa, Professor do Liceu de Faro, e muito sabedor de historia artística, quem primeiro me falou d'ele: pertence-lhe pois a primasia da noticia. Vid. fig. 25. Ha entre nós tão poucas reliquias da época árabe, que convém conservar *in situ*, e com todo o cuidado, este monumento, apesar da sua modestia.— Posso comparar-lhe outros arcos, também de tipo de ferradura, que se vêem em selos santarenses do de sec. XIII, descritos e publicados pelo S.<sup>or</sup> Pedro de Azevedo n-O *Arch.*, III, 176, e est. I-II: aqui reproduzo um dos selos na fig. 26.

\*

De Faro dei com o S.<sup>or</sup> Saavedra um passeio a Olhão, por convite do S.<sup>or</sup> Branco e Brito, oficial da Armada, e Professor do

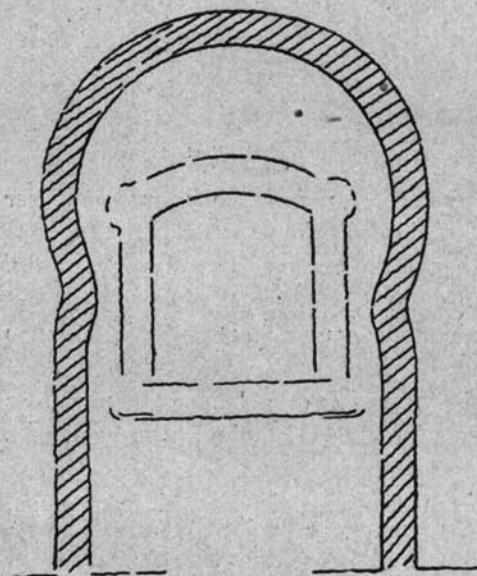


Fig. 25 — Porta árabe de Faro



Fig. 26 — Selo santarenho do séc. XII

Liceu. Também nos acompanhou o S.<sup>or</sup> Conceição Vilamariz, Professor e Reitor do mesmo estabelecimento científico. O passeio foi por mar, no rebocador *Carregado*. Passámos ao longo dos areais, cujo conjunto constitue o Cabo de Santa Maria, e mais uma vez me confirmei na opinião de que esse chamado «Cabo» não pôde corresponder ao *Cuneus* dos antigos: leia-se o que escrevi nas *Religiões da Lusitania*, II, 12-14.

Muitas das casas de Olhão têm terraços, ou *coteias* (*açoteias*), em vez de telhados, sistema arquitectónico que provém dos Arabes. Outro antigo carácter da vila está no uso do *biôco*, especie de envoltorio da cabeça, que as mulheres fazem com o capote, com o chaile, ou com um lenço preto e grande: este uso foi abolido oficialmente em 6 de Setembro de 1892 pelo Governador Civil D.<sup>or</sup> Julio Lourenço Pinto, e por isso tem hoje já pouca voga<sup>1</sup>. Olhão é vila importante, mas as ruas interiores carecem de asseio: de modo que quem as vê, quem vê as coteias e as mulheres com a cara oculta por biôcos, cuida de repente estar em terra de Arabes!

Em Olhão tivemos a boa companhia do D.<sup>or</sup> Fernandes Lopes, que ao mesmo tempo me obteve, e ficou de enviar, para o Museu Etnológico uma pistola de pederneira, e uma antiga fechadura de ferrolho, de porta, oferecidas por um amigo d'ele, chamado José de Sousa Azinheira<sup>2</sup>.

\*

À amabilidade de outro Professor do Liceu de Faro, o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Antonio Barbosa, devi o poder passar um dia com ele na aldeia de Alportel. Partimos de Faro, de manhã, num carro. Era Domingo, e encontrámos no nosso percurso muita gente. Ao contrário do que acontece no Norte e Centro do país, os meridionais<sup>3</sup> raro fazem a pé uma jornada, ainda que curta. Por isso atravessámos numerosos grupos de homens, mulheres e rapazes, que ora montavam cavalos propriamente ditos, ora burros. Só num sitio observei assim um grupo de dez pessoas. Com os cavaleiros concorria também muita gente em carros. Um hábito curioso notei, e que já tinha notado em

<sup>1</sup> Vid. o *Regulamento Policial* do distrito de Faro, 1892, art. 32-34. A par com a palavra *biôco* usa-se *rebuço*, porém esta palavra é mais de Monchique e aplica-se ao envoltorio feito com o cabeção do capote. Esta distinção custou-me a achá-la; foi-me preciso interrogar muitas pessoas, de diversas localidades da província. Tanto o rebuço como o biôco formam adiante um bico, através do qual o rosto da mulher mal se descortina. Em algumas terras ouvi dizer *biuco*, por exemplo no Algôs. Pena foi que D.<sup>or</sup> Lourenço Pinto abolisse tão curioso modo de trajar! Que inconvenientes trazem à sociedade certas tradições como esta? Não é de tradições que se constitue a alma dos povos?

<sup>2</sup> Todavia estes objectos ainda até hoje não chegaram ao Museu.

<sup>3</sup> Nos meus estudos etnográficos e lingüísticos chamo *Centro à Beira* (isto é, Beira Alta, Beira Baixa e Beira Ocidental); chamo *Norte*, às duas províncias do Norte do Douro; e *Sul* às três restantes províncias.

Castelo-Branco: os populares fazem aqui muito uso de guarda-sois. Quem vai a cavalo ou em carro, leva freqüentemente um guarda-sol aberto.

Apesar do ardor do sol, e do pó que se erguia da estrada, olhava-se com satisfação para os arredores d'esta, onde se mostravam, conforme os terrenos, alfarrobeiras pujantes (arvore tão algarvia!), campos de milho, hortas com seus tanques circulares ou rectangulares. As casas que d'onde em onde nos surgiam á beira do caminho eram vivamente caiadas. Uma parreira ensombrava por vezes

a entrada. Noutras casas havia de cada lado da porta argolas de pedra, fixas na parede, á maneira de asas de vasilha, destinadas a prenderem os animais. Como em Olhão, e até em Faro acontecia, não faltavam por aqui casas de açoteia: uma açoteia vi bem notável, com entrada para carro, por ficar ao pé uma elevação de terreno em que fizeram uma rampa. Esta açoteia serve para nela se secarem figos, que depois se tiram de lá em carros. Os figos constituem, como é sabido, boa fonte de riqueza do Algarve.

A não serem as ruinas das termas romanas de Milreu, que jazem a pouca distância da estrada, e das quais agora não tenho de falar, apenas encontrei digno de menção, no nosso passeio, diversos *calvarios*.

Isto é, cruzeiros de pedra ou de madeira, que designam lugares onde alguém morreu. Tais *calvarios* correspondem ás «alminhas» de outras localidades: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 602. Publico um calvario na fig. 27: no centro da cruz ha uma coroa de espinhos; no pedestal lê-se uma inscrição que diz: *Lembrem-se de Domingos d'Andrade, faleceu a 2 de Julho de 1882, P. N. A. M.* Altura total do monumento 2<sup>m</sup>,10 a 2<sup>m</sup>,20.

Antes de se chegar a Alportel, passa-se pela vila de S. Bras d'Alportel, capital do concelho do mesmo nome.

Aí perto, na encosta de um cerro que fica entre o sitio do Outeiro e o do Perneu, junto a um regato, haviam aparecido em Abril de 1915, por ocasião de trabalhos campestres, duas sepulturas antigas, proximas uma da outra, e paralelas entre si: uma d'elas violaram-na os trabalhadores, que encontraram dentro um esqueleto, e



Fig. 27 — Calvario

uma bilhinha, que vai desenhado na fig. 28; a outra creio que se conserva intacta. Deu-me estas informações o meu aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, Estanço Louro, que me ofereceu a bilha e uns restos de crânio para o Museu. A bilha, de 0<sup>m</sup>.177 de altura, é muito tosca, feita à mão, de barro amarelado, que foi pintado de vermelho; tinha uma asa, que se quebrou; o bocal é levemente trilobado, e está hoje separado do cabo por uma fractura.—A julgar do vaso, esta sepultura, se não pertence à época romana, pertence à visigótica.

Vi em Alportel nas mãos de um camponês uma moedinha árabe quadrada, de prata, achada nos arredores, e disseram-me que se conheciam outras da mesma proveniência. Para o Museu Etnológico obtive por intermédio do D.<sup>or</sup> Barbosa: dois *cocharrinhos* de cortiça, para se beber agoa, — um d'elos com cabo natural; e uma cantarinha de barro vidrado, própria para se beber agoa por ela, e para se aí guardar agoa-mel.

\*

Obtive em Faro vários objectos para o Museu Etnológico, e entre eles: uma figurinha de barro, que representa um gaiteiro, oferecida por intermédio do S.<sup>or</sup> P.<sup>e</sup> João Bernardo Mascarenhas, Prior de S. Pedro; um pataco em que se gravaram as letras J L F (iniciais de um Farencense, já falecido: José Leandro Figueiredo), oferecido pelo S.<sup>or</sup> António Martins Paula, Farmacéutico; um exemplar do *Código das Posturas Municipais de Faro* (1914), oferecido pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Justino Bivar; e por compra obtive num ourives algumas centenas de moedas de bolhão da 1.<sup>a</sup> dinastia de Portugal, as quais formam propriamente um tesouro.

13 a 15 de Agosto.—Em Albufeira visitei a coleção numismática do S.<sup>or</sup> José Crisóstomo Pereira de Paiva, onde abundam moedas de ouro portuguesas do sec. XVII; este S.<sup>or</sup> brindou-me com uma moeda árabe quadrada de prata e algumas moe-

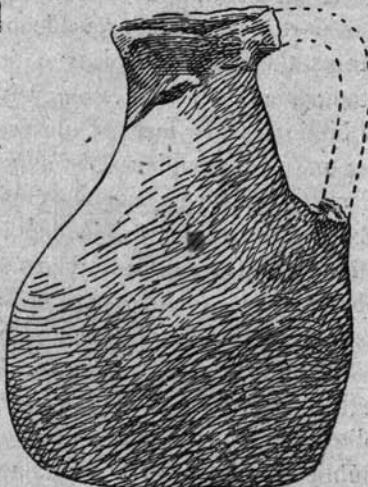


Fig. 28 — Vaso de barro de Alportel

das portuguesas de cobre, uma senha da Cooperativa Silvense (fundada em 1886, hoje extinta), e uma tessera germanico-brasileira, moderna, que é curiosa por estar figurado nela um pentalfa.

Além d'isto, obtive na vila, por compra, algumas dezenas de moedas portuguesas, e várias de prata e de bolhão, e bem assim umas tantas de cobre, arabicas e portuguesas. Tambem, para a secção etnografica do Museu, comprei um candieiro de lata moderno. Para a biblioteca do mesmo ofereceu-me o S.<sup>or</sup> Secretario da Câmara um exemplar do *Código das posturas*, publicado em 1914. Tendo eu visto na rua um capitel antigo, de merecimento, pedi-o à Ex.<sup>ma</sup> Camara, e ela, já depois da minha saída, cedeu-m'o em seu oficio n.<sup>º</sup> 147, de 23 de Agosto; mas, como me acontece com muitos objectos que adquiro para o Museu, e não posso logo transportar, este capitel ainda não chegou cá!

Albufeira ergue-se junto ao mar, que lhe forma extensa baía, de agoas tranquilas. Separa-a d'ele um despenhadeiro, de sobre o qual os olhos se alongam com delicia, e onde podia fazer-se excelente passeio público, se outra fôra a higiene e o gôsto estetico dos Albufeirenses.

De antiguidades não possue a vila mais que os restos d'un castelo.

**15 de Agosto.**—Por ocasião da minha excursão, estive em Silves duas vezes, como já disse. A primeira visita foi em 15 de Agosto; da segunda falarei mais adiante. Acompanhou-me naquela o S.<sup>or</sup> Samora Barros, que cultiva com amor as belas-artes, e ao qual me apresentára Saavedra em Albufeira.

Já noutras excursões eu havia estado na cidade para a ver, e por isso agora consagrei a maior parte do meu tempo a procurar objectos para o Museu Etnologico. Alguns obtive, que adiante indicarei.

O forasteiro que fôr a Silves encontra no livrinho do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pedro M. Judice, intitulado *Através de Silves* (1911), uma comoda guia que lhe facilitará a visita dos monumentos mais importantes, isto é, da Sé, e do Castelo.

Com relação á *Cruz de Portugal*, que fica nos arredores da cidade, e de que tambem no mesmo livrinho se fala, vid. uma breve noticia no *Almanach de lembranças* de 1863, p. 302, e sobretudo *O Arch. Port.*, II, 521 sgs., com um desenho (artigo de Camara Manoel). Informou-me o S.<sup>or</sup> Silva Basto que na mesma cruz se lia d'antes, como ele leu, a data de mil e quinhentos e tantos, estando o 5 representado, conforme o uso do sec. XVI, por «S», e que depois alguem mal intencionado substituiu essa letra por «1». De facto, o monumento parece do sec. XVI.

Em frente da capela das almas, dentro da Sé, ha uma inscrição curiosa, porque deixaram nela em branco a indicação do dia, do mês, e das dezenas do ano do falecimento de quem a mandou gravar e aí jaz: *falleceu: aos — do mes de — de: m: ve — (=de mil quinhentos e —)*. Vê-se que foi feita em vida do possuidor, como o S.<sup>or</sup> Judice já notou no citado livrinho, pp. 52-53 (só eu me afasto d'ele na interpretação das ultimas letras, que não me parece serem *do ano de*, mas sim o que transcrevi (o *u* está por *v* = 5, isto é, 5 centos ou *quinhentos*). Esta inscrição, de letra gotica, disse eu que era curiosa, pois confirma a explicação que dei de uma de Castro d'Avelãs n-O *Arch. Port.*, xxii, 44, onde do mesmo modo ficou em branco o lugar das dezenas do ano em que faleceu o individuo que a mandára gravar. Outro exemplo encontrei em 1916 numa capela da Quinta do Burrinho (Monsanto da Beira): ha aí uma campa com uma inscrição nitida que diz: «*S.<sup>a</sup> do R.<sup>do</sup> Jozé Antonio de Azevedo . . . faleceo em 17 —*», estando adiante espaço livre para se indicar as dezenas do ano do falecimento, o que não chegou a fazer-se.

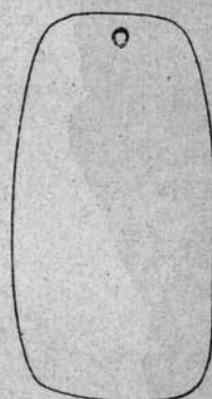


Fig. 29 — Chapão de lousa anaglifítico

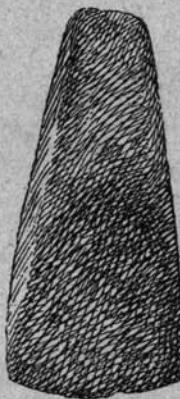


Fig. 30 — Machado de pedra, de Silves



Fig. 31 — Machado de pedra, de Silves



Fig. 32  
Escopro de pedra, de Silves

O S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Pedro Mascarenhas Judice, que é de Silves, e muito amigo da sua terra e da historia d'ela, obsequiou-me com alguns objectos muito valiosos, tais como: uma colecção de idólos prehistóricos, de calcareo, entre os quais alguns de tipo novo em Portugal (tratarei de todos, mais de espaço, noutro lugar); o espolio de uma sepultura da mesma idade, composto de um chapão de lousa, liso, de 0<sup>m</sup>,151 de altura, com orificio de suspensão, dois machados de pedra, respectivamente de 0<sup>m</sup>,101 e de 0<sup>m</sup>,102 de comprimento, e um escopro da mesma substancia, de 0<sup>m</sup>,093,— sepultura de forma

de silo (?), achada no sitio da Cumiada, freguesia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves: figs. 29 a 32.

O mesmo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Judice ofereceu-me: da época muçulmana, um vaso de barro quasi inteiro, pintado, fig. 33; um fragmento de outro, com asa, e igualmente pintado, fig. 34; e um fragmento de pote, dividido em zonas e ornamentado de letras, com arabescos, etc., fig. 35; da época portuguesa, uma candeia, de lata, que costuma



Fig. 35—Fragmento de pote árabe

acender-se nos alagares do azeite, e um exemplar da *Homenagem da Academia Farensse a João de Deus* (1895). À benevolencia e ilustração de Pedro Judice devia já o Museu Etnológico a posse de uma cabrinha pre-romana de bronze, que me oferecera em Fevereiro de 1911, e que pertence historicamente à família das que publiquei n-*O Arch. Port.*, I, 296 sgs., e nas *Religiões da Lusitania*, II, 283-284.— A época dos Muçulmanos devia estar muito bem representada em Silves, pois que eles possuíram essa cidade até o tempo de D. Afon-

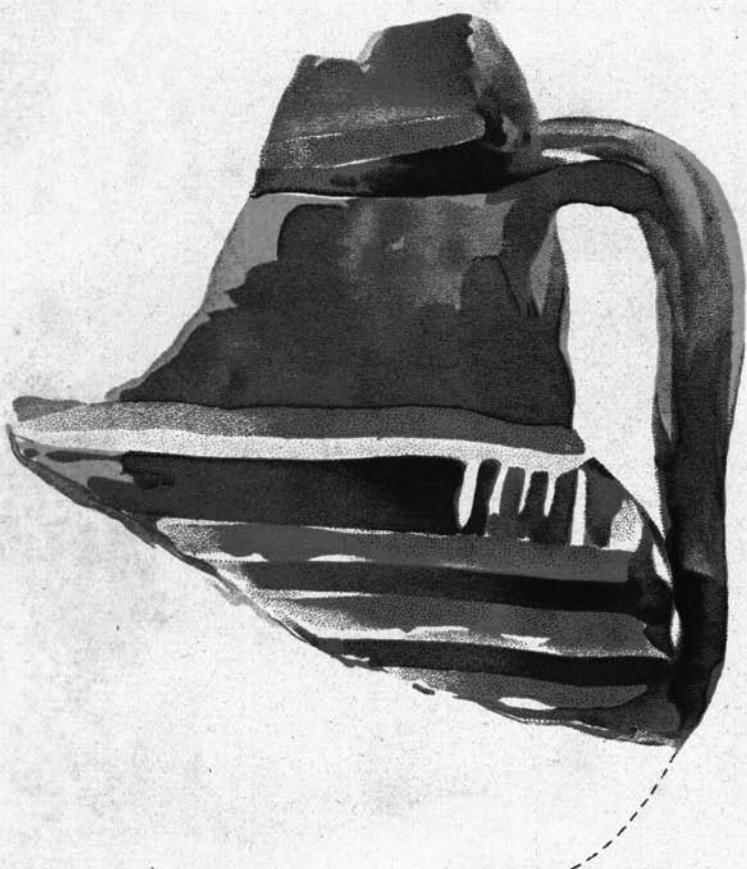


Fig. 34 - Fragmento de vaso de barro com asa

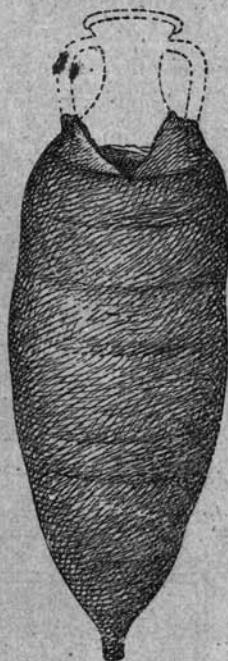
só III (apenas com uma interrupção), e lhe deram grande esplendor; contudo, que eu saiba, só por aí aparecem moedas e artefactos cerâmicos (candeias, vasos), de ordinario quebrados. *Sic transiit gloria Silvensis!*

Mercê da eficaz interferencia do S.<sup>or</sup> Samora Barros, a quem já me referi, e do S.<sup>or</sup> Julião Quintinha, jornalista e Secretario da Câmara, ofereceu-me o S.<sup>or</sup> Manoel da Silva Clemente, negociante, uma anfora romana, de barro, aparecida no ilheu do Rosario, e que vai desenhada na fig. 36; mede de altura até ao colo 0<sup>m</sup>,66.

Finalmente, para relatar todas as aquisições que fiz em Silves, obtive por dadiva de uma pessoa cujo nome esqueci (não porém por ingratidão!), um «conto de contar» de latão, que tem no anverso a esfera armilar, e a legenda: DEVISA: DE : REY DE : PVRTVGAL, e no reverso as armas do reino (com dez castelos), e a legenda: CONV  
✚ BO PTO ✚ BT EAR ✚ E COT ✚ R, a qual quer dizer «contu bō p(era) sortear e cōtar».

16 de Agosto.—A aquisição da anfora romana de que falei ha pouco despertou em mim o desejo de visitar o ilheu ou *ilha* do Rosario, o que fiz em um barco que generosamente pôs á minha disposição o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Samora Gil. O povo diz *ilha*, e não *ilheu*, como Estacio da Veiga algures lhe chama, embora a última denominação seja mais exacta, segundo veremos. A ilha fica na confluencia do Rio-Arado<sup>1</sup>,

Fig. 36.—Anfora romana  
do ilheu do Rosario



<sup>1</sup> Assim ouvi ao povo, e não *Arade*, como geralmente se diz e escreve; todavia na *Relação da derrota naval, façanhas e successos dos Cruzados*, escrita em latim em 1189, e traduzida e publicada por Baptista Lopes em Lisboa em 1844, lê-se a p. 17: «... fluvii qui dicitur *Widradi*», que Lopés traduz por «Arade ou Drade», ignorando eu porém onde ele foi buscar o *Drade*. Já se vê que a forma *Arado*, que ouvi ao povo, resultou do processo chamado pelo filologos etimologia popular». Como na mesma relação se lê tambem *Vydeloc* por *Odeloura*, onde *Vyl-* representa a palavra arabica que deu *Ode-*, é provavel que em *Widradi* o elemento *Wid-* tenha o mesmo valor que *Vid-*, e *Widradi* signifique pois «rio Rade», isto é, \**Odrade* (= \**Oderade*), forma paralela a *Odelouca*, e a *Odiana*, que se lê na mesma *Relação*, p. 45.—Acérca da obra publicada por Baptista Lopes, e textos congêneres, veja-se o que diz Herculano, *Hist. de Portugal*, t. II, (5.<sup>a</sup> ed.), p. 464 sgs.



*Fig. 33—Vasinho de barro*

ou de *Silves*, com o Rio *Odelôca*, ou *Odelouca*, posta entre ambos, que, juntando-se, formam depois o rio de *Portimão*, que desagua no Oceano ao pé da vila (aliás *cidade*<sup>1</sup>) de Portimão.

Embarquei em Silves á 1 hora da tarde, na enchente. Foi tambem pelo rio de Silves, que, em sentido inverso do meu, seguiram os Cruzados no tempo de D. Sancho I, quando ião conquistar a famosa *Chelbe*<sup>2</sup>. Esta equiparação que, quando eu ia pelo rio abaixo, estabeleci entre mim e os Cruzados, animou-me um pouco a resistir ao sol algarvio, meio africano, que como que punha a agoa em ebullição, e queimava tudo o mais. Pois os Cruzados agoentaram-se, numa empresa guerreira tão difícil, e eu não havia de levar a cabo a minha modesta digressão arqueologica?

As tramagueiras debruçam-se no rio, que lava, quasi imovel, a base dos breves outeiros que o ladeiam, onde ha figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras. Passa-se por um sitio chamado *Cerro da Gropelha*, isto é, da *golpelha*, ou «raposa», do latim *vulpecula*, diminutivo de *vulpes*. No sitio da *Velha das Castanhas* divisam-se extensas furnas, acaso prehistoriccas. Por fim cheguei á *ilha*.

É pequenissima, de uns 100 metros, de comprimento, e de menos de metade, de largura. Despida de vegetação alta, só nela crescem *daroéras* («daroeiras»), carrasqueiras, junco e poucas plantas mais.

Conta o povo que aparecera em tempos na ilha uma imagem da Senhora do Rosario: levaram-na para Estômbar, porém ela fugia para a ilha; depois levaram-na para Ferragude, e lá parou, em uma capela que lhe construiram. Temos aqui uma lenda semelhante a muitas que existem por esse mundo fóra: cf. *O Arch. Port.*, xxii, 146-147. Na ilha não vive ninguem; só lá mora de dia um individuo que vende bebedas a quem passa embarcado por perto. Interroguei-o acerca de antiguidades, e d'ele vim a saber que com a anfora que o S.<sup>or</sup> Clemente medera em Silves tinha aparecido outra que se quebrou; tambem apareceram na mesma ocasião varios pedaços de outro vasilhame grosseiro, os quais lá vi.

<sup>1</sup> Portimão, como talvez nem todos saibam, foi feita cidade em 1773: vid. P. de Azevedo, *As cartas de criação de cidade*, Lisboa 1917, p. 33.

<sup>2</sup> Vid. as admiraveis páginas que Herculano consagra á descrição da cidade, e a narratva da 1.<sup>a</sup> conquista (de D. Sancho I) na *Hist. de Portugal*, t. II (5.<sup>a</sup> ed.), p. 36 sgs.

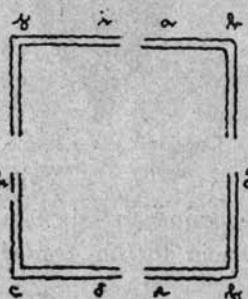


Fig. 37—Planta de um edifício  
da ilha do Rosário

Percorrendo a ilhota em varios sentidos, encontrei algumas ruinas de edificações antigas. Na fig. 37 represento a planta de uma d'elas. Dimensões:

$$ab = 0^m,70; gf = 0^m,70; ia = 1^m,25; de = 1^m,25.$$

Altura das paredes acima do chão = 1<sup>m</sup>,15 e 1<sup>m</sup>,60.

Largura = 0<sup>m</sup>,97.

E assim as restantes partes e aberturas simétricas. As paredes são de alvenaria, forradas de rude argamassa (cal, areia, pedacitos de tejolos). Deve ser a esta edificação que se refere Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve*, II, 352: capela da Senhora do Rosario.

A poucos metros de distancia vi um tanque aberto no solo, e forrado de argamassa como as paredes de que falei acima; só havia nele cascas de ostra, em vez de pedaços de tejolo. Altura no estado actual: 0<sup>m</sup>,85.—Ha ainda outros restos de alicerces.

Provavelmente a ilhota serviu de lugar de recreio, na época lusitano-romano, a algum ricaço que habitava uma *villa* vizinha, nas margens de algum dos rios de que falei. Já na idade neolítica ela havia sido povoadas, como o testemunham os instrumentos de pedra de que trata Estacio, *ibidem*, pp. 353-354. Entre a época romana, e a portuguesa, atestada pela capela, está a época árabe, da qual o mesmo arqueólogo ali encontrou vestígios cerâmicos. Vê-se que na ilha se sucederam várias civilizações.

16 a 19 de Agosto.—Estive em Portimão e na Praia da Rocha. Em Portimão obtive do S.<sup>or</sup> Giacomo Ferrari umas miudezas metálicas antigas, de época portuguesa (um crucifixo, um pesinho, e uma ferragem artística), por intermédio do S.<sup>or</sup> Gualdino Pires, Farmacéutico, a quem o museu já devia importantes serviços, prestados noutros tempos.

Na Rocha tornei a encontrar-me com o S.<sup>or</sup> Pedro Judice, e com ele voltei a Silves para examinar uma escultura de pedra que ele lá tinha, e não pudera mostrar-me da primeira vez. A escultura que aparecerá enterrada em Silves, é de mármore, e representa um busto feminino, de 0<sup>m</sup>,52 a 0<sup>m</sup>,53 de altura, o qual tem asas triplumadas e madeixas, estando porém a cara e cabeça um tanto esmurradas. Talvez eu não ande longe da verdade atribuindo-a à época lusitano-romana, e considerando-a Esfinge, analoga à que publiquei nas *Religioes*, III. Será publicada n-O Arch., noutra ocasião. O S.<sup>or</sup> Judice fez o favor de depositar este objecto no Museu, como consta do ofício n.<sup>o</sup> 3:185, que lhe enviei em 6 de Maio de 1918.

20 de Agosto a 4 de Setembro.—Repousei algum tempo nas Caldas de Monchique, onde o forasteiro encontra saudaveis agoas, boas comodidades, sossêgo, e sombra de arvores. As Caldas, apesar do aprazivel do local, e da afabilidade com o' que o D.<sup>or</sup> Bentes Castel-Branco, seu emprezario, acolhe os que ali vão buscar remedio ou descanso, tem pouca concorrencia: se isto é desvantajoso para a empresa, foi vantajoso para mim, que pude, sem pasmação de ociosos, fazer á minha vontade investigações de *Folk-lore*, com as quais enriqueci o nosso Cancioneiro e Romanceiro.



Fig. 38.—Brunidor prehistórico



Fig. 39.—Fivela lusitanica

Nos arredores das Caldas obtive para o Museu alguns objectos etnograficos e arqueologicos: um machado de pedra polida, de 0<sup>m</sup>,145 de comprimento, mas com a parte oposta ao gume quebrada; outro, de 0<sup>m</sup>,09, um tanto falho no gume; um belo brunidor, feito de um seixo rolado, e com duas depressões ou *pégas* nas faces maiores, uma em cada uma, para, durante o trabalho, estar seguro pelo dedo polegar e medio, em quanto o indicador se encostava a uma das faces laterais: fig. 38. Todos estes tres objectos datam dos tempos prehistoricos, e apareceram avulsamente nos campos do Covão de Samouco, sitio pertencente á freguesia de Monchique. Aparecido no mesmo local, obtive tambem o aro de uma fivela lusitanica de bronze, que vai desenhada de tamanho natural, na fig. 39<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> O Covão de Samouco fica a pouca distancia da «mata» que sobrepuja as Caldas. Nele ha um *monte* ou «casa de habitação», cercado de horta. Em cima, nos altos, vêem-se os contrafortes da Picota, e em baixo alongam-se muitos vales, chamados: Esgravatadoiro, Carrasqueira, Pedra do Alguidar, Eira Cavada. Na Pedra do Alguidar ha, diz o povo, «uma cova redonda, como um alguidar, feita pelos Moiros» (lenda etiologica).

Das Caldas fui á vila, cujas belezas naturais me atraíam, cercada, como está, de castanhais e pomares, e posta num alto, que permite contemplar a distancia vales verdejantes, e cumiadas de serras alte-rosas. Alem de panoramas admira o forasteiro na vila as duas portas manuelinas da igreja matriz. Em Monchique relacionei-me com muitas pessoas, que me deram objectos para o Museu. O S.<sup>or</sup> Brás Baiona obsequiou-me com um machado de pedra prehistoricó, encontrado na Foia; o S.<sup>or</sup> José Sebastião, com outro, encontrado na Picota; os S.<sup>ors</sup> Antonio dos Reis Calapés e Francisco dos Reis Calapés, por intermedio do D.<sup>or</sup> Bernardino Moreira da Silva, com outro, encontrado no Cerro do Touro; o S.<sup>or</sup> José Antonio Gascon, com um percurtor da mesma época, encontrado num campo de Monchique, e provido de duas pégas dispostas analogamente ás do brunidor de que falei acima; o S.<sup>or</sup> Prior David Neto, com quatro moedas romanas de cobre do sec. IV; o S.<sup>or</sup> Oliveira Chaparro Junior, com um pergaminho medieval; os S.<sup>ors</sup> Isidro Bátista, Antonio Leal, e Alexandre José Baiona, com moedas portuguesas antigas, de prata e de cobre, o S.<sup>or</sup> Manoel Jacinto Coxo, tambem com moedas antigas, que outr'ora, segundo antigo costume, estiveram pregadas em um balcão de vehda; o S.<sup>or</sup> José Antonio Guerreiro Gascon, com um cachimbo de pau artístico, feito por um pastor algarvio (escultura que representa, como creio, o Presidente Kruger). Por compra adquiri um par de tinteiros de faiança antigos, uma regoa de marfim igualmente antiga, um livro dos *solistas*; um *sovelão* de ferro, de matar animais (ovelhas, etc.). Na Secretaria da Camara ofereceu-me o S.<sup>or</sup> Secretario um exemplar do *Código das posturas municipais*, de 1842, muito raro, e outro do *Código* de 1914.

Não se tendo por ora recolhido muitos artefactos neolíticos da região monchiqueira<sup>1</sup>, creio que algum valor possuem os que acima menciono, pois que assim se juntam mais uns elementos, ainda que modestos, para o conhecimento da época prehistoricó da mesma região: e para eles chamo a atenção do S.<sup>or</sup> José Antonio Guerreiro Gascon, que, conforme me disse, pensa em escrever uma monografia histórica de Monchique.

Com o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> José Joaquim Ferreira, Professor do Liceu de Faro, que veraneava em Monchique, e que eu tivera o prazer de conhecer naquela cidade, por ocasião dos exames, e com o S.<sup>or</sup> Honorato Baiona, dei um passeio ao ribeiro dos Pisões, para ver,

<sup>1</sup> Vid. Estacio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, II, 327-328.

como vi, um dos engenhos que serviram de denominação ao sítio. No caminho tive ensejo de observar alguns costumes populares, e de falar com um individuo muito versado em profecias, tipo de sebastianista, o ultimo ou dos ultimos que ainda existem. Numa casa obteve, por me parecer instrumento prehistorico, um disco de pedra, que vi servindo de encosto de porta<sup>1</sup>.

5 de Setembro.—Tendo voltado á Praia da Rocha em 4 de Setembro, fiz no dia 5 uma bela excursão arqueologica pelos arredores de Portimão, na companhia dos S.<sup>ors</sup> Luis Antonio Maravilhas, D.<sup>or</sup> Pedro Judice, e Silva Bastos. A excursão fôra promovida pelo primeiro d'estes senhores, que desejava que eu visse algumas antiguidades romanas por ele descobertas em duas quintas suas, chamadas *Val da Arrancada*, e *Abicada*.

#### 1) VAL DA ARRANCADA:

O *Val da Arrancada* fica a uns 2, kilometros de Portimão, á direita da estrada que vai para Lagos. Mostrou-me aí o S.<sup>or</sup> Maravilhas uma especie de lagar escavado na rocha natural (calcáreo), e composto de uma cavidade maior, B, de uma menor, ou pia, C, inferior àquela e ligada a ela por um canal, e precedido de um tanque, A. Vai esboçado na fig. 40. Tanto podia servir para pisar uvas, como para pisar azeitonas. O tanque A, rectangular, de 2<sup>m</sup>,13, no lado maior, e de uns 0<sup>m</sup>,80 de profundidade, seria para depósito dos frutos que iam pisar-se. A cavidade B, ou lagar propriamente dito, mede 2<sup>m</sup>,65 no lado cd, e 2<sup>m</sup>,44 do lado ce. A pia C, em que caía o liquido resultante da pisa, mede 1 metro no lado ef, 0<sup>m</sup>,74 no lado fg, e 0<sup>m</sup>,87 de profundidade.—Ha um segundo lagar (melhor diríamos *lagareta*), porém construiram-lhe modernamente um fôrno em cima, e não pôde pois examinar-se.

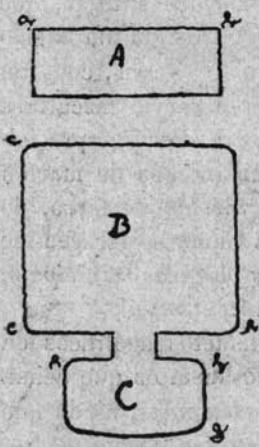


Fig. 40.—Lagar romano

<sup>1</sup> Os habitantes de Monchique chamam-se *Monchiqueiros*. Como o clima e paisagem d'esta região fazem que ela difira muito do resto do Algarve, e como logo para o Norte se segue o Alentejo, dizem os Monchiqueiros que eles nem são Alentejanos nem Algarvios; e colhi a este propósito algumas canções populares.—Sucedem factos analogos em Barrancos, mas por outra razão.

Noutro sitio da mesma quinta vi uma sepultura feita de tejolos, ou *lateres*, postos em fiadas, uns sobre os outros, fig. 41: a largura d'ela é de 0<sup>m</sup>,40; o comprimento actual é de 1<sup>m</sup>,91, mas falta o topo. Os tejolos tem dois tipos: rectangular (0,265 × 0<sup>m</sup>,11); e quadrado imperfeito (0<sup>m</sup>,27 × 0,20). O chão da sepultura era o chão natural. Nada pude saber ao certo nem da tampa nem do conteudo. Orientação NE.-SE.— Não consta que aparecessem mais sepulturas.

Não terminam aqui as antigualhas da Arrancada. Além de pedaços de tegulas, de fragmentos de vasos, que se encontram a cada



Fig. 41  
Sepultura  
romana

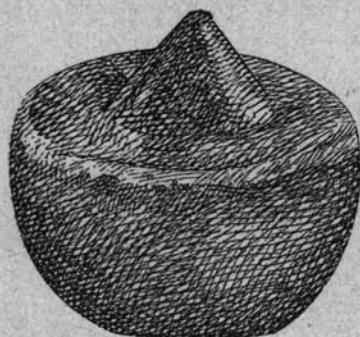


Fig. 42 — Gonzo (2)

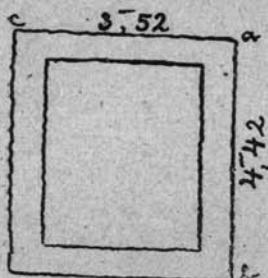


Fig. 44 — Fórmula de um mosaico



Fig. 45  
Pormenor  
de um mosaico  
romano



Fig. 43 — Estrigo de ferro

passo, há alicerces de casas com pavimentos de formigão; um dos pavimentos está coberto de mosaico policromico (preto, branco, vermelho, com desenhos análogos ao primeiro da estampa que representa os de Quintos, publicada no vol. VIII d-*O Archeologo*, diante da p. 162), *opus vermiculatum*. Também apareceu um como forno de cal, uma soleira de porta (enterrada), e os dois objectos que vão desenhados nas figs. 42 e 43, que o S.<sup>r</sup> Maravilhas me ofereceu. O objecto representado na fig. 42 mede no circuito 0<sup>m</sup>,135, e de altura 0<sup>m</sup>,105, é de basalto, está muito poido, e parece um gonzo; o objecto

representado na fig. 43 mede uns 0<sup>m</sup>,39 de altura, é de ferro e tem todo o aspecto de estribo<sup>1</sup>.

## 2) ABICADA:

A quinta da Abicada dista de Portimão 7<sup>kil.</sup>,5, e jaz fronteira á Mexilhoeira Grande. Nesta quinta encontrou o S.<sup>or</sup> Maravilhas um belo mosaico que forra o chão de um compartimento rectangular, fig. 44, de cujo restam vestigios em toda a volta. O mosaico é policromico, como o da Arrancada (cores vermelha, branca e preta), e com desenhos como o d'aqui; tem porém uma cercadura que abrange desenhos de varios tipos. Eis na fig. 45 um dos desenhos que se repetem. Outro desenho consiste em uma estrela de seis raios inscrita em um quadrado. O S.<sup>or</sup> Maravilhas teve a ótima ideia de formar em volta um recinto fechado que o resguarda completamente. Este exemplo pôde servir de lição ás Camaras de Braga e de Vila-Real de Trás-os-Montes, que, por não praticarem actos semelhantes, deixam perder dois curiosos santuarios da época lusitano-romana, um na capital do Minho, o outro em Panoias de Val-de-Nogueiras.

Junto do referido compartimento ha um maior, tambem com mosaicos, de desenhos diferentes, destruido em parte; e quasi contíguo vê-se um terceiro fragmento de mosaico. Respectivamente á distancia de 20 e 100 metros ha mais alicerces de casas, mas talvez sem mosaicos.

Pelo terreno da quinta aparecem pedaços de vidro e de tegulas, e *clavi* de ferro. Um fragmento de tegula tinha um sinal, de 0<sup>m</sup>,135 de altura, que represento na fig. 46: fôra feito com ponteiro, quando o barro estava fresco, e representa uma especie de «A» sem corte horizontal.

Podemos considerar *villae* ou «vilas» lusitano-romanas as duas estações de que acabo de falar: a primeira, como um pouco vizinha do *Portus Hannibalis* (Portimão); a segunda de *Lacobriga* (Lagos).

Bem haja o S.<sup>or</sup> Maravilhas, que sabe dar aprêço a estes monumentos deixados pelos antigos «senhores» ou *domini* das quintas que hoje lhe pertencem!

<sup>1</sup> Se este estribo é realmente romano (*stapia*), e não de época posterior, temos nele um precioso documento arqueológico e cronológico. Vid. sobre isto Richl, *Dir. des antiq. rom. et gr.*, s. v. *scalae*, § 4.<sup>o</sup>, e s. v. *stapia*. A par de *stapia*, alguns dicionários trazem outras formas; mas a unica adoptada por Georges, no seu, é esta.



Fig. 46—Sinal de uma tegula

6 de Setembro.—Neste dia parti da Rocha para o Algoz, para ver tambem uma estação romana. Fiz caminho por Portimão, onde com bastante custo adquiri num ourives uma moeda arabica de prata; e aproveitei o ensejo para visitar no seu castelo de Arade, ou de S. João, o conhecido Poeta, e meu consocio na Academia das Scienias de Lisboa, D.<sup>or</sup> Coelho de Carvalho, que nele estava veraneando.

O castelo fica perto da vila, ainda que do outro lado do rio. Quem quer ir por terra, como eu fui, atravessa este na ponte, passa por Ferragudo, e logo, após uns momentos de estrada tortuosa e ruim, e de areia que escaldava, o encontra diante de si, meio cercado de figueirais, e erguido numa rocha que o rio banha. Que esplendor de panorama! Em frente, Portimão, com seu porto movimentado de barcos e navios; ao lado Ferragudo, cuja igreja paroquial branquejava no alto de uma colina; lá ao longe as verduras da Serra de Monchique.

Quando cheguei ao pé do castelo, não ouvi a buzina que soia tocar na idade-media em casos semelhantes; contudo substituiu-a perfeitamente um ganso, que patinhava num rēgo ao pé da porta, e que muito grazinou ao pressentir-me.

O Poeta, sempre magestoso pela brancura do seu cabelo e barba, e agora todo vestido da mesma cōr, de alto a baixo, como um druida, recebeu-me no escritorio, que ao mesmo tempo lhe serve de sala de visitas. Era uma estancia fresca e ampla, guarnevida de contadores de pau santo, e de cadeiras de espaldar antigas; das paredes pendiam painéis com retratos de familia—*imagines maiorum*—e tapetes de Arraiolos, como enfeite. A um dos lados havia um bufete muito grande, coberto de cadernos manuscritos e de tiras de papel, ou lingoados: era o poema do *Fausto*, que Coelho de Carvalho andava elaborando, e de que teve a bondade de me ler algumas scenas, onde a filosofia dava as mãos á poesia. Coelho de Carvalho, naquela ocasião, via-se um pouco embaracado, me disse, para pintar a seu gôsto a figura do Diabo, um dos personagens do poema. Como ás vezes os poetas se prendem com pouco! Pois o ourives de Portimão, que me vendeu a moeda de que acima falei, dava um modelo de Diabo perfeito, senão nas feições, ao menos nas artimanhas.

7 de Setembro de 1917.—Por indicações que o S.<sup>or</sup> Salvador de Sousa Fava, comerciante e proprietario no Algoz, me dera nas Caldas de Monchique, onde me encontrei com ele, vim a coördenar as seguintes noticias arqueologicas.

A 1 kilometro do Algoz, no sitio ou *morgado* das Taipas, apareceram por 1915 ou 1916 muitas sepulturas feitas de tegulas, que

lhes formavam o chão, os lados, os topos e a tampa. À cabeceira de cada uma havia um tejolo semi-circular, ou uma pedra, aonde se encostava uma cavaeira. Todas as sepulturas continham ossadas e vasos de barro, estes geralmente tambem á cabeceira (um vasilho e um prato); algumas sepulturas continham instrumentos de ferro; numa apareceu uma moeda de cobre, do módulo das que os numismaticos chamam «bronzes maximos». Dentro de alguns vasos havia cascas de ovos.

As sepulturas estavam alinhadas do E. ao O., á profundidade de mais de 0<sup>m</sup>,5 do solo actual, e com a cabeceira voltada para o Oeste.

Eis na figura 47 o tipo das sepulturas, tais como m'as descreveram. Havia uma sepultura que não tinha tegulas: estava aberta no chão natural, e coberta de uma lage.

No dia 7 de Setembro fui ao local do cemiterio. Este fica á direita da estrada de Faro. Na fig. 48 dou um esquema do terreno.

A Terreno de semeadura, de Joaquim da Silva.

B Vinha onde apareceram as sepulturas.

C Vinha de José Guerreiro.

D Fazenda, chamada *da Amoreira*, com vinhas, arvores de fruta, e uma casa.

Em B, propriedade do S.<sup>or</sup> Fava, é que apareceram as sepulturas de que estou falando. Elas, como se mostra do esquema, não começavam junto da estrada, nem chegavam ao termo da vinha. O terreno é plano. Vi por ele pedaços de potes, gargalos de anforas, pedras, caliça revestida de argamassa (cal & areia), e um fragmento de imbrex: tudo isto deve ter vindo de D. Para se fazerem as sepulturas parece que se abriam primeiros covas, que depois forravam de tejolos. As sepulturas ocupam um espaço de uns 50 metros de largura.

Em A é natural que tambem se descubram sepulturas, visto que o terreno confina com B, porém nunca áí se escavou fundo. Em C encontraram-se efectivamente algumas ha muito tempo.

Em D descobriu-se um pôço d'agoa, *puteus*, forrado de pedras, umas no estado bruto, outras aperfeiçoadas (*opus incertum*). Acrescentaram-lhe recentemente um bocal, e tem ainda hoje serventia. O diametro d'este pôço é um pouco menor do que o dos actuais.— Noutro sitio da mesma fazenda apareceu um «sôlo» de argamassa ou *opus Signinum*, posta sobre pedra, e além d'isso alicerces de casas, tejolões, um pote partido, muita caqueirada, e moedas de cobre. O povo diz que existiu na Amoreira uma «cidade»; e em parte não

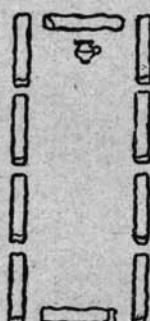


Fig. 47—Tipo das sepulturas do Algoz

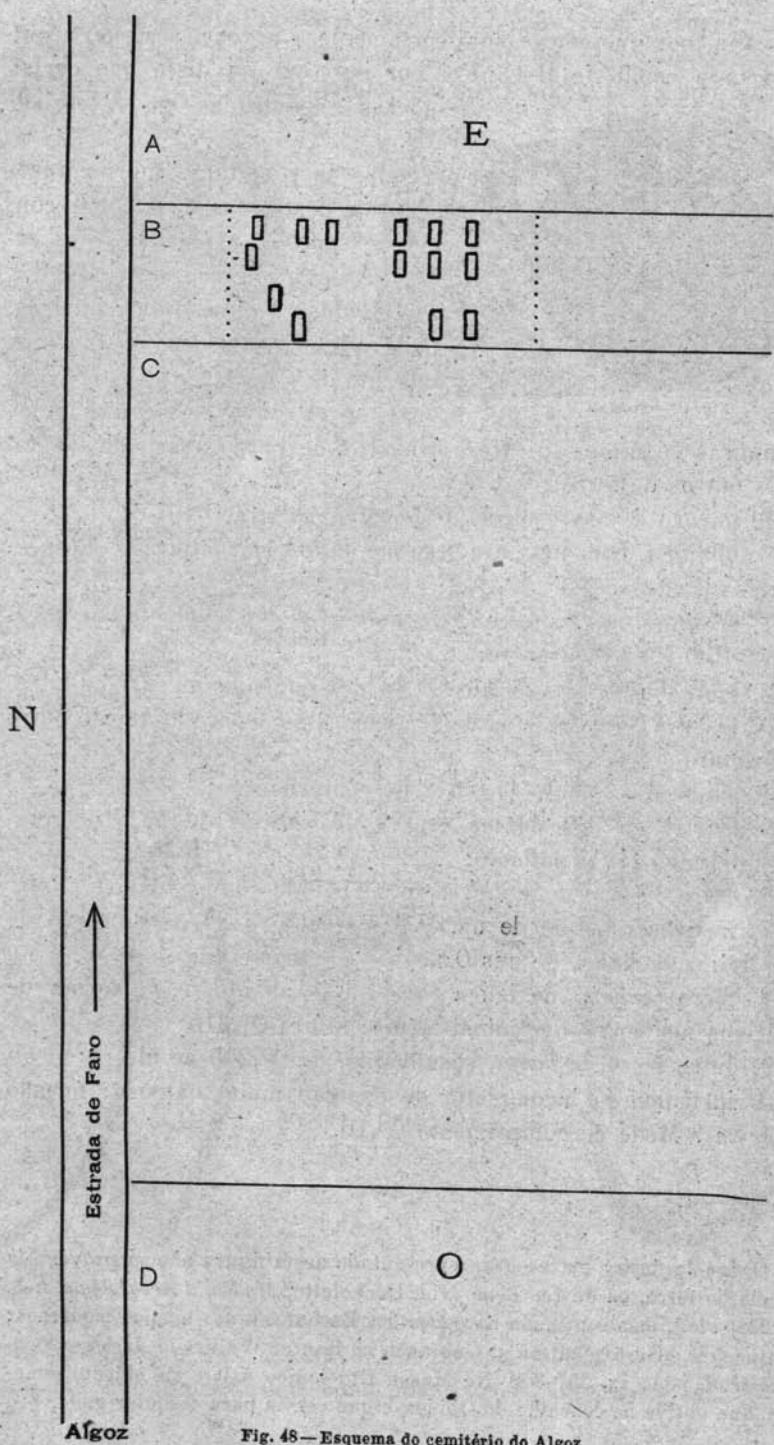


Fig. 48—Esquema do cemitério do Algoz

se engana, por que esteve aqui certamente a povoação (*vicus*) a que pertencia o cemiterio B-C. Foi por isso que eu disse que certas miudezas encontradas em *B* seriam de *D*.



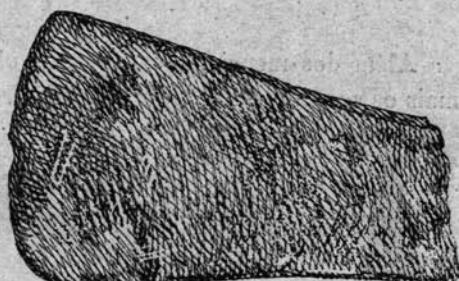
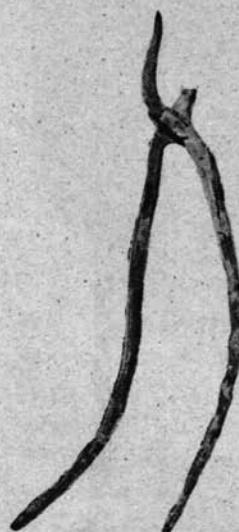
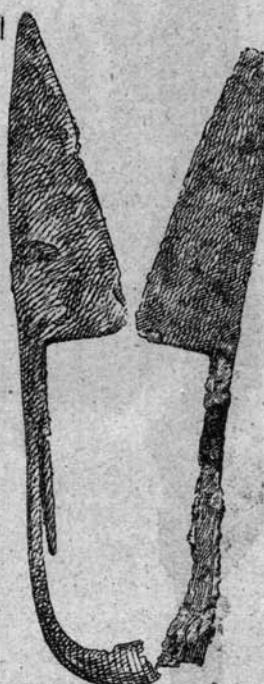
Fig. 49 — *Poculum*

nas figuras seguintes (os tres primeiros de barro avermelhado, todos os outros de ferro):

- 49, pucaro de asa, especie de *poculum* (altura 0<sup>m</sup>,075);
- 50, bilhinha, com uma asa, especie de *lagoena* (altura 0<sup>m</sup>,128), — esborcinada no local;
- 51, pratinho, um tanto concavo, talvez *patella* (diametro na abertura 0<sup>m</sup>,152), falho em parte;
- 52, tenaz ou *forceps* de uns 0<sup>m</sup>,44 de comprimento;
- 53, tesoura ou *forfex* (os dois ramos estão separado um do outro por fractura)<sup>1</sup>;
- 54, cunha ou *cuneus*, de 0<sup>m</sup>,12 de comprimento;
- 55, martelo de dois dentes, especie de *malleus*, de 0<sup>m</sup>,17 de comprimento, com o olho falhado;
- 56, outra especie de *malleus*, de 0<sup>m</sup>,147 de comprimento;
- 57, instrumento que de um lado é sacho, e do outro serve de gume de machadinha, de uns 0,815 de comprimento;
- 58, ferro (*cuspis*) de lança (*hasta*), de alvado, e de forma de folha, com nervura longitudinal media; altura 0<sup>m</sup>,315;
- 59, outro ferro de *hasta*, semelhante, de 0<sup>m</sup>,245 de altura;
- 60, instrumento incompleto, de espião muito extenso: formão (*scalprum*)? Mede de comprimento 0<sup>m</sup>,16.

<sup>1</sup> O tipo da *forfex*, ou tesoura, representado nesta figura não só provém da 2.<sup>a</sup> idade do ferro, ou de La Tène (vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, II-3, 919, 1281, etc.), mas continuou na época dos Barbaros e nos tempos modernos: cf. Rütimeyer, «Gérätschaften u. Gebrauch im Kanton Wallis» in *Archives Suisses des trad. pop.*, xx, 357-358. No Museu Etnológico existe um objecto semelhante, que obtive no concelho de Obidos, e que servia para tosquiá gado.

61, instrumento tambem incompleto, com cabo natural; este é constituido pela parte inferior do instrumento, que se empunhava, e por um ramo que forma angulo com ele, e amparava a mão fechada.

Fig. 50 — *Lagoena*Fig. 54 — *Cuneus*Fig. 55 — *Malleus*Fig. 52 — *Forceps*Fig. 51 — *Patella*Fig. 53 — *Forfex*

Os referidos objectos, com excepção do primeiro, que comprei, ofereceu-m'os o S.<sup>or</sup> Fava. Vê-se que o cemiterio, já por conter ossadas que permitiriam boas observações antropologicas, já pelo

espolio etnografico, era muito importante. Pena foi que quasi tudo se perdesse, e assim se inutilizasse um capítulo da nossa historia antiga!

\*

Além dos mencionados objectos obtive, de varias proveniencias, mais os seguintes, no Algoz: moedas romanas de cobre e portuguesas



Fig. 57 — Sacho-machadinha



Fig. 56 — Malleus



Fig. 58 — Cuspis



Fig. 59 — Cuspis.



Fig. 60 — Scalprum (?)



Fig. 61 — Instrumento indeterminado

(de prata e cobre), oferecidas pelo S.<sup>or</sup> Anibal Marreiros Macksonhas; uma moeda de prata, de D. Miguel, oferecida pelo S.<sup>or</sup> José dos Santos; um gancho de meia, antigo, cordiforme, oferecido pela S.<sup>ra</sup> D. Maria do Carmo Agoas; e obtive por compra algumas moedas arabicas de prata.

\*

No mesmo dia, á tarde, parti para a Vidigueira, aonde cheguei na madrugada do dia seguinte.

8 a 10 de Setembro.—Estes dias passei-os na Vidigueira, onde habita o S.<sup>or</sup> João Villanova de Vasconcellos, que possue



Fig. 62 — Anta da Mangancha

uma valiosa colecção de antiguidades que en fui ver. O S.<sup>or</sup> Villanova fez o obsequio de me reter em sua companhia, e em sua casa, tres dias, e de me mostrar várias estações arqueologicas nos arredores, ou perto, da sua terra, taes como uma anta no sitio da Mangancha, e duas na herdade das Antas de Cima. Quando fomos a esta ultima herdade, apareceu mais uma estação, porém romana, e modestissima, no sitio da Agoa de Lebres de Cima, termo de Vila de Frades: ai encontrámos um péso de barro ou *pondus*, e numerosos pedaços de tegulas, e de potes ou *dolia*. As antas da herdade das Antas de Cima tencionam o S.<sup>or</sup> Villanova explorá-las, e para isso teve já a bondade de me convidar.

Dá-se o nome de *Mangancha* a um conjunto de vinhas que ficam a pouca distancia da Vidigueira. A anta é de granito, e já não está completa: falta-lhe a tampa e muitos esteios: figs. 62 (vista da anta)<sup>1</sup>, e 63 (planta esquematica)<sup>2</sup>.

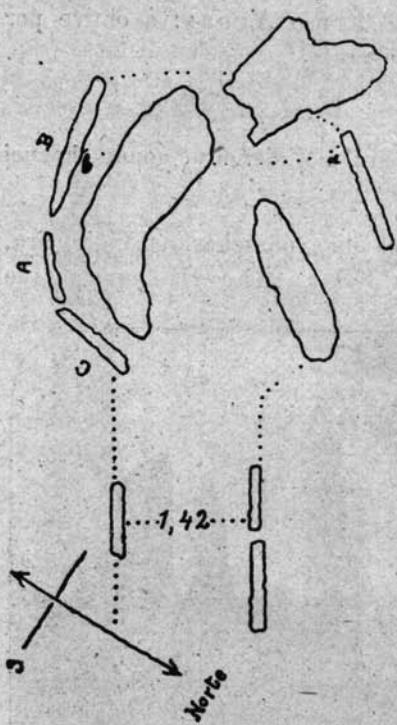


Fig. 63—Planta da anta  
da Mangancha

Em volta d'ela, isto é, no terreno mais extenso que a circunda, tem o S.<sup>or</sup> Villanova e os seus criados descoberto um manancial arqueologico á superficie do chão e nas paredes: mós chatas, mós curvas, amoladeiras, percutores de várias formas, machados de pedra polida, raspadores tambem de pedra, setas e facas de silex, furadores de osso, pendentes de lousa, com colo de suspensão, laminas de cobre, pedaços de barro sulcados<sup>3</sup>, e outros objectos da mesma substancia, taes como: restos de potes e vasilhas pequenas, crescentes com orificios<sup>4</sup>, idólos, cossos biconicos, e de outros tipos, discos toscos, de superficie rude, cabos de colher. Na occasião da nossa visita eu proprio encontrei objectos semelhantes a alguns dos mencionados.

O terreno da Mangancha foi pois muito povoado na época pre-romana, e continuou a sê-lo na romana, pois lá encontrou o S.<sup>or</sup> Villanova pesos de barro, restos de tegulas, dois pedaços de

<sup>1</sup> Segundo uma fotografia do S.<sup>or</sup> Villanova.

<sup>2</sup> Distância a-b: uns 3 metros.

<sup>3</sup> Do tipo que publiquei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 357, fig. 24. Estes barros serviam, como ali digo, de revestir tectos ou paredes de cabanas. Um dos de Mangancha estava queimado do lado oposto aos sulcos, o que mostra que fazia parte do interior de uma.—A par com estes barros sulcados havia-os sem sulcos: certamente eram de um chão de cabana.

<sup>4</sup> É como o que publiquei na *Hist. do Museu Etnologico*, p. 357, fig. 24, e que aí considerei como secção ou parte componente de xoreia. São-lhe comparáveis os crescentes feitos de conchas, publicados por H. & L. Siret em *Les premiers âges du métal*, est. iv do Atlas. No Algarve, nas mãos de um colecionador, vi um objecto semelhante, de lousa, e portanto achado; estava quebrado nos extremos.—Noutro artigo voltarei a falar dos objectos d'este tipo.

objectos de barro com inscrições. Um d'estes pedaços, ornamentado de sulcos horizontais, com um sulco ondulado entre eles, pertencia a um bojo de pote (*dolium*), de pasta grossa, dura e esbranquiçada (altura do caco 0<sup>m</sup>,292; espessura 0<sup>m</sup>,021), e tem umas letras feitas com estilete antes da cozedura (fig. 64<sup>1</sup>). O segundo pedaço é de um tejolo (*later*) e tem as letras que representa a fig. 65, isto é: *Heren(nius)*, nome talvez de quem fabricou o tejolo.

A colecção arqueologica que o S.<sup>or</sup> Villanova de Vasconcelos formou na sua casa da Vidigueira consta de cousas pre-romanas, romanas, e post-romanas.

Entre as da primeira especie figuram as que colheu na Mangancha, com excepção das que por sua generosidade eu trouxe para o Museu Etnologico (percutores, mós, machados de pedra, crescentes de barro, etc.), e figura alem disso o seguinte: um objecto ceramico analogo ao que publiquei no meu livro intitulado *De Campolide a*

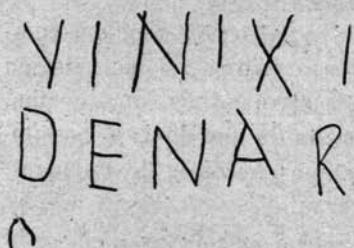


Fig. 64—Inscrição de um *dolium*



Fig. 65—Inscrição de um *later*

*Melrose*, Lisboa 1915, p. 145, fig. 71 (travesseirinha, se o é; ou ídolo?); uma candela, igualmente de barro, de caracter primitivo; machados de pedra de várias localidades; uma fibula de bronze, da 1.<sup>a</sup> idade do ferro, proveniente de Rabil (Vidigueira).

Entre as cousas da epoca romana ha não só as da Mangancha, que mencionei supra, mas outras: uma estatueta de Mercurio, ou *mercuriolus*, achada no Algarve, e que pertenceu a Estacio da Veiga (tem na mão direita a bolsa, que é um dos atributos do deus; na esquerda, que lhe falta, devia ter o caduceu; do ombro esquerdo cae-lhe um manto); uma *statera* de bronze, achada no sitio dos Poçilgos (Vidigueira), muito delicada; alguns pesos de barro, vindos de diferentes localidades; moedas.

<sup>1</sup> Leio: *vini xi denar(ii)*. (O que resta da 3.<sup>a</sup> linha não sei o que é). Tradução: *11 denarios de vinho*.

À época post-romana pertence uma candeia árabe de barro, de Beja, e muitas coisas portuguesas, antigas e modernas: quadros, azulejos, armas, moedas, e espécimes de etnografia artística dos pastores alentejanos (um polvarinho de 1737, colheres de pau e de chifre, pintadeiras etc.). O polvarinho é muito curioso, quer por causa dos seus lavores (animas, vegetais, rosetas, vaso de flores, etc.), quer por estar nele gravada uma quadra: infelizmente esta é muito licenciosa, não a posso transcrever aqui.

Com o museu possue o S.<sup>or</sup> Villanova uma biblioteca, formada de livros antigos, e de livros modernos. Nos ultimos predominam, como é natural, os de Arqueologia e de Agricultura, visto que seu dono, se consagra amor às coisas arcaicas, é também importante lavrador, que tem de cuidar dos campos.

11 de Novembro de 1918.—Parti à noite para Lisboa, passando umas horas na Quinta da Esperança (Cuba), pertencente ao S.<sup>or</sup> D. José Manoel Braamcamp Barahona, que, em companhia do seu Pai, o S.<sup>or</sup> Conde da Esperança, aí me mostrou muitas preciosidades de arte antiga, ainda em uso, tais como pratas, loiças, roupas, móveis, que dão ideia perfeita do que devia ser o interior de uma casa, rica e nobre, dos tempos heroicos de Portugal. Tantas que havia outr'ora, e hoje tão raras!

J. L. DE V.

---

### Uma fundação de D. Tareja

(O mosteiro de Ermelo)

1. Explicação prévia—2. Situação do mosteiro—3. O convento e a igreja  
4. Efemérides de Ermelo—5. Lendas conhecidas

#### 1

«Desnecessário é hoje encarecer as vantagens, que resultam de registar, nas páginas das publicações especiais, todas as relíquias, por mais modestas que pareçam, da arquitectura antiga. Não é simplesmente o edifício monumental e grandioso, que deve ser estudado: nas construções da mais reduzida fábrica, escondidas nas sombras dos campos e relegadas para o fundo dos vales, há importantíssimos elementos de observação. As correntes das ideias e dos estilos circulavam em canais conhecidos e limitados; não se espraiavam como hoje ao sabor de inúmeras influências de carácter individual e social, em prejuízo do sentimento de unidade, o único que é capaz de criar

e conservar uma escola. As singelas edificações eclesiásticas dos primeiros tempos da monarquia<sup>1</sup>, salvas ainda hoje do naufrágio dos séculos, em ocultos recessos das nossas províncias do norte, representam tam genuinamente uma escola, um estilo, uma época, como as catedrais opulentas, os mosteiros grandiosos, as igrejas monumentais, erguidas com todos os recursos artísticos e pecuniários.

Pessoalmente a mim, sempre me produziram uma singular impressão essas pequenas igrejas rurais, construídas no estilo românico. Foram discretas testemunhas das lutas de que nasceu a nossa nacionalidade e tanto a enrijaram que ela viceja ainda . . . nove séculos andados. Sente-se diante das paredes antigas, sigladas pelos obscuros canteiros, um desejo insofrido de conversar com elas, inquirindo-as por aqueles velhos tempos, por aqueles guerreiros indomáveis, por aqueles conciliábulos pela calada da noite, nas vésperas dalgum feito ousado, ao arrancar para alguma emprêsa de armas.

O edifício religioso que, com mais viva comoção, me abalou de entre os que na minha própria terra tenho visitado, foi aquele de que vou dar aqui uma resumida notícia. O conhecimento exacto da sua fundação, a reminiscência de uma princesa como foi a consorte do conde D. Henrique, da sua época, da sua vida, não me deixavam insensível à sugestão daqueles silhares, tam velhos e tam frescos ainda do primitivo vigor. É ainda debaixo dessa impressão que escrevo, apesar de lhe terem passado por cima alguns anos já. Não o esqueço. Intento trazer a público a notícia de todos os antigos monumentos arquitectónicos do meu concelho; mas a razão de começar por este é sinceramente a minha preferência quâsi afectiva pelos restos do velho mosteiro de Ermelo».

Estas considerações fazia eu em 1902, depois de ter realizado a excursão a Ermelo, duas vezes no mesmo ano de 1897, em Maio e Outubro. Preparava-me então para publicar uma monografia geral sobre o concelho dos Arcos de Valdevez e para isso ia armazenando todos os elementos do meu programa; por nova orientação da minha vida, sobreestive no plano. Catorze anos sucessivos impuseram silêncio a este estudo, que retiro agora dos meus cadernos. O meu interesse actual por estes valiosos restos é o mesmo, senão mais, que outrora, mas a minha sincera emoção de incipiente, ledo e despreocupado, quâsi gelou no sangue. As fotografias e desenhos deste artigo são ainda os provenientes das duas visitas, que fiz a Ermelo em 1897; toda a parte descriptiva se fundamenta nas notas tomadas então.

<sup>1</sup> Presentemente poderíamos já falar das anteriores.

A situação desta freguesia é selvática; dista dos Arcos de Valdevez 13 quilómetros e fica na margem direita do rio Lima (*Arch. Port.*, x, 260). Pertenceu ao antigo concelho de Soajo e agora pertence ao dos Arcos de Valdevez. Estradas não há; caminhos estreitos e escabrosos, mas surpreendentes de paisagem.

O local, em que a igreja está construída, foi inteligentemente escolhido. Em toda a margem direita do rio, desde a freguesia de S. Jorge para montante, não se encontra situação que possa comparar-se à do mosteiro do Ermelo. Quem o demanda, trazendo o caminho paralelo ao rio, só o avista quando já muito próximo se detêm, em uma revolta da calçada. É um patamar da encosta que se depara, um plaino de desafogadas vistas aquele onde se acoita a vetusta igreja. Para diante, as margens do Lima, deste lado, tornam-se mais abrutas e penduradas sobre o leito, aproximando-se altaneiras dele. Sugeriu-me a disposição do sítio a da concavidade de uma grande concha, voltada para o rio e aberta para o sol, a meio da qual a igreja se engastasse com a sua coloração antiga, abrigando-se precatadamente das nortadas arrefecidas nos visos não distantes do Outeiro-Maior. A posição do sertanejo cenóbio era pois magnífica e verdadeiramente estival. Estava-se na primeira quinzena de Maio quando da minha primeira visita e já do ambiente se evolava o aroma criador da vinha em pleno desabrochar.

Nas cumeadas e pendores, que limitam a paisagem de exuberante rudeza, e onde, a intervalos, leiras delgadas de terra lavradia nutrem as culturas anuais do centeio e do milho, uma compacta vegetação de medronheiros luzidios esverdinha intensamente o quadro agreste, recordando-nos o zélo previdente dos beneditinos que, ao aceno de uma rainha medieval, deixaram, em volta do seu couto monástico, segundo é voz na montanha, os preâmbulos de uma arborização alegre e ao mesmo tempo utilitária. Ainda hoje o medronho é ali aproveitado para aguardente e constitui um dos rendimentos da igreja.

Da primitiva construção existe a igreja românica e alguns fundamentos e paredes do convento, conservando uma destas três arcos característicos, de larga ogiva e impostas salientes, mas já meio sotterrados. Este anexo da igreja não se me afigurou vasto. Dos documentos, como adiante veremos, infere-se que a mãe de D. Afonso Henriques não teve ensejo de acabar a sua fundação, e é talvez em

consequência dessa circunstância que a igreja me deu a impressão de ter tido um plano primitivo, de certa grandiosidade, o qual posteriormente, mas dentro da mesma época arquitectural, foi reduzido a modestas proporções. É digna de nota esta concordância do despolamento antigo, a que me referirei, com as observações que tenho feito<sup>1</sup>. A essa construção inicial pertence o arco do cruzeiro com as suas colunas interiores, os dois arcos colaterais e um formosíssimo espelho na empena, que daria luz para o corpo do templo, abrindo-se



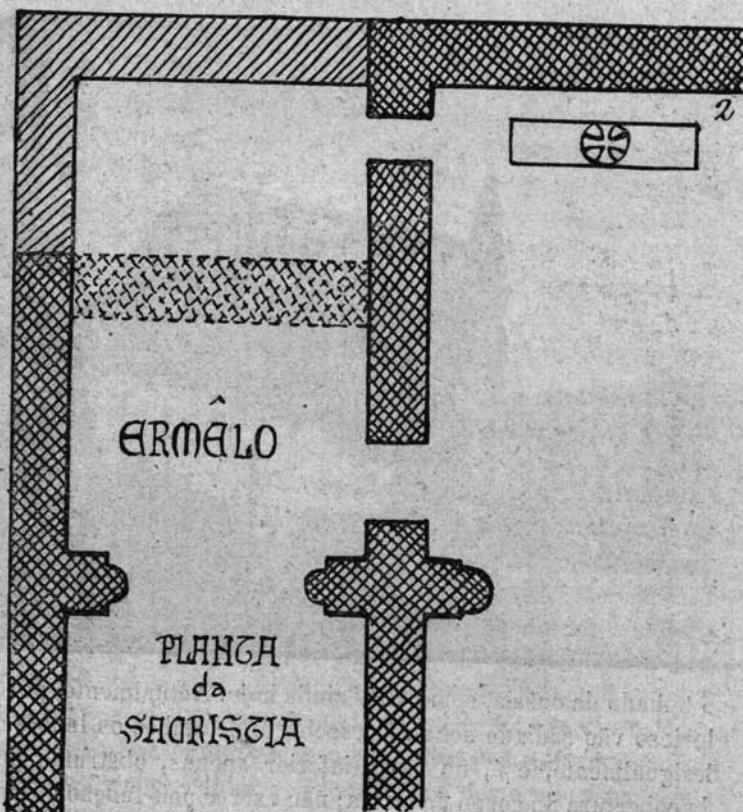
sobre o telhado da oussia, como aliás ainda hoje. Actualmente, porém, esse glorioso vão radiado acha-se descoberto de ambos os lados, embora desigualmente, e é, na parte inferior apenas, obstruído pelas asnas da cobertura do corpo da igreja; não exerce pois função alguma.

O alçado desta parede, que vem a ser a do cruzeiro do templo, do lado do evangelho está completo, existindo ainda um arco menor com colunas, o qual actualmente fica dentro da sacristia. Pelo lado exterior, essa parede levanta verticalmente o seu cunhal até a base da empena,

<sup>1</sup> As paredes laterais do corpo da igreja estão mais a dentro do que deviam estar no presumido plano primitivo, mas as portas laterais e os cachorros mostram a sua época. Além disto as paredes da oussia não estavam como agora no seguimento das do corpo da igreja.

onde remata com um par de misulas. O arco existente desse lado comunica a sacristia com uma quadra, que serve de passagem para o torreão ou campanário.

A meio da actual sacristia notam-se, sobre a face externa da capela-mor, os sinais de ter sido aí apeada uma parede para dar maior capacidade àquela dependência, fazendo-a alcançar o cunhal antigo da oussia. Pode ver-se, no esboço de planta, indicada a linhas ponteadas a projecção dessa parede.



O arco do cruzeiro, também chamado triunfal, ergue-se de dois fustes vigorosos embebidos em grossas pilastras, que avultam fortemente das paredes. A ornamentação dos dois capitais é larga e profunda e eles mesmo são de dimensões avantajadas. Nos ábacos corre um motivo que se reproduz, por exemplo, nas Águas Santas.

Na figura que representa a igreja do lado da capela-mor, mas observada da margem do Lima que corre ao fundo, poderão notar-se, embora com a diminuição da distância, a parede posterior da

oussia com a sua fresta rica, o espelho no vértice da empêna que remata a parede do arco triunfal ou cruzeiro e, perfilando-se sobre o caiado do campanário moderno, as duas mísulas da cornija, a que me reporto acima.

Da banda da epistola, conserva-se ainda outro belíssimo arco, de curiosa curva, o qual reproduzi em duas fotografias. Como se vê, esta parte está fora já do templo actual e a própria parede exterior não foi acabada como no outro ângulo<sup>1</sup>. Superiormente ao arco, uma fresta,

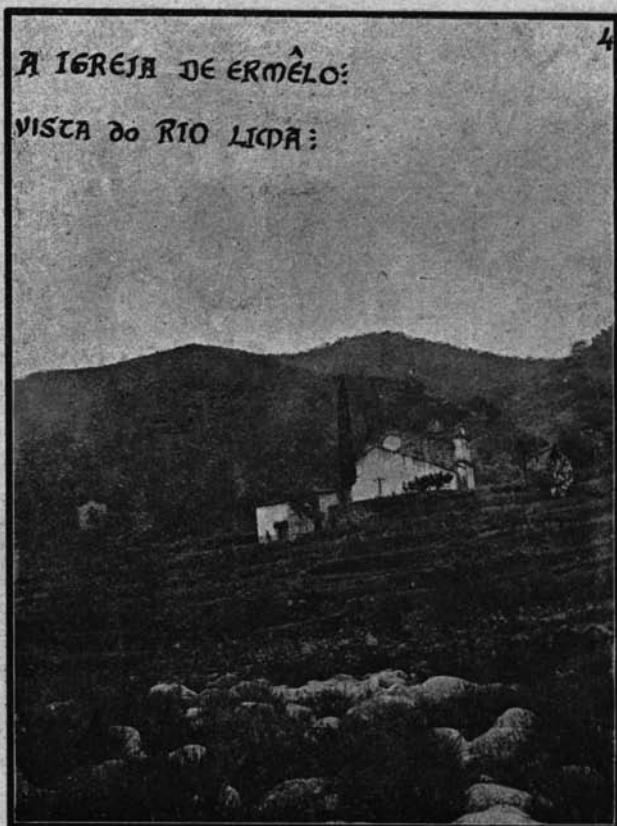


que arregaça para o interior, devia iluminar este colateral da igreja; o que indica que ele havia de prolongar-se por esse lado, para um absidiolo, capela ou qualquer outra quadra, deixando isolada a oussia; sem dúvida não era para abrir para o exterior, a modo de porta. Seria

<sup>1</sup> Sentada debaixo desse arco antigo vê-se a figura de um dos meus companheiros da excursão e ilustre conterrâneo, o Dr. Francisco Teixeira de Queiroz.

um absurdo arquitectónico e de certo essa lumieira não se fez com o fim de servir para aquilo para que hoje serve, que é para nada.

Este arco dá a súbita impressão de um arco mourisco, mas não o é. Recorda os arcos da igreja da Travanca, na parte inferior, mas aqui é um arco dobrado<sup>1</sup>. O cesto do capitel é que lembra certas flores de duplo cálice sobreposto, e esta disposição dá-lhe tam desmesurada altura que o fuste tem de suportar, ingénua mas brutalmente, um capitel e respectivo ábaco tam altos e corpulentos como



A IGREJA DE ERMÉLO:

VISTA DO RIO LICRA;

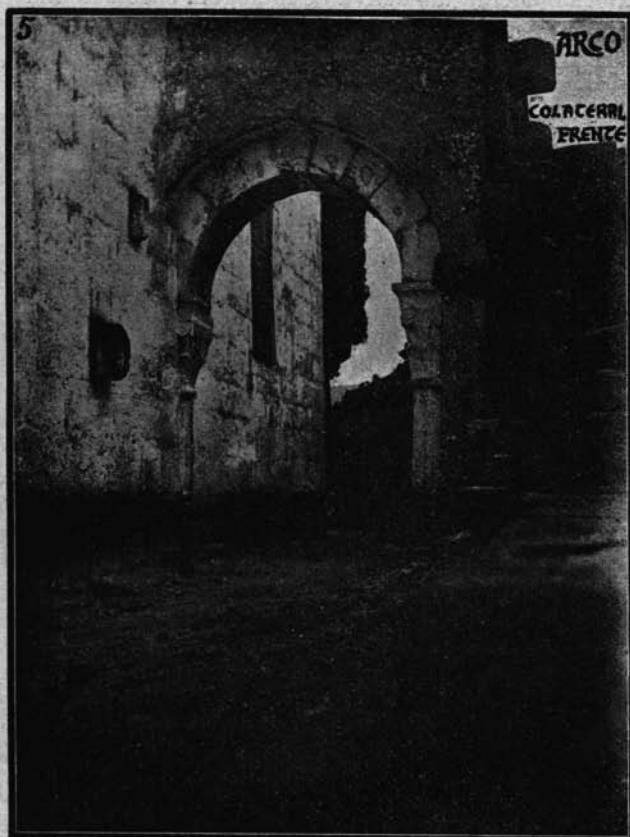
4

éle próprio. Ha tal ou qual analogia entre estes capiteis e os da igreja de Unhão; mas julgo que se filiam no tipo coríntio profundamente deturpado. O que é inegável, é que as linhas que desenham o vivo d'este arco são de uma estrema galhardia.

<sup>1</sup> *Précis d'Archéol. du Moyen-Age*, par J. A. Brutails (Toulouse-Paris, 1908) p. 67, fig. 36.

A igreja tem actualmente uma só nave, mas, segundo o depolmento do *Dicionário Geográfico*, em 1758, tinha três naves, o que não se comprehende.

A capela-mor ou oussia tem a sua parede posterior realçada por uma fresta de rica concepção; seis colunelos lhe ornam os umbras; quatro interiores e dois exteriores. Alguns dos desenhos que apre-



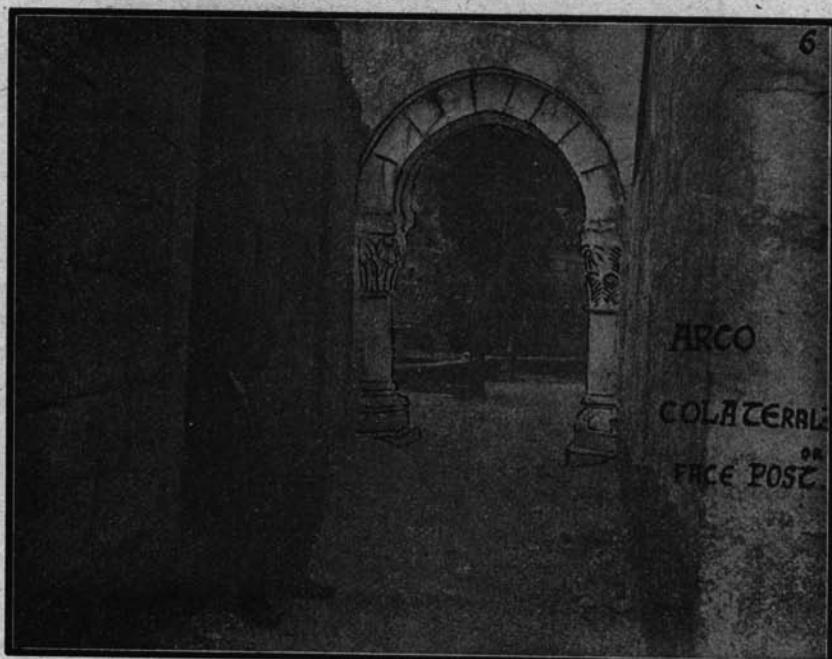
sento são verdadeiros instantâneos a lápis; que mos relevem os leitores exigentes.

Isto é o que parece ser a parte da igreja, contemporânea da régia fundadora. O primitivo plano teria sofrido uma transformação para mais modesto; porque a anchura do corpo da igreja ficou limitada à do arco cruzeiro, entestando as paredes laterais sobre os panos que constituem os pés direitos desse arco máximo, quási entaipando as colunas dos arcos laterais, como se averigua nas figs. 5 e 7. Essa modificação deu-se, porém, ainda sob o domínio do românico, porque

são também do mesmo estilo o portal da igreja e as duas portas travessas, todas de simplicíssima concepção, destoante da liberalidade ornamental da outra parte do templo.

O espelho, de que os meus apontamentos gráficos dão uma rápida impressão, é de múltiplos colunelos radiais, que estribam três arquivoltas concéntricas e carregadas de lavores diferentes.

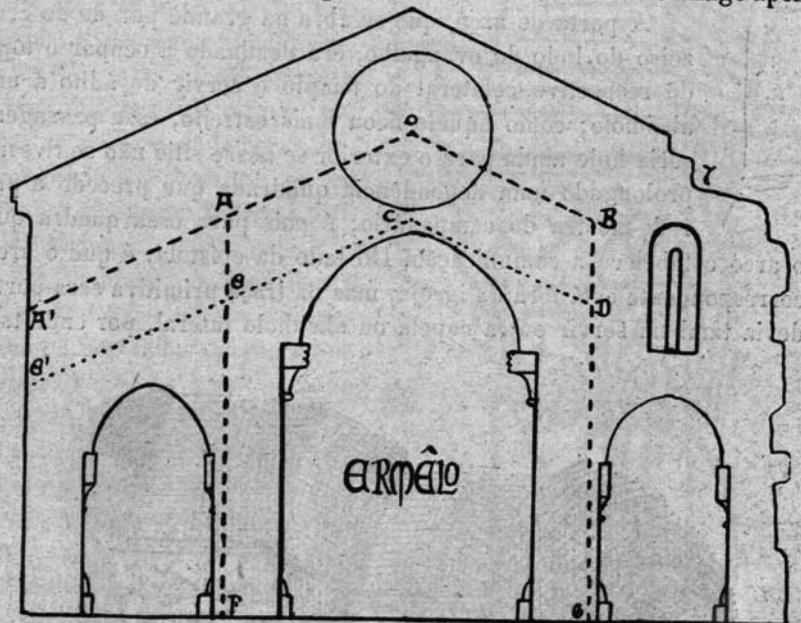
A externa ostenta uma silva de folhagem enrolada mais ou menos estilizadamente, com descontinuidades, como se vê no esboço da fig. 15. Na porta lateral da igreja de S. Tiago (Coimbra) vê-se uma ornamen-



tação igual, a que os franceses chamam *rinceau*. A imediata é ornada de botões ou cabeças de prego cónicas, fendidas em cruz e lavradas em relevo forte nas aduelas, a dentro de cada uma das juntas, o que lhes tira exacta equidistância; a última é um toro ou cordão de losangos de duplo sulco gravados transversalmente. Estas três arquivoltas contiguas têm disposição embusinada, circunscrevendo o disco central de pedraria recortada com graciosa arte. Por sua vez, este consta sumariamente de um feixe de estreitos colunelos cilíndricos, irradiantes de um centro maciço e entremeados junto dos seus topos externos com um círculo de pérolas anichadas em pequenos arcos de ligação.

Na fig. 18 desenhei pelo lado interno a porta principal; as impostas tem uns relevos simples, como almofadas sobrepostas. No timpano uma cruz trina vasada serve de ventilador, bem necessário juntamente com as frestas, em uma igreja, cujo pavimento era constituído por sepulturas. Disposição não rara.

Em uma destas paredes, a do lado da epístola, ainda se pode observar exteriormente o fundo sulco vertical com que vincou o granito a corrente de ferro de um sino, ao qual servisse de suporte um campanário erguido sobre a porta lateral desse lado. Esse antigo apê-



PAREDE DO ERVÉZIO

AOB — Linha actual do telhado do corpo da igreja.

ECD — Linha actual e primitiva do telhado da oussia.

AEF e BDG — Prumadas das actuais paredes do corpo da igreja (e oussia).

AA' — Linha do telhado da quadra consecutiva à sacristia do lado do corpo da igreja.

EE' — Linha do telhado da sacristia actual.

dice não existe já; construiu-se outro modernamente do lado oposto. Debaixo dos beirais corre a fiada de cachorros multiformes, que entretinham a imaginação medieval e são hoje de indecifrável alusão.

Uma das fotografias reproduz, pelo lado da epístola na direcção da fachada, a cornija suportada pelos subjacentes modilhões, verdadeira viga de granito assente nos topos esculturados de presumidos barrotes transversais do madeiramento.

Das primitivas paredes colaterais do templo existem os funda-

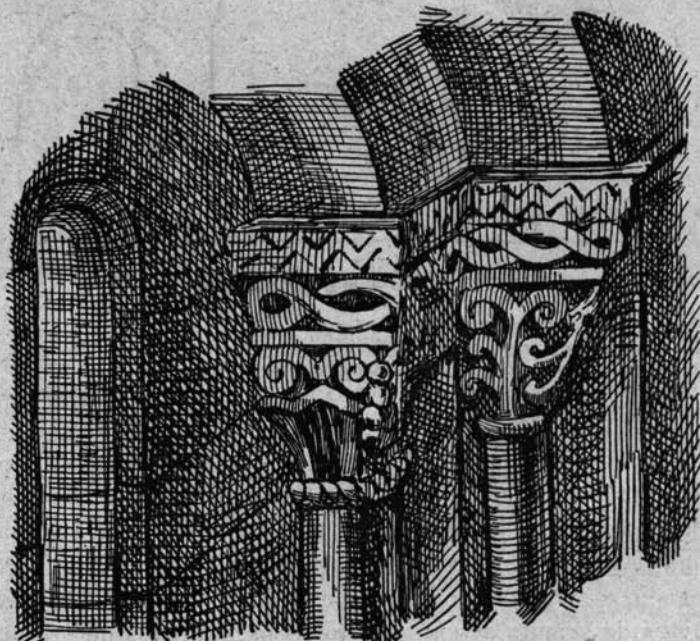
mentos; pode estudar-se nesses vestígios um sistema construtivo ainda hoje em vigor e que denominam *repisa* no Alto-Minho; é uma maior espessura da parede do alicerce, constituindo a saliência de um degrau de alvenaria junto do solo.

8



A capela-mor é inteiramente do fabrico primitivo. A porta de comunicação para a actual sacristia não é decerto a antiga; mas mais modernamente abriu-se nova passagem através da parede para o trono da capela-mor e esse trono é uma inovação.

A porta de arco, que se abre na grande parede do cruzeiro do lado do evangelho, era destinada a ocupar o topo do respectivo colateral do templo e servir de ádito a um absidiolo; como aquêle ficou mais estreito, essa passagem seria hoje ainda para o exterior se nesse sítio não se tivesse prolongado uma dependência quadrada que precede a parede-mestra do campanário; é pois para essa quadra que o arco estabelece a comunicação. Do lado da epístola, é que o arco correspondente está fora da igreja, mas na traça primitiva essa porta devia também servir outra capela ou absidiolo lateral, por onde tal-



CAPITEIS da FRESTA da OVSSIA

vez se fizesse a comunicação com o convento que ficava desse lado. Isso porém creio que jamais se construiu.

Na parede exterior livre da capela-mor, vários cachorros ou dentilhões são a prova de que lateralmente algumas pequenas construções lhe aderiam; mas nas paredes do corpo da igreja existem iguais suportes, o que parece demonstrar que à roda dela alguma alpendrada corria, como ainda hoje nas ermidazinhas do sul. É um processo diferente do actual, em que se prefere embeber a extremidade dos barrotes ou vigas em agulheiros feitos na própria pedra.

A fachada tem uma fresta que abre para o côro, arregançando, mas lateralmente ainda outra fresta de igual desenho o ilumina. Tanto uma como outra tem as aduelas do fecho lavradas pelo lado interno. Em uma é uma estrela flamejante, em outra vê-se o relevo mal definido dum animal, talvez um cordeiro; aqui deixo a indicação gráfica da singularidade.

Não faltam siglas de canteiro na silharia; um dos mais freqüentes é a letra  $\text{W}$ , que aliás também aparece nas pontes medievais do concelho.

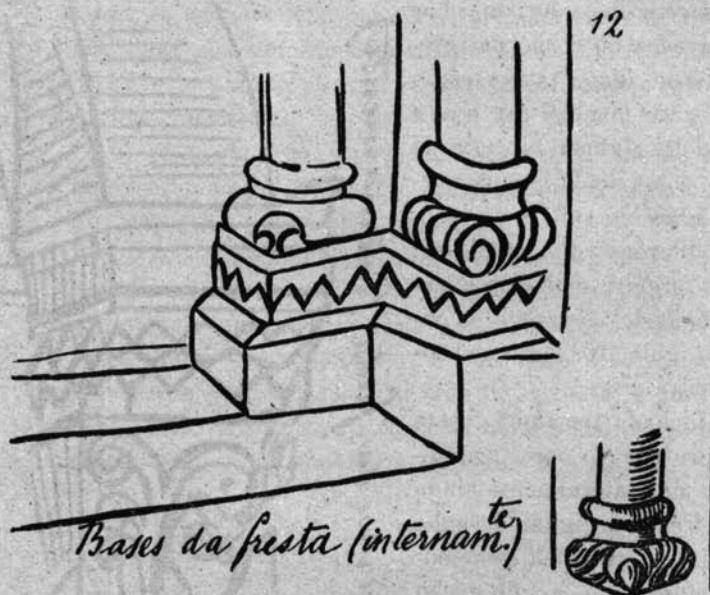
O altar-mor não está ligado à parede do fundo, mas um pouco afastado. Para servir de fundo ao conjunto, pintou-se a parede com um fresco que, segundo o P.<sup>o</sup> Carvalho da Costa (1706), representava a Virgem Maria e S. Bento<sup>1</sup>. À data da minha visita, ainda se viam



<sup>1</sup> *Toutes les églises du Moyen-Age étaient peintes à l'intérieur et au moins partiellement à l'extérieur. (La Peinture décorative en France du onzième au seizième siècle)* par Gélib-Didot & Laffillée, citada por J. A. Brutails no *Précis d'Archéologie du Moyen-Age* (Toulouse-Paris 1908) p. 90). Cf. as minhas *Pinturas parietais*.

vestígios da pintura. Exteriormente nenhum contraforte; a igreja devia ter sido coberta com telhado.

É voz corrente, na própria freguesia do Ermelo, que o convento foi acabado, mas destruído por um incêndio. O que é certo, é que os



monges, apesar da amenidade da situação, tinham relutância em habitar aquele ermitério, talvez pela sua inópia, a que os documentos fazem referência e que serviu de fundamento à doação de D. João I.

**12 A** Uma singular informação me deram alguns moradores; o pavimento da igreja era constituído por carneiros de granito, escavados em trapézio com um nicho para a cabeça do defunto, sepulturas *mumiformes*. Não existiam já; todos foram partidos para fornecer a pedra para uma calçada que desce ao rio; efectivamente ainda pude ver que um desses calhaus apresentava parte da cavidade circular da cabeceira. Seriam coevas da edificação da igreja estas sepulturas interiores? Eis o que não tem fácil resposta. É certo que os enterramentos dentro dos templos estavam reprovados desde o primeiro concílio de Braga, o que suficientemente revela que eles se praticavam, pois que não se proíbe o que não se faz. Mas é provável que o uso se restabelecesse pouco a pouco e disso há algumas provas, a que a

informação supradita vem dar algum apoio<sup>1</sup>. Além disto, tendo esta igreja começado por um cenóbio rural, que depois se transformou em freguesia, não repugna crer que desde o inicio as inumações se fizessem dentro da própria igreja.

## 4

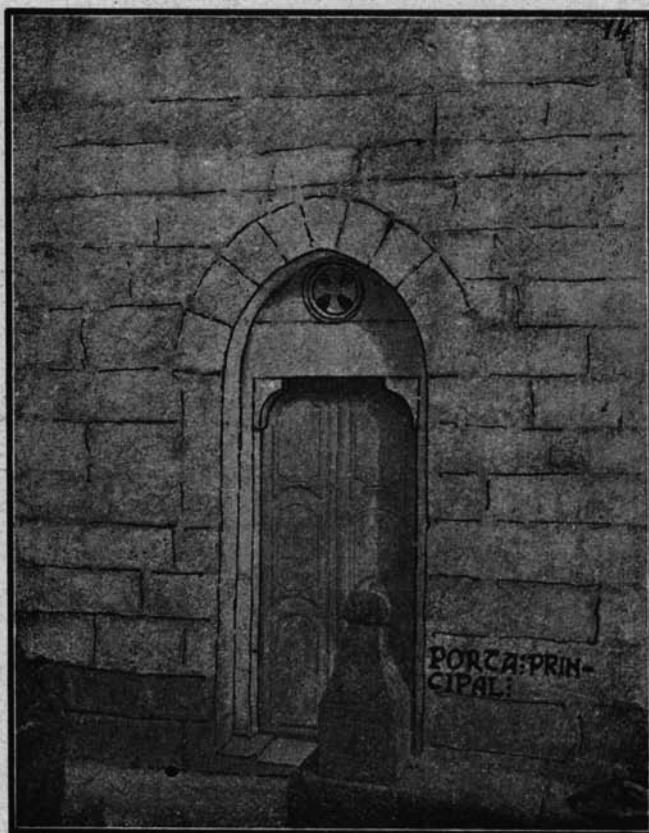
As duas referências mais antigas a este mosteiro encontram-se, uma nas *Inquirições* de 1258<sup>2</sup> e outra em uma carta de D. João I; aquela



<sup>1</sup> Vid. *Arch. Port.*, I, 190 e *Elucidario de Viterbo*, I, 430. No doc. citado por Viterbo fala-se claramente em *ecclesia*, quando em outros se diz *monasterium*, etc., parece que significativamente.

<sup>2</sup> Deixei demonstrado n-*O Arch. Port.*, X, 246, no artigo: *Um erro de amanuense nas Inquirições de D. Afonso III (C. Sancti Salvatoris d'Arcus)*, que aqui se deve ler *Sancti Petri d'Arcus*. A interpretação natural, mas incorrecta das *Inquirições*, faz que se diga que o primitivo assento deste mosteiro foi no lugar da futura vila dos Arcos.

alcança D. Afonso Henriques, a outra a rainha viúva do Conde D. Henrique. Segundo aquelas, D. Afonso coutou o primitivo mosteiro na freguesia de S. Pedro dos Arcos, e o abade e os frades *sacaram-no* dali e transferiram-no para o lugar de Armelo (ou Ermelo). No tempo destas *Inquirições*, esta freguesia, que era limítrofe da de S. Pedro dos Arcos, pertencia ao Julgado de Soajo, aquela ao de Valdevez. Desta primitiva fundação não conheço nem foram ainda encontrados



restos arquitectónicos, mas a inscrição funerária que estudei n-*O Arch. Port.*, VII, 81, e VIII, 204, é decerto o testemunho significativo da existência de um mosteiro, de que Ordónio era confrade ou donatário, em S. Pedro dos Arcos.

A notícia contida nas *Inquirições* de D. Afonso II (1220) não se reporta a tempos anteriores e, o que nos diz de Ermelo, é um eco das rivalidades entre os reis e os mosteiros, no que tocava à posse

das terras<sup>1</sup>, mas interessa-nos menos pelo que respeita á antiguidade da igreja de Ermelo.

A segunda referencia é feita por uma doação de D. João I, em carta datada de 5 de Janeiro da era de 1426 (Livro I, fl. 178, da



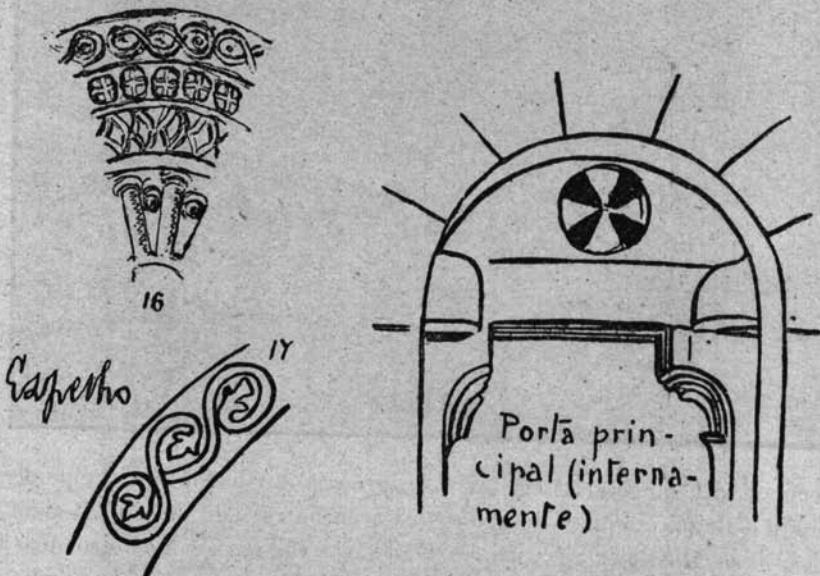
respectiva Chancelaria) em favor do próprio mosteiro, das igrejas de Soajo e Britelo, aquela limítrofe e esta do outro lado do rio. Aí dizia Frei João Martins que a rainha D. Tareja edificara o mosteiro, mas não o pudera acabar, e ainda no tempo de D. João se encontrava, podemos aqui também dizer, imperfeito<sup>2</sup>. Esse documento prova também

<sup>1</sup> Transcrevo dessas *Inquirições* (*Port. Mon. Hist., Inquisitiones*, p. 37): De terra de Anovrega... De Santa Maria de Santa Asia. Abbas infirmatur... et dixerunt omnes jurati quod in Galieira (deve ser Gavieira, hoje freguesia destes sítios) habebat dominus Rex suum regalengum et dabant inde octavam; et fuit abbas de *Ermelo* et posuit per ipsum regalengum cautos et dedit illud ad monasterium de *Ermelo*; et fuerunt omnes homines facere rancuram domino Regi Sancio, et dedit eis portarium et intravit inde ipsos homines; et postea venit ipse Abbas et filiavit illum et incartavit eum cum Oorigo Ooriguiz ut haberet totum cum Monasterio per medium, ideo ut per illum haberet illum bene paratum et sic nichil inde habet Rex».

<sup>2</sup> Dom Joam por graça de Deus Rey de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceupta & A quantos esta carta virem fazemos saber que Dom Frey Joam Martins

que a existência do convento estava já ameaçada pela pouca freqüência de monges, hipótese que aliás já fôra prevista pela régia fundadora (*Arch. Port.*, VII, 83) e confirma o que atrás deixei esclarecido acerca da transferência do mosteiro de S. Pedro dos Arcos para o lugar de Ermelo, porque a rainha dispunha que, se o mosteiro não se pudesse «manter asy por guerras, como por mortindade, como por outra qualquer guiza que seja, que se tornasse a S. Pedro Darcos, que é no julgado de Valdevez».

Do séc. XIII (E. 1296; A. 1258) ás *Inquirições* de Afonso III, sendo abade Pedro Anes, os depoentes disseram que o mosteiro

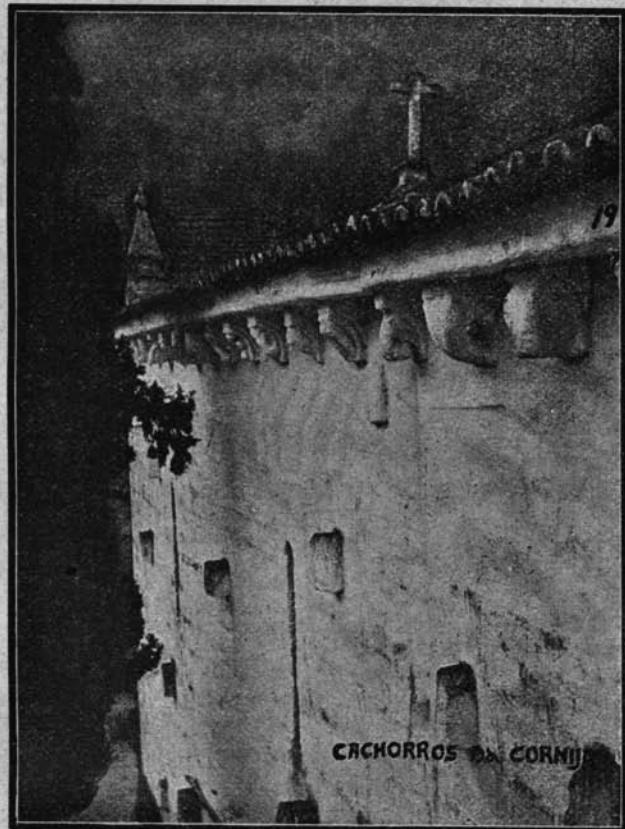


era coutado por padrões, não tendo aí fôro El-Rei (*Arch. Port.*, X, 248). As *Inquirições* de D. Dinis nada dizem de Ermelo. Um século depois, encontro no reinado de D. Pedro I e no Liv. I, fl. 66 v, da Chancelaria respectiva, a seguinte indicação: «Carta porque o dito senhor consentio e outorgou a eleição que foi feita de fr. Estevão

Abbate do nosso Mosteiro de Santa Maria de Ermello nos disse que a Raynha Dona Tareja nossa bisavó a que Deos perdoe edificara o dito Mosteiro e o naon acabara asy como inda agora he e o edificara no julgado de Soayo que he terra de montanhas hermas e lhe leyxara herdades em as ditas montanhas e em outros logares e pollas guerras que foram ataquai e pollas grandes mortindades que elle e todo o seu Convento se nom podia manter, etc.

Lourenço, prior e abade do seu mosteiro de Ermelo do bispado de Tuy, dada em Evora, a 2 de Novembro da era de 1399» (a. 1361).

Do já referido D. João I emanou outra carta ao mesmo abade Fr. João Martins, apresentando-o D. João I no referido mosteiro, em data de 10 de Agosto de 1429 (a. 1391). Encontra-se no Liv. II, fl. 60, da Chancelaria. Deverá datar de D. Duarte ou do seu sucessor o armamento do cenóbio.



No séc. xv, a Chancelaria de D. Afonso V tem uma carta régia que apresenta em Santa Maria de Armelo, do bispado de Tui, Afonso Anes, clérigo, por morte de Afonso Esteves (Liv. II, fl. 92 v) dada em Coimbra em 8 de Julho da era de 1441. D. Manuel, achando-se em Estremoz em 1497, confirma «todalas honras, privilegios, liberdades, graças, e mercês que pelos reis de gloriosa memória... lhes foram dadas... e as tiveram e delas usaram atee o tempo del Rey dom Joham o segundo» (Liv. I, *Dalem Douro*, fl. 33 v).

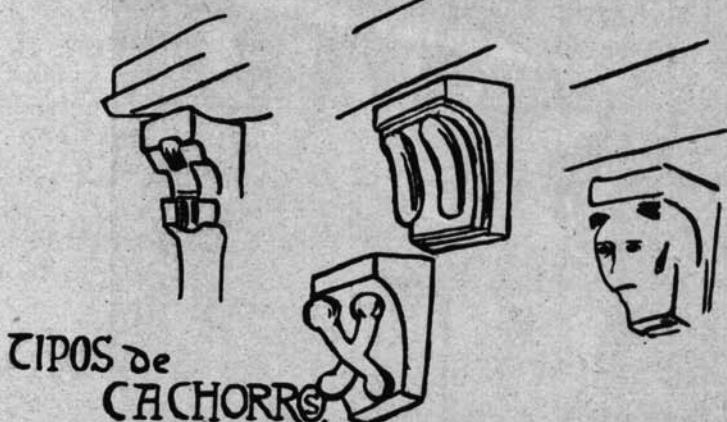
No séc. XVI (1557), já era abade de Ermelo um capelão do rei, Gaspar Godinho, residente em Tora<sup>1</sup>, freguesia do Vale. Em 1560 uma carta do Dr. António Lopes a el-Rey alega que Ermelo é do padroado rial (*C. Cronolog.*, P. 1.<sup>a</sup>, Maço 104, D. 22). Este antigo e sertanejo cenóbio achava-se assim transformado em igreja paroquial, à míngua de monges (cf. *Elucid.*, de Viterbo, I, p. 352), mas para os párocos subsistia o tratamento tradicional de Dom Abade.

## 5

À roda d'este mosteiro de tam respeitável antiguidade paira ainda hoje a seguinte lenda.

Um rei tinha uma filha e esta pediu-lhe licença para construir um palácio no sitio mais elevado dos seus domínios; obtida a permis-

20



são, começaram as obras no Outeiro Maior (é o ponto mais elevado na Serra de Soajo) em um de cujos contrafortes assenta Ermelo. Foram dizer ao rei que a filha, daquele sitio, descortinava terras até Espanha, e então o pai, para evitar alguma guerra com esta nação, cassou-lhe a licença. Então a princesa pediu-lhe que lhe deixasse escolher o lugar mais enterrado de Portugal para o palácio. O rei anui e a filha veio então escolher o sitio, onde está a igreja de Ermelo.

<sup>1</sup> Tora ainda conserva, ao lado da habitação moderna, a torre senhorial, hoje separada e reconstruída pelo seu actual proprietário e meu amigo João Cândido de Gusmão e Vasconcelos, a quem ministrei o desenho das janelas ogivais.

O velho que me contava esta história hesitava entre a construção de um palácio e a fundação de um mosteiro; o facto é que, como já descrevi, há junto da igreja restos de convento.

Presumi que o pedido da princesa visava a toda a extensão de território que se avistasse do local escolhido, quer se tratasse do ponto culminante, quer do fundeiro, pelo contraste<sup>1</sup>; mas receei fazer observações ao contista, que acrescentou que a imagem de Santa Maria, pintada por trás do altar-mor, era o retrato da aludida princesa.

21

«Poderão ver-se nesta lenda, desfigurados, D. Afonso VII e a filha D. Tareja?

O mesmo informador disse-me que o povo daquela freguesia tinha prestado culto a um monge, que morreu afogado em um poço ou pego do rio Lima, de frente de Ermelo, e depois fôra enterrado em uma das sepulturas do pavimento da igreja. Esse pego, segundo a informação, terá cinqüenta braças de profundidade (!) e — deita a pedra toda a um lado—. Isto



22



### FRESTAS do CÓRDO

quere dizer decerto que a água redemoinha em consequência dalguma marmita da rocha. O monge seria oriundo da casa de Tora, freguesia actual de Nossa Senhora do Vale.

A lenda de Ermelo talvez possa relacionar-se com a de Bouças-Donas, lugar da freguesia de Cabana Maior, tam sertaneja como a de Ermelo. Segundo esta lenda, uma princesa quis fundar um convento, juntamente com outras donas que a acompanhavam, no alto da serra e, como fôssem residir em certo sítio da freguesia de Cabana-

<sup>1</sup> Duarte Nunes de Leão, na *Primeira parte das crónicas dos Reis de Portugal reformadas* (Lisboa, MDCCCLXXIII), pp. 106 e sgs., conta que D. Afonso Henriques, quando, por sítios ínvios, se transportou de Coimbra a Santarém para a tomada deste castelo, estacionando na serra de Albardos a meio caminho, fez o voto de dar a Bernardo, abade de Claraval, toda a terra que dali descobria até o mar. Foi o cumprimento dêste voto que deu origem a Alcobaça.

-Maior, chamado Bouças, êsse local ficou-se chamando depois Bouças-Donas<sup>1</sup>. Da edificação diz-se que restam ruínas no sítio do Pedrinho ou no da Pedrada e é notável que em Panóias (Vila-Rial) tivessem dito a Gabriel Pereira, apontando para as longínquas cumeadas de Soajo, que havia aqui grandes ruínas (*Boletim da Associação dos Arqueólogos*, VII, 53). Termine com esta pregunta: não terá a igreja de Ermelo requisitos para ser considerada monumento nacional?

Dezembro de 1916.

F. ALVES PEREIRA.  
●

### As pedras preciosas de Lisboa (Belas) na História

Em 1914 publicou o notável geólogo o Sr. Paul Choffat nas *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*, vol. X, um estudo intitulado *Les mines de grenats du Suímo*. Este trabalho, de altíssima importância para a história da época romana em Portugal, não teve a publicidade relativa ao assunto tratado, nem a ele se seguiram trabalhos complementares, que profundassem os nossos conhecimentos sobre as minas exploradas durante a época romana no aro de Lisboa. Estou certo de que em qualquer outro país do norte ou do centro da Europa os estudos no terreno e nos arquivos não deixariam de se suceder até se alcançar notícia suficiente desse curioso resto da antiguidade no solo pâtrio.

Esperando que outros o façam com competência, vou entretanto tornar público o resultado de investigações que empreendi, quer em publicações especiais quer em obras históricas ou literárias, servindo-me de base o citado trabalho do Sr. Choffat.

No comêço da era cristã um certo Boccho, que se julga lusitano com bons fundamentos, no passo duma obra que cita Plínio, escreveu que no território de Lisboa se extraiam com grande trabalho carbúnculos do barro torrado pelo sol. O único lugar nas proximidades de Lisboa onde hoje se encontra esta particularidade de extracção é próximo de Belas, como diz o Sr. Choffat: «*Cette assertion se rapporte évidemment aux fossés du Suímo, seul point des environs où*

<sup>1</sup> Esta versão é a de Pinho Lial. Em 1895 contaram-me na serra a mesma tradição com alguma variante. Umas freiras (!) de Ermelo quiseram fundar outro convento no tal sítio do Pedrinho ou da Pedrada (este é o ponto mais alto do Outeiro-Maior), mas no primeiro inverno tiveram de descer dos altos, ergueram uma cabana, que deu origem a Cabana-Maior no sítio que se chamou Bouças-Donas. Outra variante é a do pároco depoente de 1758, n-O Arch. Port., II, 316. A verdade é que estas variantes têm traços comuns.

les grenats rouge feu (carbunculus) se montrent en conditions d'être exploités». Não é este o único ponto onde essas pedras se encontram, como nos vai dizer ainda o Sr. Choffat: «Le gisement de grenats le plus voisin du Suímo est à 8 kilomètres, au contact du calcaire jurassique et du laccolite granitique tertiaire de la Serra de Cintra, ce qui fait naître l'idée d'un laccolite plus ou moins analogue au-dessous du horst de Caneças, mais les grenats de Cintra sont fort différents». Mas só as granadas de Belas, diz o mesmo geólogo, se conservam em basalto de tal forma duro, que a extracção se torna difícil: «Une autre corroboration est leur présence dans une roche dure; nous voyons en plus qu'on les obtenait au moyen de travaux onéreux, ce qui correspond bien aux grands fossés du Suímo».

Além de Boccho e Plínio, Pompónio Mela fala das gemas da foz do Tejo, Solino da pedra preciosa (gema), chamada ceráunio, existente nas costas da Lusitânia, Sidónio Apolinário da pedra de raio<sup>1</sup> da Espanha e o visigodo Santo Isidoro do ceráunio das costas da Lusitânia.

Com estes escritores podemos fazer dois grupos. Boccho, Plínio e Pompónio Mela mencionam carbúnculos e gemas, que são as granadas localizadas no Suímo; Solino, Sidónio e Santo Isidoro descrevem a pedra de raio escura, também localizável ali, como se vai ver, sob o nome de anfibolite. Além dos fragmentos de granadas, alguns «à coloration parfois tellement intense que ce n'est que par la transparence des bords que l'on peut se convaincre qu'ils ne sont pas noirs», o Sr. Choffat diz que «Les fragments de cristaux d'amphibole, d'un noir très vif, sont très nombreux, ainsi que ceux d'augite». Noutro lugar diz o citado geólogo sobre os basaltos da mina: «Ils empâtent de gros cristaux d'amphibole; le plus grand que j'ay observé, a 6 centimètres de longueur, mais est incomplet. C. Ribeiro dit qu'ils atteignent 1 décimètre». Cabia-lhes, portanto, bem o nome de piropo que Solino lhes deu.

É preciso atender que a ciência remodelou a terminologia empregada pelos antigos, que se regulavam apenas pela côr da pedra, ao passo que os modernos respeitam a estrutura do cristal e a sua composição química.

<sup>1</sup> Lemery, em 1700, é o primeiro que mostra a verdadeira origem das pedras de raio (Landrin, *Dict. de Minéralogie*, p. 95). Em 1762 ainda diz o P.<sup>o</sup> Teodoro de Almeida, a p. 466 do vol. xi da *Recreação Filosófica*: «Silv. Sempre ouvi dizer, e o tras Avicena, que os raios traziam pedra; e me tem mostrado algumas, que eu vi com os meus olhos».

Landrin no *Dictionnaire de Minéralogie*, publicado em 1864, diz a respeito do carbúnculo em geral o seguinte: «C'est le *carbunculus* de Pline, mot fait de *carbo*, charbon, parce qu'on disait qu'il brillait comme un charbon allumé. Quelques auteurs prétendent que *carbunculus* doit se traduire par rubis; on l'appelle escarboucle en français» (p. 91). No mesmo *Dictionnaire*, a p. 359, diz-se do piropo: «Du grec *pyr*, feu, et *ops* oeil; oeil de feu, escarboucle».

Nos escritos medievais, ou lapidários, repetem-se as palavras de Solino e Santo Isidoro; obras, porém, que me ficaram na sua quase totalidade inacessíveis.

Antes destes escritores encontra-se no Grego Diodoro Sículo notícia de carbúnculos existentes numa ilha da Hespéria, região indeterminada e que se localiza em certa época na Hispânia. Como o referido autor é muito obscuro nas suas afirmações, pode ser que chegasse aos seus ouvidos a notícia das pedras de Lisboa e a coloasse nesta parte da sua *Bibliotheca*. É necessário observar que em Tenerife, uma das Hespérides (hoje Canárias) se encontram as referidas pedras, bem como um vulcão<sup>1</sup>.

A localização dos carbúnculos ou a aproximação das pedras conhecidas pelos romanos com os jacintos de Belas, apontados em 1563 por Garcia da Orta, não se verificou logo; ainda em 1790 o espanhol Masdeu parecia ignorar esse facto.

A primeira vez, porém, que encontro uma tentativa de aproximação, e por sinal errada, é em 1610. Num romance, o alferes Segura escreveu:

Ay en ti piedras redondas  
De las cuales Plinio escribe, ...

Luis Marinho de Azevedo é o primeiro que localiza as pedras de Boccho, Plínio, Mela e Solino em Belas, na obra publicada em 1652; mas os autores, que se lhe seguem, dão pouco ou nenhum relêvo a este ponto, o que só recentemente o Sr. Choffat estabeleceu em bases científicas.

Quando este ilustre geólogo publicou o seu estudo, ainda não fôra encontrado o inventário dos objectos de uso do infante D. Dinis, depois rei em 1279, e por isso não ficou devidamente documentada a exploração das minas de Belas durante a Idade Média. Nesse documento datado de 1278 fala-se em «onze pedras yagonças de

<sup>1</sup> Teofrasto (Jannetaz, I, p. 170) no séc. III, antes de Cristo, escreveu que os carbúnculos saíam de Cartago e de Marselha.

belas alamandinas», a par de «çafiras, robis, esmeraldas, jacintos, torquesas, calçadónias, cornallinas, matistas, jaspes vermelhos, capalardinas, sotopaças, sardonias e yagonças granatas».

Temos pois mais dois termos novos para denominar as pedras de Belas, os quais estavam em uso na Idade-Média, e que hoje não são conhecidos em Português. Ainda no séc. XVI o termo jagunço era empregado, como lemos em Damião de Goes, *Crónica de D. Manuel*, parte II, cap. XI, fl. 18 v da edição de 1566, a respeito da ilha de Zeiland, pertencente às Maldivas, onde «ha muita pedraria .s. rubis, balais, jacintos, çafiras, topazios, jagonças, amatistas, crisólitas de olhos de gato». No *Lapidário del Rey D. Afonso X*, luxuosa publicação feita em Madrid em 1881, lê-se: «en arábigo Yacoth, et en latin yargonza amariella», a p. 60 (69 v do ms.) e a p. 64 vem *yargonza bermeja*. Landrin no seu citado *Dicionário*, a p. 215, diz a respeito de *jargon* o seguinte: «Nom donné par les lapidaires au zircon. Il est probable que le mot de *jargon* vient de l'arabe *jarkan*, qui indique la couleur verte. On nomme *jargons* d'Auvergne de petits cristaux d'hyacinthe qui se trouvent près du Puy»<sup>1</sup>. É para melhor classificação que as pedras jagonças são denominadas alamandinas, isto é, de côr vermelha escura. Landrin, a p. 193, agrupa estas pedras da seguinte maneira: *Grenat almandin ou almandine, pyrope, grenat syrien, grenat oriental, hyacinthe-la-belle des Italiens, vermeille des lapidaires, grenat de fer des anciens minéralogistes*.

É evidente que *jagonça*, *yargonza*, *jargon* e *zircon* vem do árabe.

Não sei quem fosse o primitivo proprietário das minas; é certo, porém, que elas estavam em 1499, na posse da infanta D. Beatriz, filha do infante D. João, a quem fôra dado em 1441 a lavra das minas de pedras preciosas dum-a parte do reino. Esta princesa foi depois autorizada a explorar as minas, que houvesse nas terras de seus filhos menores. A referida infanta fazendo doação da vila de Belas a Rodrigo Afonso reservou os caboucos e terra «em que dizem que se acha pedraria porque estes poderey eu mandar abrir e me aproveitar delles quando me prouver e se achar que é mina podella ey deixar a quem me prouver e nom entrará no aforamento». Escritores muito posteriores ao caso afirmam que a mencionada infanta legara essas terras a seu filho o rei D. Manuel, o que não pude verificar em consequência de me não ter sido possível ver o testamento dessa senhora.

<sup>1</sup> No inventário da casa de D. Dinis em 1278, cita-se uma *çafira Dalpoi*, isto é, safira del Poi (du Puy).

Ainda hoje se vêem no lugar do Suímo grandes trincheiras cavadas no basalto, achando-se no entulho pedras com incrustações de fragmentos de cristais de granadas.

O Sr. Choffat escreveu a p. 186 do seu trabalho: «A 200 mètres au Sud du signal [géodésique], on voit les ruines de bâtiments importants, avec armoiries, et une maison connue sous le nom de Casal do Suímo». O seguinte anúncio, publicado na *Gazeta de Lisboa* de 26 de Outubro de 1831, fornece-nos um fio para fazer a história da propriedade: «Nos dias 31 de Outubro, 2, e 3 de Novembro, pelas quatro horas da tarde, em casa do Desembargador Alberto Carlos de Menezes, Juiz Administrador da Casa do falecido Ruy Galvão Mexia Moura Telles e Albuquerque, morador na rua direita dos Anjos n.º 5, se ha de arrendar pelo tempo de quatro annos, o casal de Suímo e Vale de Canno, na Venda Secca; e bem assim os Corredouros do Aguião, no distrito da Villa Franca, pelo mesmo tempo, para ter principio o casal em o 1.º de Janeiro proximo de 1832, e os Corredouros para começar em 16 de Agosto do corrente anno em diante, tudo pertencente á dita casa: todas as pessoas que pretendarem arrendar tudo, ou cada propriedade de per si, podem comparecer na casa do dito Juiz Administrador nos referidos dias e horas; e no acto da arrematação se farão patentes as condições dos arrendamentos». O referido Rui Galvão, filho dum estribeiro-mor da Casa Rial, tornou-se notável por desacertos de toda a espécie e que constam de processos do Desembargo do Paço, guardados na Torre do Tombo. Era proprietário dum palácio na Rua dos Mouros, em Lisboa, edifício adornado de belos azulejos e onde esteve largos annos a imprensa de eujos prelos saia a *Folha do Povo* (antigo *Trinta Diabos*). Esse edifício, onde é tradição infundada pousou D. João VI alguns dias depois do regresso do Brasil, foi recentemente transformado por completo.

O Sr. Choffat, depois de se referir à exploração das minas na época romana, termina assim a sua comunicação: «Il y aurait eu postérieurement de petits travaux de recherches, auxquels il faut peut-être attribuer la galerie dont parle l'auteur de 1751 et les fouilles exécutées il y a vingtaine d'années dans quantité de filons du voisinage, quoique l'on n'ait pas pu me renseigner sur leur but».

Todos os trabalhos que se empreendam para reanimar a lavra das minas de Suímo serão destinados a não ter remuneração. Ouçamos o que diz o mineralogista espanhol Calderón<sup>1</sup>: «La sierra Alha-

---

<sup>1</sup> *Los minerales de España*, Madrid, II, p. 364.

*milla y El Hayozo* son las localidades más famosas y antiguamente conocidas de España por la abundancia de sus grenates. De ellas, y particularmente del barranco ó rambla de *Las Granatillas*, hizo ya Bowles em 1782 gran elogio en este respecto, diciendo que se podian recoger aquellos alli á cargas según su expressión... Estos granates del cabo de Gata han sido objeto de explotación en diferentes ocasiones, y en 1903 se declararon como recogidas alli 185 toneladas, valiendo 3.760 pesetas, cifra que decayó á 100 toneladas en el año siguiente. Se está haciendo en la actualidad gran exportación de estos granates para emplearlos molidos y mezclados después con una pasta, fabricando las llamadas piedras de esmeril, que sirven para desgastar el mármol, limpiar cuchillos y otra infinidad de aplicaciones conocidas, tratándose del esmeril verdadero».

Afirma-se que a decadência da lavra das minas do Suímo provém da considerável importação de pedras preciosas do Oriente, as quais inundaram Portugal depois do descobrimento do caminho marítimo da Índia, o que parece verdade. Poder-se-ia alegar para prova o trabalho de Garcia de Orta nalgumas das suas páginas; basta-nos, porém, o seguinte trecho dum manuscrito do séc. XVI, com o n.º 8571, fl. 237 (Bibliot. Nac. de Lisboa): «Granadas. Esta calidade de pedras granadas são de tam pouco estima que por boas que sejão he mais ho embraço que o proueito delas porque a melhor delas val vimtem e dahi pera baixo ate uirem a ualer meo Real em ceitis he é se alqua acerta a ser gramde e limpa e muito boa numqua mais valeo que hum par de cruzados e entoces a chamão Roba são de cor vermelha como vinho muito corado. A bondade delas he ser mui tresparemte na cor que poucas vezes se acha... Asy lla na India hay saquinhos de Robins e de Jacintos e de aljofare que se não pode ffurar a que a todo chamão ser pera botiqua, que todo não he cousa de proueito nem he pera a comprar e se vier a uolltas de outra merquadoria que a não queirão dar sem esta Ruym em tall caso, o que comprar ade oulhar que de tall preço que ffigue a Ruym de graça que tudo ade ffiguar ao juizo do comprador».

Em 1778, o celebre Dolomieu reconheceu a natureza vulcânica dos arredores de Lisboa. Em 1789, Domingos Vandelli examinou pela primeira vez scientificamente o Suímo e o seu produto.

O primeiro mineralogista, que classificou as granadas de Belas entre o zircão, foi o alemão Rau em 1818; creio, porém, que a classificação provenha de Haüy, visto que esse sábio possuía uma amostra do basalto dessa região e que lhe levara Geoffroy Saint-Hilaire, conforme diz em 1813 Lucas.

O nome de Suímo encontra-se também na freguesia da Sabachéira, no lugar onde surge um ribeiro, em 1285 chamado do *Sumho* (chancelaria de D. Dinis, liv. I, fl. 142) e hoje de Ceissa, afluente do Nabão; e em S. Catarina da Serra (Leiria) sob a forma Val do Sumo. Parece-me que esse nome é um substantivo verbal derivado de *sumir*, devendo dizer-se *suímo*, com acento tónico no *u*, como popularmente se dizem as palavras *ruína* e *ruivo*. A significação do termo deve ser *sumidoiro*. A leitura *suíno* (porco) tem de ser rejeitada. Sem a existência do arcaico *sumho*, ser-se hia levado a crer que o étimo daquela palavra era o latim *summus*. Na divisão apocrifa dos condados de Teodomiro encontra-se menção na Galiza do monte *Summo* (Florez, *Espanha Sagrada*, t. IV, p. 164 da 3.<sup>a</sup> edição).

Mais considerações que poderia fazer sobre as minas, deixa-las hei para o estudo que talvez faça sobre a história de Belas, para a execução da qual possuo já alguns materiais.

PEDRO DE AZEVEDO.

---

### Impressos

#### I

##### Século I antes da era cristã

*Versão latina*: «Insula haec [Hesperia], aiunt, spatiova est... Hae igitur Amazones, quum fortitudine praestarent, belli cupidine excitaiae, insulae primum urbes suae potestatis fecerunt, praeter Mena, ut vocant, pro sacra habitam quam Aethyopes Ichthyophagi incolunt, magnis ignium exhalationibus aestuantem lapidumque pretiosorum, quos Graeci anthraces, id est carbunculos sardiosque et smaragdos vocant, divitem».

(Diodoro Sículo, *Bibl. historicae quae supersunt*. Didot, vol. I, 1842, p. 166).

*Versão francesa*: «L'Isle Hespérie est fort grande... Les Amazones, portées par leur inclination à faire la guerre, soumirent d'abord à leurs armes toutes les villes de cette Isle, excepté une seule qu'on appelloit Méne, & qu'on regardoit comme sacrée. Elle étoit habitée par des Ethiopiens Ichthyophages, & il en sortoit des exhalaisons enflammées. On y trouvoit aussi quantité de pierres précieuses comme des Escarhoucles, des Sardoynes, & des Emeraudes».

(L'abbé Terrasson, *Histoire universelle de Diodore de Sicile*, I, Paris, 1737. p. 436).

## II

## Século I da era cristã

«Tagi ostium, amnis gemmas aurumque generantiss.»

(Pomponii Melae *de chorographia*. Ed. de Frick, 1880, p. 57. Coll. Teubner. Cf. *Jornal de Coimbra*, vi, p. 186).

*Versão francesa*: «L'embouchure du Tage, fleuve qui produit de l'or et des pierres précieuses».

(*Collection des auteurs latins avec la traduction en français, publiée sous la direction de M. Nisard*. Didot, 1850, p. 645).

*Versão portuguesa*: «A foz do Tejo, rio que produz ouro e pedras preciosas».

(Gabriel Pereira, *Fragmentos relativos à historia e geographia da peninsula iberica. Plinio e Mela*, Evora, 1880, p. 30).

## III

## Século I da era cristã

«Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti».

(Peter, *Historicorum Romanorum fragmenta*, 1883, p. 297. Coll. Teubner).

## IV

## Século I da era cristã

«Theophrastus auctor est et in Orchomeno Arcadiae inveniri et in Chio, illos nigriores, e quibus et specula fieri; esse et Troezenios varios intervenientibus maculis albis, item Corinthios, sed pallidiores e candido; a Massilia quoque importari. Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti».

(Plinio, *Nat. Hist.*, lib. xxxvii. Edição de Mayhoff, 1897, vol. v, p. 423. Coll. Teubner).

*Versão francesa*: «D'après Théophraste (*De lapid.*, p. 7), on en trouve aussi à Orchomène d'Arcadie et à Chios; celles d'Orchomène sont plus sombres, et on en fait des miroirs; celles de Trézène sont de diverses couleurs, et parsemées de taches blanches; il y en a à Corinthe, mais celles-ci sont plus pâles et tirent sur le blanc; il en vient aussi par Marseille. Bocchus a écrit qu'on en trouvait de fossiles

dans le territoire d'Olisipon, et qu'on les extrayait avec grand labeur, le terrain étant argileux et brûlé par le soleil».

(Littré, 1850, II, p. 552. *Collection des auteurs lat., etc., publiée sous la direction de M. Nisard*).

## V

200 a 300

«Lusitanum litus floret gemma ceraunio plurimum, quod etiam Indicis praefrerunt: huius ceraunii color est e pyropo: qualitas igni probatur: quem si sine detimento sui perferat, adversum vim fulgurum creditur opitulari».

(C. Julii Solini *Collectanea rerum memorabilium*, Berlim, 1895, p. 104. Edição de Mommsen).

*Versão italiana:* «Il lito di Lusitania é molto eccellente per la gemma Ceraunia; laquale etiandio preferiscono alle Indiane; il colore di questa pietra é simile alle bracie, la virtù sua si proua al fuoco: percioche se postauì, non é offesa da quello, si crede che gioui contra la forza del fulmine».

(Gio. Vincenzo Belprato, conte di Anversa, *Delle cose maravigliose del mondo*, Veneza, 1557, p. 119).

*Versão espanhola:* «La ribera de Lusitania es muy excelente, y memorada por la piedra del rayo que en ella ay, la qual prefieren à las Indianas. El color desta piedra es como el del carbunclo, su virtud se prueua al fuego: porque si lo sufre sin recebir daño, se cree que vale contra la fuerça del rayo».

(Christoval de las Casas, *De las cosas maravillosas del mundo*, Sevilha, 1573, p. 71).

*Versão portuguesa:* «Nas costas da Lusitania existe em grande quantidade a pedra preciosa chamada *ceraunium*, superior ás da India; é da cõr do pyrópo, e a sua qualidade experimenta-se com o lume: se resiste á accão d'este, julga-se que tem virtude contra o raio».

(Dr. Leite de Vasconcelos, *As religiões da Lusitania*, 1905, vol. II, p. 107).

## VI

458

«... naves Hispania defert,  
Fulminis et lapidem : scopulos jaculabile fulgur  
Fucat, et accensam silicem fecunda maritat  
Ira deum; quoties coelum se commovet illic,  
Plus ibi terra valet...»

*Versão francesa:* «... l'Espagne apporte des vaisseaux et la pierre de foudre; en ces lieux les traits du tonnerre colorent les rochers, et la colère des dieux s'unît à la pierre brûlée qu'elle féconde: plus le ciel s'émeut, plus s'enrichit la terre».

(*Sidonii Apollinaris Carmina. Tradução de Barret, 1887, p. 214. Coll. des auteurs latins, etc., publiés sous la direction de M. Nisard*)<sup>1</sup>.

## VII

### 570 a 636

«Ceraunium alterum hispania in lusitanis littoribus gignit cui color pyropo rubenti et qualitas ut ignis. Hec aduersus vim fulgurum opitulari ferunt, si credimus. Dicta autem ceraunia: quam alibi non invenitur quam in loco fulminis ictui proximo. Grece enim fulmen ceraunos dicitur».

(S. Isidoro, *Etymol. xvi, cap. xiii*, Veneza, 1483, p. 81).

## VIII

### Século XIII

«Ceraunius lapis esse fertur cristallo similis, infecto colore ceruleo, qui dicitur cadere aliquando de nube cum tonitruo & inuenitur in Germania & Hispania, sed Hispanus est candens ut ignis, prouocat dulces somnos ut dicunt, & ad prelia & caussas uincendi & contra pericului tonitrui dicitur operari».

(Raimundi Lulii Maiorici philosophi acutissimi, medicique celeberrimi *De secretis naturae sive Quinta essentia libri duo*. — *His accesserunt Alberti Magni Summi Philosophi: De Mineralibus & rebus metallicis Libri quinque*, Argentoratum, 1541, p. 96 v.).

## IX

### Séculos XII a XIV

- «En Germaniae la prent l'om  
 «596 L'autre ressemble papirun, (piropo?)  
 Ne fou ne flame ele ne crient;  
 Ceste pierre d' Espanie vient».

<sup>1</sup> O que diz Cláudiano em louvor de Sérêna (trad. francesa de Nisard, de 1850, p. 679): «les Nymphe des fleuves cueillirent dans les antres des Pyrénées ces pierres qui étincellent de feux de la foudre», não pode dizer respeito à Lusitânia.

- «936 Fait li ceraune sans chalonge.  
De devers Engleterre viennent  
Cil qui color de cristal tiennent.  
Mais plus luisent et resplandissent  
940 Celles qui d' Espaigne nos issent».
- «Si une vient en dolce France,  
732 Coe dit li livres par fiance;  
Li autre en Espaigne vient.  
Cum sal gemme sa color tient».

(Pannier, *Les lapidaires français du Moyen Age des XII<sup>e</sup>, XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles*, Paris, 1882, pp. 55, 137, 167. São traduções diversas do lapidário de Marbodo).

## X

## Século XV

«E cuentase Germania enbiar uno semejable al cristal mas resplandesciente con color amarillo, e el Yspano, morante en la region Lusitana, enbia otro detramante llamas e semeiable en color al pirope.

Summa. Dos son los generos delos ceraunios: uno, que enbia Germania, semeiable al cristal, mas resplandesce con color de cera, e si sea posto acatante al cielo, retiene o da resplendor de rayos de estrellas. Otro ceraunio engendra España en las riberas de Lusitana, el color del qual es semejable al pirope bermejo, e la qualidad del es assi como fuego».

(Karl Vollmöller, *Ein spanische Steinbuch mit Einleitung und Anmerkungen zur erstenmal herausgegeben*, Heilbronn, 1880, p. 28).

## XI

1546

«Latini eas eadem de causa carbunculos appellant, sed ex eis qui non sentiunt ignes, à quibusdam Graceis ἀπυρτι sunt appellati, multis in regionibus reperiuntur, in Hispania circa Olyssiponem; in Gallia iuxta Massiliam».

(Georgi Agricolae *De ortu & causis subterraneorum... De natura fossilium*, Basileae 1546, p. 297).

## XII

1554

«Nec a veterum sententia discrepat, qui Tagum auro, gemmisque affluere scripserunt».

(Damião de Goes, *Urbis Olisiponis descriptio*, na *Hispania Illustrata*, II, p. 884).

## XIII

1557

«Vlyxippona appellatur quam Vlyxem condidisse ferunt, que pos-tea felicitas Julia cognominata fuit, nunc autem Lixbona uocitant, regalis loci sedes: in cuius agro scribit Plin. Carbunculum lapidem erui magno labore ob argillam soli adustis salibus».

(Dominici Marii Nigri Veneti *Geographiae commentariorum libri xi*, Basilea p. 29).

## XIV

1563

«... jacintos ou granadas os quais jacintos ha tambem perto de Lisboa em hũ luguar que se chama belas, e asi os pode auer em muitos cabos de spanha se os buscacem, e estas duas pedras jacintos e granadas querem algüs dizer que sam especias de Robins. RVA. E do Robi, e do carbunculo que me dizeis? OR. Digo que debaixo deste nome de Robim se contem muitas especias, e a mais principal se chama em grego anthrax e em latim carbunculus que quer tanto dizer como brasa acesa».

(Garcia Dorta, *Coloquios dos simples*, Goa, fl. 165 v ).

## XV

1572

«Crian a los jacintos en la India aunque tambiem es fama ha-llar-se en algunos lugares de Portugal, como en Belas, no lexos de Lisboa, y en otras muchas partes de España, y señaladamente en la ribera de Tajo, junto a un monasterio de Bernardos, que esta media legua de Toledo ado se halla una fuente que llaman de los jacintos, porque tiene tantos que sale el agua por entre ellos mismos».

(Juan Fragoso, *Discursos de las cosas aromaticas*, p. 147).

## XVI

1593

(Carolus Clusius, *aromat. et simplic.*, Antuerpiae, lib. III, cap. 51).

## XVII

1605

«Hallase esta piedra en Etiopia: aunque tābiē ay opiniones se halla en Portugal, y en vna fuente que està en vn monesterio de

frayles Bernardos junto a Toledo: y yo he visto algunos destos, y de los que se traen de Portugal, y se pueden gastar, aunque no cõ tanta eficacia como los Orientales».

(Gaspar de Morales, *Libro de las virtudes y propiedades maravillosas de las piedras preciosas*, Madrid, 1605, lib II, cap. 11, *Del Jacinto*, fl. 119 v).

## XVIII

**1606**

«... em Bellas, junto de Lisboa, ha grande copia de jacintos de maior dureza que os orientaes, ainda que menos abertos na cor».

(*Panorama*, vol. IV, 1860, p. 350: *Abundancia de minas em Portugal*. «Vem appensa ao autographo da 2.<sup>a</sup> parte da *Monarchia Lusitana* uma carta do Prior Bernardo de Brito escripta em 1606, para um senhor deste reino». Reproduziu-se na *Hist. de Port.* de Pinheiro Chagas, I, cap. XXI).

## XIX

**1609**

«Reperitur ceraunias in variis Germaniae locis & in Hispania sandenti colore et ignis ferme<sup>1</sup>».

(Anselmi Boetii de Boodt etc. *Gemmarium et Lapidum Historia*, p. 239).

## XX

**1610**

«Ay en ti piedras redondas  
De las quales Plinio escribe,  
Cerca de Sanctos el Viejo  
Que vna Cruz a todas ciñe.  
Que metidas en la mesa  
Si es que breuedad se pide,  
Sazonan al punto al pan  
Y dellas suelen seruirse.

(*Primera parte del Romancero historiado etc. Por el alferes Francisco de Segura*, Lisboa, 1610, fl. 68 v)<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Na biblioteca da Ajuda, segundo me informa o Sr. Jordão de Freitas, existe uma tradução francesa desta obra, publicada em 1644, de que é autor André Toll e tem o seguinte título: *La parfaict ioailler ov Histoire des pierre-ries: ov sont amplement descriptes leur naissance, iuste prix, moyen de les connoître, & se garder des contrefautes, Facultez medicinales, & proprietez curieuses*. Em 1647 reimprimiu-se o original de Boecio de Boot juntamente com a obra de J. Laet de *gemmae et lapidibus* e o *liber de lapidibus* de Theophrasto.

<sup>2</sup> Miguel Leitão de Andrade escreveu em 1629 na *Miscellanea*, a pg. 45: «E na praia de santos o velho de Lisboa, que he para Alcâtara, se tem achado

## XXI

1610

«Duas legoas de Lisboa no termo de Bellas, villa de Francisco Correa, se achão Hyacinthos mui finos & em muita quantidade, huns pegados em sexos & em pedras, & outros soltos em cima da terra laurada de nouo, os quaes são tam rijos, & tão finos como os da India, mas algum tanto mais obscuros, pelo que não parecem tam pelucidos, & transparentes».

(Duarte Nunes de Leão, *Descripção do Reino de Portugal*, Lisboa, fl. 44).

## XXII

1620

«Acima de Bemfica está a villa de Bellas, villa muy nomeada, por ser muy fresca, & abundante de agoas, sendo toda murada, & cercada de fortíssimos muros, & torres; junto a esta villa está húa fresquissima Ribeira, na qual se achão finíssimos Hyacinthos, o que digo como testemunha de vista, que os busquey, & achey mais de mea duzia em hum dia de chuva».

(Fr. Nicolau de Oliveira, *Livro das Grandezas de Lisboa*, Lisboa, fl. 84 v.).

## XXIII

1621

«Praeter multi generis metalla, pretiosos item lapides hoc in Regno Scriptores pristini meminere; primae aestimationis pyropos in Lusitania scribit Plinius, quos lib. 3, cap. 7, naturalis historiae appellat Carbunculos; Et libro eodem tradit in ea Hispaniae regione, quam Oceanus extremam circumlit, pulcherrimos inveniri pretiosos lapides. Constat verò id temporis non ab exteris Regnis in Lusitaniam asportatos, sed in eodem incolarum studio, & industria repertos. Cum verò, post apertum Oceanum, ex India tantus eorum numerus afferatur, potius ducunt Lusitanie remotissimis adducere, quam suo in Regno defossa tellure investigare».

muitas pedras, é cada dia se achão, q̄ são quasi como húa ouo piqueno amassado, & com húa Cruz de Malta dumā banda, & da outra releuadas & em algúrias dellas gotinhas de sangue, & tambem se achão dêtro aly no mar, que parece o permitte Deos, à honra destes santos Martires Verissimo, Maxima, & Julia, todos Irmãos, que aqui forão martyrizados o primeiro dia Outubro sua festa».

«Duabus ab Vlyssipone leucis in Oppido Bellas Hyacinthi inveniuntur, alij lapidibus alijs adhaerentes, soluti alij, & supra defosam ab Agricolis tellurein, qui duritie certant cum Indicis, sed obscuriores aliquantulum, neque pellucidi adeo, ac transmictantes».

(P.<sup>o</sup> Antonio de Vasconcelos, *Anacephalaeoses*, Antuerpia, pp. 417 e 418).

## XXIV

1628 •

«Carbuncos llamó Plinio a los Rubis que de Portugal llevaban los estraños, diciendo que muchas varias se hallavan a la parte del Oceano de España, que es todo nuestro Reyno. Obsidiana llama a una de que se hazian baxillas como de cristal, menos claro i mas duro: dellas eran las urnas ó pomas en que guardavan los antiguos las lagrimas lloradas por los difuntos. Los cristales alaba mucho el propio Autor i su grandeza: en la villa de o Crato no ai pocos. Jacintos en la villa de Belas finissimos».

(Manuel de Faria y Sousa, *Epitome de las historias portuguesas*, Madrid, p. 655; *Europa Portuguesa*, tomo III, 1680, p. 183; e *Historia del Reyno de Portugal*, 1779, fl. xxvj.).

## XXV

1636

«Lusitanum littus pollet gemma Ceraunia, quam etiam Indicis praeferunt. Huius cerauniae color est è pyropo; qualitas igni probatur, quem si sine detrimento sui perforat, adversùs vim fulgurum creditur opitulari. Solinus cap. 36. *Polyhistoris*, Isidorus lib. 16. cap. 13. & Zanardus *de vniverso elementari*, quaest. 53. addit Plin. lib. 37. cap. 9. & 10. Gemmam Cerauniam cadere cum imbribus, & fulminibus nec alibi inueniri, quam in loco fulmine icto, idémque Isidorus *ibidem*.

(Caesius, *Mineralogia sive Naturalis philosophiae Thesauri*, Lugduni, p. 605).

## XXVI

1642

«Plinio lhe [ao carbunculo] dá o principado entre todas as pedras preciosas, e nellas ha machos que reluzem mais, e femeas que reluzem menos; e humas e outras, escreve o mesmo Plinio, por authoreidade de Boco, averem-se achado em a nossa sempre nobre, leal e augusta cidade de Lisboa».

(João Franco Barreto, *Relaçam da Viagem que a França fizeram Francisco de Mello, Monteiro Mór do Reyno*, p. 95 da 2.<sup>a</sup> edição de 1918).

## XXVII

1645

«Hodie intra Lusitaniam solum optimum & multum stagnum effoditur in Beirae provinciâ; auri inveniuntur grana in aliquibus fluminibus, ac in aliis locis aliqui pretiosi lapides ut testantur; *Eduard. Nunius in descript. Portug. cap. 14, & 23. Pater Ant. de Vasconcellos in eadem descript. Britto in Monarch. Lusit. lib. 3, cap. 14. Faria in epit. hist. p. 3. cap. 7. n. 17. & p. 4. c. 11. Fr. Nicol. de Oliveira in tract. grand. Lisbon. tract. 1. cap. 4. & tract. 2. cap. 5.* de his tamen, quia parvi momenti, non multum curandum».

(Antonio de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, Londres, p. 19).

## XXVIII

1647

(*Joann. de Laet Gemmis et lapidibus*, Lus. Batav, 1647, lib. 1, cap. 2).

## XXIX

1648

«Nihilominus, ad mentem Mylij, nascitur [Hyacinthus] etiam in Lusitania... In nonnullis etiam Hispaniae locis reperitur».

(*Aldvandi Musaeum metallicum* Bartholomaeus Ambrosinus laborero, et studio composuit, Bolonha, p. 964).

## XXX

1652

«E quanto aos Iacynthos, que com as purpuras havemos de entender litteralmente; despois dos Orientaes: em que parte os ha, senão no lugar de Bellas, duas legoas desta Cidade donde se trazem pelos naturaes a vender a ella cada dia? & escreve o P.<sup>o</sup> Antonio de Vasconcellos fallando delles, que huns se achão soltos, quando desaguão os ribeiros das cheas do Inverno: outros pegados em pedras, tam duros, como os da India, mais obscuros, & de menos claridade. Duarte Nunez de Lião diz delles muitas excellencias: confirmadas por Gil Gonçales de Avila dizendo, que abunda este Reino, de Iacynthos, & outras pedras preciosas<sup>1</sup>. E acrecentando

<sup>1</sup> Vascõc. in *descript. Lusit.* tit. de *lapid.* num. 4. Duarte Nun. in *descript. Lusit.* Gil Gonçal. de Avila [grandesas de Madrid] tit. del cons. de Port.

aos dittos dos AA. outros de mayor autoridade, por mais praticos, dizem nossos lapidarios serem estes *Iacynthos* muito mais duros, que os Orientaes; & terem outra excellencia, que são limpiissimos sem nenhum genero de area, pontos nem estopas: ao contrario dos Orientaes, que geralmente tem estes deffeitos, & rarissimamente se acha hum limpo de todo: mas são tam subidos de cor, que por não ficarem negros, se lavrão cavados deixandoos mui delgados, para se penetrarem mais facilmente da folha, a qual quasi sempre se lhe poem clara, & algūias vezes de prata porque lhe faça abrir, & aclarar a cor subida, que tem, & por isso seu costumado lavor he, ou cabuxão, ou como esmeralda tabola cavado por baixo: como fica dito.

E quando se quizesse oppor, que a palavra *Hyacinthus*, deve entêder-se pela cor *Jacynthina*, com as palavras que o Propheta adiante acrecentou, *facta sunt operimentum tuum*, que alludem a cobertura, vestido, ou manta, cousa diversa de pedra: se responderá, que da mesma grā fazião duas tintas, a perfeita era de purpura, & a carregada, & subida, *Jacynthina* é como se vé em todas as cores, carmesim, azul, verde, amarello, que o claro tem hūa cor, & o escuro outra. Mas entendendo as palavras litteralmente parece quis dizer o Propheta, que as purpuras de que Tyro se adornava erão goarnecidas de pedras preciosas, pelas quaes se entende a palavra *Hyacinthus*, comprehendendose nella, as que se achavão nos campos, & prayas de Lisboa, que são ilhas de Elisa em que fallou Ezechiel.

Dós *Jacynthos* fez menção Plinio<sup>1</sup>, quando trattando de suas diferentes especies deu sinais, que tem os nossos de Lisboa cõ aquellas palauras *quaedam in iis durae sunt, rufaeque, quaedam molles, & sordidae. Bocchus autor est, & in Hispania repertas*<sup>2</sup> com que se confirma, que fallando Plinio absolutamente de Hespanha, entendeo por ella nossa Lusitania como parte sua principal. E he mui verisimil que pela palavra *Hyacinthus*, se entendão mais pedras preciosas, que os *Jacynthos*, pelo conceito, que os antigos tinhão de que junto a Lisboa se achavão inextimaneis carbunclos, como de Plino, & Solino, em seu lugar escreveremos». (P. 17).

<sup>1</sup> Plin. lib. 37 c. 9.

<sup>2</sup> [Na tradução de Littré, já citada, p. 557, lê-se a respeito do *chryselectrus* o seguinte: «Quelques-unes sont dures et rousses, d'autres tendres et sales. Bocchus assure qu'on en a trouvé en Espagne aussi, dans le lieu où il dit qu'on a rencontré du cristal fossile». — Nota de P. d'A.].

«Fallando Estrabão de húa notael aruore da ilha de Cadiz, diz della, que seus ramos pendião sobre a terra, & erão as folhas a maneira de espada de quatro dedos de largo, & hum couado de comprido, & cortandolhe os ramos sahia delle leite, & das raizes hum licor vermelho<sup>1</sup>. Destas aruores disse Philostrato<sup>2</sup>: que erão duas semelhantes ao pinheiro, & estauão junto ao sepulchro de Geryão, do qual tomárão seu nome. S. Isidoro<sup>3</sup> affirma ser húa só aruore, parecida com a palmeira, & dar goma, que chegaua a endurecer e tanto, que della se fazia a pedra preciosa, chamada Ceraunia.

Este lugar do Sancto Doutor acho encontrado com hum de Plinio, & outro de Solino, que concluem acharse esta pedra junto de Lisboa: com as seguintes palauras o refere aquelle historiador citando a Boccho & tratando dos Carbunclos: *Massilia quoque importari Bocchus, & Olysipone scripsit magno labore ob argillam sole adustis saltibus.* Estes Carbunclos escreue Plinio<sup>4</sup>, que se tirão difficultosamente, & que rayos do Sol, queimando a terra, os crialão no saibro della: o que Mario Negro<sup>5</sup> apontou dos campos de Lisboa, nos quaes disse Solino<sup>6</sup>, se achauão muitas destas pedras, tão finas, que erão preferidas ás da India: porque sua cor era de fogo, & a calidad se prouava com elle, porque resistindolhe sem dano, tinha virtude contra a força dos raios; *Lusitanum littus pollet gemma Ceraunia plurimum, huius color est ex pyropo, & aduersus vim fulgurum creditur opitulari.*

<sup>1</sup> [Na versão de Gabriel Pereira do liv. III de Strabão, Coimbra, 1880, p. 26, lê-se: «Posidonio conta ainda que em Gadira existe uma arvore notavel porque os seus ramos curvam-se para o chão, e as folhas, algumas dum covado de comprido e de quatro dedos de largura, tem o feitio de gládios... Nota-se mais outra circunstancia na arvore de Gadira, e vem a ser: quebrando-se um ramo corre leite, e cortando-se uma raiz sae um liquido vermelho». G. Pereira diz que esta planta talvez seja a *Dracoena Draco*.—Nota de P. de A.].

<sup>2</sup> Philostr. lib. 6 cap. 19. [«Arbores etiam ibi aiunt se vidisse, quales terrarum nusquam alibi: Geryoneas eas appellari duasque esse et nasci ex tumulo, quo conditus sit Geryon, sepeciem ex pinu piceaque confusam habentes sanguine autem stillare uti auro populum Heliadem...» N. t. *Apoll.* Lib. v. p. 95 do vol. da coll. Didot, 1849.—Nota de P. de A.].

<sup>3</sup> S. Isid. lib. 14, cap. 16. *Etym.* [«Nascitur in ea arbor similis palme, cuius gummis infectum vitrum ceraunium gemmam reddit». O cap. é o 6.<sup>o</sup> e não 16.—Nota de P. de A.].

<sup>4</sup> Plin. lib. 30 cap. 7. [Esta lição não é perfeita, no logar competente foi dada a lição correcta.—Nota de P. de A.].

<sup>5</sup> Mar. Nig. coment. 3. *geograph.*

<sup>6</sup> Solin. cap. 25 [A lição correcta já foi dada.—Nota de P. de A.].

Tomou a pedra este nome, porque *Ceraunos* na lingoa grega, significa o rayo na Latina: como os montes de Epiro chamados *Ceraunios*, o tomárão dos continuos rayos, que nelle cahem; & os antigos o derão a Jupiter maior dos seus falsos Deoses: têdo para si, serem os rayos arrojados por elle:

De que se hade inferir, acharẽse em tempos antigos, estas pedras preciosas nos campos de Lisboa, & cuidarão algüs, que a Ceraunia era a mesma, que *Cyaneus*: mas enganarãose, por ser esta pedra, a chamada Turqueza, & aquellas, pelos sinais que dão os Geographos, parecem ser as Saphiras, que se achauão naquelle tempo em Portugal, como hoje se achão os Jacinthos em Bellas; & pelo que se colhe de Estrabão, Philostrato, & S. Isidoro, podia hauer na ilha de Cadiz algüs aruores que dessem goma: a qual endurecida se pareceria na cor com a nossa Ceraunia; fineza, & claridade resplandecente obrigou Plinio a dizer, que era o Carbunclo inextimuel, de que se contão tantas fabulas». (P. 121).

«Por estas riquezas, & outras semelhantes que os antigos obseruárão deste rio chegou a dizer delle Pomponio Mella (lib. 3, cap. 1), que não só criaua áreas de ouro, mas tambem pedras preciosas: *Et Tagi ostium omnis aurum, gemmasque generantis;* a que se pode acrescentar o que temos escrito da pedra Ceraunia, ou Carbunclo; & por estas & outras excellencias, que elles obseruárão da nossa Lusitania disserão della, que era terra bemauenturada». (P. 184).

«Ha tambem tradição immemorial serem as pedras, que se achão na praia de Sanctos, com algüs nodoas as mesmas, porque elles forão arrastados: nas quais a deuação do pouo desta cidade, venera as gotas do sangue, que os gloriosos Martyres derramarão, & todos as estimão por reliquias suas com fé moral de serem com ellas liures de varias infirmidades. E as mulheres d'aquelle freguesia dizẽ que ordinariamente se lhes leueda a massa com mais facilidade pondoas sobre ella, & outras de sinco riscas que tambem se achão na mesma praya, dizem d'aquellas, porque os Sanctos Martyres forão arrastados». (P. 287).

(Luis Marinho de Azevedo, *Primeira Parte da Fundação, Antiguidades e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa*, Lisboa, 1652).

## XXXI

1672

---

## XXXII

1705

«Pliny reports that there were Rubies, which he calls Carbuncles, found in *Spain* towards the Ocean, that is in *Portugal*... Fine Hyacinths have been taken up about Belas».

(*The ancient and present state of Portugal*, Londres, p. 46).

## XXXIII

1712

«Legoa, & meya de Lisboa para a parte do Norte tem seu assento a nobre Villa de Bellas, de que hoje são senhores os Condes de Pombeyro, aonde tem seu Palacio com huma grande quinta toda murada, com muitas fontes de nativas aguas, com que se regam os pomares, & muitas aruores silvestres, que a fazem muito amena, & deliciosa. He cercada de muros com suas torres, & junto a ella corre huma fresquissima ribeyra, em que se achão finissimos jacintos, particularmente nos dias chuvosos».

Da Villa de Bellas foy senhora a mäy do Senhor Rey D. Manoel, chamada D. Brites, a qual teve hum criado por nome Rodrigo Affonso de Atouguia, a quem fez merce de todas as terras abertas, & por abrir com pensão de quarenta mil reis cada anno ás Freyras da Conceyçao de Beja, a quem deyxou o Padroado da Igreja desta Villa, & o mesmo Rey D. Manoel lhe deo jurisdicção de Civel, & Crime, & os senhores della confirmão as justiças, & provém os officios de Escrivão da Camera, Crime, Civel, & Almotaçaria por suas cartas.

Do dito Rodrigo Affonso de Atouguia descenderão os mais senhores desta Villa, de que foy o primeyro senhor, & a dita senhora D. Brites reservou sómente para seu filho El Rey D. Manoel as minas do lugar do Suimo, aonde se descobrirão pedras, a que chamão jacintos».

(P.<sup>o</sup> Antonio Carvalho da Costa, *Corographia Portugueza*, Lisboa, tom. III, pp. 51 e 52).

## XXXIV

1713

«JACINTO. Pedra preciosa, que de ordinario tem a cor da flor do mesmo nome. Há tres castas de Jacintos o Oriental, que vem de Calicut, & de Cambaya, este tira à cor de laranja. O de Portugal, que assemelha a cor da flor, Bem me queres, & não he tão duro como

o primeiro. O gabadinho he o de Bohemia, que he vermelho, como escarlata».

(Bluteau, *Vocabulario*, Coimbra, tom. iv, p. 6 da letra I).

### XXXV

1728

«BRUNO. Para que he hir tão longe, se aqui nas prayas de Santos os Velhos por dia dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, & Julia aparecem humas pedrinhas roliças com húa Cruz impressa: & algúas com pingas de sangue (eu tenho húa destas perfeytissima) em memoria, de que morrerão alli apedrejados aquelles heroycos & valerosissimos Atletas pela Fé de Jesu Christo, segundo consta de hum Hymno antiquissimo, que allega o Padre Frey Agostinho de S. Maria (diligente explorador das antiguidades da Lusitania) na *Hist. Tripartita*, trat. 1. fl. 71».

Fracti sunt laqueis, saxa per aspera  
exculsit fluidus sanguis imaginem  
non vi, nec manibus, sed cruce fulgida  
testantur lapides fidem.

E o Alferes Francisco de Segura no *Romanceyro dos Reys de Portugal*, part. I, Rom. 16, acrescenta mais a virtude destas pedras, dizendo de Lisboa:

Ay en ti piedras redondas  
.....etc.

(Custodio Jesam Baratta<sup>1</sup>, *Recreação Proveytosa*, Lisboa, Primeira Parte, p. 273).

### XXXVI

1751

«Pela parte do Sul desta Villa passa hum ribeiro, em cujas quebradas se achão finíssimos jacintos».

«Ha no Termo desta Villa hum monte minado por baixo, chamado commumente as Minas do Suimo: hé bastante cavado: entrando-se nelle com luz, com o reflexo della parece que está a gruta armada, e guarneçida de galons de ouro, que forma huma vista muito agradavel. A Senhora Infanta D. Brites, mäy do Senhor Rey D. Manoel foy Senhora desta Villa, e fez della doação a hum seu criado,

<sup>1</sup> É o P.<sup>o</sup> João Baptista de Castro. Na segunda parte a p. 335 fala das pedras de corisco e de raio. Neste lugar diz que as pedras jacintos não resistem à força dos raios.

chamado Rodrigo Affonso da Atouguia, com pensão de quarenta mil reis às Freiras da Conceição de Beja; e a estas deixou o Padroado da Igreja, reservando para si as ditas Minas do Suimo, as quaes deixou a seu filho o Senhor Rey D. Manoel».

(P.<sup>o</sup> Luis Cardoso, *Diccionario Geografico*, Lisboa, tom. II, p. 133).

### XXXVII

15 de março de 1760

«As pedras vermelhas, que no Gerez se acham, tambem se encontram no districto de Bellas, não só em uma mina de agua, como me disse Simão de Vasconcellos, mas tambem em um campo, de cujas pedras teve muitas a snr.<sup>a</sup> condessa de Pombeiro e dellas, fez um adereço, misturando-lhe diamantes a snr.<sup>a</sup> marqueza d' Abrantes».

(*Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão Pará. Com uma introducção e muitas notas ilustrativas por Camilo Castello Branco*, Porto, 1868, p. 8).

### XXXVIII

1762

«Na ribeira de Bellas, pouco distante de Lisboa, e principalmente no Lugar do Suimo, ha muita quantidade das pedras preciosas chamadas Jacintos, que na cõr arremedão muito á flor Bemmequer».

(P.<sup>o</sup> João Baptista de Castro, *Mappa de Portugal*, Lisboa, t. I, p. 172).

### XXXIX

1765

«CERAUNIA. Pedra, que tem varias cores e figuras, hora branca, hora negra, hora cõr de fogo, hora verde; humas vezes redonda, outras comprida, outras pyramidal: dizem que resiste ao fogo. Esta se acha na America Meridional, e diz Luiz Marinho que tambem nos campos de Lisboa: tem a virtude de sarar e impedir as hernias, applicando-a sobre ellas».

(José Monteiro de Carvalho, *Diccionario Portuguez das plantas, arbustos, matas, arvores, animaes quadrupedes, e reptis, aves, peixes, mariscos, insectos, gomas, metaes, pedras, terras, mineraes, etc.*, Lisboa, 1765, p. 156).

### XL

1788

«Na ribeira de Bellas, no Logar de Suimo principalmente, se acham Jacintos. No Algarve ha Rubins. Construio-se huma Custodia

para a Real Capella de Villa Viçosa cravejada de pedras, que se achârão nos seus contornos».

(D.<sup>or</sup> José Antonio de Sá, *Compendio de observaçoens, que fórmaõ o plâno da viagem politica e filosofica que se deve fazer dentro da patria*, Lisboa, p. 18).

### XLI

1789

«Desde Sueiro, Bellas, Queluz, até á Ajuda, e Alcantara, Necessidades, e Campolide, muita parte dos montes são produzidos de antigos, e extintos Vulcanos, constão de huma lava, ou basalte preto, não cristalizado, entre o qual em Sueiros (*sic*) junto a Bellas, se encontrão excelentes *jacinthos*, e *granadas*, e nas fendas deste basalte se acha hum amianto, que parece papelão, mais flexivel do que o Amianto *fragil*, que ultimamente veio do Brazil».

(Domingos Vandelli, *Memoria sobre algumas producções naturaes deste Reino, das quaes se poderia tirar utilidade nas Memorias Económicas da Academia Real das Scienças de Lisboa*, t. I, p. 178. Traduzido em 1820 por Zincken nas *Nachrichten aus Portugal*).

### XLII

1790

«El Obsidiano de la Lusitania, que era un azabache negrissimo y reluciente, se estimaba mucho por su lustre, y con el se hacian camafeos y otra alhajas de primor.

Entre las piedras preciosas conocian los antiguos Romanos los *Amatistos* de Cataluña, que se hallan nombrados en una lápida da Vique; los Ceraunios ó Piropos de los montes Pirineos, de que habló Claudio; los Carbunclos de Lisboa muy semejantes á los Rubies; y los *Crisolitos* de Andalucia, insignes por su tamaño. Conocerian tambien las *Esmeraldas* y *Jacintos* de Portugal, las Turquesas de Zamora....»<sup>1</sup>.

(Masdeu, *Historia Crítica de España*. Madrid, t. VIII, p. 76).

### XLIII

1792

«Em quanto a pedraria, ha Diamantes no Tejo e Cávado; e neste Jacinthos, Amethystas e Crystaes; Turquezas (azuis escuras) em

<sup>1</sup> Plinio, *Historia Naturalis*, t. 5, lib. 37, cap. 7 y 9, pp. 389, 400. Claudio *Laus Serenae Reginae*, p. 239, Huet, *de Navigationibus Salomonis*, cap. 3, n.<sup>o</sup> 3 col. 1523, cap. 7, n.<sup>o</sup> 8, col. 1542.

Borba, em Bellas Jacintos da cõr dos bemmequeres; e no Algarve Rubins. Desta rica pedraria Portugueza se vê cravejada a Custodia da Real Capella de Villa Viçosa. Mapp. de Port. P. I. C. II. Justino, Plinio, Estrabão, e outros AA. antigos exaggérão as riquezas das minas do nosso paiz».

(P.<sup>o</sup> Francisco do Nascimento Silveira, *Coro das Musas*, Lisboa, I, p. 9).

#### XLIV

1797

«In *Suimo* autem prope *Bellas* ricum haec scoria praeter Hyacinthos, scoria vitream, solidam, nigram, s. vitri fossilis fragmenta saepe continet».

«Spuria».

«Hyacinthus in scoria solida, nigra».

(Domingos Vandelli, *De vulcano Olisiponensi et Montis Erminii, nas Memorias da Academia Real das Scienças de Lisboa*, t. I, p. 80. Este trabalho foi impresso entre 1780 e 1788, cf. Sr. Choffat, *Com*, IV, 185).

#### XLV

1799

«Tambem neste sitio ainda se respeita o precioso Monte, que no seu rico seio gerára, e dera para esmaltar a Corôa de nossos Reis, muitas pedras preciosas. Erão das Minas de Suimos (*sic*) as que se assemelhão á rubida grãa da coroada Romãa; e assim o erão as roxas Ametistas. Igualmente se achárão alli os graciosos Jacintos, os acessos Rubins, e as verdes Esmeraldas, que nos antigos thesouros apparecem enriquecendo muitos dos atavios dos nossos primeiros Príncipes, e Senhores. Estas pedras lhes servião, antes que as ouzadas quilhas Portuguezas trouxessem do descuberto berço da Aurora as Perolas luzentes, e outras Pedras brilhantes, com que as nossas não se envergonháram de emparelhar».

(Caldas Barbosa, *Descripção da quinta de Bellas*, Lisboa, p. 4).

#### XLVI

1804

«Abundão seus campos de Ceraunias, celebrados Rubins, gabados de Plinio, e de Jacintos estimadíssimos na antiguidade».

(P.<sup>o</sup> Francisco do Nascimento Silveira, *Mappa breve da Lusitania antiga*, Lisboa, I, p. 243).

**XLVII****1811**

«Die schönsten Hiazinthe kommen aus Zeilan. Ausserdem finden sich auch Dergleichen, . . . in der basaltischen Gegend von Lissabon; sowie auf gleiche Art in Spanien, und auf der Insel Teneriffa».

(Hoffmann, *Handbuch der Mineralogie*, Freiberg, I, p. 416).

**XLVIII****1813**

«M. Haüy possède un échantillon de basalte, venant de Bellos (*sic*), à 2 lieus de Lisbonne, qui renferme des grenats».

(Lucas, *Tableau méthodique des esp. minér.*, Paris, II, p. 141).

**XLIX****1817**

«[Der Hyacinth]. Die Fundörter sind . . .; in Portugall in der basaltischen Gegend um Lissabon».

(Joseph Redempt Zappe, *Mineralogisches Hand-Lexicon*, Wien, I, 467).

**L****1817**

«La ville de Bélas a des carrières d'hyacinthes très-fines».

(Guingret, *Rel. Hist. et milit. de la campagne de Portugal*, Limoges, p. 9).

**LI****1818**

«Zircon H., Zircon K. u. St., Zirkon a. u. b. Hausmann's Handb. der Mineralogie, Zirkon und Hiazinth Wr., bisher gohört Zirkonit Schumacher.—Zeilan, Ostindien, Frankreich, Spanien, Portugall, Oberitalien, etc».

(Ambros Rau, *Lehrbuch der Mineralogie*, Würzburg, p. 225).

**LII****1820**

«Il [le grenat] n'est point étranger aux roches volcaniques d'ancienne et de nouvelle origine, puisqu'on le rencontre dans les laves de Lisbonne et dans celles du Vésuve».

(Brard, *Nouv. Élémens de Minéral.*, etc., Paris, p. 171. Este passo é extraído da 2.<sup>a</sup> edição, datada de 1824, p. 171).

## LIII

1822

«On trouve . . . , de belles grenades et de belles hyacinthes près de Belles, non loin de Lisbonne».

(Adrien Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal*, Paris, I, p. 135).

## LIV

1822

«Le grenat se trouve aussi quelquefois dans les basaltes proprements dits, comme à Bellas, aux environs de Lisbonne, où le même basalte renferme aussi de l'amphibolite».

(L'abbé Hauy, *Traité de Minéralogie*, 2º édit., t. II, p. 326. A ed. de 1801 não se refere a Portugal).

## LV

1824

«On en [les grenats] connaît, mais en petite quantité, dans les trachytes ou leurs débris (Hongrie, monts Evganéens), dans les basaltes (Bellos [sic], deux lieues de Lisbonne), dans les tufs basaltiques, etc».

(Beudant, *Traité élément. de Minéral.*, p. 560; as palavras acima são estranhadas da segunda edição, datada de 1832, Paris, t. II, p. 54).

## LVI

1831

«...o Basalto das vizinhanças de Bellas no lugar do *Suimo* parece exclusivamente conter *Granatas* e *Zirconas*, que se acham nas areias da pequena ribeira vizinha. (Veja-se a nota 4.ª)».

«Nota 4.ª He sem dúvida que os Basaltos das vizinhanças de *Bellas* contêm *Granatas*; o que já era conhecido pelo Padre *Antonio de Vasconcellos* (*Discript. Regni Lusit.*, tit. de *Lapidibus*, n. 4), como refere *Luiz Marinho* (*Fund. e ant. de Lisboa*, Liv. I, Cap. vi); e o celebrado *Hauy* (*Lucas, Tabl. meth. des esp. miner.*, Part. 2, Paris 1813, p. 141) possuia Basaltos com *Granatas* de *Bellas*, que levou deste Reino Mr. *Geoffroy St. Hilaire*.

Não fazendo menção dos muitos AA. nacionaes, que fallão das *Granatas* de *Bellas*, notaremos aqui alguns dos estranhos, como: *Plinio, Nat. Hist.*, Francfort 1599, lib. xxxvii, cap. 7.

Car. Clusio, *aromat. et simplic.* Antuerp. 1593, lib. III, cap. 51.  
 Ferrante Imperato, *Hist. Nat. Venetia* 1672, lib. XXII, p. 531.  
 Joann. de Laet, *De gemmis et lapidibus.* Lugd. Batav. 1647,  
 lib. I, cap. 2.

Masdeu, *Hist. Crit. de España*, Madrid 1790, t. VIII, § 49.  
 Guingret, *Rel. hist. et milit. de la campagne de Portugal.* Limoges 1817, p. 9.

Brad, *Nouv. Elem. de minéral.*, etc. Paris 1820, p. 171.

Beudant, *Traité élément. de minéral.*, Paris 1824, p. 560<sup>1</sup>.

(Guilherme, Barão d'Eschwege, *Memoria geognostica ou golpe de vista do perfil das estratificações das diferentes rochas, de que he composto o terreno desde a Serra de Cintra, etc.*; e Alexandre Antonio Vandelli, *Additamentos ou notas à memoria Geognostica na Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. XI, parte I, pp. 262 e 284).

## LVII

1833

«No faltan tampoco en Portugal piedras preciosas. Hay amatistas, aunque en pequeña cantidad, en la sierra de Gerez, y se encuentran jacintos, aguas marinas y turquesas en la Estrella, y belos granates y jacintos cerca de Bellas, no lejos de Lisboa».

(D. José Marugán y Martín, *Descripción geográfica, física, política, estadística literaria del reino de Portugal*, Madrid, I, p. 69).

## LVIII

1837

«Desde Sueiro, Bellas, Queluz até á Ajuda, e Alcantara, Necesidades e Campolide, muita parte dos montes são produzidos de antigos e extintos vulcões, que constam de huma lava, ou basalto preto não cristalizado, entre o qual em Sueiro junto a Bellas, se encontram excellentes jacintos e granadas, e nas fendas deste basalto se acha hum amianto, que parece papelão, mais flexível que o amianto *fragil*, que veio do Brasil».

(*De algumas produções naturaes deste reino, das quaes se poderão tirar utilidade: extrahida pela maior parte das memorias económicas da acad. e do Dr. Vandelli, no Archivo Popular*, vol. I, p. 21).

---

<sup>1</sup> O abade de Castro reproduz esta lista na *Rev. Un. Lisb.* de 1848, e onde já viera no ano de 1844-45, p. 262, a qual já transcrevera em 1843 Francisco Ignacio dos Santos Cruz no *Ensaio sobre a Topographia Moderna de Lisboa*, t. II, p. 142..

## LIX

1838

## Em Mineralogia

«Noticia dos chamados Jacintos de Bellas, sua descripção mineralogica; de que modo elles apparecem; ha quanto tempo são conhecidos; se ainda hoje são procurados; e que uso se tem feito delles».

(*Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa na sessão publica de 15 de Maio de 1838*, p. 56 do *Discurso lido...* por Joaquim José da Costa de Macedo, Lisboa)<sup>1</sup>.

## LX

1839

## «Jacinthos.—Em Belas».

(*Productos uteis do reino mineral, in-O Panorama*, III, p. 104).

## LXI

1845

«Eu tive, não ha muito tempo em minha mão, jacinthos achados em Bellas, e granadas, tambem lá se encontram; do que temos o testimunho de diferentes autores; muitos delles até celebrados modernamente pelo Sr. Alexandre Antonio Vandelli; nas suas notas ou additamentos á memoria descriptiva sobre a natureza geognostica dos terrenos, etc. pelo Sr. Barão d'Eschwege».

«Tem-se encontrado também esmeraldas em Cintra; jacintos e topazios no Suímo; rubins em uma quinta na Venda Secca».

(Henrique José de Sousa Telles, *Sobre haver ou não haver minas em Portugal*, na *Revista Universal Lisbonense*, tom. IV, pp. 262 e 298).

## LXII

1848

«A Academia Real das Sciencias de Lisboa, na Sessão Pública de 15 de Maio de 1838, no seu Programma anunciou o seguinte:

<sup>1</sup> Encontra-se na secção de Historia, n.º 6790 encarnado, da Bib. Nac. de Lisboa.

**Em Mineralogia**

Noticia dos chamados Jacinthos de Bellas, sua descripção mineralogica; de que modo elles aparecem; ha quanto tempo são conhecidos; se ainda hoje são procurados; e que uso se tem feito delles».

Não nos consta que memoria alguma sobre este objecto fosse entregue á Academia. O basalto das visinhanças de Bellas no Logar do Suimo, parece exclusivamente conter *Granatas* e *Zirconas*, que se acham nas aréas da pequena ribeira vizinha. É sem duvida que os basaltos (que alguns julgaram ser producto de antigos e extintos vulcões), das visinhanças de Bellas contém Granatas, o que já era conhecido pelo P.<sup>o</sup> Antonio de Vasconcellos (*Descrip. Regni Lusit. tit. de Lapidibus*, n.<sup>o</sup> 4), como refere Luis Marinho (*Fund. e ant. de Lisboa*, liv. I, cap. 6).

Na descripção da *Grandiosa Quinta dos Senhores de Bellas*, etc. Lisboa, MDCCXCIX, a p. 4, diz seu auctor Domingos Caldas Barbosa, o seguinte...

Não fasendo menção de muitos outros auctores nacionaes que falam das Granatas de Bellas, notarei aqui alguns estranhos como<sup>1</sup>:

No xv sec. a Sr.<sup>a</sup> Infanta D. Brites, Duqueza de Beja, mãe d'El Rei o Sr. D. Manuel, fez mercê a Rodrigo Affonso de Atouguia, do palacio, quinta e terras que possuia na Villa de Bellas, reservando tão sómente para o Sr. D. Manuel seu filho, as minas do logar do Suimo, onde se descubriram pedras que chámão granatas, etc.

Ainda hoje algumas Granatas e Jacinthos, alli aparecem, quando se lavra a terra, e em tempo de grandes chuvas.

Na casa do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conde de Redondo, ha varias peças para ornato, e nellas engastadas Granatas etc. achadas no Suimo.

Como tambem outras pessoas, fasem uso das referidas pedras em alfinetes e anneis, etc.».

(O abade Castro, *Jacinthos de Bellas*, na *Revista Universal Lisbonense*, tom. VII, p. 426).

**LXIII****1850**

«Jacinthos em Bellas».

(Paulo Perestrello da Camara, *Diccionario Geographico*, tom. II, p. 23).

---

<sup>1</sup> É a lista de Vandelli.

## LXIV

1850

«Diz o P.<sup>o</sup> Cardozo no seu dicionario que na ribeira que corre ao S. da villa se acham finissimos jacinthos».

(*Dicionario Geographico Universal*, tom. I, p. 523).

## LXV

1852

«Jacintos, em Bellas e margens do Cávado».

(*Dicionario Geographico abreviado de Portugal e suas possessões ultramarinas, ... por um Flaviense... Dado ao Prelo por Antonio Fernandes Pereira, Porto*, p. 10).

## LXVI

1854

«Algumas montanhas da Lusitania [forneciam] rubis, saphiras brancas, esmeraldas, e jacintos».

(Romey, *Historia de Hespanha*, traduzida por Castro Telles, Lisboa, I, p. 13).

## LXVII

1855

«Basalte kommen an einigen Punkten in weiterer Entfernung in Bauten, Säulen und Nestern zum Vorschein; wie beispielsweise... und Bellas dort findet man Olivin und Granaten eingesprengt».

(Julius Freiherr von Minutoli, *Portugal und seine Colonien*, Stuttgart I, p. 19).

## LXVIII

1857

«Na montanha do Suimo estão as camadas de grés rôtas por um affloramento de basalto... É no basalto desta montanha onde se exploraram e ainda se encontram as granadas de que dão noticia alguns escriptores».

Designação das nascentes e suas localidades.

«Minas do Suimo. Fonte atraz da casa do Suimo. Nascente ao poente da pyramide do Suimo e a meia encosta da montanha».

(Carlos Ribeiro, *Reconhecimento geologico e hydrologico dos terrenos da vizinhança de Lisboa*, Lisboa, pp. 69 e 137. Em 1861 Ribeiro estudou as minas, de que deixou notas e esboços, segundo escreve o Sr. Choffat no seu trabalho, p. 187).

## LXIX

1863

«Suggeriram-nos esta serie de reflexões as minas do Suimo, representadas na gravura junta, porque são das mais antigas que se tem explorado neste paiz.

Estão situadas a alguma distancia da villa de Bellas, proximo da Venda Secca, e do Bomjardim, á esquerda da estrada que d'aquella villa conduz á de Mafra.

São minas de jacinthos, e a sua exploração data do reinado de D. Diniz. Foi porém no seculo xv, que a lavra tomou maiores proporções. Deram desenvolvimento aos trabalhos, primeiramente o infante D. João, filho del-rei D. João I, e senhor da quinta e villa de Bellas, por mercê de seu pae; e depois por morte do infante, acontecida em 1442, sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios. Esta senhora casou d'ahi a quatro annos com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, de cujo matrimonio nasceu, entre outros filhos, el-rei D. Manuel.

Sobreviveu 30 annos a seu marido, e neste periodo dizem que se extrahiram muitos e excellentes jacinthos das minas do Suimo, mui puros e formosos, menos abertos na cõr, porem, mais duros que os da Asia.

Tão importante julgava estas minas a dita infanta, que quando fez doação da sua quinta de Bellas e do senhorio da villa a Rodrigo Afonso d'Athouguia, em recompensa de serviços que lhe prestara como criado seu, reservou para si as minas do Suimo, e por sua morte, em 1506, deixou-as em legado a seu filho el-rei D. Manuel.

Nessa epocha tinham grande valor as pedras preciosas de côres, e continuaram a tê-lo nos seculos seguintes, sendo muito estimadas e procuradas enquanto se não começaram a fabricar e lançar no commercio as pedras falsas, imitando perfeitamente as verdadeiras. Esta razão, e as outras que acima indicámos, a respeito das minas em geral, foram causa, sem duvida, de se abandonar a lavra das minas do Suimo.

A nossa estampa mostra de frente a cortadura da rocha, feita a meia encosta da montanha, no estado em que a deixou o acabamento da exploração.

Vêem-se na rocha duas fendas, como grutas, que se abrem na raiz della; a maior é a que está representada na gravura, a outra fica um pouco mais distante.

Dizem que o monte é minado por dentro em grande parte, e que, entrando-se com luz nessas concavidades, o reflexo faz brilhar as rochas que lhe formam as paredes e abobada, como se estivessem guarnecidadas de galões de ouro.

Nas faldas da montanha corre uma ribeira, junto á margem da qual se deitava o entulho da mina do que restam signaes evidentes».

(Vilhena Barbosa: *As minas em Portugal. Minas do Suimo: Archivo Pittoresco*, Lisboa, vol. vi, p. 179. O artigo é acompanhado de uma gravura).

## LXX

1864

«Les grenats cristallins sont disséminés dans des roches anciennes, telles que la granite, le gneiss, les micaschistes; on en trouve dans les serpentines de Bohême, dans les talcs des Alpes, dans les diallrites du Tyrol, dans le calcaire primitif de Darmstadt et des Pyrénées; il n'est pas rare dans certaines laves, telles que celles du Velay, de Lisbonne, du Vésuve, de Frascati près de Rome etc.». «Pour donner plus de feu au grenat, les bijoutiers les chèvent, c'est-à-dire, les doublent d'une plaque d'argent. En Silésie, en Bohême, à Fribourg, de nombreux ateliers sont formés pour tailler et percer les grenats qui servent d'ornements. Un ouvrier peut brillanter ou perforer cent cinquante grenats dans sa journée».

(Landrin, *Dictionnaire de Minéralogie*, Paris, 1864, pp. 194 e 195).

## LXXI

1866<sup>1</sup>

«Achão-se aqui finíssimos jacintos principalmente nos dias chuvosos».

«Diremos algumas palavras acerca das minas do Suimo, extracadas do que dellas escreveo Vilhena Barboza: Que as minas constituem uma das maiores riquezas naturaes de Portugal, dizem-no as innumeraveis nascentes de aguas mineraes, e as repetidas convulsões do solo. Foi a pesquisa e lavra das minas que attrahio os Phenicios ás costas da Lusitania; foi a cobiça destas riquezas, por elles manifestadas aos Romanos, o que mais concorreu para que este povo ambicioso e guerreiro viesse á conquista da peninsula Iberica. Essas

<sup>1</sup> Em 1870 publicou-se, *Estudio de las piedras preciosas*, por Miró. Não logrei ver este trabalho.

vastas cavernas, que em forma de corredores atravessão as entranhas de muitas serras de Portugal, e que os camponezes vizinhos umas vezes povoão de fadas e espectros guardando thezouros, outras julgão ser obra dos Mouros, etc».

«As minas do Suimo são das mais antigas, que se tem explorado neste paiz; estão situadas a alguma distancia da villa de Bellas, proximo da Venda-secca e do Bomjardim. São minas de jacinthos e a sua exploração data do reinado de D. Diniz; foi porém no sec. xv, que a lavra tomou maiores proporções, dando desenvolvimento aos trabalhos, primeiro o infante D. João, filho de D. João I, senhor da quinta e villa de Bellas, e depois, por morte deste, em 1442, sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios, e casou dahi a 4 annos com seu primo, o infante D. Fernando, duque de Vizeu, de cujo matrimonio entre outros filhos, nasceo o rei D. Manoel. Sobreviveu D. Beatriz a seu marido 30 annos, e neste periodo dizem que se extrahirão muitos e excelentes jacinthos das minas do Suimo. Tão importantes julgava estas minas a dita infanta, que quando fez doação da sua quinta de Bellas e do senhorio da villa a Rodrigo Affonso de Athouguia, em recompensa de serviços que lhe prestara como seu criado, reservou para si as minas de Suimo, e por sua morte em 1506, deixou-as em legado a seu filho, o rei D. Manuel. Nessa epoca tinhão grande valor as pedras preciosas de côres e continuárão a tê-lo nos seculos seguintes, enquanto se não começáram a fabricar as pedras falsas que foi sem duvida a causa do abandono das minas de Suimo. Dizem que o monte é minado por dentro, e entrando-se com luz nessa concavidade o reflexo faz brilhar as rochas como se estivessem garnecidas com galões de ouro».

Nas faldas da montanha corre um ribeiro, junto á margem do qual se deitava o entulho da mina, do que restão signaes evidentes».

(J. A. Almeida, *Diccionario abreviado de chorographia, topographia, e archeologia das cidades, villas e aldeas de Portugal*, Valença, p. 140).

## LXXII

1872

«Jacintos, em Bellas, e margens do Cavado».

(Gaultier, *Lições de Geographia ... Edição novissima ... por J. I. Roquete, Paris, p. 194.*)

## LXXIII

1874

«Ha no termo d'esta villa um monte, minado por baixo, chamado Minas do Suimo. Sua vista interior, á luz de archotes é de um beli-

simo effeito. Adiante tratarei desta curiosidade geologica mais detidamente».

(Pinto Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, tom. I, p. 371).

## LXXIV

1876

«Vem mencionados em Carvalho...; o Suimo (que tambem não se acha na E. P.) junto a um monte (o monte do Suimo vem no mappa) onde se encontravam muitas pedras das que se denominam jacinthos (o mesmo affirma o padre Nicolau de Oliveira no seu liuro *Grandezas de Lisboa*), tanto que a Senhora D. Brites, mãe d'El Rei D. Manuel, então donataria da villa de Bellas, doando a um seu creado muitas terras deste termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do Lugar do Suimo, que deixou a seu filho o dito rei D. Manuel.

Consta-nos por pessoa competente, muito conhecedor destes sítios, que hoje ainda se encontram destas pedras seguindo-se o leito da ribeira, especialmente nos dias que se seguem aos de grande chuva, e tambem outras lindas pedras pretas e mui lustrosas, que a dita pessoa viu e possue algumas».

«Voltando a falar das minas do Suimo, data a sua exploração do reinado de D. Diniz, e continuou por muitos tempos, até ao reinado, de el-rei D. Manuel, ao qual as deixou a infanta D. Brites como ja dissemos. Posteriormente foram porém abandonadas por causas que se ignoram».

(João Maria Baptista, *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, Lisboa, tom. IV, p. 459).

## LXXV

1878

«Na extremidade S. da villa passa um ribeiro, em cujas quebradas se encontram alguns jacintos».

(*Diccionario de Geographia Universal* [Ed. Corazzi], tom. I, p. 387).

## LXXVI

1881

«Au dire de Bocchus, on en [carbunculus] importe ici de Marseille et aussi de *Lisbonne*».

(Jannetaz, *Diamants et Pierres précieuses*, Paris, I, p. 171).

## LXXVII

1893

«Mencionarei tambem umas pedrinhas rodadas, que pareciam salpicadas de sangue, e apresentavam uma especie de desenho em forma de cruz; d'ella appareciam muitas entre o calhau da praia de Santos; di-lo, por exemplo, Castro no *Mappa*, e declara ter algumas. Miguel Leitão de Andrada, *Miscellanea, Dial. II*, tambem conta que se encontravam ali, e que eram do feitio de um ovo pequeno, com a cruz de Malta de uma banda, e nodoas como de sangue. O citado *Romancero de Segura*, obra dos principios do seculo XVII, lá canta a mesma coisa em verso (não me atrevo a dizer *em poesia*).»

Fala com a Cidade, e diz-lhe:

Ay en ti piedras redondas  
.....etc.

Finalmente Marinho de Azevedo nas suas *Antiguidades* (Liv. III, cap. XXIX) recorda as taes pedras, e acrescenta que havia na mesma praia outras com cinco riscos vermelhos, que eram d'aquellas sobre que os Santos Martyres tinham sido arrastados, segundo pensavam as devotas. «E a mesma fé — continua o autor — se tem com alguns marmellinhos e pereiras d'aquelle sitio, em cujo fruto se acham as mesmas cinco riscas; e destas arvores as ha no jardim de D. Francisco d'Alencastre — (o do actual palacio Abrantes), — e em alguns quintaes das casas mais proximas á egreja dos Santos Martyres».

Em creança habitei na freguezia de Santos, mas não me lembro de ter ouvido jamais falar nas taes pedras manchadas, provavelmente de oxido de ferro, e em cujos desenhos casuaes o povo teimava em querer vér cruzes e pingos de sangue de Martyres, como ainda vê o de Ignez de Castro nas pedras da fonte dos Amores. Hoje com o Aterro é impossivel procurar na praia essas curiosidades, que afinal valem muito menos do que elle».

(Julio de Castilho, *A Ribeira de Lisboa*, Lisboa, p. 581).

## LXXVIII

1895

«Varias pedras têem recebido o nome de *jacinthos* ou *hiacinthos*; e por vezes estas duas fôrmas do mesmo nome têem sido applicadas por diverso modo, comquanto habitualmente se tomem como synonyms. Não é facil saber, se o «*jacinto*» de Orta seria uma varie-

dade de *corydon* chamada *jacintho oriental*, ou o silicato de zirconia, tambem chamado *jacintho*; mas é provavel que elle designasse assim uma variedade amarella alaranjada de *granada* (um silicato de alumina e outras bases) bastante frequente em Ceylão. Se Orta diz, que estas pedras se encontravam em abundancia nos portos commerciaes de Calicut e Cananor, é porque as traziam para ali de Ceylão. Quanto ás *granadas* ordinarias de cõr escura, alem de virem de Ceylão, encontravam-se em varias partes do Hindustão, e por isso Orta diz serem frequentes nos mercados do interior. Estas pedras eram communs e deviam ser extremamente baratas, tendo sobretudo em vista, que Orta não falla como um joalheiro, procurando bonitos e grandes exemplares, mas simplesmente como um medico, contentando-se com pequenos fragmentos, proprios para o uso das boticas de então.

Em um dos paragraphos seguintes, Orta falla dos *jacinthos* (*granadas*) de Bellas. É bem sabido, que não longe de Bellas, nos basaltos do monte Suimo, assim como em Cintra, na zona de contacto dos terrenos sedimentares e eruptivos, se encontram *granadas*, que em tempos deram lugar a algumas explorações ou tentativas de exploração. A existencia d'estas pedras parece haver chegado já ao conhecimento de Plinio, o qual, fundando-se na auctoridade de um certo Bocchus, diz encontrarem-se *carbunculos* (e por esta palavra designava qualquer pedra vermelha ou roxa) nos campos de Lisboa: *Bocchus et in Olisiponensi erui scripsit, magno labore ob argillam soli adusti.* (Cf. Jannetaz, I, c., 371 e seguintes; Plinio, XXXVII, 25).

(Conde de Ficalho, *Coloquios dos simples e drogas da India por Garcia da Orta*, Lisboa, II, p. 226).

## LXXIX

1898

«*Granada var. Almandite*.—Espinho, Arcozello (distrito do Porto) [nos micaschistos]. Mina da Ramalhosa. Monte Suimo (Bellas) [no basalto].»

(Jacinto Pedro Gomes, *Mineraes descobertos em Portugal*. Nas *Comunicações da Direcção dos Trabalhos Geologicos de Portugal*, III, 1898, p. 206).

## LXXX

1898

.....  
(Truchot, *Les Terres rares*, p. 36).

## LXXXI

1904

«Existe na freguezia de Bellas o monte do Suimo, onde hoje está o casal do Suimo, ou do Suino, como vulgarmente lhe chamam, e em cujo monte, segundo affirma o padre Nicolau de Oliveira no seu livro *Grandezas de Lisboa*, se encontravam muitas pedras das que se chamam jacinthos, tanto que a senhora D. Brites, mãe de el-Rei D. Manoel, então donataria da villa de Bellas, doando a um seu criado muitas terras d'este termo, exceptuou as minas de pedras preciosas do lugar do Suimo, que deixou a seu filho o dito rei D. Manoel.

Segundo-se o leito da ribeira, principalmente nos dias seguintes aos de grandes chuvas, ainda hoje não é difícil encontrar algumas pedras lindíssimas, entre elles umas de um preto retinto, muito lustrosas, e que são, na verdade, muito bonitas.

As minas do Suimo estão hoje, por assim dizer, abandonadas, tendo principiado a sua exploração no reinado d'el-Rei D. Diniz, e continuado até ao reinado d'el-Rei D. Manoel, a quem, como fica puto, pertenceram».

(Antonio A. R. da Cunha, *Cintra Pintoresca*, 2.<sup>a</sup> edição acrescentada, Lisboa, p. 178. O autor da 1.<sup>a</sup> edição, de 1838, que foi o Visconde de Juromenha, não cita as minas),

## LXXXII

1905

«[Iargon, hyacinthe]. Les gisements fournissant les plus belles se trouvent: en France, dans le canton d'Expailly, près de la ville du Puy; au Portugal, près de Lisbonne....».

(Moisson, *Traité de Chimie minérale*, Paris, II, p. 532).

## LXXXIII

1906

«Ao sul passa um ribeiro, em cujas quebradas se vêem jacintos finíssimos».

«Uma das curiosidades desta villa é o monte chamado Minas de Suimo. São estas minas as mais antigas que se tem explorado no paiz. Estão situadas a alguma distancia da villa, proximo da Venda Secca e do Bomjardim, á esquerda da estrada, que daquella villa conduz á de Mafra. São minas de jacintos, e a sua exploração data do reinado de D. Diniz. Foi, porem, no seculo xv que a lavra tomou maiores proporções. Quem deu primeiro desenvolvimento aos trabalhos foi o infante D. João, filho d'el Rei D. João I e senhor da quinta e da villa de Bellas por mercê de seu pae; por morte do in-

fante, sucedida em 1442, foi sua filha, a infanta D. Beatriz, que lhe sucedeu naquelles senhorios, quem proseguiu nos referidos trabalhos. D. Beatriz sobreviven a seu marido 30 annos, e durante este periodo, segundo consta, extrahiram-se muitos e excellentes jacintos das minas de Suimo, puros e formosos, menos abertos na cõr, porem mais raros que os da Asia. A referida infanta julgava tão importantes estas minas, que, fazendo a doação da quinta e senhorio de Bellas a Rodrigo Affonso d'Atouguia, reservou para si as minas de Suimo, e por sua morte, em 1506, as deixou em legado a seu filho, el-rei D. Manuel. Nessa epoca tinham grande valor as pedras preciosas de cõres e continuaram a tê-lo nos seculos seguintes, sendo muito consideradas e procuradas, enquanto se não começaram a fabricar e a apparecer no commercio pedras falsas imitando perfeitamente as verdadeiras. Foi talvez esta uma das razões porque se abandonou a lavra das minas de Suimo. O monte, assim conhecido, é minado por dentro em grande parte, e entrando com luz nessas concavidades, o reflexo faz brilhar as rochas, que lhe formam as paredes e abobada, como se estivessem guarneidas de galões de ouro).

(Esteves Pereira & Rodrigues, *Portugal. Dicionario Historico*, Lisboa, vol. II, p. 269).

#### LXXXIV

1908

«Segundo Caldas Barboza, o abade de Castro e outros havia outrora em Bellas no lugar do Suimo, ricas minas de pedras preciosas, especialmente granatas e jacinthos que apareciam quando se lavrava a terra ou quando ella era revolvida por grandes chuvas. Baptista informa de que ainda apareciam (1876) ao longo da ribeira depois de ter chovido muito».

(Alberto Pimentel, *A Estremadura Portuguesa*, tom. II, p. 126).

#### LXXXV

1909

«Esta princeza legou muitas terras do termo de Bellas a Rodrigo Affonso de Athouguia, mas reservando as minas do Monte Suimo para seu filho el-Rei D. Manuel. Desta cláusula do testamento da infanta D. Brites fazendo reserva expressa das minas do Suimo para seu filho, infere-se que estas minas tinham considerável rendimento.

O auctor da *Cintra Pintoresca*<sup>1</sup> diz-nos que, segundo affirma o padre Nicolau de Oliveira, no seu livro *Grandezas de Lisboa*, no monte onde está o casal do Suimo ou do Suino, como é vulgarmente co-

<sup>1</sup> É evidentemente referência à edição de 1904.

nhecido, se encontravam muitas pedras das que chamavam jacintos; e que, seguindo o leito da ribeira, principalmente depois de grande chuva, não era difícil achar algumas pedras lindíssimas, entre ellas umas de um preto retinto e muito lustrosas.

A exploração d'estas minas, que, segundo se diz, também continham granadas, principiou no reinado de el-Rei D. Diniz, e terminou no reinado de el-Rei D. Manuel. Esta exploração está hoje completamente abandonada».

(Marquês de Avila, *A nova Carta Chorographica de Portugal*, Lisboa, 1, p. 196).

## LXXXVI

1910

«*Zircon*. Silicate de zirconium. Système tétragonal.

Hors d'Alter Pedroso dans la riebeckite déjà mentionné, on trouve à Monte Suino, Bellas, près de Venda Secca, la variété transparente jaune miel appelée *hyacinthe*. Quelques chroniqueurs portugais disent que dès le règne du roi D. Diniz jusqu'à D. Manuel 1<sup>er</sup> on a exploité une mine d'*hyacinthes* à Bellas. Le P. Nicolau d'Oliveira, dans son livre *Grandezas de Lisboa* publié en 1620 et l'auteur inconnu du livre *Cintra Pinturesca* publié en 1838 disent qu'il n'y a aucun doute sur l'existence des *hyacinthes* à Bellas, parce qu'ils les ont trouvés après des journées de pluie trainés par les eaux d'une petite rivière. On croyait qu'il y avait confusion et qu'il s'agissait des *grenats* qu'on trouve à Monte Suino (*sic*) dans du basalte. On trouve les *hyacinthes* à Bellas, cristallisés, ayant comme formes 100, 110, 111, 331, 311».

(A. d'Oliveira Bello, *Minéraux portugais: Bulletin de la Société portugaise des Sciences naturelles*, vol. iv, p. 77).

## LXXXVII

1910

«Portugal.—No son numerosas, pero si interesantes, las indicaciones que hemos visto respecto á los granates del vecino reino. Citase la grosularia de San Pedro (Cintra) y de Monforte, en el contacto del granito con la caliza jurásica en cristales de hermoso color verde negruzco, que muestran la cara  $\infty$  0 (110) y subordinadamente 202 (211),  $\infty$  0 2 (210), 0 (111),  $3/2$  0 (332) y una cara proxima á 202 (211), que puede ser la  $41/20$  0  $39/20$  (79. 95. 41. 39).

Para el análisis de Lepierre que hemos consignado al principio, se ha purificado la substancia con ayuda del electroimán y de los líquidos pesados.

Existe almandina en la micacita de Espinho, em Arcozello, dis-

tricto de Oporto, y en la mina de *Ramalhosa*, en el basalto de Monte Suimo (Bellas). Cita también P. Gomes la andradita ó alocroita de *Logar de Azenha* (Aguas Ferreas, Oporto), *Arronchez y Herdade da Igreja* (Orada)».

(Salvador Calderón, *Los minerales de España*, Madrid. 1910, II, p. 366).

## LXXXVIII

1913

«As ametistas do Gerez, as turquezas da Serra da Estrella, os rubis em Bellas não foram explorados, como o foram no sec. XVII os marmores de Extremoz, Arrabida, Mafra, Collares, Leiria e Oeiras».

(Carneiro de Moura, *Historia Economica de Portugal*, Lisboa, p. 127).

## LXXXIX

1913

«Da occorrecia de jacinthos em Bellas escreveram já, e pode dizer-se que escreveram só, até agora, escriptores de sec. XVII». Etc.

(Souza-Brandão, *Sobre um crystal de zircão-jacinto de Bellas junto a Lisboa*, «Comunicações» do Serviço Geológico de Portugal, t. ix, p. 127).

## XC

1914

Paul Choffat, *Les mines de grenats do Suimo*.

(«Comunicações» do Serviço Geológico de Portugal, tomo x, p. 159).

## XCI

1916

«Cristais de zircão das proximidades de Lisboa passam por serem dos mais formosos da Europa<sup>1</sup>, juntamente com os das cercanias de du Puy, no cantão francês de d'Espailly, com os do condado de Galloway e com os de Ceylão. Já alguns antigos cronistas portugueses se referem a uma mina de *jacintos* existente em Bellas. Supõe-se a principio tratar-se de granadas, mas é certo que a variedade de zircão, transparente e cõr de mel, chamada *jacinto*, ocorre no Monte Suíno (*sic*), em Belas, proximo de Venda Secca. O hábito isométrico, que parece freqüente nestes exemplares de Belas, de sobra justifica que os pouco profundos mineralogistas do sec. XVIII os tivessem englobado na massa das granadas alotriomorfas.

O mistério ainda subsistiria se um ilustrado amador não tivesse, há poucos anos, conseguido para a sua colecção um exemplar crista-

<sup>1</sup> *Les Terres rares*, Truchot, 1898, p. 36; *Chimie minérale*, Moissan, t. II, 1905, p. 532.

lizado do basalto de Belas<sup>1</sup> e um distinto homem de ciência português o não tivesse estudado, sob o ponto de vista cristalográfico, tornando-o conhecido<sup>2</sup>.

(*Sobre um cristal de zircão-jacinto de Bellas*, por Vicente Sousa Brandão, t. ix das *Comunicações do Serviço Geológico de Portugal*).

XCII

1916

«Desde que ha anos fiz a medição (do zircão do Alentejo), ao mesmo tempo que a do Jacinto de Bellas (do amador Sr. Oliveira Bello, que publiquei....».

(Sousa Brandão, *Revista de Chimica pura e applicada*, II serie, 1.º ano, p. 339).

### Manuscritos

I

1278

«Item. Hūu momo douro cõ pedra çafira e en meyogo desse momo e derredor dessa Pedra tehya quatro pedras yagūças... Item hūu Jacinto en castō douro con hua iagūça pequena... Item duas Iagūças en castō de prata que foron de Vicente Martijnz... Item Onze pedras yagonças de belas alamādinas sē castoes... Item noue pedras yagūças furadas....».

(Inventario das peças que foram dadas ao infante D. Dinis. Feito em 20 de Junho da era de 1316 (1278). Gaveta 13, maço 11, n.º 9. Publicado no *Arch. Hist. Port.*, tom. x, p. 45).

II

«Saibham quantos este trellado de carta da Senhora Ifamte dona Briatiz madre del Rey nosso Senhor dada per autoridade de Justiça virem que no anno do nacemento de nosso Senhor Jhesu Christo de mjl e b.º e dous annos vijmte e dous dias do mes de Junho em a muy nobre e sempre leall cidade de Lixbōa peramte o bacharell Jullyam Rodriguez çidadaño e Juiz dos feitos cieues em a dita cidade peramte elle pareçeo Lujs Barradas escudeiro do dito Senhor Rey e procurador que mostrou seer do moesteiro da Conceyçam da uilla de Beja per hūu publico estormento de procuraçam que comtava seer feito e assy-

<sup>1</sup> *Minéraux Portugais*, par A. d'Oliveira Bello, *Boletim da Sociedade Portuguesa das Ciências Naturais*, t. iv, fasc. 2, Dezembro de 1910.

<sup>2</sup> (*Estudos de análise espectral realizados sobre os minerais de urânia e de zircónio portugueses*, por António Alvares Pereira de Sampaio Forjaz Pimentel, p. 263 dos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, vol. III).

nado per Esteuam da Maya escudeiro e publico tabeliam e notairo em a dita villa de Beja a xbij dias do mes de mayo de mjl e quinhemtos e dous annos, etc. dizemdo E apresemtamdo o dito Lujs Barradas no dito Juizo peramte o dito Juiz húa carta da dita Senhora Ifamte madre del Rey nosso Senhor escrita em purgaminho e assynada que mostrava seer per sua Senhoria e aseillada do seu seollo nas costas della cujo trellado de uerbo a uerbo he este que sse adiamte ssegue:

Eu a Ifamte dona Briatiz faço saber a quantos esta minha carta virem e o conhecimento della pertemcer per qualquer guisa que seja que eu ssoçedi per heramça dos Ifamtes dom Joham e dona Isabell, meus senhores padre e madre que deus tenham em sua samta groria a minha villa de Bellas com seus paaços terras e casaaes e com sua Jurdiçam ciuell e crime, o quall luguar lhe fora dado per el Rey dom Joham meu avoo que deus tem de Juro e herdade como causa sua de patrimonyo e nam da coroa do tregno por que elle ho auia comprado por seus dinheiros segundo mais conridamente na doaçam dello he contheudo. E el Rey Dom Manuell meu Senhor e filho e a Rainha dona Lianor minha Senhora e filha E a senhora duquesa dona Isabell minha filha que no dito luguar poderiam teer parte por seerem meeus herdeiros e assy teerem a legitima do Ifamte meu Senhor seu padre que deus tem me fizerom doaçam das partes que lhe dello poderiam pertemcer assy de suas legitimas por fallecimento do dito Senhor seu padre ou pollo meu quamdo nosso Senhor ordenar que seja E quiserom e me derom autoridade e comsemntimento que eu podesse da dita villa e heramças e doutros meus bões moouees e de rraiz fazer o que me prouesse como de causa em que elles nom tijnham parte porque do que lhe pertemcia me fazijam doaçam e comsiramdo eu quamta rrezam e obrigaçam tenho de fazer merces a Rodrigo Afonso do conselho do dito Senhor Rey meu filho e veedor da minha fazenda e assy comsiramdo comb elle em sua vida e os que delle deçemderem devem seer bôos foreiros e paguar sempre bem o foro tenho por bem de lhe aforar como por esta carta aforo e dou de foro em fatyota pera sempre a dita villa de Bellas com toda sua Jurdiçam e rrendas casaaes paaços terras de pam e logramentos e agoas e montes rrotos e por rromper e paçigoos e pumares E azenhas e vijnhas e todas outras cousas que eu no dito luguar tenho e me de direito pertemçem e pertemcer podem E assy como eu dello estou em posse e posuyrom meeus antecessores tirando soomente o padroado da Igreja da dita villa de que ja tenho feita doaçam ao moestiero de nossa Senhora da Comçepçam de Beja e os cauouquos e terra em que dizem que se acha pedraria por que estes poderey eu mandar

abrir e me aproueytar delles quando me aprouuer e se achar que he mina podella ey leixar a quem me prouuer e nom entrara no aforamento e mais me praz que emtre com o dito luguar de Bellas em este aforamento hũu casall de laurar pam que he no termo desta cidade de Lisbôoa onde chamam a Choutaria E outro casall que tambem esta no termo da dita çidade que chamam o casall de Loures e mais treze couas de emcouar pam e hũuas casas em que mora o coueyro que sam em Carnide e hũu bacello e hũua courella que he no dito luguar de Carnide E o dito bacello e courella amda aforado a [Joham Alluarez] por mill e cem rreaes em cada hũu anno porque posto que as ditas couas sejam fora do termo da dita villa de Bellas amdaram sempre cõ ella e ally se arrecadaram E assy me praz e quero que agora emtrem com ella e amde pera todo sempre com ella dentro neste aforamento e as aja o dito Rodrigo Afomso e depois de seu falecimento quem elle nomear E assy dahi em diamte venha este prazo da dita villa e heranças aquy apomtadas ssobçessiuamente que hũu possoydar nomee outro pera depois de seu falecimento E acertamdo que algñu ou algñus dos posuyidores deste prazo fallecam sem nomear quem depois delle o tenha nom quero que por isso o perca nem saya de seus herdeiros mas que emtam os ssobçeda e ajaa o parente mais velho que for mays chegado em o graao ao posuidor per cujo falecimento vagar e me praz que o dito Rodrigo Afonso e os que depois delle vierem ao dito prazo tenham as rremdas e Jurdicam da dita villa e se possam chamar senhores della e poer os tabeliaes e vsar da Jurdicam e auer as Rendas assy como ora eu faço E que por ello dem e paguem de foro e penssam em cada hũu anno a mym em minha vida quoremta mill reaes brancos desta moeda ora corrente de trimta e cimquo liuras o rreal E despois de meu falecimento faram o dito pagamento a abadesa e donas que pello tempo forem do dito moesteiro da Comcepçam de Nossa Senhora da villa de Beja a que as leixo com outras Remdas ordenadas pera a capella do Ifamte meu Senhor como em meu testamento he contheudo e faram o pagamento em ouro e prata em os preços que valler e pagallos ham em duas paguas a meetade por pascoa frorida e a outra meetade por sam Joham Bautista E começara de fazer a primeira pagina por este dya de pascoa primeiro que viinra no anno de quinhemtos E dehy em diamte pello ditos tempos de pascoa e sam Joham e nom fazendo o dito Rodrigo Afomso ou os que despois delle vierem as ditas paguas na dita villa aos ditos tempos de cada hũu anno que a abadessa e donas do dito moesteiro os possam mandar penhorar por seu moordomo E por quem lhe aprouuer sem outra ordem nem figura de Juizo E passando sem

pagarem a mim ou ao dito moesteiro os tres annos que o direito quer cayam em comisso e o dito Rodrigo Afomso nem as pessoas que despois delle vierem nom poderom nunca partir a dita villa nem suas heramças nem apartar della nenhū casall nem outra cousa nem o trocar nem escambar nem per algūua outra maneira em alhear ssoomente andara todo Juntamente emcabeçado no dito luguar de Bellas como ora anda sem nenhūa cousa se apartar porem podera o dito Rodrigo Afonso e os que depois delle vierem aforar as heranças do dito luguar assy as aproveytadas como as por aproueytar em fatyota ou em pessoas como lhe bem parecer e os aforamentos per elles feitos seram assy firmes e valiosos como por verdadeiro senhorio do dito lugar porque toda autoridade e poder pera ello necesario me praz que tenham e ajam o qual aforamento o dito Rodrigo Afonso em sy Recebeo por ssy e por as pessoas que depois delle vierem. E se obrigou fazer as ditas paguas e conpir estas condições per ssy e por seus bēes mouees e de rraiz que pera ello obrigou de todo teer e manteer. E eu me obrigo por mim e todos meus bēes e Rendas de lho teer e manter e fazer sempre comprir e guardar como aqui he contheudo sem nenhūa duuida nem embargo que contra ello possa teer nem auer luguar de se dizer que nom foy aforada em pregam e que por isso se pode ou deue de desfazer nem algūua outra ley nem ordenaçam que contra esto possa seer porque ey todo o que contra este aforamento se possa dizer e aleguar por anullado e nenhūu. E se algūuas crausollas pera este aforamento seer firme aqui falleeçam, eu as ey por postas e especificadas como que dellas aqui fezesse expressa mençam. E por certidam dello lhe mandey fazer esta carta a quall peço por merce ao dito Rey meu Senhor e filho que assy a queyra confirmar aprouar e rretificar e conceder. E que assi elle Rodrigo Afonss com os que apos elle vierem que segundo a forma do dito comtrato ajam de ssobceder o dito prazo E tenham com toda a dita Jurdiçam ciuell e crime sem embargo de todas E quaaesquer lex assy geeraaes como especiaaes que em contrairo desto sejam e sem embargo da ley mentall porque eu de sua autoridade e comsemntimento fiz o dito contrauto daforamento, o quall he minha vomtade, que pera ssempre seja firme e vallioso e o dito Rodrigo Afonso fez de sua obrigaçā e aforamento com o teor desta carta hūua publica escritura pera eu e depois a abadesa e donas do dito moesteiro a teerem por sua guarda E eu mandey a elle dar esta carta assynada per mym e aseillaada do meu seollo. Dada em esta cidade de Lixbōa aos treze dias dagosto. Siluestre Nunez a fez de mill e quoatrocētos e noueenta e noue annos.

E apresemtada asy a dita carta da dita Senhora Ifamte como dito he logo per elle dito Lujs Barradas como procurador que era do dito moesteiro foy dito ao dito Juiz que lhe pedia que porquamto a dita casa moesteiro e donas della se esperauam dajudar da dita carta que lhe mandasse della dar o trellado em publica forma porquamto lhe pertemcia e tocava segundo se per ela mostraua etc. E visto per o dito Juiz seu dizer e pedir com a dita carta e o que se neella comtijnha e como em muyta parte a dita carta pertemcia ao dito moesteiro de uer della auer o trellado e como ella era asy autentica e autorizada e sem viçio nem antrelinha duuidosa soomente hñua que dezia *terra* a qual ao pee era rresaluada etc. lhe mandou della dar o dito trellado em publica forma antrepoemendo e dando a mim tabeliam abajo nomeado pera ello sua autoridade ordinaria que lho desse per que fizese fee e autoridade onde quer que mostrado fosse como o proprio originall. E eu em comprimento de seu mandado lho dey em este publico estornento. Testemunhas AluarEannes Diego Coelho e Joham Diaz o Velho e Gonçalo Coelho e FernandAfomso todos tabeliães amte o dito Juiz E outros E eu Joham Diaz o moço escudeiro do dito Senhor e seu publico tabeliam isso meesmo ante o dito Juiz que esto espreui e de meu publico ssynal firmey que tall he. —*Lugar do sinal publico*— Pagou lxxx reaes.

(Torre do Tombo, Mosteiro de S. Clara de Beja, n.º 105; Chanc. de D. Manuel, liv. 38, p. 73).

### III

1758

«Nesta freguesia e termo desta Uilla junto do lugar e monte do Suimo se tirarão antigamente pedras preciosas e ainda se achão algumas muito pequenas, tem a cor mais escura que a do rubim, e no rijo quasi o igualão».

(P.º João Chrisostomo, prior de Bellas. Resposta aos quesitos enviados superiormente. Manuscrito da Torre do Tombo chamado *Dicionario Geographico*, tom. vi, p. 611).

### IV

«No termo desta cidade de Lisboa húa mina de pedras preciosas e jacinthos».

(Biblioteca de Evora, *Libelo que Manuel da Cruz Santiago deu contra o procurador da Fazenda*. Catalogo da Biblioteca de Evora iv, p. 276, cod. <sup>cix</sup> 1-16. Comunicação do Sr. Dr. Lopes da Silva, director da Biblioteca).

## Signum Salomonis

**(Estudo de Etnografia comparativa)**

Non pude mais escreuer,  
Por nã têr mais descuberto.

G. DE RÉSENDE, *Miscellania*, est. 311.

... sirva o pouco que disse ... de  
abrir caminho aos curiosos, a que pro-  
curem aventajarse neste estudo.

D. RODRIGO DA CUNHA, *Historia eccles.*  
*de Lisboa*, fis. 17.

### Sumário

Palavras prévias: fórmas e nomes gerais; divisão do presente trabalho.—I, *Pentalfa & hexalfa*. Antiguidade d'essas figuras. O seu uso nos Gregos. Transmissão aos Semitas, aos Indios, aos Romanos, e a outros povos (medievais e modernos). O pentalfa e o hexalfa em Portugal. Documentos arqueológicos e literários. Nomenclatura. Magia, religião, e arte. Vida prática e recreativa.—II, *Sino-saimão dobrado*. Seu uso no continente português, e nos Açores. Na Hespanha medieval.—Conclusão. Origem astrológica do pentalfa. Pentalfa, hexalfa, e outras figuras geométricas. O pentalfa tem entre nós origem judaica.—Apendice.—I, Nómina contra endemoninhados.—II, Nó de Salomão.—III, Moeda com o pentalfa.—IV, Frontispício do «Livro de S. Cipriano».—Estampas, e respectivas explicações. Origem das gravuras.

*O signum Salomonis*, propagado desde longinquas eras por grande parte da superfície do globo, goza de grande vitalidade nos costumes e crenças de todo o Portugal, e toma, quer entre nós, quer lá fora, várias fórmas, que vão figuradas com os n.<sup>os</sup> 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7. Ás fórmulas representadas nas figs. 1, 2 (a fig. 2 é apenas a fig. 1, ás avés-sas) e 3, que são respectivamente um pentalfa ou pentágono regular estrelado («estrela de cinco pontas»)<sup>1</sup>, e um hexalfa («estrela de seis

<sup>1</sup> *Pentalfa*, de πέντε «cinco», e ἅψη, nome da primeira letra do alfabeto,—significa «cinco alfas», por causa do aspecto da figura: é palavra usada por vários eruditos, por exemplo: Chr. A. Lobeck, *Aglaophamus sive de theologiae mysticae Graecorum causis*, 1829, p. 1346; Minervini, *Novelle dilucidazioni sopra un antico chiodo magico*, 1846, p. 23; Le Blant & Renan, in *Revue Archéolog.*, II, 345; Teixeira de Aragão, *Moedas de Portugal*, I, 147; Head, *Historia nummo-*

pontas»)<sup>1</sup>, dá o nosso povo o nome generico de *sino-sâimão*; ás fórmas representadas nas figs. 4, 5 (mera variante da anterior), 6, 7, ou a algumas d'elas, chama *sino-sâimão dobrado*. Concomitantemente com a primeira denominação ha outras, por igual populares, como veremos depois. O povo denomina tambem, mas de maneira muito imprópria, *sino-sâimão* a esfera armilar que se vê em certas moedas portuguesas dos secs. XVIII e XIX<sup>2</sup>.

Vou aqui juntar uns apontamentos que concorram para maior conhecimento da historia d'estes curiosos simbolos astrologico-mágicos. Desejava tratar em tres capítulos seguidos as tres fórmas; contudo, se quando temos diante de nós representações gráficas d'elas, é visível a distinção, nem sempre acontece o mesmo quando só temos textos em que de modo geral se diz apenas *signum Salomonis*: muitas vezes não sabemos se tal designação se refere ao pentalfa ou ao hexalfa. Por isso farei apenas dois capítulos: um acerca do *pentalfa & hexalfa*, o outro acerca do *sino-sâimão dobrado*. A materia ficará assim menos nitidamente exposta, porém talvez com maior exactidão. Por falta de documentos, serei obrigado a dar grandes saltos cronológicos e geográficos.—No fim juntarei um apêndice, com matérias que não pude tratar ou desenvolver no corpo do meu trabalho.

## I

**Pentalfa & hexalfa**

Ainda que, como adiante direi, suponho que o pentalfa antecedeu na Historia o hexalfa, temos d'este, contudo, pela Arqueologia notícia mais antiga do que d'aquele: pelo menos Boyd Dakwins inclue o hexalfa, fig. 8, entre desenhos que decoram objectos da Britânia e da Irlanda pertencentes á idade do bronze<sup>3</sup>. No que toca porém a textos

*rum*, p. 465 (*pentagon or pentalphi*). Os eruditos dizem além d'isso: *pentagrama* (melhor seria dizer *pentagramo* = gr. πεντάγραμον); tambem são d'eles as expressões *pentágono*, *polígono estrelado*. Os ingleses dizem *pentacle* (vid. o Dicionário de Webster). Nos livros de Magia lê-se *estrela de Mercurio*, por exemplo nos *Secrets merveilleux de la magie naturelle et cabalistique du Petit Albert*, trad. do lat., Lião de França 1791, p. 147. Adiante encontraremos designações paralelas.

<sup>1</sup> *Hexalfa*, de ἥξ «seis» e ἄλφα. Sinónimos: *hexagrama* (*hexagramo*), etc.

<sup>2</sup> Vid. *O Arch. Port.*, x, 171.

<sup>3</sup> *Early man in Britain*, Londres 1880, p. 378. Cf. tambem *Matériaux pour l'hist. primit. et natur. de l'homme*, II, 501-502 (notícia bibliográfica do opusculo de G. de Mortillet, *Le signe de la croix avant le christian.*, Paris 1866).

literarios, o pentalfa sobrepuja em ancianidade o seu rival. No n.º 19 das *Obras* de Luciano, § 5, p. 205 da edição greco-latina de F. Didot, Paris 1840, diz-se que Pitagoras (sec. VI a. C.) mandava aos discípulos que no princípio das cartas traçassem um πεντάγραμμον, a que eles chamavam «saude»: ὑγεία πρὸς σύντον ἀνορθόχωτο<sup>1</sup>. Era pois o «pentagrama» ou pentalfa, nos Gregos, um sinal de bom agouro e de profilaxia contra doenças.

O mesmo pentalfa apárece como tipo monetario, e como simbolo, em várias moedas antigas: de Pitane (sec. IV a. C.), na Misia, em conexão com Asclepio ou Esculapio, deus da saude, fig. 9<sup>2</sup>; de Rodes (sec. IV a II a. C.)<sup>3</sup>. Na *Numismatique d'Alexandre le Grand* de L. Müller, Copenhague 1855<sup>4</sup>, figura várias vezes o hexalfa, que o A. chama inexatamente «pentagone»<sup>5</sup>; Müller diz que esse simbolo representa aqui cidades da Tracia meridional, moedas de Alexandre Magno. Na mesma obra se fala do verdadeiro pentalfa em tetradracmos de Filipe III, tambem da Tracia meridional<sup>6</sup>. Os Gregos antigos e outros povos costumavam gravar com um ponteiro nas suas moedas inscrições amorosas, nomes de divindades, etc., — *graffiti* — (algunas d'estas moedas eram postas nos templos): vid. Lenormant em um artigo da *Revue Numismatique*, nova serie, t. XV, 1874–1877, p. 325, no qual se lê: «un didrachme de Tarente au Cabinet de Berlin offre le dessin d'un pentagramme à la pointe»<sup>7</sup>. E noutro lugar: «La même figure, à laquelle on attribuait une valeur talismanique, a été tracée au revers de deux tétradrachmes ptolémaïques de l'atelier de Racotis [= Alexandria], avec des monogrammes secondaires différents sur l'un et sur l'autre»<sup>8</sup>. Em moedas autonomas de Nuceria (*Brutii*, na Italia), de legendas gregas, aparece um cavalo que tem por

<sup>1</sup> Este texto tem sido já muitas vezes citado pelos eruditos que se ocupam de Magia.

<sup>2</sup> Vid.: Wroth & Poole, *Greek coins of Mysia* (publicação do Museu Britânico), Londres 1892, est. XXXIV, e pp. 171–172; Head, *Historia numorum*, 1.ª ed., pp. 464 e 465.

<sup>3</sup> Vid. Head, *Greek coins of Caria, Cos, Rhodes, etc.* (publicação do Museu Britânico), Londres 1897, p. 242.

<sup>4</sup> Consta de dois volumes, um de texto, outro de estampas.

<sup>5</sup> Vid. nas estampas, p. XXVII, o n.º 62. A p. XXXIV figura o pentalfa a par com o hexalfa.

<sup>6</sup> Vid. no texto e nas estampas os n.ºs 341, 357, 377, 379.

<sup>7</sup> P. 343.

<sup>8</sup> P. 343.

baixo um pentalfa<sup>4</sup>, fig. 10; estas moedas (de cobre) são do sec. IV-III a. C.<sup>5</sup>. Outra moeda, de *Teanum* (na Campania), tem o mesmo simbolo<sup>6</sup>, fig. 11: deve ser de cerca do sec. III a C.<sup>7</sup>. Tambem o pentalfa se vê como simbolo, sobre um lião, em uma moeda de *Velia* (Lucânia), fig. 12<sup>8</sup>. O ilustre Professor Ateniense, o S.<sup>r</sup> N. G. Polites, lembra-me mais as seguintes moedas gregas, mencionadas em obras que não pude compulsar, por não as haver em Lisboa: da ilha de Leucada (com o pentalfa como tipo); de Tarso, na Cilicia (com o pentalfa como simbolo); e lembra-me além d'isso tesseras de Atenas (idem)<sup>9</sup>.

Se das moedas nos voltamos para outros monumentos da antiguidade, encontramos o pentalfa pintado duas vezes em um vaso grego, ou greco-etrusco, de Cerveteri, outr'ora *Caere*, na Etruria, hoje no Museu Capitolino de Roma, figs. 13 e 14<sup>10</sup>, e encontramo-lo em um tumulo de Marissa, com inscrição grega, da época helenistica<sup>11</sup>.

Dos Gregos, onde o pentalfa e o hexalfa ainda disfrutariam maiores vantagens do que as que se pantenteiam nos citados esparsos do-

<sup>4</sup> Vid. Mionnet, *Description des médail. antiq.* (1822-1847), t. I, p. 123, n.<sup>o</sup> 246.—Na secção das moedas dos «Populi et urbes et reges» do Gabinete Numismatico da nossa Biblioteca Nacional ha um exemplar com o pentalfa bem claro: é o que represento na figura do texto.

<sup>5</sup> Head, *Hist. numorum*, p. 89.

<sup>6</sup> Mionnet, *Descr. des méd.*, I, 125, n.<sup>o</sup> 265. — No nosso Gabinete Numismatico ha tambem um exemplar: é o que represento no texto.

<sup>7</sup> Cf. Head, p. 36, que a não cita porém.

<sup>8</sup> Cf. Rasche, *Lexicon univ. rei numariae*, vol. VI, col. 827, s. v. «pentagonon». A moeda tem: ΥΕΛΗΤΩΝ, isto é, «dos Velienses».

<sup>9</sup> Relacionei-me com o S.<sup>r</sup> Polites em Atenas, em 1905, por occasião de um congresso arqueologico a que aí assisti. Tendo-me ele mostrado em bibliotecas públicas varios codices em que se via traçado o *signum Salomonis*, pedi-lhe me desse extractos dos respectivos textos, o que ele fez depois por carta, e levou a sua amabilidade a acrescentar-lhes notícias sobre o mesmo *signum*, colhidas, umas na tradição oral grega, outras em livros impressos. D'estas ultimas eu já possuía algumas, pois havia muito que pensava em publicar o trabalho que hoje dou a lume. Com relação ás que eu não possuia, e cujo conhecimento devo ao S.<sup>r</sup> Polites, bem como com relação ás notícias manuscritas e ás orais, terei o cuidado de, como acima comecei a fazer, citar no decurso do presente trabalho o nome do meu generoso informador.

<sup>10</sup> Vid. um artigo de R. Förster nos *Annali dell' Istituto*, Roma 1869, p. 157, e a estampa nos *Monumenti dell' Istituto*, t. IX, tab. IV (Devo esta indicação ao S.<sup>r</sup> Professor Polites). As figuras extraio-as dos citados *Monumenti*.

<sup>11</sup> Vid. *Palestine Exploration Fund*, de Thiersch-Pettérs, «Painted tombs at the Necropolis of Marissa», de ed. Londres (esta obra não a conheço directamente: regulo-me por uma informação que me deram).

cumentos, passaram eles por vias directas ou indirectas, que pela Historia conhecemos de modo geral, para os Semitas (Hebreus e Arabes), para os Indios, para os Romanos, e por fim para varios povos da Europa medieval e moderna, d'onde depois tornaram a emigrar para longe (America, etc.). O principal veiculo de transmissão na antiguidade deverá buscar-se nos Judeus, que, pela sua infiltração entre Gregos e Romanos, estavam em excelentes condições para isso: Alexandria primeiro, Roma e Bizancio depois, desempenhariam aqui papeis importantes. No sec. VII p. C. aparecem, por assim dizer, os Arabes na Historia, e eles estendem-se em seguida por grande parte da Asia, pelo Norte da Africa, e por parte da Europa ocidental e meridional, e em todas essas regiões viveram em contacto com os Judeus, de quem podem ter recebido os simblos de que me ocupo. Pelos Judeus ou pelos Arabes, e não, de certo, imediatamente pelos Gregos, se transmitirão estes simblos aos Indios. O pentalfa e o hexalfa associaram-se nos Semitas aos nomes e lendas de David e Salomão, que por sua sabedoria e gloria exerceram, sobretudo o último, poderosa influencia nas tradições judaicas e maometanas: e assim associados os encontramos muitas vezes fóra dos círculos originarios.

Desde épocas distantes que o pentalfa e o hexalfa, e correlativas lendas salomonicas, existem nos Judeus. O nosso Valle de Moura, sec. XVII, fala da «raiz de Salomão», *quae ad nares daemoniaci applicata Daemonem extrahebat et effugebat, quaque exorcistae Iudeorum utebantur*<sup>1</sup>. Esta superstição é mencionada noutras antiquadas obras, por exemplo nos *Otia imperialia* de G. de Tilbury (sec. XIII)<sup>2</sup>, e provém do historiador Josefo (sec. I)<sup>3</sup>: a raiz estava inclusa em um anel. Neste anel imaginaram os crentes um sêlo, que a maior parte das vezes é o pentalfa<sup>4</sup>.

O hexalfa aparece, no sec. III da nossa era, em um tumulo judaico de Tarento; e o pentalfa na antiga sinagoga de Tell Hum, e em um manuscrito judaico do sec. XI; Carlos IV prescreveu para os Judeus de Praga em 1354 uma bandeira com o «escudo de

<sup>1</sup> *De incantationibus seu ensalmis*, Evora 1620, p. 27. Discute as virtudes da raiz a p. 195.

<sup>2</sup> Vid. a ed. de F. Liebrecht, Hannover 1856, pp. 8-9, e a anotação 12 que este erudito lhe apõe a p. 77.

<sup>3</sup> *Antiguidades judaicas* (ed. de Didot, 1845), liv. VIII, cap. II, § 5.

<sup>4</sup> A respeito do anel & sêlo de Salomão, cf. *Rev. des trad. pop.*, VII, 377 sgs.

David» ou hexalfa, e o «sêlo de Salomão» ou pentalfa<sup>1</sup>. Com data de 1299 existe na Biblioteca Nacional de Lisboa uma rica Biblia hebraica iluminada, de procedencia hespanhola (moçarabica?), onde em uma das páginas se pintaram as armas de Castela & Lião dentro de dois hexalfas: o castelo, simbolo do primeiro reino, em um, e o lião, simbolo do segundo, no outro: figs. 15 e 16. O hexalfa constitue um «simbolo falante» em selos judaicos, dos secs. XIV-XV, cujo proprietario se chamava «Salomão»: vid. um exemplo na fig. 17<sup>2</sup>. Na *Revue Numismatique*, 1892, pp. 240 e 245, trata-se de amuletos, igualmente judaicos, com o pentalfa, os quais porém não ascendem além do sec. XVI; e no vol. de 1894, p. 247, trata-se de uma medalha da mesma procedencia, existente na Biblioteca Nacional de Paris, com o «sceau de Salomon», talvez do sec. XVI ou XVII (vid. p. 241). O sêlo comunal de Kremsier (Austria) e o de Beuthen (Alemanha) têm o hexalfa, como consta das figs. 18 (1690) e 19 (actualidade)<sup>3</sup>. O hexalfa está gravado em uma sepultura judaica de Bordeus, de 1731, fig. 20<sup>4</sup>, onde ele, como «escudo de David», creio que alude emblematicamente ao nome do falecido, — Moises David Lameiro. Uma associação judaica moderna, destinada à plantação de oliveiras na Palestina, tem nos diplomas dos seus membros o hexalfa, quer como emblema principal, ligado com o lião de Judá e seis estrelas, fig. 21, quer como emblema secundário em cada um dos lados, fig. 22<sup>5</sup>. Alguns Judeus, como os pitagóricos, escrevem o pentalfa no começo das cartas; os da Berberia usam-no como sinal nas mesas, etc.; as mulheres judias fazem o mesmo sinal no vestuário das crianças<sup>6</sup>. Segundo me informa o meu

<sup>1</sup> *The Jewish Encyclopedia*, VIII, 251-252. Acérca do anel e sêlo de Salomão, vid. a mesma Enciclopédia, XI, 442, e tambem Reinaud, *Monumens arabes du Duc de Blacas*, I, 165-166; II, 52-55. (D'esta bela obra ha um exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa, que para ela comprei em Paris, chez Maisonneuve).

<sup>2</sup> A. Blanchet, *Études de Numismatique*, I, 127. Diz ele que o hexalfa foi preferido pelos Judeus ao pentalfa, por causa do seu aspecto simétrico; mas, como vamos vendo, os Judeus usam bastante o pentalfa. — Este A. cita a p. 128 muitas obras que não posso aproveitar, por não as haver em Lisboa.

<sup>3</sup> Extraídas de *Jewish Encyclopedia*, XI, est. 2<sup>a</sup>, figs. 38 e 41. No segundo sêlo o hexalfa está seguro pelas garras dianteiras do lião de Judá, posto de pé.

<sup>4</sup> G. Cirot, *Recherches sur les juifs espagn. et portug. de Bordeaux*, Bordeaux 1909, p. 124.

<sup>5</sup> Os desenhos são extraídos de um diploma que o S.<sup>r</sup> D.<sup>r</sup> Alfredo Ben-saude me comunicou.

<sup>6</sup> Aubrey, *Remains of gentilisme and ju laisme* (sec. XVII), publicados por J. Britten, Londres 1881, p. 51.

colega Alfredo Apell, o hexalfa é também conhecido dos Judeus da Russia, e tem entre eles o já indicado nome de *escudo de David*.

Quanto aos Arabes, aduzirei em primeiro lugar duas estelas funerarias que em 1909 vi no Museu Árabe do Cairo, pertencentes ao sec. VIII-IX, uma d'elas com um simples pentalfa por debaixo da inscrição, a outra com tres hexalfas nas mesmas condições, e assim dispostos: figs. 23 e 24<sup>1</sup>. No referido Museu, bem como no de Alexandria, existem varios discos de vidro, que se julga serem do sec. VIII, e haverem servido de padrões de peso: cada um tem numa das faces um hexalfa ou uma inscrição, estando lisa a outra face; na fig. 25 copio um do Museu Etnológico Português, que o S.<sup>or</sup> Aly Bey Bahgat, Conservador do Museu Árabe do Cairo, obteve particularmente e me ofereceu, e que aparecera nas ruinas do Cairo antigo<sup>2</sup>.

Tanto o pentalfa como o hexalfa constituem tipos e simbolos de moedas mahometanas da idade-media e de épocas posteriores até a actualidade. Na fig. 26 represento o anverso de uma moeda de prata do sec. XII ou começos do XIII, que examinei no Museu Arqueológico de Madrid (exemplar unico)<sup>3</sup>, e na fig. 27 uma das faces de uma de cobre, tambem medieval, que adquiri em Beja em 1916, e pertence hoje ao Museu Etnológico<sup>4</sup>. A moeda do sec. XII, descrita no n.<sup>o</sup> 1779 das *Monedas de Vives*, que cito em nota, tem um hexalfa, como o proprio autor me disse em Madrid. Na obra de W. H. Valentine, intitulada *The modern copper coins*, que porém só conheço por umas páginas sóltas, citam-se várias moedas de Tripoli, dos sultões Mustafa III (sec. XVIII), Abdul Hamid (idem), e Mahmud II (sec. XIX), com o hexalfa, figs. 28 a 33, e o mesmo sinal se vê em muitas moedas modernas de prata e de cobre, de Marrocos, etc., que vêm ter a cada passo ás mãos dos coleccionadores portugueses, e de que ha igualmente exemplares no Museu Etnológico: vid. figs. 34 a 37<sup>5</sup>. O emblema salomonico figura nas moedas árabicas, diz A. Blanchet, desde os

<sup>1</sup> Medida da 1.<sup>a</sup> estela; 0<sup>m</sup>,56 × 0<sup>m</sup>,41.

<sup>2</sup> Em Luxor comprei um disco analogo, porém não tem hexalfa, só tem inscrição.

<sup>3</sup> O reverso é anepigrafo. Esta moeda é um «meio quirate». Cf. A. Vives, *Monedas de las dinast. arábigo-españ.*, Madrid 1893, p. 338, n.<sup>o</sup> 2006.

<sup>4</sup> Ofereceu-m'a o S.<sup>or</sup> Francisco Pedro Galinoti. A outra face da moeda tem letras árabicas, porém nenhum emblema.

<sup>5</sup> Cf. outros exemplos in *France-Maroc* (revue mensuelle), Paris-Rabat, n.<sup>o</sup> 2, 1818, pp. 37-38 («haçanis» de Mulay El Hassan e de Mulay Abd El Aziz).—A moeda desenhada na fig. 37 (de bronze) foi cunhada em Paris no ano de 1330 da hégira.

primeiros califas até os ultimos imperadores de Marrocos, e substitue o nome de cada monarca, *Soleiman*<sup>1</sup>; é este um facto analogo ao já observado por M. Reinaud, tanto a respeito das moedas, como dos selos<sup>2</sup>, e tambem comparavel a outro que vimos a cima, p. 208.

Das moedas de cobre de Marrocos, «feluzes», fazem as mulheres portuguesas amuletos, que colocam ao pescoço das crianças: fig. 38<sup>3</sup>. Tambem na Argelia as citadas moedas marroquinas servem de amuletos, como me informa o S.<sup>or</sup> P. Sébillot. O ter falado de amuletos leva-me naturalmente a mencionar outros objectos de uso, em que se vê o hexalfa, e são: uma joia de senhora, talvez do sec. XVIII, que vi no Museu Arabico do Cairo; um anel de metal que vi em casa de um antiquario de Luxor (o hexalfa estava na pedra da pala ou centro do anel); um disco de faiança antiga, pintada de azul, que comprei no Alto-Egito para o Museu Etnologico, e que represento na fig. 39; um caco do mesmo Museu, de barro branco, aparecido em Faro, e dado como arabico por Estacio da Veiga, caco em que se desenhou um pentalfa, quando o barro ainda estava fresco, fig. 40; finalmente um objecto, fig. 41, que se vê desenhado num bilhete postal em que se pinta a loja de um negociante de curiosidades, de Tunis. Nos seus *Monumens arabes du Duc de Blacas* descreve Reinaud várias pedras preciosas em que se vê gravado um hexalfa ou um pentalfa<sup>4</sup>, e a proposito d'eles faz judiciosas considerações, algumas das quais cito no decurso d'este trabalho.

Lembrarei em seguida algumas superstições modernas. Os Muçulmanos livram-se do mau olhado, pintando o pentalfa nas casas<sup>5</sup>, e os do Norte da Africa fazem uso d'ele em quadros e fórmulas mágicas<sup>6</sup>. O hexalfa, diz-me o S.<sup>or</sup> P. Sébillot, em carta, «est aussi fréquemment dessiné sur les feuillets écrits cousus dans des sachets de peau que portent pour ainsi dire tous les indigènes; parfois il est également imprimé sur la face supérieure de l'enveloppe en peau». As mulheres da Libia usam como enfeite da cabeça discos de prata, de várias dimensões, chamados *xelas* pelos Arabes, nos quais discos está inscrito um hexalfa: vid. uma amostra nas figs. 42 e 43; estes discos,

<sup>1</sup> *Études de Numismatique*, I, 128.

<sup>2</sup> *Monumens arabes du Duc de Blacas*, II, 49-55.

<sup>3</sup> Cf. *O Arch. Port.*, X, 171, onde publiquei outros exemplares.

<sup>4</sup> Vid. vol. II, p. 52 sgs. e 240, e est. I e II.

<sup>5</sup> Seligmann, *Der böse Blick*, II, 254.

<sup>6</sup> E. Doutté, *Magie & Religion dans l'Afrique du Nord*, Argel 1908, p. 190<sup>2</sup>, pp. 154-156. (Deste livro deu notícia o S.<sup>or</sup> Pedro de Azevedo na *Rev. Lusit.*, XIV, 309 sgs.).

no todo ou em parte, livram de mau olhado<sup>1</sup>. Elworthy fala de uma especie de tambor, de caracter magico, usado em Tunis, no qual se vê pintado um hexalfa sobre os dois primeiros dedos de uma mão aberta, e ao lado do crescente; fig. 44<sup>2</sup>. Desenho analogo temos na fig. 45, da Argelia<sup>3</sup>. Na fig. 46 vê-se uma tatuagem usada modernamente em Tunis<sup>4</sup>. Quando estive no Egito, em 1909, observei que o pentalfa era lá muito querido dos Arabes, e até comprei para o Museu Etnologico dois amuletos ou chapas de prata em que ele se representa, cada um com sua inscrição religiosa: fig. 47 (na parte inferior da chapa ha cinco discos pendurados, a modo de medalhas, mas lisos); e fig. 48<sup>5</sup>. O pentalfa chama-se *khâtam Salâiman* «anel de Salomão»: vê-se, por exemplo, figurado no tecido do fato. Indo eu a uma escola de instrução primaria em Luxor, tracei-o na pedra, e logo os rapazes disseram alto, e em côro, o nome<sup>6</sup>. O S.<sup>r</sup> Aly Bey Bahgat informou-me de que no campo os feiticeiros traçam com versiculos do Alcorão em objectos de uso (por exemplo: pratos, cacos) o pentalfa, e dão isso aos doentes, dizendo a cada um: «amanhã de manhã faze dissolver esta escritura, bebe-a em jejum, tres (ou sete) vezes, e curar-te-has de tal ou tal doença». A mesma narrativa ouvi a outras pessoas<sup>7</sup>. Sem ser propriamente como agente magico, mas como sinal, um professor de primeiras letras costumava desenhá-lo com lapiz nas pernas dos discípulos, proibindo-os ao mesmo tempo de que entrassem na agua de um rio: se entrassem, a agua apagava-o, e ele ficava sabendo se os rapazes cumpriam ou não a ordem. Num prospecto que tenho presente do *Third Report* dos «Wellcome Research Laboratories» (Gordon Memorial College) de

<sup>1</sup> Bellucci, *Parallèles ethnographiques*, Perugia 1915, pp. 47, 48 e 50. Na fig. 42 ha um simulacro da mão de Fátima ou Fátima: cf. Bellucci, p. 47.

<sup>2</sup> *The evil eye*, Londres 1895, pp. 249-250.

<sup>3</sup> Seligmann, *Der böse Blick*, II, 19, e vid. p. 140.

<sup>4</sup> Da revista londrina, intitulada *Man*, Setembro de 1905.

<sup>5</sup> Acérea de palavras magicas vid. o quê adiante, p. 214 e nota 7, se diz das *letras efesias*. Cf. tambem: *Rev. Lusitana*, II, 261; e *The evil eye*, Londres 1895, p. 389 sgs., onde seu autor, Elworthy, consagra um capítulo a «cabalistic writing, magical formulae».

<sup>6</sup> Como observarei adiante, ha por vezes confusão entre pentalfa e hexalfa. Assim o S.<sup>r</sup> Doutté, na obra ha pouco citada, diz a p. 156 que a forma hexagonal se chama entre Judeus e Mulçumanos *khatêm Souleyman* «selo de Salomão»; eu ouvi no Egito, como noto acima, dar o mesmo nome ou nome quasi igual (*khâtam Salâiman*) ao pentalfa: e isto sem dúvida nenhuma.

<sup>7</sup> Acérea da erença no poder de Salomão, no Alcorão, sura xxi, v. 79, vid. Reinaud, *Monumens arabes du Duc de Blacas*, II, 162 ss. (Paris 1828).

Kartum, vem, a p. 22, um espécime das ilustrações de um artigo em que se trata de superstições do povo de Kordofan (Sul da Nubia, Mahometanos pretos), e entre essas ilustrações figura um «charm» com dois pentalfas: fig. 49<sup>1</sup>.

Dos Indios tenho pouco que referir. O hexalfa representa a conjunção de dois elementos, Siva ou o fogo, e Vixnu, ou a agoa; o pentalfa simboliza Siva, o destruidor (fogo), e Brahma, o criador, que tem cinco cabeças<sup>2</sup>. O D.<sup>or</sup> Thomas Inman num seu opusculo sobre simbolismo publica o desenho que reproduzo na fig. 50, e que ele diz ser «an ancient Hindoo emblem, called Sri Jantra». Acrescenta: «The circle represents the world, in which the living exist; as male, »the triangle with the point upwards; and as female, the triangle with »the apex downwards; as distinct, yet united. These have a world »within themselves, in which the male is uppermost. In the central »circle the image to be worshipped is placed. When used, the figure »is placed on the ground, with Brahma to the east, and Laksmi to the »west. Then a relic of any saint, or image of Buddha, like a modern »Papal crucifix, is added and the shrine for worship is complete»<sup>3</sup>. Também o mesmo autor desenha na sua fig. 34.<sup>a</sup> um pentalfa a que igualmente chama «a very ancient Hindoo emblem», cuja significação não pôde descobrir. Acrescenta: «it is used in calculation; it forms »the basis of some game, and it is a sign of vast import in sahti »worship»<sup>4</sup>.—O pentalfa figura na Índia em um feitiço «to bring a fractious woman into your power»<sup>5</sup>, e na cura supersticiosa de uma picada de escorpião<sup>6</sup>; trazido no braço (como tatuagem?) livra de

<sup>1</sup> A lenda do anel de Policrates, que nos é conhecida por um passo de Heródoto, aplica-se a Salomão na tradição árabe: o Rei-Sabio perde o anel, que depois se encontra no estomago de um peixe. Tanto o sêlo como o anel figuram em contos populares muçulmanos. Vid. sobre estes assuntos: Jones, *Finger-ring Lore*, Londres 1898, pp. 91 e 503; Basset in *Rev. des Trad. Pop.*, III, 365-368; F. M. Esteves Pereira, *O anel de Policrates*, Coimbra 1915 (separata do Boletim da 2.<sup>a</sup> cl. da Ac. das Sc., vol. ix).

<sup>2</sup> King, *The Gnostics*, Londres 1887, p. 388.

<sup>3</sup> Th. Inman, *Ancient pagan and modern christian symbolism*, Londres-Liverpool 1869, p. 26.

<sup>4</sup> Inman, *ut supra*, p. 27.

<sup>5</sup> Vid. *Panjab Notes & Queries*, vol. II (1884), p. 5: pentalfa com varias letras e numeros, e no centro o nome da mulher de que se trata.

<sup>6</sup> Vid. *Panjab Notes & Queries*, vol. III (1885), p. 205: «Draw this figure (pentalfa) in ink three times, at intervals of five minutes, over the wound, and the pain will disappear».

doenças e de desgostos<sup>1</sup>. O hexalfa temo-lo na porta de Agra(h), ainda que a edificação é trabalho arabico<sup>2</sup>. — Na nossa Biblioteca Nacional ha tres moedinhos de cobre em que se representa o pentalfa, figs. 51, 52 e 53, as quais suponho serem de Travancor. — É possivel que o *signum Salomonis* chegasse ainda mais longe, no Oriente; para o afirmar faltam-me porém noticias suficientes.

Tornando ás fontes helenicas, d'onde na maior parte fizemos derivar este estudo, podemos assentar que com o pentalfa que encontrámos em moedas gregas se deve relacionar o que aparece em moedas da Galia, e em moedas romanas do tempo da Republica. Nas moedas da Galia temos o pentalfa em várias circunstancias, e aí toma

a forma , que consta das figs. 54 e 55<sup>3</sup>. Nas moedas romanas

temo-lo, por exemplo, na *gens Acilia*, na qual figurará como simbolo da saude, pois que esta familia pretendia ter introduzido a medicina em Roma<sup>4</sup>: fig. 56. Acérca de outras familias vid.: Rasche, *Lexic. univ. rei numar.*, VI, s. v. «pentagonon»; Babelon, *Monn. de la Républ.*, I, 25, 48, 409; e Grueber, *Coins of the Roman Republic*, Londres 1910, II, 163, 213.

Pela data (La Tène I, ou 2.<sup>º</sup> do periodo da idade do ferro) poderei mencionar aqui dois fragmentos de vasos de barro da estação præ-romana de Santa Olaia (Portugal), explorada com muito metodo pelo falecido D.<sup>or</sup> Santos Rocha, em cada um dos quais, depois da cozedura se gravou um pentalfa (*graffito*): vid. figs. 57 e 58, feitas sobre desenhos que o meu antigo aluno da Faculdade de Letras D.<sup>or</sup> Manuel Domingues Heleno Junior de proposito tomou, a meu pedido, no Museu da Figueira, onde os dois citados fragmentos estão sob os n.<sup>os</sup> 6820 e 8234. Santos Rocha especifica já o pentalfa ou pentagrama na memoria que consagrhou às antiguidades de Santa

<sup>1</sup> Tuchmann, «La fascination», in *Mélusine*, IX, 127.

<sup>2</sup> King, *ut supra*, p. 388.

<sup>3</sup> Vid. A. Blanchet, *Monnaies Gauloises*, Paris 1905, figs. 265 e 378. Cf.: *Mélanges de Numismatique*, I, 171, e 391; e H. Gaidoz, *Le dieu du soleil*, Paris 1886, pp. 69-71. — Entre os meus apontamentos acho um em que se figura uma chapa com um hexalfa, e que tem ao lado a seguinte indicação: Bulliot, *Sur l'émaillerie gauloise* (Bibracte: fouilles), p. 4. Este apontamento foi tomado há muito, e não me lembro do que é que particularmente significa.

<sup>4</sup> *Revue Numismatique*, 1857, p. 189 (Cavedoni); Babelon, *Monn. de la Républ. rom.*, I, 101, e cf. p. 347.

Olaia<sup>1</sup>. O Sr. Heleno desenhou mais um fragmento ceramico, nº 8109, que represento na fig. 59, onde parece se ver parte de um hexalfa; deve corresponder a um dos muitos sinais que Rocha insere nas est. XXVI e XXVII da sua memoria. Se Rocha não dissesse que «absolutamente nada com feição romana»<sup>2</sup> se encontrará no local de que provêm os fragmentos ceramicos em que se vê o pentalfa e o hexalfa (se o é), haveria grande tentação de estabelecer, não direi confronto, mas parentesco entre os *graffiti* dos barros de Santa Olaia e os dos fragmentos ceramicos de Numancia e Fiesole, de que adiante falarei<sup>3</sup>.

Fóra das moedas acima citadas, a época romana ministra-nos outros factos, e muito importantes, embora de origem diferente das moedas, e menos antigos, pois os julgo provenientes de origem judaica, e judaico-cristã.

Citarei primeiro tres textos. No Pseudo-Plínio (sec. IV), III, 15, prescreve-se que contra as febres quartas se tracem num papel (que ainda não servisse) a palavras *recede ab illo Gaio Seio, Solomon te sequitur*, e que o doente o traga atado no braço direito<sup>4</sup>; Salomão no presente ensalmo figura pela força ou poder misterioso do seu nome, como outras entidades bíblicas, Abraão, Isaac, Jacob, em ensalmos semelhantes<sup>5</sup>. Descrevendo-se actos religiosos passados na Terra Santa, diz-se na *Peregrinatio* (sec. IV): *stat diaconus, tenet anulum Salomonis*<sup>6</sup>. Num famoso prego magico, de bronze, em que ha letras efesias<sup>7</sup>, lê-se uma invocação a *Artemis* ou «Diana», a qual

<sup>1</sup> Vid. «Estações pre-romanas da idade do ferro», in *Portugalia*, II, 343. Ele também publica desenhos dos dois fragmentos na est. XXVII, n.º 192-193.

<sup>2</sup> *Loc. cit.*, p. 316; cf. p. 317.

<sup>3</sup> A cerâmica de Santa Olaia, a que os desenhos pertencem, é de tipo ibérico. Segundo as últimas investigações dos arqueólogos, a Grécia pode ter exercido, por importação, muita influência na origem da cerâmica ibérica dos sécs. VI-V a. C. em diante (vid. Bosch Gimpera, *El Problema de la cerámica ibérica*, Madrid 1915, p. 63); não é porém de tão longe que virão os nossos *graffiti*.

<sup>4</sup> Vid. Heim, *Incantamenta magica*, § 56 e 169. As palavras *Gaius Seius* parece que querem dizer «Fulano»: vid. eundem, § 56, n. 1.

<sup>5</sup> Cf. Heim, *ut supra*, p. 522.

<sup>6</sup> Silviae vel potius Aetheriae *Peregrinatio ad loca sancta*, ed. de W. Heraeus, Heidelberg 1908, p. 42.

<sup>7</sup> Chamam-se *letras efesias*, em grego Ἐφέσια γράμματα, em latim *Ephesiae litterae*, certas palavras mágicas e ininteligíveis, de origem antiquíssima, que os Gregos, Egípcios e Romanos usavam escritas em amuletos, etc., contra diversos males. Ha uma coleção publicada por Wessely em 1886 num programa do Gimnásio Vienense de Francisco José, à qual Heim acrescenta outras, nos *Incantamenta*, p. 525 sgs. Vid. também o *Dictionnaire des antiquités* de Daremberg & Saglio s. vv. «amuletum» (p. 255) e «Ephesia» (p. 639). E cf. supra, p. 211.

acaba assim: *ter dico, ter incanto in signu Dei et SIGNV SALOMONIS et signu Domna Artemix*<sup>1</sup>. No primeiro d'estes tres textos aparece apenas o nome de Salomão; no *anulus* do segundo, se nele havia uma figura, tanto pôde subentender-se que ela era o pentalfa como o hexalfa; no terceiro porém é possivel que o *signum* seja o pentalfa, como Minervini suspeita<sup>2</sup>.

Salomão, sabio como era<sup>3</sup>, e fabricador de ensalmos, como conta Josefo<sup>4</sup>, passou, entre Judeus e Cristãos, por feiticeiro e autor de varios livros em que havia preceitos magicos, a cujo complexo os cabalistas chamaram *Clavicula Salomonis*: d'ela se conhecem muitos manuscritos, alguns d'eles já publicados<sup>5</sup>. Num manuscrito de uma

<sup>1</sup> Este prego foi estudado e publicado várias vezes. Tenho aqui presentes: um eruditissimo e raro opusculo de Minervini, *Novelle dilucidazioni sopra un antico chiodo magico*, Nápoles 1846; *Delectus inscriptionum Romanarum* de C. Zell, Heidelberg 1850, p. 61, n.º 420; *Anleitung der römisch. Inschrift.*, p. 164; a conhecida dissertação de Iahn, *Der böse Blick bei den Alten* (1855); *Exempla inscript. Latinar.* de Wilmanns, t. II (Berlim 1873), n.º 2751; *Incantamenta magica* de Heim, § 236. Na minha transcrição sigo a lição de Heim. Na lição de Minervini ha de antes de *Domna*. — Quanto á data do prego, não estão de acordo os arqueólogos: será ele do sec. V ou IV da era cristã (Minervini, p. 4).

<sup>2</sup> *Novelle dilucidazioni*, já cit., p. 23.

<sup>3</sup> A este proposito diz uma graciosa cantiga mexicana:

Salomón, con ser tan sabio,  
lo engañaron las mujeres...

vid. A. M. Espinosa in *Journal of American Folklore*, xxvi, 112, n.º 609.

<sup>4</sup> *Antiguidades judaicas* (já cit.), liv. VIII, ep. II, § 5. Ha quem suponha interpolado este texto, mas a *Enciclopedia Judaica*, XI, 446, dá-o como genuino, e cita outros documentos históricos.

<sup>5</sup> Vid.: *The Jewish Encyclop.*, XI, 446., Roux de Lincy, *Le livre des proverbes*, t. I, p. VIII e n. 1, e p. IX-XI; Minervini, *Novelle dilucidaz.*, já citadas acima, pp. 21-22; E. Lévi, *Hist. de la Magie*, Paris 1892, p. 109; Maury, *La Magie et l'Astrolog.*, 4.ª ed., p. 224. Na Biblioteca de Oxford ha um manuscrito da *Clavicula*, doado a ela no sec. XVII: vid. Aubrey, *Remains of gentil.*, já cit., p. 51. Um manuscrito do Museu Britânico foi publicado em Londres em 1889 por Mac Gregor Mathers com o título de *The Key of Solomon*: vid. *Mod. Language Notes*, XXII, 243. O lexicólogo Bluteau diz que viu «em Paris hum livro manuscrito, cheyo de sinos circulares, pentagonos, hexagonos, rhombos, e rhomboides, falso-samente attribuido a Salomão; o titulo do dito livro dizia: *Clavicula de Salomão*» (vid. *Vocabul. port. e lat.*, s. v. «sino-çamão»). A Clavicula também foi conhecida em Portugal: fala-se nela no processo inquisitorial do P.º António de Gouveia, alquimista do sec. XVI: *Clavycola de Salomão* (e *Arte de Salomão*); vid. P. de Azevedo in *Archivo Hist. Port.*, III, 195. (Creio ter outra nota portuguesa, porém não a encontro agora).

*Clavicula Salomonis*, ou *Solomoniké*, existente em Atenas, diz-se que o selo de Salomão é um pentagrama com inscrições mágicas<sup>1</sup>; o mesmo selo é também designado na *Solomoniké* com o nome de «anel da arte ( $\delta\chi\kappa\tau\lambda\omega\varsigma\ \tau\eta\varsigma\ \tau\epsilon\gamma\eta\varsigma$ ), que o mágico usaria nas suas encantações, e noutras práticas importantes, anel cuja pala devia ter o pentagrama com doze nomes escritos dentro ou em volta<sup>2</sup>. Entre as obras atribuídas falsamente a Salomão ha uma com o título de *Liber pentaculorum*, de que fala Trithemio (de Tréveris, secs. xv-xvi)<sup>3</sup>. Rossi cita uma lamina de bronze, furada, em que se proclama a eficácia do *sigillum Salomonis* (sic), de mistura com o nome de Cristo<sup>4</sup>. Esta lamina é de algum modo comparável às medalhas bizantinas, aparecidas em tumulos, nas quais se figura Salomão a cavalo, o Anjo Arlaf, os Reis Magos, astros, legendas gregas, S. Miguel, S. Gabriel, etc., medalhas a que se dava o nome de *selo de Salomão*, isto é,  $\sigma\pi\varphi\alpha\gamma\varsigma\ \Sigma\delta\lambda\mu\omega\nu\varsigma$ , e que se relacionam com ideias gnósticas<sup>5</sup>. O gnósticismo, que formava uma das seitas religiosas

<sup>1</sup> Codex da Biblioteca Nacional de Atenas, n.º 1265, do sec. xv ou xvi, fl. 33.<sup>a</sup>; codex do Archivo da Soc. Hist. e Etnologica de Atenas, do sec. xviii, fl. 32.<sup>a</sup>— Esta notícia e a que se lhe segue devo-as ao S.º Polítes, a quem já me referi supra.

<sup>2</sup> Cod. n.º 1265, fl. 16.<sup>a</sup>; da Soc. Hist., fl. 12.<sup>a</sup> Eis outros preceitos tirados da *Solomoniké*: Para a preparação dos amuletos, o mágico que convoca os espíritos terá consigo um amuleto em que haja um pentagrama inserido num círculo e traçado em um pergaminho feito da pele de um veado ainda não nascido (ms. da Soc. Hist., f.º 17 b). Para o descobrimento de um tesouro, o mágico deve ter um círio em que esteja traçado um pentagrama; a criança que o acompanha deve ter outro pentagrama, a modo de amuleto (ms. da Bibl. Nac. de Atenas, f. 26.<sup>a</sup>).

<sup>3</sup> Apud Minervini, *Novel. diluc.*, já cit., pp. 23-24.— Com quanto antiquada, convém aqui lembrar a seguinte obra, que trata dos livros de Salomão: *De rebus Salomonis regis*, por Juan de Pineda, Sevilhano e Jesuita, Lião de França 1609, p. 156 sgs., isto é, liv. iii, cap. 29 (consultei o exemplar da Academia das Ciencias de Lisboa). As *incantations*, *clavicula* e *anulus* ha referencias no § 7. O A. fala, já se vê, como católico, e suspeita da autenticidade do que diz Josefo. Mas para o meu intuito o que me importa são as superstições, e a extensão destas, e não se o texto de Josefo é puro ou impuro. Cf. supra, p. 215, nota 4.

<sup>4</sup> In *Bullettino di Arch. cristiana*, vii (1869), 59-64.

<sup>5</sup> Acérca de medalhas bizantinas com ideias gnósticas vid.: Schlumberger, in *Mélanges d'archéolog. byzant.*, 1895, 1.<sup>a</sup> serie, 117 sgs.; Sorlin-Dorgny, in *Rev. des études grecq.*, iv, 1891, p. 287; Babelon, in *Bullet. de la Soc. des Antiq. de France*, 1897, p. 190; *Bullet. de corresp. hellén.*, xvii, 1893, p. 638. (Consultei algumas destas obras em Atenas em 1905, no Museu Numismático). Vid. também: Babelon, *Traité des mon. gr. et rom.*, i, 689, onde menciona as referidas obras, e cita por exemplo medalhas com legendas como: ΣΦΡΑΓΙΣ ΣΩΛΟΜΟΥΝΟΣ ΒΟΗΘΙ ΙΩΑΝΝΟΥ «selo de Salomão, socorre João»; e Heim, *Incantamenta magica Graeca Latina*,

que existiam nos primeiros tempos da era actual<sup>1</sup>, parece ter penetrado no cristianismo, do sec. I para o II<sup>2</sup>; compunha-se de um mixto de crenças de multipla origem (pagã, etc.), e infiltrou-se em Bizancio. Supõe-se que os gnosticos escolheram como um dos seus simbolos o pentalfa, pois Montfaucon traz varios abraxas<sup>3</sup> com o pentalfa, os quais lhes atribue<sup>4</sup>. Alguns d'estes abraxas tinham já sido publicados por Abraham Gorle ou Gorlée<sup>5</sup> na *Dactyliotheca* «seu annulorum sigillarium apud priscos tam Graecos quam Romanos usus...» (1601)<sup>6</sup>, e d'ele reproduzo nas figs. 60 a 62 tres desenhos

Leipzig 1892, §§ 61 e 62, que remete para Schlumberger, in *Rev. des études grecq.*, v (1892), 73 sgs., artigo intitulado: «Amulettes Byzantins anciens destinés à combattre les maléfices et maladies». — Nos citados *Mélanges*, I, 1895, Schlumberger não indica a data das medalhas, mas o sabio Director do Museu Numismatico de Atenas, o S.<sup>r</sup> Svorónos, disse-me em conversação que talvez sejam do sec. VI da era atual.

<sup>1</sup> A palavra deriva de γνῶτις «sabedores», — de γνῶση «acção de conhecer», «sciencias», no nosso caso «conhecimento de Deus».

<sup>2</sup> Vid. *Encyclopédie* de Pauly, s. v. «Gnosis (Gnostici)».

<sup>3</sup> A palavra «abraxas» tem sido variamente explicada. Uns vêem nela ἀξερχές, ou ἀξεράξ, cujas letras perfazem o numero «365», que representava 365 manifestações da divindade. Depois a palavra passou a significar não só uma pedra ou amuleto que a tivesse gravada, mas qualquer outra pedra que contivesse simbolos gnosticos. Vid. *Dict. génér.*, s.v. «abraxas». Outros supõem que a palavra será desfiguração de uma bênção hebraica (o que parece mais provavel): vid. Hubert, in *Dict. des Antiq.*, s. v. «magia», p. 1505. Cf. o mesmo, no cit. *Dict. des Antiq.*, s.vv. «abraxas» e «gemma». — No 4.<sup>o</sup> compartimento egipcio do Museu Britanico ha muitas pedras gnosticas (*gnostic gems*), com sentenças magicas, figuras de deuses, de demonios, de animais, etc.: cf. *A guide to the exhibition galleries*, Londres 1912, p. 48. Entre essas pedras preciosas vê tambem um «pantheistic god Abraxas», com cabeça de galo, pernas terminadas em serpentes, etc. — Acérca de documentos gnosticos na Hespanha (inscrições, etc.), vid. M. Macias, *Epigrafia romana de Astorga*, Orense 1903, pp. 41-44, 113-116 e 141 sgs.

<sup>4</sup> *L'antiquité expliquée*, t. II (= vol. 4.<sup>o</sup>), est. 169, em frente da p. 374, e est. 160. Cf. tambem: Reinaud, *Monumens arabes du Duc de Blacas*, já cit., II, 241 e nota 4; Loiseleur, *La doctrine secrète des Templiers*, 1872, pp. 130; e King, *The Gnostics*, p. 423.

<sup>5</sup> O nome está em latim: *Abrahamus Gorlaeus*. Este A. é de Amsterdão.

<sup>6</sup> Devo o conhecimento d'esta obra ao S.<sup>r</sup> Polites. Sirvo-me de um exemplar da ed. de 1695 (Leiden), 2 tomos, com explicações de Gronovio, que existe na biblioteca da nossa Academia, onde tambem encontrei uma edição francesa, mais breve, com o titulo de *Cabinet des pierres antiques gravées .. tirées du Cabinet de Gorlée et autres célèbres cabinets de l'Europe*, Paris 1778, igualmente de dois tomos. Da edição latina conheço outro exemplar, Leiden 1707, que consultei em Roma.

de pedras ou gemas que têm o pentalfa<sup>1</sup>: n.º 192, pt. I, anel em cuja pala se vê o pentágono inscrito na roseta formada por uma serpente que morde a cauda<sup>2</sup>; n.º 429, pt. II, *ectypum* (gema, que tem gravados vários símbolos, como estrelas, etc., e entre eles o pentalfa duas vezes); n.º 459, também da pt. II, *heliotropium* outra gema ou pedra preciosa, em que se vê gravado um pentalfa acompanhado de letras desconhecidas. Do último desenho diz o anotador Gronovio, sob o n.º 192 da pt. I., que o extraiu «ex Chifletii<sup>3</sup> *Abra-*  
*xicis*, tabul. XXV», e acrescenta que as letras, segundo alguns erudi-  
tos, significam *γειαν*<sup>4</sup>.

Eis outros testemunhos arqueológicos, quer do hexalfa, quer do pentalfa, na época romana (e cristã). Duruy reproduz na sua *Histoire des Romains*, 1879–1889, um mosaico de Constantina, em que se representa aquele, como ornato, com Neptuno e Afrodite<sup>5</sup>, e no *Dictionnaire des antiquités* de Rich dá-se o desenho de uma tabula marmorea de jogo, da era cristã, achada em Roma em escavações, na qual aparece o mesmo sinal sotoposto a uma cruz: vid. fig. 63<sup>6</sup>. Numa *tegula* de Praeneste, hoje em Roma, vê-se a fig. 64: isto é, um pentalfa inscrito num círculo, havendo letras nos ângulos externos, as quais significarão *M(arci) Sici(ni)*<sup>7</sup>. Numa *tegula* de Valmonte, também na Itália, vê-se a fig. 65<sup>8</sup>. Em 1912 examinei no Museu de Fiesole um fragmento de vaso romano, de barro preto, achado naquela cidade, o qual tinha um *graffito* que representava um pentalfa: copi-o com a maior exactidão que pude, no tamanho e na forma, fig. 66: Nas escavações arqueológicas de Numância (Espanha) apareceram analogamente fragmentos cerâmicos (arretinos) da época romana com o pentalfa inciso neles, fig. 67<sup>9</sup>. De uma sepultura dos primeiros tempos do Cristia-

<sup>1</sup> No texto diz-se, por equívoco, *hexagonum* em vez de *pentagonum*.

<sup>2</sup> Uma serpente que morde a cauda é bem conhecido símbolo do curso da eternidade (curso do sol e do tempo). Cf. Cumont, in *Rev. Arch.*, 1902, I, 3 e 5; eundem, *Mithras*, II, 208, e fig. 36, e I, 80; Toutain, *Les cultes païens*, II, 127; Elworthy, *The evil eye*, p. 311 (símbolo de perpetua união).

<sup>3</sup> Isto é, «de Chiflet».

<sup>4</sup> Cf. o que escrevi supra, p. 205.

<sup>5</sup> Vol. III (ed. de Paris), entre pp. 358 e 359.

<sup>6</sup> *Ob. cit.*, s. v. «abacus».

<sup>7</sup> *Corpus Inscr. Lat.*, XIV, 4091-72

<sup>8</sup> *Corpus Inscr. Lat.*, XIV, 4091-80. Remete-se ao leitor para as *Notizie degli scavi*, 1883, p. 88.

<sup>9</sup> Mélida, *Excavaciones de Numancia*, Madrid 1898, p. 68.

nismo copio a fig. 68, publicada pelo P.<sup>o</sup> Systo<sup>1</sup>. Tambem Fabretti menciona a existencia do pentalfa em uma inscrição cristã, datada de 457<sup>2</sup>. Nas Catacumbas, *ad clivum Cucumeris*, consta-me que ha um *graffito* que representa o pentalfa, porém não posso dar mais informações. O nosso proprio país oferece dois exemplos antigos do pentalfa: um tijolo de Alcobaça e uma tegula de Vilar-Séco, ambos da epoca romana ou visigotica, têm gravado, cada um, seu pentalfa<sup>3</sup>; o tijolo de Alcobaça vai copiado na fig. 69, extraida do vol. I d-*O Arch. Port.*, citado em nota. Numa lapide trilingue, isto é, com inscrições em hebreu, latim e grego, a qual apareceu em Tortosa, e deve datar do sec. VI, representa-se, no começo da 1.<sup>a</sup> linha hebraica (á esquerda), um pentalfa, e no fim da 1.<sup>a</sup> linha latina, debaixo da inscrição hebraica, outro pentalfa, a par com um candelabro: fig. 70. Este monumento foi estudado em 1860 por Le Blant & Renan, que dizem: «L'étoile à cinq pointes, qui rappelle le *pentalpha* de Pythagoras, est sans doute purement ornementale. Le chandelier à sept branches est souvent gravé, on le sait, sur les építaphes hébraïques des premiers siècles de notre ère»<sup>4</sup>. Vid. tambem Hübner, *Inscr. Hisp. Christ.*, n.<sup>o</sup> 186, que diz: «*pentalpha* ornamenti tantum locum obtinere putat; candelabrum contra solemne est in titulis Iudeorum». E quanto á data: «Saeculi visa est tam Le Blant quam mihi sexti fere exeuntis, ut sit vetustior quam persecutiones contra Iudeos a Recaredo (a. 586) coep tas et deinde per saeculum septimum repetitas». — É curioso que, ao passo que Le Blant & Renan, por um lado, e Hübner, pelo outro, assinalam a importancia do candelabro, não atribuam nenhuma ao pentalfa! Pois eu creio que a presença d'este simbolo num tumulo judaico de Hespanha tem muitissima importancia para a nossa Etnografia, como adiante veremos.

Não em sepulturas, nem em ceramica, mas como tema simplesmente escultural, cita o Prof. E. A. Stückelberg exemplos do pentalfa em Spálatro, na Dalmacia, e em Como na Italia: um dos pentalfas (Como e Spálatro) é simples, o outro (Spálatro) vai copiado na fig. 71<sup>5</sup>.

Com os ultimos documentos estamos já na idade-media, da qual

<sup>1</sup> *Notiones Archaeologiae Christianae*, II, II, 10.

<sup>2</sup> Tom. x, p. 486: apud *Revue Archéolog.*, 1860, II, 345-350.

<sup>3</sup> Vid. *O Arch. Port.*, I, 104 (artigo de V. Natividade), e III, 86 (artigo do Drº Santos Roche). Os dois autores dos artigos atribuem as peças á epoca romana. Todavia não seria impossivel que pertencessem antes á visigotica.

<sup>4</sup> In *Revue Arch.*, II, 345-350.

<sup>5</sup> Vid. *Longobardische Plastik*, 2.<sup>a</sup> ed., Kempten-Munich, 1909, pp. 18 e 55.

é preciso dizer mais algumas palavras. Iremos seguindo os tempos até à actualidade. Para não fugir totalmente da ordem cronologica, terei de falar de certos países mais de uma vez. Deixo Portugal para o fim, pelas razões que depois darei.

Além do que fica exposto, a importancia do pentalfa medieval deduz-se de muitos outros factos. Num codice da Biblioteca de S. Galo (Suiça), do sec. IX, contem-se um ensalmo *ad morbum omnium pecurum* (sic), com várias palavras mágicas traçadas entre uma estrela e um pentalfa, e entremeadas de cruzes, assim: \* *chavit rauto*  
 † *ad qui bany* † *de p̄ corte ut maxime retor*. <sup>1</sup>. Num codice, sec. XIII, das *Cantigas* galegas de Afonso X, «o Sabio», ha uma bela iluminura que acompanha a cantiga n.<sup>o</sup> CXXV, e aí se vê duas vezes o pentalfa como manifestação de crença supersticiosa hespanhola, porque se trata de um clérigo nigromante<sup>2</sup>. Crença semelhante se nos revela em uma pedra (*gem*) mágica, talvez pertencente á idade-média, ou que pelo menos é anterior ao sec. XVII, citada por King<sup>3</sup>. A operações mágicas medievais poderá associar-se aqui um passo de um conto de Lytton, que foi traduzido por Gonçalves Viana: diz-se no conto que em uma folha de pergaminho «estavam inscritas em duplo *sino-saimdo* umas palavras em latim»<sup>4</sup>.

Emparelhados com verdadeiras superstições, como as que ficam mencionadas, ha casos em que nem sempre poderá decidir-se com certeza se o pentalfa e o hexalfa figuram com intuito sobrenatural ou só incidentalmente, pela grande aceitação que tinham ou tiveram nos espíritos, ainda que isto mostra *ipso facto* o valor dos mesmos. Assim, aparece o pentalfa ou o hexalfa em assinaturas de reis de Navarra dos secs. X e XI, figs. 72 e 73<sup>5</sup>, como sinal de notários dos secs. XII e XIII, figs. 73 bis e 74<sup>6</sup>, e em moedas de muitas partes da Europa: França, Dinamarca, Goslar, Braunschweig (ou Brunswick), Pomerania, do secs. XI a XIII. Ás moedas dinamarquesas e alemãs refere-se Frie-

<sup>1</sup> Heím, *Incantamenta* (já cit.), pp. 563-564.

<sup>2</sup> Vid. *Cantigas de Santa Maria*, ed. da Academia Hespanhola, t. I (1889) p. 187, estampa; e cf. p. 76.

<sup>3</sup> *The Gnostics*, Londres 1887, estampa H, n.<sup>o</sup> 5, e p. 442.

<sup>4</sup> Vid. o meu artigo intitulado «Gonçalves Viana» no *Boletim* da 2.<sup>a</sup> cl. da Academia das Ciencias, x, 619, n. 3.

<sup>5</sup> *Colección de firmas* de Muñoz y Rivero, Madrid 1887, cuaderno 1.<sup>o</sup>

<sup>6</sup> Vid. Guigue, *De l'origine de la signature et de son emploi au moyen âge*, Paris 1863, est. 18.<sup>a</sup>, n.<sup>o</sup> 6, e est. 19.<sup>a</sup>, n.<sup>o</sup> 1 (Devo o conhecimento e comunicação d'esta obra ao S.<sup>r</sup> Pedro de Azevedo).

densburg num artigo<sup>1</sup>. Quanto ás francesas, especificarei as de alguns senhores de Déols, dos secos. XI e XII, nas quais o pentalfa alterna com o hexalfa<sup>2</sup>: vid. fig. 76, extraida da obra D'Avant, que cito em nota<sup>3</sup>, e fig. 76, cópia de um exemplar do Museu Etnológico, que comprei em Paris<sup>4</sup>. Em ambas estas moedas vemos a cruz associada aos dois simbolos. Magia & arte, ou religião & fantasia, dão assim as mãos uma á outra! No Museu Arqueológico de Madrid, sala IV, n.º 1012, examinei uma chapa metálica, de cinturão, de que ofereço ao leitor um esboço na fig. 77 (altura uns 0<sup>m</sup>,045; largura uns 0<sup>m</sup>,03), que parece visigótica, embora esteja junta com cousas árabicas: no centro d'ela vê-se um hexalfa, com pontos ou circulozinhos inclusos. O S.<sup>r</sup> D. Antonio Vives deu-me conhecimento de outra chapa semelhante, de prata, em mau estado: vid. um esboço na fig. 78; porém esta foi achada com uma moeda do sec. XII (em Malhorca).

Temos o pentalfa ou o hexalfa com carácter industrial, também na idade-média, quando insculpidos em cantarias que fazem parte de paredes de mosteiros, catedrais, igrejas várias, na Inglaterra<sup>5</sup>, na Escócia<sup>6</sup>, na Espanha<sup>7</sup>, etc.<sup>8</sup>; e temos o hexalfa, por exemplo, como

<sup>1</sup> «Die Symbolik der Mittelaltermünzen», trad. ingl. no *Numismatik Circular*, Set.-Out. de 1914, col. 573. Todavia Friedensburg confunde o pentagrama com o *fylfot*. Esta ultima palavra é sinónima de suástica ou cruz gamada: vid.: Goblet d'Alviella, *La migration des symboles*, Paris 1891, pp. 49-50; e Elworthy, *The evil eye*, Londres 1895, p. 289.

<sup>2</sup> D'Avant, *Monn. féodal. de France*, t. I, Paris 1853, est. LX, n.º 20-21, est. XLI, n.º 2-19, e est. XLII, n.º 19.

<sup>3</sup> Vid. o n.º 8 da est. XLI. O anverso diz: RADVLFVS + DOM. O reverso: DVX MILICE.

<sup>4</sup> O anverso diz: *Radulfus*. O reverso: *Dedolis*.—Este *Radulfus* é um dos senhores de nome «Raoul». Cf. D'Avant, *ob. cit.*, est. XLI, n.º 9 (texto p. 273, n.º 1946).

<sup>5</sup> Abadias de Furness («early english» período) e Malmsbury: vid. Godwin, «Marks discoverable on the stones of various buildings erected in the middle ages» in *Archaeologia* (revista), vol. XXX, p. 114, est. VII.

<sup>6</sup> Vid.: Daniel Wilson, *Prehistoric Annals of Scotland*, 1863, p. 446, onde com o pentalfa se desenham outros *mason-marks*; e P. Chalmers, «On the use of mason-marks in Scotland», in *Archaeologia*, vol. XXXIV, p. 33 sgs., est. III e IV.

<sup>7</sup> Lampérez y Romea, *Hist. de la arquitect. crist. españ. en la ed. med.*, t. I, Madrid 1908, est. I, taboa em que reproduz vários sinais. Romea ora dá o pentalfa como sinal mágico, ora com o valor de «cinco» (por causa das cinco pontas); ao hexalfa chama também signo numérico, e «macrocosmos, ó sello de Salomón» (vid. a cit. estampa, e também pp. 48-49).

<sup>8</sup> O autor dos *Remains of Gentilisme*, já citado, diz a p. 426 que há um penta-

marca de canteiro, na igreja de Santa Radegundes, em Poitiers<sup>1</sup>. Não já propriamente da idade-media, mas de 1494, é o pentalfa que figura na marca d'ágoa do papel de um livro impresso em Çaragoça, e ora existente no Museu Etnologico: fig. 79<sup>2</sup>. Igual caracter industrial apresenta o hexalfa no sec. XVI em uma carta de jogar, talvez de Catalunha ou Aragão, fig. 80<sup>3</sup>, e em um azulejo de Cuenca, fig. 81<sup>4</sup>. Um pintor leonês (França), do sec. XV, chamado Bernardo Salomon, faz figurar o pentalfa depois do seu nome, como «simbolo falante»<sup>5</sup>.

Tanto nas assinaturas e moedas como nas cantarias e noutras marcas o pentalfa ou o hexalfa têm feição distintiva e individual. A mesma encontramos para o pentalfa em um incunáculo de 1483 (Veneza), onde significava posse<sup>6</sup>, e em emblemas de cavaleiros hes-

grama na abadia de Westminster, onde lhe atribue poder magico; mas será também simples marca de canteiro? O S.<sup>r</sup> D.<sup>r</sup> Polites informa-me que o mesmo sinal «forme aussi quelquefois l'ornement central du dallage de certaines églises [da Grecia], comme dans la cathédrale d'Athènes, dans l'église de Megalo Spileón, etc.». Faço a mesma interrogação.— As marcas ou siglas dos edifícios medievais crê-se que foram gravadas nas pedras pelos canteiros para se saber que trabalho cada um executava. Algumas d'elas são tradicionais, e ascendem já à antiguidade. Vid. sobre isto King, *The Gnostics* (já cit.), p. 385 sgs; colleção de marcas: *ibid.*, p. 386. A uniformidade de tais siglas explica-se por serem na idade-media feitas as obras de certa importância por obreiros que estavam organizados de modo especial, e comunicavam de uns países com outros. A respeito da França, Inglaterra e Alemanha, a Historia conhece os obreiros pelo nome de *franco-mações*; na Hespanha parece que não houve propriamente franco-mações, e houve apenas certas corporações gremiarias, que duraram até o sec. XVI: vid. Lampérez y Romea, *ut supra*, I, 41-44. O documento mais antigo e mais genuino acerca dos mações ou construtores da Inglaterra (e refiro-me a este país, por tambem citar exemplos d'ele no texto) é do sec. XIII. O «mediaeval guild of masons» não era sociedade secreta, era analogo a outras corporações, de carpinteiros, alfaiates. Vid. King, *ut supra*, p. 385.

<sup>1</sup> Vid. Godwin in *Archaeologia*, t. III, est. IX («Marks discoverable on the stones of various buildings erected in the middle ages»).

<sup>2</sup> Intitula-se: *Cópendio de la Salud humana*. Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 270, onde por engano se imprimiu «1914» em vez de «1494».

<sup>3</sup> Vid. Janér, «Naipes y cartas de jugar», in *Museo Espan. de Antigüed.*, III, 59.

<sup>4</sup> Vid. E. A. Barber, *Spanish Majolica in the collect. of the Hispanic Soc. of Amer.*, New-York 1915, est. 37.

<sup>5</sup> A. Blanchet, *Études de Numismat.*, I, 182, n. 2.— Acima, p. 208, indiquei factos paralelos a este.

<sup>6</sup> Perdi a nota respectiva, e não posso indicar o titulo do livro, nem onde o vi. O dono era estrangeiro.

panhois que entraram em torneios cantados no *Cancionero General* de 1557 (Anvers — Antuerpia)<sup>1</sup>.

Aos fins da idade-média, ou começos do sec. XVI, pertence uma oração grega (de Creta) que se recitava para se obter boa pesca, e na qual oração se figura um peixe com um hexagrama, que encerra outro inclusivo, estando por baixo de tudo um pentagrama: fig. 82<sup>2</sup>. No sec. XVI o pentagrama serviu de marca ao impressor *Joannes Soter*, em Colonia, fig. 83<sup>3</sup> (talvez por causa do apelido *Soter* = σωτήρ «salutar», e «salvador»), e a muitos canteiros em Hespanha<sup>4</sup>. Do mesmo século é, como creio, a 1.<sup>a</sup> edição do *Enchiridion Leonis Papae* (1525), livro apocrifo, mas de carácter magico: a Biblioteca da Ajuda possui uma edição de Roma, 1800, que consultei: a obra contém ensalmos, orações, fórmulas supersticiosas, palavras hebraicas, nomes próprios e o desenho do pentagrama, com outros desenhos igualmente talismanicos<sup>5</sup>. Na antiga Biblioteca Imperial (hoje Na-

<sup>1</sup> Fls. 217 e 217 v («Fray Ilíigo de Mendoça a vn signo de Salomon», e «El Conde de Tendilla sacó en bordados vn medio signo de Salomon»). Consultei o exemplar da nossa Biblioteca Nacional.

<sup>2</sup> Vid. F. Pradel, *Griechische und suditalienische Gebete, Beschwörungen und Rezepte des Mittelalters*, Giessen 1907, p. 15 e nota à l. 6.

<sup>3</sup> Vid. *Inventaire des marques d'imprimeurs*, 3.<sup>a</sup> fasciculo, 1888, p. 8. Este desenho lembra um pouco o que figurei sob os n.<sup>os</sup> 62 e 64.

<sup>4</sup> Vid. Lampérez y Romea, *Hist. de la arquit.* (já cit.), taboa das marcas: sec. XIV a XVI, catedral de Lérida e S. Juan de los Reyes (Toledo).

<sup>5</sup> Aí se diz que alguns dos elementos da obra provém da Cabala (p. 1). De uma edição francesa do *Enchiridion*, de 1813, se dá desenvolvida notícia na Wallonia, I, 145 sgs. A este livro magico é paralelo o *Grimoire du pape Honorius avec un recueil des plus grands secrets*, Roma (indicação ficticia) 1670; vid. também *Le Grand Grimoire avec la grande clavicula de Salomon et la magie noire ou les forces infernales du grand Agrippa, etc.*: é a edição mais ampla; ha outra de 1702. Vid. Brunet, *Manuel du libraire*. A palavra francesa *grimoire* (ou *grimoire*) é variante dialectal de *grammaire*, isto é, «gramática latina», por conter coisas que o povo não entendia: cf. *Dictionnaire de la l. fr.*, s. v. «grimoire». À mesma classe pertence o famoso Alberto Magno, e bem assim o já citado Petit Albert com os *Secrets merveilleux de la magie naturelle et cabalistique* (tradução do latim), Lião de França 1791. A respeito de Agrippa, Alberto Magno e de outros muitos magos ou supostos magos, vid. Tuchmann in *Mélusine*, IV, 396 sgs. e 415 sgs. Entra na mesma categoria o nosso *Livro de S. Cipriano*. Acérca deste último vid. as minhas *Tradições pop. de Portugal*, pp. 305-306, e Adolfo Coelho in *Revista Lusitana*, I, 166 sgs. — Os livros magicos modernos e os medievais relacionam-se com os da antiguidade (papiros magicos e outros). Dos livros magicos antigos trata H. Hubert no *Dictionnaire des antiquités*, s. v. «Magia». Cf. também Cumont in *Revue de l'Institut publique en Belgique*, XLVII (1904), 1 sgs., onde discute um trabalho de A. Dietrich, *Eine Mithrasliturgie*, publicado em Leipzig em 1903.

cional) de Paris ha um manuscrito com um desenho de uns brincos de orelhas, do sec. XVI, de forma de hexagrama, fig. 84<sup>1</sup>.

Não falta quem suponha a moderna maçonaria relacionada com os franco-mações da idade-média, de que falei supra, p. 221, e nota 4<sup>2</sup>; mas, segundo diz King, os franco-mações modernos devem o nome à casual coincidencia de ter sido primitivamente o seu estabelecimento no «Common Hall of London Guild of the Freemasons»: a primeira reunião d'eles celebrou-se em 1646. A Maçonaria adaptou a um intuito especial outra sociedade então florescente, «The Rosicrucian»<sup>3</sup>. Ora do sec. XVI-XVII ha um manuscrito, *Diary of Hosea Lux*, com pinturas relacionadas com essa sociedade ou seita religiosa (rosa-cruz), que é de origem protestante,—pinturas analogas às que figuram como simbólos dos Templarios<sup>4</sup>, e entre elas tambem o *selo de Salomão*<sup>5</sup>.—Em 1612, nos *Veterum sophorum sigilla e Trithemii manuscripto eruta*, e em 1630, no *Trimūn magicum sive secretorum opus*, imprimiu-se um antigo tratado cabalístico intitulado *Imagines seu sigilla Salomonis*, porém não posso adiantar mais, porque não li o tratado, e só o conheço pelas breves indicações dadas na *Revue Archéologique*, 3.<sup>a</sup> serie, t. XIX (1892), p. 56 (a Tritemio, ou Trithemio, me referi supra, p. 216). Acerca de uma obra italiana de 1644, satirica, em que se figura um hexagrama, vid. adiante, p. 232.

Do sec. XVIII possuimos um trecho poetico, muito conhecido, e muitas vezes lembrado dos etnografos, o qual se lê na 1.<sup>a</sup> parte do *Faust* de Goethe, v. 1040 sgs. (continuação do dialogo travado entre Mefistofeles e Fausto, quando aquele, tendo ido ao gabinete do famoso Mago, quer sair):

Meph. Gesteh' ich's nur! Dass ich hinauspaziere,  
Verbiert mir ein kleines Hinderniss,  
Der Drudenfuss anf eurer Schwelle.  
Faust. Das Pentagramma macht dir Pein?  
Ei, sage mir, du Sohn der Hölle,  
Wenn das dich bannst, wie kamst du denn herein?  
Wie ward ein solcher Geist betrogen?

---

<sup>1</sup> Vid. *Magasin Pittoresque*, ano 22.<sup>o</sup> (1854), p. 24.

<sup>2</sup> Vid. sobre isto o resumo que faz Borges Grainha na *Hist. da maçonaria em Portugal*, Lisboa 1912, pp. 9-14.

<sup>3</sup> King, *The Gnostics*, p. 392.

<sup>4</sup> A ordem dos Templarios foi extinta no sec. XIV (G. Barros, *Hist. da adminstr.*, I, 381), porém as suas tradições não desapareceram com a extinção.

<sup>5</sup> King, *The Gnostics* (já cit.), pp. 396-400.

*Meph.* Beschaut es recht! es ist nicht gut gezogen;  
Der eine Winkel, der nach aussen zu,  
Ist, wie du siehst, ein wenig offen<sup>1</sup>.

O pentalfa chama-se em alemão *Drudenfuss*, isto é, «pé de Drude», como quem dissesse em português «pé de Bruxa»<sup>2</sup>. A popularidade que o Poeta deixa entrever, continua hoje na Alemanha. O *Drudenfuss* livra de bruxedo, e pintam-no freqüentemente nas portas, nos leitos etc., contra isso e contra o pesadelo. No Sul fazem-no de um pavio bento. Quem tem sezões, e as quer evitar, escreve com gis certa fórmula dentro de um *Drudenfuss*<sup>3</sup>. — Não como superstição, mas como

<sup>1</sup> Goethes *Faust*, ed. do Dr. Ludw. Wilh. Hasper, Gotha 1888, cap., I. Para comodidade do leitor, aqui lhe dou a tradução de Agostinho d'Ornelas:

*Mephistopheles:*

É mister confessá-lo, um embargo  
A partida me veda, a garatuja  
Alli no limiar.

*Fausto:*

O pentagramma  
Afflige-te? Ora dize, infernal ente,  
Como podeste entrar, se te elle expulsa?  
Espírito, qual tu, deixa enganar-se?

*Mephistopheles:*

Repara que não foi bem desenhado:  
O angulo, que p'ra fora se dirige,  
Um pouco aberto está, como vêr podes...

*Fausto*, Lisboa 1867, pp. 73-74. — O citado anotador alemão Hasper diz em nota à sua edição: «a força que o pentalfa tem de arredar os maus espíritos cessa de actuar d'aquele lado em que a ponta do pentalfa está falhada: por isso faz depois Mefistofeles roer por um rato a ponta voltada para dentro».

<sup>2</sup> Nota Wuttke: «der volkstümliche Name für das Pentagramma und den sechsspitzigen (manchmal auch siebenspitzigen, Östreich) Stern ist *Druden-, Truden-* oder *Mahrfuss*, weil die Hexen und Alpe (Druden) solche Füsse d. h. Vogelfüsse haben (.. die Fussspur einer Gans, mit den vier Zehen und dem Ballen bildet ungefähr ein Pentagramm). Vid. *Der deutsche Volksaberglaube*, 3.<sup>a</sup> ed., pp. 181-182.

<sup>3</sup> Sobre estes e outros casos vid.: Grimm, *Deutsche Mythologie*, t. III, «Aberglaube», n.º 644 (extr. de um jornal de 1787) e 812 («avaria»); Simrock, *Hdb. der deutsche Mytholog.*, Bona 1874, p. 477; Carl Meyer, *Der Aberglaube des Mittelalters*

mero emblema, á semelhança de outros que já vimos acima, está o sino-saimão representado em uma medalhinha moderna, ou senha, de uma sociedade alemã do Brasil, fig. 85, segundo um exemplar que obtive para o Museu Etnológico<sup>1</sup>. Á mesma categoria pertence a fig. 86, que encontrei em um prospecto de uma revista de higiene e terapêutica de Estugarda, onde o pentalfa entra evidentemente em memoria de Pitágoras (cf. supra, p. 205). Seligmann fala de um pentagrama gigantesco que se figureu no pavimento de uma das mais concorridas ruas de Hamburgo<sup>2</sup>: terá aqui significação mágica, ou quis apenas obter-se efeito artístico? É um caso análogo ao de Westminster: vid. supra, p. 221, n. 8. Diz Friedensburg que o hexalfa aparece com freqüência como insignia de hospedarias do Sul da Alemanha<sup>3</sup>, e se vê figurado na Alemanha Oriental em objectos relacionados com bebidas (copos, etc.)<sup>4</sup>.

De outros países germanicos e da Suiça *romande* conheço, de tempos modernos, unicamente o que se segue. Num papel, proveniente de Lörrach (Grão-ducado de Baden), espécie de nómina, em que se lê um ensalmo contra maus espíritos, figuram tres pentasator gramas debaixo das célebres letras mágicas que transcrevo AREPO ao lado<sup>5</sup>, e ao pé de várias iniciais<sup>6</sup>. Na Austria tem o pentenet talha a fórmula representada na fig. 87<sup>7</sup>. Nos Alpes Noricos, no OPERA Tirol e na Suiça alemã, os montanheses, por causa dos especrotas tros e *Kobolde* (plural) ou «Trasgos», desenham-no nos berços: com esse preservativo as crianças não emmagrecem<sup>8</sup>. No cantão de Argovia encontrou-se um *Thaler* de chumbo que tem no reverso um pentalfa em cujo centro se mostra o disco radioso do sol:

etc., Basileia 1884, p. 257; Wuttke, *Der deutsche Volksabergl.*, 3.<sup>a</sup> ed., §§ 246, 419, 420, 509 etc.; Tuchmann in *Mélusine*, ix, 127 (este A. diz que também na Alemanha se usa a expressão *Drachenfuss*, porém não a encontro em mais parte alguma). Acérca da etimologia de *Drude* vid. Kluge, *Etymologisches Wörterbuch*, 3.<sup>a</sup> ed., p. 56.

<sup>1</sup> Ofereceu-m'o em Albufeira, em 1917, o S.<sup>r</sup> Joaquim José de Sousa.

<sup>2</sup> *Der böse Blick*, II, 294.

<sup>3</sup> In *Monthly Numismatic Circular*, XIII (1914), 573. Ele lembra que talvez o hexalfa represente a estrela dos Magos que eram olhados como patronos dos viajantes e peregrinos.

<sup>4</sup> Ut supra. Da razão d'isto, falo adiante, p. 240, n. 1.

<sup>5</sup> Acérca d'esta fórmula mágica vid. o artigo que se segue adiante.

<sup>6</sup> Vid. *Archives Suisses des tradit. pop.*, XIII, 152 (artigo de Hoffmann-Krayer).

<sup>7</sup> Tuchmann, in *Mélusine*, ix, 127.

<sup>8</sup> Dr. Ploss, *Das Kind in Brauch. u. Sitte der Völker*, I (Leipzig 1884), pp. 115 e 122.

este objecto serviu certamente de amuleto, pois que está provido de um furo de suspensão: fig. 88<sup>1</sup>. Em superstições populares do Pays-d'Enhaut (Haute-Gruyère) figura *le sceau de Salomon e le miroir de Salomon* («propre à toute divination»)<sup>2</sup>. A fig. 89 reproduz um desenho que estava feito em tiras de papel aparecidas no 1.º quartel do sec. XIX em Wattenwil, num saco onde havia varios objectos de feitiçaria e outras tiras com o conhecido jogo de palavras SATOR ROTAS, etc., de que já falei supra, p. 226; a referida figura deve representar mais ou menos um *Drudenfuss*<sup>3</sup>. Num manuscrito suíço, tambem do sec. XIX, de receitas mágicas, intitulado *L'art de la magie noire pour se garantir des coups de bâles*, representa-se um hexalfa, com letras e sinais dentro d'ele<sup>4</sup>. — Num jornal dinamarquês encontrei a seguinte marca de mercearia, ou *Varemaerke*, fig. 90, onde se diz que *Alfa* corresponde ao «primeiro», porque é esse um dos sentidos do alfa grego (propriamente:  $\alpha$ ), e porque na figura temos cinco alfas (o produto de que se aqui trata é a margarina, isto é, *Alfa Margarine*).

Informa-me o S.<sup>or</sup> Prof. Kaarle Krohn, em bilhete postal de 8 de Novembro de 1907, que na Finlândia o pentalfa, cujo nome finlandês é *viisikanta* «cinco pés», tem vários usos supersticiosos: o caçador desenha-o na bala com que atira, ou no chão, quer diante do covil onde o urso dorme, quer diante de si, com o calcanhar, quando o urso o ataca; o pescador desenha-o na taboa extrema da rede-de-arrastar. Tambem o pentalfa figura em um conto popular da Estonia, publicado por Andrejanoff, *Lettische Märchen*, Leipzig (Reclam), que o S.<sup>or</sup> J. Runeberg, de Helsingfors, fez o favor de me comunicar em bilhete postal de 23 de Maio de 1904: ha um Vampiro que entra em várias casas, excepto em uma em cuja porta, na soleira, está um pentalfa (como no *Faust*, vid. supra, p. 225): por fim prega-se um pentalfa no caixão do Vampiro (que estava enterrado, mas aparecia cá fóra todas as noites), e força-se assim o espectro a ficar quieto no tumulo.

Do Norte e Centro da Europa voltemo-nos para o Sul e Ocidente (Grecia, Italia, França, Hespanha).

<sup>1</sup> Vid. *Archives Suisses* (já cit.), iv, 327-328. O S.<sup>or</sup> Prof. Stückelberg enviou-me um desenho: é d'este, combinado com o que vem nas *Archives*, que se tirou o que serviu para a fig. 88.

<sup>2</sup> Lambelet in *Archives Suisses* (já cit.), xii, 105, e 123-124.

<sup>3</sup> Vid. «Aberglauben im Kanton Bern» nas *Archives Suisses des tradit. pop.*, xxI, pp. 49, 50, e nota 1.

<sup>4</sup> Vid. *Revue Anthropologique*, xxvi (1916), 360.

O uso dos amuletos em que se figura o pentagrama está muito espalhado nos Gregos modernos: de ordinario o pentagrama vem acompanhado de outros emblemas, e raras vezes sózinho. Os individuos que trazem um amuleto com pentalfa julgam ter «cabeça de ferro», isto é, estar *σιδεροκέφαλοι*, ficando livres de qualquer doença. Na ilha de Rodes as mulheres trazem consigo amuletos triangulares de prata nos quais se vê gravado o pentagrama. A mesma figura, traçada num papel, é trazida pelas pessoas que se julgam victimas de influencia mágica. Em certas localidades colocam uma espécie de pentagrama de cera na boca dos mortos, quando os levam ás costas. Noutras partes põem no peito dos cadaveres um pedaço de barro em que está gravado um pentagrama. Quando alguém tem erisipela ou uma parotidite, julga eficaz contra isso colocar sobre a região erisipelada ou na face um papel em que se traçou um pentagrama; tambem contra as febres se faz o seguinte: queima-se um semelhante papel e dão-se a beber ao doente as cinzas<sup>1</sup>. O pentagrama figura em pedras funerarias, e igualmente o traçam na porta de uma casa construida de novo: isto sem dúvida, para afastar o mal. Se pelo contrário se quer danificar a propriedade de um inimigo, traça-se-lhe o pentagrama na arvore do jardim, e esta séca. Estas superstiçãoes do povo grego emanaram das instruções contidas nos livros magicos gregos, como a *Solomoniké*, de que falei acima, p. 215-216, e os *Iatrosóphia* ou manuais (manuscritos) de medicina popular<sup>2</sup>, livros que certamente ascendem aos papiros magicos da antiguidade<sup>3</sup>.

Pelo que toca á Italia, apesar de muito supersticiosa, e muito rica de amuletos, poucas noticias tenho a respeito do *signum Salomonis*, que talvez não goze lá de geral aceitação. O pentalfa acho-o em Veneza, numa benção curativa, citada por Bernoni<sup>4</sup>, e sei que faz parte do conhecido amuleto panteo chamado *cimaruta* (Italia meridional)<sup>5</sup>, como se pantenteia de um desenho que o S.<sup>or</sup> Prof. Hoff-

<sup>1</sup> Cf. Pradel, *Griechische und sudital. Gebete* (já cit.), pp. 128-129.

<sup>2</sup> Neles se indicam receitas mágicas e se dão instruções para a manipulação de amuletos, prescrevendo-se muitas vezes que se tracem um, dois ou mais pentagramas nos amuletos. Vid. Polites na revista grega *Pandora*, 1867, t. xvii, e os *ταπετίγια* publicados por É. Legrand na *Biblioteca grega vulgar*, t. ii.

<sup>3</sup> Cf. supra, p. 223, n. 5.—Tudo o que aqui digo acerca dos Gregos modernos, assim como o que digo na nota antecedente, o devo ao S.<sup>or</sup> Polites, que m'o comunicou em carta.

<sup>4</sup> *Credenze popol. veneziane*, Veneza 1874, p. 43.

<sup>5</sup> Acêrca da *cimaruta* vid.: Elwortly, *The evil eye*, Londres 1895, p. 345 etc.; e Seligmann, *Der böse Blick*, i, 296, 297.

mann-Krayer, de Basileia, fez o favor de me enviar: fig. 91. O hexalfa ocupa uma das faces de uma medalha religiosa que vi em 1909 no museu particular do S.<sup>or</sup> Prof. Belucci, em Perugia, fig. 92, e constitue o ornamento central de um pratinho de faiança moderno, que posso, comprado por mim em Roma, fig. 93.

Em semelhante escassez de informações me vejo com relação á França e Hespanha.

Em França aparece o pentalfa coíno ornato de um *battoir à linge*, fig. 94<sup>1</sup>, e enfeita a parte inferior da vestimenta de um padre ou santo bretão, que como que se afasta de um altar, na postura de quem acaba de dizer missa: fig. 95<sup>2</sup>. O hexalfa vi-o gravado em objectos de madeira de Alverne, no Museu do Trocadéro, fig. 96; no mesmo Museu vi entre varios objectos antigos, de atavio corporal, de Saboia e do Delfinado, dois ornatos metalicos em que um hexagono tem engastada uma pedra vermelha no centro: na fig. 97 dou o desenho de um dos ornatos (diametro, *plus minus*, 0<sup>m</sup>,045). Nem o pentalfa nem o hexalfa são porém conhecidos em França, como amuletos, segundo me informaram os S.<sup>ors</sup> P. Sébillot e A. de Mortillet, ambos eles possuidores de colecções de amuletos.

Quanto á Hespanha, quer o S.<sup>or</sup> Hildeburgh, de Londres, a quem consultei, por se ter ocupado de amuletos hespanhois, quer muitas pessoas de Castela, Andaluzia, etc., interrogadas por mim sobre isto, me disseram que não sabiam de nenhum amuleto relacionado com o pentalfa<sup>3</sup>; contudo este é conhecido na Galiza, onde o denominam *salamón*. Em Arbo, povoação só separada de Portugal pelo rio Minho, diz-se que quando alguém vai de noite por um caminho, e lhe aparece o Diabo como uma *pantarma*<sup>4</sup>, risca *un salamón* no chão, mete-se dentro, e fica livre do Espírito Maligno. Em Orense tambem se diz que onde está *un salamón* não entra o Diabo<sup>5</sup>.

<sup>1</sup> Dalinowicz, *L'art rustique français* (sem\* paginação).

<sup>2</sup> Paul Sébillot, in *Rev. des Trad. Pop.*, III, 315.

<sup>3</sup> O proprio R. Salillas, *La Fascinación en España*, Madrid 1905, apesar de ter enumerado muitos amuletos contra o mau olhado, pp. 71-91, não especifica o sino-saimão; apenas fala, de modo geral, de «asteriscos» e de «amuletos astrológicos», e de certo o não inclue neles.

<sup>4</sup> Fórmula local de *pantasma* «fantasma». Nesta região galega o *s* antes de *m* e de outras consoantes sonoras muda-se em *r*: ouvi a Galegos, por exemplo, *duar mans* (duas m.), *dour meses* (dous m.); factos semelhantes se observam no concelho de Melgaço, que fica fronteiro (*dir-mc* = diz-me, *far-me* = faz-me, etc.). A palavra galega *pantasma* ou *pantarma* tem paralelos noutros falares de Hespanha, e igualmente em Portugal.

<sup>5</sup> Informei-me d'isto em 1918, conversando com varios Galegos.

Sem que eu possa indicar com exactidão datas ou locais, de origem, terminarei lembrando que entre os emblemas da moderna maçonaria (cf. supra, p. 224) se conta o pentalfa, o qual «se coloca no fundo do vestibulo do Templo: esta figura é o emblema da paz, do bom acolhimento, e da amizade fraternal»<sup>1</sup>. Por outro lado, tanto o pentalfa como o hexalfa os vejo relacionados com ideias teosoficas: pelo menos o segundo figura como emblema da capa de um livro recente sobre o assunto<sup>2</sup>, e o primeiro ao pé da assinatura de E. de Guaita numa carta reproduzida a p. 88 do mesmo livro. Dizem-me que quando se começa uma sessão de espiritismo, a pessoa que vai fazer a evocação traça com o dedo sobre a mesa um sino-saimão, para que ele afaste os espíritos maus; em seguida reza certas orações. São superstições civilizadas!

Após esta resenha historico-geografica, que se estende da antiguidade aos tempos modernos, e das mais afastadas paragens até à Hespanha, é tempo de me ocupar de Portugal. Deixei para uma secção especial a nossa terra, por ser a respeito d'ela que eu posso naturalmente mais notícias, e por ser o sino-saimão português o principal e vero objecto do presente estudo.

O pentalfa é aqui conhecido, ao que parece, desde a época de La Tène, segundo mostrei acima. Também o vimos na época romana ou visigótica, e em um caco que será do tempo dos Arabes; vimo-lo igualmente, e sem dúvida, em uma moeda árabe aparecida em Beja, e que ai de certo correu, pois várias antigualhas da mesma época aparecem d'onde em onde naquela cidade, por exemplo, candeias de barro e lapides com inscrições, além de outras moedas. Do hexalfa é que creio não ha em Portugal documentos tão arcaicos; os mais antigos que conheço pertencem já à época portuguesa própria. De facto o hexalfa não é entre nós, no continente, emblema genuinamente popular: figura, em verdade, aqui e acolá, a par com o pentalfa, mas por confusão com ele, e sob influência mais ou menos culta, ou sob influência estrangeira. Esta última é devida, nos tempos modernos, sobretudo aos *feluzes* de Marrocos, que, por terem figurado em uma das faces um hexalfa, são, conforme já disse, aproveitados pelas mulheres como amuletos infantis. O lídimo e autentico *sino-saimão* é o pentalfa, mau grado a confusão que com o hexalfa se dá também

<sup>1</sup> Vid. *Diccionario univ. portuguez*, publicado por Fernandes Costa, vol. vi (Lisboa 1884), p. 464.

<sup>2</sup> A *Teosofia*, por João Antunes, Lisboa 1915.

ás vezes na literatura. Nos Açores o hexalfa goza porém de certa vitalidade, e creio que maior que o pentalfa.

O mais antigo testemunho grafico que conheço do pentalfa na época portuguesa propria é do sec. XII, e o do hexalfa é do sec. XIV: o que adiante provarei. Testemunhos literarios do *sino-saimão*, com esta designação vaga, existem pelo menos, do sec. XVI<sup>4</sup>. Por exemplo, no *Auto das Fadas*, representado perante El-Rei D. Manuel I, em 1511<sup>5</sup>, faz Gil Vicente dizer a uma feiticeira:

Ando pelos adros nua,  
Sem companhia nenhūa,  
Senão um *sino-samão*,  
Metido n'hum coração  
De gato preto, e não al,

no vol. III das *Obras*, p. 94<sup>3</sup>. Na *Comedia Aulegra* Lisboa 1619, põe Jorge Ferreira as seguintes palavras na bôca d. Dinardo, que responde a Filelfo: «Tendes agoas de Matematico, falareys por carateres, dahi vireys ao *sino-samão*<sup>6</sup>». Do sec. XVIII posso citar dois autores: Belmiro Transtagano, já aproveitado por A. T. Pires nos *Amuletos Alemtejanos*, Elvas 1904, p. 10<sup>5</sup>; e Monte Carmelo, que no *Compendio de Ortografia*, Lisboa 1767, p. 685, dá *signo-salmam* como plebeismo em vez de *signo-sàmam*. Do sec. XIX aduzo outros dois autores: F. Evaristo Leoni, *Genio da lingua portuguesa*<sup>6</sup>; e

<sup>1</sup> No *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1025, ha uma obscura poesia em que, na edição diplomatica de Mouaci, p. 354, se lê «e fisus sou mão», palavras que o S.<sup>r</sup> Theophilo Braga transcreveu afoitamente por «e sinus saimão» na sua edição d'aquele *Cancioneiro*, p. 194, e ás quais tornou a dar o mesmo sentido n'O *Povo Português*, II, 92; mas tal interpretação é mais que incerta! Á ininteligibilidade dos versos acresce que na época a que eles pertencem a palavra que hoje se diz *sino-saimão* terminava em -om, e não podia pois formar o plural em -ões. Bem sei que isto são coisas de gramatica, e que o S.<sup>r</sup> Theophilo Braga, apesar de ser autor de uma, zomba dos gramaticos (vid. *Obras de C. Falcão*, ed. da Renascença, p. 187); mas sem alicerces não podem levantar-se edifícios sólidos.

<sup>2</sup> É esta a data determinada pelo S.<sup>r</sup> Braamcamp Freire na *Revista de Historia*, VI, 128-129.

<sup>3</sup> Ed. de 1834 (Hamburgo). — Estes versos já foram citados por mim em 1882 na *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, II, 397.

<sup>4</sup> Acto III, sec. 2<sup>a</sup>, fl. 91.

<sup>5</sup> Versos do *Idyllo Magico* (= *Almanach das Musas*, p. 69):

Depois que abrazo a myrrha em cinco lumes,  
Sobre o *sino-samão* deserto ás canhas...

<sup>6</sup> No t. I (1858), p. 51, diz: «SIGNO SAMÃO, *signum Salomonis*, cifra ou sello de Salamão, especie de talisman, a que o vulgo attribue diferentes virtudes».

Camilo, *Bruxa de Monte Cordova*, 2.<sup>a</sup> ed., p. 169<sup>1</sup>.—Estes textos tanto podem referir-se ao pentalfa como ao hexalfa, posto que seja mais provável referirem-se ao primeiro. Designadamente com o nome de *sino de Salomão* e de *sino-çamão* ou *samão* nos falam do hexalfa Vicente Nogueira (sec. XVII), numa carta, em que o desenha, e o lexicógrafo Bluteau (sec. XVIII). Aquele está referindo-se a uma lista de livros proibidos pelo Papa, e acrescenta: o *divorcio celeste*, numero 5, notado com o *sino de Salomão*, ☰, não ly nunca<sup>2</sup>; o *Divorcio*, como digo na nota 2, não era livro nacional, mas citei a frase, por causa do nome que Vicente Nogueira dava ao hexalfa. Bluteau confunde-se um pouco, pois escreve: «*sino çamão* ou *sino-samão*. Caracter supersticioso. Consta de dous triangulos atravessados, e embibidos hum no outro, que formão húa figura quasi triangular (*sic!*)», e logo em seguida menciona superstições que, como veremos, o nosso povo refere ao pentalfa<sup>3</sup>.

Além da expressão *sino-saimão*, que é a usual (Beira, Algarve, etc.), encerra o nosso léxico popular muitas outras, que variam com as localidades, as quais, como acima notei, se aplicam também ao hexalfa. Eis uma lista das que me ocorrem: *sim-saimão*<sup>4</sup>, *cinco-saimão*<sup>5</sup>, *sino-selamão*<sup>6</sup>, *sino-de-sanselamom* (*sanselamõ*)<sup>7</sup>, *san-selimão*<sup>8</sup>, *sanselimom* (*sanselémom*, *sonselamom*)<sup>9</sup>, *sanselimõu*<sup>10</sup>, *sino-saimanco*<sup>11</sup>, *sino-samanco*<sup>12</sup>, *sino-salamonde*<sup>13</sup>, *cinco-salmão*<sup>14</sup>, *san-simõu*<sup>15</sup>, e já acima vimos *sino-*

<sup>1</sup> Uma mulher diz para um fadre: «... noutro [braço] tenho um *Santo Solimão*, que livra de feitiços e maus olhados». A 1.<sup>a</sup> ed. é de 1867.

<sup>2</sup> Vid.: *Boletim de Bibliogr. Portug.*, II, 26; e *Archivo Hist. Portug.*, I, 334.—O *Divorcio* (ou *Divortio*) celeste é uma sátira italiana do sec. XVII, dirigida contra a Igreja Romana; ha edd. de 1644, 1649 e 1696: vid. Brunet, *Manuel du libraire*, II, 774, e IV, 327. Como a carta de Vicente Nogueira é datada de 20 de Janeiro de 1646, vê-se que ele se referia à 1.<sup>a</sup> d'aquelas edições.

<sup>3</sup> *Vocabulario Portug. e Lat.*, s. v. «*sino çamão*» (t. VII, p. 659).

<sup>4</sup> Assim ouvi no concelho de Obidos a varias pessoas, velhas e novas.

<sup>5</sup> Corrente na Extremadura (Obidos, Caldas da Rainha, etc.).

<sup>6</sup> Assim ouvi nos Arcos de Valdevez.

<sup>7</sup> Assim ouvi no concelho de Melgaço.

<sup>8</sup> Usa-se no Norte, algures.

<sup>9</sup> Assim ouvi no Alto-Minho, a par de outras fórmulas.

<sup>10</sup> Assim ouvi em Guifões (Bouças) e em Viana do Castelo.

<sup>11</sup> Assim ouvi no Alandroal.

<sup>12</sup> Assim ouvi também no Alandroal.

<sup>13</sup> Assim ouvi em Paredes de Coura.

<sup>14</sup> Assim ouvi em 1894 na Cova de Lavos.

<sup>15</sup> Assim ouvi em Viana do Castelo, a par de *sanselimõu*.

*-salmam, sino-sàmão, e santo Solimão.* O etimo de todas estas palavras é *sino*, e *Salamão, Salamão*, isto é, *sino de Salimão, sino de Salamão*. A fórmā *Salamão* é ainda corrente no povo do Alemtejo<sup>1</sup>; ela figura tambem no frontispicio de uma obra da primeira metade do sec. XVIII<sup>2</sup>, e vem no *Diccionario de Morais*, s. v., nos *Sermões* do P.<sup>e</sup> A. Vieira<sup>3</sup>, e em Castilho (por graça)<sup>4</sup>; no sec. XV apresenta-se com a fórmā (ortografica) *Salamam*<sup>5</sup>; com a terminação *-on = om* (*Salamon, Salomon, etc.*) temo-la em varios documentos latinos do sec. X e XI<sup>6</sup>. No sec. XIV ou XV: *Salamom*? A fórmā *Salimão* não a encontrei ainda, independente; deve ter-se formado do cruzamento de *Salamão*, ou *Salomão*, com *Solimão*, palavra conhecidamente arabiga.

Aqui *sino*, fórmā semi-popular, está por *signum*, no sentido de «sinete», «sélo», pois se atribuiu a Salomão, como vimos acima, um anel magico, provido de um sinete, que outra cousa não é o pentalfa. Em *sino de Salamão* e *sino de Salimão*, caiu a preposição *de*, como é corrente em compostos d'estes<sup>8</sup>; de *Salamão* ou (*Salamom*) e *Salimão* ou (*Salimom*) passou-se respectivamente para *saamão* (*saamom*), e *saimão* (*saimom*) pela quēda normal do *-l-* intervocalico<sup>9</sup>. Na fórmā popular *sim-saimão* temos mera sincope de *o* (por *sino* ser proclítico), e sucessiva transformação do *n* em resonancia nasal; em *sanselimão, sanselamom, sanselimou, e sanselmou* temos adjunção de *san-*, por etimologia popular, como em *Santanás*, por *Satanás*; em *cinco-saimão* substituiu-se *sino* por *cinco*, tambem por etimologia popular, visto haver

<sup>1</sup> Vid. *Rev. Lusitana*, IV, 215.

<sup>2</sup> *Elixir do Universo...* oferecido a Salamaõ, Lisboa Ocidental, s. d. (mas a impressão fez-se por 1735): vid. *Bibliografia* de Manuel dos Santos, n.<sup>o</sup> 1, de 1918, p. 50, onde se reproduz o frontispicio.

<sup>3</sup> Parte VI, 1680, pp. 357 e 358.

<sup>4</sup> Eis os versos:

Bem dizia Salamão  
que todas as femeas são  
da pelle de Barzabu,

no *Médico à força*, Lisboa 1869, acto I, sc. 1.<sup>a</sup>

<sup>5</sup> No *Archivo Hist. Port.*, II, 184; e no *Cancioneiro Geral* de G. de Rêsende, I (ed. de Estugarda), 50

<sup>6</sup> Vid. o *Onomastico* de Cortesão, que os cita.

<sup>7</sup> Num ms. da Biblioteca Nacional (cod. 199), cap. IX.

<sup>8</sup> Vid. as minhas *Lições de Philologia Port.*, p. 345.

<sup>9</sup> A *sàmão*, que pressupõe *saamão*, já me referi na *Rev. Lusit.*, II, 37. A S.<sup>r</sup>a D. Carolina Michaëlis explicou *saimão* e *saamão* como faç̄o acima: vid. *Studien z. hisp. Wortdeutung*, p. 114, porém na *Rev. Lusit.*, IV, 186, prefere admitir *sal'mão*, explicando *ai* por *al*, o que a mim, salvo o devido respeito, me não parece justo. Vid. tambem Cornu, *Gram. der port. Sprache*, 2.<sup>a</sup> ed., nota ao § 255.

na figura *cinco angulos ou «pontas»*; em *sino-saimanco* e *-samanco*, bem como em *san-simōu* e *sino-salamonde*, temos outra vez influencia da etimologia popular, que nos dois primeiros casos substituiu *-mão* por *-manco*, no terceiro substituiu «Salomão» por «Simão», e no quarto se regulou pelo nome do Abade de Salamonde, autor de uma *Cartilha* de doutrina cristã, que teve outr'ora muita voga; em *selamão*, *selamom* e *selamōu*, por *salamão*, houve dissimilação vocalica; em *salmam*, *-salmão* e *-selmōu* poderemos ver fórmas divergentes de *saimão*, isto é, representantes de *\*Sal(i)mão*. A expressão camiliana *Santo Solimão* penso ser só do romancista. Literariamente pôde dizer-se, e diz-se, *signo de Salomão*, e já mostrei que Monte Carmelo preconiza *signo-sâmão*. Esta riqueza de fórmas prova a popularidade do pentalfa: o povo, por um modo ou por outro, esforçou-se por adaptar aos seus habitos glóticos o *signo* e o nome do Rei da Judeia<sup>1</sup>.

Para maior clareza, e poisque posso fazer a distinção, vou estudar em separado o pentalfa ou *sino-saimão* propriamente dito, e o

<sup>1</sup> Salomão é conhecido do nosso povo noutras circunstancias, por exemplo: numa lenda publicada pelo S.<sup>r</sup> Adolfo Coelho na sua *Revista d'Ethnologia*, p. 207 («O saibo Salomão»); noutra (diversa), que me contaram em 1917 no Algarve (Algarve); e num anfiguri que ouvi no mesmo ano a uma mulher de Cernache (Condeixa), e que começa assim:

Quando Selamão morreu,	Casa rica tem fartura,
Corpo deu á sepultura:	Quem doba tem seu sarilho
Dentro da caveira nasceu	.....
Uma arte de grande altura.	.....

versos de que possuo uma variante, acompanhada de uma lenda, da Mexilhoeira Grande (a ideia de nascer de uma sepultura uma arvore, vv. 3 e 4, com quanto aqui seja zombeteira, tem funda raiz nas erenças do povo: cf. *Tradições popul. de Portugal*, p. 125). Salomão tornou-se tambem na nossa lingoa o tipo da sabedoria: (cf. supra, p. 215) «é um Salamão, isto é, mui sabio» (Morais, *Dicc.*, s. v. «salamão»); a um heroi de um seu romance chama Camilo «o Salomão da terra», por ser muito lido (*A quēda de um anjo*, 4.<sup>a</sup> ed., p. 17); «Salamão era um homem muito saibo» (assim ouvi em Beja). Assim como *Sansão* quer dizer «força», *Salamão* quer dizer «sabedoria» (Algarve). Vid. tambem «Conceito popular de Salomão» em A. T. Pires, *Cantos popul. port.*, iv, 378-379.—No sec. XVI escreveu Baltasar Dias o *Auto delrey Salamam*, que foi publicado em Evora em 1612, e outra vez em Lisboa em 1613.—Devo acrescentar que ao epiteto *saibo* ou *sabio*, junto pelo povo à palavra *Salomão*, liga este ideia mais complexa do que a de «sabedoria», isto é, liga tambem certa ideia de «magia», porque, por exemplo no Minho, diz-se que *sabios* e *sabias* são pessoas que adivinharam. Tambem no Minho ouvi falar de um *padre sabio* da Galiza, que lia exorcismos.

hexalfa; ao que acrescentarei um paragrafo com a menção de alguns factos menos determinados.

a) *Sino-saimão* propriamente dito:

De modo geral, o sino-saimão livra de quebranto (causado por mau olhado)<sup>1</sup>, de bruxedo ou bruxaria<sup>2</sup>, de feitiçaria («para as feiticeiras não molestarem as crianças»)<sup>3</sup>, de acção do Diabo<sup>4</sup>, e de qualquer «coisa ruim», determinada ou indeterminada<sup>5</sup>. Certas pessoas têm as linhas ou pregas da palma da mão dispostas de modo que, segundo a concepção popular, se assemelham a um sino-saimão: tais pessoas podem andar por toda a parte, de noite, e de dia, que não entra nada (isto é, coisa má) com elas<sup>6</sup>.

Como amuleto, o sino-saimão é fabricado de várias substâncias: osso, madeira, chumbo, prata, ouro; e pode ser simples, inscrito num aro, desenhado numa chapa, ou estar agrupado intimamente com

<sup>1</sup> D. Maria Peregrina in *Rev. Lusit.*, vi, 131-132; Consiglieri Pedroso, *Contribuiç. para uma Mytholog.*, v, «Superstições» (1881), n.º 314, também citado por Ad. Coelho no «Quebranto» in *Rev. de sc. nat. e soc.*, iii, 120, e aproveitado, sem citação, por Th. Braga n-O *Povo portuguez*, ii, 105. Vid. mais: A. Th. Pires, *Amuletos Alentejanos*, Elvas 1904, p. 9; Rocha Peixoto, *A tatuagem em Portugal*, Porto 1892, p. 25. Identica observação vimos acima na *Bruxa de Camilo*. E eu também assim tenho ouvido, por exemplo, no Cadaval e outras localidades.

<sup>2</sup> Pires, *op. cit.*, p. 9; A. Teixeira Bastos, *A tatuagem nos criminosos*, Porto 1903, estampa sem número; Mendes Correia, *Os criminosos portugueses*, 2.ª ed. (Coimbra 1914), p. 233. O mesmo tenho ouvido também em várias partes, por exemplo no Alentejo (Alandroal) e no Algarve (Alportel, Cabanas da Conceição).

<sup>3</sup> Assim ouvi, por exemplo, no Alandroal. Cf. supra, Camilo, *Bruxa de Monte Cordova*; e Bluteau, *Vocab. port. e lat.*, s. v. «sino çamão ou sino-samão», ainda que ele tem em mente o hexagrama. «O sino de sanselimom é bom contra o feitiço», dizem no concelho de Melgaço.

<sup>4</sup> Vid. os mens *Amuletos pop. portug.*, § 4 (extr. da *Rev. da Soc. de Instr. do Porto*, ii, 397), e o que digo adiante a respeito de «encomendar as almas». No Alto-Minho supõem que o *sanselimom* serve também «para arrenegar o Pecado». Na Guarda crê-se que o sino-saimão evita que entre com a gente o Diabo ou qualquer coisa má.

<sup>5</sup> Por exemplo, livra de «cães ruins» (danados) em Obidos; e em Baião de almas penadas e de maus encontros. Vid. também o meu *Estudo Ethnographico*, Porto 1881, p. 41, e *A tatuagem* de R. Peixoto, p. 25. «Livre de coisa má», dizem no concelho de Melgaço, onde ele é muito conhecido. Muita gente diz apenas: «é bom ter isto». Acérea da dor sciatica vid. adiante.

<sup>6</sup> Ouvi isto no concelho de Melgaço a várias pessoas. Na vila falei, em 1918, com uma feiticeira ou adivinhadeira, chamada Caiadora, que me mostrou, muito orgulhosa, a palma da mão, porque efectivamente as linhas assemelhavam-se a um pentalfa. Esta mulher é muito conhecida na localidade, e d'ela fala, por exemplo, o *Jornal de Melgaço* de 7 de Setembro de 1918 (n.º 1:222, ano xxv)

mais amuletos, de modo que forme corpo com eles (ao que chamo *amuleto pânteo*). Vid. as figs. 98 a 113, quatro d'elas já publicadas n-*O Arch. Port.*, v, 288-289<sup>1</sup>. Tanto quanto tenho observado, o sino-saimão é trazido quasi sempre, senão de modo exclusivo, por crianças, e anda freqüentemente ligado com outros amuletos, ao conjunto dos quais dão no Sul o nome de *arrelicas* e *arreliques*, palavras que provém de *reliquias*. Na fig. 114 (tamanho natural) copia-se um desenho que o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Alfredo Bensaude teve a bondade de fazer e de me dar, tirado de um antigo amuleto infantil de ouro, talvez do sec. XVIII, usado em Ponta Delgada (Açores) por uma familia, há quatro gerações: o pentalfa é cantonado externamente por orifícios redondos (representação das cinco chagas de Cristo<sup>2</sup>), e tem na área pentagonal uma flor de lis, que suponho mero ornato ou emblema da familia. Este amuleto possue pois carácter um tanto artístico e de fantasia. Analogos de certo modo a eles são dois amuletos-medalhas de que vou falar, ambos metálicos: fig. 115 (anverso e reverso); fig. 116 (só o reverso). O primeiro foi-me comunicado pelo S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Artur Lamas, e formou-se pela combinação de uma medalha religiosa da Senhora da Conceição com um amuleto de tipo pânteo que mencionei acima (fig. 106): quem fabricou este amuleto-medalha gravou por erro *salmonis* (isto é, «do salmão»!) em vez de *Salomonis*. O outro amuleto-medalha pertence ao Museu Etnológico: o anverso (que não se reproduz aqui) tem, no campo, uma gruta onde uma devota está de joelhos perante a Virgem, e na orla: N.<sup>a</sup> SENHORA DE LOURDES.

Além de servir de amuleto, o sino-saimão tem muitas aplicações, como vamos ver especificadamente.

Usa-se em operações magicas. Se uma pessoa, o que acontece principalmente entre namorados, dá a outra um comestível (maçã, bolo, etc.) «que se suspeita que tem feitiço», esta risca por fôra com a ponta de uma navalha o «quadro do *sanselamom*», e parte o comestível: se ele está cujo por dentro, isto é, enfeitiçado, deita-o a lume; se está limpo, pôde comê-lo<sup>3</sup>. As adivinhadeiras desenham com o dedo em cinza uma figura a que chamam *sino-saimão*, e fazem girar pendente sobre ela uma peneira<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Com excepção do amuleto n.<sup>o</sup> 113, que se copiou de um anúncio, todos os outros pertencem ao Museu Etnológico: são de osso, prata e chumbo.

<sup>2</sup> Cf. adiante as figuras que representam o sino-saimão em tatuagens.

<sup>3</sup> Oviu no concelho de Melgaço a uma velha; mas a outras pessoas ouvi que o comestível se deve partir em cruz.

<sup>4</sup> Vid. o que escrevi n-*O Arch. Port.*, ix, 144.

O sino-saimão, traçado no chão, goza de virtudes sobrenaturais. «Dizem alguns que pela estrada em que estiver . . . não poderão passar feras, nem animais nocivos»<sup>1</sup>. — Da meia-noite para a uma hora as Bruxas vão para as encruzilhadas, onde fazem um sino-saimão, dentro do qual se metem (Vila Real de Trás-os-Montes)<sup>2</sup>. A pessoa que no S. João, á meia-noite, tiver de apanhar a semente da *feitelha*, mete-se debaixo de um sino-saimão, para o Diabo a não empêcer<sup>3</sup>. — Em Baião, quem quer *encomendar as almas* sobe de noite, na quaresma, sózinho, a um outeiro, risca na terra um sino-saimão, «deita-lhe a bênção de Deus» (*em nome de Deus Padre, do Filho e do Espírito Santo, amen!*), coloca-se lá dentro, e diz em voz alta, por tres vezes: *pela alma de Fulano e mais Sicrano, pater-noster!* para quem ouvir, rezar. A pessoa não sai de lá sem acabar a encomendação, porque o Diabo anda em roda a *fazer-lhe tarrétas* (isto é, «tregeitos»), para que ela tema, e não continue; depois de acabar, sai porém incolume. Ouvi a mesma superstição, pouco mais ou menos, em Mesão-Frio; quem me informou, acrescentou que o Diabo não pôde ver o sino-saimão, por este ser feito de cruzes. Em Monte-Real (Leiria) voga uma superstição semelhante<sup>4</sup>: vai uma pessoa a um sitio ermo, em 4.<sup>a</sup> ou 6.<sup>a</sup> feira, faz um sino-saimão em volta de uma arvore, prèviamente escolhida, sobe acima d'esta, e com voz funebre entoa um canticº religioso pelas almas, o que se denomina «*aumentar as almas*» (isto é, «ementar»). Crê-se de modo geral no Alto-Minho que quando uma pessoa se vê «atormentada» por qualquer mal, deve riscar «um quadro do *sanselamom* no chão», e meter-se dentro, para se defender; o mal foge logo.

Não traçado no chão, mas desenhado com uma faca de ferro, em brasa (chamada *faca de fogo*), na anca de uma bêsta muar que tenha

<sup>1</sup> Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «sino-çamão». A notícia de Bluteau foi aproveitada no *Almanach de lembranças* de 1875, p. 272, onde se juntam outras; Pires refere-se a este *Almanach* na *Rev. Lusit.*, ix, 118. O mesmo *Almanach* publica um sino-saimão de fantasia, formado de compasso, tira-linhas, regoa, lapizeira, com uma estrela no centro, a qual lança raios para todos os lados.

<sup>2</sup> *Tradições pop. de Portugal*, § 330-d (p. 307).

<sup>3</sup> *Trad. pop. de Portugal*, § 239-d (p. 110). Já depois que publiquei esta obra, ouvi a mesma superstição noutras partes do Minho. A semente do feto tem muita serventia, por exemplo: quando uma rapariga não quer bem a um rapaz, ele atira-lhe com a semente, e ela «fica logo tola...».

<sup>4</sup> Foi-me relatada pelo meu antigo aluno universitário, ja mencionado acima, D.<sup>o</sup> Manoel Domingues Heleno Junior.

dôr sciatica, alivia-a d'esta dôr<sup>4</sup>. — Quem empedra um forno de cal, e o deixa pronto para começar a cozer, grava no barro que constitue o *pano* do fôrno, sobre a bôca d'este, um sino-saimão ou uma cruz, «para que o fôrno não abata, e funcione bem» (Obidos)<sup>2</sup>.

A idade-média ministra-nos no Comentário do *Apocalipse* de Lorvão, códice da Torre do Tombo, que data de 1189<sup>3</sup>, os desenhos ou sinais que reproduzo nas figs. 118 a 123, e se vêem no comêço de um capítulo onde se trata da *expositio de muliere sedente super bestiam*. A mulher tem um calis na mão esquerda, e o *chrisma*, ou monograma de Christo, na mão direita. Os sinais são: o sino-saimão simples, ou pentalfa, duas vezes; o sino-saimão dobrado; uma estrela de sete raios; uma espécie de S; e uma espécie de X: e não ha duvida que pelo menos ao sino-saimão, quer simples, quer dobrado, ligou o desenhador significação magica, pois no comentário, a que eles servem de ilustração, se fala de várias superstiçãoes, de ensalmos, de amuletos, e de *karakteres, quod SIGNUM SALOMONIS rustici dicunt*<sup>4</sup>. Comquanto este Comentário não tenha origem portuguesa, mas asturiana, e apenas o copiasse certo *Egeas*, que ao certo não sabemos se tambem é nosso conterraneo<sup>5</sup>, não hesitei em o mencionar aqui, já por haver pertencido ao convento de Lorvão, já porque, fosse qual fosse a origem das ilustrações, tanto das presentes como de outras, elas estão de acordo com costumes nacionais.

<sup>1</sup> Ouvi no Alandroal.—Adiante veremos outros exemplos, mas desprovidos de carácter supersticioso.

<sup>2</sup> Informei-me d'isto em 1918, ao pé de um forno de cal. Nessa ocasião o forno não tinha o sino-saimão, mas uma cruz: vid. um esquema na fig. 117. Substitua-se pois mentalmente a cruz pelo pentalfa. O *pano*, quando se quer extraír a cal, desmacha-se.

<sup>3</sup> Cf.: *O Archivo da Torre do Tombo* por P. de Azevedo & A. Baião, Lisboa 1905, p. 73 (onde se cita um passo de Herculano); e *A Arte Portuguesa*, I, 135.

<sup>4</sup> Estes sinais são até certo ponto comparáveis aos que ilustram uma das Cantigas de Afonso o Sabio, a que me referi supra, p. 220, cantiga em que se fala de um clérigo nigromante.—Mais notarei que o sinal de forma de S tem conhecidamente carácter magico: vid. *Religiões da Lusitania*, III, 586, e 587, nota 4. O sinal de forma de X pode apenas ser um S erruzado com outro; todavia é comparável, de algum modo, a um sinal gravado em uma pedra protohistórica da Cítania de Briteiros: vid. ob. cit., III, 73. A estrela é natural que ande associada a símbolos magicos, que em grande parte são ao mesmo tempo astronómicos.—Do sino-saimão dobrado trato adiante.

<sup>5</sup> O autor do Comentário é o monge Beato, de Liébana, como se diz na subscrição. Faleceu em 798: vid. Gröber, in *Grundriss der roman. Philol.*, vol. II-1, p. 128.

Num codice da Biblioteca Nacional de Lisboa, que contém cópia de papeis do sec. xv, feita no sec. XVIII, ha uma curiosa nómina contra os endemoninhados, na qual se desenham cruzes a par de pentafas. O texto é longo, e vem acompanhado de explicações rituais: por tanto não transcrevo nada d'isso aqui, o que interromperia muito a minha exposição, mas publicarei tudo no fim, como apêndice.

Gravado, esculpido ou pintado em objectos de uso, em cabeceiras ou tampas de sepulturas, e em lugar conspicio de certos edifícios, e bem assim esboçado no corpo humano como tatuagem, dá protecção magica a esses objectos, sepulturas e edifícios, e ás pessoas que o recebem na pele,—e constitue ai também, em parte, elemento decorativo.

Os objectos em que assim figura o sino-saimão são múltiplos, nem eu poderia enumerá-los todos. Do sino-saimão gravado em jugos e cangas já falei em 1881 no meu *Estudo Ethnographico*, onde desenhei bastantes, e de então para cá muitos mais tenho encontrado por todo o Portugal (os aldeões do Minho dizem de modo geral: que com ele não empece aos bois coisa má; noutras partes, por exemplo, em Obidos, afirma-se declaradamente que o sino-saimão evita que «o Diabo entre com os bois»; no Cadaval e em Oliveira de Azemeis supõe-se que é por causa das Bruxas). Nos jugos e cangas do Minho e da Beira Ocidental (Feira, Oliveira de Azemeis) o sino-saimão aparece entre ornatos graciosos e curiosos; nas cangas de outras regiões, por exemplo, Mafra e Leiria, ele aparece solitário, ou apenas acompanhado de desenhos lineares muito simples. O sino-saimão ora figura na frente das cangas ou jugos, ora na parte posterior, como por vezes observei nos que de diferentes regiões do Norte e Sul do Douro se vêem abundantemente nas ruas do Porto. Na fig. 124 reproduzo uma canga que se vê gravada nos *Elementos de historia da arte* de J. Ribeiro Christino, IV, 110, fig. 599<sup>1</sup>.—Aqui em Lisboa todos os dias se encontravam d'antes na rua vendedores ambulantes acompanhados de burros, que levavam no dorso *cangalhas* (especie de alforge de madeira, ou caixas duplas, com comestíveis: hortaliça, fruta, etc.), nas faces das quais se viam por vezes pintados sinos-saimões, quer em

<sup>1</sup> Desejava dar aqui algumas gravuras originais de cangas e jugos do Porto: não me foi porém possível obter fotografias, apesar de ter recorrido com insistência a pessoas amigas, e a dois fotógrafos.—Agradeço ao S.<sup>r</sup> Ribeiro Christino a permissão que me deu de reproduzir o seu desenho, e ao Sr. Julio Aillaud, a quem a gravura hoje pertence, o emprestimo d'esta.

todas as faces, quer só em uma, quer um sino-saimão avulso, quer inscrito em um aro, quer acompanhado de uma cruz, quer de um coração asseteado: vid. figs. 125 a 128, copiadas nas ruas de Lisboa ha anos (hoje encontram-se já raramente estes emblemas). A fig. 129 representa mais quatro sinos-saimões acompanhados de cruzes, dois das faces dianteiras de umas cangalhas, dois das faces traseiras. Pintado de branco, o sino-saimão figura não raramente na proa de barcos do rio Lima. Também se vê pintado em barcos do Sado.

Em certos artefactos populares, de carácter artístico, o sino-saimão é companheiro habitual de outros ornatos ou simbolos: em ganchos de meia, em reclamos venatorios, em cornas (por exemplo, inscrito num circulo, e acompanhado de outros pentalfas, na fig. 130: corna de Valpaços), em polvorinhos. N-O Arch. Port., XVII, est. II, entre pp. 288 e 289, publiquei uma pintadeira com um: reproduzo-a na fig. 131. A fig. 132, feita pelo meu saudoso colega Gabriel Pereira, mostra-nos um rude cocho de Evora, de cortiça, igualmente com dois no exterior<sup>1</sup>. No concelho de Obidos vi em 1918 uma celha de pau, destinada a dar a ração de favas aos bois, a qual tinha numa das asas o sino-saimão: fig. 133<sup>2</sup>. De rocas alcobacenses com sinos-saimões fala Vieira Natividade na *Portugalia*, II, 643-645, onde publica alguns; de rocas barrosãs, nas mesmas circunstancias, falo eu n-O Arch. Port., XXII, 28. Em 1908 encontrei em Mertola o ermitão de S. Romão que andava a pedir esmolas para o santo, e trazia, como é costume, uma especie de maquineta portatil de lata, com a imagem dentro; a maquineta tinha por ornato, picado na lata, uma cruz, em cujo pedestal se via um sino-saimão: fig. 134. Na serra das Alturas (Barroso) os chapeus de palha são por vezes enfeitados com faixas de chita pespontadas com varios ornatos, e entre eles o sino-saimão (a par com o coração e a cruz)<sup>3</sup>.

Com os trajes se relaciona a tatuagem. Por tanto, depois de ter falado do chapéu, posso naturalmente falar d'esta. A tatuagem tem sido estudada como assunto etnográfico, médico e criminológico: repetidamente aparece nela o sino-saimão (ou sózinho ou com outros emblemas), já porque ele se presta muito a ser desenhado, já por causa da significação que de ordinario se lhe liga. Vid. os trabalhos (alguns

<sup>1</sup> Sendo o cocho, como é, destinado para por ele se beber agoa, comprehende-se que o pentalfa evite que com esta uma pessoa ingira «coisa má».

<sup>2</sup> A razão é analoga á que proponho na nota anterior.

<sup>3</sup> Rocha Peixoto, in *Portugalia*, II, 378 e 379.

já acima citados) de Rocha Peixoto<sup>1</sup>, Tomas Pires<sup>2</sup>, Teixeira Bastos<sup>3</sup>, Joaquim Fontes<sup>4</sup>, Mendes Correia<sup>5</sup>. Pela minha parte, remeto o leitor para o que escrevi nos *Ensaios Ethnographicos*, III, 359–361 (a propósito do livro de Teixeira Bastos), para a bibliografia que aí indiquei a pp. 361–362, para a *História do Museu Etnológico*, p. 216, e est. XXIII (pp. 138–140), e para *O Arch. Port.*, XXII, 156. Nas notas que conservo inéditas estão, pelo menos, vinte e um exemplos do sino-saimão em tatuagens. Aqui reproduzo os principais tipos: figs. 135 a 140 (com o pentalfa concorrem outros emblemas e iniciais de nomes: entre os emblemas vemos as cinco-chagas de Cristo, o coração, a cruz sobre uma peanha, e um crucifixo). Ha localidades, como Baião, onde usam muito a tatuagem; aí ás vezes até se tatuam as mulheres. Se em certas localidades os tatuados não ligam maior importância ao sino-saimão, considerando-o pura brincadeira, ornato ou curiosidade, noutras atribuem-lhe as virtudes gerais que já vimos ele tem («não entra nada com a gente, de noite, nem Bruxas, nem o Demônio»), e pôde pois ele andar associado à cruz. Tanto o trazem do lado esquerdo como do direito, embora seja mais eficaz do lado esquerdo (no braço, na mão, etc.).<sup>6</sup>

Protector do individuo, e dos objectos de que ele se utiliza, ou que pousam no pescoço e no dorso de animais que lhe fazem serviço, também naturalmente protege a cama em que se dorme, a casa de habitação, ou qualquer edifício em que se permaneça. Estive uma vez (1918) numa abegoaria do concelho de Obidos, e observei que na cabeceira da tarimba, em que o abegão dormia, estava talhado um sino-saimão. Em 1894 vi na Cova de Lavos uma casa que tinha o sino-saimão pintado em quasi todas as portas: a dona, segundo me informaram, era muito supersticiosa. Em Guifões (arredores de Leça da Palmeira) vi noutra ocasião um *sanselimōu* (assim se pronuncia lá) feito de tinta branca, em uma porta, e por cima d'ele pregada uma ferradura de sete buracos, vid. fig. 141; na mesma porta estavam pregadas mais duas ferraduras, mas sós. Não ha dúvida que em am-

<sup>1</sup> *A tatuagem*, est. IV, 15.

<sup>2</sup> *Amuletos alemtejanos*, p. 9, nota 2.

<sup>3</sup> *A tatuagem nos criminosos*, est. IX, XI, XV, XXII, XXIX, etc.

<sup>4</sup> *Contribuições ao estudo da tatuagem*, Lisboa s. d., est. V–14 (na parte anterior do ante-braço direito), est. IX–23 (peito, e parte posterior do ante-braço direito).

<sup>5</sup> *Criminosos portugueses*, p. 279.

<sup>6</sup> A tatuagem chama-se, conforme os sítios, *cristma*, *sinais*, *marcas*.—O mais que eu aqui poderia dizer sobre tatuagem fica para a *Etnografia Portuguesa*.

bos estes casos o pentalfa desempenhava o seu papel profilatico: quanto á Cova de Lavos, ressalta isso do caracter da dona da casa; quanto a Guifões, ressalta da associação com a ferradura, que tem, pregada em portas, emprêgo supersticioso bem conhecido<sup>1</sup>. No Museu de Faro existe uma pedra de 0<sup>m</sup>,79 de comprimento, e de 0<sup>m</sup>,16 de largura minima, a qual tem esculpidas duas cruzes-de-Cristo (uma acima da outra), e gravado superiormente a ambas um sino-saimão, fig. 142. O Conego Bôto atribuia grande antiguidade a esta pedra, todavia as cruzes-de-Cristo mostram a sem-razão d'isso; e o sino-saimão é ainda mais moderno que elas, foi acrescentado, e tanto é assim, que ele está gravado, como disse, e não esculpido. Esta pedra encontrou-se na cidade, em antigos alicerces, e parece faria parte de um peitoril de janela, ou de uma soleira de porta (mais provavelmente de peitoril), — no que me confirmou um pedreiro a quem consultei. Temos de certo no pentalfa de Faro um caso analogo aos de Guifões e da Cova de Lavos<sup>2</sup>. É curioso que tambem no Museu de Guimarães exista uma pedra que se parece com a de Faro, de 1<sup>m</sup>,54 de comprimento, e de 0<sup>m</sup>,29 de largura; tem tres desenhos: uma cruz em baixo, um suástica flamejante ao meio, e um pentalfa em cima, este, como me parece, mais moderno que os restantes emblemas: fig. 143. Ignoro as circunstancias do achado, com quanto eu me incline a crer que a pedra pertencesse igualmente a edificio. Eis outros empregos do pentalfa, cuja explicação pôde caber aqui: ele está gravado numa pedra do chão, á entrada de uma das portas do castelo de Linhares (Beira-Baixa), á direita,—como observei em 1910 (sino-saimão simples); e igualmente num penedo do castelo de Piconha, proximo de Tourém (Montalegre), hoje em territorio hespanhol, outr'ora em territorio português: fig. 144<sup>3</sup>.

Admite-se sem custo que o sino-saimão proteja edificios profanos. Protegerá ele tambem edificios religiosos, apesar de estes já por si serem baluartes fortissimos contra as armas de Satanás? Do que não

<sup>1</sup> Cf. o que escrevi na *Hist. do Mus. Etnolog.*, p. 206, n. 6, e na *Lusa*, I, 81.

<sup>2</sup> No *Concelho d'Elvas* de Victorino d'Almada, t. I, Elvas 1888, lê-se a p. 497 a seguinte nota, redigida por Tomás Pires: «No revestimento de cantaria do Arco, da praça, proximo á janela da repartição das contribuições indirectas municipaes, está insculpido numa pedra o signo-saimão». Que espécie de pedra será? A mesma pergunta faço a respeito da que se desenhou n-*O Arch. Port.*, I, 260.

<sup>3</sup> Informação do S.<sup>r</sup> Major F. Braga Bárreiros.—A existencia do castelo de Piconha ascende, pelo menos, ao reinado de D. Sancho I: vid. G. Barros, *Hist. da admin.*, II, 134.

ha dúvida é de que o sino-saimão figura em alguns de tais edifícios: em cima de um arco ogival do convento da Graça, em Loulé, em lugar de honra, pousado numa cruz ou flor, fig. 145; sobre a porta da igreja de Santa Maria dos Olivais, em Tomar, bem como em pedras avulsas da torre da mesma igreja, figs. 146 a 149<sup>1</sup>; no claustro de D. Denis, em Alcobaça, alternadamente com cruzes, rosas, etc.<sup>2</sup>.

O ver-se o sino-saimão gravado em sepulturas provoca o mesmo reparo que já fiz a respeito das igrejas, pois que os cemiterios são lugares sagrados. Todavia, se quanto ás igrejas poderá supor-se que o pentalfa constitue ás vezes mero ornato, creio que nas sepulturas desempenha sempre funções supersticiosas, como dos seguintes exemplos se concluirá. Temos em primeiro lugar cabeceiras, talvez dos fins da idade-média, em que ele se esculpiu: figs. 151 a 155, dos Museus de Faro e Beja, e do Museu Etnológico; fig. 156, de Santa Margarida do Sado<sup>3</sup>. Á mesma classe pertence provavelmente uma pedra que com outras cobria um sarcófago achado em 1914 em um desatérro da igreja do Salvador, em Santarem<sup>4</sup>: fig. 157, a qual ostenta de um lado o pentalfa, fig. 158, e do lado oposto uma cruz, fig. 159. É vulgar estarem as cabeceiras sepulcrais d'esta especie esculpidas dos dois lados, na parte superior ou redonda: cf. *Hist. do Museu Etnolog.*, p. 66; e *O Arch. Port.*, xxii, 108-109. Em segundo lugar, temos tres tampas de sepultura propriamente ditas, ou campas: num lagar da abadia de Canidelo (Vila do Conde), de 1560, onde o Rev.<sup>do</sup> Sousa Maia, Abade da frèguesia, m'a mostrou: fig. 160 (as letras querem

<sup>1</sup> Haverá relação entre a abundância de pentalfas em Tomar e a antiga ordem dos Templários, que aí tinha a sua séde? Acéreca dos Templários, vid. supra, p. 224.

<sup>2</sup> Tenho nota de pentalfas em pedras de outras igrejas, como de uma antiga de Favaios, e da igreja velha de Aveiras de Cima, porém não posso dizer que espécie de pedras são. A de Favaios tinha a fórmula que consta da fig. 150. Informa-me o S.<sup>or</sup> Fernando Barreiros, Major de Infantaria 11, de que numa das faces do pedestal de uma cruz, nas traseiras da igreja da Misericordia, em Montalegre, se vê gravado um sino-saimão. Gravura casual ou propositada? — No seu livro, tão rico de factos como de ideias, intitulado *The evil eye*, Londres 1895, explica Elworthy como instrumentos de defesa contra malefícios (mau olhado, etc.) as esculturas grutescas que adornam as igrejas medievais, por exemplo as das torres de Notre Dame de Paris. Era natural supor que os ataques dos maus espíritos se dirigissem especialmente contra edifícios e pessoas destinadas a cultivar e fortificar ideias de bondade e virtude. Pp. 229-232.

<sup>3</sup> Cf. *O Arch. Port.*, xix, 314.

<sup>4</sup> Informação e esboços do Sr.<sup>or</sup> Abreu e Oliveira.

dizer... de *Francisco Piriz*, e deve faltar antes a palavra *sepultura*<sup>1</sup>; na capela do Mosteiro ou Mosteirinho, de Penalva do Castelo: vid. a fig. 161, que extraí de um apontamento que lá tomei em 1896; no pavimento da igreja matriz de Evora-Monte, vid. a fig. 162, feita por um desenho que me foi mandado pelo S.<sup>or</sup> António Maria do Carmo, autor do opusculo *Apontamentos para a monografia de Evora Monte*, 1.<sup>a</sup> ed., Montemór-o-Novo 1916, onde a p. 14 se refere ao *signum Salomonis* (este está inscrito num círculo que encima uma coluna posta sobre uma peanha; o conjunto tem aparência de custódia). Em todos estes exemplos o pentalfa ocupa posição conspicua: a magia ajuda a religião! Assim como d'antes se julgava que por o Diabo poder atormentar os cadaveres, era bom sepultar estes proximo das igrejas, ou dentro d'elas, ou ao pé de mortos venerandos<sup>2</sup>, que admira que com intuito semelhante se figurasse um sino-saimão numa sepultura?

Passo agora a mencionar casos em que o pentalfa aparece mais rigorosamente como enfeite, ou em que tem significações diversas das que resultam do seu carácter proprio e originario.

Iniciarei a serie com a reprodução de um documento respeitável por seu carácter e data: uma das vinhetas do codice, do sec. XIII ou XIV, em que se lêem as poesias que constituem o *Cancioneiro da Ajuda*. Nesta vinheta, correspondente ao fol. 59 (=88), representa-se um grupo de tres personagens que são: um trovador (á esquerda do observador), um jogral (á direita), uma dançarina, que toca castanhetas (entre os dois, no campo): ora o jogral dedilha um salterio, em cuja parte central (no tampo) está figurado um sino-saimão cantonado de pontos, e com outro ponto ao meio<sup>3</sup>. Vid. fig. 163<sup>4</sup>. Provavelmente o sino-saimão é aí ornato, ou emblema, embora não talvez de todo destituído de carácter magico.

A par com servir de ornato, serve o pentalfa de sinal individual em assinaturas, em firmas de notarios ou tabeliães, e em marcas de canteiros, de oleiros, de pescadores, de doceiros, e de donos de animais.

<sup>1</sup> A esta sepultura anda anexa uma lenda etiologica, em que figura um sino-saimão traçado no chão, dentro do qual certo padre devia colocar-se.

<sup>2</sup> Vid., por exemplo: Gama Barros, *Hist. da administração*, I, 527, e II, 275, n. 2; *Revue Archéolog.*, 1894, p. 149; *Annalecta Bollandiana*, xxviii, 166 sgs.

<sup>3</sup> À Senhora D. Carolina Michaëlis escapou a menção do sino-saimão quando descreveu as vinhetas na sua magnifica edição do *Cancioneiro*: vid. t. II, p. 160, onde indica outros pormenores, que por brevidade omito.

<sup>4</sup> Este desenho foi feito pelo S.<sup>or</sup> Carlos Augusto Ferreira, a pedido do D.<sup>or</sup> Jordão de Freitas, Conservador da Biblioteca da Ajuda.

Do pentalfa usado em assinaturas de pessoas que não sabem escrever ou usado por elas com a assinatura como sinal proprio, analogo ao dos notarios, possuo dezenas de exemplos, dos secs. XV, XVI, XVII e XVIII. Não vale a pena reproduzi-los todos. Já me referi a isto, pela primeira vez, em 1882, nos *Amuletos popul. port.* (extr. da *Rev. da Soc. de Inst.*, II, 397-398); o meu querido amigo Tomás Pires, hoje falecido, citou em 1888 exemplos de Elvas<sup>1</sup>, e mandou-me reproduções (sec. XVI). Colhi exemplos do sec. XV em actas da Camara Municipal de Vila do Conde: sino-saimão simples. Numa acta de 1511 vê-se um sino-saimão encimado de uma cruz: fig. 164. De 1580, do *Livro de reacções* da Camara de Elvas, mandou-me Pires um analogo ao que reproduzo na fig. 166 (com cruz inclusa no pentalfa). De 1582-1583 publiquei um de Guimarães n-*O Arch.*, XII, 104. Do sec. XVII ofereço ao leitor dois exemplos nas figs. 165 e 166: um, de 1689, diz *do fiador Domingos Neto*, e copiei-o do *Livro d'arrematações* da vila de Albufeira; o outro, de 1695, colhi-o em papeis paroquiais do Algôz (Algarve), e repete-se em 1704, com o mesmo nome, fig. 167. Num livro de contas da capela de Val d'Aguiar, na paroquia de Miranda do Douro, vi, com data de 1645, estas assinaturas: *De Salvador*  *Martins*, e *De Pedro*  *Martins*<sup>2</sup>. Do sec. XVIII (1706) temos a fig. 168, que transcrevo de um livro da Misericordia de Monchique (o nome é: *João Duarte Furtado*). Posteriores ao sec. XVIII não conheço exemplos, mas é provável que haja alguns ainda da primeira metade do sec. XIX. Vê-se que se «assinava de sino-saimão», como se assinava de cruz. Nos mesmos livros em que copiei os pentalfas havia também, e naturalmente, muitas assinaturas de cruz; estas continuaram a usar-se longo tempo depois. O uso do pentalfa é aqui pararello ao que acima mostrei que existia na Hespanha na idade-média.

Do pentalfa como sinal de tabelião ou notario tenho os seguintes exemplos do sec. XIII e XIV, colhidos por mim em pergaminhos da Torre do Tombo, onde devem encontrar-se muitos mais, não só d'estes séculos, mas de outros:

de 1245 (fig. 169), caixa 83, maço 1.<sup>o</sup>, de. 36. O texto diz: *Martinus Andree<sup>3</sup> notui testis.* Este documento trata de uma doação de

<sup>1</sup> Vid. *Concelho d'Elvas* de V. d'Almada, t. I, p. 497, n. 5.

<sup>2</sup> É curioso que hoje em Miranda do Douro não se conheça o sino-saimão: pelo menos as várias pessoas que consultei não me souberam falar d'ele.

<sup>3</sup> «Martinho, filho de André».

terras na foz do *Dueza*, *ubi intrat ī Scyra et ubi intrat aqua de Castello Venegas in Dueza*;

de 1259 (fig. 170), c. 84, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 10: escritura de uma herdade de Torres Vedras;

outro da mesma data (fig. 171), c. 84, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 63. O tabelião diz antes: *signū meū aposui q̄ tale est*;

de 1260 (fig. 172), c. 84, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 26. Pergaminho de Alcoaba<sup>1</sup>;

de 1270 (fig. 173). A nota que tenho a respeito d'ele é incompleta, diz apenas: «cod. do Cabido da Sé de Lamego. 1270, n.<sup>o</sup> 29»;

de 1271 (fig. 174), c. 85, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 17. Da Sé de Lamego<sup>2</sup>;

de 1272 (fig. 175), c. 85, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 69. Tabelião público de Torres Vedras;

de 1279 (fig. 176), c. 86, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 33. Tabelião de Aguiar de Sousa;

de 1286 (fig. 177), c. 87, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 20. Tabelião *Stephanus Johannis* de Aguiar de Sousa<sup>3</sup>;

de 1299 (fig. 178), c. 88, m. 2.<sup>o</sup>, dc. 3. Tabelião *Stephanus Johannis*, de Refoios (Minho);

de 1304 (fig. 179), c. 95, m. 1.<sup>o</sup>, dc. 5. Tabelião de Aguiar de Sousa<sup>4</sup>.

N-O Arch. Port., xix, 87, publiquei um muito bonito, do sec. XVI, e aqui o reproduzo, para ficar junto com os antecedentes (fig. 179 bis).

As notícias que alcancei acerca de marcas ou siglas de canteiros são poucas e da idade-média: da sacristia da capela de S. Domingos de Queimada (Lamego)<sup>5</sup>, do Paço de Sintra ou Cintra<sup>6</sup>, do Castelo de Estremoz<sup>7</sup>, e de uma porta das muralhas de Trancoso<sup>8</sup>. No opusculo de Possidonio da Silva, intitulado *Mémoire sur la signific. des*

<sup>1</sup> É possível que este sinal e os dois anteriores, ou pelo menos este e o ante-penultimo, sejam de um mesmo tabelião. Não posso agora verificar, porque isso me roubaria tempo. Eu fiz os extractos por diversas vezes.

<sup>2</sup> O tabelião deve ser o mesmo do sinal anterior.

<sup>3</sup> Deve ser o mesmo do sinal anterior.

<sup>4</sup> Deve ser o mesmo tabelião a quem pertence o sinal que tem o n.<sup>o</sup> 176.

<sup>5</sup> Vid. Raczyński, *Les Arts en Portugal*, Paris 1846, diante da p. 333.

<sup>6</sup> Vid. Conde de Sabugosa, *O Paço de Cintra*, Lisboa 1903, p. 210.

<sup>7</sup> Vid. Luis Chaves, in *O Arch. Port.*, xxii, 229.

<sup>8</sup> Porta d'El-Rei, debaixo do arco principal, à direita de quem entra. Aí o observei em 1918. É um pentalfa, e não um hexalfa, como inexatamente se figura no *Almanach-Anuario de Trancoso*, II (1916), 62, obra, porém, que a muitos respeitos é importante.

*signes gravés sur les anc. mon. du Portugal*, Lisboa 1868, não aparece nenhuma vez o pentalfa; nas pedras que tenho examinado ou copiado em diferentes partes de Portugal, encontrei-o só uma vez (Trancoso). Ve-se que, com quanto apareça, não será vulgar<sup>1</sup>.

Igualmente não o é nas marcas de oleiro: só sei de dois exemplos, ambos em vasilhas de barro que vi há anos no Alandroal. Uma das vasilhas era um *atestador* (talha de barro, pequena, que leva de 10 a 20 almudes<sup>2</sup>): tinha a marca que vai copiada na fig. 180; este atestador fôrava provavelmente fabricado em Campo-Maior, com outros do sec. XVIII, assim designados. A outra vasilha é um *pote*: tinha o desenho que vai na fig. 181. Tanto no pote como no atestador as marcas haviam sido feitas quando o barro estava ainda fresco.

Dos pescadores posso dar várias informações. Em 1895, estando na Póvoa de Varzim, copiei muitas marcas que os pescadores pôveis gravaram, como registo, em móveis da sacristia da igreja matriz e da Misericordia, e na porta da capela da Senhora do Destérro: vid. *O Arch. Port.* XXII, 155. Umas vezes é o sino-saimão simples, outras acompanhado de traços: fig. 182. Um pescador disse-me que de estarem gravadas as *marcas* assim em local sagrado resultava pesca-

<sup>1</sup> As siglas que se vêem gravadas nos nossos edifícios antigos têm origem semelhante à das dos edifícios de Hespanha e d'outros pontos da Europa que citei a p. 221. Ainda que entre nós, anteriormente ao sec. XIV, não ha documentos com vestígios seguros da existencia de corporações de artes & ofícios (G. Barros, *Hist. da Adm.*, I, 517), devia porém haver-las, porque isso estava «na indeles dos costumes da idade media, em que predominava a distinção das classes» (G. Barros, *oc. cit., ibid.*), e concorda com o que acontecia em Hespanha, país a que então sempre estivemos achegados no que importa a coisas d'arte.— Um vestígio d'essas associações estará acaso, como nota o S.<sup>r</sup> Romea, na obra há pouco citada, *Hist. de l'Arquit.* (vid. I, 44), no uso que os pedreiros galégos e portugueses fazem de girias especiais. Efectivamente os pedreiros do Alto-Minho vão em grupos trabalhar para diferentes partes do país, por exemplo, para a Extremadura. Não são eles, porém, os únicos que usam de giria. Já em 1882 no meu opusculo *O Dialecto Mirandês*, pp. 8 (-9), nota 4, me referi à giria dos pedreiros e de outras classes. Em 1893 e 1914 colhi no Cadaval muitos termos de giria, ou *latim*, da boca de pedreiros de Soutelo e Afife (Viana do Castelo), que lá andavam a trabalhar: o que tudo conservo inedito. A giria dos cardadores de Minde (Extremadura) é também curiosa, e tenho d'ela igualmente espécimes. Da giria, pelo lado glotológico, tratou em 1892 o D.<sup>r</sup> Adolfo Coelho nos *Ciganos de Portugal*, onde cita trabalhos de outros investigadores. Depois de 1892 só sei, que me lembre, de: *A giria portuguesa* de A. Bessa, 1901; *Giria de crianças delinqüentes* do D.<sup>r</sup> Mendes Correia (opusc., s. d.); *Os criminosos* do mesmo A., 1914, p. 244; e de alguns artigos aparecidos em jornais.

<sup>2</sup> A talha propriamente dita leva de 40 a 100 almudes.

rem mais peixe. Não sei se a crença é geral<sup>1</sup>. Nos pescadores de Buarcos<sup>2</sup> o sino-saimão «tem largo emprêgo nas cortiçadas dos aparelhos de pesca, associado a outros signaes para se reconhecer de quem são os aparelhos onde figuram»<sup>3</sup>. — Em Almada vi uma vez um *sinal do saco*, de cortiça, de uma rede de pesca, o qual vai desenhado na fig. 183: media 0<sup>m</sup>,17 de diametro longitudinal, e 0<sup>m</sup>,10 de diametro tranverso; numa das faces tinha gravado, como consta do desenho, um sino-saimão e uma cruz, ao que ouvi chamar «marca do dono». — Todas estas marcas lembram as dos canteiros.

Modernissimo é o pentalfa num doceiro, como marca dos rebuçados de «Marin» (Lisboa): fig. 184.

As marcas dos animais, como todas as outras, são muito variadas: e podem fazer-se com ferro em brasa, com tesoura, ou pintando a pele. Nas marcas usadas no concelho de Obidos, feitas com ferro em brasa, ou com tesoura na ocasião da tosquia, quando o animal é ovelhum, figuram por vezes sinos-saimões, bem como estrelas, monogramas, etc. Na fig. 185, publica-se o desenho do ferro que marca os animais (bois e cavalos), as mantas dos pastores, etc., da casa dos S.<sup>ors</sup> Barões de Almeirim, em Pombalinho (o pentalfa está encimado de uma coroa de barão)<sup>4</sup>.

E por aqui me fico a respeito do pentalfa em marcas, embora eu com certeza não esgotasse o assunto, pois o povo faz largo emprêgo d'elas, em numerosas circunstâncias, ém das indicadas.

Para remate do que eu tencionei relatar do pentalfa português,

<sup>1</sup> Posteriormente ás minhas observações, que ficaram ineditas até 1917, em que apareceram no *O Archeólogo*, tratou do assunto o S.<sup>r</sup> Cândido Landolt, *Folk-Lore Varzino*, Póvoa 1915, pp. 133-135, e o D.<sup>r</sup> Pires de Lima na *Lusa*, t. I, pp. 115-117: ambos eles publicam também marcas, e entre elas o pentalfa.

<sup>2</sup> Goltz de Carvalho, in *Portugalia*, I, 347.

<sup>3</sup> Já antes de 1895, isto é, em 1890 (como vejo de um apontamento meu d'então, que encontrei agora), eu havia copiado na Póvoa as mesmas marcas de que falo acima, e que, com outras que também copiei, correspondem ás das cortiçadas.

<sup>4</sup> Ao S.<sup>r</sup> Braamcamp Freire, que pertence á família, agradeço o ter-me obtido o desenho. — Nas *Memorias de la Soc. Espan. de Hist. Nat.*, x (1916), 278, cita o S.<sup>r</sup> E. Frankowski um exemplo analógo, de Lisboa. — O costume de marcar os animais veio-nos imediatamente dos Romanos. Diz Vergílio, *Gegor.*, I, 263, referindo-se ao lavrador que, por causa do mau tempo, não pôde ir para os campos e tem de se dedicar em casa a algumas ocupações: *pecori signum... impressit*. O mesmo costume existia também nos Gregos: vid. *Dict. des antiq.*, s. v. «equus», t. II, 1.<sup>a</sup> pt., p. 800. *Ibidem* se representam algumas marcas (nome do cavalo ou do dono, emblemas vários, etc.); ha um epitafio da era cristã em que se representa um cavalo marcado com o nome de Cristo): figs. 2756 a 2758, e s. v. «circus», t. I, 2.<sup>a</sup> pt., figs. 1520, 1532 e 1536, etc.

e deixando de parte usos modernos, sem nenhuma importancia, como o adoptar-se o pentalfa em estamparias de tecidos, em marcações accidentais, etc.<sup>1</sup>, considerarei ainda dois casos curiosos, em que ele aparece por causa da sua forma geométrica.

Temos na fig. 186 o brasão d'armas de Viana do Alentejo: nele se nos mostra o sino-saimão repetido<sup>2</sup>. Não me parece facil dizer a origem: lembro-me se nos sinos-saimões quiseram representar duas estrelas estilizadas e reduzidas a emblemas muito conhecidos do povo, (pois que várias vezes se figuram astros em brasões de vilas e cidades)<sup>3</sup>, ou se eles não passam de monogramas amaneirados de *Viana* (*de a par de A(lvito)*), que assim a vila se chamou d'antes<sup>4</sup>. Na última hipótese, cada monograma seria , estando completado por pontos o que falta para se formar um pentalfa: .

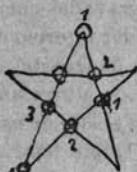
Tambem o sino-saimão figura num jôgo, por causa da forma. Ha anos veio á minha posse um papel antigo (obtive-o em Angorês, Beira) no qual estava desenhado o que se vê na fig. 187. Quem m'o ofereceu, disse-me que era um jôgo, porém não soube explicar mais nada. A explicação achei-a depois no folio 93 v do codice B  $\frac{9}{37}$  ant. (= 589 da numeração moderna) da secção de manuscritos da nossa Biblioteca Nacional, codice do sec. XVII, onde se lê o seguinte:

«CURIOSIDADE.—P.<sup>a</sup> semeter<sup>e</sup> 9. pedras em hū signo samaõ, q̄ naõ será possivel fazer-se sem saber o chiste segt.<sup>e</sup>

A Decima seguinte se escreverá á roda deste signo samão cada verso em seu lado.

A fig.<sup>a</sup> do signo saimão he a prezente.

O que se hade pedir he, que haõ de meter 9. pedras dentro, de sorte q̄ de 10. angulos q̄ tem fiquem cheos 9. E se fará contando de 1 the 3. como no jogo do Alguerue. Aduertindo q̄ haõde começar a contar em ponto vazio e acabar noutro tal, onde se



#### Decima

Sobre este signo samaõ,  
q̄ contem angulos dez,  
contando de hū até tres,  
noue pedras se poraõ;  
mas será com condiçao  
q̄ se naõ encontrẽ cheos  
os extremos, em q̄ os meos  
estejaõ já ocupados:  
mas isto aos mais lettrados  
fará dar muitos rodeos.

<sup>1</sup> Por exemplo, em uma pipa, como vi ao pé do Porto, em 1918.

<sup>2</sup> Apud Vilhena Barbosa, *Cidades e vilas com brasões*, III, entre pp. 126 e 127.

<sup>3</sup> Vid., por exemplo, Vilhena Barbosa, *ob. cit.*, t. I, pp. 4, 56, 116, 143.

<sup>4</sup> Pinho Leal, *Portugal ant. e mod.*, x, 322.—Creio que a designação de *do Alentejo* não é muito velha.

assente a pedra, ainda que o do meyo tenha pedra: Dizendo 1. 2. 3. e pór a pedra, q̄ socederá cahir ou onde se cruaõ os riscos, ou nas pontas, athe encher o n.<sup>o</sup> dos 9. e ficará sempre h̄u lugar vazio. E isto nunca se poderá conseguir se naõ se souber a regra g.<sup>1</sup> A qual he: sempre se terá sentido no ponto em q̄ comecey a contar e se procurará encher com pedra; e assi se encherão os 9. pontos e meterão as 9. pedras ao justo, sem topar com a difficultade de achar o lugar do 3.<sup>o</sup> ponto ocupado e cheo, ou o pr.<sup>o</sup> ou ainda naõ achar 3. pontos q̄ contar<sup>1</sup>.

O pentalfa tem tal estimação entre nós, e acode tão naturalmente ao espirito de quem por distracção faz um desenho, que ás vezes o traça um garoto numa parede<sup>2</sup>, o grava um soldado numa guarita<sup>3</sup>, o rabisca o dono de um livro nas folhas-de-guarda e espaços brancos d'este<sup>4</sup>, etc.—Acérea do pentalfa em uma moeda atribuida a D. Afonso Henriques, vid. o «Apendice», III.

b) *Hexalfa português:*

No tumulo de D. Inês de Castro (sec. XIV), que está na igreja do mosteiro de Alcobaça, ha uma figura humana esculpida, que parece

<sup>1</sup> O jogo do *alguerue* de que acima se fala é o mesmo que o do *alguergue* de que falam respectivamente J. Cardoso (sec. XVI), A. Barbosa (sec. XVII), Bluteau (sec. XVIII) nos seus dicionarios: vid. *Dicc. da Acad.* s. v. «alguergue». O que não posso dizer é se em *alguerue* temos um lapso por *alguergue*, ou uma forma viva (= *alguerve*).—Posteriormente à composição tipografica da notícia transcrita acima, encontrei outra versão com leves diferenças, na Biblioteca da Universidade de Coimbra, tambem do sec. XVII, em um volume miscelâneo que tem o n.<sup>o</sup> 346. Em vez da figura do pentalfa tem porém a do hexalfa (provavelmente por ser mais facil de desenhar, e por confusão do escriba).—O D.<sup>r</sup> Joaquim Fones disse-me possuir um papel com um desenho semelhante à fig. 187.

<sup>2</sup> Por exemplo, viam-se ha tempos, em Lisboa, alguns pintados, num muro ao pé do Campo Grande, e outros gravados numa parede da Rua das Amoreiras.

<sup>3</sup> O S.<sup>r</sup> Luis Chaves, Conservador interino do Museu Etnológico, informa-me de que no interior de uma guarita do Quartel de artilharia de Queluz se abriu um com uma navalha, o qual mede de altura uns 8 centimetros.

<sup>4</sup> Possuo, por exemplo, um *Compendio de muitos e varios remedios de Gurgia*, de Gonçalo Rodrigues, Lisboa 1671, que tem, nessas circunstancias, o sino-saimão dez ou onze vezes, feito, como *probatio pennae*, por mão inexperiente; e posso um volume dos *Sermões* do P.<sup>r</sup> Vieira (o IV, Lisboa 1685), onde, igualmente como *probatio pennae*, se vê o sino-saimão na parte interior da capa. Isto acontece tambem numa das folhas-de-guarda das *Annotações ao genero e preteritos da Arte Nova*, Coimbra 1676, exemplar da Academia das Ciencias, que encontrei em um alfarrista (S.<sup>r</sup> José dos Santos), e que este generosamente enviou para a biblioteca dā mesma Academia: o pentalfa figura ai umas oito ou nove vezes, a par com outras figuras de carácter popular, o sol, a lúa, um coração antropomorificado e provido de uma chave, etc., tudo feito no sec. XVIII, ao que parece (pelo menos os pentalfas, o sol e a lúa).

tocar um instrumento, no qual o artista gravou uma sigla, e um sino-saimão, como se vê do esboço representado na fig. 188. Julgo ambos estes sinais marcas do escultor do monumento (pelo menos a sigla), ainda que é curiosa a coincidencia com a fig. 163<sup>1</sup>.

Tambem na igreja paroquial de Duas-Igrejas (Miranda do Douro) se pintou duplamente um hexalfa, não sei com que intuito, numa parede, á esquerda de quem entra pela porta principal: vid. fig. 189. Está ai associado á cruz<sup>2</sup>.

Passando de coisas religiosas a profanas, encontramos o hexalfa gravado em um «cornicho» (amuleto), que uma pessoa me mostrou ha muitos anos em Lisboa: fig. 190. Fóra d'isto, e do uso dos feluzes marroquinos (vid. supra, fig. 38), não sei de mais caso nenhum em que o hexalfa sirva de amuleto em Portugal: ainda assim, no primeiro caso ele está adaptado ao cornicho, e em posição secundaria, e no segundo figura por confusão com o pentalfa<sup>3</sup>.

Assim como nas «cangalhas» da hortaliça se pinta o pentalfa (vid. supra fig. 125), tambem por vezes se pinta o hexalfa, do que tenho nos meus apontamentos dois exemplos de Lisboa: num o hexalfa está sózinho, no outro tem uma cruz inscrita dentro, como para lhe aumentar a virtude, fig. 191. O hexalfa aparece ás vezes nos jugos dos bois, mas muitissimo menos que o pentalfa<sup>4</sup>.

A esta raridade do hexalfa nas cangalhas corresponde raridade analoga na tatuagem, onde porém vimos que o pentalfa gozava de muito aprêço. Dos AA. citados acima, p. 241, só Rocha Peixoto menciona um caso de hexalfa, *A tatuagem em Portugal*, est. vii, n.º 16, aqui reproduzido na fig. 192, onde, como noutras circunstancias, se anexou ao hexalfa uma cruz (embora grosseira). Por mim, colhi tambem um unico exemplo, e de fóra do continente, como adiante digo.

<sup>1</sup> No livro de Vieira Natividade, intitulado *Inez de Castro e Pedro o Cru*, Lisboa 1910, não acho notícia do sino-saimão.

<sup>2</sup> Já me referi a isto nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, 57.

<sup>3</sup> No *Folclore da Figueira*, coordenado por Cardoso Martha & Augusto Pinto falam os AA., no t. II (Espôsende 1912), p. 83, de um amuleto, chamado *sino-saimão* ou *san-selimão*, o qual consiste, segundo eles, em um aro de prata, ou de outra substancia, com dois triangulos equilateros inscritos, em sentidos opostos. Suponho haver equivoco. Nunca observei amuleto algum assim, no continente. Os AA. querem de certo referir-se áquele que represento na fig. 101: o que aí se vê é um pentalfa, e não um hexalfa.

<sup>4</sup> Cf. *Estudo Ethnographico*, p. 42.

Não menos raro é o hexalfa na ornamentação de objectos manufacturados por pastores. Entre muitas cornas que tenho visto, sei apenas de uma em que aparece aquele sinal: pertence ao Museu Etnologico, para onde eu a trouxe de Ponte-de-Sôr; está belamente ornamentada, mas o hexalfa foi desenhado separadamente da ornamentação, e é muito irregular: fig. 193.—Eis outro objecto doméstico em que aparece o hexalfa: é uma pintadeira metálica, antiga, especie de sinete de marcar bolos, de forma de umbela invertida: o hexalfa está na parte média e externa (pala ou centro do sinete; o cabo d'este tem um orificio de suspensão, que dá á pintadeira aspecto de berloque de cadeia de relogio, ainda que demasiado grande), figs. 194 e 195<sup>1</sup>.

Como marca de barco (cf. supra, pp. 240 e 248), reproduzo na fig. 196 um desenho que tomei na Póvoa de Varzim em 1890: mais uma vez o hexalfa com a cruz! E aqui ha duas, cada uma de sua forma (o circulo que fica entre as duas cruzes ignoro o que significa, talvez uma hostia).

De marca ou sinal serve igualmente o hexalfa a um notario apostolico de Lisboa do sec. XVI: vid. fig. 197, extraida de um documento da Torre do Tombo, caixa 84, maço 1, n.<sup>o</sup> 39. Entre tantos documentos que tenho visto com sinais de notarios, é este o unico que contém o hexalfa: isso, o estar associado á cruz, e o ser usado por um funcionario eclesiastico bem mostram o caracter excepcional do emblema.

Por simples curiosidade, lembrei que numas luminarias que em Lisboa se fizeram ha alguns anos com gaz, se via no Chiado uma casa em que as luzes estavam dispostas a modo de hexalfa: fig. 198,—disposição meramente geometrica e accidental.

\*

Se o hexalfa goza de demifuta vida no povo do continente, não acontece isso nos Açores. Pelo menos o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Mendonça Dias, de Vila Franca do Campo, informa-me de que se usa muito no arquipélago um amuleto de forma de hexalfa, feito de ouro, prata, cobre, etc.: o povo chama-lhe *senhor san-saimão*. Por outro lado leio num livro do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Leite de Athaide, publicado recentissimamente, que o

---

<sup>1</sup> Esta pintadeira pertence ao D.<sup>or</sup> Artur Lamas, que m'a comunicou e permitiu publicar.

hexalfa tem nos Açores também o nome de *são-selimão*, e afugenta influencias diabolicas, maleficios, mau olhado, e accão do tanglo-mango, e tanto protege as pessoas como os animais: figura gravado em jugos de bois, e em certas peças de alfaia agraria, e serve de tatuagem (verde) no braço e peito de adultos<sup>1</sup>. No mesmo livro o S.<sup>or</sup> Athaide publica a figura do cabo de um sacho, onde se representa o hexalfa marcado com pregos amarelos<sup>2</sup>. Acrescentarei o seguinte caso, que é um a que aludi, 251. Quando eu freqüentava como estudante a Escola Medica do Porto, apareceu exposto no teatro anatomico, para dissecção, o cadaver de um individuo de Angra do Heroismo, tatuado: a tatuagem ocupava os dois braços e ante-braços, e era muito variada (figuras de mulher, um ramo, uma anora, uma cruz, uma inicial, etc.), vendo-se tambem aí um hexalfa, que tinha junto a ele cinco pontos, representantes das cinco chagas de Cristo.

No Brasil, para onde grande parte das tradições populares que lá existem foi de Portugal, dizem que é bom, para evitar que as Bruxas e as Carochas ataquem as crianças, traçar um hexalfa no quarto em que estas dormem<sup>3</sup>.

c) *Pentalfa ou hexalfa*.

Da forma ou figura do sino-saimão resulta o servir ele de denominação metaforica de uma planta herbacea: *sélo de Salomão*, — o *Polygonatum officinale* dos botanicos<sup>4</sup>; mas esta denominação não é essencialmente portuguesa, porque se encontra noutrios idiomas: *sceau de Salomon*<sup>5</sup> e *signet de Salomon*<sup>6</sup> em francês, *sello de Salomón* em hespanhol e em galego<sup>7</sup>; ela data verosimilmente da idade-média. Aqui *sélo* é sinonimo de *sino(-saimão)*. O motivo da denominação é difícil de determinar: os povos da Europa Ocidental descobriram semelhança

<sup>1</sup> *Etnografia Artística (S. Miguel, Açores)*, Ponta Delgada, 1918, pp. 48-50.

<sup>2</sup> P. 49. Não a reproduzo, porque o hexalfa é pouco explicito.

<sup>3</sup> D.<sup>or</sup> F. A. Pereira da Costa, *Folk-lore Pernambucano*, Rio de Janeiro 1909, pp. 69-70.

<sup>4</sup> Pereira Coutinho, *Flora de Portugal*, Paris-Rio-Lisboa 1913, p. 138.—Ao mesmo S.<sup>or</sup> agradeço algumas indicações particulares que me deu acerca da anatomia da planta, além das que vêm na sua magistral obra.

<sup>5</sup> *Dictionnaire Génér. de la lang. fr.* de Hatzfeld, Darmesteter, & Thomas, s. voce.

<sup>6</sup> Amato Lusitano, *In Dioscoridis libros quinque*, Veneza 1553, p. 375-376 (liv. IV, 6).

<sup>7</sup> Valladares Nuñez, *Diccionario gall.-cast.*, s. voce.

entre qualquer das fórmas do sino-saimão e certa parte da planta, raiz, folhas, ou cicatrizes dos ramos, como aos Alemães aconteceu, quando compararam o pentalfa com a pata ou pêgada da entidade mitica que eles chamam *Drude*<sup>1</sup>.

O que vou referir, prende-se só externa e accidentalmente com tudo quanto fica dito, quer aqui acima, quer nos §§ precedentes.

Na lingoagem familiar, quando se emprega uma palavra que com frequência se usa junta a outra, esta adiciona-se àquela por grajejo, é por tanto em sentido diferente: diz-se, por exemplo: *que par de França!* com referencia a duas pessoas que caminham a par. Temos aqui um fenomeno de associação de ideias, resultante de homofonia verbal: do que nasceu uma especie de trocadilho. Ora no antigo calão académico de Coimbra dá-se o nome de *sino-saimão* (provavelmente subentendendo-se o pentalfa, mas tambem podendo subentender-se o hexalfa), a um copo de boca larga, que vai estreitando para o fundo, e que leva meia-canada<sup>2</sup>. Claro está que o copo se denominou primeiramente, por metáfora, *sino*, isto é, «copo de boca de sino» (entendendo-se «sino de torre»)<sup>3</sup>, e que depois se lhe associou *saimão*, por se supor, ou querer fazer supor, que a primeira palavra de *sino-saimão* era a mesma que *sino* (de torre). Eis o grau mais humilde a que o pentalfa ou o hexalfa podiam descer na espiral da fantasia humana!

<sup>1</sup> Talvez a *raiz de Salomão*, de que falei supra, pertença ao *Polygonatum*. Tendo eu lembrado isto ao S.<sup>r</sup> Pereira Coutinho, ele não o julgou botanicamente impossível, «pois que (disse-me em carta), como os rhizomas vivem subterrâneos, e teem mais ou menos o aspecto de raízes, recebem de ordinario esta ultima denominação na lingoagem vulgar». Já os Gregos se haviam impressionado com as nodosidades ou joelhos do rhizoma da planta de que falo no texto, e por isso chamaram a esta πολυγύντην, que quer dizer «de muitos joelhos», «de muitos nós»: d'onde o latim *polygonatum*.—Reinaud, ob. cit. (*Monumens arabes etc.*), II, 55, e nota, falando da planta (*muguet*) chamada *sceau de Salomon*, diz que ela «porte la trace d'un jeté que se comparou, sem motivo, com o hexalfa».

<sup>2</sup> Vid. *Os Serões*, VI, 164.

<sup>3</sup> Efectivamente na gíria usual *sino grande* significa «copo de litro»: vid. *A gíria portuguesa*, Lisboa 1901, p. 289, por A. Bessa, que dá esta expressão como do Porto. Pela minha parte encontrei no *Hercules preto*, romance de Augusto Aragão (isto é, Augusto Carlos Teixeira de Aragão), Lisboa 1846, p. 150, o seguinte: (numa tasca) «na cabeciceira presidia o mestre-esfola, abraçado com o *sino grande*».—Metafora analoga temos nós em «calças de boca de sino», que se alargam em baixo, o que corresponde em certo modo ao francês *jupe-cloche*. Diz Dauzat, *Philosophie du langage*, Paris 1912, p. 96: «Quand les couturiers parisiens ont lancé la *jupe-cloche*, ils ne se doutaient certainement pas que le bas-latin avait donné le nom de *cloche* à un costume féminin, et que l'argot es-

## II

## Sino-saimão dobrado

O *sino-saimão dobrado*, que é menos popular que o pentalfa, porém mais que o hexalfa, tem tres fórmas principais, que constam das figs. 4, 5, 6 e 7: as mais vulgares são as das figs. 4 e 5. Vou enumerar os casos que conheço da aplicação d'este sinal, casos que coincidem, na mór parte, com os da aplicação do pentalfa e hexalfa.

O mais antigo exemplo que posso citar está numa assinatura de um documento da Torre do Tombo, do ano de 882, talvez da primeira pessoa que assina: fig. 199<sup>1</sup>. Depois temo-lo, no sec. XII, no *Apocalipse* de Lorrão associado ao pentalfa, como já vimos nas figs. 118-123, e no sec. XIII, como sinal publico de tabelião, fig. 200<sup>2</sup>. Em 1501 aparece como marca de canteiro no mosteiro de Belém, fig. 201: vid. *Signes gravés sur les anc. mon. du Portugal* de Possidonio da Silva, Lisboa 1868, est. XLII: este exemplo não é perfeitamente igual a nenhum dos tipos que encabeçam o presente artigo, mas aproxima-se do tipo 4.<sup>o</sup>, e até se identifica com ele, se unirmos por pontos os vértices dos angulos internos, isto é, se prolongarmos dentro os lados dos mesmos angulos: 202<sup>3</sup>.

pagnol du XVII<sup>e</sup> siècle appela la jupe *campana* (cloche). Os dicionarios hespanhois ainda dão como da giria actual ou *germania* a palavra *campana* no sentido de «saya ó basquiñas». Tambem nas modas portuguesas havia ha poucos anos a *saia de sino*. Como o estudo de uma palavra pôde fazer-se quasi indefinidamente, porque a lingoagem domina tudo o que existe, acrecentarei que no Museu Etnologico existe uma campainha metalica que representa uma mulher bem trajada: a saia, que é o caso de que se aqui trata, figura a parte sonora, ou campanular propriamente dita; o tronco, cabeça e membros superiores servem de cabo. Assim como se comparou a um sino uma saia, tambem se comparou a uma saia um sino minimo, que outra cousa não é uma campainha,— e foi-se ainda mais longe, porque se materializou a metafora! Para terminar, lembreai que nuns versos teatrais, *Adelaide e Cartolinhas*, Lisboa 1916, folheto de cordel (tradado de uma peça de E. Schwalbach), diz o Adelaide á Cartolinha: «Da cinturinha para baixo || D'uma campainha tens o aspecto».

<sup>1</sup> Colecção especial, caixa 78, n.º 1. Nos *Portugaliae Monumenta Hist., Dip. et Ch.*, corresponde ao n.º 9. O desenho foi copiado do proprio original.

<sup>2</sup> De um documento da Torre do Tombo, de 1283: caixa 86.<sup>a</sup>, maço 2, doc. 24. O tabelião chama-se *Miguel Heaňs* (=Eannes), de Obidos. O sinal repete-se, de formato menor, noutrous documentos.

<sup>3</sup> Bluteau, *Vocab. Port.-Lat.*, s. v. «sino-çamão, ou sino-samão» (lugar já citado supra, p. 232), parece dar a entender que conheceu o sino-saimão dobrado, pois traz á colocação uma «dobadoura de mulheres», da qual dão relmente uns ares as a figs. 6 e 7.

O tipo da fig. 7 está desenhado no frontispício do *Livro de S. Cypriano*, Porto 1849, e no *Verdadeiro Livro de S. Cypriano*, Porto 1899. Lê-se no prologo do primeiro dos dois Livros (ao que corresponde, com leves diferenças de ortografia, igual teor no segundo): «É este o Livro do Milagroso S. Cypriano, que ensina a desfazer toda a qualidade de feitiçarias, descobrimentos encantados, trastes de ouro e prata, e indica todos os lugares onde se podem encontrar, os quais poderá descobrir facilmente quem tiver animo; porque no acto de desencantamento aparecerão grandes fastasmas, estremecimentos de rochedos, e grandes ruidos de ventos; porém, quem tiver animo, depois de estar dentro dos riscos atraz, os quais serão riscados no chão, não lhe succederá mal algum, porque o Santo apreendeu com o diabo a desencatar todas as cousas etc.». Na figura a que o *Livro* se refere (vid. o frontispício que reproduzo adiante, Apêndice, iv) está, como noutrous casos, uma cruz, porém seis vezes, e a palavra *agla*, quatro vezes. Esta é cabalistica, e tem valor talismanico<sup>1</sup>. — A mesma figura do tipo 7.<sup>o</sup> está desenhada num jugo (modelo ou miniatura) do Museu de Elvas: vid. *O Arch. Port.*, xxI, 185. Tenho visto pelo país muitos jugos com ela.

O tipo da fig. 6 encontrei-o desenhado, como simples *probatio pennae*, na folha de guarda de um livro antigo, a qual por acaso me veio á mão; leve variante d'ele é a fig. 203, que constitue o sinal do tabelião Francisco Pereira Nunes, de Pernes, na assinatura de um documento, que possuo, de 1852.

O tipo da fig. 4 tem muitas aplicações, e toma varios aspectos: fig. 204, num pote de barro, de «1661», que está no Museu da Figueira da Foz; fig. 205, num pote do sec. XVIII que serve para vinagre (Alandroal); fig. 206, numa talha para vinho, com o nome de «José Pereira», oleiro de Campo-Maior (meados do sec. XIX)<sup>2</sup>; fig. 207, em uma antiga talha para azeite, que vi partida, e já sem uso, em um quintal no concelho de Obidos,—figura muito ornamentada, no que se diferença das restantes. Estes desenhos, datas e palavras foram gravados quando o barro estava fresco.

Na fig. 208 vemos um desenho que está gravado na superficie de uma corna, onde ha mais dois iguais; na fig. 209 vemos outro desenho gravado em uma corna (alentejana); e nas figs. 210 e 211 desenhos de tampas de cortiça de cornas semelhantes. Todas as cornas per-

<sup>1</sup> Acêrca da sua significação vid. *The Jewish Encyclopedia*, I, 235.

<sup>2</sup> Esta figura foi já publicada n-*O Arch. Port.*, xxI, 165.

tencem ao Museu Etnologico Português<sup>1</sup>. No mesmo Museu ha um prato de barro, vidrado por dentro, o qual tem pintado no fundo a fig. 212, e ha um cossorio, de Alcoutim, com a fig. 212 bis.

Tambem o *sino-saimão dobrado* constitue um tema de tatuagem, ainda que só sei de dois exemplos: um, que vem em A. Bastos, *ob. cit.*, est. IV; outro, que observei em Pragança (Cadaval). Ambos eles reproduzem o 4.<sup>º</sup> tipo.

A fig. 213 dá-nos um sinal diverso dos antecedentes, mas a que ouvi chamar *sanselimão dobrado*: encontrei-o em 1890 na Póvoa de Varzim, como marca de cortiça de barqueiro (cf. supra, p. 248)<sup>2</sup>.

\*

O que atéqui tenho dito do *sino-saimão dobrado* refere-se ao continente português. Mas tambem o encontramos nos Açores. Na estampa III da sua *Etnografia Artística* traz o D.<sup>or</sup> Leite d'Athaide um desenho que reproduzo na fig. 217, o qual representa um *sino-saimão dobrado*, com um suástica flamejante dentro d'ele<sup>3</sup>. O mesmo *sino-saimão dobrado* o poderemos reconhecer na fig. 218, que constitue um tema ornamental de tecidos micaelenses (colchas)<sup>4</sup>.

\*

Do *sino-saimão dobrado* não conheço paralelos fóra de Portugal, senão na Hespanha, e ainda assim unicamente dois: um d'eles cons-

<sup>1</sup> A corna a que pertence a tampa que tem a fig. 210 é artística, e foi comprada em Lisboa. Provavelmente veio do Alentejo. Aqui o sino-saimão tem inclusa uma cruz; cf. a fig. 206.

<sup>2</sup> Numa *canga* de bois de Montemór-o-Velho observei em 1896 o desenho da fig. 214, a que ouvi dar o nome de *sino-saimão*. Sem dúvida o entalhador fez desenho de fantasia (embora casualmente um tanto analoga a uma tatuagem que vi em Alexandria, na mão direita de um Arabe, em 1909, tatuagem comparável ao quadro magico de que fala Doutté, *Magie & relig. dans l'Afrique du N.*, Argel 1908, p. 162), mas talvez tivesse em mente um *sino-saimão dobrado*, que ampliou assim.—Noutra canga da Figueira da Foz vi a fig. 215, que se assemelha à fig. 216 de uma *cangalha* de fruta, de Lisboa: estas duas figuras, se à imaginação de quem as gravou apareceram como representações do *sino-saimão dobrado*, é que porém estão demasiado distantes d'ele.

<sup>3</sup> O suástica flamejante é um tema corrente na arte açorica, segundo mostra o D.<sup>or</sup> Leite d'Athaide no citado livro, pp. 23 sgs. Do seu uso antigo no continente falei nas *Religiões da Lusitânia*, vol. III, em varios lugares: vid. índice, p. 633; na arte moderna tambem aparece por vezes: em sepulturas (cf. obr. cit., III, 607), e noutras circunstancias (espelho de candeia, cangas de bois, etc.).

<sup>4</sup> Leite d'Athaide, *Etnogr. Artist.*, est. IV, pp. 52 e 53.

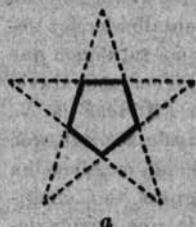
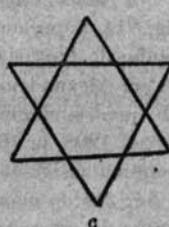
titue uma *firma* ou assinatura do rei Garcia III, de Navarra (sec. x), fig. 219<sup>1</sup>; o outro, se, como creio, o é, encontra-se nas *Cantigas* de Afonso o Sabio, de Lião & Castela (sec. XIII), na mesma iluminura magica em que se encontra o pentalfa de que falei a p. 220: vid. fig. 220 (levemente ampliada), que é bem semelhante à marca de canteiro do mosteiro de Belem (fig. 201). Como ha outras *firms* de reis navarros com o pentalfa (vid. supra, p. 220), vemos claramente que em ambos estes paralelos o *sino-saimdo dobrado* tem seu quê de superstição, o que combina com os factos portugueses.

#### Conclusão

O pentalfa, na origem, deve ser uma estrela. O povo considera-o instinctivamente «estrela de cinco pontas», os autores de livros magicos chamam-lhe «étoile de Mercure», os matematicos «pentagono regular estrelado». Esta estrela, nascida de antigas concepções cosmogonicas, — animismo dos astros, influência d'elles no curso da vida dos homens —, recebeu na arte fórmula estilizada, como o sol girante a recebeu, ao que parece, no suástica, e a lua no semi-círculo chanfrado a que se dá o nome de «crescente», ou na cara com que a costumam representar os amuletos do nosso povo, e os repertorios. O pentagono regular estrelado, que não é mais que um pentagono regular or-



dinario , cujos lados se prolongaram, dois a dois, até se encontrarem entre si, *a*, tornou-se ainda mais simetrico, tomando, pela combinação de dois triangulos, a forma de hexalfa: em vez de cinco angulos, *b*, ficaram seis, *c*, e nessa fórmula nos aparece já na idade do bronze (fig. 8).

*a**b**c*

Não ficou por aqui o aumento dos angulos: a p. 225, n. 2, mencionei, segundo Wuttke, o heptalfa austriaco, ainda que d'ele não possuo cópia grafica; as figs. 221 e 222 mostram-nos desenhos de uma moeda

<sup>1</sup> Muñoz y Rivero, *Colección de firmas*, Madrid 1887, «cuaderno 1.<sup>o</sup>.

árabica de cobre do Museu de Berlim<sup>1</sup>, e de uma de prata do Museu Etnologico<sup>2</sup>, desenhos formados pela combinação de dois quadrados, o que nos dá um octalfa; o mesmo octalfa o vemos num *mantra* (fórmula, oração) indostanico, fig. 223<sup>3</sup>, e bem assim num dos ornatos da Biblia Hebraica da nossa Biblioteca Nacional (cf. supra, p. 208)<sup>4</sup>, e nuns brincos desenhados em um manuscrito de Paris, fig. 224<sup>5</sup>. Do octalfa se aproximam em certo modo os tipos 4.<sup>º</sup> e 5.<sup>º</sup> do *sino-saimão dobrado*, que constam fundamentalmente de uma cruz, mais clara ainda nas figs. 201 e 220 (sigla arquitectonica do mosteiro dos Jeronimos de Belem, e enfeite do codice das Cantigas de Afonso o Sabio); o tipo 5.<sup>º</sup> pôde considerar-se variante do 4.<sup>º</sup> O nosso povo chamou a qualquer d'estes tipos *sino-saimão dobrado*, já porque realmente viu neles, embora sem rigor, a adjunção de dois pentalfas, já pela tendencia que tem para chamar *sino-saimão* a qualquer figura, de linhas mais ou menos complicadas, que lhe pôde dar a ideia do seu tão conhecido e amado *sino-saimão*; pelo segundo motivo impõe essa denominação tambem á esfera armilar (p. 204), e á fig. 214 (*canga* de Montemór). Identico processo imaginativo levou outros povos a bâtizarem de diversas maneiras o pentalfa e o hexalfa: como *Drudenfuss* os Alemães, *escudo de David* e *selo* (ou *sino*) de Salomão os povos semiticos, inspirando-se aqueles na sua mitologia, e estes na sua historia e lendas religiosas.

A forma de cruz, que se revela em alguns dos aspectos do *sino-saimão dobrado*, revela-se melhor no pentalfa, visto na fig. 1. Parece que já pelo espirito de Valle de Moura passou tal comparação, quando, ao falar da *radix Salomonis* (cf. supra, p. 207), disse que ela poderia gozar de virtude, porque *crucem Dominicam figurabat*<sup>6</sup>. Como a cruz é eminentemente activa contra o Demonio, e contra o mal em geral, comprehende-se que essa força aumentasse a já ingenita do pentalfa, o qual adquiria pois maior estimação aos olhos do vulgo. Não obs-

<sup>1</sup> Vid. *Katalog der orientalischen Münzen* dos Museus reais de Berlim, 1898 n.º 2042.

<sup>2</sup> Não sei onde ela apareceu; apenas posso dizer que me foi cedida para o Museu pelo S.<sup>r</sup> João Manuel da Costa, de Mertola, a quem a havia oferecido o D.<sup>r</sup> Teixeira de Aragão.

<sup>3</sup> Tuchmann in *Mélusine*, x, 11. Cf. o que a pp. 212-213 transcrevo a respeito dos Indios.

<sup>4</sup> Talvez com os mesmos desenhos se deva enfileirar este de um caco algarvio da época árabe: vid. fig. 225, d-*O Arch. Port.*, xxii, 128.

<sup>5</sup> Vem a par do que copiei na fig. 84 (cf. p. 224).

<sup>6</sup> De *Ensalmis*, p. 195, col. 2.

tante, ainda o povo por vezes reforça o sino-saimão com uma cruz genuina: vid. figs. 126, 128, 129, 139, 164, etc. É fenômeno muito observado em toda a parte o reforço da magia de amuletos por acumulação de muitos: cf. supra, p. 236, ao que posso juntar o que eu disse nas *Religiões*, III, 353–356, e na *Etnografia Artística*, III, 15<sup>1</sup>.

Da importância que o pentalfa e o hexalfa têm tido na vida dos povos, por causa da sua significação astrologico-mágica, desenvolvida e modificada no decurso dos evos,— símbolos de bom agouro e de profilaxia, protectores de vivos e de mortos,— passaram em certos casos a valer só pela forma geométrica ou simétrica: e assim os vimos, ora como ornatos, ora como marcas, ora como sinônimos das palavras «Salomão», «David», e outras; e vimos um dos seus nomes empregado como metáfora da lingoagem corrente.

Em seguida ao que fica dito da origem e evolução ideológico-morfológica do *signum Salomonis*, considerado em geral, importará de modo especial a nós Portugueses saber d'onde é que ele directamente nos veio.

Quando um símbolo aparece numa terra, como a nossa, pisada por tantos e tão variados povos que o possuiram, tais como Romanos, Judeus e Arabes, não se torna causa fácil determinar com precisão a proveniência imediata do mesmo símbolo: todavia creio que no caso presente havemos de encostar-nos principalmente, e mais uma vez, aos Judeus, admitindo que d'eles o tomámos, embora seja crível que do contacto d'estes e dos Portugueses com os Arabes não podia vir ao *signum Salomonis* senão força para a sua fixação no solo nacional.— Deixo de parte os Romanos, porque o pentalfa que achámos neles, fora das moedas, o julgo, no geral, também de origem judaica ou cristã: efectivamente ele, como vimos, aparece quasi sempre em conexão com ideias do judaísmo ou do cristianismo.— O hexalfa não adquiriu entre nós, como já notei, cunho verdadeiramente popular, e desenvolveu-se aqui de modo secundário ou esporádico (vid. supra, pp. 230 e 250–252), ainda que não é de estranhar que possam encontrar-se documentos que provem que na vigência d'ele em Portugal se manifestasse também ação judaica, visto que os Judeus o acatam há longos séculos. Mas eu só quero circunscrever-me nos factos positivos que conheço.

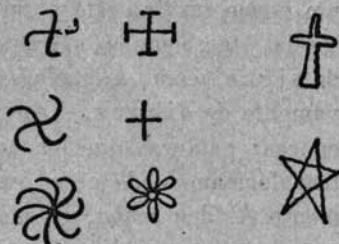
---

<sup>1</sup> Acerca da acumulação de objectos mágicos, escreveu em especial Karl Helm um artigo (em alemão) nas *Archives Suisses des trad. pop.*, xx, 177 ss.

Os Judeus estabeleceram-se na Peninsula em época muito antiga, e por certo anterior à dos Romanos<sup>1</sup>, mas é do sec. III p. C. que, como parece, temos testemunho escrito da existência d'elles cá<sup>2</sup>. Aos fins do sec. VI é, no parecer dos especialistas (vid. supra, p. 219), uma inscrição trilingue em que já figura o pentalfa, e temos aqui sem dúvida um facto não só muito valioso, mas decisivo, para a história do símbolo que nos ocupa, pois nos patenteia que este existia na Iberia anteriormente à invasão árabe, que só foi por 711.

À semelhança de outros povos antigos, os Lusitanos esmaltavam de símbolos o quadro das suas crenças sobrenaturais, segundo mostrei nas *Religiões da Lusitania*, — símbolos que datam de remotas eras. Entre eles contava-se o suástica, de muitas formas (flamejante, etc.), e a par estrelas de certo número de raios, geralmente seis. Estes últimos símbolos, isto é, o suástica e as estrelas, chegaram, como tais, ao que parece, pelo menos à época dos Barbaros<sup>3</sup>; depois continuam ainda a aparecer, mas com carácter apagado, ou meramente como decorações artísticas ou<sup>4</sup> marcas industriais<sup>4</sup>. Ora, o suástica simples (vid. a 1.<sup>a</sup> das figuras adjuntas) está muito próximo de uma cruz, d'onde lhe veio também o nome de «cruz gamada», isto é, feita de *gamas*; por outro lado o pentalfa é uma estrela, e parece-se igualmente com uma cruz (vid. supra, p. 259), a qual por vezes ele acompanha.

O terreno estava pois muito bem preparado para que o *signum Salomonis* cá se implantasse sem dificuldade: era um símbolo que



<sup>1</sup> Mendes dos Remedios, *Os Judeus em Portugal*, Lisboa 1895, p. 67.

<sup>2</sup> *Corpus Inscript. Lat.*, II 1982: inscrição funerária de Ábdera. Cf. também Mendes dos Remedios, *ut supra*, p. 67. — Com quanto mutilada, conhece-se que a inscrição se refere a uma menina judia, falecida na idade de um ano, 4 meses e 1 dia, e de apelido *Salomonula* ou *Salomoniula*. Eis o texto: . . NIA ♀ SALO || . . NVLA ♀ AN ♀ I || MENS ♀ IIII ♀ DIE ♀ I || IVDAEA || . As primeiras letras são complemento de um *nomen gentilicium*, tal como *Iunia*, *Annia*, vel simile. Vid. o que diz o editor do vol. II do *Corpus* (Hübner), *loc. citato*.

<sup>3</sup> *Religiões*, III, 586.

<sup>4</sup> Vid: *Religiões*, III, 607; Possidonio, *Signes qu'on voit gravés*, est. VII; *Revista Arqueologica* (Borges de Figueiredo), I 25, II 64; *História do Museu Etnológico*, p. 396. O suástica flamejante figura também em espelhos de candeias de lata (por exemplo, no Museu Etnológico); acerca d'ele na arte açorica vid. supra p. 257, not. 3.

vinha substituir outro (suástica) e coexistir com simbolos parecidos (estrela, cruz)<sup>1</sup>.

Com o aparecimento do pentalfa em um monumento arqueologico da Peninsula na epoca da transição da antiguidade para a idade-média coincide a cronologia fonética do primeiro elemento da palavra que o designa em português, vistoque *sino* é, como disse acima, fórmula semi-popular. Se a palavra *signum* entrasse, com a sua especial significação, no uso corrente da lingoagem dos Lusitano-Romanos na epoca em que o latim vulgar começava a transformar-se claramente em romanço, ela tomaria outro aspecto na bôca do povo, como se vê de *lignum*, que deu *lenho*, e melhor ainda se vê de *signa* (propriamente plural de *signum*, tornado feminino), que deu *senha*. A palavra *sino*, em *sino-saimão*, denota por tanto uma epoca um pouco tardia; está no mesmo caso que a sua homonima *sino* (de igreja), tambem de *signum*, noutro sentido; que *sina*, provinda de *signa*, como a citada *senha*; que *dino*, *benino*, *malina*, respectivamente de *dignus*, *benignus*, *maligna*. As lingoas tem suas épocas: palavras que em uma epoca se transformam de um modo, transformam-se de outro em uma epoca seguinte. *Signa*, no momento A, deu *senha*; no momento B deu *sina*, como *signum*, no mesmo momento deu *sino*. Estes exemplos são bem curiosos e elucidativos. Quanto ao segundo elemento da palavra, ela é multipla (vid. pp. 232-233), porque multiplas são tambem as bôcas que a têm conservado; e entre as fórmulas ha umas, como *salamão*, *selimão*, mais modernas que outras, o que explico pela accção constante da pronúncia judaica, que se esforçaria por manter puras as veneraveis palavras *Salamão* e \**Salimão*.

Traçar ou tentar traçar, sumariamente que fosse, para cada um dos restantes países de que me ocupei a origem do *signum Salomonis*, como fiz para Portugal, constituiria tarefa superior ás minhas fôrças, pois me falta competencia, tempo e livros<sup>2</sup>, ainda que, com relação a

<sup>1</sup> Esta ideia de que o *signum Salomonis* substituiria entre nós o suástica já a emiti em 1892 no meu opusculo *Sur les amulettes portugaises*, p. 12; à equivalencia que se nota entre o mesmo *signum* e a cruz me referi *ibidem*, p. 11.

<sup>2</sup> Assim, por exemplo, vi citadas as seguintes obras, que eu desejaria consultar, mas que não encontrei nas bibliotecas públicas de Lisboa, nem eu posso (algumas d'elas tê-las-hia mandado vir da Alemanha, senão fosse a guerra): Seyfarth, *Sachsen*; Lammert, *Volksmedizin*; John, *Westböhmen*; Schramek, *Böhmerwaldbauer*; *Zs. f. österr. Wolksk.*, t. vr (possuo alguns tomos d'esta revista, porém não o citado); Longpérier, *Œuvres*, t. 1; Elephas Levy, *L'anneau de Salomon*, Paris; Grimm, *Deutsches Wörterbuch*.

alguns païses, me pareça dever tambem invocar-se o nome dos Judeus, ou directamente, ou por intermedio do cristianismô. Na Grecia moderna a origem d'esse *signum* ascenderá, sem interrupção, á antiguidade classica. Muitas vezes o simbolo não se ligará a crenças vivas: nasceria da moda, do gôsto, por exemplo, em certas marcas industriais e em ornatos.

Proveniente de ideias muito enraizadas na alma humana, o *signum Salomonis*, nas suas duas fôrmas principais, desempenhou papel multiplo, através dos tempos, na magia, na arte, na literatura, na vida prática, até que modernamente os seus principais campos de accão cuido estarem, depois de Portugal, na Alemanha, na Finlandia, na Grecia e no Norte da Africa. É notável que na nossa vizinha Hespanha, apesar de tão judaizada e arabizada, e de em epochas antigas o ter tido, ele hoje mal apareça, e só junto de Portugal: razão nos assiste para suspeitar que Torquemada, vendo aí uma manifestação demoniaca, o varreu de lá com o seu halito de fogo!

## APENDICE

### I

#### *Nomina contra endemoninhados* (vid. supra, p. 239)

«Para tirar o Demonio de qualquer homem, ou molher que for tentado, com tanto que nom seja bebedo, nem mudo:

Primeiramente seu padre, e madre, ou parentes, ou amiguo haõ de jejuar por el a honrra da Trindade tres dias, se el nóm poder jejuar.

Tomem 12. candeadas [re]dondas e longas, e escrevã em cada huã dellas o nome dos doze Apostolos, os quaes fizerom o Credo in Deum: S. Pedro, Andre, Thomas, Bertholameu, Matheos, Judas, Thadeu, Joã, Santiago mayor, Santiago menor, Phelipe, Simõ.

Despois que assi fizerem, escrittos nas candeadas, lancênas ante aquelle for demoninhado, que tome huã dellas, a que quiser, e cujo for o nome do Apostollo escrito na candeia a<sup>1</sup> sua honrra digão Missa ante o seu orago na Igreja onde estiver.

O demoninhado tenha aquella candeia, que tomou, na mão em quanto disserem a ditta missa, ate que vaõ a<sup>2</sup> oferta, e entaõ a offereça com huã obrada, e as outras onse sejaõ sempre acesas com ella

<sup>1</sup> Aqui a é preposição.

<sup>2</sup> Pronuncie-se á.

e mais tres candeas em que sejaõ escrittos os nomes dos tres Reys Magos, S. Gaspar, Belchior, Balthesar.

E acabada a missa, o clérigo lance a estola sobre o doente, e diga o Evangelho de *Recumbentibus undecim discipulis* sobre el, estando em giolhos, e [l]eguelhe<sup>1</sup> [em] o collo esta nomina que este<sup>2</sup> no altar em quanto disserem a missa:

+ + + +

=In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.  
Rex qui regnas in Trinitate, nom tradas corpus meum in potestatem

inimicorum meorum + + . Ecce crucem Domini, fugite partes

adversæ + + Vincit leo de tribu Juda, Radix David Alleluia.

Crux + + Domini, quam semper adoro, sit tecum + +  
Crux pia sit mihi refugium et salus. Amen. Et Verbum caro factum  
est et habitavit in nobis, et vidimus gloriam ejus quasi Vnigeniti à  
Patre, plenum gratiae et veritatis. In nomine Domini nostri IESU  
Christi, diabole, vade retro, non tentabis de cætero servum Christi.

Amen. Amarus es antrax tua et secum es de seculura + + tu es

pelis epilicule peliocre + + + . Gaspar, Belchior, Balthasar—.

Se for hum espirito, com a primeira missa sairá; se forem mais,  
digão tres missas sempre com 12. candeas escrittas como da prim[eira]:  
e] daquel Ap[ostolo] cuja for a candeia que tom[a]r o enfermo diga  
a misssa».

Do Livro manuscrito da Cartuxa de Evora, codice da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 3390, cópia de um texto do sec. xv: fls. 188-189 v (= 176-177 v). — As folhas estão rôtulas no alto, e por isso pus entre colchetes as letras que suponho faltam.— Esta *nomina* pertence a uma classe de fórmulas mágicas que entre nós se chamam também *escritos* e *cedulas* (*sedulas*), e que os Judeus chamavam

<sup>1</sup> Ainda se vê parte do l. A forma *legar* «ligar» é arcaica.

<sup>2</sup> Pronuncie-se *estê* «esteja».

<sup>3</sup> Palavras de forma e sentido ininteligíveis, como nos textos mágicos é vulgar.

*φυλακτήρια.* Acerca de *nomina e escrito* vid. *O Arch. Port.*, xxii, 34, n. 2. *Cédulas* conheço duas impressas, que vi em 1916: uma no Fundão, contra incendios, outra na Covilhã, contra más tentações, e ambas elas conservadas devotissimamente pelos possuidores. Acerca dos *φυλακτήρια* vid. Elworthy, *The evil eye*, p. 389 seqs.

## II

## Nó de Salomão

Vimos a pp. 220 e 258 que numa iluminura das Cantigas galegas de Afonso X de Leão & Castela ha um pentalfa e um *sino-saimão dobrado*; a par com eles figura, entre outros, o desenho que ponho



ao lado e que terá pois tambem significação mágica. Estão no mesmo caso os sinais representados nas figs. 226 a 229,

de assinaturas de reis de Navarra e Aragão, dos secs. XI e XII, com os quais, como vimos a p. 220 e 257-258, concorre o pentalfa, o hexalfa e o sino-saimão dobrado, em assinaturas analogas<sup>1</sup>. Podem igualmente comparar-se-lhes as figs. 230 a 232, que representam sinais de tabeliões nossos do sec. XIII<sup>2</sup>. Todos estes sinais são um tanto parecidos com a fig. 233, que se vê como emblema de rocas artísticas que os namorados oferecem na Umbria (Italia) às suas namoradas, emblema que se chama *nodo di Salomone*. O Prof. G. Bellucci, que é quem ministra esta informação, acrescenta: «Nelle tradizioni popolari, non solo italiane, ma di tutta l'Europa meridionale, Salomone dà il nome anche ad altri nodi o segni»<sup>3</sup>. Ligar-se ha acaso com isto um desenho que enfeita duas cornas artísticas do Alentejo, existentes no Museu Etnológico: fig. 234<sup>4</sup>; todavia não lhe ouvi dar nome, nem sei que nas nossas tradições exista a expressão *nó de Salomão*.

Do *nó de Salomão* italiano conheço outros paralelos, que aqui reproduzo de um artigo de W. von Schulenburg<sup>5</sup>: fig. 235 e 236, os quais são tambem de Italia: o nó representado na fig. 236 vê-se desenhado em paredes de casas e de igrejas, em bancos, etc., e é usado na costa ligurica, principalmente entre marítimos, que, além do nome de *nodo di Salomone*, lhe dão o de *gruppo di Salomone*; a

<sup>1</sup> Da *Colección de firmas* (já citada) de Muñoz y Rivero, cuaderno 1.

<sup>2</sup> Em pergaminhos da Torre do Tombo; caixa 85, maço 1.<sup>o</sup>, doc. n.<sup>o</sup> 12, n.<sup>o</sup> 46, e maço 2.<sup>o</sup>, dc. n.<sup>o</sup> 50.

<sup>3</sup> *Usi nuziali dell'Umbria*, p. 6.

<sup>4</sup> N.<sup>o</sup> de entrada 6:089 e 6:104.

<sup>5</sup> «Der Salomonsknoten» nas *Mittheilungen der anthropolog. Gesellschaft in Wien*, vol. xix, pp. 41-42.

fig. 235 representa um nó verdadeiro, usado igualmente pela gente do mar, o qual serve, com os referidos nomes, para, por exemplo, se atar um mastro danificado por tempestade. O autor do artigo não sabe ao certo se a estes ou semelhantes nós se atribuem superstições, ainda que suspeita que sim, e por isso cita a *Deutsche Mythologie* de J. Grimm, onde se fala de nós magicos que desencadeiam ventos; ao mesmo tempo pergunta se o nó *Gordio* dos antigos poderá equiparar-se aos factos citados.

Nem Schulenburg, nem Belluci se lembraram de comparar o *nodo di Salomone* com o *nodus Herculaneus* — Ἡράκλειος δέσμος, Ή. ἄμμα dos Gregos e Romanos; por outro lado E. Saglio, que escreveu um instrutivo artigo acerca d'este *nodus* ou δέσμος no *Dictionnaire des antiquités grecques et rom.*, não o compara tambem com o *nodo* italiano: e não obstante, a comparação impõe-se, pois tudo isto são nós magicos: o nome de Hercules, famoso semi-deus da antiguidade, foi substituido pelo de outro vulto célebre, qual era Salomão, nas crenças judaico-cristãs<sup>1</sup>.

Já nas *Religiões da Lusitania*, I, 118, nota 2, citei alguma bibliografia sobre nós magicos, e para lá remeto o leitor. Depois da publicação do meu volume tive conhecimento de uma obra de Frazer, muito notável, *Le rameau d'or* (tradução do inglês): no vol. I (1903), p. 319 sgs., estuda o A. desenvolvidamente os nós magicos, citando numerosos factos colhidos na etnografia universal, e referindo-se tambem ao nó Gordio. Mais uma obra importante apareceu depois do volume I das *Religiões: a Magie & Religion dans l'Afrique du Nord*, de E. Doutté, Argel 1908, onde, a p. 87 sgs., se trata igualmente da magia dos nós. Tambem no sugestivo livro de Ch.-V. Langlois, *La connaissance de la nature au moyen âge*, Paris 1911, se cita, a p. 163, um trecho literario do sec. XIII, em que se fala de uma superstição finlandesa, respectiva ao nó dos ventos. Vid. além disso: *Mélusine*, II, 184 sgs.; Curra de Vaux, *La doctrine de l'Islam*, 1909, p. 70.

Embora nos costumes de Portugal nada exista, que eu saiba, a respeito do nó de Salomão, ha porém alguma cousa a respeito do nó magico, considerado em geral. Assim, quando uma pessoa não acha um objecto que perdeu, dá um nó na ponta do lenço de assoar,

<sup>1</sup> Pergunto se haverá acaso alguma relação entre as supracitadas figuras e as que têm os n.<sup>o</sup> 237 e 238, que se vêem várias vezes ornando a Biblia hebraica da Biblioteca Nacional (acerca d'esta Biblia, vid. supra, p. 208). Algum hebraista poderá responder.

e vai com este na mão á procura do objecto. Se continua a não o achar, mais aperta o nó. Diz-se, por eufemismo, que se aperta a cauda do Diabo, mas a ideia é que se apertam os testículos d'ele<sup>1</sup>. Segundo outra versão, ata-se um lenço á perna de uma cadeira, e recita-se uma fórmula<sup>2</sup>. Os nós magicos tem fundamentalmente por fim prender os espíritos, ou os bons ou os maus. Assim como o Diabo leva consigo *as almas perdidas*, assim se supõe que tem em seu poder *qualquer cousa que se perde*<sup>3</sup>, e por isso prendem-no para evitarem que ele faça maior mal. Contudo a boa logica mandaria que o prendessem antes de ele o ter feito<sup>4</sup>!

### III

#### Moeda com o pentalfa

No vol. I das *Moedas de Portugal*, p. 143, publica Teixeira de Aragão uma moeda de bolhão, que represento na fig. 239, e em cujo anverso se vê um pentalfa,—moeda que ele diz aparecera em Coimbra com outras, de que lhe fôra ás mãos um exemplar por dadiva do D.<sup>or</sup> Serra de Mirabeau, hoje falecido. Este exemplar passou depois para o gabinete de numismatica do Paço Real da Ajuda. Aragão atribue a moeda a D. Afonso Henriques, e junta a propósito do sino-saimão algumas notas comparativas, a pp. 146—147.—Por curiosidade, reproduzi, como simbolo numismatico-etno-

<sup>1</sup> Ouvi esta superstição a várias pessoas do distrito de Evora (Reguengos, etc.).

<sup>2</sup> Vid. as minhas *Trad. pop. de Portugal*, p. 313. — Voga uma superstição quasi igual na Russia, e outras analogas, mas atenuadas, na Alemanha e na Italia: vid. *Mélusine*, vi, 258. — Acêrca das relações da cadeira com o Diabo cf. *Trad. pop. de Port.*, § 361, onde o Trasgo, que em certos casos é uma especie de *Lar familiaris*, por vezes equiparado ao Diabo, toma a forma de banquinho.

<sup>3</sup> Muitas vezes ouvi dizer em pequeno que quando se perde uma cousa, ela se deve dar ao Diabo por amor de Deus. Claro está que dando uma cousa ao Diabo, por vontade, e além d'isso invocando o nome de Deus, ele a poderá largar facilmente.

<sup>4</sup> Já depois de escrito este apêndice, eu soube que nos Açores, quando não se acha uma cousa que se procura, se diz: *O Diabo esteja de joelhos em frente d'uma cruz, em quanto tal cousa não aparece*. E a breve trecho, aparece a cousa! (Informação do S.<sup>r</sup> D.<sup>or</sup> A. Bensaude). Com quanto aqui não figure o nó magico, entendi poder citar a crença, a titulo de comparação.—Querer que o Diabo esteja diante de uma cruz, e de mais a mais de joelhos, é exigir um acto que ele evitaria por todos os modos: é pois natural que procure evita-lo, largando aquilo que retiver em seu poder.

grafico, a moeda no frontispicio de um opuseulo que publiquei em 1888 com o titulo de *Numismatica Nacional*, lição inaugural de um curso professado por mim na Biblioteca Pública de Lisboa.

Como, apesar da notoria autoridade do Mestre da Numismatico portuguesa, a moeda tem o seu quê de estranho<sup>1</sup>, escrevi ao D.<sup>or</sup> Mirabeau pedindo-lhe informações circunstanciadas do achado, e ele mandou-me as seguintes, que extraio de uma carta sua, de 15 de Fevereiro de 1889:

«A moeda desenhada no rosto da sua prelecção inaugural foi encontrada na demolição de parte da antiga muralha de Coimbra, junto á Estrella. Muito ao sopé da muralha preparava-se o terreno para se edificar um predio. Foi necessário brocar algumas saliencias e desfazel-as por meio da polvora, afim de se nivellar o terreno. A muralha, que sustentava um pequeno quintal e talvez os alicerces da casa pertencente então ao D.<sup>or</sup> Neiva, ressentiu-se do abalo, causado pela explosão da polvora. Entenderam os peritos que era indispensável apear a muralha e fazer de raiz um grosso paredão para sustentar o pequeno quintal e talvez tambem a casa. Não posso indicar a V. em que altura da demolição apareceram as moedas; sei que os operarios despresaram inteiramente o achado, e que apenas foram ter á mão d'um sujeito de edade quatro exemplares para que elle dissesse se aquillo tinha valor. O homem respondeu 'que servia para o seu neto brincar; e levou as moedas ao neto. Passado tempo um amigo, a quem eu já devia a fineza d'uma offerta, viu o pequeno a brincar com as moedas e pediu-lh'as para m'as offerecer. Recebi-as passados quatro meses talvez depois que foram encontradas. Duas estavam muito bem conservadas, uma defeituosa e outra tão carcomida que era inaproveitável. Confesso que não consegui classificar aquellas moedas. Apareceu pouco depois em Coimbra o nosso collega Aragão; mostrei-lhas, e foi elle quem classificou os exemplares como pertencentes ao 1.<sup>º</sup> Affonso. Nos escriptores portugueses não achava eu esclarecimentos alguns. A numismatica de Hespanha devia dar-me alguma luz. Infelizmente na segunda biblioteca do reino não ha livros de numismatica daquella nação. Aceitei pois a classificação do amigo Aragão, visto autorizado pelo que conhecia das moedas hespanholas. Não consegui ainda consultar nenhuma das obras classicas, que conheço de nome, sobre as moedas hispano-christãs & &. Depois das ultimas edições da historia do Lafuente, onde se acham os desenhos das moedas dos diferentes reinados, somente encontrei o desenho d'uma moeda de D. Affonso 1.<sup>º</sup> d'Aragão, quando casado com D. Uraca, e ainda contemporaneo do nosso 1.<sup>º</sup> rei, que se assemelha ás do achado em Coimbra. Na mesma obra vem outro desenho muito

---

<sup>1</sup> O S.<sup>or</sup> Ferreira Braga, sem mais, considera-a grosseira falsificação: vid. *O Arch. Port.*, xxii, 213.

mais semelhante ao n.º 5, da obra de Aragão. Escuso dizer a V. que empreguei todos os esforços para alcançar maior numero das moedas encontradas na muralha. Certificaram-me que haviam apparecido muitas, com a infelicidade de serem despresadas pelos operarios. Aqui tem pois a informação exacta do que se passou».

Depois que recebi a carta, estive em Coimbra, e tornei a falar na moeda ao D.<sup>or</sup> Mirabeau: ele confirmou naturalmente o que escrevera na carta, e acrescentou que, se havia alguma moeda autentica, era esta.

Apesar de tudo, seria bom que uma junta de numismaticos examinasse de novo a moeda, e discutindo a sua autenticidade, visse se nela realmente se lê «Port», inicial de *Portugalis* ou *Portugaliae*. O exemplar que existia no Gabinete Real do Paço da Ajuda consta-me que está guardado com o restante monetario, e não pôde hoje facilmente ser visto; mas os exemplares com que ficou o D.<sup>or</sup> Mirabeau existirão talvez ainda em poder de quem lhe herdou os bens.

#### IV

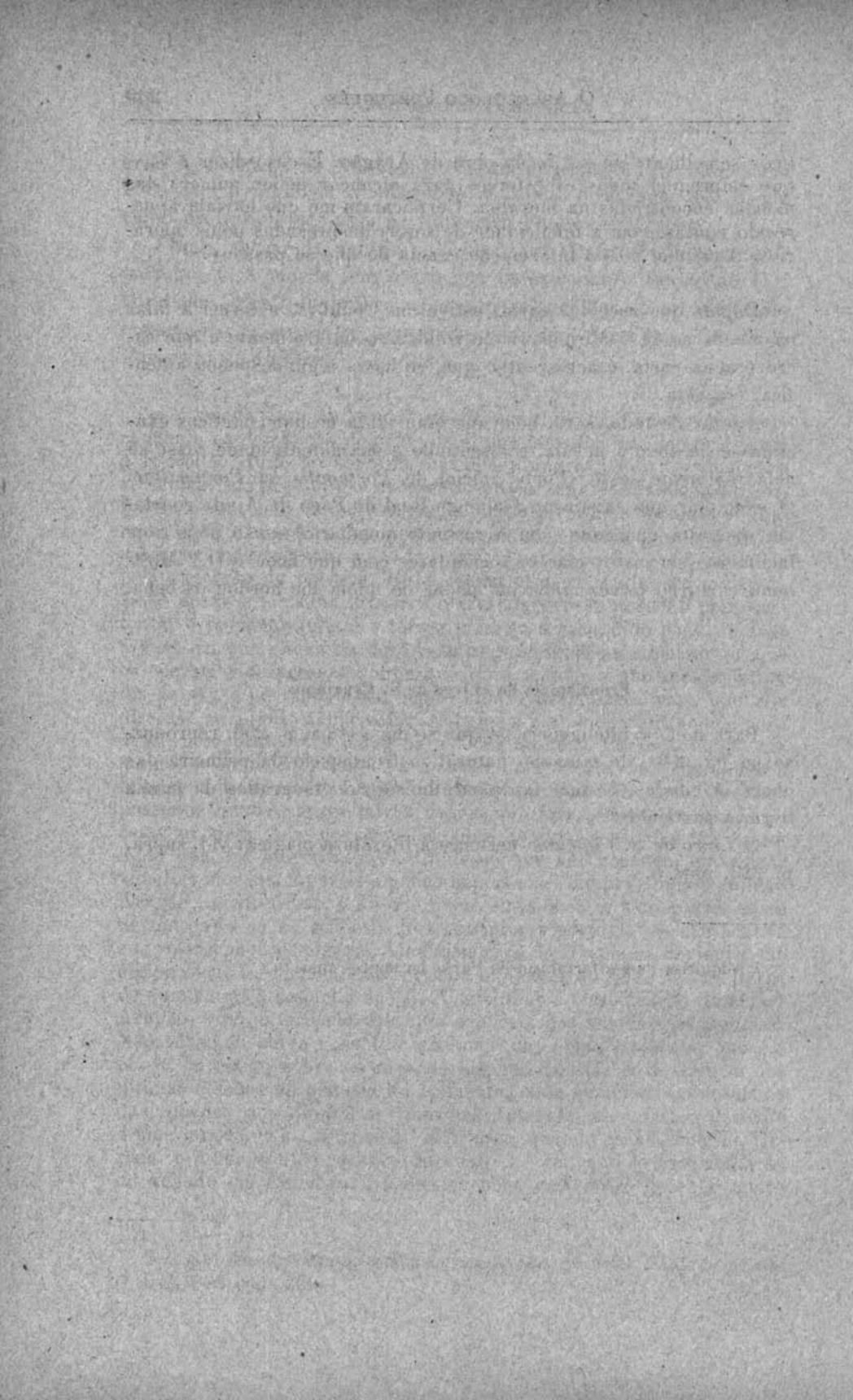
##### Frontispicio do «Livro de S. Cypriano»

Para melhor inteligencia do que se diz a cima, p. 256, reproduz-se na fig. 240, de tamanho natural, o frontispicio da primeira das obras lá citadas, a qual faz parte da secção etnografica da minha livraria particular<sup>1</sup>.

O *Livro de S. Cypriano* pertence á literatura magica: vid. supra, p. 223, nota 5.

---

<sup>1</sup> Adquiri-a num alfarrabista do Porto, há muitos anos.



## **ESTAMPAS**

**E**

**RESPECTIVAS EXPLICAÇÕES**

## Estampa I

- 1-2. *Pentalfa* ou «estrela de cinco pontas». A 2.<sup>a</sup> figura é apenas a 1.<sup>a</sup> invertida. Vid. supra, pp. 203-204.
3. Hexalfa ou «estrela de seis pontas», pp. 203-204.
- 4 a 7. Fórmas do *sino-saimão dobrado*, p. 204.
8. Hexalfa que decora objectos da Britânia e da Irlanda na idade de bronze, p. 204.
9. Moeda de Pitane, p. 205.
10. Moeda de Nuceria, p. 205.
11. Moeda de *Teanum*, p. 206.
12. Moeda de Velia, p. 206.
13. Pentalfa de um vaso de *Caere*, p. 206.
14. Pentalfa de um tumulo de Marissa, p. 206.
- 15-16. Ornatos de uma Biblia hebraica, p. 208.
- 17 a 19. Selos judaicos, p. 208.

## Estampa I



Fig. 1

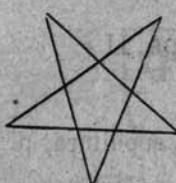


Fig. 2

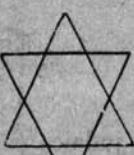


Fig. 3

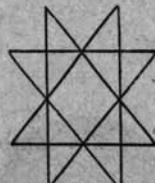


Fig. 4



Fig. 8

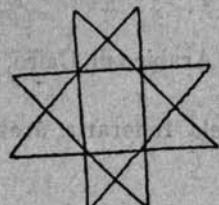


Fig. 5

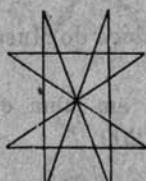


Fig. 6

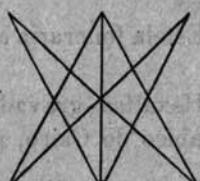


Fig. 7



Fig. 9



Fig. 10



Fig. 12



Fig. 13



Fig. 11



Fig. 15

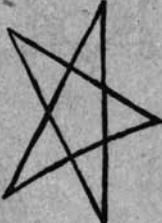


Fig. 14



Fig. 16



Fig. 18



Fig. 17



Fig. 19

### Estampa II

20. Emblema judaico em uma sepultura, p. 208.
- 21-22. Emblemas d'um diploma judaico, p. 208.
23. Estela funeraria arabica do Museu Arabico do Cairo, p. 209.
24. Hexalfas gravados em uma estela funeraria arabica do Museu Arabico do Cairo, p. 209.
25. Disco arabico de vidro, vindo do Egipto, e ora no Museu Etnologico Português, p. 209.
26. Moeda arabica medieval do Museu Arqueologico de Madrid, p. 209.
27. Moeda arabica medieval do Museu Etnologico, p. 209.
- 28 a 31. Moedas arabicas modernas de Tripoli, p. 209.

## Estampa II

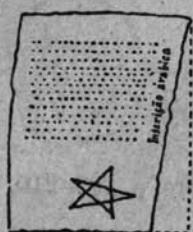


Fig. 23

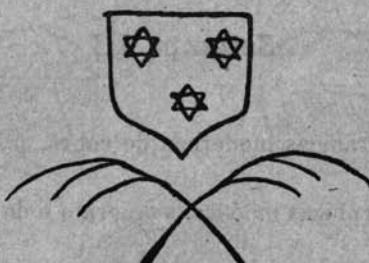


Fig. 20



Fig. 25

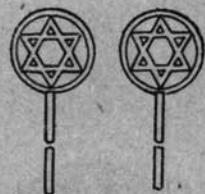


Fig. 22



Fig. 21



Fig. 26



Fig. 27

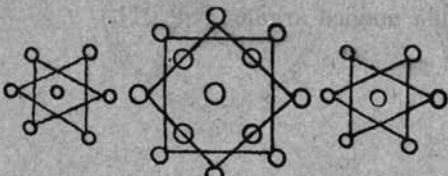


Fig. 24



Fig. 28



Fig. 29

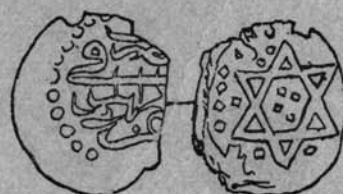


Fig. 30

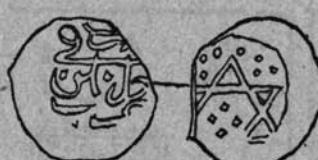


Fig. 31

### Estampa III

- 32-33. Moedas arabicas modernas de cobre, p. 209.
- 34 a 38. Moedas arabicas modernas de prata e de cobre, p. 209-210.
39. Disco de faiança antiga vindo do Egito, e ora no Museu Etnologico, p. 210.
40. Pedaço de barro dado como arabico, proveniente do Algarve, e ora no Museu Etnologico, p. 210.
41. Disco arabico, de Tunis, p. 210.
- 42-43. Discos de prata, da Libia, p. 210.
44. Emblema de um tambor magico de Tunis, p. 211. Cf. fig. 79.
45. Emblema magico argelino, p. 211.

## Estampa III

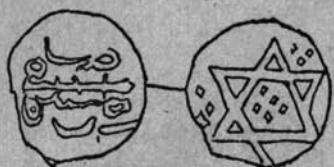


Fig. 32

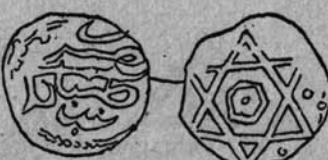


Fig. 33



Fig. 34



Fig. 39



Fig. 35



Fig. 36



Fig. 37



Fig. 38



Fig. 42

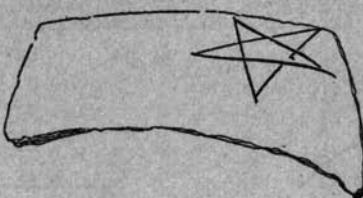


Fig. 40



Fig. 43



Fig. 44



Fig. 41

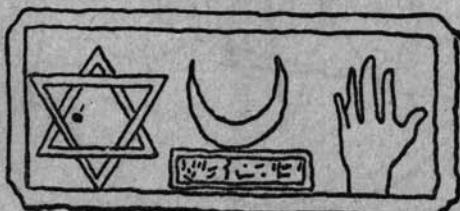


Fig. 45

**Estampa IV**

46. Tatuagem de Tunis, p. 211.
- 47-48. Amuletos de prata modernos do Egito, ora no Museu Etnologico, p. 211.
49. *Charm* da Nubia, p. 212.
50. Emblema indiano, p. 212.
- 51 a 53. Moedas de cobre, que suponho serem de Travancor, p. 213.
- 54-55. Moedas gaulesas, p. 213.
56. Moeda da Republica romana, p. 213.
57. Fragmento ceramico de Santa Olaia, p. 213.

## Estampa IV

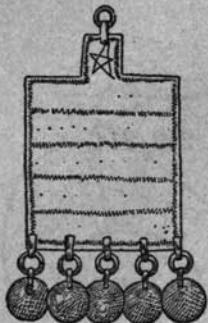


Fig. 47



Fig. 46



Fig. 48



Fig. 51



Fig. 52



Fig. 55



Fig. 49



Fig. 54



Fig. 53



Fig. 56

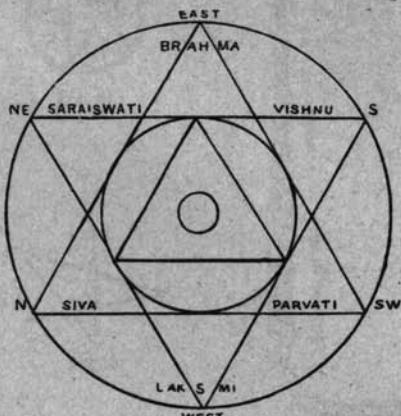


Fig. 50



Fig. 57

## Estampa V

- 58 e 59. Fragmentos ceramicos de Santa Olaia, p. 213-214.
- 60 e 62. Pedras gnosticas, p. 217.
63. Tabula lusoria romano-cristiana, p. 218.
64. De uma tegula prenestina, p. 218.
65. De uma tegula de Valmonte (Italia), p. 218.
66. De um caco romano de Fiesole, p. 218.
67. De um caco arretino de Numancia, p. 218.
68. Emblema de uma sepultura cristã, p. 219.
- (69. Vid. a estampa VI).
70. Inscrição trilingue de Tortosa, p. 219.

## Estampa V

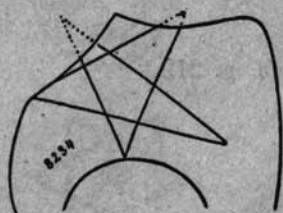


Fig. 58



Fig. 60

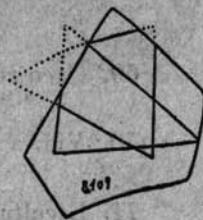


Fig. 59



Fig. 61

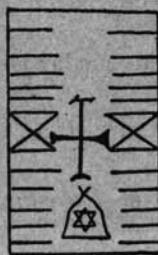


Fig. 63



Fig. 62



Fig. 65



Fig. 64



Fig. 66

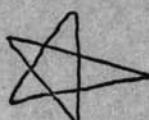


Fig. 67



Fig. 70



Fig. 68

**Estampa VI**

69. Caco romano ou visigotico de Alcobaça, p. 219.
- (70. Vid. a estampa V).
71. Escultura lombarda, p. 219.
- 72-73. Sinais de assinaturas de reis navarros, p. 220.
- 73 bis e 74. Sinais de notarios medievais estrangeiros, p. 220.
- 75 e 76. Moedas de Déols, p. 221.
- 77 e 78. Chapas medievais de Hespanha, p. 221.
79. Marca-de-agoa de um livro caragoçano do sec. xv, do Museu Etnologico, p. 222. Cf. fig. 44.

## Estampa VI



Fig. 75



Fig. 76



Fig. 72



Fig. 74

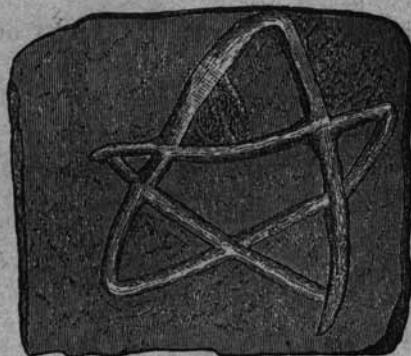


Fig. 69



Fig. 73



Fig. 71



Fig. 79

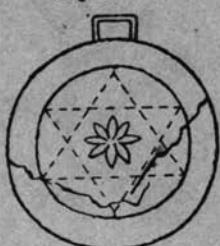


Fig. 78



Fig. 77



Fig. 73-bis

## Estampa VII

80. Carta de jogar hespanhola do sec. XVI, p. 222.
81. Azulejo de Cuenca, do sec. XVI, p. 222.
82. Simbolos magicos cretenses, do sec. XV ou XVI, p. 223.
83. Marca de um impressor do sec. XVI, p. 223.
84. Brinco desenhado em um ms. parisiense do sec. XVI, p. 224.  
Cf. fig. 224.
85. Medalhinha ou senha alemã do Brasil, p. 226.
86. Emblema de uma revista médica, p. 226.
87. Pentalfa austriaco, p. 226.
88. Thaler de chumbo do cantão de Argovia, p. 227.
89. Desenho magico de Wattenwil, p. 227.
90. Marca industrial dinamarquesa, p. 227.
91. Cimaruta, amuleto (Italia), pp. 228-229.

## Estampa VII



Fig. 86

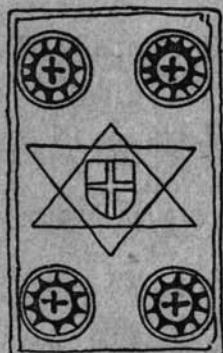


Fig. 80



Fig. 83



Fig. 87



Fig. 82

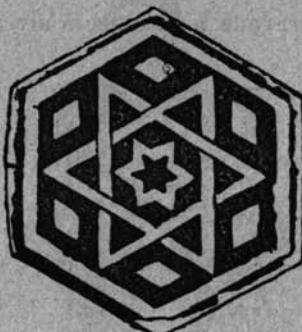


Fig. 81



Fig. 84

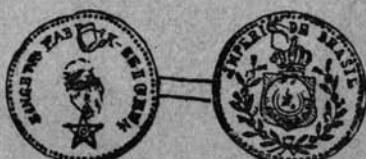


Fig. 85.



Fig. 90

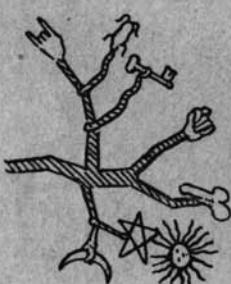


Fig. 91



Fig. 88

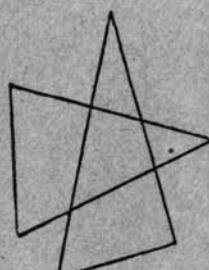


Fig. 89

## Estampa VIII

92. Medalha religiosa italiana, p. 229.
93. Ornato de um pratinho italiano, p. 229.
94. *Battoir à linge*, p. 229.
95. Padre ou santo bretão, p. 229.
96. Desenho gravado num objecto alvernense, p. 229.
97. Objecto de atavio, do Museu do Trocadero, p. 229.
- 98 a 104. Amuletos portugueses, p. 236.

## Estampa VIII



Fig. 94



Fig. 96



Fig. 92



Fig. 97



Fig. 103



Fig. 100



Fig. 95

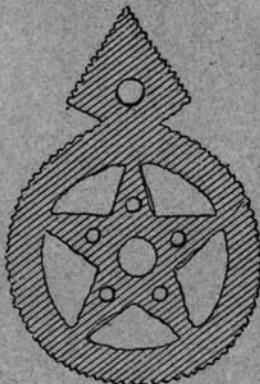


Fig. 99

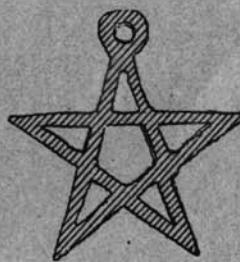


Fig. 98



Fig. 104



Fig. 101



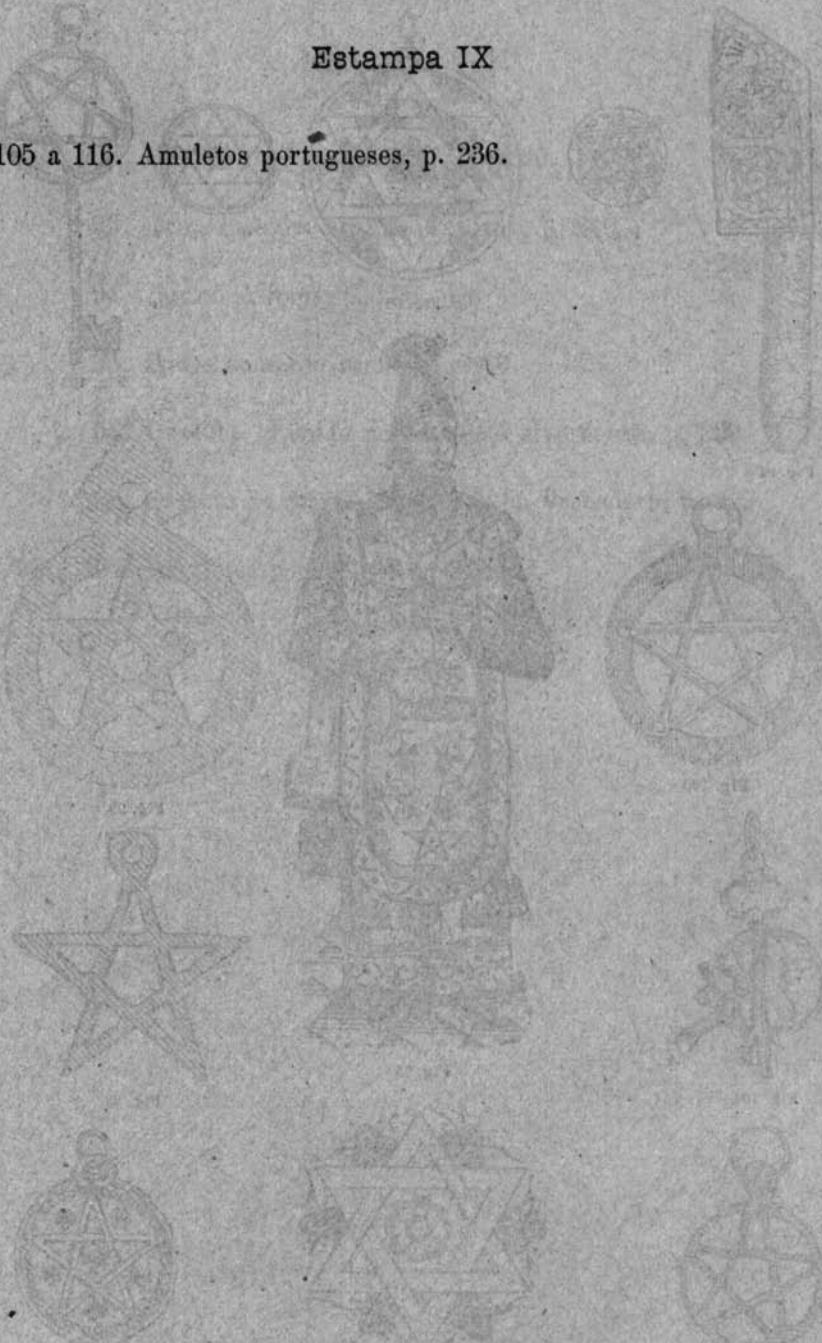
Fig. 93



Fig. 102

**Estampa IX**

105 a 116. Amuletos portugueses, p. 236.



## Estampa IX



Fig. 108



Fig. 105



Fig. 109



Fig. 106



Fig. 113



Fig. 107



Fig. 112



Fig. 114



Fig. 111



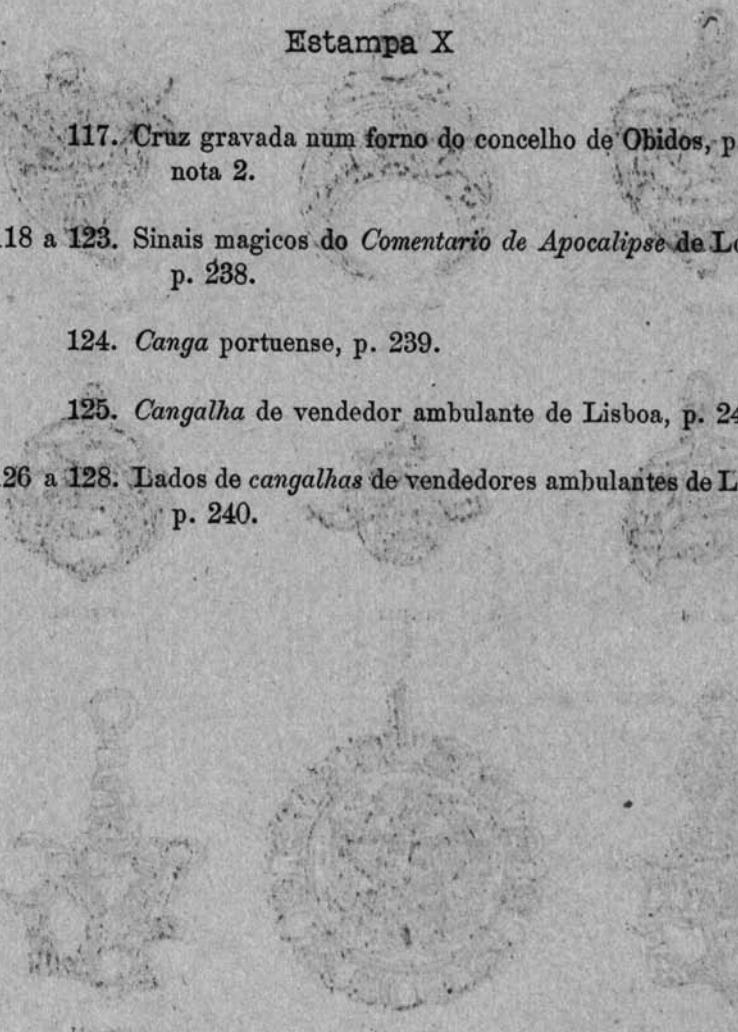
Fig. 116



Fig. 115

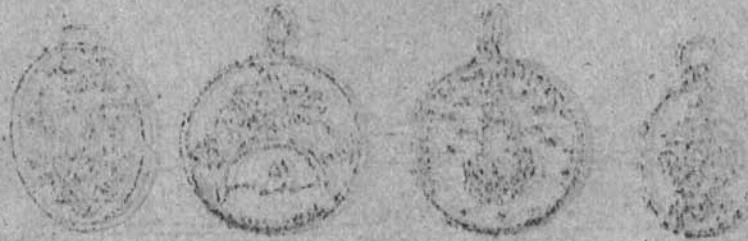


Fig. 110



## Estampa X

117. Cruz gravada num forno do concelho de Obidos, p. 238,  
nota 2.
- 118 a 123. Sinais magicos do *Comentario de Apocalipse* de Lorvão,  
p. 238.
124. *Canga* portuense, p. 239.
125. *Cangalha* de vendedor ambulante de Lisboa, p. 240.
- 126 a 128. Lados de *cangalhas* de vendedores ambulantes de Lisboa,  
p. 240.



## Estampa X

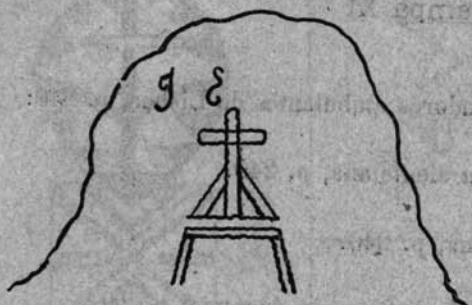
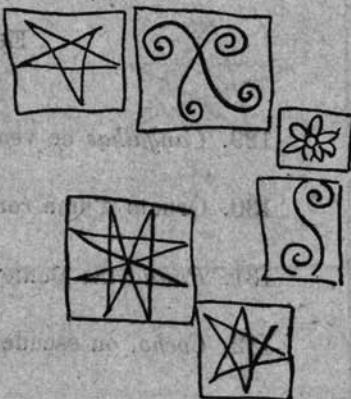


Fig. 117



Figs. 118 a 123

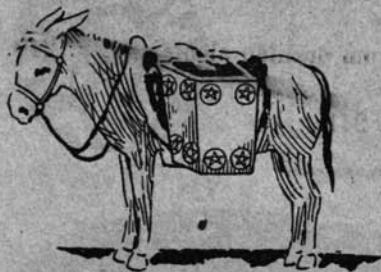


Fig. 125

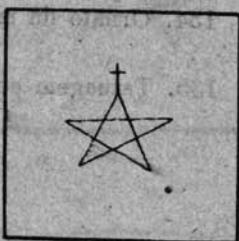


Fig. 126

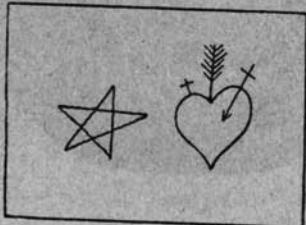


Fig. 127

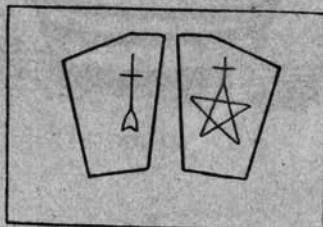
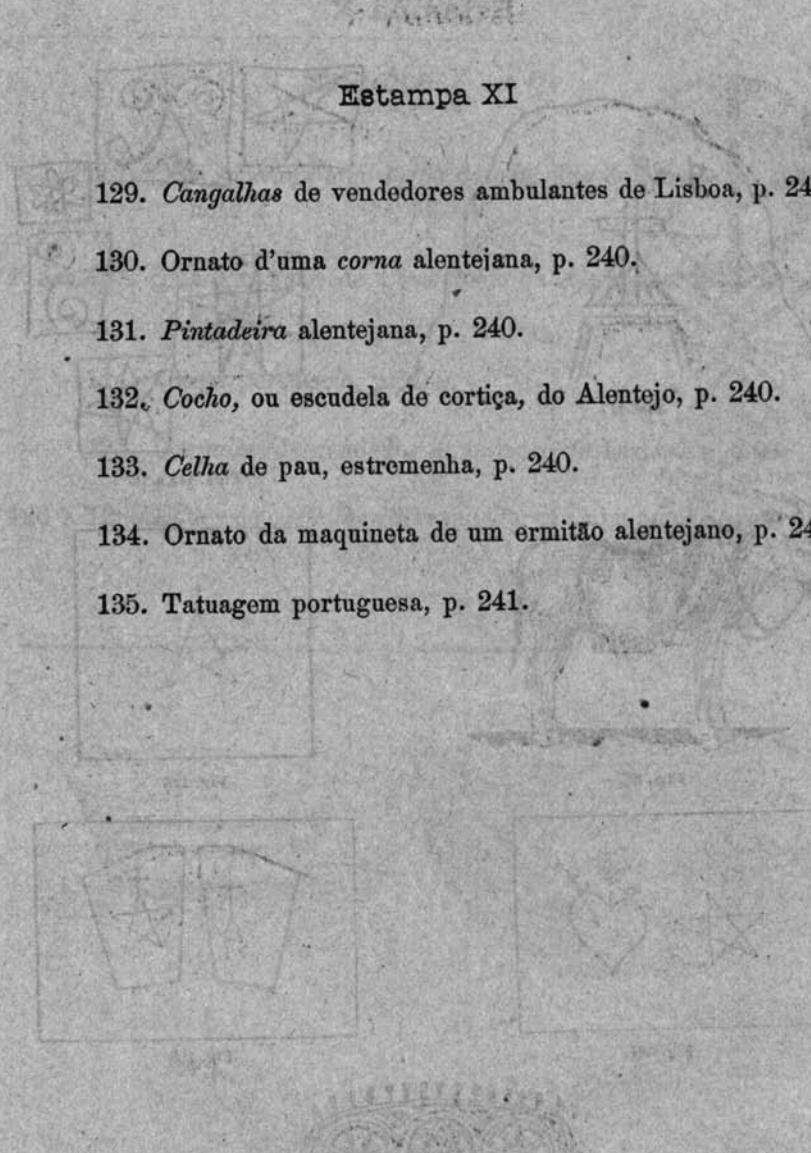


Fig. 128



Fig. 124

**Estampa XI**

- 
129. *Cangalhas* de vendedores ambulantes de Lisboa, p. 240.
  130. Ornato d'uma *corna* alentejana, p. 240.
  131. *Pintadeira* alentejana, p. 240.
  132. *Cocco*, ou escudela de cortiça, do Alentejo, p. 240.
  133. *Celha* de pau, estremenha, p. 240.
  134. Ornato da maquineta de um ermitão alentejano, p. 240.
  135. Tatuagem portuguesa, p. 241.

## Estampa XI



Fig. 131

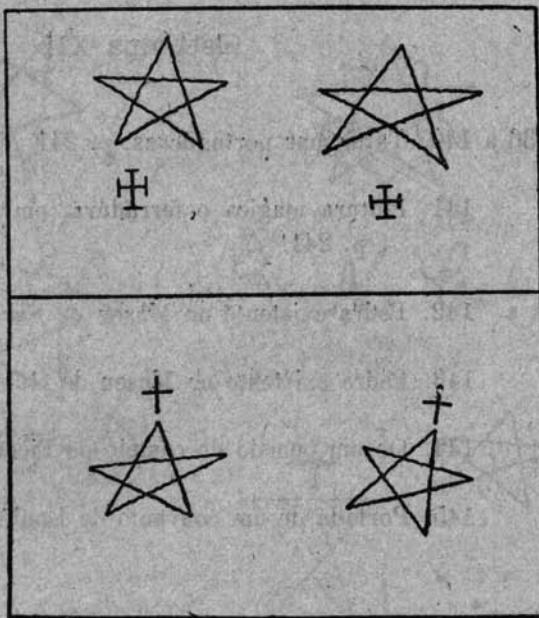


Fig. 129



Fig. 132



Fig. 133



Fig. 130

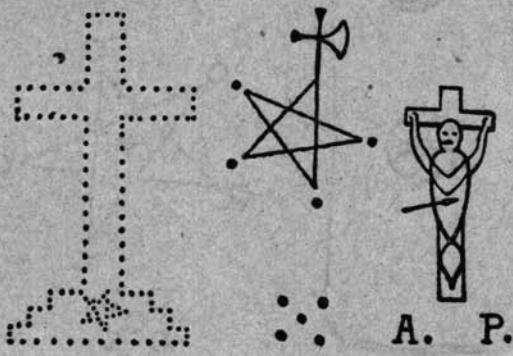


Fig. 134

A. P.

Fig. 135

**Estampa XII**

136 a 140. Tatuagens portuguesas, p. 241.

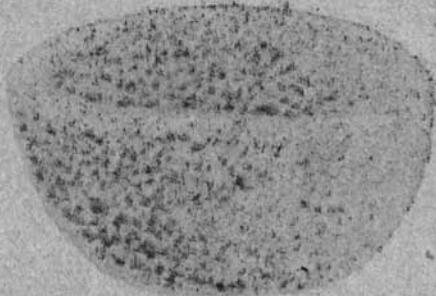
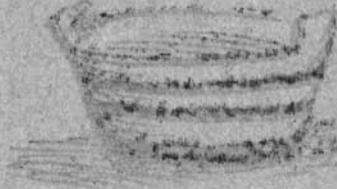
141. Pintura mágica e ferradura, em uma casa de Guifões,  
p. 241.

142. Pedra existente no Museu de Faro, p. 242.

143. Pedra existente no Museu de Guimarães, p. 242.

144. De um penedo do castelo de Piconha, p. 242.

145. Portada de um convento de Loulé, p. 243.



## Estampa XII

L.P. H.



1883

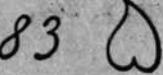


Fig. 136



R. N. C. Y.

Fig. 138

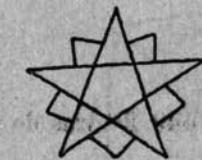


Fig. 141

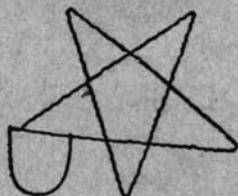


Fig. 144

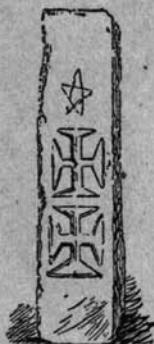


Fig. 142

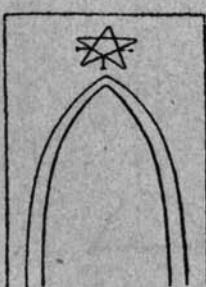


Fig. 145

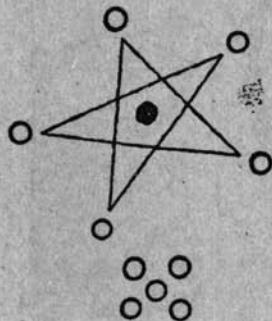


Fig. 140

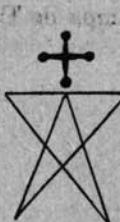


Fig. 139



Fig. 137

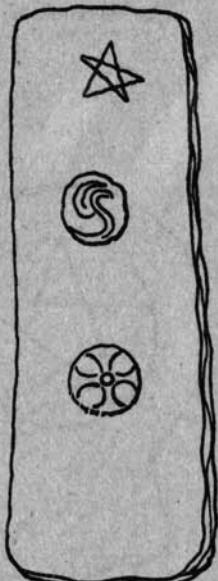


Fig. 143

**Estampa XIII**

- 146 a 149. Pedras de uma igreja e torre de Tomar, p. 243.
150. Pedra de uma igreja de Favaios, p. 243, nota 2.
- 151 a 156. Cabeceiras de sepulturas portuguesas, p. 243.
- (157 a 161. Vid. est. XIV).
162. Campa de Evora-Monte, p. 244.

## Estampa XIII

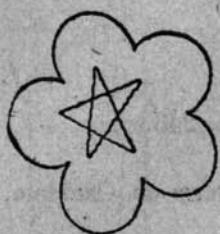


Fig. 147

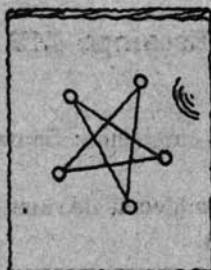


Fig. 146



Fig. 148



Fig. 149

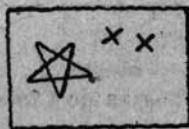


Fig. 150



Fig. 154



Fig. 153



Fig. 152



Fig. 151



Fig. 153



Fig. 155



Fig. 156

**Estampa XIV**

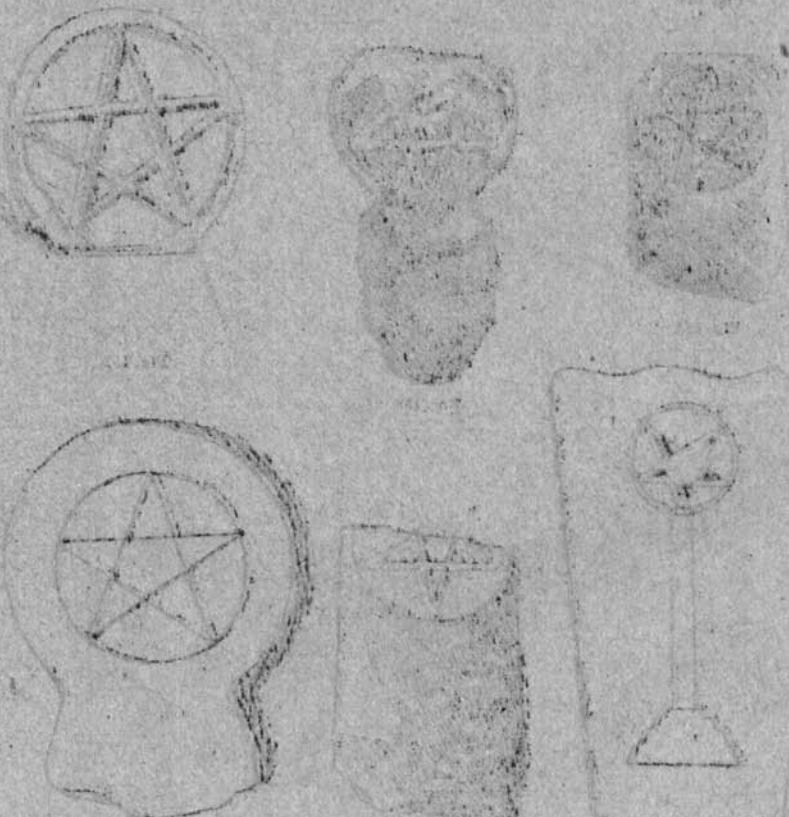
157 a 159. Campa e seus emblemas: Santarem, p. 243.

160. Inscrição e emblema de uma sepultura de Canidelo,  
p. 234-244.

161. Campa do concelho de Penalva do Castelo, p. 244.

(162. Vid. est. XIII).

163. Ornato de uma página do *Cancioneiro da Ajuda*, p. 244.



## Estampa XIV



Fig. 157



Fig. 158



CO~

DEFRPÍZ  
1560

Fig. 160



Fig. 161

Fig. 159

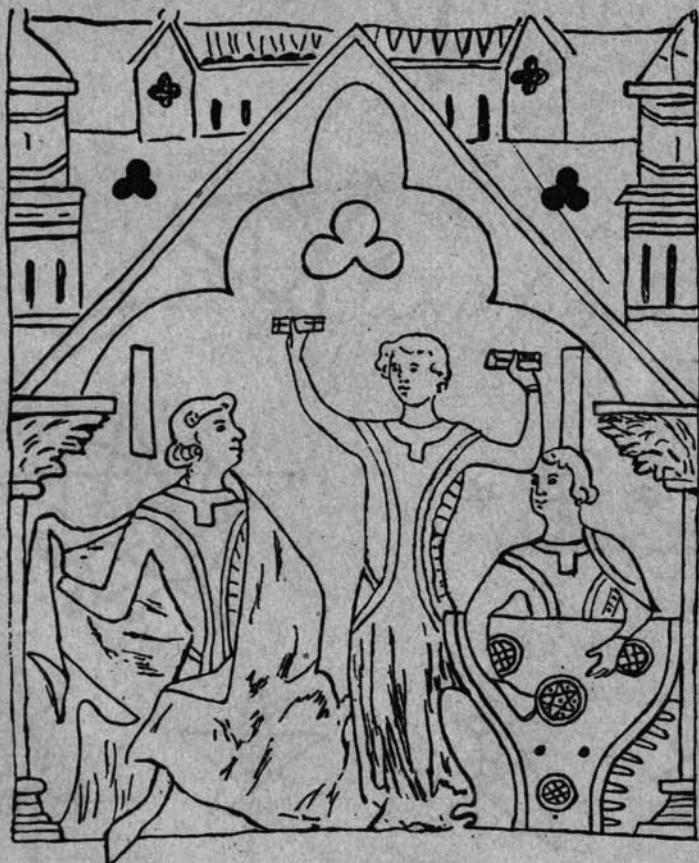


Fig. 163

## Estampa XV

164 a 168. De assinaturas portuguesas dos secs. XVI a XVIII, p. 245.

169 a 176. *Sinais públicos de tabeliões portugueses medievais*, pp. 245-246.



## Estampa XV



Fig. 172



Fig. 166



Fig. 164



Fig. 167



Fig. 170



Fig. 165

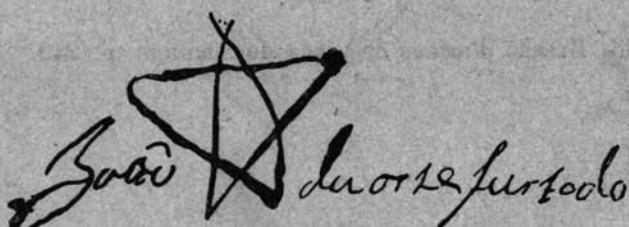


Fig. 168

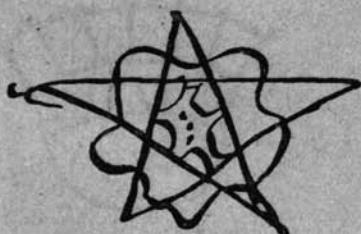


Fig. 171

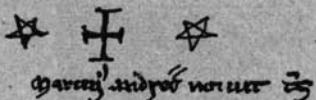


Fig. 169

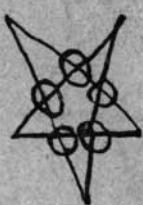


Fig. 175



Fig. 173



Fig. 174

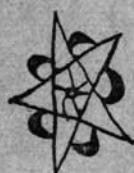


Fig. 176

## Estampa XVI

- 177 a 179. *Sinais publicos de tabeliaes portugueses medievais*, p. 246.
- 179 bis. *Sinal de um tabelião português do sec. xvi*, p. 246.
- 180-181. *Marcas figulinhas do Alentejo*, p. 247.
182. *Marcas de pescadores da Póvoa*, p. 247.
183. *Sinal de uma rede piscatoria de Almada*, p. 248.
184. *Marca de um doceiro lisbonense*, p. 248.
185. *Emblema de um ferro de marcar (Ribatejo)*, p. 248.
186. *Brasão d'armas de Viana do Alentejo*, p. 249.

## Estampa XVI

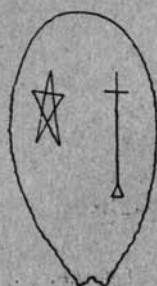


Fig. 183

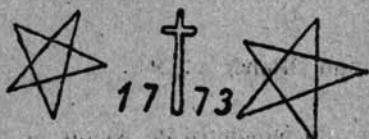


Fig. 180



Fig. 181



Fig. 177



Fig. 182



Fig. 178



Fig. 179

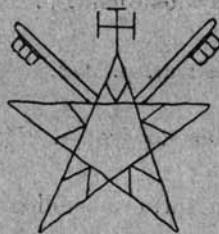


Fig. 179-bis

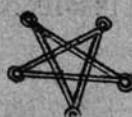


Fig. 181

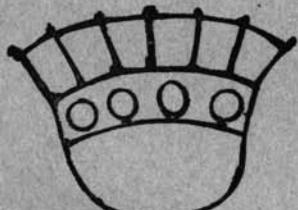


Fig. 185

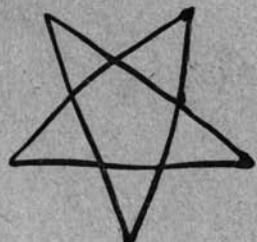


Fig. 186

**Estampa XVII**

187. Jogo antigo (Beira), p. 249.
188. Escultura do mosteiro de Alcobaça, pp. 250-251.
189. Pinturas de uma parede da matriz de Duas Igrejas, p. 251.
190. *Cornicho* (amuleto meridional), p. 251.
191. De uma *cangalha* lisbonense, p. 251.
192. Tatuagem portuguesa, p. 251.
193. De uma *corná* alentejana, p. 252.
- 194-195. Pintadeira (Lisboa), p. 252.
196. Marca de barco pôveiro, p. 252.
197. *Sinal* de um notario apostólico de Lisboa, p. 252.

## Estampa XVII

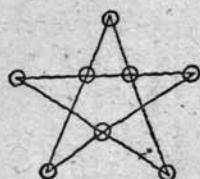


Fig. 187

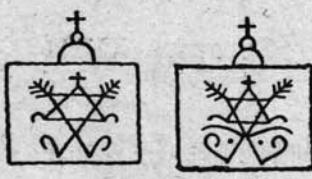


Fig. 189



Fig. 193



Fig. 190



Fig. 192



Fig. 188



Fig. 195



Fig. 191



Fig. 194



Fig. 196

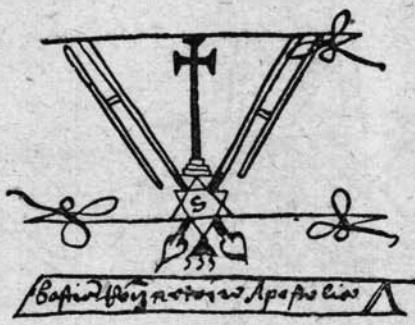


Fig. 197

**Estampa XVIII**

198. De umas luminarias (Lisboa), p. 252.
199. De uma assinatura portuguesa do sec. IX, p 255.
200. *Sinal publico* de tabelião português do sec. XIII, p. 255.
201. Marca de cantaria do mosteiro de Belem, p. 255.
202. Complemento teorico da fig. 201.
203. *Sinal publico* de um tabelião português do sec. XIX, p. 256.
- 204 a 207. Marcas figulinhas do Alentejo e da Estremadura, p. 256.
208. De uma *corna*, p. 256.
- 209-210. De tampas de *cornas*, p. 256.

## Estampa XVIII

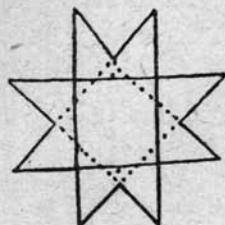


Fig. 202



Fig. 200

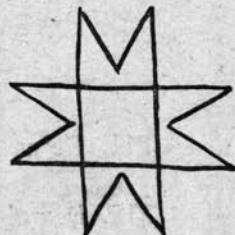


Fig. 201

*Entschrift von Uerloade  
Francisco Pessanha Nunes*

Fig. 203

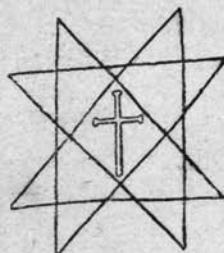


Fig. 206

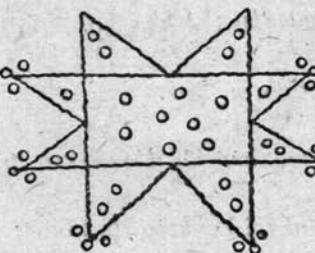


Fig. 207

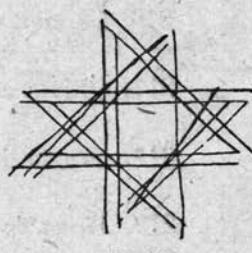


Fig. 209



Fig. 205



Fig. 199

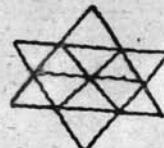


Fig. 198

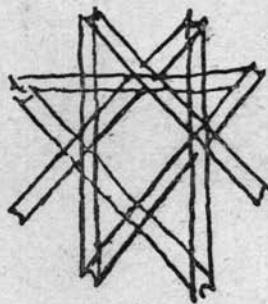


Fig. 204

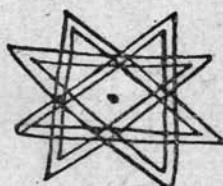


Fig. 208

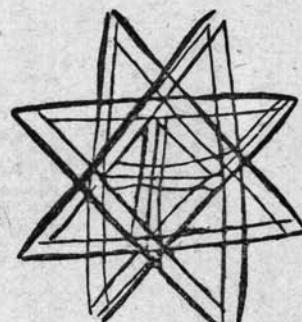


Fig. 210

## Estampa XIX

211. De uma tampa de *corna*, p. 256.
212. Desenho num prato moderno, p. 257.
- 212 bis. *Cossoiro* alentejano, p. 257.
213. Marca de um barqueiro da Póvoa, p. 257.
214. De uma *canga* de Montemór-o-Velho, p. 257, nota 2.
215. De uma *canga* da Figueira da Foz, p. 257, nota 2.
216. De uma *cangalha* (Lisboa), p. 257, nota 2.
217. Ornato açorico, p. 257.
218. Ornato de uma colcha micaelense, p. 257.
219. *Firma* de um rei navarro, p. 258.
220. Emblema magico das *Cantigas* de Afonso o Sábio, p. 258.
221. Moeda arabiga com o octalfa, p. 258-259.

## Estampa XIX

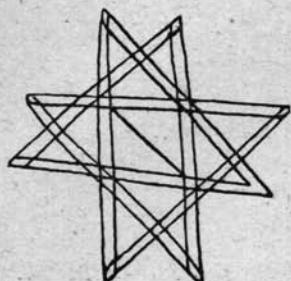


Fig. 211



Fig. 216

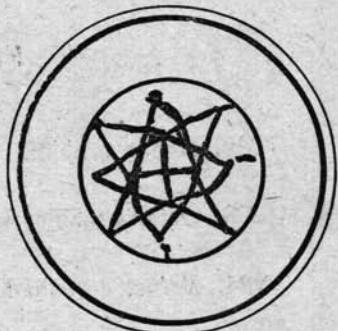


Fig. 212



Fig. 213



Fig. 212-bis

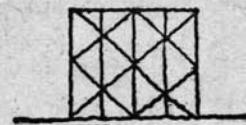


Fig. 214



Fig. 218



Fig. 215



Fig. 221



Fig. 219

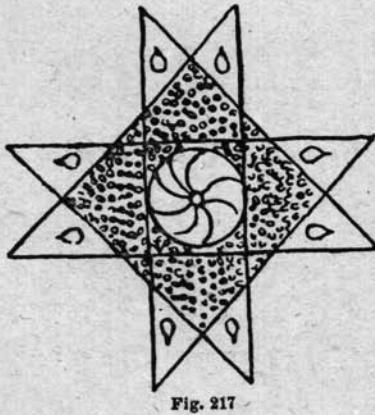


Fig. 217



Fig. 220

## Estampa XX

222. Moeda arabiga com o pentalfa, p. 258-259.
223. Octalfa magico indostanico, p. 259.
224. Brinco desenhado num ms. parisiense, p. 259. Cf. fig. 84.
225. Caco algarvio da epoca arabica, p. 259, nota 4.
- 226 a 229. Assinaturas de reis de Navarra e Aragão, p. 265.
- 230 a 232. *Sinais publicos* de tabeliães portugueses do sec. XIII,  
p. 265.
233. *Nodo di Salomone* (Italia) p. 265.
234. De uma *corna* alentejana, p. 265.

## Estampa XX



Fig. 223

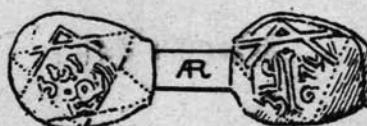


Fig. 222



Fig. 224

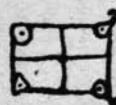


Fig. 226



Fig. 225



Fig. 228

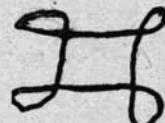


Fig. 227

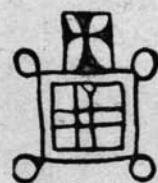


Fig. 230

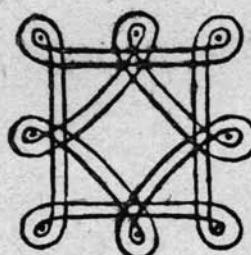


Fig. 234

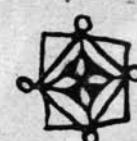


Fig. 232



Fig. 231

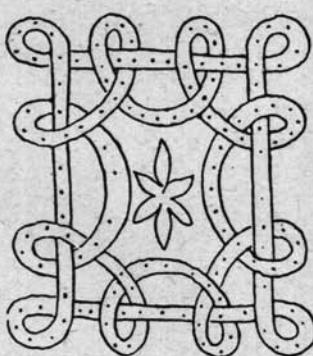


Fig. 233



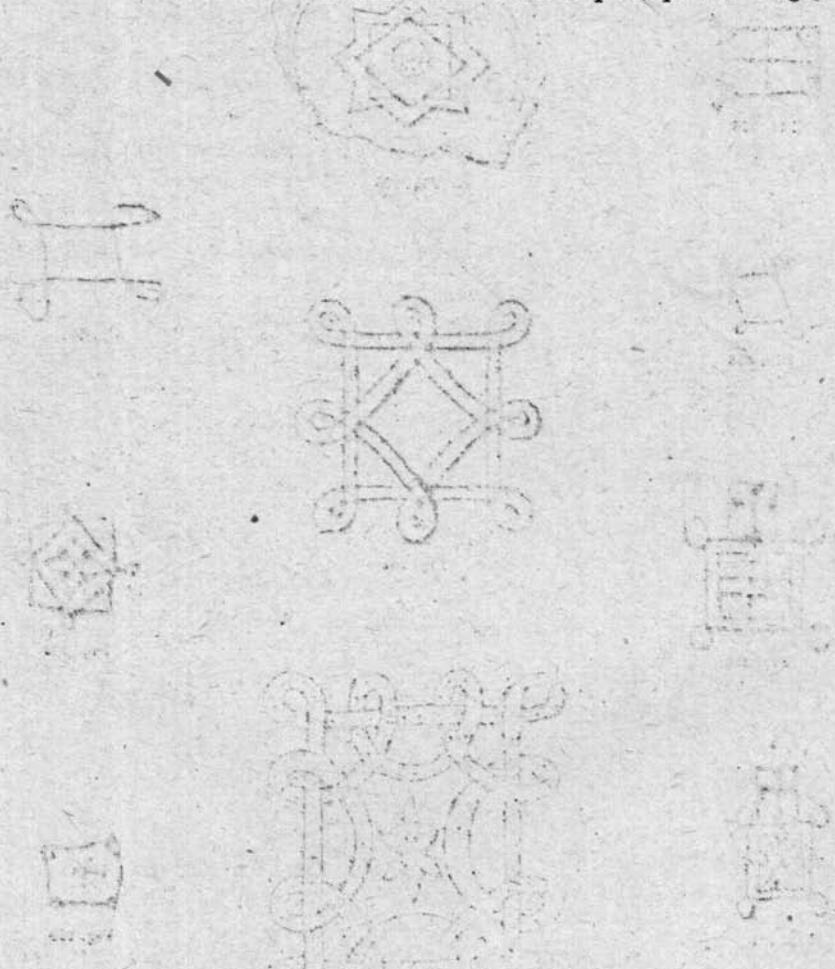
Fig. 229

## Estampa XXI

235-236. *Nodi (ou gruppi) di Salomone (Italia)*, p. 265.

237-238. Ornatos da Biblia hebraica da Biblioteca Nacional, p. 266,  
nota 1.

239. Moeda atribuida a D. Afonso Henriques, p. 267 e sgs.



## Estampa XXI

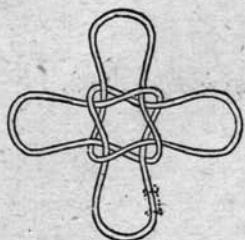


Fig. 235



Fig. 236

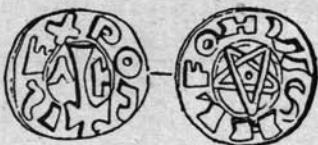


Fig. 239

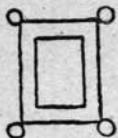


Fig. 238



Fig. 237

Estampa XXII

240. Frontispicio do *Livro de S. Cipriano*, p. 269.

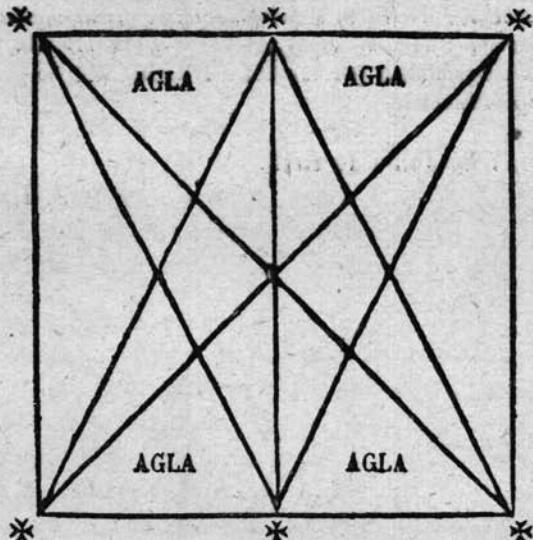


## Estampa XXII

**LIVRO DE S. CYPRIANO  
TIRADO D'UM MANUSCRITO**

*Feito pelo mesmo SANTO, que ensina a desencantar todos os encantos feitos pelos Mouros neste Reino de Portugal, e tambem indicando o lugar onde se encontrão.*

**MANDADO PUBLICAR POR  
PERRERA & SELVA.**



PORTO: TYPOGRAPHIA DE D. ANTONIO MOLDES,  
Largo da Batalha N.º 41.—1849.

Fig. 240

**Origem das gravuras**

As gravuras n.<sup>o</sup>s 28 a 33, 42, 43, 49, 95, 233, 235, 236 e 240 foram feitas das proprias obras a que se referem, enviadas para a Imprensa Nacional.

A gravura n.<sup>o</sup> 83 foi feita d'um decalque.

A gravura 41 foi feita do proprio bilhete; as gravuras n.<sup>o</sup>s 86, 90, 113, 184 foram feitas dos proprios anuncios; a gravura n.<sup>o</sup> 93 foi feita do proprio prato; a gravura n.<sup>o</sup> 203 foi feita do proprio documento: tudo isto enviado tambem para a Imprensa Nacional.

As gravuras n.<sup>o</sup>s 114, 132 & 190, 163 e 188 assentam em desenhos feitos respectivamente pelo S.<sup>res</sup> D.<sup>r</sup> Alfredo Bensaude, Gabriel Pereira (hoje falecido), Carlos Augusto Ferreira, e Maximiano Apolinario.

A gravura n.<sup>o</sup> 124 foi-me emprestada pelo S.<sup>r</sup> Julio Aillaud; e as gravuras n.<sup>o</sup>s 69, 161 e 179-bis pertencem ao Archeologo.

A gravura n.<sup>o</sup> 239 é tirada do meu opusculo intitulado *Numismatica Nacional*, enviado para a Imprensa.

Todas as restantes gravuras, salvo êrro, assentam em desenhos de Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico, feitos directamente dos proprios objectos (por exemplo: 34 a 36, 39, 47, 48, 85, 98 a 112, 115, 116, 125, 194-195, 212, 212-bis), de pergaminhos (por ex.: 164 a 179, 197, 200), de gravuras já impressas, ou de apontamentos.

Campolide, 7 de Julho de 1918.

J. L. DE V.

## Arqueologia trasmontana

### O Castro de Sacóias

O castro de Sacóias, concelho de Bragança, que tam abundante literatura arqueológica já conta<sup>1</sup>, acaba de exhibir-nos mais alguns documentos do seu passado. A seguinte lápide funerária (fig. 1), encontrada nesse castro, estava na povoação a servir de tapagem na parede dum lameiro de José Bernardino Vidal no sítio denominado À Cancela.

Lápide de granito fino.

Letras bem feitas como do primeiro século.

Comprimento da lápide.....	0 <sup>m</sup> ,44
Grossura.....	0 <sup>m</sup> ,12
Largura variável e na maior	0 <sup>m</sup> ,21
Corpo das letras.....	0 <sup>m</sup> ,05

Infelizmente só resta do monumento uma parte, a outra desapareceu por quebradura.

Na 1.<sup>a</sup> linha vê-se bem nítido um I e menos claro o X. Na 2.<sup>a</sup> a primeira letra parece ser a perna de um A, mas não se percebe bem, devido à quebradura; as restantes são claras e parece que a lápide não tinha mais carreiras de letras, devendo supor-se que só faltam as que desapareceram pela quebradura.

As letras estão gravadas num quadrilátero rebaixado na superfície da lápide. Por baixo do letreiro, em outro quadrilátero, há em relevo um quadrúpede, de que também a quebradura levou parte do corpo que, mal se vê, sugere logo a ideia de ser um porco. Assim o classifiquei logo, e assim o classificaram mais de vinte pessoas que assistiram ao exame, sem eu lhes comunicar a minha ideia.

Pelo quadrúpede pode a lápide aproximar-se doutras encontradas no distrito de Bragança, como a do Castelo de Oleiros da Bemposta (Mogadouro)<sup>2</sup>, a das ruínas de S. Mamede (Ar-

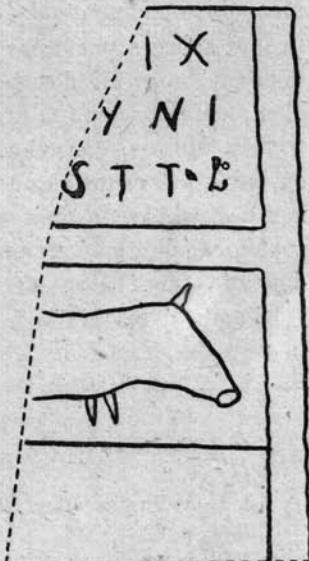


Fig. 1

<sup>1</sup> Vid. *O Arch. Port.*, XII, 259, onde ela se indica.

<sup>2</sup> *O Arch. Port.*, III, 73.

gozelo, concelho do Vimioso), na qual o quadrúpede é classificado de porco<sup>4</sup>, e a de Pinhovelo (Macedo de Cavaleiros), que também parece ser porco<sup>5</sup>.

Ao norte de Portugal e ainda em Espanha encontram-se, em tamanho natural, muitas figuras de porcos, símbolos dum preistórico culto ibérico, monumentos sepulcrais e talvez votivos alguns<sup>6</sup>. Assim temos: a Porca da Vila, em Bragança<sup>7</sup>; o Berrão do Adro, de Parada de Infanções<sup>8</sup>, que por sinal é fêmea, como se vê da vulva bem evidente, embora na localidade lhe dêem o nome de macho; a Porca de Failde (Bragança)<sup>9</sup>; a Berroa da Tôrre de Dona Chama<sup>10</sup>; os Berrões das Cabanas de Moncôrvo, eram sete; uma *vezeira* descoberta pelo erudito arqueólogo Abade José Augusto Tavares<sup>11</sup>; a Berroazinha da Acoreira (Moncorvo)<sup>12</sup>; a Mulher de Pedra, de Fornos (Freixo de Espada à Cinta)<sup>13</sup>; a Porca de Murça<sup>14</sup>.

A estes devemos aditar um outro que supomos inédito e encontrámos em San Vitero, já território espanhol, mas fronteiriço à região portuguesa de Miranda do Douro, numa excursão arqueológica que lá fizemos em Novembro de 1918, de que daremos conta. Nesta excursão encontrámos um miliário romano e uma lápide funerária, além do monumento de que estou falando; conserva-se ele pôsto a prumo sobre a parte posterior do corpo, à entrada do adro da igreja de San Vitero. É dos maiores que temos visto, e feito de granito. Tem *covinhas* como muitos outros, e 1<sup>m</sup>,30 de comprimento.

Em Mairos, concelho de Chaves, numa casa de João Aires, que eu habitei durante alguns anos que paroquiei essa freguesia, havia, metidos na parede, dois quadrúpedes; não é fácil a sua classificação zoológica, de carácter arqueológico, que vieram das ruínas romanas denominadas Tróia, sitas no termo da freguesia.

Também em Malhadas, concelho de Miranda do Douro, vi dois

<sup>1</sup> *O Arch. Port.*, vi, 97.

<sup>2</sup> *Id.*, xv, 2.

<sup>3</sup> J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, iii, 36 e 39, e 1, p. xxxviii.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 22.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>6</sup> *O Arch. Port.*, xv, 333.

<sup>7</sup> J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, iii, 20.

<sup>8</sup> *Ibid.*, p. 25.

<sup>9</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 613.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 16.

na casa do Raposo, numa excursão que fiz a essa região em 1910; não me souberam, porém, indicar a sua proveniência.

É grande pois o prestígio do porco como símbolo cultural.

O porco era insignia militar dos soldados espanhóis antigos de cavalaria, e ainda algumas moedas de Clúnia, do tempo dos romanos, têm por divisa um javali<sup>1</sup>. Na *Iliada*, canto xix, descreve Homero os ritos com que Agamemnon, general em chefe das hostes gregas, oferece a Júpiter um suíno em testemunho da sinceridade do seu juramento, e no canto xxiii, entra o cerdo nas honras funerárias tributadas pelo herói Aquiles a Pátroclio. De resto Homero freqüentes vezes recorre ao porco para suas comparações e exemplificações.

As expressões — é tam honrada como a Porca da Vila — [de Bragança] ou — é tam honrada como a Porca da Murça — são correntes em terras de Bragança para indicar mulheres de costumes fáceis e mesmo homens de pouca probidade, e como explicação do símile injurioso dizem que a essas duas Porcas caíu o rabo, de gasto à força de titilações sobre a vulva.

A matança (morte do porco) é celebrada entre cada família transmontana com grande entusiasmo — uma verdadeira festa!

O prologo diz:

Em chegando o S. Tomé [22 de Dezembro]  
Mata o porco e segura-o pelo pé:  
Se disser qué, qué,  
Dize-lhe que tempo já é.

É corrente, para indicar a precária situação de uma família o dizer-se: — É tam pobre que nem matou!

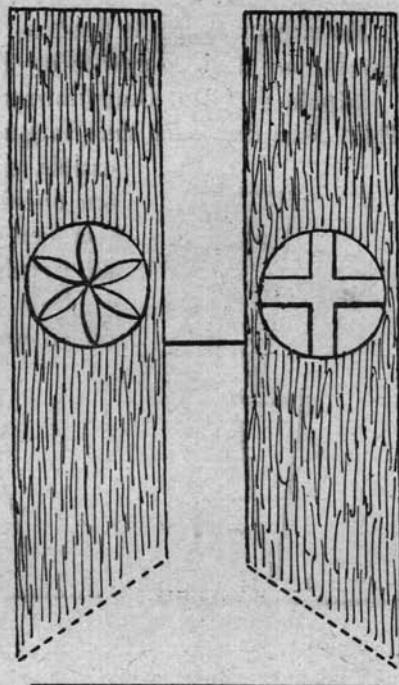


Fig. 2

<sup>1</sup> Florez, *Espanha Sagrada*, vii, 273.

De resto o porco é a base alimentícia do Trasmontano, juntamente com o centeio, o vinho e as batatas: é a sua caixa económica, pois todos os rebotalhos de cozinha lhe servem para os devolver em óptima carne. Lá diz o ditado: *das carnes, o carneiro; das aves, a perdiz e sobretudo a codorniz; mas se o porco voara não havia carne que lhe chegara.*

Do mesmo castro de Sacóias, veio a seguinte cabeceira de sepultura de que damos o gráfico n.º 2.

Lápide de xisto. Comprimento 0<sup>m</sup>,69. Largura 0<sup>m</sup>,23. Grossura 0<sup>m</sup>,17. Num dos lados mais largos tem, como se vê do gráfico, uma

estréla de seis raios em relevo dentro de um círculo rebaixado na lápide. No oposto tem uma cruz, também em relevo, dentro de um círculo igualmente rebaixado.

Num dos lados mais estreitos tem em relevo ornato, que se vê na fig. 3, sendo po-

rêm incisa a cruz que está dentro.

E no outro lado tem este em relevo (gráfico n.º 4).

Desapareceu por quebradura um canto no fundo da lápide e no




que ficou percebem-se ainda os restos de um sulco que parece haver sido ornato. No topo da parte superior abriram-lhe a meia grossura, — a meia madeira — como dizem os carpinteiros, um chanfro para adaptá-la a nova serventia.

Esta lápide é o primeiro documento que aparece a mostrar que à vida pagã no castro de Sacóias se seguiu a cristã, pois idênticos pelos emblemas crucíferos são conhecidos desde os primeiros séculos do cristianismo<sup>1</sup>.

Apareceu mais, perto do mesmo castro de Sacóias, um machadinho de fibrolite, idêntico, mas um pouco maior do que descrevemos nesta revista, vol. XII, p. 271, e outro de pedra, e no mesmo castro duas fibulas — uma de cobre de secção cilíndrica, outra, talvez de bronze, coberta de bela pátina e de secção angular — bem como al-

<sup>1</sup> O Arch. Port., XIX, 334.

gumas moedas romanas do tempo do império. As duas fibulas são de tipo idêntico ao das figs. 2 e 3 d-*O Arch. Port.*, x, 106, mas estão completas.

Baçal, Março de 1919.

P.<sup>o</sup> FRANCISCO MANUEL ALVES.

### Uma fórmula mágica

Ha alguns anos adquiri para o Museu Etnológico Português, do espolio do falecido numismata D.<sup>or</sup> Isidoro Ferreira Pinto, uma curiosa medalhinha de prata, que vai representada de tamanho natural na fig. 1 e 1-A (anverso e reverso), segundo desenhos de Saavedra Machado: no anverso lê-se: *sator* || *arepo* || *tenet* || *ope-*  
|| *rotas* || ; e no reverso vê-se o emblema da Inquisição, isto é, uma cruz errecta no monte-Calvario, entre uma oliveira, á direita d'ela, e uma espada, á esquerda, com a ponta para o ar. A medalha tem duas argolas de suspensão, uma fixa, e outra movele. Será trabalho do sec. XVII, ou ainda do XVI.

Os dizeres do anverso acham-se tambem traçados, dentro de um quadrado, num manuscrito do sec. XVII, pertencente á nossa Biblioteca Nacional, cod. 589 (marcação moderna), fls. 52 v: vid. fig. 2. A subscrição do quadrado assinala perfeitamente a particularidade da leitura.

Quem está familiarizado com as fórmulas mágicas, sabe que esta é bastante conhecida, e que foi já várias vezes publicada e estudada. Entre nós mesmos a temos, por exemplo, no *Almanach da Beira*, Viseu 1872, p. 119 (sem explicação alguma, e apenas com tradução *ad libitum*); num artigo que dei a lume em 1885, e reproduzi nos *Ensaios Ethnographicos*, III, 174; numa tatuagem de um individuo da Figueira da Foz, publicada num opusculo de Rocha Peixoto, *A tatuagem*, Porto 1892, p. 27; e noutro artigo meu, na *Revista Lusitana*, VI, 244, d'onde consta que ela é eficaz contra a acção das Bruxas, quando recitada á direita e ás avessas. De fóra do nosso país, ocorrem-me as seguintes circunstâncias, entre outras: a fórmula é boa contra as dôres de dentes, proferida cinco vezes (Zurich)<sup>1</sup>



Fig. 1

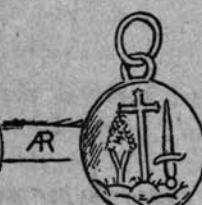


Fig. 1-A

<sup>1</sup> Archives Suisses des trad. pop. II, 259.

contra ladrões, pronunciada e escrita (Haute-Gruyère)<sup>1</sup>; contra influências diabolicas, trazida em um papel (Tirol)<sup>2</sup>. Ha além d'isso alusão a ela na *Romania*, xxxiii, 245 (manuscrito da Biblioteca de Reims), e referem-se-lhe, em especial, artigos de R. Köhler<sup>3</sup>, e de R. Mowat<sup>4</sup>. Num dos volumes das *Archives Suisses*, xxi, 50 (artigo de W. Hopf) mencionam-se certos trabalhos, que não pude consultar:

S	A	T	O	R
A	R	E	P	O
T	E	N	E	T
O	P	E	R	A
R	O	T	A	S

*Começando por qualquer parte se lê o mesmo Sator (Argo Tene opera Rotas.)*

Fig. 2

*Estes versos se diz fez o Diabo, e sílos  
as avezas ficão comu os dírcitas:  
Signate signe te, me tangue e angue  
Roma nibi subito, mórbibus ibit amor.*

Fig. 3

de Seyfarth, *Sachsen*, p. 163-168; e nos *Hessische Blätter f. Volksk.*, xiii (1914), 154-183.

A importancia mágica da fórmula provém-lhe da aludida particularidade da leitura, pois que por qualquer lado que se comece, se lê sempre alguma das cinco palavras que a constituem, o que aos olhos dos credulos se afigurou como cousa misteriosa e cabalistica. Várias têm sido as explicações dadas d'estas palavras. A mais recente, e

<sup>1</sup> *Archives Suisses des trad. pop.*, xii, 122.

<sup>2</sup> *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, ix, 374.

<sup>3</sup> *Kleinere Schriften*, iii, 546-572.

<sup>4</sup> *Le plus ancien carré de mots*, Paris 1905 (separata dos *Mémoires de la Soc. des Antiquaires*, t. LXIV).

que parece definitiva, é a que as deduz de certo preceito monacal assim concebido:

SAT ORARE POTENTER  
ET OPERARE RATIO TUA sit,

no qual se escolheram e coordenaram as letras que pus em versaletes<sup>1</sup>.

Outras fórmulas análogas existem do mesmo carácter, e até no manuscrito da Biblioteca de Lisboa onde esta, como vimos, também se encontra, há uns versos que copio na fig. 3, os quais a pessoa que os escreveu pôs ao pé d'ela, consciente da analogia. Os versos são do tipo que os Romanos chamavam recorrentes ou retrogrados: cf. Mowat e Heim, *locis citatis*.

\*

Do carácter originariamente literário da fórmula devemos concluir, pelo que nos pertence, que ela veio por via erudita para Portugal, onde em verdade não pode dizer-se que a mesma seja corrente, apesar da enumeração de documentos que acima fiz.

J. L. DE V.

### O engenheiro Manuel da Maia e a Torre do Tombo

(Continuação d-O Arch. Port., xxii, 285)

Na ditta barraca se conservou o Real Archivo por espaço de hum anno, e dez mezes, aonde desde logo se principiou a dar expedição ás partes, que em grande numero concorrião; mas vendo o Guarda Mór, que o lugar não era acomodado para a existencia do Real Archivo, nem tinha capacidade para nelle se fazerem as separações das diferentes matérias, que comprehende, além do perigo das chuvas, e *retilia terrae*, tratou de procurar parte em que houvesse as acomodações que para o tal Archivo se fazião precizas, e lembrando-se de hum quarto alto comprehendido no Mosteiro de S. Bento da Saude, chamado dos Bispos, em que ao tal tempo habitava o Ex.<sup>mo</sup> Bispo da Ilha, que estava próximo a retirar-se para o seu Bispado; e outro quarto baixo, que ocupava hum Commendador, por servir de hospedarias, deu conta a S. Mag.<sup>de</sup> verbalmente do seu projecto, pela Secretaria de Estado, de que resultou ser chamado o Dom Abbade á ditta Secretaria, aonde se lhe intimou em 22 de Julho de 1757,

<sup>1</sup> Heim, *Incantamenta magica Graeca Latina*, § 177 (p. 530).

que não dispozesse couza alguma dos dittos doux quartos, nem da caza que servia de Celeiro, fronteira á Portaria do mesmo Convento, sem se examinar se poderião servir, huns para habitação do Real Archivo, e outra para a Aula da Academia Militar.

Em 4. de Agosto de 1757. foi o Guarda Mór, acompanhado por algumas pessoas assim da Torre do Tombo, como da Academia Militar, vêr os dittos edificios, e achou com aprovação de todos, ser huma e outra couza conveniente para o Real serviço, porque os quartos destinados para o Real Archivo tinhão grande capacidade para nelle se formarem as accommodaçoens convenientes para o seu bom uso, e tambem com boas seguranças de paredes, e abobedas, sem que houvesse receyo de que agoa, nem fogo lhe podessem fazer prejuizo, terem boa luz, e serem abundantes de cazas para a divisão das matérias, e laboratorio dos seus Officiaes, como se vê da Planta (n.º 1). E a caza para a Academia Militar, se assentou ser a melhor que emthé aquelle tempo tivera; pelo que pareceo se devia lançar mão de huma, e outra couza, sem receyo de que haja arrependimento: e de todo o referido deu logo conta o Guarda Mor pela Secretaria de Estado, na forma seguinte<sup>1</sup>:

As copias das attestaçoens que forão juntas a esta conta, são as seguintes<sup>2</sup>:

Em virtude da Conta, e Certidoens acima copiadas manda S. Mag.<sup>º</sup> passar em 19. de Agosto de 1757. hum Artigo para o ajuste dos alugueres, e mudança do Real Archivo, o qual he da forma seguinte<sup>3</sup>:

E porque o Abbade do Mosteiro de S. Bento, não quiz declarar preço ás dittas cazas, se procedeo a avaliação dellas, pelos seis Avaliadores, e Medidores das Obras Reaes, que lotarão os doux pavimentos do quarto escolhido para Archivo, com todas as suas pertenças, em 480\$ reis, e a Caza para a Academia Militar, em 120\$ reis, de que passarão a seguinte certidão<sup>4</sup>:

A qual certidão sendo remettida a S. Mag.<sup>º</sup> mandou o mesmo Senhor no dia 20. de Agosto de 1757. passar hum Decreto para o Concelho da Fazenda pagar no Convento os dittos 480\$. reis em cada hum anno, emquanto o Real Archivo existisse nos dittos quartos, o qual se entregou ao Abbade do ditto Mosteiro, para haver de

---

<sup>1</sup> Vai publicado sob o n.º xxix.

<sup>2</sup> Vão publicadas sob os n.ºs xxiv, xxv, xxvii e xxviii.

<sup>3</sup> Vai publicado sob o n.º xxx.

<sup>4</sup> Vai publicado sob o n.º xxvi.

tratar do seu pagamento; e consta do Livro 9. do Registo do Archivo fl. 177 v.<sup>o</sup> ser o seguinte<sup>1</sup>:

E quanto aos 1205 reis de renda da caza da Academia Militar, manda S. Mag.<sup>de</sup> dar providencia pela Junta dos Tres-Estados. E toda a despeza que depois se fez nas obras, e mais preparos da ditta caza da Academia Militar, que importou 616\$555. reis, se satisfez pelo dinheiro applicado para os gastos do Real Archivo, como se mostra das contas, certidão dos Avaliadores Regios, planta da mesma caza, que tudo se acha junto a esta noticia debaixo do n.<sup>o</sup> 2 (Roes da despeza certidão dos Avaliadores, e planta da Academia Militar, e Oração que na apertura della se recitou), o que se executou em virtude do Avizo seguinte<sup>2</sup>:

Nos dias vinte e seis, e vinte e sete do mez de Agosto de mil setecentos cincoenta, e sete, se trasladou o Real Archivo da Praça de Armas do Castelo de S. Jorge para a nova habitação, comprehendida no edificio do Mosteiro de S. Bento, destinada para sua existencia, aonde logo se principiarão a fazer separações dos documentos que se achavão em dezordem, e dar expedição ás partes, que em grande numero concorrião a procurar certidões, para o que foi preciso alterar-se a Ordem de assistencia, que antigamente se observava: pois tendo os assistentes do Archivo obrigação de rezidirem somente tres tardes em cada semana, que era nas segundas, quartas, e sextas, depois da mudança do Archivo os obrigou o Guarda Mór<sup>3</sup> a que viessem todos os dias de manhã, e tarde por espaço de mais de tres annos; e só depois que se viu dezembaraçado o Real Archivo permitio que assistissem sómente todas as manhãs, concedendo-lhe para descanso os dias feriados, como se pratica em outros Tribunais, o que se ficou observando sem que por essa cauza houvesse alteração nos ordenados.

Tambem se deu principio a muitas obras de Pedreiro, e Carpinteiro proprias, e precizas para o bom uso, e accommodação do Real Archivo satisfazendo-se todos os gastos feitos na ditta Torre desde o Terremoto athé o dia quinze de Outubro de mil setecentos cincoenta e sete, com o dinheiro procedido da venda das madeiras, e destroços da antiga Torre do Tombo, e barraca que depois occupou, que forão seis centos, trinta mil, trezentos, e trinta reis, como consta dos roes da receita, e despeza juntos a esta relação n.<sup>o</sup> 3: E a representação do Guarda

<sup>1</sup> Está publicado no n.<sup>o</sup> xxxi, com a data de 28 de Agosto.

<sup>2</sup> Vai sob o n.<sup>o</sup> xxxii.

<sup>3</sup> Vide Liv. 9. do Registo a fl. 332.

Mór, faculdade de S. Mag.<sup>º</sup> para a ditta venda, e a forma em que a ella se procedeo forão as seguintes<sup>1</sup>.

Achando-se extinto até o sobreditto dia quinze de Outubro de 1757. todo o dinheiro procedido da venda das madeiras, e necessitando o Real Archivo de outras muito custosas obras, pois ainda que o edificio tinha as boas qualidades, como não fora criado para Archivo precisava de se fecharem portas, e abrirem-se outras para tudo ficar clauzurado debaixo de huma só entrada, e fazerem-se no interior delle communicaoens do quarto alto, para o baixo, e tambem armarios competentes para a separação das varias materias, que comprehende o formal do ditto Archivo, para o que não havia consignação recorreu o Guarda Mór em 5. de Outubro de 1757. a S. Mag.<sup>º</sup> com a reprezentação seguinte, para que se dignasse dar nesta materia a providencia que fosse servido<sup>2</sup>.

Á qual reprezentação deferio S. Mag.<sup>º</sup> com hum Decreto para que o Tezoureiro da Caza da Moeda entregasse ao Ajudante Pedro Gualter da Fonceca 480\$. reis cada mez, por tempo de seis, com vencimento do 1.<sup>º</sup> de Outubro de 1757., Como se vê da presente copia<sup>3</sup>.

Com o dinheiro do Decreto assima mencionado se pagaroão as despezas feitas no Real Archivo, e na Caza da Academia Militar desde 15. de Outubro de 1757., até o mez de Junho de 1758. Vendo porem o Guarda Mór que era precizo para a decente accommodação do Real Archivo continuarem-se as obras, e se tinha extinto o dinheiro do referido Decreto, deu conta a S. Mag.<sup>º</sup> pela Secretaria do Estado, para que fosse servido conceder-lhe segundo, e semilhante Decreto, como se vê da representação seguinte<sup>4</sup>.

A esta reprezentação se deferio com 2.<sup>º</sup> Decreto da forma seguinte<sup>5</sup>.

Com o producto deste 2.<sup>º</sup> Decreto se suprio ao pagamento das obras até o principio de Junho de 1759. em que o Guarda Mór expoz terceira vez a precizão que havia de se conceder 3.<sup>º</sup> Decreto, para o que fez pela secretaria de Estado dos Negocios do Reyno a reprezentação seguinte<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XVII e XVIII.

<sup>2</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XXXIII.

<sup>3</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XXXIV.

<sup>4</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XLII.

<sup>5</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XLII.

<sup>6</sup> Não se imprime.

Seguiu-se a esta reprezentação 3.<sup>º</sup> Decreto de Teor seguinte<sup>1</sup>.

Com o dinheiro deste 3.<sup>º</sup> Decreto se proseguirão as obras do Real Archivo desde o ditto mez de Junho de 1759, até 24 de Dezembro de 1762, e toda a importancia dos referidos tres Decretos, que foi oito contos seis centos, e quarenta mil reis se empregarão desde 15. de Outubro de 1757, até 24. de Dezembro de 1762, nas obras seguintes.

Em vinte duas grades de ferro que se achão nas janellas dos dous pavimentos do ditto Archivo, as quaes em caso de mudança (não as querendo os Padres pagar) se tirarão para a Fazenda Real, ficando somente ao Mosteiro cinco grades pequenas que já havia, quatro do pavimento baixo que ficão ao lado direito da entrada do Archivo, e huma na caza do poço.

De vinte e seis caxilhos, e vidraças que se achão no Archivo, pertencem vinte, com tres redes de arame á Fazenda Real, e as seis ao Convento, que são cinco no pavimento de cima para a parte do Clautro, e huma no pavimento baixo, que he a quinta á parte direita da entrada principal do mesmo Archivo.

Em varias obras de Pedreiro, como forão concertos, rebocos, e branqueamento de vinte e cinco caças, devizoenas de outras, abertura de tres portas, e tapume de cinco, concertos de ladrilhos lageado de huma caza no pavimento mais baixo, em que se abriu hum poço para a livrar da occupacão da agoa que se entrouzia nella, que não somente a fazia innutil, mas por não ter sahida poderia ser prejudical á saude dos Assistentes do Archivo, e boa conservação delle, sendo a ditta caza de bom uso para o Livreiro por ter chaminé, e ser separada do Recondito do Archivo, onde sem perigo delle pôde com dezembaraço exercitar o seu officio.

No calçada do Pateo do Archivo, factura de huma caza dividida em duas para commuas, e abertura de huma porta com sua escada de pedra do ditto pateo para o Adro, que dá serventia aos Sentinellas, que o Guarda Mór pedio para defensa do Real Archivo, e se lhe concederão oito soldados, e hum Sargento, que estariam á sua ordem, para os quaes requereo, pela Junta dos Tres Estados, azeite, e Lenha como se vê da reprezentação seguinte<sup>2</sup>.

Á qual representação se deferio com a Ordem seguinte<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Vai sob o n.<sup>º</sup> XLVI.

<sup>2</sup> Vai adiante sob o n.<sup>º</sup> XXXVI.

<sup>3</sup> Vai adiante sob o n.<sup>º</sup> XXXVII.

Mas vendo o Guarda Mór que não era bastante a providencia com que se assistia aos soldados, de cuja falta resultavão varios danos prejudiciais assim ao Real Archivo, como á sua vezinhança, desejando evitar todos os inconvenientes, recorreu segunda vez a S. Mag.<sup>e</sup> pela Junta dos Tres Estados, com a petição seguinte<sup>1</sup>.

Do qual requerimento resultou o passar-se pela Junta dos Tres Estados a seguinte Ordem<sup>2</sup>.

Despendeu-se tambem em obras de Carpinteiro, Sarralheiro, e Pintor, que forão, duas portas de madeira do Brazil pintadas a olio na sala vaga, huma principal com sua fechadura, e ferragem, e outra fronteira para entrar no interior do Archivo, tres meyas portas de madeira de pinho pintadas, para defender varias entradas. Duas escadas de madeira para communicação do quarto alto para o baixo. O assoalhado de uma caza sobre o Ladrilho, para assistencia do Guarda Mór, e Escrivão. Seis estrados de pinho para os assentos de tres janellas. Huma tarima, e gorita para os soldados da Guarda do Archivo, e outras obras meudas do officio de Carpinteiro.

Em cincoenta armarios de boa madeira do Brazil, pintados a olio com filetes, e ferragens douradas, que se fabricarão de novo para se recolherem os livros das Chancellarias dos Senhores Reys deste Reyno, pois dos que havia no antigo Archivo, não escapou no Terremoto mais do que hum, incapaz de ter uzo.

Mais treze Armarios de madeira de pinho pintados a olio com suas ferragens para guarda dos Indices, Provízioens, e outros uzos. Huma Comoda de pinho em forma de meza, pintada, que serve ao Porteiro.

Vinte e cinco mezas de pinho, quatorze dellas pintadas de verde, e onze por pintar. Vinte e nove bancos de pinho dezanove pintados de verde, e dez por pintar. Dezoito estantes de boa madeira do Brazil, para os Livros de toda a grandeza.

Em cento e dezassete covodos de panno encarnado para cubertura de treze grandes mezas, para os Escritores, e dous reposteiros com seus preparos para a entrada das portas.

Hum Relogio de parede de horas e minutos para governo do Archivo. Huma garrisda, e duas campainhas de meza para chamar.

Tambem se fez consideravel despesa na encadernação dos Livros das Chancellarias, assim antigas como modernas: as primeiras desde o S.<sup>r</sup> Rey D. Affonso Henriques té o S.<sup>r</sup> Rey D. João 3.<sup>o</sup> inclusive:

---

<sup>1</sup> Vai adiante sob o n.<sup>o</sup> xxxviii.

<sup>2</sup> Vai adiante sob o n.<sup>o</sup> xxxix.

e as segundas modernas desde o S.<sup>or</sup> Rey D. Sebastiam, até o S.<sup>or</sup> Rey D. João 5.<sup>o</sup>, tambem inclusive; que constão todas, de mil, e dous grandes volumes, dos quaes foy precizo encadernarem-se de novo quinhentos e vinte e cinco, que ficarão totalmente destruidos no Terremoto, por ser a sua encadernação antiga em taboa e muitos delles com cantoneiras de bronze, que foy a cauza da sua fatal ruina; e os quatro centos setenta e sete se renovarão do prejuizo que tambem receberão, ficando todos uniformemente encadernados da nova forma, que descobrio o Guarda Mór, em pastas de papelão grosso com coberturas de panno pintado a olio, que he rezistente a toda a especie de traça, corrupção, agoa, e humidades, ficando recolhidos todos os novos armarios, accomodado cada Livro separadamente para sua maior conservação.

E os couros, taboas, e latoens dos Livros que se encadernaram de novo, e lhe tinhão cauzado o mayor estrago os repartio o Guarda Mór pelo Porteiro, e dous Guarda Livros em virtude da faculdade Regia, que lhe foy concedida em carta, que entre outras couzas de segredo continha hum Capitulo que se acha registado no Livro 11. do Registo do Real Archivo a fl. 12 e he da forma seguinte:

«Tambem Sua Mag.<sup>o</sup> houve por bem que V. Ex.<sup>a</sup> possa repartir ao seu arbitrio pelos Officiais os fragmentos de latoens, taboas, e couros, que resultarão da reforma dos livros antigos».

Não foy menor o gasto que se fez com o grande numero de Escritores, que chegou ao de dezanove, alem dos officiaes da Reforma, para a formação de huma Concordancia Alfabetica dos cento qua renta, e quatro Livros de que se compoem a Chancellaria do S.<sup>or</sup> Rey D. João 5.<sup>o</sup>, de que se chegarão a formar onze grandes volumes, que ainda nessesitão de revista, correcção, e serem encadernados; e hum de Indice de outros dez Livros do Registo do Real Archivo, que se achão no Armario 30. das Chancellarias modernas, alem de muitos inventarios de documentos avulços pertencentes a gavetas, e armarios; e se dar comprimento ao grande numero de copias para o serviço particular de S. Mag.<sup>o</sup>, que por Avizos das Secretarias de Estado, Dezembargo do Paço, Junta dos Tres Estados, Conselho da Fazenda e Meza da Consciencia se mandarão extrair com toda a brevidade. E aos Escritores, que se chamarão de fora, se satisfez a razão de cem reis cada huma hora que trabalhavão, que ordinariamente erão tres, entrando no Inverno ás nove, e sahindo ao meyo dia, e no Verão ás oito, e sahindo ás onze, e quando não assistião as tres horas completas, se lhe descontava pro rata todo o tempo que cada um faltava.

Como tambem se fez despeza na separação de huma grande caza de papeis avulsos, que se dezanexarão com a queda dos maços a que estavão unidos e se misturarão, e confundirão com outros de diferente qualidades, que em algum tempo se tinhão reputado por inuteis, dos quaes muitos a esta nova diligencia deverão alcançar estimação por se lhe conheeer o prestimo; mas como ainda depois de conhecido se não poderião aproveitar delle por não aparecerem quando os procurassem, lhe intentou o Guarda Mór (fundando em que todos os documentos que ali se achão tem credito ratione Loci) dar huma nova forma com que os mesmos documentos servissem de Indice de si mesmo, dividindos-os em maços pela ordem Chronologica dos tempos, e Reynados, Ligando-os com taes numeros que se não possa separar algum sem que se conheça a sua falta: e em caso de se misturarem, ou confundirem se possão com facilidade repôr em o lugar, e maço a que pertencerem.

Fez-se tambem a despeza de muito papel de diferentes qualidades, pennas, tinta, papeloens, e nastros para maços e suas ligaduras e em outras muitas miudezas precizas, e pertencentes ás dittas obras.

Todos os referidos gastos se satisfazerão e pagarão desde o dia 15. de Outubro de 1757., thê 24. de Dezembro de 1762. com a importancia dos oito contos seis centos e quarenta mil reis, procedidos dos tres Decretos acima mencionados: e tambem com cento vinte e tres mil noventa e quatro reis que se havião recebido do Procurador do Mosteiro de S. Bento em satisfação de algumas obras feitas em utilidade do seu Mosteiro que forão avaliadas na sobreditta quantia pelos seis avaliadores Regios, de que passarão a certidão seguinte<sup>1</sup>.

A somma das duas parcelas acima relatadas, huma de oito contos seis centos e quarenta mil reis proveniente dos tres Decretos, e outra de cento vinte e tres mil noventa e quatro reis, que entregou o Procurador dos Religiozos de S. Bento que juntas ambas fazem a quantia de 8:763\$094 reis, despendeo o Capitão Pedro Gualter da Fonceca, que as tinha recebido á ordem do Guarda Mór Manoel da Maya, como consta com evidencia dos duzentos sessenta e douz roes originaes, que vão juntos a esta noticia debaixo de numero 4<sup>2</sup>: onde se poderão ver, e da certidão de ajuste de contas que se deu ao ditto Capitão Pedro Gualter da Fonceca, Recebedor que fora do ditto dinheiro, feita pelo Tenente Coronel Philippe Rodrigues de Oliveira, Lente da

---

<sup>1</sup> Vai sob o n.<sup>o</sup> xt.

<sup>2</sup> N.<sup>o</sup> 4 Roes originaes das despezas do Real Archivo.

Academia Militar, Medidor, e Avaliador das obras Reaes, a quem o Guarda Mór deu a incumbencia de tomar as dittas contas, a qual certidão se acha registada no Liv. 11. do registo deste Real Archivo a folha 131., e he da forma seguinte<sup>1</sup>.

Com a referida Certidão se houverão por ajustadas as contas de toda a receita, e despeza de oito contos sete centos sessenta e tres mil noventa e quatro reis que fez o Capitão Pedro Gualter da Foncoca com a qual se houve por quite, e Livre de toda a importancia de seu recebimento; e esta Noticia pertencente as dittas contas por acabada, a qual comprehende todas as memorias respectivas ao Real Archivo da Torre do Tombo desde o Terremoto do 1.<sup>º</sup> de Novembro de 1755. té 24. de Dezembro de 1762.— *Manoel da Maya.*

E porque poderá cauzar reparo a quem Ler esta Noticia, denominarse o Guarda Mór em humas partes com o titulo de Mestre de Campo General, e em outras posteriores com o de Tenente General, se adverte, que tendo o mesmo Guarda Mór a especialissima, e honroza Patente de Mestre de Campo General, foy Sua Mag.<sup>º</sup> servido por occasião da guerra proxima abolir geralmente o ditto Posto, ordenando que todos os que o tivessem se intitulassem dali em diante Tenentes Generaes, por cujo motivo se fez esta mudança como tudo se vê das copias da Patente, e Decreto de Sua Mag.<sup>º</sup>, que são as seguintes<sup>2</sup>.

Decreto sobre a denominação que devem ter os Generaes<sup>3</sup>.

## LVIII

30 de Janeiro de 1762

Em huma Carta do Conde de Oeyras secretario de Estado dos Negocios do Reyno escrita ao Guarda mor da Torre do Tombo Manoel da Maya em 15 de Outubro de 1760 entre outras couzas que nella se conthem se acha hum Capitulo do theor seguinte:

Tambem S. Mag.<sup>º</sup> houve por bem que V. Ex.<sup>a</sup> possa repartir ao seu arbitrio pelos officiaes os fragmentos de Latões e tabões, taboas e couros que rezultarão da reforma dos Livros antigos.

Os quaes Officiaes de mesmo ordenado são o Porteiro e os dous Guarda Livros que aquí assinarão como os receberão. Lisboa 30 de

<sup>1</sup> Vai sob o n.<sup>o</sup>. **XXXI**.

<sup>2</sup> Vai sob o n.<sup>o</sup> **x.**

<sup>3</sup> Vai sob o n.<sup>o</sup> **xv.**

Janeiro de 1762. A. Euzebio Manuel da Sylva—O Porteiro Romão Francisco—O Guarda João Francisco Saude—O Guarda Joseph da Motta.

Vendeo-se o Latão por .....	24\$150
Venderão os couros e taboas por.....	<u>2\$850</u>
Soma....	<u>27\$000</u>

Importa tudo vinte e sete mil reis,— *Sylva*<sup>4</sup>.

## LIX

### 10 de Fevereiro de 1763

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Conde de Oeyras. Em virtude do terceiro Decreto de 23 de Junho de 1750 para o Thezoureiro da Caza da Moeda Bernardo dos Santos Nogueira entregar por tempo de seis mezes em principio do 1.<sup>º</sup> de Julho do mesmo ano ao Ajudante Pedro Gualter da Fonseca 480\$000 reis cada mez entregando-se logo a importancia do primeiro mez no seu principio para os despender á ordem do Mestre de Campo General Manoel da Maya Guarda Mor da Torre do Tombo nas obras de renovação do Real Archivo, se cobrou do dito Thezoureiro o determinado no dito Decreto, que teve fim no ultimo de Dezembro de 1759, e porque com o restante do dinheiro que cobro daquelles ditos seis mezes se continuarão as obras do Real Archivo nos tres annos seguintes desde o primeiro de Janeiro de 1760 té 24 de Dezembro de 1762; e para a sua continuaçao se necessita de outro semelhante Decreto por se achar dispendida a importancia dos antecedentes, como consta das memoriss, e roes que se achão conservados no Real Archivo no Armario segundo dos Indices proximamente ao Corpo das Provizões, onde se poderão ver e observar em todo o tempo as contas de todos os Decretos, pertencentes ás obras da Torre do Tombo, como tambem constão da Certidão junta do Tenente Coronel Filipe Rodrigues de Oliveira Lente da Academia Militar, e medidor e Avaliador das Obras Reaes aquem o mesmo Guarda mor encarregou a tomar a dita conta: os quaes 480\$000 reis em conta hum dos ditos seis mezes se poderão entregar a Romão Francisco Porteiro do Real Archivo da Torre do Tombo para nella se guardarem em cofre de tres diferentes chaves, de que terá huma o Guarda mor, outra o Escrivão, e a terceira o mesmo Porteiro, que os despenderá á ordem do Guarda Mor, por se achar

<sup>4</sup> Registo do Real Archivo, liv. 11, fl. 12.

hoje com mais promptidão para este exercicio de que o dito Ajudante (hoje Capitão) Pedro Gualter da Fonseca. O que faço prezente a V. Ex.<sup>a</sup> para que assim como V. Ex.<sup>a</sup> tem exercitada para com o Real Archivo a sua efficaz alteração, desde o seu fatal destroço a queira continuar té o seu manifesto complemento. Deus guarde a V. Ex.<sup>a</sup> pelos dilatados annos da nossa esperança. Lisboa 10 de Fevereiro de 1763. De V. Ex.<sup>a</sup> Humilimo Criado.—Manoel da Maya<sup>1</sup>.

## LX

29 de Março de 1763

O Inspector Geral do meu Real Erario ordene ao Thezoureiro mor delle, entregue a Manoel da Maya Tenente General dos meus Exercitos e Guarda Mor do Real Archivo da Torre do Tombo, ou à pessoa por elle constituida para esta cobrança a quantia de 480\$000 reis cada mez, por tempo de seis mezes, com o vencimento do 1.<sup>º</sup> de Abril proximo futuro, para se continuarem as obras do mesmo Real Archivo. E com seu conhecimento de recibo, ou de seu bastante procurador serão levadas em despeza ao referido Thezoureiro mor as quantias que nesta conformidade lhe entregar por este Decreto somente, não obstante quaesquer Leys, regimentos, ou disposições em contrario. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 26 de março de 1763—Com a rubrica de S. Mag.<sup>º</sup>.—Cumpra-se e registesse. Lisboa 29 de Março de 1763—Registado a folhas 191 v<sup>2</sup>.

## LXI

22 de Junho de 1763

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras—Reprezenta a V. Ex.<sup>a</sup> o Tenente General Manoel da Maya como Guarda Mór da Torre do Tombo, que concedendo-lhe-se para defeza do Real Archivo huma guarda de doze soldados e hum sargento, se ordenou pela Junta dos Tres Estados ao Vedor Geral lhe fizesse assistir o azeite, e lénha que he costume dar-se fazendo-se aquella despeza de qualquer dinheiro, ainda que não fosse das Fortificações, e não parecendo bastantes as forças que se lhe applicou se obteve segundo despacho do mesmo Tribunal para se lhe dar cento e vinte reis para

<sup>1</sup> Registo do Real Archivo, liv. 11, fl. 134.<sup>2</sup> Registo do Real Archivo liv. 11 fl. 134 v.

lenha e azeite como tudo consta da certidão junta; os quaes despachos tiverão a sua devida execução, recebendo o Porteiro do Real Archivo Romão Francisco aquelle estipendio para a dita assistencia té o ultimo de Junho de 1762. E porque desde o dito tempo se lhe não têm satisfeito, não obstante ter o mesmo Porteiro continuado té o presente a dar o mesmo azeite, e Lenha expoem a V. Ex.<sup>a</sup> que o Thezoureiro das Fortificaçõens donde sahio este dinheiro o não paga com o fundamento de ter hido para o Real Erario o rendimento que a ellas pertencião; e requerendo ao Thezoureiro da caixa militar, responde, que sem ordem de V. Ex.<sup>a</sup> que attendendo a ser o referido Porteiro pessoa, que não pode supportar este encargo sem pronto pagamento lhe de a providencia necessaria. Lisboa 22 de Junho de 1764. Manoel da Maya<sup>4</sup>.

## LXII

22 de Julho de 1764

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Oeyras.—Em virtude do quarto Decreto de 26 de Março de 1763, porque se ordenou ao Thezoureiro mor do Real Erario que entregasse a quantia de 4805000 reis cada mez por tempo de seis mezes, com o vencimento do 1.<sup>º</sup> de Abril, para se continuarem as obras do Real Archivo da Torre do Tombo, cobrou o Porteiro deste Real Archivo Romão Francisco, com procuração minha, do referido Thezoureiro o determinado no dito Decreto, que teve fim no mez de Setembro de 1763, e porque com o restante do dinheiro, que cobrò daquelles seis mezes, se tem continuado as obras athé o prezente, e para a sua continuaçao se necessita de outro similhante Decreto, por se achar despendida a importancia do antecedente, como consta dos memoriaes e roes, que se achão conservados no Real Archivo no Armario segundo dos Indices, proximamente no corpo das Provizões, onde se poderão ver, e observar em todo o tempo as contas de todos os decretos pertencentes as obras da Torre do Tombo; como tambem consta da Certidão junta de Eusebio Manoel da Silva Escrivão do mesmo Real Archivo, a quem encarreguei tomasse a conta ao referido Porteiro; O que faço prezente a Vossa Excellencia, para que assim como V. Ex.<sup>a</sup> tem exercitado para com o Real Archivo, e a sua efficaz attenção, desde o seu fatal destrôço, a queira continuar té o seu manifesto complemento.

---

<sup>4</sup> Registo do Real Archivo liv. 11 fl. 226 a.

Deos guarde a V. Excellencia pelos dilatados annos da nossa esperança. Lisboa 22 de Julho de 1764.—De Vossa Excellencia humilissimo Criado—Manoel da Maya<sup>1</sup>.

## LXIII

27 de Julho de 1764

O Inspector Geral do meu Real Erario ordene ao Thezoureiro mor delle entregue a Manoel da Maya Tenente General dos meus Exercitos e Guarda mor do Real Archivo da Torre de Tombo, ou a pessoa por elle constituida para esta cobrança a quantia de 480\$000 reis cada mez por tempo de seis mezes, com o vencimento do 1.<sup>º</sup> de Agosto proximo futuro para se continuarem as obras do mesmo Real Archivo: e com seu conhecimento de recibo, ou de seu bastante procurador serão levadas em despeza ao referido Thezoureiro mor as quantias que nesta conformidade lhe entregar por este Decreto somente, não obstante quaesquer Leys, Regimentos, ou dispozições em contrario. Palacio de Nossa Senhora da Ajuda a 27 de Julho de 1764.—Com a rubrica de S. Magestade—Cumpra-se e registe-se. Lisboa a 20 de Agosto de 1764—Com a rubrica do Inspector Geral—Registado a fl. 161 v<sup>2</sup>.

## LXIV

1764

Indice do Corpo Chronologico dividido em tres partes formadas de 82\$902 documentos, que comprehendem desde a Era de 1161, té o anno de 1699. Guardados em 525 Maços, junto às Chancellarias principiando no Armario 15 Colun. 2.<sup>a</sup> recluzão 13; acabando no Armario 20 colun. 3.<sup>a</sup> recluzão 9; No qual se procurarão os Documentos pelas Datas e Eras, em que forão feitos, e elle ensinará os Maços, em que se poderão achar os Documentos pertendidos, e os mais daquelle tempo: Advertido, que em cada huma das tres pastas deste Corpo ha Documentos do mesmo anno, e que no primeiro Maço se acha a noticia, e Exposição da dita obra. Feito sendo guarda mor Manoel da Maya, E Escrivão Eusebio da Silva. No anno de 1764.

<sup>1</sup> Registo do Real Archivo, liv. 11, fl. 196.<sup>2</sup> Registo do Real Archivo livro 11, fl. 195 v. vide a reprezentação de 22 de Julho de 1764.

## LXV

1765

Volume I do Indice dos Documentos, que se guardavão nas xx. gavetas antigas deste Real Archivo da Torre do Tombo da Letra A té a Letra L. Nas quaes gavetas dentro de 195 Maços se conservão 5274 Documentos, que contem Tratados de Pazes, Demarcaçōens destes Reynos, Bens dos Proprios, e Ordens com outras muitas estimaveis noticias, distribuidos na forma, que na Lista ao diante se declara. Feito sendo Guarda Mor Manoel da Maya e Escrivão Euzebio Manoel da Silva. Anno de 1765<sup>1</sup>.

## LXVI

28 de Janeiro de 1765

Entregue V. m.<sup>cc</sup> a Romão Francisco Porteiro do Real Archivo da Torre do Tombo o que importar, e se lhe deve até o ultimo de Dezembro do anno proximo passado em conformidade da conta junta do Guarda Mor da mesma Torre da Lenha, e azeite, com que tem assistido para a guarda dos doze soldados, e hum sargento, que se poem todos os dias para defensa do mesmo Real Archivo, e continuará V. M. daqui em diante o dito pagamento de tres em tres mezes. Deus guarde a V. m.<sup>cc</sup> Paço em 28 de Janeiro de 1765—Conde de Oeyras—Senhor Antonio Lopes Durão<sup>2</sup>.

## LXVII

1765

Indice dos xv. Livros das Ementas que contem as Moradias, e Foros dos Criados, e Fidalgos da Casa Real, e algumas outras merces, que fizerão os Senhores Reys destes Reynos desde o anno de 1526. té o de 1656: Admitindo, que desde o anno de 1527, em que acabou o primeiro Livro té o de 1568, em que principiou o segundo, se não achão neste Real Archivo Livros de Emmentas destes 42 annos. Parte I. Da Letra A. té H. Feitos sendo Guarda Mor Manoel da Maya e Escrivão Euzebio Manoel da Silva. No anno de 1765<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Indices do Archivo da Torre do Tombo, n.<sup>o</sup> 237.<sup>2</sup> Registo do Real Archivo, liv. 11, fl. 227.<sup>3</sup> Indices do Archivo da Torre do Tombo, n.<sup>o</sup> 239.

## LXVIII

12 de Agosto de 1766

Ill.<sup>mo</sup> e Ex<sup>mo</sup> Snr.—Em consequencia do Avizo que Vossa Excellencia me dirigio em oito do corrente mez foy Sua Magestade servido mandar expedir o Decreto incluzo para Vossa Excellencia receber no Real Erario quatro centos e outenta mil reis em cada hum dos Mezes de Setembro proximo futuro athe Fevereiro inclusivo para esta quantia se applicar ás despezas que Vossa Excellencia me participa no sobredito seu Avizo.

Deos guarde a Vossa Excellencia Paço a 12 de Agosto de 1766.  
Conde de Oeiras. Sr. Manoel da Maya<sup>1</sup>.

## LXIX

21 de Agosto de 1766

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor— Sua Magestade manda remetter a V. Ex. o Alvará incluzo por que determina, que no Archivo da Torre do Tombo se dê aos Procuradores da Coroa, a Fazenda do Reyno e Ultramar entrada no mesmo Archivo cada vez que a elle forem para negocios do seu Real serviço, e se lhes dem as informações, e Certidões que elles pedirem: E he o mesmo Senhor servido, que Vossa Ex.<sup>a</sup> o dê á sua divida execução pela parte que lhe toca. Deos guarde a V. Ex.<sup>a</sup> Paço a 21 de Agosto de 1766.—Conde de Oeyras—Senhor Manoel da Maya<sup>2</sup>.

## LXX

1767

Indice alfabetico dos 10 Maços de Moradias da Caza Real, que contem os nomes, e foros das pessoas que servirão aos Senhores Reys D. Manoel, e D. João 3.<sup>o</sup>, Rainha D. Catharina, e Infante D. Luiz, desde o anno de 1504, te 1575. Feito sendo Guarda Mor Manoel da Maya e Escrivão Eusebio Manoel da Silva, No Anno de 1767<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Avisos e Ordens, maço 2, n.<sup>o</sup> 72.<sup>2</sup> Registo do Real Archivo, liv. 11, fl. 379<sup>3</sup> Indices do Archivo da Torre do Tombo, n.<sup>o</sup> 242.

**LXXI****1767**

Volume I. do Indice alfabetico dos 46 Livros das Chancellarias dos Senhores Reys D. Sebastião e D. Henrique que contem os Nomes Proprios e Sobrenomes das Pessoas, a quem forão feitas as merces, desde o anno de 1557, té 1580. Dividido em 4 Volumes, dos quaes este primeiro comprehende da Letra A, té a Letra F. Feito de novo por estar diminuto, e mal ordenado o antigo, e se poderem achar juntas as noticias procuradas em cada Nome.

Sendo Guarda Mór Manoel da Maya e Escrivão Eusebio Manoel da Silva. No anno de 1767<sup>1</sup>.

**LXXII****24 de Junho de 1768**

Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snor.—Até agora na expectação que a molestia do Guarda mór deste Real Archivo lhe daria lugar a por na prezença de Vossa Excellencia a conta incluza, tenho suspendido dalla a Vossa Excellencia, mas vendo lhe continua a impossibilidade para cumprir com esta obrigação e que a grandeza de Sua Magestade me constituiu seu ajudante, indispensavelmente me compete fazer presente a Vossa Excellencia que dos documentos juntos consta haver recebido o Porteiro do mesmo Archivo 2:880\$000 reis que Sua Magestade por intervenção de Vossa Excellencia mandou dar do Real Erario para as despezas do dito Arquivo por Avizo de 5 d'Outubro do anno passado e haver despendido por ordens do Guarda mór outra tanta quantia no pagamento dos vinte e trez amanuenses que alem dos dois officiaes da Reforma desde 27 de Junho de 1767, té 30 de Abril do prezente anno, na factura dos Indices das Chancellarias d'El Rei D. Filipe 1.<sup>º</sup>, D. Filipe 2.<sup>º</sup> e do Senhor Rey D. Affonso 6.<sup>º</sup>

Com a providencia do Decreto, que Vossa Excellencia prezente mente conseguiu em utilidade do Real Archivo, se fica continuando a mesma reforma dos Indices nas Chancellarias d'El Rey D. Filipe 3.<sup>º</sup> e dos Senhores Reys D. João 4.<sup>º</sup> e D. Pedro 2.<sup>º</sup> e findas ellas se lhe devem seguir as anteriores à do Senhor Rey D. Sebastião, que igualmente carecem do mesmo beneficio.

<sup>1</sup> Indices: n.<sup>o</sup> 38. Os indices das Chancellarias de D. Sebastião até D. Filipe III inclusivé forão renovados sendo Guarda Mor, Manoel da Maya, segundo consta dos respectivos frontispícios. O mesmo sucedeu com o dos Confirmações regias de D. Sebastião a Filipe III.

Tambem me parece digno de expor a Vossa Excellencia que neste Archivo se acha um Corpo de Leys avulsas, e em Livros ordenadas chronologicamente, que comprehendem desde a Era dè 1249 té ao prezente, sem que até aqui se lhe tenha ordenado Indice que facilite o conhecimento de suas materias, pelo receyo de ficar imperfeito com a falta das muitas que suspeitamos, e aqui se não achão, principalmente do Reynado do Senhor Rey D. João 5.<sup>º</sup>, o que se poderia remediar, fazendo recolher a este Archivo os Livros do seu registo, que se achão na chancellaria mor do Reyno, como se praticou nos Reynados, desde Filipe 1.<sup>º</sup> té o Senhor Rey D. Pedro 2.<sup>º</sup> inclusive, ou parecendo melhor conservarem-se em hũ outro lugar se poderião extrahir dos ditos Livros somente as muitas que faltão, ao que Vossa Excellencia com a sua alta comprehensão dará a providencia que for servido.

Torre do Tombo 24 de Junho de 1768. *José da Silveira Moraes Barbarica.*

Conta da despeza que se fez no Real Archivo da Torre do Tombo desde 27 de Junho de 1767 té 30 de Abril de 1768 com o dinheiro, que Sua Magestade por Avizo de 5 de Outubro de 1767, mandou dar do Real Erario para os despezas do mesmo Archivo.

#### Receita

Em virtude do dito Avizo cobrou Romão Franciseo Porteiro do Real Archivo com procuraçao do Guarda mor a quantia de dous contos, oito centos e oitenta mil reis, desde o mez de Outubro de 1767 té o de Março de 1768 inclusive, a razão de quatro centos e oitenta mil reis cada mez, como se determinava no dito Aviso; a qual importancia despendeu o referido Porteiro por Ordens do Guarda mor na forma seguinte.

#### Despeza

N.<sup>º</sup> 1 Despendeu com o pagamento de vinte e hum Amanuenses, que alem dos douos Officiaes da reforma se occuparão na factura dos Indices das Chancellarias de El Rey D. Filipe 1.<sup>º</sup>, D. Filipe 2.<sup>º</sup> e do Sr. D. Affonso 6.<sup>º</sup> em que entra hum rol das despezas miudas, que fez o Porteiro, desde 27 de Junho, té 31 de Julho de 1767.

Registado tudo no Livro 3.<sup>º</sup> das despezas do Real Archivo a fls. 136.....

351\$100

351\$100

	<i>Transporte.....</i>	351\$100
N. <sup>o</sup> 2 Despendeu com o pagamento de vinte e hû Amanuenses, que na referida forma se occuparão na factura dos Indices das ditas Chancellarias em o mez de Agosto do dito anno, em que entra o rol das despezas miudas, que fez o Porteiro; registado tudo no dito Livro a fls. 140.....	303\$845	
N. <sup>o</sup> 3 Despendeu com o pagamento de vinte Amanuenses, que se occuparão na referida obra em o mez de Setembro do dito anno, em que entra a despeza, que fez o Porteiro, registado tudo no dito Livro a fls. 144.....	285\$990	
N. <sup>o</sup> 4 Despendeu com o pagamento de vinte e hum Amanuenses que se occuparão na dita obra em o mez de Outubro do dito año; registado no dito livro a fls. 148	325\$075	
	<u>12:266\$010</u>	
 N. <sup>o</sup> 5 Despendeu com o pagamento de vinte e dous Amanuenses, que se occuparão na factura dos Indices das Chancellarias de El Rey D. Philippe 2. <sup>o</sup> e do Senhor Rey D. Affonso 6. <sup>o</sup> em o mez de Novembro de 1767. Registado no dito Livro 3. <sup>o</sup> a fl. 151.....	277\$675	
N. <sup>o</sup> 6 Despendeu com o pagamento de vinte e dous Amanuenses, que se occuparão na referida obra em o mez de Dezembro do dito anno, em que entra o rol das despezas miudas, que fez o Porteiro, registado tudo no dito Livro a fol. 154.....	230\$840	
N. <sup>o</sup> 7 Despendeu com o pagamento de vinte e tres Amanuenses, que se occuparão na dita obra em o mez de Janeiro do prezente anno. Registado no dito Livro a fol. 158.....	253\$575	
N. <sup>o</sup> 8 Despendeu com o pagamento de vinte e trez Amanuenses, que se occuparão na factura dos ditos Indices em o mez de Fevereiro do dito anno, em que entra o rol do Porteiro; registado no dito Livro a fol. 161.....	262\$235	
N. <sup>o</sup> 9 Despendeu com o pagamento de vinte e trez Amanuenses, que se occuparão na referida obra em o mez de Março do dito anno, em que entra o rol das despezas miudas, que fez o Porteiro, registado tudo no dito Livro a fol. 164 v.....	329\$805	
	<u>2:620\$140</u>	

	<i>Transporte.....</i>	2:620\$140
N. <sup>o</sup> 10 Despendeu com o pagamento de vinte e tres Amanuenses, que se occuparão na factura dos Indices das Chancellarias de El Rey D. Philippe 2. <sup>o</sup> D. Philippe 3. <sup>o</sup> e do Snr. Rey D. Affonso 6. <sup>o</sup> em o mez de Abril do prezente anno, em que entra o rol das despezas miudas, que fez o Porteiro. Registado tudo no dito livro 3. <sup>o</sup> a fls. 168.	252\$870	
N. <sup>o</sup> 11 Despendeu com o pagamento do rol do Livreiro, que enquadrhou seis livros, e fez alguns concertos, Registado no dito Livro a fol. 172.....	6\$990	
Importa a despeza.....	2:880\$000	
Importa a receita.....	0:000\$000	

Soma a despeza das onze adiçoens declaradas nesta conta dou contos oitocentos e oitenta mil reis, da qual quantia habatida a receita de dou contos oito centos e oitenta mil reis se mostra não ficar restando o dito Porteiro couza alguma, Torre do Tombo 4 de Mayo de 1768.

*A. Euzebio Manuel da Silva.*

Euzebio Manoel da Silva Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e Escrivão do Real Archivo da Torre do Tombo por Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, etc.

Certifico, que encarregando-me o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Manoel da Maya Tenente General dos Exercitos de Sua Magestade e Guarda mor do Real Archivo da Torre do Tombo a diligencia de tomar a conta, e examinar as despezas, que por ordens suas tinha feito o Porteiro deste Real Archivo Romão Francisco, pelo mesmo Guarda mór o haver nomeado para recebedor do dinheiro, que Sua Magestade por Avizo de cinco de Outubro de mil setecentos, sessenta e sete, mandou dar do Real Erario para as despezas deste Real Archivo me apresentou o referido Porteiro onze roes da despeza, que fez, desde vinte e sete de Junho de mil setecentos sessenta, e sete, té trinta de Abril deste prezente anno com os pagamentos dos Amanuenses e mais despezas miudas; e sendo por mim vistos e examinados os ditos roes, achei serem verdadeiros, estarem certas as somas delles, e importarem dou contos oitocentos e oitenta mil reis, e porque o dito Porteiro tinha recebido dou contos oitocentos e oitenta mil reis nos seis mezes, que tiverão principio no mez de Outubro de mil setecentos sessenta e sete, e findarão em Março do prezente anno, a razão de quatrocentos, e oitenta mil reis por mez como se determinava

no dito Avizo, e ser igual quantia da que despendeu por despachos do mesmo Guarda mór, se mostra não ficar devendo couza alguma empregando-se toda a referida quantia nas obras, e mais despezas declaradas nos mesmos roes, e seus registos, os quaes forão pagos na minha prezença e para constar o referido, e me ser pedida a presente pelo mesmo Porteiro lha passei, que vai por mim assinada, Torre do Tombo a quatro de Mayo de mil setecentos sessenta e oito.—A. Euzebio Manuel da Sylva.

Copia.—Para o Marques de Alvito.

III.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> S.<sup>r</sup>.—Sua Magestade manda participar a Vossa Excellencia, que a Guarda, que athe agora esteve na Torre do Tombo ás Ordens do Guarda Mór Manoel da Maya, deve ficar daqui em diante ás do Dezembargador Joseph de Seabra da Silva, que o mesmo Senhor proveu no referido Cargo. Para repartir a dita Guarda nos Lugares daquelle Regio Archivo, onde julgar, que as sentinelas se rão mais precisas. Deos guarde a Vossa Excellencia. Paço a 14 de Setembro de 1768.—Conde de Oeiras.

No impedimento do official Maior—Clemente Izidoro Brandão<sup>1</sup>.

### Sumários

Agosto 29 de 1758

Aviso para se extrahir do Real Archivo a ultima Carta, que no Reinado do Senhor Rey D. João V., se passou ao Consul Geral de Hespanha, e remetter-se a Copia para ser presente a sua Magestade.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 43.

Novembro 6 de 1755

Carta de Sebastião Jozé de Carvalho e Mello, em resposta a duas que recebeo do Ex.<sup>mo</sup> Manoel da Maya; na qual expunha o quanto forá agradavel a sua Magestade ficar salvo, e o mesmo Real Archivo que tanto cuidado lhe dava, das ruinas do Terremoto: Deixando illimitada jurisdicção ao seu arbitrio para a arrecadação dos papeis, e segurando-lhe prompto pagamento, com aviso seu etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 38.

Novembro 29

Aviso em que Sua Magestade ha por bem que o Guarda Mór do Real Archivo proceda, como aponta na venda da madeira que res-

<sup>1</sup> Avisos e Ordens, maço 2, n.<sup>o</sup> 88.

tasse da casa formada para acolhimento do mesmo Archivo, e que do seu produto se pagassem jornaes e materiais.

Maço 2, n.º 39.

**Agosto 6 de 1756**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo remeter ao Secretario de Estado dos negocios do Reyno a Copia da Doacção da Vila de Penella de cuja ametade era Donatario o Almeirante do Reyno.

Maço 2, n.º 26.

**Agosto 19 de 1757**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo ajustando-se como o Abbade de S. Bento sobre o aluguer das casas para acomodacção do mesmo Archivo, e da Academia Militar mande competentemente fazer a mudança.

Maço 2, n.º 40.

**Setembro 6**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo mandar fazer com brevidade os concertos da casa contigua ao Mosteiro de S. Bento destinadas para o exercicio da Academia Militar.

Maço 2, n.º 41.

**Outubro 22**

Aviso para no Real Archivo se guardar o Termo da Recepção do Corpo do Serenissimo Infante D. Antonio sepultado na Igreja de S. Vicente de Fora.

Maço 2, n.º 44.

**14 de Junho de 1758**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo mandar extrahir Copias dos Testamentos d'El Rey D. Affonso 4.º, e D. Beatriz: Da Instituição das Capelas e Mercearios na Basilica de Santa Maria: Das Bullas que confirmarão estes e todos os mais papeis, Cartas etc. relativos aos mesmos.

Maço 2, n.º 1.

**15 de Setembro**

Decreto em que Sua Magestade encarrega, durante a sua modestia, o Governo do Reino e seus Dominios á Rainha sua Mulher N. Senhora.

Maço 2, n.º 2.

**1759**

Exemplar impresso que contem os impios e sediciosos erros, com que os Jesuitas pertenderão empestar os Povos, e ensinarão aos Reos justiçados pelo crime de Leza Magestade.

Maço 2, n.º 5.

**17 de Janeiro de 1759**

Alvará da Ley que approva, e confirma a sentença que a Junta da Inconfidencia preferio contra o Duque que fora d'Aveiro, e outros,

pelo crime constante da mesma sentença que se acha junta a este dito Alvará, com mais dois em que a 1.<sup>a</sup> os degrada de todas as honras, e a 2.<sup>a</sup> a instancia do Juiz do Povo, e Casa dos 24, os priva da Sociedade Civil.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 4 (1).

Alvará de Ley que ratificou e confirma as Decizoens condemnatórias, com que a junta da Inconfidencia se deliberou na sentença proferida contra o Duque que fora d'Aveiro, e sem sequazes, pelo crime d'alta traição..

Maço 2, n.<sup>o</sup> 8.

### 19

Carta Regia dirigida a Pedro Gonçalves Cordeiro Pereira, do Conselho de Sua Magestade, Chanceller da Casa da supplicação servindo de Regedor, para que com Ministros idoneos partisse logo a sequestrar os bens dos Jesuitas, e que reclusos com sentinelas, serião seus rendimentos metidos em cofre de tres chaves, e dar-se a cada hum dos Padres para alimento 100. reis por dia, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 6.

Carta Regia ao Arcebispo Primaz de Braga, sobre a relaxação dos Jesuitas, e seus impios, e venenosos erros.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 7.

### 15 de Fevereiro

Carta do secretario do Estado dos Negocios do Reino para o Guarda Mór da Torre de Tombo collocar nesta em forma authentica as sentenças que remettia, contra os Reos que cometterão o descerto nos mesmos contemplados.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 8.

### 28 de Abril

Portaria do Desembargo do Paço para o Guarda Mór do Real Archivo lhe enviar a copia das Cartas da creaçao das cidades de Bragança e Marianna.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 9.

### 11 de Agosto

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará em que se manda reçarcir á Casa de Bragança o gravame que lhe resultou das desmembrações, e sommas a favor da Igreja de S. Maria de Lisboa: E junto se acha o transumpto da Escriptura de 13 de Julho do dito anno que contem a indemnização do referido prejuizo.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 10 (1).

**16 de Agosto**

Copia do Padrão de 50\$ reis que a requerimento de Bernardo Luiz de Figueiredo (antes de Tavora) se passou no Real Archivo não chegando a ser authenticada.

Maço 2, n.º 4 (2).

**23 de Agosto**

Aviso para na Torre do Tombo se guardar a Escriptura da compra que Sua Magestade fez ao Visconde de Barbacena dos Armazens, e terra a elles contigua, no sitio de Belem.

Maço 2, n.º 1 (2).

**11 de Outubro**

Aviso para no Real Archivo se guardar a Ley de 3 de Setembro do dito anno de 1759.

Maço 2, n.º 1 (3).

**Outubro 27**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará Registado a folhas 32 v. do Livro 9. do mesmo Real Archivo.

Maço 2, n.º 11.

**Fevereiro 22 de 1760**

Alvará porque Sua Magestade Doou á Ordem de Christo a Villa de Monte Mór o Velho, em lugar da do Pombal de que fizera mercê de juro, e herdade ao Conde de Oeyras.

Maço 2, n.º 15.

**Março 1**

Instrumento celebrado entre o Procurador da Coroa, e o das ordens Militares; do qual consta desistir este do senhorio que a ordem de Christo tinha na Vila de Pombal de que sua Magestade fizera mercê de juro e herdade ao Conde de Oeyras, e aceitava para a mesma Ordem o da Vila de Monte Mór o Velho que o dito senhor lhe Doara em lugar daquella.

Maço 2, n.º 16.

**Junho 6**

Copia do Decreto que por occasião do aplauzivel Matrimonio da Princeza do Brazil, com o serenissimo Infante D. Pedro, manda suspender por tres dias o Expediente dos Tribunnaes e que neles houvesse Luminarias, Salvas, etc.

Maço 2, n.º 18.

**Junho 10**

Conta em que por Ordem do Conselho da Fazenda se mandão satisfazer as despezas, que na conformidade das de Sua Magestade se fizerão pelo aplauzivel Matrimonio da Princeza do Brazil com o serenissimo Infante D. Pedro.

Maço 2, n.º 17.

**Agosto 13**

Ordem do Conselho da Fazenda para o Guarda Mór do Real Archivo fazer examinar os Livros, e papeis que contivessem os rendimentos dos quintos de Magoux, Bayão, Redondo, e do que se achasse remetesse Copias ao mesmo Conselho.

Maço 2, n.º 20.

**Agosto 20**

Aviso para se extrahir do Real Archivo tres Copias da Doação que o Senhor Rey D. João 5.º fez aos Padres das Necessidades, afim de se remeterem aos Tribunaes no mesmo comtémptados.

Maço 2, n.º 12.

**Setembro 23**

Conta de Manoel Jose de Aguiar em que por Ordem do Conde de Oeyras remetteo ao Guarda Mór do Real Archivo o Inventario Original da Rainha May para se guardar no mesmo junto do Testamento da dita Senhora.

Maço 2, n.º 13.

Aviso para no Real Archivo se guardar o Alvará de subrogação da Villa de Monte Mór o Velho pela do Pombal, de que se fez mercê ao Conde de Oeyras, e egualmente o transumpto da Escriptura a isto relativa em observancia do mesmo Alvará.

Maço 2, n.º 14.

**Outubro 1**

Ordem do Concelho da Fazenda para que o Guarda Mór do Real Archivo a vista do papel incluzo que remetia, sobre o descaminho dos rendimentos da Casa do Bayão examinasse os Tombos e Terras pertencentes e de todo metesse trasladados ao dito Concelho.

Maço 2, n.º 19.

**Dezembro 4**

Aviso para no Real Archivo se guardar o Foral da Vila de Oeyras.

Maço 2, n.º 21.

**Janeiro 10 de 1761**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 16 de Dezembro de 1760 a favor da Companhia Geral da agricultura das vinhas do Alto Douro.

Maço 2, n.º 22.

**Março 30**

Aviso para se extrahirem Copias do Real Archivo das Doações a favor dos Condes da Ribeira do Governo da Ilha de S. Miguel, como tambem as que obtiverão os de Castelo Melhor relativas á ditta

Ilha e se remetterem á Secretaria do Estado. Dentro do qual Aviso se achão os apontamentos do que das dittas se descobrio.

Maço 2, n.º 23.

**Maio 5**

Declaração dos Livros que por fallecimento do Rey D. João 5.º entregou no Real Archivo o Escrivão da Receita, e Despeza da Chancelaria Mór do Reyno e juramento deste como na da Chancelaria não existião mais que os 144 que apresentava.

Maço 2, n.º 24.

**28**

Aviso para se extrahir do Real Archivo huma Copia authentica das Doações da Vila de Cantanhede, e seu Termo de cuja busca se achão dentro do ditto Aviso seus apontamentos.

Maço 2, n.º 25.

**Junho 9**

Aviso para se remeter da Secretaria de Estado dos Negocios do Reyno a Copia da Doação feita á casa Abrantes da Capitania, e Alcaidaria Mores da Cidade do Porto, Direitos Reaes dos Concelhos da Gaya, Gondomar etc.

Maço 2, n.º 27.

**18**

Aviso para se remetter ao Secretario de Estado dos Negocios do Reyno os papeis e Foraes que podesse dar luzes a Doação da Vila de Cantanhede: Hincluzo nelle se acha a Copia da Carta do Guarda Mór em resposta.

Maço 2, n.º 28.

**Julho 14**

Copia do Decreto porque Sua Magestade manda que no dia do Feliz Parto da Princeza do Brazil e nos dous seguintes, e dia do Baptizado houvesse Luminarias etc.

Maço 2, n.º 29.

**Setembro 28 de 1761**

Decreto em que na Carta de Escrivão do Real Archivo passada a Fernão das Naens, e registada a folhas 38 do Livro 30 da Chancelaria do Senhor Rey D. João 3.º ordena se riscassem as palavras que dizem—E se lhe faça logo entregar huma das claves do dito Real Archivo a folhas 11 v.

Maço 2, n.º 30.

**Dezembro 30 de 1762**

Aviso para se guardar no Real Archivo a Bulla registada no Livro 11, de Registo do mesmo Real Archivo a folhas 11 v.

Maço 2, n.º 31.

**Julho 29**

Despacho do Tribunal da Meza da Consciencia para no Real Archivo se extrahir por Certidão o Padrão de juros de 160\$ reis que a convalescença do Hospital das Caldas tinha na folha da Alfandega de Lisboa. E junto se encontravão as duvidas que houverão sobre a sua descoberta.

Maço 2, n.º 74.

**Outubro 4**

Aviso para no Real Archivo se guardar o Alvará de Ley neste declarado.

Maço 2, n.º 32.

**Novembro 22**

Aviso para no Real Archivo se guardar o Alvará que concede aos Juizes Conservadores da Companhia do Grão Pará e Maranhão a mesma Jurisdicção de que gozão os da Conservatoria da Junta do Commercio.

Maço 2, n.º 33.

**Março 1 de 1763**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará que estingue o Estanque estabelecido de velorio ou missanga; deixando livre aos vassalos o comercio deste genero.

Maço 2, n.º 35.

Aviso para se guardarem no Real Archivo os dous Alvarás que tratão da Resolução tomada sobre a Navegação para os Portos de Angola e Moçambique.

Maço 2, n.º 36.

**Março 2**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 2 de Abril de 1761 sobre os louvaveis costumes estabelecidos no Estado da India a fim de seus naturaes, Christãos baptizados gozarem das mesmas Honras dos vassalos do Reino.

Maço 2, n.º 34.

**Março 25**

Aviso em que pelo restabelecimento da boa amizade com as Cortes de Pariz e Madrid se ordena haver tres dias de Luminarias.

Maço 2, n.º 37.

**Agosto 19**

Ordem do Conselho da Fazenda para no Real Archivo se dar cumprimento á Cópia do Decreto na mesma inserto relativo ás Luminarias que se devião pôr, pelo Feliz Parto da Princeza do Brazil.

Maço 2, n.º 42.

**Outubro 12**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Termo da entrega que na Igreja de S. Vicente de Fora se fizéra do Corpo do Serenissimo Infante D. João; e que se passasse Certidão de como ficava em lugar competente.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 45.**Outubro 25**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de Ley de 20 de Outubro do ditto anno, sobre as providencias necessarias contra os ladrões e malfeiteiros.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 46.**Outubro 26**

Aviso para que no Real Archivo se guarde o Alvará de Ley de 20 de Outubro do ditto anno que manda obviar o abuso com que os vadios, e malfeiteiros arrogavão a si os uniformes Militares, com que commetião insultos.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 47.**Outubro 31**

Aviso para que no Real Archivo se guarde o Alvará de Ley de 21 de Outubro do ditto anno sobre o Regimento dado aos Auditores, a fim de exercerem como Juízes Relatores em todos os corpos do seu Exercito, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 48.**Junho 23 de 1764**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 20 de Junho do dito anno que manda dár o tratamento de Senhoria ao D. Abbade Geral de S. Bernardo Esmoler Mór e ao seu substituto.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 49.**Setembro 11**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo remeter por Copia ao Secretario de Estado, as Ordens porque forão creados os Terços Auxiliares, e seu Regimento. E incluzo no mesmo se acha a resposta sobre o referido assumpto.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 50.**Setembro 29**

Aviso para se extrahirem por Copia do Real Archivo todos os Regimentos, Alvarás e Ordens relativos ás Reaes Contadas: E junto se acha o apontamento que do referido se descobrio.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 51.**Janeiro 23 de 1765**

Aviso para no Real Archivo se guardar o Alvará de Ley que declara crime de leza Magestade de 2.<sup>a</sup> cabeça toda a rezistencia

com armas contra os Ministros, e Officiaes, impedindo-lhes as delegencias de que fossem encarregados.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 52.

**Fevereiro 12**

Aviso para se lançar no Real Archivo a Ley de 4. de Fevereiro do dito anno, na qual se amplia, e declara a de 17 de Agosto de 1761 sobre a abolição dos legitimas, e dotes das filhas das casas principais do reino.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 53.

**Março 18**

Aviso para que no Real Archivo se extrahissem por Copia a Carta do Senhorio da Villa da Praya na Ilha 3.<sup>a</sup> de que Sua Magestade havia feito mercê a Luiz Antonio de Basto Baharem.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 54.

**Maio 20**

Aviso para se guardarem e perpetuarem no Real Archivo á Colleção da Ley impressa, que declarou subrepticio, e de nenhum effeito o Breve da nova Confirmação do Instituto dos Padres da Companhia. A petição do Recurso do Procurador da Coroa sobre a materia decedida da ditta Ley, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 55.

**Agosto 1**

Aviso para que no Real Archivo se passasse ao Marquez do Lavradio huma Copia authentica do Alvará que no mesmo se apontava.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 56.

**Outubro 12**

Aviso para se lançar no Real Archivo o Alvará de 27 de Setembro do dito anno que declara o de 10 deste mez que abolio as Frotas e Esquadras para os Portos da Bahia, Rio de Janeiro etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 57.

**Outubro 24**

Ordem do Tribunal da Meza da Consciencia para se guardar no Real Archivo o Auto da Posse tomada do Dominio Temporal da Villa de Monte Mór o Velho, para a Ordem de Christo.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 58.

**Novembro 27**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 18 de Novembro do dito anno, que declara, e amplia o de 26 de Outubro de 1764.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 60.

**Janeiro 24 de 1766**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de Ley de 17 de Janeiro do ditto anno, que excita a observancia das Leys, e Ordens que prohibem penhoras, ou arrematações nos officios de Justiça, e Fazenda, ou seus rendimentos.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 59.

**Janeiro 30**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de Ley de 21 do dito mez e anno, que extingue os contractos Emphyteuticos das propriedades de Lisboa arruinadas pelo Terremoto de 1755, e se ficassem sómente regulando pela Ley de 12 de Maio de 1758.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 61.

**Março 1**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 21 de Fevereiro de 1765 que dava novo methodo á arrecadação, e distribuição dos bens confiscados em observancia da Sentença de 12 de Janeiro de 1759, proferida pelo Juizo da Inconfidencia etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 62.

**Março 3**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 18 de Fevereiro de 1765 em que Sua Magestade foi servido declarar que no de 26 de Outubro deste dito anno se comprehendião as vinhas das varges, e terras baixas de Torres Vedras, Anadia, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 63.

**Maio 16**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 29 de Abril de 1765 que estabelece os fretes das fazendas que se transportão destes Reinos para o Brazil, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 64.

**Junho 10**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 26 de Maio de 1765 em que Sua Magestade creou os dous Superintendentes geraes das Alfandegas no mesmo declaradas.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 65.

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 2 do dito mez, e anno que facilita que os Navios destinados para hum dos Portos do Brazil podessem ir aos que bem lhes parecessem sem embargo da Ley, Decretos, e Ordens em contrario.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 66.

**Julho 1**

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 21 de Junho de 1765 que manda ter por bens solidos, e estaveis as Apollices das Companhias Geraes do Grão Pará, Maranhão etc, annulando os despachos, Sentenças e Execuções com penas aos Julgadores e Letrados que o contraviessem.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 67.

Aviso para se guardar no Real Archivo a Carta de Ley e Pragmatica de 25 de Junho de 1765 que declara, e amplia as Leys que cohibem as impias negociações de Testamentos, e ultimas vontades.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 68.**Julho 8**

Ordem do Conselho da Fazenda para se lhe remeter do Real Archivo a Cópia do Tombo do Reguengo de Algés.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 69.**Agosto 1**

Ordem do Concelho da Fazenda para do Real Archivo se lhe remeter por Cópia authentica o traslado do Tombo ou Foral que contém os rendimentos, e direitos da Alcaidaria Mór de Lisboa.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 70.**Agosto 8**

Aviso para se extrahirem por Cópia do Real Archivo as Doações dos ultimos Donatários das Ilhas Graciosa e Fayal etc. a fim de serem presentes a Sua Magestade.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 71.**14**

Carta do Conde de Oeyras em que remetia ao Guarda Mór do Real Archivo o Decreto do dinheiro que em sua observância se havia de receber no Erário para as despezas que o mesmo lhe anunciava.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 72.**21**

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo dar á execução o Alvará que determina que no mesmo se desse entrada aos Procuradores da Corôa, Fazenda do Reino e Ultramar, as vezes que fossem a negócios do Real Serviço, etc.

Maço 2, n.<sup>o</sup> 73.

## Agosto 28.

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 10 de Setembro de 1765 que abule as Frotas, e Esquadras que até hora hião para a Bahia, e Rio de Janeiro; ampliando-lhe porem os Portos onde o Commerceio não estava vedado.

Maço 2, n.º 75.

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de Ley, e Regimento de 26 de Outubro de 1765 que ocorre a desordenada cobiça dos que tem plantado vinhas nas margens, e campinas dos Rios Tejo, Mondego etc. em prejuizo da lavoura do pão.

Maço 2, n.º 76.

## Setembro 1

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de Ley de 23 de Julho do dito anno que dá a forma com que se havião de afforar os baldios, bens dos Concelhos.

Maço 2, n.º 77.

## Novembro 4

Aviso que attendendo á representação de José Almeida Soveral Carvalho e Vasconcellos, e á informação do Guarda Mór do Real Archivo manda guardar-se nelle a Certidão que no mesmo se havia extrahido.

Maço 2, n.º 78.

6

Aviso para se guardar no Real Archivo o Alvará de 20 de Outubro de 1765, e transumpto da Escritura celebrada em sua observância entre o procurador da Corôa, e o da casa de Bragança sobre a união a esta feita dos direitos do pescado de Peniche, etc. em compensação da Dizima velha que vai ao Porto de Paço de Arcos.

Maço 2, n.º 79.

## Dezembro 9

Aviso para o Guarda Mór do Real Archivo fazer entregar ao Procurador da Corôa os livros, autos ou papeis que no mesmo apontasse relativos a Nuncios e Colletores Apostolicos; assignando Termo de os entregar logo que em sua casa concluirse á diligencia que em serviço de Sua Magestade lhe fora incumbida.

Maço 2, n.º 80.

## Março 24 de 1767

Ordem do Concelho da Fazenda para se porem Luminarias neste Real Archivo pelo feliz Parto da Princeza.

Maço 2, n.º 82.

**Outubro 1**

Aviso para se guardar a Ley que prohíbe as Cartas de Confraternidade, e sociedade com os Jesuitas.

Maço 2, n.º 83.

**Outubro 16**

Aviso, porque se mandão guardar as 5 Leys, que nelle se declaraõ.

Maço 2, n.º 84.

**Fevereiro 23 de 1768**

Ordem do Concelho da Fazenda para se dar huma relação das Igrejas do Padroado Real de Lisboa, e seu Termo, e os titulos das que forem de Donatarios.

Maço 2, n.º 85.

**Abrial 20**

Aviso para se guardarem no Real Archivo duas Leys, huma sobre a Bulla da Cea, e outra sobre a creaçao da Meza dos Censores Regios.

Maço 2, n.º 86.

**Julho 22**

Aviso para se guardar o Alvará para entrar o Corregedor de Evora nas terras do Marquez de Alvito.

Maço 2, n.º 87.

**Setembro 14**

Copia do Aviso que foi ao Marquez de Alvito, para que a Guarda da Torre do Tombo, esteja ás ordens do Guarda Mór José Seabra da Silva.

Maço 2, n.º 88.

**23**

Aviso para se guardar o Tombo dos bens, de que sua Magestade fez mercê ao Mestre Escola de Barcellos, Manuel de Vasconcellos Pereira.

Maço 2, n.º 89.

**Novembro 15**

Ordem para se guardar no Real Archivo a Ley sobre as Revistas.

Maço 2, n.º 93.

**22**

Ordem do Concelho da Fazenda para se porem Luminarias pelo Feliz Parto da Princeza.

Maço 2, n.º 90.

**Dezembro 2**

Ordem para se guardarem no Real Archivo as Bullas declaradas na relação a ella junta.

Maço 2, n.º 91.

**Abri 22 de 1769**

Ordem para se guardarem no Real Archivo 8 Leys declaradas na relação a ella junta.

Maço 2, n.º 92.

**Junho 12**

Ordem para se guardarem neste Real Archivo as duas Leys, huma sobre os Emprazamentos dos Corpos de mão morta, e outra sobre o tratamento do Conselho Geral do S. Officio.

Maço 2, n.º 94.

27

Ordem para se guardar neste Real Archivo a Ley sobre o erro do Sigilismo.

Maço 2, n.º 95.

**Julho 10**

Ordem para se guardar neste Real Archivo a Ley sobre os Direitos que devem pagar os Navios que forem aos Portos do Brazil; e os que forem a outros se lhe conceda franquia.

Maço 2, n.º 96.

**Julho 31**

Ordem para se guardar neste Real Archivo a Ley sobre as porções dos sapaes da Cidade de Tavira se darem de Emprazamento.

Maço 2, n.º 97.

**Agosto 11**

Ordem porque se manda guardar o plano dos Estudos ordenado para os Religiosos da 3.<sup>a</sup> ordem da Penitencia.

Maço 2, n.º 98.

**Setembro 22**

Ordem porque se manda guardar o Alvará de declaração das Leys, e Regimentos sobre o governo das Fabricas dos Lanifícios das Comarcas da Guarda, Castello Branco, e Pinhel.

Maço 2, n.º 99.

**Dezembro 11**

Ordem para se guardar a Ley sobre a proibição das obras de varios Authores.

Maço 2, n.º 100.

**Coisas Velhas**(Vid. *O Arch. Port.*, xxii, 107-169)**94.—Anta de Val de Moura**

Tendo estado em Evora em 1895, ouvi lá dizer que havia uma anta em Val-de-Moura, que fica, suponho eu, no concelho de Evora.

**95. Castelo dos Moiros (Ansiões)**

Em Fevereiro de 1896 disseram-me que numa vinha situada ao pé do *Castelo dos Moiros*, arredores de Celouros<sup>1</sup> (Carrazeda de Ansiões), aparecera uma pedra, que pela descrição que me foi feita, era cipo ou ara romana, e tinha letras na frente, e relevos num dos lados (estes relevos eram provavelmente uma *patera* ou um *praefericulum*). Destruiram-na porém! — Nos campos vizinhos havia tambem aparecido, num buraco, um pucaro de barro com moedas de prata dentro, as quais, pelas informações, eram denarios. — No *Castelo* ha, dizem, muralhas, «figuras» de pedra, etc. — Em bem poucas palavras se traça a historia antiga de uma localidade: epoca pre-romana (*Castelo dos Moiros*) e romana (monumento lapidar, ceramica e moedas); mas tambem não é preciso muito para ver quanto é ignorante e estupido quem tudo estraga sem pudor!

**96. Braga romana**

Da minha carteira n.<sup>o</sup> LXII extraio algumas notas que tomei em Braga em Março de 1896 acerca de antiguidades romanas da mesma cidade:

a) Nas costas da capela de S. Geraldo ha, como é sabido, uma

*ISIDI AVG SACRVM  
LVCRETIA FIDA SACERD PERP  
ROM ET AVG  
CONVENTVS BRACARAVS D*

Fig. 93

lapide de granito com uma inscrição consagrada a Isis, já várias vezes copiada: *Corpus*, II, 2416; *Religiões da Lusitania*, III, 342; aqui reproduzo um texto que, no que toca á separação dos vocabulos, é melhor que os publicados (fig. 93).

Linha 1. A última letra de AVG parece C, mas confrontando-a com a da 3.<sup>a</sup>, vê-se que é G.

Linha 2. Depois de FIDA não se vê *hedera*. Ha umas falhas no granito, não constituem porém *hedera*.

<sup>1</sup> Nos dicionarios escreve-se *Selores*, mas eu ouvi pronunciar -ouros. Escrevo com C-, e não com S-, por motivos filologicos.

Linha 4. Entre CONVENTVVS e BRAC ha espaço de uns 0<sup>m</sup>,14. Tambem aí não distingo *hedera*. O espaço já de si separava as palavras.

Altura das letras 0<sup>m</sup>,09 (na 1.<sup>a</sup> linha), 0<sup>m</sup>,075 (na 2.<sup>a</sup>), 0<sup>m</sup>,07 (na 3.<sup>a</sup>), 0<sup>m</sup>,065 a 0<sup>m</sup>,067 (na 4.<sup>a</sup>).

b) A antiga *Congosta da Palmatoria*, onde estão duas lapides com inscrições, já tambem várias vezes publicadas, está hoje transformada em quintal, junto do muro da cerca do Convento dos Remedios. A uma das lapides, aquela que, por causa de uma inscultura que contém, semelhante a uma palmatoria, deu nome á congosta ou rua, apuseram a seguinte nota: «Foi achada 14 palmos neste licerve, anno 1751».

c) Numa demolição, junto da Casa dos Barros, apareceram sotterrados dois aureos de Honorio. Em Santa Tecla (vulgo *Santa Trega*) apareceram varios denarios, já da Republica, já do Imperio. Na Rua de El-Rei, antiga R. do Coelho, apareceu um talha de barro, de que vi um fragmento de 0<sup>m</sup>,70 a 0<sup>m</sup>,80 de altura, o que permite supor que o vaso teria esta forma: fig. 94; dentro havia milhares de moedas romanas de cobre (bronzes minimos), a mor parte com o nome de Constantino, outras porém com: CRISPVS NOB CAES, LICINIVS.. N, FL CL IVLIANVS, FL IVL CONSTANTIVS NOB, DN VALENS, CONSTANTIVS P F AVG, DN THEODOSIVS, VALENTINIANVS, DN GRATIANVS (citei ao acaso).—Na esquina da Rua de Santa Maria, nos alicerces de uma casa, apareceram muitos sestercios (bronzes maximos) de Hadriano e de outros imperadores, em melhor ou pior estado.—É freqüente aparecerem moedas romanas em Braga, e de algumas se tem dado noticia no *Archeologo*, por exemplo, no vol. v, p. 86.

d) A R. de Santa Maria péga com a de El-Rei. Aí apareceram restos de canalizações: vi tres troços de barro, que ligados davam o seguinte corte: fig. 95; altura 0<sup>m</sup>,13; largura em cima 0<sup>m</sup>,06; em baixo é um pouco maior.

e) Da inscrição do *Bonus Eventus*, que se lê uma lapide da R. do Coelho ou de El-Rei, e que tem sido publicada várias vezes, tomei a seguinte cópia: (fig. 96).

Na linha 1.<sup>a</sup> ha SÆ.

Na linha 5.<sup>a</sup> só se vê a haste vertical da 3.<sup>a</sup> letra, que devia ser P. Letras irregulares. Campo da inscrição: 0<sup>m</sup>,26 × 0<sup>m</sup>,185.

A lapide está embutida numa coluna, e caiada de branco.

(A titulo de curiosidade notarei que de *Bonus Eventus* deu um autor português antigo a seguinte tradução portuguesa: «o Bom Acontecimento»; vid. a minha edição dos *Emblemas de Alciati*, emblema 78).

g) Para o estudo da muralha romana ha um elemento na demarcação que se indica em um documento manuscrito de 1184. Informação do D.<sup>or</sup> José Machado.

f) Ao pé da Porta Nova apareceu em tempos uma lapide de granito que hoje está no Campo das Carvalheiras e copiei assim (altura das letras: 0<sup>m</sup>,08 a 0<sup>m</sup>,10): fig. 97; cf. *Corpus*, II, 2440. O meu desenho difere levemente do do *Corpus* na disposição do 2.<sup>º</sup> i da 2.<sup>a</sup> linha; além d'isso dou a fórmula da pedra.

h) No quintal da casa de Fernando Castiço ha um tanque rectangular de granito, de 5<sup>m</sup>,33 de comprimento, 3<sup>m</sup>,97 de largura, e 1<sup>m</sup>,86 de profundidade *plus minus*, q qual represento esquematicamente na fig. 98. A parte *a-b-c-d* levanta-se um pouco acima da



Fig. 94



Fig. 95

DEO SÆ  
NCTO EV  
ENTOFI  
FRONTO  
EXIRAE  
CEPTO

Fig. 96



Fig. 97

restante: o chão d'essa parte é coberto de tijolo e ainda em certos pontos forrado de mosaico; a parede do lado de *a-c* é tambem forrada de mosaico, que assenta em tijolo. O tijolo assenta na pedra (granito). Os desenhos ainda existentes consistem em peixes de várias cores. Merecia a pena conservar este fragmento, porque não sei de outros mosaicos aparecidos em Braga. Ao cavarem o referido quintal, apareceram: pedaços de tijolo grosso; dois tijolos quadrados, de 0<sup>m</sup>,17 de lado; um pedaço de *opus Signinum*, como os que aparecem em Troia de Setubal.—Fernando Castiço era erudito e tinha gôsto da Arqueologia e Numismatica: por isso o tanque de que falo estava resguardado por um coberto, e havia nas paredes do quintal várias inscrições romanas, que Albano Bellino estudou numa obra sua, vinda a lume em 1895. O quintal era um nucleo de museu.—Quem porém superintende na administração pública de Braga parece que

pouco se importa das nobrezas do passado, porque nem soube aproveitar estas antigualhas, nem as que depois Bellino oferecia a Braga. Ficou assim sem museu arqueológico a capital do Norte. E que rico museu ela podia ter! Um dia virá, sim, a fundá-lo, porque a luz do Progresso ha-de chegar lá, mas então já muita cousa se terá perdido ou dispersado. Era melhor ter começado cedo, e ir por partes<sup>1</sup>.

i) Copiei assim uma inscrição que está numa lapide da Casa do Avelar: fig. 99; cf. *Arch. Port.*, II, 123. O desenho dispensa comentário paleográfico. O texto é: *Arquius, Viriati f(ilius), c(enturia) Agripia, h(ic) s(itus) s(epultus), est. Melgaecus, Pelisti (filius), monume(n tum) co[lloc]av[er]it*. A haste que está dentro do C (l. 6.<sup>a</sup>) poderia fazer crer que este valia C I, mas será antes elegância do C como no



Fig. 98



Fig. 99



Fig. 99



Fig. 100

G e no Q.—O tanque do pateo da mesma casa constitue um museu lapidar: tantas são as lapides romanas que afi puseram! Pelo menos cinco fragmentos e um trôco de estátua. Aqui reproduzo, na fig. 100, outra das inscrições: cf. *Arch. Port.* II, 118.

j) Em poder do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> José Machado vi uma rodelha convexo-concava de vaso de barro, envernizado do lado concavo, e com uma inscrição aí gravada depois de cozido o barro (*graffito*): vid. fig. 101, de tamanho natural. Leio *N(umerii) Urs(i)*. O nome gentilício *Ursius* aparece mais vezes na Peninsula: por exemplo numa inscrição de *Olisipo*, duas vezes, *Corpus*, II, 256. Em vez da interpretação que dou (*praenomen* e *nomen*), outras podiam dar-se que tivessem

<sup>1</sup> Já depois de escrito isto, eu soube que o mosaico havia sido destruído.

por base *Ursus* ou um seu derivado. *Ursus* é corrente na epigrafia peninsular. A rodelha é feita de um fundo de vaso, e apareceu na Rua do Colegio, proximo do quintal de F. Castiço, de que acima falei, e onde tambem se encontraram, como vimos, antigualhas romanas; estava a uns 3 metros de profundidade junto de uma tosca coluna de granito, cilindrica.—Anos depois o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> José Machado ofereceu-me este objecto, que está hoje no Museu Etnologico. Acerca de rodelas semelhantes vid. *Hist. do Mus. Etn.*, p. 185.

*k)* Junto da igreja da Senhora a Branca apareceram sepulturas de marmore de forma de caixões (não pias). Vi algumas lousas. Seriam de certo sepulturas romanas ou visigoticas.

*l)* As duas inscrições que existem na parede externa do Hospital de S. Marcos, de IOVI PRO SALVTE, e de REBVRRVS, foram achadas *in situ*, em alicerces de casas. No claustro do Hospital ha outra inscrição, que foi achada aqui mesmo em 1762: vem já no *Corpus*, II, 2442, mas sem o desenho da estrela de seis raios que a acompanha, e só com a indicação. Em 28 de Agosto de 1885 apareceu entre uns entulhos de um cano de esgôto, ao lado da igreja matriz de S. João do Souto, uma inscrição já várias vezes publicada: *Religiões*, II, 333; vid. tambem o que escreveu Pereira Caldas no semanario bracarense *A Abelha*, n.<sup>o</sup> 3, de 6 de Setembro de 1885.

## \*

Tanto com os restos arqueologicos (muralha, esculturas, inscrições, ceramica, moedas, etc.), como com o que dizem os textos, podia recompor-se num estudo a nobre BRACARA AUGUSTA. Se se quisesse ascender mais acima, ou descer mais abaixo, haveria tambem bastante que dizer da *Bracara pre-romana* (nome indigena: *Bracara*; *Bracari*, nome etnico; *Bracarus*, nome de homem; cultos locais: *Tongus Nabiagus*; objectos prehistoricicos), e da *Braga dos Suevos e Visigodos* (cf. *Religiões*, III, 545 sgs.; moedas barbaras; onomastico geografico de origem germanica, etc.).

#### 97. Santa Victoria de Extremoz

Na aldeia de Santa Victoria, concelho de Extremoz, na herdade de Ferreiros, pertencente a Graça Zagalo, está, ao que me dizem, enterrada uma povoação. E parece que se encontram por lá fragmentos de barro arretino.—Nota tomada em 1896 (carteira LXIII, p. 44).—Cf. *O Arch. Port.*, XVII, 248.

Depois d'isto, em 1915, iniciou o Museu Etnologico importantes excavacões no local, dirigidas por Luis Chaves.

### 98. Ervedal

Junto do Ervedal, concelho de Avis, consta que aparecem restos romanos (colunas, etc.).

Nota tomada na mesma ocasião (ib., ib.). Com isto combinam as investigações que depois fiz: vid. *Religiões* III, 620.

### 99. Antas dos arredores do Ervedal

Entre a Figueira (povo) e o Ervedal, concelho de Avis, no sitio da Coutada do Penedo, ha duas antas.

Na herdade de S. Martinho-Escola, a uns 50 passos da estrada que vai do Ervedal para Extremoz, junto da extrema da herdade de Val-de-Baio, ha outra anta.

Notas tomadas em 1896 (ib. ib.).

Depois d'isso, em 1912, estive no local das duas primeiras antas: vid. *O Arch. Port.*, xvii, 286.

### 100. O Museu da Figueira da Foz em 1896<sup>1</sup>

Tendo visitado mais uma vez o Museu da Figueira em Agosto de 1896 (cf. *Hist. do Museu Etnologico*, p. 318), tomei as seguintes notas nas minhas carteiras LXIV e LXVI.

À entrada ha um terreiro gradeado e arborizado; e aí vê-se armada umá anta, com a sua camara (sem tampa), galeria ou corredor e parte da mamôa, tudo dentro de um ripado de madeira, protegido por arvores.

**Vestibulo do Museu.** Tem por titulo: ANNEXO Á SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA. À esquerda de quem entra estão duas sepulturas rectangulares, armadas: uma de lajes de calcareo toscas, com esqueleto dentro,—vinda do cemiterio arcaico de Ferrestêlo (Maiorca); outra, feita de tegulas, tambem com o seu esqueleto, e tudo dentro de uma caixa envidraçada. Ao pé está uma *olla* cineraria romana, com um *unguentarium* de vidro, achado dentro d'ela; e estão varios vasos da mesma epoca, anforas, etc. Pelas paredes: fotografias das ruinas de Milreu, e de outras antiguidades algarvias.— À direita: esculturas cristãs, inscrições, e outros objectos, como leitos, brasões, retratos.

**1.<sup>a</sup> Sala.** Contém espécimes de industrias concelhias: ceramica, tanoaria, carpintaria, palha, marinha, ferragens, latoaria, artefactos de pesca.

<sup>1</sup> Cf. supra n.º 48 (1894).

2.<sup>a</sup> Sala, que constitue a SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA HISTORICA, contém antiguidades de varias épocas:

a) Vasos de barro arretino; mosaicos romanos dispostos em quadros; restos ceramicos das excavações de Porto-Sabroso; restos romanos, ceramicos, das ruinas de Espadaneiro. Muitos restos romanos de varios lugares do Algarve: ceramica (Búdens, Bensafrim, Marim, Faro); vidros de uma necropole de Bensafrim; objectos metálicos (pregos<sup>1</sup>, anzoes, armas, fibulas: de Bensafrim, Marim, Búdens); um amuleto (dente encastoado) de Búdens<sup>2</sup>. Um busto de pedra. Espolio do cemiterio da Marateca, dado pelo D.<sup>or</sup> Rocha como luso-romano: cf. o que ele escreveu n-O Arch. Port., II, 68 sgs.

b) Esculturas várias: santos, capiteis.

c) Moedas romanas, arabicas, portuguesas e estrangeiras; condecorações e medalhas.

d) Loiça nacional (boiões de botica, tinteiros, molheiros, pratos, vasos de flores) e de outras procedencias.

e) Colecção do leques e de travéssas do cabelo.

f) Ferragens, candieiros, estribos (num grupo), espelhos, lampões.

g) Pergaminhos com musica.

h) Um mostrador com coisas várias: caixas de rapé, rosarios, castiçais, vidros, loiças, sinetes, armas.

Móveis de pau preto (contador, leito); cadeiras antigas; coleção de pesos e medidas de bronze portugueses; azulejos.

Está tambem nesta sala um mostrador pequeno com objectos romanos do Algarve: um instrumento de ferro (*cultus coquinarius*), pedaços de barro arretino, tijolos que o D.<sup>or</sup> Rocha desenhou n-O Arch. Port., I, 206.

Pelas paredes: tapetes, quadros, lanças.

3.<sup>a</sup> Sala, ou DE COMPARAÇÃO (Etnografia moderna). Objectos dos indígenas da America, da Asia e das nossas possessões africanas: armas, idólos, esteiras, etc. Objectos portugueses: cartão com garfes e colheres; uma *cucharra* de Miranda; cartão com objectos de maritimos, de cortiça, e pesos de pedra e de barro.

4.<sup>a</sup> Sala, ou DE PREHISTORIA. Armario 1.<sup>o</sup>: aluvões quaternários de Fontela; um instrumento paleotico; crânio com começos de

<sup>1</sup> Já mal conservados, mas, envernizados com «verniz de carpinteiro» para não acabarem de se deteriorar; e dispostos paralelamente uns aos outros em taboleiros.

<sup>2</sup> Publicado depois nas *Religiões da Lusitânia*, III, 529.

trepanação, aparecido na anta de S. Amaro, com uma faca de silex; moldagens de varios crânios e outros objectos. Armario 2.<sup>º</sup>: percutores, nucleos, lascas de instrumentos neolíticos. Armario 3.<sup>º</sup>: muitos instrumentos e lascas. Armario 4.<sup>º</sup>: colar de contas, e fragmentos de chapões de lousa ornamentados; instrumentos de osso; de pedra (facas, setas, punhal, lanças); machados; percutores. Armario 5.<sup>º</sup>, ceramica: vasos inteiros; fragmentos de outros; cacos ornamentados. Armario 6.<sup>º</sup>: muitos instrumentos de pedra polida, sendo alguns bastante grandes (0<sup>m</sup>,20 de comprimento). Armarios 7.<sup>º</sup>, 8.<sup>º</sup> e 9.<sup>º</sup>: crânios e ossadas humanas. Armario 10.<sup>º</sup>: espolios de Santa Olaia. Armario 11.<sup>º</sup>: espolios do Crasto (Brenha). Estas duas últimas estações, que pertencem ao periodo de *La Tène*, foram, depois de novas excavações, magistralmente estudadas pelo D.<sup>or</sup> Santos Rocha na *Portugalia*, t. II, num trabalho de que se fez separata com titulo de *Estações pre-romanas da idade do ferro*, Porto 1908, provido de muitas ilustrações.—Na mesma sala ha: uma inscrição turdetanica da Fonte Velha de Bensafrim, que, a convite de Rocha, publiquei em 1897 n-*O Arch.*, III, 185, e que é de certo o objecto mais raro do Museu; o fragmento de uma tampa sepulcral da idade do bronze, que, com permissão do mesmo ilustre arqueólogo, publiquei tambem n-*O Arch.*, XI, 188-189; um mostrador com contas de vidro e objectos de pedra de Bensafrim.

Alguns dos objectos estão agrupados geograficamente, como os do Crasto, que se vêem todos juntos em um armario. Outros estão agrupados segundo as semelhanças da fórmula: machados de pedra ao pé de machados de pedra, setas ao pé de setas, facas ao pé de facas, artefactos de osso ao pé de artefactos de osso, e assim por diante,—o que, se facilita a comparação artístico-industrial, destroa a unidade historica.

O Museu abre-se ao publico ás 4.<sup>as</sup> feiras e Sabados. Na ocasião da minha visita, muita gente se acotovelava para entrar. Entram 20 pessoas de cada vez. Ha á entrada um livro em que os visitantes inscrevem o seu nome.

Este Museu é uma gloria de Santos Rocha, que lhe dedica a sua inteligencia e os seus meios de fortuna.

#### 101. Antiguidades dos arredores da Figueira

Na mesma ocasião em que visitei o Museu da Figueira (1896), onde o D.<sup>or</sup> Santos Rocha tinha acumulado tantas provas de patriotismo e de saber, visitei varios locais que circunvizinham a cidade. Aqui transcrevo o meu *diário* (carteira LXIV, p. 15 sgs.).

a) *Dolmens das Carniçosas.*

Vi dois: o primeiro consta de camara e galeria, uma e outra dentro de um grande monticulo artificial, grande na altura e no ambito, protegido hoje por um pinhal. Avulta logo de longe. A distancia de menos de 100 metros avista-se outro monticulo, que contém restos do 2.<sup>º</sup> dolmen. Devia haver aqui uma necropole prehistorica, destruída na mór parte pelo trabalho da cultura da terra.— O sitio é alto, e chama-se *Carniçosas*. O D.<sup>or</sup> Santos Rocha estudára estes dolmens nas *Antigid. da Figueira*, p. 18.

b) *Varzea do Lirio.*

Esta estação havia sido igualmente estudada pelo D.<sup>or</sup> Santos Rocha, *ob. cit.*, p. 53 sgs., 137 sgs. e 223 sgs. A minha visita foi rápida. À superfície do terreno apareciam restos mínimos e insignificantes de instrumentos ou lascas de silex.

c) *Dolmen do Cabeço dos Moinhos.*

Num alto, à vista do mar, e a cavaleiro da povoação da Brenha. Só resta em pé uma lage da camara.— Junto estava uma pedra avulsa, de calcareo, de uns 0<sup>m</sup>,31 de largura, que tinha insculpidos uns traços cruciformes (cruz irregular), tais como se mostram na fig. 102. — Este dolmen fôra igualmente estudado por Santos Rocha, *ob. cit.*, p. 14.

d) *Crasto e vizinhanças* (cf. supra, § 100, 4.<sup>a</sup> sala).

O Crasto fica sobre Buarcos ao pé do Casal da Serra: tem no alto um cabeço (atérro) artificial, mais ou menos explanado, séde de antiga povoação. O Crasto era defendido naturalmente pela ribanceira.



Fig. 102

Por todo ele aparecem cacos, alguns de carácter bastante arcaico. Na encosta apareceu, e veio para o Museu Etnológico, metade de um machado neolítico, que mede de comprimento 0<sup>m</sup>,093, e tem secção quadrangular; o gume está poído, o que mostra que o objecto serviu de polidor ou brunidor, depois de ter sido instrumento cortante: o D.<sup>or</sup> Santos Rocha cita outro nas mesmas circunstâncias, *Antig. da Figueira*, por exemplo, a p. 26, fig. 19.<sup>a</sup>, e p. 28, fig. 34.<sup>a</sup> Tenho encontrado noutros pontos do país muitos instrumentos de carácter semelhante. Cf. já Carlos Ribeiro, *Estudos Prehist.*, I, 19.

Continuando a andar, encontram-se várias ondulações. A 2 kil. fica o Casal da Serra. À entrada, ao lado da estrada rial da Figueira, ha um sitio chamado a *Mamoinha*. O povo da localidade não liga ao nome a ideia que este primitivamente exprimiu, pois diz que ele resultou de haver *moinhos* ao pé. Ora *mamoinha* designa um *tumulus* que

cobria um dolmen, e aqui deve ter existido ou existe um.—Na povoação do Casal da Serra obtive para o Museu Etnológico um machado prehistórico: vid. fig. 103: tem de comprimento 0<sup>m</sup>,15, secção sub-quadrangular, gume, e topo oposto, mais ou menos esmoucados.

Adiante fica o sitio do *Prazo de S. Amaro*, na freguesia de Quiaios, em meio da Serra, num descampado. Aí vi um marco divisorio, de calcareo, que sobressaía do chão uns 75 centimetros, e tinha de largura uns 38: vai desenhado na fig. 104. As letras significarão *P(razo) De B(aixo?)*. A cruz é não só um enfeite facil e natural, mas encerra virtudes anti-demoniacas que muito convém aproveitar num caso como este: cf. o que no § 1 foi dito de marcos antigos. Mais adiante ha tres monticulos artificiais (terra e pedregulho), distanciados entre si alguns decametros. Á mesma distancia fica a capela de S. Amaro, junto á qual houve, como me disseram, um dolmen num monticulo; hoje não se vê, parece que o enterraram mais. A propria capela, que é moderna, ergue-se em uma ondulação de terreno. Ao longe avista-se a aldeia do Casal da Serra; em baixo, o mar. Era tambem aqui uma necrópole pré-histórica. Onde ficaria a respectiva povoação? Talvez no Casal da Serra.—Não ha por ali sitio nenhum com o nome de *castro*, nem vi geitos.—O descampado tem, como disse, o nome de *Prazo de S. Amaro*, mas

ha nomes secundarios, correspondentes a subdivisões do local: *Val de S. Amarinho*<sup>1</sup>, *Val do Fadanheira*<sup>2</sup>, *Val dos Corões*, *VAL D'ANTA*. Este último é o mais significativo, porque denota que houve ali uma *anta*, ou dolmen, hoje já não existente. Para diante da capela, ao Norte, vê-se outro monticulo.

Ao todo, temos pois ali noticia de cinco dolmens: os tres monticulos ou «mamoinhas», o dolmen da capela, e o que está representado pela designação de *Val d'anta*. Se o monticulo em que está a capela foi tambem uma «mamoinha», podemos pois acrescentar mais um dolmen.—O D.<sup>r</sup> Santos Rocha estudára estes sitios na citada obra, p. 123, etc.

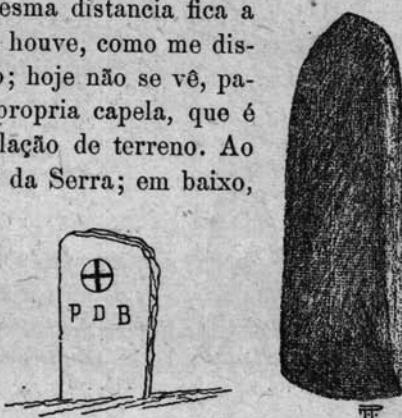


Fig. 104

Fig. 103

<sup>1</sup> *Val de S. Amarinho* deve explicar-se por «valzinho de S. Amaro», pois claro está que o diminutivo se aplicou ao sitio, e não ao santo.

<sup>2</sup> Provavelmente é a alcunha de um antigo proprietário.

## 102. Chapão de lousa da anta de Tolosa

Numa anta, ao pé de Tolosa, concelho de Nisa, apareceram varios objectos, e entre eles dois chapões de lousa ornamentados, que foram ter ás mãos do S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Antonio A. Duarte Silva, da Figueira da Foz, o qual fez o obsequio de me oferecer um (1896), que reproduzo na fig. 105. Os ornatos são geometricos, e só de um lado; o chapão tem em cima um orificio para se pendurar.

Os chapões de lousa são, no meu entender, amuletos prehistóricos: *Religiões*, I, 155 sgs. Vid. o que tambem escrevi a respeito d'eles n-*O Arch.*, XI, 338 sgs., onde citei exemplares aparecidos na Hespanha em locais confinantes com a Beira-Baixa. Já depois d'isso L. Siret publicou outros nas *Religions néolith. de l'Ibérie*, Paris 1908,

est. VIII-X. Ultimamente os arqueologos hespanhois descobriram mais na região de Albuquerque, que péga com o Alemtejo: Hernandez Pacheco & A. Cabrera, *Pinturas prehistóricas*,

Madrid 1916, p. 10-11: os AA. estão de acordo comigo (*O Arch. Port.*, XI, 341) em atribuirem os chapões ao periodo calcólítico. De facto tem aparcido com eles, em Portugal, objectos de cobre. O S.<sup>or</sup> Cabré, *Arte rupestre gallego y port.*, Lisboa 1916, p. 22, n. 1, é que os julga da época

em que não havia ainda metais: mas ele de certo não leu o que eu escreviera no citado lugar d-*O Archeologo*. A respeito da semelhança que varios arqueologos tem estabelecido dos nossos chapões e dos de Hespanha com os de Chipre, devo dizer que já em 1900, como consta dos meus apontamentos de viagem d'esse ano, eu observára na secção IV do Museu de Viena d'Austria (*K. K. Naturhistorisches Hof-Museum*), ao pé de uma janela, em uma sala da «epoca do Bronze», uma figura de barro que lá ha, ida de Chipre, e escreviera a propósito no meu caderno: «lembra as nossas placas de lousa, com forma humana», e até a esbocei (fig. 106). Como porém não me chega o tempo para publicar todos os materiais que constantemente colho, outros indagadores se me antecipam muitas vezes na publicação de materiais seus, iguais ou analogos aos que eu já tinha.

## 103. Capela de Santa Olaia

Adiante de Maiorca, á direita da estrada que leva a Montemór, fica um morro, chamado «Castelo de Santa Olaia», onde ha uma



Fig. 105



Fig. 106

capela nua, com vasto horizonte de campos verdes, Maiorca numa planicie, Verride e Revéles em montes. Estive lá em Agosto de 1896. Mão desconhecida havia escrito a lapiz numa das paredes da capela os seguintes versos, em que ha muita devoção e pouca arte:

Sant'Eulalia, Mãe SS.<sup>ma</sup>,  
Dos lavradores protectora;  
Dae-me tambem protecção,  
Não me abandoneis, Senhora,

os quais são, no estilo, semelhantes aos que costumam entoar-se nas romarias. Efectivamente faz-se aqui uma romaria anual, em 15 de Agosto.

Tanto no adro da capela, como nos campos proximos, aparecem fragmentos de telha de rebordo ou  *tegulas*. Acérca do castro ou Castelo de Santa Olaia, vid. supra, § 100, 4.<sup>a</sup> sala.

#### 104. Montemór-o-Velho

De Santa Olaia fui a Montemór. A estrada da Figueira a Montemór é entre campos verdes, e em muitos pontos frondosamente arborizada de cada lado, o que dá a ideia de se ir a caminhar por uma alameda de jardim ou de quinta de recreio. Era dia de feira, e formigava muita gente pelas ruas da vila de Montemór. Tudo descalço, homens e mulheres. Os homens do povo quasi todos de barba rapada; as mulheres freqüentemente de chapelinho, e vestidas de preto.

Porta ogival que vi em Montemór: fig. 107.

Na igreja dos Anjos, atrás da tribuna, está o tumulo (de calcareo) do guerreiro Diogo de Azambuja, falecido em 1518. No tumulo figura-se o heroi, com suas vestes e armas, e um letreiro comemorativo das façanhas que cometeu: fabricação do Castelo da Mina, tomada de Ca-fim aos Mouros, de Alegrete aos Castelhanos. Quem tanto lutou pela patria, jaz ali quasi esquècido, ou esquècido de todo, a um canto da igreja do convento que ele proprio fundára. Como Portugal é pouco cioso da gloria dos seus filhos! — Na inscrição tumular notei uma curiosa forma de linguagem, *Altel* por «Alter»<sup>1</sup>.

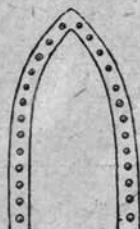


Fig. 107

<sup>1</sup> Como este fenomeno de -él por -ér ha outros na lingoa popular: *Xavel*. Tambem ha -il por -ir: nomes germanicos em -mil (*Leomil*).

## 105. Maiorca (cf. § 103)

Á volta parei um pedaço em Maiorca<sup>1</sup>. Por estes sitios a gente é de pele clara e por vezes còrada. Notei muitas pessoas de olhos verdes<sup>2</sup>. Tanto em Maiorca como no vizinho *casal*<sup>3</sup> de Anta abundam teares. Os pesos de teares são de pedra, e curiosos, por terem fórmula de coração, e alem disso desenhos gravados neles e letreiros que exprimem saudações, como «viva!», «só a ti amo», e designam datas e nomes de pessoas. O coração fórmula um ornato correntíssimo na arte popular, porque representa o amor, e o amor é um dos sentimentos mais vivos da alma portuguesa<sup>4</sup>. Trouxe dois pesos de Maiorca para o Museu Etnológico<sup>5</sup>. O povo pôe freqüentemente nas suas couças um pouco de arte. Não admira que os pesos prehistóricos, que apareceram no «Castelo» ou castro de Pragança, fossem também muito enfeitados.—Todas estas observações eu fiz em 12 de Agosto de 1896, como consta da minha carteira n.º LXIV, pp. 47 e 63. Ouvindo-m'as em seguida na Figueira, foi que o falecido Pedro Belchior da Cruz procurou e adquiriu varios pesos em Maiorca, os quais deu a lume na *Portugalia*, I, 378, onde honradamente se refere ao Museu Etnológico, embora não especifique o de que acima falo, talvez porque os rotulos haviam caido. Como eu estudo activamente Etnografia desde 1876<sup>6</sup>, raramente se publicará sobre este assunto cousa em Portugal de que eu não possua já algumas notícias; o que acontece, é estar em grande parte ainda inedita a minha colheita, e avantajarem-se-me outros na data da publicação. Digo isto apenas para que não pareça que, salvo advertencia em contrário, sou eu quem vem depois, quando quasi sempre acontece o inverso.—Tornemos a Maiorca, A designação de *Anta*, dada ao *casal* onde havia os teares, entra na mesma cate-

<sup>1</sup> O povo explica a palavra por uma lenda em que alguém diz, por oposição à terra vizinha: *Maior, cá!* Todavia o etimo, conquanto da mesma base ideológica, tem outra explicação: vid. as minhas *Lições de Philologia*, p. 155.

<sup>2</sup> Acêrca da côr do olhos verdes (e azuis) cf. o que escrevi no meu livro intulado *O Doutor Storck e a Literatura Portuguesa*, Lisboa 1910, p. 17 e nota 2.

<sup>3</sup> Com *casal* designa-se por aqui uma «povoação pequena». Corresponde a *quinta* em certas zonas de Trás-os-Montes e Beira-Alta.

<sup>4</sup> Os potes da agoa na Figueira tem no bojo uns desenhos que também representam corações.

<sup>5</sup> Vid. *O Arch. Port.*, III, 122, § 82; cf. os meus livros *De Campolide a Melrose*, p. 41-42, e *Hist. do Museu Etnológico*, p. 418. Devo notar que foi por equivoco que, nesta última obra, a propósito da fig. n.º 189, disse que o peso era da «Estremadura»; devia dizer que era de «Maiorca».

<sup>6</sup> Vid. *Trad. pop. de Portugal*, Porto 1882, p. xi.

goria que *Val d'Anta*, de que falei no § 101: é pois o ultimo eco da existencia de um sepulcro prehistoricó, ou certamente de uma necrópole, naquele local.

#### 106. Moeda visigotica

Num ourives em Coimbra, vi em Agosto de 1896 um triente visigotico em que se lia <sup>CHINTILA .... (busto)</sup>  
<sub>ISPALI PIVS (busto)</sub>, provavelmente achado pelos arredores.

#### 107. Balas do tempo dos Franceses

Apareceram muitas pela Serra do Buçaco, onde as tropas de Massena, em 1810, foram derrotadas pelas anglo-lusas. Ha outros locais de batalhas da mesma época onde aparecem balas semelhantes, por exemplo nos arredores da Roliça (batalha de 1808). — Tanto da Roliça como do Buçaco se guardam algumas d'estas balas historicas no Museu Etnologico (1896).

#### 108. Crato

Informaram-me, em 1896, de que no sitio da Granja, proximo da estação ferroviaria do Crato, apareceram sepulturas dispersas, que continham ossos desfeitos e vasos de barro. — Provavelmente sepulturas romanas.

#### 109. Alvega e Mouriscas

Numa quinta do Rev.<sup>do</sup> Severino Ferreira de Sant'Ana, ao pé da igreja de Alvega, a uns 17 kilometros de Abrantes; apareceram moedas romanas, mosaicos, pedras de lagar, e tijolos grossos, estes ultimos em tanta quantidade, que até ha afi uma courela chamada *dos Tijolos*.

Do outro lado do Tejo, na freguesia das Mouriscas, concelho de Abrantes, em uma propriedade denominada *Aldeias*, apareceram muitas sepulturas romanas, parece que feitas lateralmente de tijolos, e cobertas de tampas de pedra. Duas d'estas sepulturas tinham lapides com inscrições.

Informações do S.<sup>or</sup> Severino Marques, ao tempo (1896) estudante da Escola Medica de Lisboa (hoje é medico).

\*

As duas lapides a que acima me refiro obtive-as depois para o Museu Etnologico, por intermedio de Severino Marques. As respectivas inscrições foram publicadas nos *Additamenta nova* ou 4.<sup>o</sup> *Supplementum* do *Corpus*, §§ 22 e 23, por Hübner, a quem eu, como ele declara, as tinha enviado.

J. L. DE V.

**Miscelânea**

Ao procedermos a uma busca no arquivo dos recolhimentos da Capital, instalado no recolhimento da Rua da Rosa, encontrámos lá vários documentos que pertenceram ao Dr. José Barbosa de Carvalho, que foi, primeiramente, juiz de fora em Almada, desde 18 de Agosto de 1755 (data do decreto de nomeação), até 24 de Janeiro de 1760, e, depois, juiz do crime do bairro do Mocambo, desde 25 de Fevereiro de 1771 (data da posse), até 14 de Outubro de 1778 (em que foi suspenso), e que veio a falecer em 4 de Abril de 1785<sup>1</sup>.

Durante o tempo em que foi juiz do crime do bairro do Mocambo foi também várias vezes, interinamente, juiz do crime do bairro de Belém.

De entre os referidos documentos há um que particularmente interessa aos leitores d-*O Arqueólogo Português*, porque não só dá notícia do aparecimento de várias xorcas (?)<sup>2</sup> de ouro, como também nos informa que o Marquês de Pombal, tam habituado a ordenar diligências policiais, igualmente soube ordenar uma diligência arqueológica, com certo aparato. É o auto que se segue:

**I****Xorcas (?) de ouro achadas em Alcoitam, termo de Cascais;  
excavações ordenadas pelo Marquês de Pombal**

«Joaquim Elias dos Santos Escrivam do crime do bairro do Mocambo por sua Magestade Fidelíssima, que Deos guarde etc. Certifico »que eu fui em companhia do Dr. José Barbosa de Carvalho juiz

<sup>1</sup> Os documentos supra mencionados foram remetidos para o recolhimento da Rua da Rosa pelo recolhimento de Lázaro Leitão, onde tinham ido parar do seguinte modo: por morte do Dr. José Barbosa de Carvalho passaram por herança para um primo d'ele, António Martins Tôrres. Herdados depois, sucessivamente, pela viúva d'este, D. Maria Inácia de Macedo e Silva, e por um sobrinho desta, o Dr. António Rodrigues de Macedo Leitão Aranha, ficaram, por fim, no referido recolhimento, porque, tendo êste último morrido sem herdeiros e tendo sido padroeiro do recolhimento, onde até tinha casa para viver por disposição do fundador, o principal Lázaro Leitão com quem era aparentado, ninguém os reclamou.

<sup>2</sup> Vid., sobre a adopção e significação desta palavra, *O Arch. Port.*, II, p. 17 sgs.: *xorca de ouro*, pelo Dr. J. L. de Vasconcellos.

»do crime de dito bairro ao lugar de Alcoitam termo da villa de Cascais por este ser mandado por ordem do Ex.<sup>mo</sup> Marques de Pombal em sette de Março de mil setecentos, e setenta e quatro ao descubrimento de hum thesoiro que no dito citio entendia o dito secretario de Estado havia por nelle terem sido achados huns bocados de oiro por modo de argolas muito antigas, para euja diligencia que lhe foy mandada dar huma guarda de hum cabo com sete soldados do Regimento de Cascais, e nesta conformidade mandou convocar bastante gente de trabalho, a quem satisfes da sua propria fazenda, e mandou cavacar o citio destinado, que era huma vinha já fabricada, e nella achando outro pedaço de oiro irmam dos dois bocados, que ja tinham sido achados, mandose ficar a referida guarda no dito citio, suspendendo o trabalho dos ditos homens, e veyo dar parte ao dito secretario de Estado, que o fes voltar p.<sup>a</sup> o dito citio a continuar na mesma diligencia, ordenando tambem ao Dezenbargador João Fernandes de Oliveira o acompanhasse à mesma diligencia, onde estiveram dezanove dias sustentando a guarda, e pagando a grande numero de trabalhadores para a dita cava, e revolçam da terra no maior rigor do inverno, tudo isto com assistencia dos mesmos Ministros todo o dia, e por pasar o contheudo na verdade pasei a prezente em Lisboa aos tres dias do mes de Fevereiro de mil setecentos, e setenta, e oito a pedimento do mesmo Doutor juiz do crime, e eu Joaquim Elias dos Santos o escrevi, e asinei

»Joaquim Elias dos S<sup>tos</sup>.».

De entre várias outras ordens dirigidas ao referido Dr. José Barbosa de Carvalho tomámos nota de mais as seguintes:

## II

### Prisão de malfiteiros por ocasião do terremoto de 1755

Num ofício, datado de 4 de Novembro de 1755 e assinado por Sebastião José de Carvalho e Melo, recomendou-se ao juiz de fora de Almada que examinasse todos quantos passassem pelas terras da sua jurisdição e lançasse mão de todos os viandantes que se não legitimassem. A necessidade desta diligência vem explicada no começo do ofício nestes termos: «Na cidade de Lisboa se espalhou hum grande numero de ladroens tão deshumanos, e sacrilegos que abusando da calamidade com que Deos Senhor Nosso nos avisou no dia Primeiro do corrente, acrescentaram a consternação do Povo

»justamente espavorido persuadindo-o a que se retirasse para longe »porque se mandava bombear a cidade, para no abandono em que a »puzeram com estas vagas vozes cometterem a seo salvo os muitos »roubos, e sacrillegios, com que despojaram as casas, e os Templos: »passando para essas partes carregados dos mesmos roubos e sa- »crillegios».

## III

**Mantimentos para os povos da Outra-banda e regulamentação dos preços das embarcações, por ocasião do terremoto**

Num ofício datado de 7 de Novembro de 1755, comunica Sebastião José de Carvalho e Melo (que o assina), ao juiz de fora de Almada, que S. M. tendo ficado muito sensibilizado com a notícia dos estragos causados pelo terremoto naquela vila, mandava dizer, pelo que respeitava a mantimentos, que ele podia fazer publicar não só na vila, como em todo o seu termo, que, desde o Terreiro do Paço até a Ribeira, se achava estabelecida uma feira abundantíssima de tudo o que era necessário. Neste documento diz-se que com ele seguia um edital relativo aos barqueiros por ter sido S. M. informado que eles tinham vexado os povos com exorbitâncias, e impedido o comércio humano.

## IV

**Barcos cacilheiros para transporte da Família Rial,  
e dos coches, para a Outra-banda**

Cada vez que a Família Rial tinha de atravessar o Tejo, o que sucedia freqüentemente, era pelo poderoso ministro de El-Rei D. José expedido um ofício ao juiz de fora de Almada em que lhe ordenava que a certa hora tivesse prontos em determinados sítios da margem direita uns tantos barcos cacilheiros para conduzirem para a margem oposta não só as pessoas riais, como os coches, a ucharia, criados, etc., os quais deveriam ser entregues ao Sargento-mor Pedro Teixeira, o conhecido amigo e criado do Soberano, a quem era sempre cometido o encargo de dirigir os carregamentos.

Acérca do sítio em que se fazia o embarque encontram-se nos ofícios as seguintes indicações:

no de 23 de Janeiro de 1756: 17 barcos, no dia seguinte, na *praia da Junqueira*;

no de 15 de Maio de 1756: na *praia da Junqueira*;

no de 29 de Novembro de 1756: 14 barcos no sítio do *Cais do*

*Carvão, junto às Gallés<sup>1</sup>,* de sorte que lá estivessem o mais tardar até a meia-noite do próprio dia à ordem de Pedro Teixeira;

no de 2 de Dezembro de 1756: 12 barcos cacilheiros, na *praia da Junqueira, onde se costumam embarcar as equipagens de S. M.*;

no de 8 de Janeiro de 1757: 28 barcos para serviço da reparação das riais cavalariças, na *praia da Junqueira*;

no de 17 de Novembro de 1757: 11 barcos cacilheiros para a *ponte da Junqueira*;

no de 10 de Dezembro de 1757: mandam-se vir barracas do Porto Brandão para a *ponte da Junqueira*;

no de 30 de Dezembro de 1757: ordenou Sebastião José de Carvalho ao juiz de Almada que no Domingo, 1.<sup>º</sup> de Janeiro de 1758, enviasse 28 barcos cacilheiros para a *praia do Forte da Junqueira*, onde deverião estar ao meio-dia. No dia 15 tornaria o mesmo juiz a mandar igual número de barcos ao mesmo sítio, à ordem de Pedro Teixeira;

no de 12 de Dezembro de 1758: 16 barcos cacilheiros, que deveriam vir sem falta na noite do mesmo dia *portar no Cais do Carvão, junto à fundição, onde ordinariamente costumão vir em semelhantes ocasiões*.

## V

### Diligência importante, cometida ao juiz de fora de Almada (Relacionada com a prisão do Duque de Aveiro)

«S. Mag.<sup>de</sup> he servido, que v. m. na mesma hora, em que receber este Avizo, sem a menor interrupção de tempo passe dessa Villa de Almada ao Porto de Cassilhas com toda a diligencia; e que nelle suspenda v. m. o dezembarque de todas, e quaesquer Pessoas, que ali portarem, de qualquer estado, condição, e qualidade, que sejão, sem exceção algúia; não lhes permittindo de alguma sorte, que possão sahir das embarcaçõens, em que chegarem, desde as seis horas da madrugada athé as quatro da tarde do dia de amanhã: E tendo v. m. entendido, que ao tempo, em que permitir os dezembarques, por ser chegada a referida hora; deve dar geral busca á todas as referidas Pessoas; e deve sequestrarlhes, e remetter logo seguros á esta secretaria de Estado todos os Papeis, e cartas, que forem

<sup>1</sup> Conf. Visconde de Castilho: *A Ribeira de Lisboa*, p. 131. No mesmo livro, a p. 116, diz-se que «O Caes do Carvão, com seu armazem para deposito dessa negra mercancia, era entre todos feio e lugubre». Não se comprehende, por isso, como a Família Rial lá ia embarcar, como se deprehende não só deste ofício, como dum outro adiante citado.

»achados; os quais serão restituídos pela mão de v. m. ás Pessoas,  
 »á quem se apprehenderem, depois de se haver nelles feito húa dili-  
 »gencia muito importante para o serviço de Deos, e de S. Mag.<sup>de</sup>  
 »O mesmo Senhor ordena outrosim, que no cazo, em que não só no  
 »espaço de tempo ácima referido, maz ainda depois delle, por todo  
 »o sobredito dia, e noite, e pelo dia proximo seguinte, chegue ao caes  
 »do mesmo Porto qualquer embarcação, que não seja a publica, e da  
 »carreira ordinaria; a qual leve algum passageiro particular; v. m.  
 »faça logo apprehensão nelle immediatamente, e nos Papeis, e Car-  
 »tas, que lhe forem achados; mandando-os v. m. á cargo de Pessoas  
 »seguras entregar na minha mão, ao tempo, em que os for descobrindo  
 »sem dilação algúia, para serem logo presentes á S. Mag.<sup>de</sup>: que ha-  
 »por muito recomendado á v. m. tudo o referido, debaixo da certeza  
 »de que qualquer inesperada omissão, que houvesse aos ditos respei-  
 »tos poderia ser de grande desserviço das duas Magestades, Divina,  
 »e Humana.

»Deos guarde a v. m. Belém a 12 de Dezembro de 1758»  
 »S.º Juiz de Fora de Almada.

*Thomé Joachim da Costa Corte R.º.*

À margem tem mais o seguinte:

«P. S. A ordem retro não comprehende o Ministro, ou Ministros,  
 »e officiaes de guerra, que poderão passar o Rio encarregados de  
 »algúias diligencias do Real serviço: Aos quais sómente ordena S. M.  
 »que v. m. deixe livremente dezembocar com os officiaes de justiça,  
 »e soldados, que os acompanharem».

Na mesma data foi dirigido um Aviso aos oficiais de justiça, da guerra, auxiliares e ordenanças para que dessem ao juiz de fora de Almada todos os auxílios e socorros que ele lhes declarasse serem-lhe necessários para a execução de certas diligências do serviço de Deus e de S. Majestade, e de que se achava pelo dito senhor encarregado no pôrto de Cacilhas e suas vizinhanças. (Este documento tem um sêlo de lacre com as armas riais).

Tendo sido no dia 13 de Dezembro de 1758, de madrugada, que se efectuou a prisão do Duque de Aveiro, em Azeitão, nenhuma dúvida pode haver acerca do fim desta diligência no pôrto de Cacilhas, ordenada no dia 12 do mesmo mês: Sebastião José de Carvalho, querendo impedir que o Duque lhe escapasse das mãos, quando estava prestes a segurá-lo, cercou-o cuidadosamente.

Junqueira, Maio de 1919.

ARTHUR LAMAS.

Apendice ao artigo intitulado «Pelo Sul»  
publicado supra, pp. 104-138

I. VISTA GERAL DE MONCHIQUE:

Para justificar o que digo de Monchique, a p. 125, reproduzo na fig. 1, de um bilhete postal (ed. de «S. R.», Lisboa), uma vista geral da vila.— Sáio da arqueologia, é certo, mas note-se que este artigo tem o título de «Apêndice».

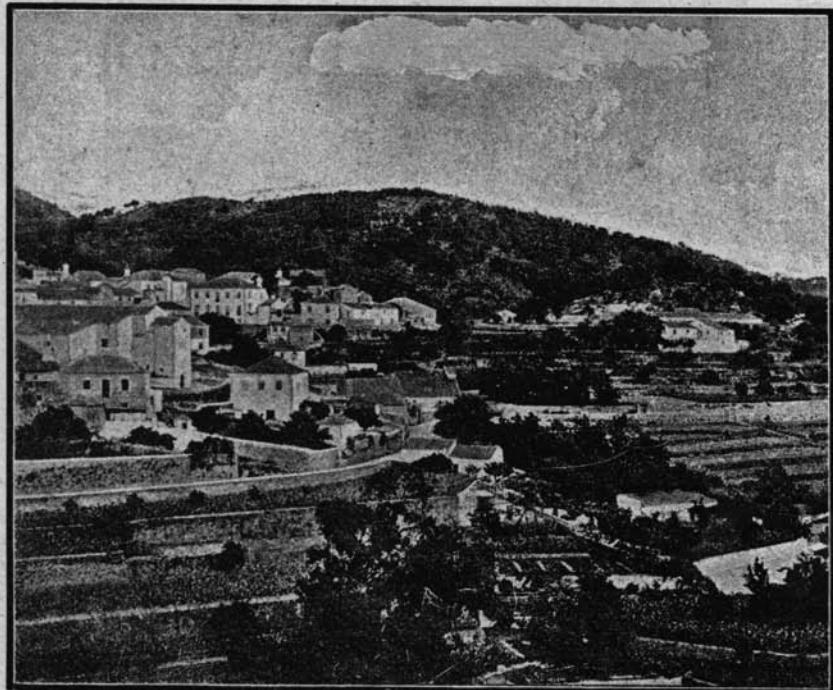


Fig. 1

**II. IGREJA MATRIZ DE MONCHIQUE:**

Na fig. 2 e 3 reproduzo respectivamente fotografias das portas manuelinas da igreja matriz de Monchique (vid. supra p. 125), as quais são pouco conhecidas dos arqueólogos: porta principal (ao Poente), e lateral (ao Sul).—Devo estas fotografias ao obsequio do S.<sup>or</sup> José António Guerreiro Gascon, de quem falei no meu artigo.



Fig. 2—Porta principal

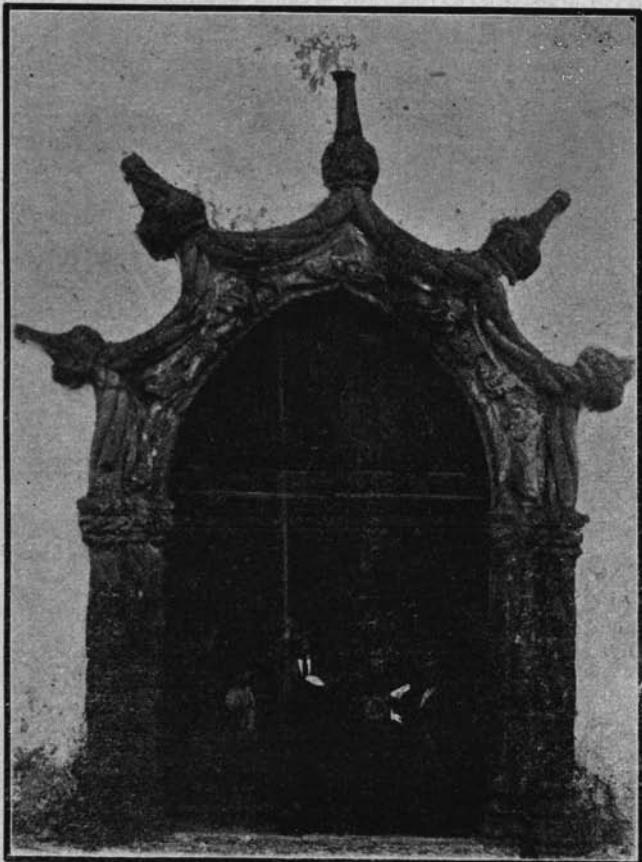


Fig. 3 — Porta lateral

### III. BIÔCO:

Na fig. 4 reproduzo um desenho que Saavedra Machado fez em Faro, de uma mulher *de biôco* (vid. supra, p. 115, nota), ao qual comparo na fig. 5 desenhos de mulheres marroquinas extraídos de *France-Maroc* (revista mensal), Paris-Rabat, 1917, n.º 7, p. 23. O uso algarvio tem provavelmente origem árabe.—Se o *Archeologo* fosse revista etnográfica poderia estabelecer eu aqui outros paralelos, por exemplo com a *mantilha* (Alemtejo, Beira, Norte) e o *capote de capelo* (Madeira, ainda que esses paralelos deveriam ser acompanhados de discussão.



Fig. 4 — Mulher algarvia, de biôco



Fig. 5 — Mulheres marroquinas

**IV. AÇOTEIA:**

Talvez também ao leitor não desgrade que eu na fig. 6 e 7 lhe compare as casas de açoteia, de Olhão (cf. supra, p. 115) com casas árabicas: a fig. 6 é extraída de um bilhete postal de Lazaro da Costa (Olhão); a fig. 7 (Medina) é extraída da citada revista *France-Maroc*, 1917, n.º 6, p. 2. A comparação impõe-se!

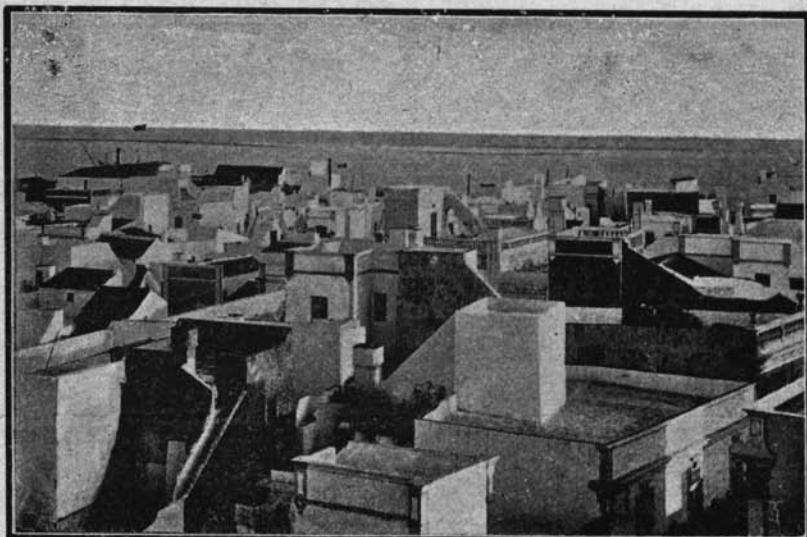


Fig. 6 — Olhão

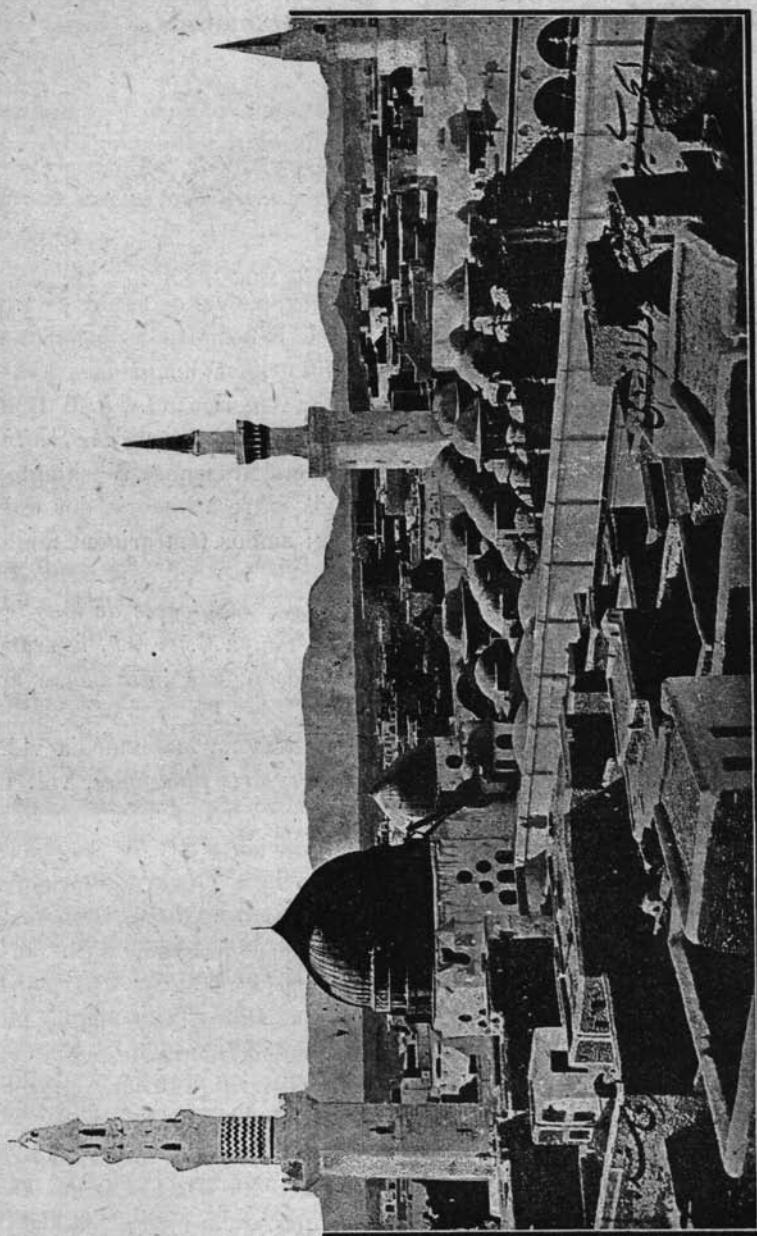


Fig. 7 — Medina

Belem, Museu Etnológico, 24 de Dezembro de 1918.

J. L. DE V.

**Aditamento ao «Signum Salomonis»**

(Vid. supra, p. 203)

Durante o trabalho de composição tipográfica, paginação, e impressão artigo intitulado *Signum Salomonis* colhi outros apontamentos que importa aditar-lhe.

1. O pentalfa aparece no alfabeto dos Índios Mikmaks da América do Norte, e significa aí *mayok*, isto é «no céu»: vid. Carl Faulmann, *Das Buch der Schrift*, Viena 1880, p. 11 (repetidamente). A escrita d'este povo, como o A. diz, era outr'ora comum aos primitivos habitantes do Canadá.—Temos aqui talvez, quanto à origem, um problema análogo ao da existência do suástica também na América: cf. Th. Wilson, «The suastika» in *Annual Report of the Board of Regents of the Smithsonian Institution* (Report of the U. S. National Museum), Washington 1896, p. 879. Ha, de facto, certa analogia entre a história dos dois sinais, o pentalfa ou hexalfa, e o suástica: ambos têm origem muito remota, e extensa área de propagação.

2. No tomo xi de *Cérémonies et coutumes religieuses de tous les peuples du monde*, Paris 1810 (liv. 5.<sup>a</sup>), estampa 6.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup>, figuram talismans com o pentalfa e o hexalfa.—Devo esta informação ao D.<sup>or</sup> Artur Lamas, que me mostrou a obra.

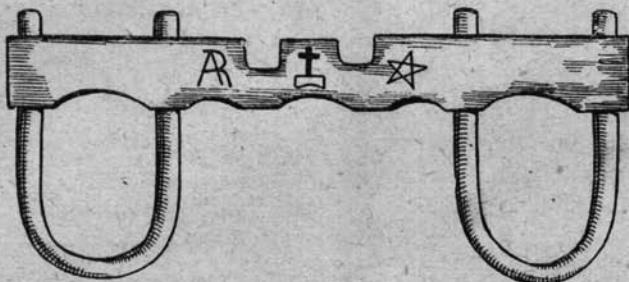
3. Acerca do uso do hexalfa e do pentalfa na idade-média vid. também A. Demmin, *Encyclopédie des beaux-arts plastiques*, vol. I, p. 184.

4. Num trabalho que ultimamente me enviou o Sr. W. Deonna, intitulado «Les croyances relig. et superst. de la Genève antérieure au Christianisme» (separata du *Bullet. de l'Institut National Genevois*, XLII, 209 sgs.), e escrito com o acume e erudição habituais d'este autor, ha breves alusões ao pentalfa e hexalfa, a pp. 204, 316, 365, em parte concordantes com as que eu fizera supra. O trabalho do S.<sup>or</sup> Deonna deu-me conhecimento de uma notícia acerca do pentalfa, inserida por F. Röck no *Globus*, 1909, pp. 7-9, a qual sinto não ter podido ler antes de estar impresso o meu estudo.

5. Em Vila-do-Conde dizem que o pentalfa livra de mau olhado.—Quem está dentro do *sinsalamão* está livre do Diabo (Ponte do Lima).—O amuleto do *sino-salamão* compra-se na feira, dá-se a benzer ao padre da freguesia, e ata-se com uma fitinha de seda, lá, etc., ao pulsinho direito de uma criança, e livra-a de maus ares e do Pecado. «Bonda ser o sino-salamão, tem a cruz, e arrenega o Diabo. Arrenegado ele seja!» (assim me disse uma mulher do concelho de

Melgaço). O *Pecado* é o Diabo. «Os maus ares vêm com os ares, de cemiterios, etc.: vêm com os ventos! sabe Deus d'onde!» (acrescentou a mesma mulher).

6. Nas *cangas* que jungem os bois, em Aveiro, figura por vezes o pentalfa, «por causa das Bruxas», ainda que se diz tambem que «o boi, por ter cornos, não é embruxado». Mas é bom sempre reforçar as acções mágicas umas com as outras! — Na figura adjunta re-



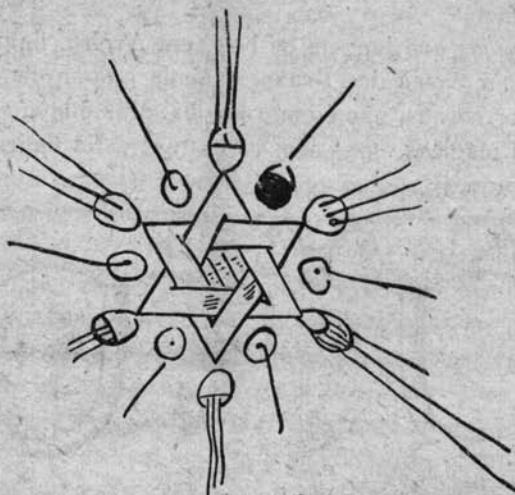
Canga de Melgaço

produzo uma *canga* de bois, que observei no concelho de Melgaço, e foi lá desenhada pelo S.<sup>or</sup> Ventura Duarte Igrejas: na frente, ao meio, está insculpida uma cruz, que tem á sua direita «A» «R» ligados (iniciais do nome do dono), e á sua esquerda um pentalfa. O comprimento da canga é 1 metro.

7. Sei que ha em Aveiro uma mulher que tem no antebraço direito uma tatuagem azul, feita em 1861, constante de um crucifixo ladoado dos emblemas do martirio, e encimado do sol & da luá, e bem assim das iniciais «I. N. R. I»; na tabaqueira anatomica esquerda tem um hexalfa, que encerra um ornato imperceptivel (talvez estrela), e está encimado de uma cruz posta sobre uma peanha, vendo-se em volta de tudo oito pontos.

8. Um pergaminho de 1490, proveniente do convento de Jesus, de Aveiro, e ora na Repartição de Fazenda da mesma cidade, está escrito e assinado por um tabelião que usa como «sinal» dois triangulos elegantemente enlaçados, de modo que constituem um hexalfa; em volta d'este agrupam-se varios ornatos de fantasia, em número de doze. Vid. a fig. da página seguinte.—Numa folha-de-guarda do foral da vila de Soure, de 1513, ha uma assinatura do sec. XVI, feita com o pentalfa, que foi traçado entre *Amtam* e *Lopez*.—O mesmo sinal aparece num documento de 1649, de um livro de notas do tabelião Antonio Arnao: na Lousã, em poder do D.<sup>or</sup> Carlos Sacadura (o termo da abertura é de 1639, assinado por *João de Saa*).—As *chaves de S. Pedro*, que se vêem na fig. 179-bis, —sinal de ta-

belião —, aparecem em sinais de notários apostólicos de França: Guigue, *De l'origine de la signature*, já cit., p. 68. — As figs. 227-228,



Sinal de fabelião de um pergaminho do sec. xv  
do Convento de Jesus de Aveiro na Repartição do Fazenda

de que falei a p. 265, e a que comparei outras *ibidem*, as quais terão acaso carácter mágico, existem também em França: vid. Guigue, est. VII, n.º 19, etc.

9. Entre várias siglas do mosteiro da Ermida do Paiva (Castro-Daire) conta-se o pentalfa, como o S.<sup>or</sup> D.<sup>or</sup> Aarão de Lacerda mostrará no livro que tem no prelo sob o título de *O Templo das siglas*. — No *Catálogo* do Museu do Carmo, Lisboa 1891, n.º 3:898, lê-se: «Pedra com o signo de Salomão, achada nas ruinas do edifício do Carmo». Esta pedra não aparece, apesar de procurada. Provavelmente era pedra sepulcral, como as de que falo no meu estudo.

10. Informa-me o S.<sup>or</sup> Major Fernando Barreiros de que na capa de um romance intitulado *Rosquedo*, de Delfim Guimarães, Lisboa 1912, se desenha uma fonte de Ponte do Lima, e que na mesma se vê um hexalfa que contém no centro um ponto.

11. O artista Bordalo Pinheiro serviu-se do *sino-saimão dobrado*, como tipo de ornamentação de azulejos. Esse *sino-saimão* é formado por quatro azulejos ligados entre si. Vi espécimes no Museu Industrial do Porto. — O *sino-saimão dobrado* não é conhecido em todo o país: assim, por exemplo, no Alto-Minho nunca ouvi falar nele, apesar de ser muito supersticiosa a gente de lá, e de atribuir grande valor mágico ao pentalfa.

J. L. DE V.

## VOLUME XXIII

### ÍNDICE ANALÍTICO

#### **AMULETO:**

Com letras efésias: 214.

Vid. *Arqueologia prehistórica, Etnografia.*

#### **ANTAS:**

No cume de um castro: 75.

Da Mangancha: 135.

Notícia de vária: 356 e 361.

Dólmens das Carniçosas: 364.

Dólmen de Cabeça dos Moinhos: 364.

Vestígios: 365 e 368.

Vid. *Registros de santos.*

#### **ANTIGUIDADES E NOTÍCIAS LOCAIS:**

##### **Alentejo:**

Evoramonte (cossoiros, glandes): 78.

Beja (vária): 104.

Évora (anta): 356.

Santa Vitória, concelho de Estremoz (ruínas romanas): 360.

Ervedal, concelho de Avis (ruínas romanas e antas): 361.

Tolosa, concelho de Nisa (chapão de lousa): 366.

##### **Algarve:**

Faro (museu e vária): 109.

Lagoa (xorca de bronze, contas de vidro): 111.

Olhão (vária): 115.

Alportel (vária): 116.

Albufeira (vária): 117.

Silves (cruzeiro, sepultura, etc.): 118.

Ilhéu do Rosário (vária): 123.

Praia da Rocha (busto marmóreo): 123.

Caldas de Monchique (instrumentos prehistóricos e pórticos manuelinos): 124 e 376.

Val de Arrancada e Abicada, concelho de Portimão (lagaretas, mosaicos, etc.): 126.

Algouz (necrópole romana): 130.

Vidigueira (anta e antiguidades várias): 135.

**Beira-Baixa:**

- Monte-Canhão, concelho de Idanha-a-Nova (lucerna visigótica): 1.  
 Escalos de Cima, concelho de Castelo Branco (objectos romanos): 1.  
 Escalos de Baixo, idem (objectos prehistóricos): 6.  
 Castelo Branco (azulejos datados, *phallus* esculpido): 7 e 8.  
 Segura, concelho de Idanha-a-Nova (moeda arábica): 7.  
 Medelim, concelho de Idanha-a-Nova (lanças prehistóricas, cabeço muralhado): 8.

**Beira Ocidental:**

- Coimbra, inserção do séc. XVI e triente): 102 e 369.  
 Figueira da Foz (museu e váría): 361.  
 Montemór-o-Velho (vila): 367.  
 Maiorca (vária): 368.  
 Buçaco (balas): 369.

**Entre-Douro-e-Minho:**

- Ponte de Lima (cartório municipal): 8.  
 Viana do Castelo (várias notícias): 15.  
 S. Miguel de Entre-os-Rios, concelho de Penafiel (castro): 74.  
 Arcos de Valdevez (santuário da Peneda; igreja românica): 85 e 138.  
 Braga (antiguidades romanas): 356.

**Estremadura:**

- Campo Grande, concelho de Lisboa (pórtico mediélico): 48.  
 Alvide, concelho de Cascais (tanques romanos): 50.  
 Areia, concelho de Cascais (ara romana, sino gótico): 55 e 61.  
 Tôrre, concelho de Cascais (espantalhos pintados): 58.  
 Birre, concelho de Cascais (polídorios de ferramenta): 59.  
 Casal do Geraldo, concelho de Cascais (lagaretas): 62.  
 Alapraia, concelho de Cascais (cripta funerária, fonte dos mouros, lagaretas): 68, 69 e 72.  
 Lumiar (restos de estação préhistórica): 72.  
 Ericeira, concelho de Mafra (arquivo): 76.  
 Óbidos (imagem de pedra): 83.  
 Carnaxide (imagem aparecida): 95.  
 Pragança, concelho de Cadaval (vária): 112.  
 Lapa da Canada, concelho de Tôrres Novas (objectos préhistóricos): 113.  
 Belas (pedras preciosas): 158.  
 Lisboa (Tôrre do Tombo): 323.  
 Alvega e Mouriscas, concelho de Abrantes (moedas, mosaicos, sepulturas): 369.  
 Alcoitão, concelho de Cascais (xoreas de ouro): 371.  
 Lisboa (factos relacionados com o terremoto, travessia do Tejo): 371 e 372.  
 Almada (idem e prisão do Duque de Aveiro): 372 e 373.

**Trás-os-Montes:**

Saoias, concelho de Bragança (lápide): 317.  
 Carrazeda de Ansiães (castelo, ara destruída, etc): 356.

**ANTROPOLOGIA:**

Vid. *Maiorca* in *Antiguidades e notícias locais*.

**ARA:**

Romana: 5, 6 e 356.  
 Vid. *Vandalismo*.

**ARQUEOLOGIA:****Prehistórica:**

Raspador e machado neolíticos : 7.  
 Lanças de bronze : 8.  
 Gravuras rupestres : 8.  
 Grutas de Cascais : 51.  
*Lagareta do Casal do Geraldo* : 62.  
*A cova dos mouros na Alapraia* : 64.  
 Silices talhados e cacos : 72.  
 Vários instrumentos : 74.  
 Gruta prehistórica : 95.  
 Braçais de grés e lousa: 109 e 110.  
 Punhal e adaga de cobre: 110.  
 Vasos da época do cobre : 110.  
 Ídolo de pedra : 110.  
 Utensílios de cobre : 113.  
 Chapões ou placas e instrumentos : 119 e 366.  
 Brunidor com pégas : 124.  
 Percutor com pégas : 125.  
 Estação produtiva : 136.

Vid. *Miscelâneas, Etnografia e espécies ocorrentes*.

**Protohistórica:**

Cossoiros talvez pre-romanos : 78.  
 Fivela lusitânica : 124.  
 Vid. *Castro, Fibula, Miscelânea*.

**Romano-Lusitana:**

Vasos de barro, recipientes de vidro, *stilus, lucerna, ara*; 1 a 6.  
*Ruínas romanas perto de Cascais*.  
 Restos de ara : 55.  
*Lagareta ou torcularium* : 69.  
 Vestígios vários : 74.  
*Glans de barro cozido* : 79.  
 Porta romana de *Pax Julia*: 106.

- Garra de bronze : 107.  
 Tanque forrado de *opus signinum* : 107.  
 Tesseras de chumbo : 108.  
 Pátera arretina : 111.  
 Anfora mutilada : 121.  
 Busto de mármore : 123.  
 Tanques ou lagares na rocha : 126.  
 Restos de mosaico : 127.  
 Tégula com letra : 128.  
 Vasos, ferramenta, armas de ferro : 132.  
 Cerâmica com inscrições : 137.  
 Estatueta de Mercúrio, *statera* de bronze : 137.  
 Extracção de pedras preciosas no aro de Lisboa : 158.  
 Várias antiguidades romanas de Beja : 356.

Vid. *Ruinas*.

#### **Visigótica :**

- Lucernas visigóticas ; 1 e 111.  
 Sepulturas talvez visigóticas : 116.  
 Vid. *Numismática*.

#### **Arábica :**

- Moeda de ouro : 7.  
 Fórmula monetária : 106.  
 Lucerna : 111.  
 Cerâmica muçulmana : 120.  
 Vid. *Arquitectura*.

#### **Portuguesa :**

- Pórtico mediévico próximo do Campo Grande* : 48.  
 Sino gótico : 61.  
 Águia de bronze : 107.  
*O mosteiro de Ermelo* : 138.  
*Porta ogival* : 367.  
 Vid. *Arquitectura*.

#### **Indeterminada :**

- Gonzo de pedra : 127.  
 Estribo de ferro : 127.  
 Xorcas de ouro : 371.

#### **ARQUITECTURA :**

- Porta ogival : 48.  
 Capitel românico : 53.  
*A cruz da Areia* : 56.  
 Fonte rural : 68.  
 Cano de cantaria em castro : 75.

- Templo da época de D. João V : 83.  
 Porta do castelo, nicho, etc., em Beja : 105.  
 Arco arábico : 113.  
*Açoteias* das casas em Olhão : 115 e 380.  
 Uma fundação de D. Tareja : 138.  
 Igreja matriz de Monchique : 376 e 377.

**ASSINATURAS :**

- Sinais ou emblemas em assinaturas : 76.  
 Vid. *Etnografia (Signum Salomonis)*.

**AZULEJO :**

- Datados : 7.  
*Alminhas* : 112.  
 Vid. *Etnografia, Museus*.

**BALAS :**

- Aparecimento : 369.

**BIBLIOGRAFIA :**

- Sobre as pedras preciosas de Belas : 164.

**BIOGRAFIA :**

- Vid. *Torre do Tombo*.

**BRAÇAL :**

- Prehistórico de grés : 109.  
 Dito de lousa : 110.

**BRACELETE :**

- Metálico prehistórico : 113.  
 Vid. *Miscelânea*.

**BRONZE :**

- Garra e águia de bronze : 107  
 Fivelas lusitanicas : 124.  
 Vid. *Lança, Museu de Faro, Miscelânea*.

**BRUNIDOR :**

- De pedra com pegas : 124.

**CASAS :**

- Vestígios em castro : 75.  
 Casas algarvias : 115.  
 Vid. *Ruínas, Arqueologia préhistórica, Museus*.

**CASTELO:**

- Pedra esculpida : 8.  
 De Beja : 105.  
 De Arade : 129.  
 Dos Moiros (Celorico) : 356.  
 De Santa Olaia (com capela) : 367.

**CASTRO:**

- Cabeço dos Mouros : 8.  
*Castro de Entre-os-Rios* : 74.  
*O Castro de Sacoias* : 317.  
 Vid. *Castelo*.

**CERÂMICA:**

- Romana : 2, 3, 74, 111, 121, 132, 357 e 358.  
 Prehistórica : 110.  
 Visigótica : 117 (?).  
 Muçulmana : 120.  
 Romana com inscrições : 137.  
 Disco ou rodela de barro : 360.  
 Vid. *Lucerna*, *Tégula*.

**COBRE:**

- Punhal e adaga : 110.  
 Utensílios e adornos prehistóricos : 113.

**COMÉRCIO:**

Vid. *Pergaminhos*.

**COSSOIRO:**

- Vários : 78.  
 Vid. *Arqueologia prehistórica*, *Museus*.

**EPIGRAFIA:**

- Romana : 5, 317, 356, 358, 359 e 369.  
 Vid. *Museus*.  
 Lusitânica.  
 Vid. *Miscelânea*.

**Medieval:**

- Inscrição campanária : 61.

**Portuguesa:**

- Inscrição do séc. XVI : 102.  
 Inscrição de séc. XIX : 116.  
 Epitáfio incompleto do séc. XVI : 119.

**ESCOPO:**

Vários de cobre: 11.

De pedra: 119.

**ESCULTURA:**

De um *phallus*: 8.

Alminhas de pedra: 112.

Busto romano: 123.

Estatueta de Mercúrio: 137.

De porcos: 318.

Tumulo do séc. XVI: 367.

Vid. *Miscelânea*.

**ETIMOLOGIA:**

Alvide: 59.

Rio Arado: 121.

Cerro da Gropelha: 122.

Montemór: 368.

Suímo: 164.

Vid. *Pedra, Miscelânea*.

**ETNOGRAFIA:**

*Pictografias murais da Torre, Poliastro, modernos em Birre*: 58.

*Fonte dos Mouros*: 68.

*Os registos dos santos*: 81.

*Ex-votos cristãos, romaria*: 83.

Descantes pelo S. Pedro: 84.

Dia de Reis: 91.

Voto de noivado: 97.

*Alminhas*: 112.

*Biôco do Algarve*: 115.

Hábito meridional: 115.

*Calvários*: 116.

*Signum Salomonis (Estudo de Etnografia comparativa)*: 203.

*Uma fórmula mágica*: 321.

Pesos de tear: 368.

Aditamento ao *Signum Salomonis*: 382.

Vid. *Azulejo, Pergaminhos, Assinatura, Museus*.

**FERRO:**

Vários utensílios e armas romanas: 132.

Balas no Buçaco e Roliça: 369.

**FÍBULA:**

Fivelas lusitanicas: 124.

Fíbulas de um castro: 320.

**FOLK-LORE:**

Cantiga pela matança do porco: 319.

Quadra invocatória: 367.

Vid. *Registos dos Santos*.

**FÓRMA:**

Vid. *Numismática*.

**GLANS:**

Da Lusitânia: 79.

**GONZO:**

De pedra (duvidoso): 127.

**GRAVURAS RUPESTRES:**

Num castro: 8.

Em pedra avulsa: 364.

**HISTÓRIA:****Da Arqueologia:**

Escavações em Alcoitão: 371.

**Portuguesa:**

Prisão do Duque de Aveiro: 373.

**ÍDOLO:**

Prehistórico de pedra: 110.

Vid. *Arqueologia prehistórica*.

**INSCULTURAS:**

*Lagareta do Casal do Geraldo*: 62.

Escavações ou pias em Alapraia: 69.

Pias em castro: 75.

Pégadas de Santos: 84.

Lagares romanos: 126.

Vid. *Gravuras, Lenda*.

**LANÇA:**

Prehistórica: 8.

**LENDAS:**

De imagem que foge: 122.

Etiológica: 124.

Da fundação de um mosteiro: 158.

Vid. *Registos de Santos, Etnografia*.

**LIVROS:**

Livros mágicos : 223.

**LOUSA:**

Pedaços com orifício : 75.

Braçal prehistórico : 110.

Chapões ou placas prehistóricas : 119 e 366.

Vid. *Arqueologia prehistórica*.

**LUCERNAS:**

Visigóticas : 1 e 111.

Romana : 5.

Arábica : 111.

**MACHADOS:**

Neolíticos : 7, 119, 125 e 320.

De cobre : 113.

Vid. *Arqueologia prehistórica*.

**MARCO:**

Divisório com letras : 365.

**MEDALHA:**

Vid. *Etnografia*.

**MISCELÂNEA:****Antigualhas da Beira Baixa:**

1. *Lucerna visigótica* : 1.
2. *Objectos romanos de Escalos de Cima* : 1.
3. *Objectos prehistóricos de Escalos de Baixo* : 6.
4. *Moeda arábica de Segura* : 7.
5. *Azulejos datados* : 7.
6. *Escultura do castelo de Castelo Branco* : 8.
7. *Lança de bronze* : 8.
8. *Cabeço dos Mouros* : 8.

**Antiquitus (contin.):**

- XV. *Um pórtico mediévico próximo do Campo Grande* : 48.
- XVI. *Ruinas romanas perto de Cascais* : 50.
- XVII. *Origens arcaicas de Cascais* : 51.
- XVIII. *A cruz da Areia* : 55.
- XIX. *Pictografias murais da Tôrre. Polidoiros modernos em Birre. Sino do séc. XVI na Areia* : 58.
- XX. *Lagaretas do Casal do Geraldo (Alcabideche)* : 62.
- XXI. *A Cova dos Mouros na Alapraia. A Fonte dos Mouros. Lagaretas insculpidas. Sempre vestígios* : 64.
- XXII. *Vestígios prehistóricos no Lumiar* : 70.

**Coisas velhas (contin.):**

94. *Anta de Val de Moura*: 356.
95. *Castelo dos Mouros*: 356.
96. *Braga romana*: 356.
97. *Santa Vitória de Estremoz*: 360.
98. *Ervedal*: 361.
99. *Anta dos arredores do Ervedal*: 361.
100. *O Museu da Figueira da Foz em 1896*: 361.
101. *Antiguidades dos arredores da Figueira*: 363.
102. *Chapão de lousa da Anta de Tolosa*: 366.
103. *Capela de Santa Olaia*: 366.
104. *Montemór-o-Velho*: 367.
105. *Maiorca*: 368.
106. *Moeda visigótica*: 369.
107. *Balas do tempo dos Franceses*: 369.
108. *Crato*: 369.
109. *Alvega e Mouriscas*: 369.

**Miscelânea:**

- I. *Xorcas (?) de ouro em Alcoitam, termo de Cascais; escavações ordenadas pelo Marquês de Pombal*: 370.
- II. *Prisão de malfeiteiros por ocasião do terremoto de 1755*: 371.
- III. *Mantimentos para os povos da Outra-banda e regulamentação dos preços das embarcações, por ocasião do terremoto*: 372.
- IV. *Barcos cacilheiros para transporte da Família Rial e dos coches, para a Outra-banda*: 372.
- V. *Diligência importante cometida ao juiz de fora de Almada (relacionada com a prisão do Duque de Aveiro)*: 373.

**Pelo Sul de Portugal (Baixo Alentejo e Algarve): 104.**

**MOSAICO:**

- Policrómico : 128.  
Com peixes desenhados : 358.

**MUSEUS:****Nacionais :**

*Etnológico* : 1, 3, 4, 79 a 81, 106, 107, 108, 115, 117, 118, 120, 121, 123, 125, 129, 132, 137, 209, 210, 221, 222, 236, 243, 252, 257, 259, 265, 360, 364, 365, 368, 369.

De Castelo Branco : 4, 6.

Arqueológico do Carmo : 54, 57, 384.

Municipal de Beja : 104.

Arqueológico de Faro : 109, 242.

Colecção arqueológica na Vidigueira : 137.

Da Figueira : 213, 256, 361.

De Guimarães : 242.  
 Museu de Elvas : 256.  
 Museu Industrial do Porto : 384.

**Estrangeiros :**

Museu Arábico do Cairo : 209.  
 Museu de Alexandria : 209.  
 Britânico : 217.  
 De Fiesole : 209.  
 Arqueológico de Madrid : 221.  
 De Berlim : 259.  
 De Viena de Áustria : 366.

**NOMES :****De divindades :**

Jovi Conservatori : 5.  
 Jovi Optimo M(aximo) Cons(ervatori) : 6.  
 Isidi : 356.  
 Deo Sancto Evento : 358.  
 Jovi : 360.

**De pessoas em inscrições :**

Reburrus : 5, 360.  
 Jul(ia) Ruf[i]na : 6.  
 Heren(nius) : 137.  
 Lucrecia Fida : 356.  
 Fl(avius) Fronto : 358.  
 Faustus : 358.  
 Juliae Severae : 358.  
 Arquius, Viriati f(ilius) : 359.  
 Melgaecus Pelisti (filius) : 359.  
 Bloena, Camali f(ilia) : 359.  
 N(umerii) Ursi(i) : 359.

**De cidades e povos :**

*Salacia* : 81.  
*Emerita* : 107.  
*Baesuris* : 108.  
*Ossonoba* : 108.  
*Portus Hannibalis* : 128.  
*Laccobriga* : 129.  
*Valabrig(e)nsis* : 359.

**NUMISMÁTICA :**

Moeda arábica de ouro : 7.  
 Denário da república : 7.  
*Moedas híbridas* : 26.

- Moeda de *Salácia* : 80.  
 Fôrma monetária : 106.  
 Aparecimento de moedas : 107, 356, 357, 369.  
 Moeda arábica de prata : 117.  
 Tesouro de moedas de bolhão : 117.  
 Conto de contar : 121.  
 Moeda visigótica : 368.

Vid. *Pergaminhos, Museu Etnológico.*

#### **OURO :**

- Pedaço de ouro em castro : 75.  
 Achado de argolas no séc. XVIII : 371.

Vid. *Numismática.*

#### **PEDRA :**

- As pedras preciosas de Lisboa (Belas) na História* : 158.

#### **PERCUTOR :**

- De pedra com pegas : 125.  
 Vid. *Arqueologia prehistórica.*

#### **PERGAMINHOS :**

- Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima* : 8

#### **PESCA :**

Vid. *Pergaminhos.*

#### **PONDUS :**

- Em castro : 74.  
 De barro : 135.  
 De tear, actuais : 368.  
 Vid. *Lousa.*

#### **PORCO :**

Vid. *Esculturas.*

#### **PREGOS :**

- Romanos : 2.  
 Vid. *Amuleto.*

#### **RASPADOR :**

- Neolítico : 7.  
 De silex : 71.

#### **RUÍNAS :**

- Romanas : 2, 50, 70, 107, 128, 130, 357, 360, 361, 369.  
 De várias épocas : 123.

**SEPULTURAS:**

- Romanas : 2, 4, 127, 369.  
 Necrópole préhistórica da Campina : 110.  
 Talvez visigóticas : 116, 360.  
 Espólio de uma préhistórica : 119  
 Necrópole talvez lusitano-romano : 130.  
 Cabeceira de sepultura : 320.  
 Reproduzidas : 361.  
 Túmulo de estátua jacente : 367.  
 Vid. *Epigrafia, Etnografia.*

**SÍLEX:**

- Sílices talhados : 71 e 72.  
 Vid. *Arqueologia préhistórica.*

**SINAIS:**

- De canteiro : 247.  
 Vid. *Assinatura, Tégula.*

**SINO:**

- Do séc. XVI : 61.  
*Sino-saimão.* Vid. *Signum Salomonis.*  
 Vid. *Etnografia.*

**STILUS:**

- De ferro : 4.

**TANQUE:**

- Romano de granito, forrado de tijolo e mosaico : 358.  
 Vid. *Arqueologia romana.*

**TATUAGEM:**

- Vid. *Etnografia.*

**TÉGULA:**

- Com letra : 128.  
 Com o pentalfa : 219.

**TESSERA:**

- De chumbo : 108.  
 Moderna : 118.

**TÔRRE DO TOMBO:**

- O engenheiro Manuel da Maia e a Torre do Tombo :* 323.

**TRAJOS:**

- Bico do Algarve : 115 e 378.  
 Em Montemor-o-Velho : 367.

**VANDALISMOS :**

- Adulterações epigráficas : 5, 118.  
Ara mutilada : 56.  
Inscultura deteriorada : 63.  
Porta romana de Beja : 106.  
Museu de Faro : 109.  
Destruição de mosaicos : 128.  
Destruição de sepulturas : 132.  
Ara destruída : 356.  
Destruição de mosaico : 358.  
Túmulo quase esquecido : 369.  
Vid. *Ruinas*.

**VIDRO :**

- Ampula e bule (biberon)* : 3.  
Vid. *Museu de Faro*.

## ÍNDICE DOS AUTORES

---

### **Dr. Artur Lamas :**

Miscelânea : 370.

### **F. Alves Pereira :**

Antiquitus : 48.

Uma fundação de D. Tareja : 138.

### **P.<sup>e</sup> Francisco Manuel Alves :**

Arqueologia Trasmontana : 317.

### **Dr. José Leite de Vasconcelos :**

Antigualhas da Beira Baixa : 1.

Antigualhas de Évora Monte : 78.

Pelo Sul de Portugal : 104.

Signum Salomonis : 203.

Uma fórmula mágica : 321.

Coisas Velhas : 356.

Apêndice ao artigo intitulado «Pelo Sul» : 375.

Aditamento ao «Signum Salomonis» : 382.

### **J. de Oliveira Lôbo e Silva :**

Documentos da Ericeira : 76.

### **Luís Chaves :**

Os registos de santos : 81.

### **P.<sup>e</sup> Manuel J. da Cunha Brito :**

Os pergaminhos da Câmara de Ponte de Lima : 8.

### **Pedro de Azevedo :**

As pedras preciosas de Lisboa (Belas) na História : 158.

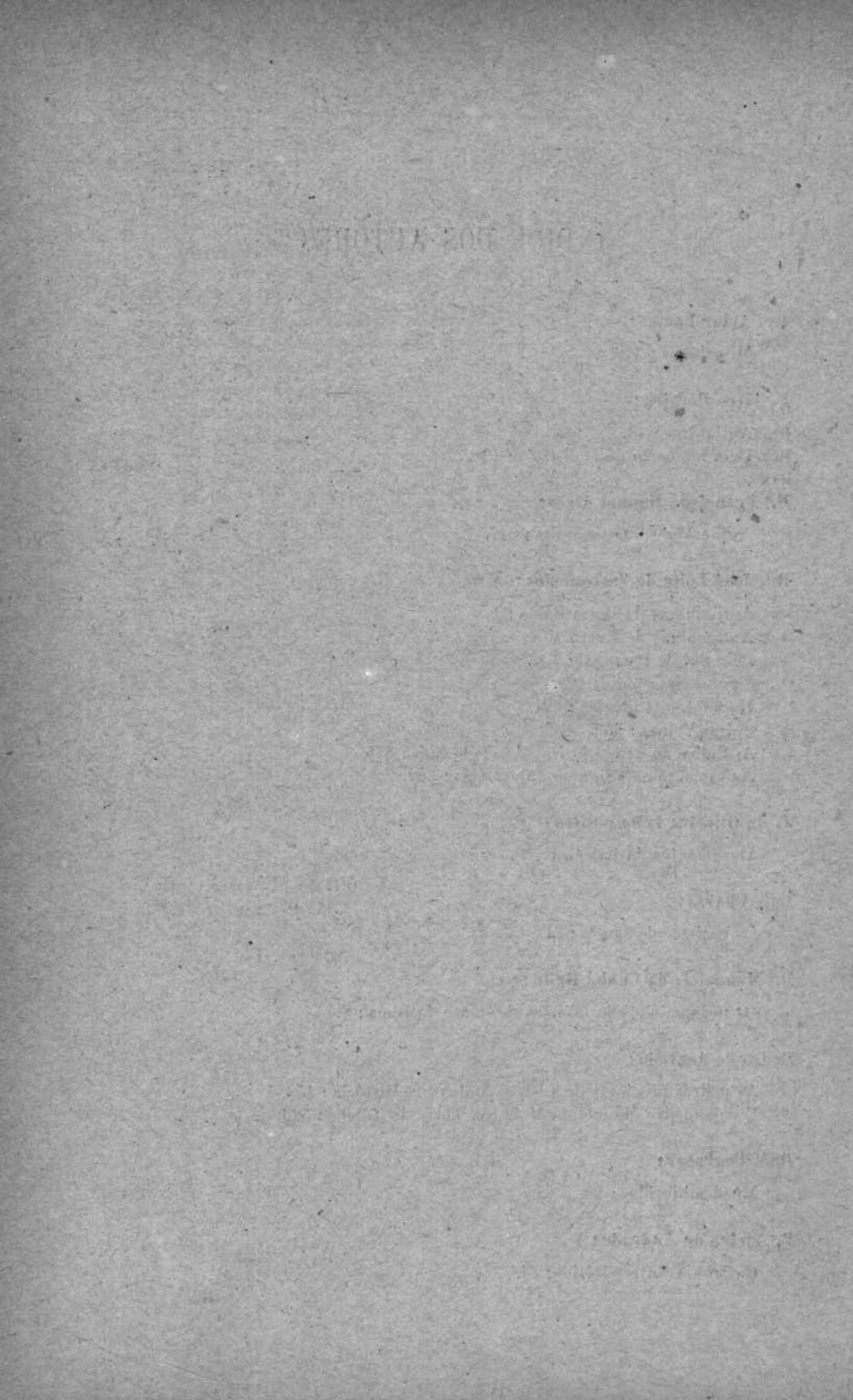
O engenheiro Manuel da Maia e a Torre do Tômbo : 323.

### **Raúl Couvreur :**

Moedas híbridas : 26.

### **P.<sup>e</sup> Vieira de Andrade :**

Castro de Entre-os-Rios : 74.



# ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

## Arqueologia Preistorica

- Machado neolítico: 7.  
Outro: 7.  
Figuras rupestres (3): 59.  
Porta de cripta funerária: 65.  
Planta da mesma: 67.  
Bráçal de grés: 109.  
Bráçal de lousa: 110.  
Panhal de cobre: 110.  
Adaga de cobre: 110.  
Ídolo de pedra: 110.  
Fragmento de machado de cobre: 113.  
Escopro de bronze: 113.  
Fragmentos de escopro (2): 113.  
Bracelete: 113.  
Haste de sovela: 113.  
Fragmento de bainha de punhal: 113.  
Chapão de lousa anaglífico: 119.  
Machados de pedra (2): 119.  
Escopro de pedra: 119.  
Brunidor de pedra: 124.  
Pedra com gravura: 364.  
Machado de pedra: 365.  
Chapão de lousa: 366.  
Figura cerâmica de Chipre: 366.

## Arqueologia Romana

- Patera: 2.  
Catillus: 2.  
Clavi (3 figuras): 2.  
Patera: 3.  
Patella: 3.  
Lagoena: 3.  
Ampulla: 3.  
Vaso de vidro com bico no bojo: 3.  
Stilus: 4.  
Lucerna: 5.  
Arula: 5.  
Ara: 5.  
Glandes latericiae: 78.  
Glans (petrea): 8.  
Garra de bronze: 107.

Pátera arretina: 111.  
 Ânfora mutilada: 121.  
 Esquema de lagar: 126.  
 Planta de sepultura: 127.  
 Outra: 130.  
 Planta de cemitério: 131.  
*Poculum* de barro: 132.  
*Lagoena*: 133.  
*Patella*: 133.  
*Forceps de ferro*: 133.  
*Forfex de ferro*: 133.  
*Cuneus de ferro*: 133.  
*Malleus* mutilado: 133.  
 Outro de diferente tipo: 134.  
 Sacho-machadinha: 134.  
 Fôilhas de *cuspis* (2): 134.  
*Scalprum*: 134.  
 Utensílio incerto: 134.  
 Esquema de *olla*: 358.  
 Esquema de cano: 358.  
 Disco com *graffito*: 359.

**Arqueologia Visigótica**

Lucerna: 1, 111.

**Arqueologia Arábica**

Lucerna: 111.  
 Fragmento de pote ornamentado: 120.  
 Fragmento de jarro ou bilha (cromo): 120-121.  
 Vasinho pintado (cromo): 120-121.

**Arqueologia Portuguesa**

Cabeceira de sepultura: 319.  
 Ornatos da mesma (2): 320.

**Arqueologia Indeterminada**

*Verticilli* (3): 78.  
 Bilha mutilada: 117.  
 Gonzo (?) de basalto: 127.  
 Estribo de ferro: 127.

**Arquitectura Prehistórica**

Vista da Anta da Mangancha: 135.  
 Planta da mesma: 136.

**Arquitectura Romana**

Porta romana: 106.  
 Planta de mosaico: 127.  
 Pormenor de mosaico: 127.  
 Esquema dum tanque: 359.

**Arquitectura Arábica**

Porta de arco de ferradura: 114.

**Arquitectura Românica**

Parte da igreja de Ermelo: 141.

Planta da sacristia: 142.

Interior da igreja: 143.

Vista exterior da igreja: 144.

Arco colateral pela frente: 145.

O mesmo pelas costas: 146.

Corte do cruzeiro: 147.

Pilar dum arco: 148.

Capitéis da sessão: 148.

Outro capitel: 149.

Bases de colunelos: 150.

Capitel de colunelo: 150.

Capitel de pilar: 151.

Porta principal: 152.

Espelho da igreja: 153.

Partes do espelho (2): 154.

Tímpano interior do pórtico: 154.

Cachorrada da cornija: 155.

Cachorros (4): 156.

Cachorro: 157.

Frestas do côro (2): 157.

**Arquitectura Mediévica**

Porta (vista interior): 49.

Porta (vista interior): 49.

Cruzeiro: 56.

Fonte de alvenaria: 68.

Nicho de pedra: 105.

Trecho de castelo: 105.

Azulejo: 112.

Pedra esculpida: 112.

Calvário: 116.

Planta e capela: 123.

Marco divisório: 365.

Porta ogival: 367.

Vista de casas de Monchique: 375.

Portas manuelinas (2): 376 e 377.

Casas de açoteias em Ollião: 380.

Casas de Medina: 381.

**Epigrafia Romana**

Sinal alfabetiforme: 128.

Legenda doliar: 137.

- Legenda laterícia : 137.  
 Fragmento de lápide : 317.  
 Inscrição dedicatória : 356, 358.  
 Lápide funerária : 358.  
 Outras (2) : 359.

### **Epigrafia Gótica**

Legenda de sino : 61.

### **Etnografia**

- Espantalhos pintados : 58.  
 Polidoiros modernos : 60.  
 Utensílio das eiras : 60.  
 Pentalfa dum jogo : 243.  
 Pentágono e hexágono estrelados (3) : 258.  
 Signos litúrgicos : 264.  
 Nó de Salomão : 265.  
 Sino-saimão (Figs. 240 em ests. xxii) : 273 e 315.  
 Medalhinha mágica : 321.  
 Fórmula mágica (2) : 322.  
 Mulheres de bioco : 378.  
 Mulheres marroquinas : 379.  
 Canga de madeira : 383.  
 Sinal tabeliónico com hexalfa : 384.

### **Numismática**

- Moeda de Salácia : 80.  
 Tesseras plúmbeas (3) : 108.

### **Sigilografia**

Selo do see. xii : 114.

---

### **Erratas**

- Pag. 67, lin. 31, onde se lê: «iconográficas», leia-se: «íconográficas».  
 Pag. 79, lin. 15, onde se lê: «muitos», leia-se: «muitas».  
 Pag. 107, onde se lê: «O Caeiro e o Carôcho», leia-se respectivamente «As Caeiras e a Carôcha».  
 Pag. 132, lin. 11, onde se lê: «umerus», leia-se: «humerus».  
 Pag. 248, lin. 23, onde se lê: «ém», leia-se: «além».  
 Pag. 299, fig. 161 (*caret*).  
6